A ESPADA DE KAIGEN



M. L. WANG

A Espada de Kaigen

A Espada de Kaigen

UMA HISTÓRIA DA GUERRA TEOCRATA

M. L. Wang

TRADUÇÃO
Beatriz D'Oliveira

Aleph

A Espada de Kaigen

TÍTULO ORIGINAL:
The Sword of Kaigen

COPIDESQUE:
Angélica Andrade

REVISÃO:
Bonie Santos
Renato Ritto

PROJETO GRÁFICO:
Caíque Gomes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA:
Diego Cunha

DESIGN DE CAPA:
Pedro Fracchetta

MAPAS:
Luis Aranguri

LIVRO DIGITAL:
Lucas Camargo

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
DE ACORDO COM ISBD**

W246e Wang, M. L.
A espada de Kaigen [recurso eletrônico] / M. L. Wang ; traduzido por Beatriz D' Oliveira. - São Paulo : Aleph, 2026.
ePUB ; 5 MB.

Tradução de: The Sword of Kaigen
ISBN: 978-85-7657-867-3 (ePUB)

1. Literatura americana. 2. Fantasia. I. D'Oliveira, Beatriz. II. Título.

2026-1938 **CDD 810**
CDU 821.111(73)

ELABORADO POR VAGNER RODOLFO DA SILVA - CRB-8/9410

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Literatura americana 810
2. Literatura americana 821.111(73)

COPYRIGHT © M. L. WANG, 2018

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA ALEPH. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS SEM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO.

ESTA OBRA NÃO UTILIZOU INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA EM NENHUMA ETAPA DE SEU PROCESSO EDITORIAL, INCLUINDO TRADUÇÃO, REVISÃO, ILUSTRAÇÕES E CAPA.

Aleph

Rua Bento Freitas, 306 - Conj. 71 - São Paulo/SP
CEP 01220-000 • TEL 11 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

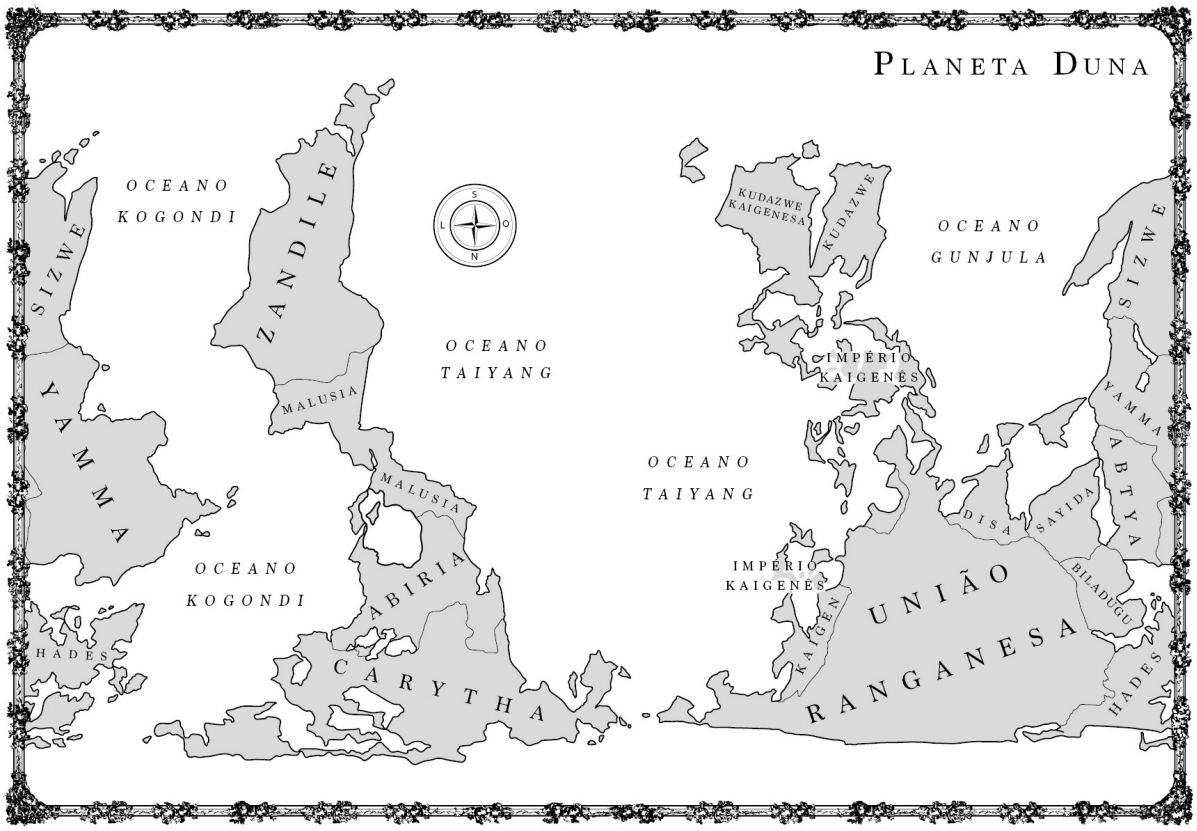
Sumário

Mapas

A Espada de Kaigen

Lista de personagens

Glossário


PLANETA DUNA
OCEANO KOGONDI
SIZWE
ZANDILE
OCEANO TAIYANG
MALUSIA
YAMMA
OCEANO KOGONDI
ABIRIA
CARYTHA
HADES
KUDAZWE KAIGENESA
KUDAZWE
OCEANO GUNJULA
IMPÉRIO KAIGENÊS
SIZWE
YAMMA
ABTYA
DISA
SAYIDA
BILADUGU
OCEANO TAIYANG
IMPÉRIO KAIGENÊS
KAIGEN
UNIÃO RANGANESA
HADES


TERRITÓRIO DE KAIGEN
AS 12 PRINCIPAIS PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO KAIGENÊS
IMPÉRIO KAIGENÊS AUSTRAL
OCEANO TAIYANG
YUWEI ORIENTAL
YUWEI OCIDENTAL
MAR AUSTRAL DE KAIGEN
SHIROJIMA
Ishihama
Haijing
Yujing
Takayubi
MAR NAMITATSU
HINUMARU
HAKUDAO
HANAGU
MEISEOM
Heibandao
HOLANGOKU
Yongseom
MAR BOREAL DE KAIGEN
NANCHEON
JUNGOKU
RANGA
OCEANO TAIYANG
Rio Aolong
Jungsan
KAIGEN
NUNSAN
BEICHEON
S
L
O
N

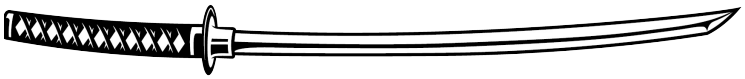
A Espada de Kaigen

Para a vovó Wang,
cujo túmulo é marcado por árvores

剣太刀
いよよ研ぐべし
古へゆ
さやけく負ひて
来にしその名ぞ

I

O nortenho



Monte Takayubi, Península Kusanagi
Província Shirojima
Império Kaigenês
Planeta Duna
5369 a.s.p.

A subida até a escola era excruciante. Com 821 degraus. Mamoru os contara uma vez enquanto subia; uma tarefa difícil, já que precisava se concentrar para não cair pela encosta da montanha. Para a maioria dos guerreiros de 14 anos, a escalada tortuosa era um verdadeiro teste de coragem e habilidade, mas Mamoru, com suas pernas ágeis e energia infinita, acordava toda manhã ansioso pelo desafio.

— Mamoru! — chamaram os amigos, ofegantes, dos degraus lá embaixo. — Vai mais devagar!

Itsuki e Yuuta não tinham outra opção além de tomar a escadaria para a escola, já que moravam na vila ocidental, mais abaixo na montanha. A propriedade da família de Mamoru ficava em um ponto mais alto, de modo que ele poderia pegar um caminho mais fácil, caso desejasse, mas era de

conhecimento geral que os Matsuda nunca pegavam o caminho mais fácil para nada. Ele acordava todo dia antes do nascer do sol, em meio ao canto dos grilos, para realizar a descida pela montanha rumo à vila ocidental e então tomar a escadaria com os amigos.

— Vocês são muito lentos! Assim a gente vai se atrasar! — gritou Mamoru.

— A gente não vai se atrasar — disse Itsuki, exasperado, em meio à neblina lá embaixo. — Espera um pouco! Por favor!

— Tá bom, tá bom.

Mamoru se sentou na beirada de uma pedra, deixando as pernas penderem sobre o precipício. Quando os três garotos haviam começado a subida, ainda estava escuro, mas a manhã já tinha atravessado o véu de neblina e tocava as pedras em pinceladas suaves. Era raro que desse para ver a base da montanha dos degraus de Kumono, e, sob as pernas balançantes de Mamoru, havia apenas neblina, quebrando-se em ondas lentas contra a encosta e desvanecendo-se aos poucos com o nascer do sol.

Assim que Itsuki e Yuuta chegaram se arrastando ao ponto onde Mamoru estava empoleirado, ele sorriu e se pôs de pé.

— Até que enfim! Agora conseguem me acompanhar?

— Tá brincando? — Yuuta ofegava, inclinado para a frente para recuperar o fôlego.

— Você é um monstro! — resmungou Itsuki.

Mamoru deu tapinhas nas costas dos dois.

— Espero vocês na escola — disse ele, animado, e retomou a escalada.

Seus pés conheciam cada beirada, cada rocha proeminente, e ele percorreu o trecho mais íngreme da jornada a saltos ágeis e confiantes, pulando os degraus de seis em seis. Tinha acabado de virar a última curva quando seus pés desaceleraram. Na névoa adiante, havia uma figura agachada — um garoto agarrado com firmeza à parede de pedra, arfando em busca de ar. Aquilo não teria chamado a atenção de Mamoru, já que dezenas de estudantes subiam

aqueles degraus toda manhã, mas as roupas daquele garoto eram estranhas. Em vez do uniforme azul de Kumono, ele vestia um traje preto de aparência moderna, que Mamoru nunca tinha visto.

— Bom dia — disse Mamoru, aproximando-se devagar para que o recém-chegado não levasse um susto e caísse.

— Bom dia.

O garoto ergueu a mão para cumprimentá-lo e então a levou ao peito, ainda ofegante. Tinha um sotaque carregado.

— Você é... — começou Mamoru, então mudou para o kaigengua, idioma padrão do Império. — *Você foi transferido para cá?*

Ele assentiu.

— *Me chamo Kwang Chul-hee. Muito prazer.*

Um nome nortenho. Aquele garoto não fora transferido de alguma província vizinha; tinha vindo de bem longe. Seu traje era do tipo usado nas cidades grandes da Península Jungsan, naquele estilo yammanka com estampa militar bogolana.

— Matsuda Mamoru — disse, curvando-se.

— *Matsuda Mamoru* — repetiu o garoto. — *Ainda falta muito para chegar nessa droga de escola?*

— *Já está quase chegando.* — Mamoru riu. — *Posso acompanhar você pelo resto do caminho.*

— *Não estou com medo de me perder.* — Kwang fez uma expressão um pouco exasperada. — *Estou com medo de cair do penhasco.*

— *Ninguém nunca morreu por isso.*

Abaixo da névoa, um lago brotava de uma fonte que jamais congelava e recebia os alunos desajeitados que davam passos em falso.

— *Ouvi dizer... Mas aposto que dói.*

— *Dói mesmo.*

Uma vez, no primeiro ano, Mamoru pulara dos degraus para descobrir

como era voar. Arrependera-se profundamente do feito quando fora de encontro à tensão superficial do lago, mas jamais esqueceria a sensação do vento rugindo ao seu redor, tão feroz que chegava a parecer um oceano.

— Mas não se preocupe. Já subi esses degraus umas cem vezes. Conheço os pontos mais difíceis, então, se você tropeçar, eu te seguro.

– Você é rápido assim? — Kwang soou meio desconfiado, mas Mamoru não se importou. Ele que pensasse o que quisesse.

— Nesta vila, ser rápido é importante. Somos todos espadachins aqui — explicou Mamoru.

— Estou vendo. – Kwang meneou a cabeça para a espada de treino que despontava da mochila de Mamoru.

— Também sabemos lutar corpo a corpo, mas esgrima tradicional é nosso estilo de luta favorito.

– Você é bom nisso?

– Sou um Matsuda.

– Não sei o que isso quer dizer.

– Significa que sim. Qual estilo de luta é popular na sua região? — perguntou Mamoru, curioso a respeito de que tipo de guerreiro era o garoto.

— Qual estilo de luta? – Kwang ergueu a sobrancelha. *— Luta de video game.*

Mamoru riu.

— Não jogamos muito por aqui.

– Por que não? Vocês têm aparelhos de info-com, não têm?

Mamoru balançou a cabeça.

— Sério? — Kwang pareceu aturdido.

— Bom, acho que o prefeito deve ter. Somos uma vila bem tradicional.

– É, eu percebi.

Itsuki e Yuuta chegaram àquele último trecho da escadaria, e os garotos da vila ocidental se apresentaram.

— Meu nome é Mizumaki Itsuki — disse Itsuki, falando distraidamente no

dialeto de Shirojima que usavam uns com os outros. — O dele é Yukino Yuuta.

— Ah. O m-meu é Kwang Chul-hee — respondeu Kwang, em uma tentativa corajosa de cumprimentá-los no dialeto. — Yoroshiku onegashimasu.

— Se fala "o-ne-ga-i" — corrigiu Mamoru. — Onegaishimasu. E só criancinhas pronunciam o "su".

— Ah.

— *Não se preocupe. Várias aulas são dadas em kaigengua* – disse Mamoru. Era praxe em todo o Império.

Quando enfim chegaram à escola, o garoto da cidade estava sem fôlego de novo. As pilastras eram a primeira parte do edifício a despontar da neblina, o verniz preto úmido de condensação, seguido pelo telhado curvado feito de telhas de barro. A Academia Kumono se erguia da face rochosa, o interior esculpido dentro da montanha em si. A fachada, com ornamentos de madeira e laca, era sustentada por uma rede de pilastras e vigas que rangiam sob os ventos fortes, mas que já mantinham a estrutura firme havia um século.

Kwang parou na escadaria da frente, apoiando-se no corrimão de madeira, com cara de quem ia esvaziar o estômago na névoa lá embaixo.

— *Por que construir uma escola em um lugar desses?* — questionou ele, abismado.

— *Kumono não foi construída para ser uma escola. Antigamente, era um monastério* — respondeu Yuuta.

— *Ah, agora a decoração faz sentido* — disse Kwang, olhando para as estátuas dos santos de Ryuhon Falleya que guardavam os portões.

— *O local ficou vazio depois que os monges fina construíram o novo templo mais abaixo, na vila ocidental* — contou Yuuta.

— *E aí decidiram que o lugar daria uma boa escola?* – perguntou Kwang, incrédulo.

– *Bom, Kumono é a escola de elite para os koronu de Takayubi* — explicou Mamoru conforme o grupo subia os degraus até o genkan. — *Os oficiais da vila acharam que faria sentido que fosse preciso ser um koro de elite para chegar aqui.*

O cheiro de incenso nunca se ausentava dos corredores de madeira de Kumono. O aroma familiar envolveu os quatro garotos, que se uniram ao grupo sonolento de estudantes junto às prateleiras de calçados e se ajoelharam para desamarrar seus tabi. Enquanto Kwang, ainda trêmulo, mexia desajeitado nos sapatos, Mamoru reparou nos pés do nortenho. Em vez de usar tabi com duas divisões para os dedos, como os garotos de Takayubi, Kwang usava sapatos de estilo yammanka, grandes e brilhosos, presos com ímãs ao redor dos tornozelos. Mamoru vira calçados como aquele na televisão, mas ninguém em Shirojima os usava.

— *Não acredito que vou ter que subir aquele penhasco todo dia* — comentou Kwang, enfiando os sapatos enormes em um lugar vago.

— *Se quiser um trajeto mais fácil, dá para se transferir para a Escola Pública de Takayubi* — sugeriu Itsuki.

— *Ah, não.* — Kwang riu. — *Meu pai faz questão que eu frequente a melhor escola da região sempre que nos mudamos para um lugar novo.*

– *Vocês se mudam muito?* — perguntou Yuuta.

Kwang assentiu.

— *Meu pai trabalha como procurador itinerante de uma empresa de comunicações, então viajamos por todo o país, às vezes até para fora.*

– *Para fora? Para onde você já foi?* — perguntou Itsuki, impressionado.

– *Hã...* – Kwang parou para pensar. — *Já fui algumas vezes para Yamma, algumas vezes para Kudazwe, uma vez para Sizwe, por algumas semanas...*

— Meninos, se já guardaram os sapatos, precisam ir para as salas — disse uma voz.

— Sensei Yukino! — exclamou Itsuki, curvando-se com os outros garotos. — Pedimos desculpas.

Yukino Dai era o melhor espadachim da província; ou o segundo melhor, dependendo de a quem se perguntava. Havia certo debate a respeito de quem sairia vencedor de um duelo entre ele e Matsuda Takeru, pai de Mamoru, ou

Matsuda Takashi, seu tio. O clã Yukino não sabia nenhuma das técnicas secretas hereditárias dos Matsuda, mas Yukino Dai era tão bom no manejo de lâminas quanto era possível.

— Tem um aluno novo, sensei. Ele ainda não sabe para qual sala ir — explicou Mamoru.

— Entendi. — O sensei Yukino olhou de Mamoru para o novato, que se destacava no traje bogolano. — Você deve ser Kwang Chul-hee.

— Sim, senhor. — Kwang se curvou e disse, com todo o cuidado: — Yoroshiku onegaishimasu.

O mestre espadachim nitidamente conteve um sorriso diante da pronúncia de Kwang.

— *Bem-vindo à Academia Kumono* — respondeu ele, em kaigengua. — *Como foi sua primeira subida?*

– *Bem fácil, senhor* — respondeu Kwang, embora estivesse obviamente corado. — *Mal posso esperar para repetir.*

Sensei Yukino abriu de vez o sorriso.

– *Gostei de você, Kwang. Venha ao meu escritório pegar sua grade horária.* Matsuda-san — ele se voltou para Mamoru —, vá até o depósito e pegue um uniforme para Kwang-san. Vocês devem usar o mesmo tamanho.

— Sim, senhor. — Mamoru se curvou e se apressou a obedecer.

Ele andou rápido pelos corredores estreitos até o depósito, as pernas compensando o movimento do chão conforme a escola balançava sobre os pilares.

— Oi, Mamoru! — cumprimentaram outros garotos.

— Bom dia, Matsuda-senpai!

Ele fez questão de se curvar e sorrir para todos durante o trajeto.

Não havia cadeado na porta do depósito. Kumono era uma escola de ensino médio bem pequena — Takayubi era uma vila bem pequena —, então ninguém se preocupava muito com roubos. Onde um ladrão sequer esconderia

o item roubado? Onde tentaria vendê-lo? Todo mundo ali conhecia todo mundo.

Mamoru teve que subir em uma caixa de espadas de treino quebradas e em uma pilha de manequins para alcançar a prateleira de uniformes. Foi um desafio manter o equilíbrio, uma vez que a escola rangia e os manequins oscilavam sob seus pés, mas que tipo de Matsuda ele seria se uma brisinha qualquer o derrubasse? No sopro de vento seguinte, a pilha de manequins se inclinou para as prateleiras. Mamoru se curvou para a frente, agarrou um uniforme tamanho P da prateleira e saltou da pilha antes que qualquer objeto desabasse.

Depois de conferir o tamanho da roupa, voltou para o escritório às pressas para encontrar o sensei Yukino e Kwang.

— Obrigado, Matsuda-san — disse o sensei Yukino, quando Mamoru entregou o uniforme ao novato. — Kwang-san vai ingressar no segundo ano, o que significa que fará as mesmas aulas que você.

Mamoru assentiu. Como era a mais exclusiva das duas escolas da pequena vila, a Academia Kumono tinha apenas uma turma para cada série.

— Vou deixá-lo sob sua responsabilidade. Cuide dele hoje.

— Entendido, sensei.

— Comece mostrando os vestiários para ele. E rápido. Só têm alguns siiranu antes de as aulas começarem.

Kwang demorou mais do que Mamoru esperava para trocar de roupa, e ele se pegou andando impacientemente de um lado para outro diante da porta do vestiário. Quando Kwang enfim saiu, ainda estava ajeitando a faixa da cintura, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— *Isso é tão engraçado* — disse ele, sacudindo as largas mangas azuis do uniforme. — *Parece que estou em um daqueles filmes antigos de samurai.*

– *Bom, pra gente é um uniforme normal de escola* – respondeu Mamoru, franzindo a testa.

— *Este lugar é estranho.* — Kwang passou as mãos pelas mangas, olhando para os corredores cheios de entalhes ornamentados. — *Parece que atravessei um portal e voltei no tempo.*

Sem saber bem por quê, Mamoru sentiu uma pontada de irritação. Abriu a boca para responder, mas, antes que encontrasse as palavras certas, o sino do velho templo soou. A nota antiga reverberou pelo corredor, chamando os meninos às aulas.

Misaki

— Saudável, como os irmãos? — perguntou Hyori, inclinando-se para pousar a mão na cabeça da criança.

— Isso mesmo, só um pouco menor — respondeu Misaki.

— Não acredito que você já teve quatro!

— É. — Misaki suspirou, tentando manter o tom leve, apesar de sentir os membros pesados. — Espero que seja o último.

— Não! — exclamou Hyori, escandalizada. — Como pode dizer isso?

— É, você está indo tão bem, por que parar agora? — brincou Setsuko, passando o próprio bebê para o quadril oposto para poder cutucar a concunhada.

— Sério, Misaki-san! Você tem tanta sorte! — disse Hyori, soando angustiada.

— Hum. — Misaki assentiu, abrindo um sorriso forçado. — Acho que tenho mesmo.

E Misaki *era* sortuda. Segundo os padrões de Shirojima, era a mulher mais sortuda do mundo. Tinha acabado de se formar na academia teonita quando tivera a ventura de se unir por casamento à maior família de guerreiros de Shirojima. Logo depois, fora abençoada com um filho atrás do outro. Por

alguns anos sofridos, depois de Mamoru, não conseguira levar nenhuma gestação a cabo, mas cinco anos antes dera à luz Hiroshi, então, logo depois, Nagasa, e então Izumo. Quatro meninos saudáveis, o sonho de toda mulher em Shirojima.

— Posso? — perguntou Hyori, com um brilho ansioso nos olhos.

— Claro. — Misaki entregou o pequeno Izumo à amiga, tomando o cuidado de apoiar a cabeça instável do bebê.

— Você está com uma cara bem melhor — comentou Setsuko, enquanto Hyori babava no indiferente Izumo.

— Estou me *sentindo* bem melhor — respondeu Misaki, endireitando os ombros. — Pelo menos agora que vocês chegaram. Senti falta de vocês duas.

Em geral, as três donas de casa passavam quase o dia todo juntas, deixando os filhos pequenos brincarem, repassando os bebês como repassavam as compras, as refeições e as costuras. Desde que dera à luz Izumo, Misaki sentira-se cansada demais para qualquer outra coisa além de cuidar do bebê, e Takeru insistira que ela ainda não estava bem para receber visitas. Aquela era a primeira vez que Izumo encontrava Hyori e a própria tia, Setsuko. Às vezes ele era resmungão, mas não estranhava gente nova... se era que conseguia discernir as pessoas. Era tão pequeno que os olhos ainda não tinham adquirido foco.

— Quatro filhos — comentou Setsuko, botando a filha, Ayumi, para arrotar no ombro. — Não sei como esperam que eu te alcance. Se bem que... Olha só esses braços gordinhos! Por pouco Ayumi não passa por um menino. Quem sabe eu comece a vesti-la com roupas de menino e finja que dei ao meu marido um filho saudável. — A bebê Ayumi, apenas dois meses mais velha que Izumo, tinha quase o dobro do tamanho dele. — O que você acha?

— Eu acho que ela já é perfeita.

Misaki falou com sinceridade, mas as mulheres, claro, soltaram risadas. Quando mais jovem, Misaki sempre se imaginara tendo filhas mulheres.

Gostava da fantasia vaga de criar jovens fortes e progressistas com coragem para chegar mais longe na vida do que a mãe, mas era apenas isto: uma fantasia. Fazia muito tempo que Misaki abandonara a ilusão de criar os filhos como queria... ou de que eles sequer fossem mesmo dela. Eles eram, principalmente, Matsuda, com o único propósito de se tornarem guerreiros poderosos, como o pai e o avô. E pertenciam à casa Matsuda, assim como ela.

— Estou falando sério — insistiu Misaki, quando Hyori lhe devolveu Izumo. — Ficaria feliz de ter uma filha.

Para uma menina, ao menos, teria permissão de passar parte de si mesma.

— Fácil falar quando você já teve quatro meninos! — rebateu Hyori, indignada.

Setsuko murmurou em concordância.

— Você vai ter que nos ensinar.

— Eu quero saber como é possível uma mulher continuar esbelta depois disso — acrescentou Hyori.

— Ah, cale a boca! — Setsuko deu um tapinha na nuca de Hyori. — A mulher mais linda e magrinha desta vila não tem o direito de falar essas coisas!

— Setsuko-san — disse Hyori, ruborizando profundamente. — Eu não sou a mais linda...

— Cale essa sua linda boca, Hyori-chan — retrucou Misaki, com carinho. — Não precisa bancar a sonsa com a gente. Gostamos mais quando você é esperta.

Hyori raramente era esperta, mas Misaki achava melhor continuar a encorajando. Dizia a sabedoria popular que uma mulher tão bonita quanto Hyori não precisava ser inteligente. Na opinião de Misaki, "bonita" sequer era a palavra certa para defini-la. A mulher era absurda e dolorosamente bela, com um sorriso genuíno e olhos suaves feito neve derretida. Muitas mulheres de Shirojima eram "bonitas", mas Hyori possuía o tipo de beleza lendária pela qual os homens iam à guerra.

— Vocês são duas princesinhas de sangue puro! — comentou Setsuko, olhando de Hyori para Misaki, exasperada. — Com essa pele lisa e essa cinturinha fina. Não fiquem aí reclamando do próprio peso na minha frente, porque eu dou duas de vocês.

Ironicamente, era Setsuko que Misaki considerava a mulher mais bela da montanha. Ela era filha de um pescador e, ao se unir à família Matsuda, trouxera consigo toda aquela alegria descarada de que Misaki tanto sentia falta em sua vida antes de Takayubi. Ela possuía um tipo de beleza que pouco tinha a ver com atributos físicos. Não era por causa do cabelo curto na altura das orelhas; era pelo modo como o balançava e suspirava de prazer quando estava contente com o clima. Não era por causa dos olhos grandes de cílios compridos; era pelo modo como se enrugavam de diversão com as menores coisas. Não era por causa do corpo robusto; era pelo modo como ela o movia com confiança em um mundo onde todos, damas e espadachins, tomavam cuidado com onde pisavam.

Antes de se tornarem concunhadas, Misaki conhecera Setsuko — como todos conheciam — como a moça do peixe fresco. Dava para ouvir a voz dela em qualquer ida às feiras no pé da montanha. “Peixe fresco! Compre seu peixe fresco!”

Não era um trabalho glamoroso, mas Setsuko era o tipo de pessoa que conseguia exalar charme mesmo com os braços afundados em entranhas de peixe e mechas de cabelo grudadas no rosto suado. Misaki imaginava que muitos houvessem se apaixonado pela peixeira atarracada de sorriso animado, mas foi Matsuda Takashi, o primogênito da casa mais elevada da região, que se apaixonara mais profundamente.

Misaki começou a desconfiar disso na manhã em que seu cunhado a interceptou na saída de casa e disse:

— Você parece cansada, Misaki. Eu posso ir à feira em seu lugar.

Por um momento, Misaki o encarara, sem reação.

— Você quer ir à feira? — perguntou, atônita.

Fazer compras não era coisa para homens... principalmente um nobre como Takashi.

— Eu... hã... tenho negócios a fazer no pé da montanha, e posso aproveitar a viagem. — Takashi não a olhou nos olhos.

— Eu estou ótima, Nii-sama. Se você tem negócios importantes, não deveria se dar ao trabalho... — garantiu Misaki.

— Não é trabalho algum — disse Takashi, e Misaki se deu conta de que ele estava falando baixinho, como se preocupado que o pai e o irmão, dentro de casa, o ouvissem. — Só me dê uma lista do que você precisa.

— Tudo bem. — Misaki estava confusa demais para discutir.

— E Misaki...

— Pois não, Nii-sama?

— Se puder... não toque no assunto com o meu pai.

Suas suspeitas foram confirmadas quando Takashi voltou no fim da tarde e deixou oito cestas lotadas de peixe na cozinha. Só um Matsuda teria dado conta de carregar aquele peso todo montanha acima. Por mais forte que Takashi fosse, o esforço tinha deixado seu rosto todo corado.

— Peixe — disse ele, com um sorriso embriagado impróprio para o filho de uma família de guerreiros. — Você disse que queria peixe fresco, certo? Sinto muito, acho que pulei os outros itens da lista.

— Hã... — Misaki olhou horrorizada para aquelas cestas lotadas no chão da cozinha. — Desculpe, Nii-sama, mas o que você quer que eu faça com tudo isso? — A propriedade da família Matsuda não tinha um freezer onde guardar tanto peixe. — Está esperando visitas?

— O quê? Não. Por quê? É peixe demais?

Misaki encarou o cunhado, incrédula e um tanto irritada. *Se você gosta da garota, se declare para ela, e não gaste todo o dinheiro da família em peixe!*, quis rebater. Mas não tinha autoridade para questioná-lo, e as coisas não eram tão simples.

Um nobre não podia apenas pedir a filha de um pescador em casamento e levá-la montanha acima. Não em Takayubi. Plebeus sem uma linhagem a proteger podiam se casar com quem quisessem, mas homens e mulheres de casas nobres não se davam esse luxo.

— É peixe demais? — repetiu Takashi, ainda atordoado e muito mais agitado que o normal, feito um adolescente apaixonado... como Misaki fora um dia. O pensamento causou uma pontada súbita e inesperada de dor no peito dela.

Cuidado, irmão. Cuidado com o quanto ama algo que não pode ter, quis dizer a ele. Só que também não podia. Então apenas franziu os lábios, olhou para os peixes e respondeu:

— Vou dar um jeito.

— Bom — respondeu Takashi, embora não parecesse de fato vê-la ou ouvi-la. — Que bom.

Então, ele deixou a cozinha, ainda sorrindo. Na saída, passou por Takeru, que encarou o irmão mais velho com a mesma expressão amarga que assumia sempre que via alguém feliz.

— Meu irmão está doente? — perguntou ele quando Takashi se afastou.

Não, pensou Misaki, com pesar. *Só condenado à infelicidade.*

Só que Takashi dera sorte... Ou melhor, uma combinação perfeita de sorte, inconsequência e sagacidade. Tinha relutado, planejado e arrumado desculpas, e de alguma forma adiara o próprio casamento até depois da morte do pai tirânico, quando então não havia mais nenhum patriarca Matsuda para mandar nele. Aí, em vez de se casar com uma mulher nobre, de sangue puro, escolhida pela família, Takashi se casou com a mulher que amava: a plebeia com a risada espalhafatosa que lhe vendia peixe fresco.

Takashi não sabia, mas, ao se casar com Setsuko, talvez tivesse salvado a vida de Misaki. Setsuko se mudara para a propriedade dos Matsuda pouco depois de Misaki sofrer seu segundo aborto, chegando feito uma explosão de

cor quando tudo parecia cinzento.

— Ainda não te vi sorrir desde que cheguei aqui — comentara Setsuko, enquanto Misaki a ajudava a tirar da mala os poucos pertences que trouxera. — Por que está tão triste, irmãzinha?

Misaki era dois anos mais velha que a nova concunhada, mas Setsuko se casara com o irmão mais velho e, naquele mundo, o status do homem era a única coisa que importava.

— Desculpe — murmurou Misaki. Essa tinha se tornado sua resposta-padrão para qualquer coisa naqueles anos.

Setsuko pôs as mãos na cintura.

— Isso não basta.

— Como é?

— Olha, nós vamos morar juntas nesta casa até sermos duas velhas enrugadas e banguelas. Não sei você, mas não quero passar os próximos quarenta anos com uma mulher que não sabe sorrir.

— Eu sei sorrir.

Houvera um tempo em que Misaki fora acusada de sorrir demais, mas Takayubi a desgastara ao longo dos anos, transformando-a naquela coisinha trêmula e frágil, com medo de que o som da própria voz a despedaçasse, caso falasse alto demais.

— *Eu* nunca vi você sorrindo — respondeu Setsuko, cética. — O que você tem? Os cantos da sua boca estão machucados ou algo assim?

Não. Era algo dentro de Misaki que estava ferido.

— Eu sofri um aborto. Duas vezes — falou ela, bruscamente.

— Ah. — Setsuko parou, a postura brincalhona evaporando. — Ah, meu bem... Eu sinto muito. Não sabia.

Misaki achou que fosse desabar sob o olhar preocupado de Setsuko. Os anos tinham-na ensinado a resistir à crueldade do sogro e à indiferença do marido, mas não possuía armadura contra aqueles olhos sinceros.

— Você queria mesmo esses filhos? — perguntou Setsuko, e a suavidade de seu tom fez Misaki se sentir exposta.

— Não sei — respondeu ela, atordoada e um tanto horrorizada com a própria sinceridade.

Ficou esperando, os ombros tensos, que Setsuko lhe desse um sermão sobre ser egoísta, que a culpasse por perder os bebês, que dissesse como ela era sortuda de ter um marido tão tolerante, afinal era o que todo mundo fazia. Mas Setsuko disse apenas:

— Ah. Então, por que está tão triste?

— Eu... — Misaki se perguntou quando a própria voz se tornara tão baixa. Quando criara tanto medo de expressar sequer um pensamento? — Eu estou aqui para dar filhos ao meu marido. Não quero decepcionar.

— Você não está decepcionando.

— O quê?

— Eu disse que você não está decepcionando. Nunca decepcionaria.

Fazia muito tempo que ninguém se dirigia a Misaki com aquela confiança fácil... com a certeza de que ela era boa e capaz. Encarou Setsuko por um momento e se deu conta de que tinha se esquecido de como responder àquele tipo de gentileza. Era algo que pensara ter perdido nove anos antes.

— Olha só para você — prosseguiu Setsuko, séria. — O que um homem teria para reclamar? Você é carinhosa, você é linda, tenho a impressão de que é bem inteligente também, já deu à luz um filho perfeito, e o meu marido disse que você cozinha bem pra caramba.

— Foi gentileza da parte dele. Eu faço meu melhor.

— Você gosta de cozinhar?

Misaki assentiu.

— Que bom, porque eu sou uma péssima cozinheira.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — respondeu Misaki, com educação.

— Ah, é, sim. Pode perguntar a qualquer pessoa que já tenha provado minha comida. Agora, que tal você aproveitar e me ensinar a preparar algum prato para o meu marido chique e o paladar refinado de Matsuda dele?

— O paladar dos Matsuda não é tão refinado assim. Seu marido gosta de comer o mesmo que todo mundo.

— Não se eu cozinhar. Por que você acha que era sempre eu que carregava os peixes para o mercado, em vez de ficar em casa ajudando na cozinha? Minha família provou minha comida uma única vez e chegou à conclusão de que preferia sobreviver.

Misaki sentiu o rosto se abrir em um sorriso e, pela primeira vez em muito tempo, deu uma risadinha.

— Aí está o sorriso! — exclamou Setsuko, triunfante. — E olha só isso! — Ela cutucou de leve a bochecha de Misaki.

— O quê? — Misaki levou a mão ao rosto, achando que talvez tivesse algum grão de arroz grudado ali.

— Você tem covinhas!

Misaki nunca tivera irmãs, mas, a partir daquele dia, decidiu que ficaria feliz em dar o título a Setsuko. Os maridos compartilhavam toda a tensão de terem crescido como irmãos, o primeiro e o segundo filhos competindo pela aprovação do pai, mas as concunhadas nunca se deixavam abalar por essa *nyama* ruim.

Misaki já morava na propriedade Matsuda havia quase uma década, mas foi Setsuko quem fez aqueles corredores frios parecerem um lar. Quando Misaki ficava doente, era Setsuko quem ia à vila ocidental comprar remédios. Quando ela se perdia na correnteza dos próprios pensamentos, era Setsuko quem a resgatava com alguma piada. Alguns meses depois do nascimento de Hiroshi, foi Setsuko quem disse:

— Quem é aquela moça bonita que mora na propriedade Yukino?

— Está falando de Hyori? É a esposa de Yukino Dai — respondeu Misaki.

— Yukino quem?

— Yukino Dai. O patriarca da família.

— Pensei que o patriarca dos Yukino fosse Yukino Ryosuke.

— E é... *era*. Ele faleceu um pouco antes de você se mudar para cá, durante os preparativos para o casamento. Não sabia?

— Não! Nami, agora eu não sei mais das fofocas da feira! Era lá que eu pegava todas as notícias. Deuses das Profundezas, não sei como vocês, nobres, conseguem viver isoladas desse jeito!

— Você também é uma nobre agora — lembrou Misaki.

— Ah! — Setsuko fez um gesto de desdém.

— O funeral de Yukino Ryosuke foi pouco antes do seu casamento. Alguém tinha que assumir o controle da propriedade, e o filho mais velho dos Yukino não queria voltar lá de Jungsan com toda a família. Dai-san é o segundo filho, então ele se mudou com a esposa.

— E ele mantém a mulher isolada ou qualquer esquisitice nobre desse tipo? Por que ela nunca aparece? — perguntou Setsuko.

— Acho que passa a maior parte do tempo cuidando da mãe de Dai-san, que está muito idosa e doente. Imagino que isso a deixe bem ocupada.

— Deve ser solitário. Vamos visitá-la amanhã.

E foi assim que as duas conheceram Hyori. Agora, cinco anos depois, as três eram inseparáveis.

Hyori e Setsuko ainda estavam trocando implicâncias sobre sua esbeltez quando alguém cutucou o braço de Misaki. Ela baixou os olhos para encontrar o terceiro filho, Nagasa, que tinha 2 anos e estava puxando a manga florida do quimono da mulher.

— Olhar? — pediu ele, com a vozinha. — Olhar bebê?

Aquela era a pergunta favorita dele desde o nascimento de Izumo.

— Claro — disse Misaki, ajoelhando-se no tatame para pousar Izumo no colo diante de Nagasa. — Lembre-se de ser delicado, Naga-kun. Ele ainda é

muito pequeno.

— Pegar bebê? — pediu Nagasa, esperançoso, estendendo os bracinhos.

— Ah, que coisinha mais fofa! — exclamou Hyori.

— Por enquanto, eu seguro ele — respondeu Misaki, com carinho. — Você se concentra em crescer mais alguns koyinu e depois a gente conversa.

— Cadê o seu irmão mais velho? — perguntou Hyori, abaixando-se para ficar na altura do menino de dois anos. — Por que não vai brincar com ele?

— Hiro-nii-san saiu. — Nagasa fez um beicinho.

— Ah, é? Para onde ele foi? — disse Hyori, olhando para Misaki.

— Hiro-kun está no dojo da escola — respondeu Misaki, balançando Izumo de leve nos joelhos.

— Ah, sim. Ele adora ficar olhando o treino dos meninos mais velhos.

— Na verdade, agora ele está treinando também. Começou assim que conseguiu erguer a espada de treino.

— Ele ainda tem 5 anos, não é? — questionou Hyori, espantada. — Pensei que isso fosse contra as regras.

— Os instrutores abriram uma exceção.

Nenhum menino de 5 anos fora admitido na aula de esgrima para iniciantes da escola fundamental, mas o segundo filho de Misaki, Hiroshi, era diferente dos outros meninos.

— Ele é um garotinho sério, não é mesmo? Parece uma miniatura do pai. É meio assustador — comentou Setsuko.

— Por que você não segue o exemplo, hein, Ryo-kun? — disse Hyori ao próprio filho, Ryota. O tom foi de brincadeira, mas havia uma nota de seriedade ali.

— Bom, ele ainda é muito novinho. Quantos anos você tem, Ryota-kun? — perguntou Misaki.

— Tenho 4 — respondeu Ryota, orgulhoso.

— Viu só? Até ano que vem, talvez você seja um pequeno espadachim, igual

Hiroshi. Quem sabe?

— Eu *sou* um espadachim! — anunciou Ryota, sacudindo a espada de brinquedo. — Sou o melhor espadachim do mundo!

— É mesmo? — provocou Misaki, sem resistir.

— Eu desafio você para um duelo! — gritou Ryota para ninguém em específico, provavelmente citando algum desenho a que assistira. — Eu desafio você para um duelo!

Por impulso, Misaki reuniu seu jiya, atraiu as moléculas de água ao redor para a mão e as congelou na forma de uma espada improvisada — bom, parecia mais uma estalactite rústica do que uma espada —, do tamanho perfeito para lutar contra um menino de 4 anos.

— Eu aceito! — anunciou ela.

— Misaki-san, o que está fazendo? — perguntou Hyori.

— Lute comigo, Yukino Ryota! — disse Misaki, esforçando-se ao máximo para soar como uma vilã de desenho e passando Izumo para o quadril esquerdo para deixá-lo fora de perigo.

— Nada disso, Ryo-kun — avisou Hyori. — Misaki-san é uma dama. Não pode...

Mas o garotinho, feliz da vida de ter uma companheira para brincar, já estava partindo para cima de Misaki com a espada de madeira.

Misaki moveu o braço em um instinto quase esquecido. Com dois movimentos, desarmou o pequeno Ryota e então, com outra volta da espada de mentirinha, deu uma rasteira no garoto, que caiu de bunda no chão, arfando. Misaki apontou a estalactite para o peito dele.

— Sou a vencedora! — exclamou, de forma teatral. — Admita a derrota ou vou encher você de cosquinha!

— Ai, não! — berrou Ryota, afastando-se e rindo. — Não, não!

E Misaki não resistiu; ergueu o quimono e correu atrás dele. O menininho veloz provavelmente não esperava que uma refinada dona de casa como

Misaki o alcançasse em três passadas e soltou um gritinho quando ela o envolveu com um braço, depois gargalhou sem parar quando ela o derrubou com cócegas.

— Misaki-san, o que está fazendo? — exclamou Hyori, sem saber bem se ficava escandalizada ou achava graça.

— Não se preocupe, Hyori-chan. Às vezes, Misaki faz essas coisas, quando está alegre — disse Setsuko.

O que não entendia era que aquela criatura estranha, aquela mulher destemida e bobalhona que corria rápido e brincava com espadas, era um eco de uma época em que Misaki levara uma vida feliz.

Depois de se recuperar do ataque de cócegas, Ryota, ainda rindo, pegou a espada de brinquedo e foi para cima de Misaki de novo. Daquela vez, ela abriu espaço, deixando o garoto captar seu ritmo e desferir uns bons golpes antes de desarmá-lo de novo.

— Acho que Ryo-kun ainda está muito longe de ser como Hiro-kun — comentou Hyori, rindo —, se perde até para uma mulher.

Misaki poderia ter respondido que perder para ela em uma luta não deveria ser motivo de vergonha para um garotinho, nem para um homem-feito, mas não mencionava mais essa parte de si mesma. Takeru havia proibido.

— Eu também! — gritou Nagasa, pegando a própria espada de brinquedo e saltitando sem parar. — Kaa-chan, eu também!

— Meninos, cuidado com o bebê! — alertou Hyori, quando Ryota e Nagasa atacaram Misaki ao mesmo tempo.

Mas Misaki era mais do que capaz de se defender de duas crianças com o braço direito enquanto mantinha seu bebê embalado no esquerdo. Apenas quando a barulheira fez Izumo começar a chorar foi que Misaki teve que encerrar a luta.

— Desculpem, meninos — disse ela, desfazendo a espada de gelo em vapor com um gesto de mão. — Por hoje, é só. Eu desisto. Boa luta, Yukino-dono. —

Ela bagunçou os cabelos de Ryota. — Matsuda-dono. — Ela fez carinho sob o queixo de Nagasa. — Em outro momento podemos lutar mais.

Sorrindo, ela foi para o sofá para acalmar Izumo.

— Ah, não! — Nagasa largou a espada de brinquedo e seguiu a mãe até o sofá com uma expressão genuinamente preocupada. — Bebê chorando!

— Ele não está zangado com você, Naga-kun — garantiu Misaki ao menino de 2 anos. — Só está com fome.

Misaki abriu a frente do kimono e ajeitou o bebê chorão debaixo do tecido para amamentá-lo. O choro parou quase de imediato.

— Você não pode ter medo de uma lutinha — implicou Setsuko, cutucando o pé de Izumo. — Afinal, vai crescer e se tornar um grande guerreiro, como o mal-humorado do seu pai.

— Ora, Setsuko — disse Misaki, sorrindo. — Não faça piada do meu marido mal-humorado. Ele trabalha duro para manter aquela cara fechada o dia todo.

— Mattaku! — exclamou Hyori, soltando um muxoxo irritado. — Dai ficaria superfeliz se eu lhe desse quatro filhos saudáveis. Eu juro, ele passaria o dia inteiro sorrindo se tivesse um filho como Mamoru.

— Se serve de consolo, acho que Mamoru também ficaria muito feliz de ter Dai-san como pai — respondeu Misaki.

— É mesmo? — Hyori se animou.

— Você não sabia? Dai-san é o professor favorito dele, de esgrima e de jiya.

Isso fez Hyori soltar uma risadinha.

— Misaki-san, não diga bobeiras!

— Não é bobeira — respondeu Misaki, com sinceridade.

— Ele é filho de Matsuda Takeru, mestre da Lâmina Sibilante, o melhor espadachim da montanha.

— E um péssimo professor — disse Misaki. — O máximo que ele consegue fazer é cruzar os braços, fazer cara feia e dizer: “Péssimo. Repita.” — Misaki transformou sua expressão em uma careta e baixou o tom de voz para imitar o

jeito monótono e rígido do marido. — "Ainda péssimo. Repita. Escute. Ou você acerta ou eu o estripo, seu inútil. Como assim não está entendendo? O que tem para entender? Apenas *acerte*."

— Pare! Pare! — implorou Setsuko, gargalhando com a mão na barriga. — Sua imitação de Takeru é perfeita! Eu vou morrer!

— Como você consegue fazer essa voz? — Hyori deu risada.

— O quê? Essa voz? — ribombou Misaki. — Mulher tola, você jamais compreenderia tais assuntos. Minha virilidade não permite entonações humanas.

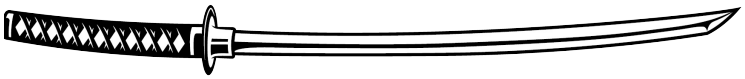
As três caíram na gargalhada de novo e, como as mães estavam rindo, Ryota e Nagasa riram também.

Misaki tinha passado anos tentando se encaixar entre aquelas pessoas. Elas não eram como suas amigas dos tempos de escola. Não eram visionárias determinadas como Elleen, nem geniais feito Koli, nem tinham a energia inesgotável de Robin. Jamais mudariam o mundo nem entenderiam por que alguém desejaria mudá-lo, mas a amavam. Misaki podia rir com elas, e isso bastava.

Havia dias em que Misaki conseguia se convencer de que isso bastava.

2

A névoa



A arena de treinamento era um grande platô rochoso que os monges usavam para exercícios e meditação. Rezava a lenda que o platô em meia-lua tinha sido escavado na encosta da montanha pelas Lâminas Sibilantes dos falecidos Matsuda, os ancestrais de Mamoru.

— Hoje o clima está perfeito para treinar! — gritou o sensei Yukino sobre o vento que cortava a arena. — Agora vamos ter um verdadeiro teste de precisão!

Mamoru ouviu dentes batendo e se virou para encontrar Kwang com os braços encolhidos para dentro do uniforme.

— *Sempre faz frio assim aqui em cima?* — O novato estremeceu.

Mamoru quase riu.

— *Espere só chegar o inverno.*

Maços de palha do tamanho de um homem jaziam espalhados pela arena, congelados pelo sensei Yukino. Amarrado a cada maço, havia um retalho de pano com um número pintado. O jiya de Mamoru já estava comichando para entrar em ação quando o sensei Yukino ergueu a voz sobre o vento para explicar o exercício do dia.

— Passamos quase a semana toda treinando como formar projéteis de gelo aerodinâmicos. Bom, garotos, vocês ainda têm muito que aprender nessa área — disse ele, parando diante de Mamoru para olhá-lo de forma deliberada. —

Principalmente quem deseja dominar certa técnica de sua linhagem um dia.

Mamoru assentiu de forma discreta e determinada para o professor, e Yukino voltou a se dirigir a toda a turma.

— Apesar de não terem se saído tão bem na fabricação dos projéteis, vou facilitar para vocês para podermos treinar a próxima técnica. Hoje, eu mesmo fiz os projéteis.

Ele indicou uma pilha de lanças de gelo perfeitas, cada uma com três passadas de comprimento, uma ponta fina de um lado e uma base larga do outro, para permitir um arremesso forte.

— *De que técnica de linhagem ele está falando?* — perguntou Kwang a Mamoru, quando o sensei Yukino avançou pela fileira de garotos. — *O que sua família faz de tão especial?*

– *Você está brincando, né?* — interrompeu Itsuki, lançando um olhar incrédulo a Kwang. — *Mamoru é um* Matsuda.

Kwang não demonstrou qualquer compreensão.

— *E daí?*

– *Os Matsuda são os mestres da Lâmina Sibilante. Você já deve ter ouvido falar da Lâmina Sibilante na capital* — respondeu Itsuki.

– *Bom... claro... mas é só um mito.* — Kwang riu, mas quando a expressão séria de Itsuki não se alterou, o sorriso morreu e ele se virou para Mamoru, com os olhos arregalados. — *Né?*

Mamoru deu de ombros.

— *Alguns mitos são verdadeiros.*

– *Mas é impossível. Nenhum jijaka consegue fazer um gelo forte o bastante para cortar aço!* — protestou Kwang.

– *Alguns conseguem.*

– *E você é um deles?* — perguntou Kwang, admirado.

Mamoru travou a mandíbula.

— *Vou ser.*

Kwang observou Mamoru, olhos estreitados, pensativo.

— *Eu não acredito* — respondeu, depois de um momento. — *Nem os jijakalu de Kusanagi são tão poderosos assim.*

Mamoru apenas meneou a cabeça para o sensei Yukino e disse:

— *Você vai ver só.*

O mestre jijaka erguera uma das lanças da pilha com um aceno delicado da mão e só precisou levantar dois dedos para manter o projétil flutuando perfeitamente imóvel diante dele enquanto falava.

— O tajaka mais forte consegue arremessar uma lança a dezesseis marcos — gritou o sensei Yukino, apontando com a mão livre para o boneco de palha do outro lado da arena, que portava o numeral kaigengua para dezesseis. — O melhor fonyaka é capaz de usar o vento para arremessar um projétil sólido a 25 marcos. — Ele apontou além do primeiro boneco, para um mais longe, portando o número 25. — Como jijaka, vocês são capazes de muito mais.

Apoiando a mão na base achatada do projétil, o sensei Yukino firmou os pés e arremessou o gelo. Mamoru já vira o jiya de Dai Relâmpago em ação vezes o suficiente para que não sentisse mais o coração subir à boca, mas ouviu Kwang arfar ao lado.

A lança atravessou o boneco a dezesseis marcos, o boneco a 25 marcos, e seguiu até o fim da arena, onde se cravou em um terceiro boneco marcado com um número quarenta quase indiscernível.

— *Santo Falleke!* – exclamou Kwang, arquejante, olhando de queixo caído para o boneco destruído a dezesseis marcos.

— Os takaju podem usar sua força física para arremessar um projétil — disse o sensei Yukino, dando as costas para a turma —, e os fonyakalu podem usar sua nyama para impulsioná-lo. Mas nossa nyama *é* o projétil. Quando uma arma é feita de gelo, somos capazes de controlar cada molécula dela. Como jijakalu, somos a única raça de teonitas capaz de lutar com uma arma sólida que é de fato uma extensão de nós mesmos.

O sensei Yukino deu a cada aluno uma pilha de projéteis e fez com que formassem uma fileira por toda a arena para praticarem disparos contra o exército de maços de palha.

Mamoru usou seu jiya para erguer a lança e pousou a mão na base achatada, deixando seu poder vir à tona. Não dava para ver o mar da Academia Kumono, mas, quando Mamoru reunia o jiya em seu âmago, o poder parecia descer por toda a montanha até as ondas se quebrando na base e ir ainda mais fundo, até as profundezas, onde as raízes do Monte Takayubi tocavam o fundo do mar.

A tradição Ryuhon proclamava que as grandes famílias de Kusanagi descendiam dos deuses do mar, que haviam habitado o Mar de Kaigen na aurora dos tempos. A maioria das pessoas na península considerava essa parte da lenda mais metáfora do que fato. Logicamente, não havia como seres humanos descenderem diretamente de peixes e dragões marinhos titânicos.

No entanto, como muitos de seus antepassados Matsuda, Mamoru tinha surtos de loucura em que era consumido pela sensação do seu jiya. Naqueles momentos, sabia que o poder percorrendo seu corpo vinha daquelas forças ancestrais que haviam erguido Kaigen do mar. Era mais do que fé. Era fato.

O poder dos deuses cresceu como uma onda ribombante dentro de Mamoru, que a navegou, movendo o corpo em seu ritmo. Quando a onda chegou ao ápice, ele a disparou com toda a força através do braço e da palma aberta até o gelo. O projétil cruzou o ar num rompante, indo mais longe do que qualquer outro, mas não seguiu em linha reta. Desviou-se do platô rochoso, perdendo a plumagem afiada, e derrapou até parar perto do alvo a 25 marcos. Mamoru franziu o cenho e sacudiu as mãos. Estava apenas começando. Quando usasse todo o poder, seria capaz de arremessar aquela lança com tanta força que ela não teria opção além de atravessar o alvo.

Deixou mais uma onda assomar em seu corpo, então disparou outra vez. A segunda lança roçou o alvo a 25 marcos, mas não em cheio; o gelo se quebrou,

em vez de perfurar.

— Pare de forçar tanto, Matsuda-san — instruiu o sensei Yukino, paciente. — Você tem poder para fazer um projétil atravessar a arena toda. Relaxe os ombros e se concentre na precisão, não na força.

— Sim, sensei. — Mamoru respirou fundo e ergueu outro projétil.

— Calma. — O sensei Yukino estendeu a mão e apoiou a ponta dos dedos no gelo, impedindo-o antes que Mamoru o erguesse ao nível do alvo. — Seu jiya está agitado demais; dá para senti-lo se debatendo dentro de você. Tome um momento para acalmá-lo. Concentre sua energia, depois tente de novo.

Mamoru assentiu e o sensei Yukino avançou pela fileira para avaliar os outros meninos, dando alguns conselhos. Certa vez, a mãe de Mamoru dissera que Yukino Dai era tão cuidadoso com as palavras quanto com suas feridas. Era isso que fazia dele um bom professor.

— Não gire demais — disse o sensei Yukino a seu primo mais novo, Yuuta, dando um cascudo forte no garoto. — Se ficar girando sem calcular o momento do arremesso, o projétil nunca vai alcançar o alvo.

— Sim, sensei. — Yuuta esfregou a cabeça e tentou de novo, dessa vez conseguindo cravar a lança no alvo a dezesseis marcos.

Satisfeito, o sensei Yukino se voltou para Kwang bem no instante em que o nortenho recém-chegado disparou sua terceira lança, que saiu girando torto e se quebrou no platô rochoso.

— Hum.

Com o cenho franzido, o sensei Yukino encarou o aluno novo e Kwang se retraiu, obviamente esperando receber uma zombaria ou um cascudo, mas Yukino disse apenas:

— Aposto que você é ótimo em arremesso de lança.

– Sou — disse Kwang, surpreso. *— Como o senhor...*

– Pare de tentar arremessar com o ombro. O impulso vem do quadril, passando direto pela sua palma, como se você fosse golpear um homem no plexo solar.

— Sensei — reclamou Itsuki, mais à frente na fileira —, o vento está desviando minhas lanças!

— Esses projéteis foram feitos para *atravessar* o vento, Mizumaki-san. Tente de novo. Quero ver.

Ele assistiu a Itsuki tentar um arremesso, que passou bem longe do alvo.

— Seu arremesso está fraco. — O sensei Yukino apoiou as mãos nos ombros de Itsuki e o colocou de volta na pose inicial. — Mantenha esta postura. Dobre os joelhos. Um pouco mais. Pronto.

Depois de ter acalmado seu jiya, Mamoru voltou a atenção à própria tarefa. Como sempre, o sensei Yukino tinha razão. Sua mira melhorou muito depois que relaxou, mas, mesmo com os projéteis seguindo em linha reta, ele não conseguia passar do alvo a 25 marcos.

— Por que essa cara feia? — perguntou Kwang, em determinado momento. — Você está disparando muito melhor que todo mundo.

Não tanto quanto o sensei Yukino, pensou Mamoru, mas não podia dizer isso em voz alta, então apenas cerrou a mandíbula e ergueu outra lança da pilha. Mamoru já era quase um homem-feito e não bastava se sair "melhor que todo mundo". Um Matsuda tinha que ser tão bom quanto cem jijakalu juntos. Tinha que ser o melhor de todos os tempos.

Frustrado, Mamoru se jogou de corpo inteiro no movimento, *atirando* a lança seguinte rumo ao alvo. O projétil acertou o boneco a 25 marcos e o atravessou.

— *Por Falleke!* – exclamou Kwang, quando o projétil de Mamoru parou várias passadas além do alvo. — *O que foi isso?*

Sem se dar ao trabalho de responder, Mamoru apenas pegou outro projétil da pilha. Usando seu jiya para mantê-lo flutuando na altura do peito, o garoto recuou alguns passos e disparou. Nem sequer colocou todo o poder de seu jiya no arremesso, e ainda assim o projétil atravessou o alvo a 25 marcos.

— *O que você acabou de fazer?* — perguntou Kwang, impressionado.

— Por que estamos parados? — retrucou Mamoru, olhando do alvo perfurado para os próprios pés.

— *O quê?*

— Por que estamos arremessando parados se podemos acrescentar a força do impulso?

— *Hã... Como assim?*

— As ondas mais fortes começam bem longe mar adentro.

— Mamoru-kun — chamou Yuuta, reconhecendo a expressão do amigo. — Você sabe o que o sensei acha das suas ideias...

— Eu sei — interrompeu Mamoru, erguendo outro projétil. — Me dá só um dinma.

Ele precisava tentar. Precisava.

Concentrou o jiya no gelo, então jogou o projétil bem alto e o soltou. Quando o projétil começou a cair, Mamoru recuou tanto quanto o platô permitia. Teria que capturar a lâmina na descida, o que exigiria uma coordenação perfeita, mas isso era fácil para ele.

Deu à lâmina mais um momento para descer, então correu. No último passo, saltou e girou. O impulso se combinou à potência do giro e ao puxão da gravidade. Enquanto movia o corpo, Mamoru acertou a base da lança com a palma e a arremessou. A força de um tsunâmi explodiu de sua mão.

Os outros só viram um raio prateado antes de o projétil acertar o boneco a quarenta marcos em um estouro de palha. Mamoru aterrissou agachado nas pedras e soltou o ar. Tinha conseguido!

A encosta reverberou com os gritos surpresos dos colegas, então com vivas, quando notaram o alvo a quarenta marcos destruído. No entanto, quando Mamoru encontrou o olhar do sensei Yukino, o mestre espadachim não sorria.

— Matsuda! — rugiu ele sobre o vento, e a turma caiu em silêncio. — Pelo amor de Duna, o que você pensa que está fazendo?

— Perdão, sensei. — Mamoru tentou parecer arrependido, mas não

conseguiu conter o sorriso por completo.

— Controle seu ego. Ou você cumpre as tarefas conforme instruído ou vai ser expulso da minha turma. Entendeu?

— Sim, senhor.

Quando o restante da turma sossegou e voltou ao treinamento, Mamoru sentiu os dedos do sensei Yukino na orelha, puxando sua cabeça para trás. Abafando uma exclamação de dor, ele deixou o professor arrastá-lo para longe da fileira.

— Sensei! — começou, quando estavam fora do alcance dos ouvidos dos colegas. — Eu...

— Mamoru-kun — interrompeu o sensei, a voz baixa. — Eu começo esta lição com a instrução de arremessarem parados por um motivo.

— Sinto muito. Eu...

— Não me interrompa — disse o mestre espadachim, calmo. — Quero que você pare para pensar que, se os outros meninos também ficassem saltando e girando durante esse exercício, acabaríamos com muitos meninos mortos. Entendeu?

— Sim, sensei — respondeu Mamoru, sentindo uma pontada forte de culpa. Não tinha pensado nisso; pensara apenas em si mesmo.

— Os Matsuda são mais do que guerreiros exibidos. São líderes, e um líder tem que pensar nas pessoas ao redor.

— Sim, sensei.

— Ótimo.

O sensei Yukino soltou a orelha dolorida de Mamoru e ergueu a mão. O menino se retraiu, esperando sentir o golpe dos nós dos dedos do professor, mas o mestre espadachim apenas pousou a mão na cabeça dele.

— Agora, se você for arremessar no meio de um giro, preste atenção para que seu joelho de apoio esteja bem junto ao corpo durante toda a rotação. Você perde impulso se deixa a perna esticada. Depois que controlar bem o

giro, tente apoiar a perna direita atrás no momento do arremesso. Aprenda a coordenar tudo isso e vai disparar lanças mais longe do que eu em um piscar de olhos.

Surpreso, Mamoru disse apenas:

— Entendi.

— Treine em casa, está bem?

— Sim, sensei.

Quando o vento no platô atingiu velocidades perigosas e as pilhas de projéteis dos alunos estavam acabando, o sensei Yukino conduziu a turma para dentro da escola, para a aula de esgrima. As três horas de combate deixavam a maioria dos garotos exausta. Para Mamoru, parecia mais um aquecimento, porém ele pensou nas palavras do sensei; pensou nos outros meninos. Já acontecera de deixar hematomas feios nos colegas que não eram ágeis o bastante para bloquear sua espada de madeira — ou seja, todos —, mas naquele dia tomou mais cuidado, parando a bokken antes de acertar costelas ou pescoços.

Tentar vencer os colegas sem acertá-los de verdade exigiu de Mamoru um novo nível de concentração. Ficou triste quando o sino tocou, sinalizando o fim do treinamento. Pernas tremiam e suor pingava no tatame, conforme os garotos guardavam os materiais e rumavam para a aula de história. Pelo menos Kwang não tinha desmaiado, como acontecia com muitos novos alunos durante as aulas de esgrima do sensei Yukino, embora ele não parecesse conseguir andar sem se apoiar na parede.

— Vamos lá, garoto da cidade — provocou Yuuta, passando o braço pelo de Kwang, enquanto saíam do dojo. — Pode se apoiar em mim.

— Mamoru. — O sensei Yukino o interceptou antes que pudesse seguir os colegas para fora do salão. — Ótimo trabalho hoje.

— Obrigado, sensei.

— Fico feliz de ver seu controle evoluindo no mesmo ritmo dessa sua

velocidade absurda.

Mamoru assentiu. Vindo do espadachim outrora conhecido como Dai Relâmpago, era um elogio e tanto.

— Faz tempo que não tenho a chance de conversar com seu pai ou seu tio — continuou o sensei Yukino, guardando uma bokken sobressalente no armário. — Algum deles está praticando a Lâmina Sibilante com você?

— Eu... — Mamoru sentiu o sorriso murchar. — Meu pai está tentando.

— Que bom — respondeu o sensei, com sinceridade. O orgulho nos olhos dele fez Mamoru querer se encolher de vergonha.

Havia pouca coisa que Mamoru não aprendia com facilidade, mas já fazia quase um ano que o pai tentava lhe ensinar a Lâmina Sibilante, e ele ainda não chegara nem perto de dominá-la. Por séculos, a família Matsuda passara de geração em geração o segredo para criar armas de gelo imbatíveis. A técnica era tão complicada que ninguém que não fosse Matsuda jamais a desvendara... e Mamoru estava começando a se perguntar como *qualquer pessoa* sequer a entendera.

Não bastava ser um excelente espadachim. Não bastava ser bom em invocar e moldar gelo. A Lâmina Sibilante vinha de algo mais profundo, que Mamoru simplesmente não compreendia. O pai compreendia, mas Matsuda Takeru não tinha a habilidade mágica do sensei Yukino de transformar sua habilidade em palavras. Não importava como ele explicasse, Mamoru não conseguia entender.

— Não estou indo bem — confessou, antes que mudasse de ideia. — Meu pai está frustrado comigo.

Ele se arrependeu assim que as palavras saíram de sua boca. Era mais do que inapropriado que um aluno discutisse os problemas domésticos com um professor, e era proibido que um Matsuda falasse dos detalhes da Lâmina Sibilante com qualquer pessoa fora da família.

— Queria poder ajudar — respondeu o mestre espadachim, depois de um

momento —, mas sou um Yukino e não sou seu pai. Mesmo que eu pudesse conversar com você sobre esse assunto, não teria como ajudar muito. Não sei quais são as habilidades necessárias para a Lâmina Sibilante.

— Sei disso, sensei — disse Mamoru, encarando os próprios pés. — Me desculpe. Eu não devia ter...

— Mas sei reconhecer um grande jijaka. Sei que sua nyama possui a mesma força que a de seu pai e de outros grandes guerreiros da sua linhagem.

Mamoru assentiu, mas o poder Matsuda não era necessariamente o bastante. O maior propósito de um Matsuda era se transformar em uma arma forte para defender seu Império de qualquer coisa. Era para isso que Mamoru e todos os homens da linhagem dele tinham nascido. Apesar disso, muitos Matsuda tentavam a vida toda e jamais produziam uma Lâmina Sibilante.

Desde que crescera um pouco e passara a imaginar o futuro, Mamoru cultivara aquela imagem do homem perfeito, do guerreiro perfeito, empunhando a Lâmina Sibilante. Já tinha quase a idade para lutar, mas aquele homem ainda parecia distante...

— E se isso não bastar? E se...

Um Matsuda não deveria temer nada, mas ali estava Mamoru, com medo demais para completar a frase. *E se eu não for o suficiente?*

— Mamoru-kun — a voz do sensei se suavizou —, seu pai tinha 16 anos quando dominou a Lâmina Sibilante. Seu tio, um ano a mais que isso. E os dois estão entre os mais jovens mestres da história. Você tem tempo. Prometo que vai ficar tudo bem.

— O senhor não pode prometer isso. — Nervoso, Mamoru era incapaz de controlar as idiotices que escapavam da própria boca. — Já houve outros Matsuda com jiya poderoso que nunca conseguiram dominar a técnica. Como o senhor pode ter tanta certeza?

— Porque eu conheço você para além de sua linhagem e do seu poder bruto, Mamoru-kun. No tempo que leva para qualquer garoto comum

compreender uma técnica, você já a aperfeiçoou e a expandiu para todos os possíveis usos... a ponto de ser irritante para o seu professor.

— Desculpe por is...

— Mas não tenho dúvidas de que foi exatamente esse tipo de criatividade que deu origem à Lâmina Sibilante. Essa mesma criatividade que atrapalha tanto as minhas aulas pode ser sua salvação como guerreiro. Bote esse cérebro para funcionar e tenho certeza de que vai superar todas as expectativas... inclusive as suas.

Mamoru abriu a boca, mas estava tão atordoado — tão emocionado — que não soube como agradecer. Como se agradecia por um elogio que não tinha merecido?

— Agora, vá para a aula — disse o sensei Yukino, meneando a cabeça na direção da porta.

— Sim, sensei. — Mamoru baixou a cabeça, catou suas coisas e se apressou atrás dos colegas.

Depois da agitação do treino de esgrima, a aula de história era sempre uma tortura. Quando o vento estava forte, a escola inteira rangia feito um navio antigo, e a voz do sensei Hibiki parecia se misturar aos gemidos lentos das vigas de madeira.

— *Muitos fatores levaram à Grande Guerra, que o povo de Yamma chama de Keleba. Ke-le-ba.* — O sensei Hibiki escreveu em yammaninke no quadro, e Mamoru cravou os dentes nos nós dos dedos da mão esquerda, torcendo para a dor mantê-lo acordado. — *Primeiro, havia tensão entre os poderes coloniais, Yamma e Sizwe, que viviam competindo pelos recursos de Baxaria. Em seguida, surgiu a tensão criada pelas colônias baxarianas, que rejeitaram o governo de Yamma e de Sizwe. Por último, é claro, houve a tensão entre nosso grande império e os rebeldes extremistas no ocidente, que viriam a trair o imperador para formar a União Ranganesa.*

— *Você não vai anotar nada?* — sussurrou Mamoru para Kwang, percebendo que o novato sequer pegara na caneta.

— Ah, não preciso. Estou acostumado a aprender ao estilo yammanka, só ouvindo. Além disso — murmurou ele, ainda mais baixo —*, já ouvi toda essa baboseira antes.*

– O quê? — Mamoru se inclinou, na dúvida se tinha ouvido direito. Kwang havia mesmo chamado a lição de história do sensei Hibiki de *baboseira*?

— Matsuda-san — disse o sensei Hibiki, irritado —, nada de conversar durante a aula.

— Perdão, sensei — respondeu Mamoru, e o professor voltou à palestra.

— Bom, há muitas datas importantes em relação à Keleba que vocês precisam conhecer. A primeira é 5153. — Ele escreveu a data no quadro. — *Esse foi o ano da primeira rebelião abiriana, quando um grupo de extremistas violentos, autointitulado Confederação Comuna, reuniu seguidores o bastante para montar uma resistência armada contra o Império Yammanka. Abiria, apesar de afligida por conflitos tribais internos e de não ter um governo estável, queria independência de Yamma. Claro que esses rebeldes desorganizados foram rapidamente subjugados pelas forças superiores de Yamma.*

Atrás dele, Mamoru pensou ouvir Kwang soltar um "hum" crítico, mas, quando se virou para olhar, o nortenho estava quieto, prestando atenção.

— Os abirianos, com seus genes inferiores, sofreram uma derrota inevitável. Os yammankalu são tajakalu de sangue puro, nascidos e criados para usar seus poderes, enquanto os abirianos que os combatiam eram mestiços, produtos de uniões entre nativos abirianos, yammankalu, imigrantes kaigeneses e, o pior de tudo, escravizados brancos. Esse tipo de impureza dilui as energias divinas que dão aos teonitas seu poder. Mestiços teonitas como os abirianos jamais seriam capazes de resistir sem auxílio a um exército de tajakalu de sangue puro.

"Agora, quero passar a vocês diversas datas relacionadas à competição entre Yamma e Sizwe pelos territórios coloniais."

Mamoru tentou tomar notas conforme o sensei Hibiki prosseguia em kaigengua, mas se pegou desenhando na folha. Começou fazendo a lâmina reta de uma espada, mas um sopro de vento atingiu a escola e a caneta deslizou, fazendo a espada se transformar em água. Mamoru seguiu aquela

nova curva e acrescentou linhas abaixo, transformando-a em algo parecido com a onda Tsusano, o brasão da família da mãe. Mais ondas surgiram ao lado do brasão Tsusano, algumas virando peixes, e Mamoru já tinha preenchido metade da página com um mar tormentoso quando se lembrou de que deveria estar prestando atenção na aula.

— *Isso nos leva aos acontecimentos imediatamente anteriores à Keleba em si* — continuava o sensei Hibiki, e Mamoru tentou voltar a se concentrar na lição. — *Em 5286, surgiu a União Carythiana, que se rebelou contra o governo yammanka.* — O sensei anotou o ano no quadro. — *Já em 5287* — ele escreveu a data seguinte, e Mamoru correu para tirar o atraso das anotações —, *a colônia sizweana de Malusia foi palco de uma grande revolta que abalou o controle de Sizwe em toda a região. Ao mesmo tempo, houve uma erupção de revoltas populares na parte ocidental do Império Kaigenês, que foram logo abafadas pelo exército imperial, mas que serviram de aviso para as rebeliões maiores que estavam por vir...*

"Em 5288, sob a influência de políticos corruptos, um grupo de cidades chefiado por Ranga se rebelou contra o Império Kaigenês. Essa rebelião foi derrotada no mesmo ano, e seus líderes, publicamente executados por traição ao Império.

"Em 5289, Yamma derrotou Sizwe na disputa pelo controle de Malusia e fez pressão para tomar as outras colônias sizweanas também, aprofundando as antigas tensões entre os dois superpoderes kelenduguka.

"Em 5290, as províncias ocidentais de Kaigen se rebelaram mais uma vez. Usando propaganda e falsas promessas, os rebeldes thulanistas conseguiram convencer o povo ignorante de Ranga a segui-los em maiores números do que antes. Ao mesmo tempo, a Confederação Comuna de Abiria fez uma segunda tentativa de conseguir a independência, como tinha feito em 5153, sob a mesma bandeira.

"Ao fim daquele ano, no dia 28 de kribakalo, terroristas ranganeses atacaram a cerimônia de formatura da Academia Alvorecer, em Carytha, e mataram o diretor, Oyede Biida, além de diversos alunos yammanka e kaigeneses. Foi depois desse ataque maldoso e covarde que Yamma concordou em apoiar nosso grande império na luta contra os rebeldes

ranganeses.

"No início do ano de 5291, os yammanka se aliaram a nós, trazendo tropas estrangeiras para solo kaigenês pela primeira vez. Em resposta ao envolvimento deles, Sizwe se aliou tanto aos nossos inimigos rebeldes quanto aos rebeldes abirianos, que lutavam contra Yamma por independência. Isso levou a uma guerra direta entre Yamma e Sizwe, em que Abtya se aliou a Yamma.

"O ano de 5292 marcou a única vez na história de Duna em que todos os maiores poderes teonitas... Kaigen, Yamma, Abtya e Sizwe... estavam em guerra. Foi nesse ano que os fonyakalu ranganeses lançaram seu ataque sobre Shirojima e foram prontamente derrotados.

"No fim, a vitória na guerra depende sempre das linhagens."

O sensei Hibiki virou-se para encarar a turma com um floreio teatral.

— Nós, da Espada de Kaigen, somos abençoados com as melhores e mais puras linhagens do mundo. Matsuda — disse ele, apontando para Mamoru —*, Yukino* — ele indicou Yuuta, depois seguiu apontando para todas as outras grandes casas representadas na sala de aula: *–, Ameno, Ginkawa, Ikeno, Katakouri, todos vocês pertencem a uma corrente de grandes guerreiros que se estende até eras lendárias.*

"Desde o nascimento de Kaigen, esta península sempre resistiu aos inimigos sem vacilar. Por isso somos chamados de Espada de Kaigen. E mais uma vez, durante a Keleba, os Matsuda, os Yukino e os outros poderosos jijakalu da Península Kusanagi rechaçaram os inimigos em uma vitória arrebatadora."

Dessa vez, Mamoru teve certeza de ter ouvido um bufar de desdém atrás de si, mas manteve a atenção na aula, enquanto o sensei Hibiki prosseguia:

— Pois este lugar é a Espada de Kaigen; atacá-la significa a morte. Quando a armada ranganesa alcançou a Península Kusanagi, os guerreiros das casas Matsuda, Yukino, Ameno, Ikeno e Ginkawa, com todos os seus guerreiros vassalos, formaram uma fileira ao longo da praia. Assim que soube dos navios ranganeses, nossa capital pediu ajuda a Yamma, mas, quando as forças yammanka chegaram à nossa península, os soldados jijaka daqui... seus avôs e bisavôs... já tinham acabado com os invasores ranganeses.

"Pilotos yammanka contam que sobrevoaram a península e encontraram as praias cobertas de vermelho, como a ponta de uma lâmina que provou a vitória. Prontos para a batalha, os yammanka pousaram apenas para descobrir que a batalha já havia acabado. Os corpos no mar usavam uniformes ranganeses. O vermelho que manchava a areia era o sangue impuro dos fonyakalu. Pois os guerreiros de Kusanagi tinham lutado com tanta fúria que não houve quase nenhuma baixa kaigenesa."

Mamoru ouviu Kwang soltar uma inconfundível risadinha abafada. O sensei Hibiki também ouviu.

– Acha nossa história engraçada, Kwang-san?

– Não, sensei. Me desculpe.

O sensei Hibiki lançou a Kwang um olhar frio e se voltou para o restante da turma para seguir com a aula, dessa vez usando o dialeto.

— Esse é o passado de vocês. Sua herança. Vocês estão nesta escola porque são descendentes dos maiores guerreiros que Duna já conheceu. O melhor sangue do mundo flui em suas veias. Se aprenderem direito e trabalharem duro, a Espada de Kaigen sobreviverá, cintilante e afiada, para ser passada a seus filhos, e então aos filhos deles.

Misaki

Em seu primeiro ano na academia teonita, Misaki tirara nota máxima em todas as disciplinas. No segundo ano, alcançara um dos tempos recorde na disciplina de agilidade, perdendo apenas para Robin Thundyil. No terceiro ano, vencera alguns dos mais temidos lutadores de facão de Carytha em combate. Quando adolescente, tinha orgulho dessas conquistas... sem se dar conta de que, aos 34 anos, seu maior feito seria colocar cinco crianças agitadas para tirar um cochilo ao mesmo tempo.

— Conseguiu? — sussurrou ao voltar para casa carregando um menino

sonolento de 5 anos no colo.

— Consegui! — confirmou Hyori, enquanto Misaki usava os dedos dos pés para descalçar os sapatos. — Estão todos dormindo, como você planejou.

Hiroshi tinha pegado no sono no colo de Misaki durante a volta da escola fundamental. Depois de duas horas de treino de esgrima com crianças com o dobro do tamanho dele, até o menininho ficava exausto. O cabelo estava úmido de suor, e as mãozinhas, cheias de bolhas de segurar a espada de treino grande demais, mas ele não reclamara de nada, apenas apagara silenciosamente no colo da mãe e se permitira ser carregado o resto do caminho.

Era uma criatura esquisita, seu segundo filho. Misaki soube, desde que ele não passava de uma pequena pulsação dentro dela, que puxaria ao pai. Frio. Diziam que todo jijakalu nascia com algo do mar dentro de si, mas a maioria dos mares tinha correntezas frias e quentes, fontes vulcânicas nas profundezas, água fluindo livre entre o gelo. Mesmo o mais frio dos jijakalu tinha algo de cálido na alma... ao menos era o que Misaki pensava, antes de se casar com um Matsuda. Hiroshi nasceu com a calma mortal de um mar congelado. Assim como o pai, era frio ao toque, não importava o humor ou quanto se exercitasse. Até o suor dele era frio, como o orvalho da manhã.

O menino murmurou alguma coisa sobre posição dos pés quando Misaki o deitou no futon onde Ryota e Nagasa já cochilavam.

— *Shhh* — sussurrou Misaki no ouvido dele. — Estamos quase conseguindo os cinco.

— O quê? — Hiroshi abriu os olhos.

— Nada. — Misaki tocou a testa dele, deitando-o ao lado do irmão. — Nada, meu guerreirinho. Pode descansar.

— Hum. — Hiroshi assentiu e pegou no sono.

— Conseguimos! — sussurrou Misaki, ao sair e fechar a porta. — Os cinco estão apagados.

— Quanto tempo você acha que dura? — perguntou Hyori.

— Não muito, provavelmente. — Misaki suspirou, deixando-se cair nas almofadas ao lado das duas mulheres. — Os meninos estão bem cansados, mas os bebês vão ficar com fome logo, logo.

Misaki queria muito fechar os olhos e tirar um cochilo também, mas sabia que precisava aproveitar que não tinha um bebê chorando nos braços para adiantar algumas coisas, então se levantou e pegou a caixa de costura. O brasão da família nas costas do haori de Takeru estava desfiando e precisava ser refeito. Com cuidado, ela escolheu a linha do tom certo para combinar com os diamantes azuis e brancos do brasão Matsuda e a passou pela agulha.

Na época em que a família Matsuda estava no auge do poder, desde as guerras de sucessão de Kaigen até a Keleba, aquela antiga propriedade era cheia de servos que passavam o dia cozinhando, limpando e costurando para a senhora da casa. O pai de Takeru vivia reclamando que as casas vassalas não enviavam mais servos, mas Misaki não podia culpar os konoru mais pobres por abandonarem uma casa que não conseguia mais sustentá-los.

Houve um tempo em que casas guerreiras como a Matsuda ganhavam dinheiro treinando os filhos de casas menores em jiya e em esgrima. Em épocas de agitação, quando batalhas eram comuns, havia muitos alunos, mas em tempos de paz a história era outra. Nas décadas desde a Keleba, mesmo a promessa de treinar com os maiores espadachins de Kaigen não bastara para manter os konoru em Takayubi.

Ainda assim, o brasão Matsuda era um símbolo de orgulho, e Misaki garantia que ele ornasse cada casaco, quimono e haori que possuíam.

— Eu também devia trabalhar um pouco — disse Hyori, pegando o próprio projeto de costura da bolsa que trouxera de casa.

Mesmo cansada de costurar os mesmos quatro diamantes em dezenas de peças de roupa, Misaki não invejava o trabalho de Hyori; a insígnia dos Yukino era um floco de neve.

— Está tão silencioso — comentou Setsuko. — Não lembro a última vez que a propriedade ficou tão tranquila. Acho que você é um gênio, irmãzinha.

— Bom, eu tento. — Misaki sorriu.

— E pensar que a coitada da minha mãe criou nove filhos em uma casa do tamanho deste cômodo! Não foi à toa que ela ficou maluquinha — disse Setsuko.

— Ah, como está sua mãe, Setsuko? — perguntou Misaki, virando-se para a concunhada. — Você foi visitá-la umas semanas atrás, não foi?

Misaki estivera tão ocupada lidando com o recém-nascido e os dois meninos mais velhos que não tivera um momento de paz para perguntar sobre a viagem.

— Minha mãe está bem, ainda com uma saúde assustadoramente boa, mas está ficando velha. Como eu disse, está perdendo um pouco o juízo. Tem certeza de que os ranganeses estão para cruzar o oceano e nos atacar.

— Por que ela acha isso? — Hyori riu, mas Misaki ficou imóvel, aumentando o aperto na agulha.

— Ela disse que tem um pressentimento. "Intuição de pescadora" ou algo do tipo. Falou que o vento dos fonyaka tem um gosto diferente da maresia comum.

— Que comentário esquisito — disse Hyori.

— Bom, a mãe de Setsuko passou noventa anos vivendo no mar — apontou Misaki. — Ela estava presente na última invasão ranganesa. Vai ver sabe de coisas que nós não sabemos.

— Você acha que a doidinha da minha mãe tem razão? — perguntou Setsuko, achando graça.

— Se os ranganeses atacassem mesmo, esta área seria a primeira a perceber — respondeu Misaki —, e a primeira a ser atingida.

A península Kusanagi se estendia longamente pelo mar Kaigenês adentro, barrando o caminho para os portos e costas do arquipélago. Qualquer invasor

vindo do mar teria que passar por aquele território montanhoso e seus habitantes primeiro.

— Mas não temos por que temer Ranga — disse Hyori, com desdém. — Nossos irmãos e maridos são poderosos e rechaçariam qualquer invasor. E, de todo modo, se houvesse alguma ameaça séria da parte dos ranganeses, nosso governo teria nos informado.

— Talvez — disse Misaki, sem confiança.

— Como assim "talvez"?

— Quer dizer... — Misaki hesitou. — Bom, o noticiário não é necessariamente honesto.

— O quê? — Hyori pareceu chocada e Misaki se arrependeu de ter falado.

— Misaki-chan às vezes fala umas coisas estranhas e agourentas — respondeu Setsuko, lançando um olhar reprovador para a concunhada. — Não dê muita atenção a isso.

Hyori, porém, ainda encarava Misaki, confusa.

— Você... está dizendo que o governo mente para nós?

A resposta era "sim", mas Misaki não podia falar isso diretamente. Não era o tipo de coisa que se falava em Kaigen.

— Misaki? — insistiu Hyori, e havia tanto medo e mágoa naqueles belos olhos que Misaki precisava responder alguma coisa. Mordeu o lábio, escolhendo as palavras com cuidado.

— Estudei com vários jaseliwu yammanka — disse, por fim. — Os autoproclamados guardiões da história de Yamma. O engraçado desses jaseliwu era que, dependendo de sua família, de sua região natal em Yamma, e dos koronu aos quais serviam, eles contavam histórias muito diferentes. Às vezes, dois jaseliwu se sentavam lado a lado e contavam versões conflitantes do mesmo evento. Eu conversei com um deles e perguntei como ele podia afirmar que sua história era verdadeira, quando o jaseli ao lado me contava outra versão e proclamava que aquela era verdade. Na minha cabeça, um dos dois

tinha que estar mentindo. Disse isso a ele.

— E o que ele respondeu? — perguntou Setsuko.

— Ele falou: "Existem milhões de maneiras de contar a mesma história, e nosso trabalho como jaseliwu é encontrar aquela que o ouvinte precisa escutar. Não é necessariamente aquela que o deixa mais feliz ou que dá a ele mais informações, mas aquela de que ele precisa para fazer o que tem que fazer". Ele me disse que era assim que os jaseliwu cuidavam dos koronu e dos outros kafokalu.

— Muito bem — disse Hyori, obviamente confusa. — E o que isso tem a ver com nosso governo?

— Bom, eu acho que esse é o jeito de o governo kaigenês cuidar de nós. Da mesma forma como um jaseliwu de Yamma cuida de seu koro.

Claro que, em Yamma, os jaseliwu tinham liberdade para decidir como cantavam suas canções e contavam suas histórias, não havia roteiros pré-aprovados pelo governo... mas Hyori não gostaria desse assunto.

— Nosso imperador nos diz aquilo que precisamos ouvir — completou Misaki.

Pelo modo como Hyori a encarava, percebeu que ela não entendia.

— Então, você acha que o governo tem razão a respeito da nossa segurança? Ou acha que minha velha mãe pode estar certa? — perguntou Setsuko.

— Bom, faz muito tempo que não saio do país — admitiu Misaki —, mas sei que os fonyakalu são capazes de mais coisas do que os kaigeneses pensam.

— É mesmo? — Hyori soou cética. — Que coisas?

— Na época em que os ranganeses se separaram do império, a guerra era diferente. O exército do Império Kaigenês sempre se baseou em jijakalu como nós, e os fonyakalu ficavam em segundo plano.

— O que é normal. Os fonyakalu são plebeus sem treinamento. Os jijakalu são mais puros, mais fortes — disse Hyori.

— Bom, isso não é verdade. Nem sempre.

— Do que você está falando? — perguntou Hyori, soando um pouco irritada. — Se os fonyakalu fossem mesmo tão bons quanto nós, por que nosso Império manteria um exército apenas de jijakalu?

— Porque Jungsan, Shirojima e Haijing, os principais centros de poder do Império, sempre foram habitados principalmente por jijakalu — contou Misaki, a costura esquecida no colo. — O sucesso da Revolução Ranganesa provou que uma grande força de fonyakalu, mesmo desorganizada, pode derrotar um exército jijaka.

— Mas eles não nos derrotaram. A revolução fracassou — retrucou Hyori, indignada.

— Bom, o Império foi dividido ao meio — disse Setsuko.

— Mas eles não venceram nosso exército, de fato — insistiu Hyori. — Assim que eles chegaram ao mar, nós os rechaçamos de volta para o interior.

— Certo. — Misaki tinha se esquecido de que era isso que ensinavam nas escolas de Kaigen, mas não queria discutir com Hyori no momento. — Tem razão, mas isso é parte do que estou falando. Durante a Keleba, o exército ranganês não era muito bem-organizado nem treinado. Os fonyakalu nunca haviam trabalhado juntos em um número tão grande, então não conheciam formações militares especializadas para fazer frente às nossas ou às de Yamma, mas a União Ranganesa já é um governo soberano há 78 anos. Tiveram décadas para descobrir como formar uma unidade de ataque funcional. Os grupos de fonyakalu de hoje conseguem realizar feitos que, cinquenta anos atrás, ninguém nem sonharia.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Hyori.

— Quieta, Hyori-chan — disse Setsuko, em um sussurro conspiratório. — Takeru-sama não gosta que ninguém fale disso, mas Misaki-chan morou fora de Kaigen por um bom tempo.

— Não! — Os belos olhos de Hyori se arregalaram de surpresa.

— É verdade. Quando era adolescente, ela estudou em uma escola

estrangeira chique, em Carytha — disse Setsuko.

— Carytha! — Hyori arregalou ainda mais os olhos. — Tão longe!

— Pois é — disse Setsuko, divertindo-se com a surpresa da mulher mais jovem. — E nessa escola estrangeira esquisita, Misaki fez um monte de amigos estrangeiros esquisitos, incluindo uma colega de quarto que era... — Setsuko fez uma pausa dramática antes de completar: — Uma fonyaka ranganesa!

— Não! — exclamou Hyori de novo, largando a costura para levar as mãos à boca. — Misaki-chan, você não tinha medo?

— Que nada — respondeu Misaki, sem erguer os olhos da própria costura. — Ela era só uma menina de 13 anos, e acho que tinha mais medo de mim do que eu dela... Pelo menos até a gente se conhecer melhor.

— Mas vocês não ficaram amigas de verdade, né? — perguntou Hyori, nervosa. — Quer dizer, ela era ranganesa!

Misaki deu de ombros.

— Brigamos bastante durante os dois primeiros anos. Eu não gostava muito da educação dela... — Misaki resolveu parar por aí. Tentar explicar seus tempos de escola para Hyori provavelmente não resultaria em nada de bom. Em geral, achava má ideia conversar sobre a Academia Alvorecer com qualquer pessoa além de Setsuko... e mesmo Setsuko não entendia de verdade. A compreensão de uma pessoa que passara a vida inteira no mesmo pequeno aglomerado de ilhas tinha suas limitações.

— E essa sua colega de quarto fonyaka... Foi com ela que você aprendeu todas essas coisas sobre o exército ranganês? — perguntou Hyori.

— Algumas, sim.

Ela também tivera outros amigos, conhecidos e professores ranganeses, mas Hyori não precisava saber disso.

— Bom, então ela provavelmente estava inventando — disse Hyori, com o tipo de confiança ingênua que era fruto de uma vida passada na névoa do nacionalismo. — Todo mundo sabe que não se pode confiar no povo ranganês.

Misaki não respondeu.

— Além disso — continuou Hyori, firme —, não importa que a União Ranganesa tenha se fortalecido, porque Kaigen também está mais forte. Qualquer reportagem mostra que nosso exército está maior do que nunca e nossa economia não para de crescer.

Misaki não comentou nada, concentrando-se na costura. Pessoalmente, suspeitava que Kaigen não estivesse vivenciando o paraíso econômico que os jornalistas na televisão anunciavam. Se estivesse, decerto essa riqueza não chegava em Shirojima. A vila de pescadores de Setsuko estava passando por um período difícil e, na última visita, os pais de Misaki haviam contado que duas das maiores fábricas perto de Ishihama haviam fechado, deixando mil pessoas sem emprego. Anos antes, o Império prometera uma linha de trem moderna que conectaria as principais ilhas de Shirojima, mas o projeto jamais fora concluído.

— É ridículo pensar que Ranga seja uma ameaça para nós. Qualquer guerreiro sabe que Kaigen tem os lutadores mais fortes — comentou Hyori.

— Qualquer guerreiro sabe que até os mais fortes não podem se dar ao luxo de se tornarem complacentes — murmurou Misaki.

— O que disse?

— Nada. — Misaki balançou a cabeça. — Bobeira.

Enquanto Setsuko ria e tranquilizava Hyori, Misaki encarou o tecido azul em seu colo e se perguntou por que não tinha pensado naquilo antes. Com a Keleba, Kaigen perdera suas principais províncias agricultoras, boa parte da mão de obra não remunerada e muitas das maiores rotas comerciais... recursos que naquele momento pertenciam à União Ranganesa.

Os fonyakalu da Academia Alvorecer tinham sido capazes de coisas que Misaki jamais teria imaginado, e isso fora muito tempo antes. Depois de mais quinze anos de treinamento, quais seriam os poderes do exército de Ranga? Kaigen podia ter escapado do colapso total na última guerra contra eles, mas

será que o Império resistiria a outro ataque? Quando Misaki parava para juntar todas as peças, fazia sentido que Ranga estivesse muito mais forte do que na época da Keleba, e Kaigen, muito mais fraco.

Mas ali, obscurecida pela névoa no alto de Takayubi, onde nada parecia ter mudado em mil anos, era fácil acreditar na fantasia de um mundo estável.

Mamoru

No almoço, enquanto a turma seguia para o pátio, Mamoru acelerou o passo para alcançar Kwang.

– *Por que você fez aquilo?* – perguntou ele, passando a caminhar ao lado do garoto da cidade.

— *O quê?*

– *Lá na aula de história. Por que você riu?*

– *Eu estava tentando não rir. E não chamaria de história a palhaçada que aquele jaseli estava cuspindo.*

– *Como assim?* — questionou Itsuki, quando ele e Yuuta os alcançaram.

— *Vocês sabem que metade das coisas que ele fala não são nem verdade, não sabem?* — Kwang olhou para os três garotos de Takayubi. — *É propaganda.*

– *Propaganda?* — Mamoru só tinha ouvido aquela palavra umas poucas vezes. Dizia-se que a União Ranganesa usara propaganda para convencer os cidadãos ignorantes a travar suas batalhas. Era uma tática ranganesa. Kaigen não usava propaganda. Todo mundo sabia disso.

— *Por Falleke!* — praguejou Kwang. — *Vocês aqui desta vila acreditam mesmo nisso tudo? Acreditam em tudo que o governo diz?*

— *Por que não acreditaríamos?* — perguntou Itsuki, com sinceridade.

– *Vocês precisam enxergar o que está acontecendo.* — A voz de Kwang soou quase suplicante enquanto ele encarava o rosto de cada garoto. — *O imperador está*

usando vocês.

– Nós ficamos felizes de servir ao imperador — respondeu Yuuta, impetuoso. — *Como ele estaria nos usando?*

– Ele espalha mentiras sobre Ranga e sobre os próprios ancestrais de vocês. Faz com que pensem que são invencíveis, mas não são.

– Nós somos a Espada de Kaigen. Os defensores do Império — rebateu Yuuta, firme.

Kwang bufou.

— Um jeito bonito de dizer "bucha de canhão".

A voz de Mamoru se tornou fria como gelo.

– O que você disse?

Kwang ficou tenso, deixando claro que notava a fúria fervente da nyama de Mamoru. Observou os olhos do nortenho brilharem, indecisos, então sentiu uma pontada relutante de admiração quando ele se recusou a recuar e o encarou nos olhos.

— Eu disse que vocês são bucha de canhão. — A voz de Kwang soou calma. — *O imperador conta historinhas mentirosas para manter vocês a postos e prontos para morrer por ele. Vocês podem se considerar grandes guerreiros com algum propósito nobre, mas, aos olhos da capital, não passam de presas para o abate.*

Mamoru ficou parado, encarando Kwang com olhos estreitados. O oceano fervilhava nos punhos dele.

— Retire o que disse.

– Não vou retirar nada — teimou Kwang. — *Vou almoçar.*

Ele fez menção de se afastar, mas Mamoru se colocou no caminho, barrando a saída do pátio.

– Eu falei para você retirar o que disse.

– Acha que tenho medo de você, Matsuda? — Kwang fechou as mãos em punhos, e Mamoru sentiu o jiya do garoto se agitar, pronto para agir. — *Não me importa que você seja um ótimo guerreiro. Se der mais um passo, eu vou...*

Mamoru deu um passo adiante.

– Vai o quê?

Kwang foi rápido. O soco que desferiu, com o punho envolto em gelo, teria acertado quase qualquer teonita, mas Mamoru não era qualquer teonita. Ele desviou do golpe e derrubou o garoto da cidade em um piscar de olhos. As costas de Kwang atingiram o chão de pedra com um estalo satisfatório, fazendo-o perder o fôlego.

Ainda atordoado, o nortenho tentou reunir o vapor d'água ao redor da mão para outro ataque, mas o jiya de Mamoru golpeou o dele, tirando as moléculas do controle do garoto. Mamoru puxou Kwang para ficar de pé pela frente do uniforme. Névoa se condensou na forma de uma lâmina de gelo no dorso de sua mão livre, despontando dos nós dos dedos e apontando para a garganta de Kwang. Aquela sasayaiba podia até não cortar aço, mas cortaria um corpo humano.

— Uou!

Mamoru mal escutou as vozes alarmadas de Itsuki e Yuuta sob a onda crescente de raiva.

— Calma, Mamoru-kun! Desfaz essa lâmina antes que a gente arrume problema!

— *Você é um bom lutador* — disse Kwang, de algum modo ainda soando arrogante, mesmo com uma lâmina na garganta —*, e seu orgulho caipira é adorável, mas é baseado em mentiras.*

Mamoru cerrou a mandíbula, e o gelo se tornou mais afiado.

— Mamoru-kun, você não quer matar ele!

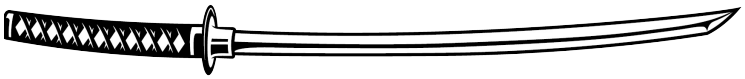
— Tem razão. — Mamoru soltou o ar e desfez sua lâmina em água. O que queria era dar um soco na cara arrogante de Kwang.

Então, deu.

Bem quando o diretor da escola adentrou o pátio.

3

O telhado



Mamoru encarava os próprios joelhos, mas sentia o olhar do diretor sobre ele. Kwang estava ajoelhado no tatame ao lado, com um lenço pressionado ao rosto para conter o sangue que escorria do nariz. O soco não quebrara nada, Mamoru sabia se controlar, mas o nortenho sangraria por um tempinho.

— Kwang Chul-hee é novo aqui — disse o diretor, soltando a caneta para unir as mãos na mesa à sua frente. — É possível que não tenha aprendido direito nas escolas anteriores, mas você, Mamoru, sabe que não é assim que guerreiros de Takayubi resolvem seus problemas.

Retraindo-se de vergonha, Mamoru fechou as mãos em punhos sobre os joelhos, os nós dos dedos da direita ainda doloridos.

— Sinto muito, senhor — disse, ainda de cabeça baixa.

— Eu é que sinto muito por você não ter dado um exemplo melhor para nosso novo aluno — respondeu o diretor, e a reprovação nítida na voz dele era insuportável. — Você tem talento, Mamoru, mas talento não significa nada sem autocontrole. Jamais será um Matsuda de sucesso caso continue colocando o orgulho acima dos princípios.

Com a garganta contrita pelo constrangimento, Mamoru apenas assentiu.

— E Kwang Chul-hee. — O diretor se virou para o garoto que sangrava. — Quero deixar claro que esse tipo de comportamento não é tolerado nesta

escola nem nesta vila. Os filhos de plebeus podem trocar socos no pátio da escola, mas guerreiros, não. Nós resolvemos nossos problemas em duelos. Da próxima vez que você e Mamoru discordarem, vão para o círculo de luta, sem envolver mais ninguém. Entendeu?

— Sim, senhor — murmurou Kwang, como pôde, com sangue ainda escorrendo do nariz.

— Como castigo, vocês dois vão ficar depois da aula para limpar todo o telhado... sem usar seus poderes.

Mamoru sentiu um aperto no peito. Não que a tarefa fosse extremamente difícil... ele só não queria cumpri-la com Kwang.

— Podem usar gelo para ancorar os pés, mas a limpeza será feita com as mãos. Kwang, entrarei em contato com seu pai para avisar que você vai ficar depois do fim da aula. Mamoru... — Ele encarou o sobrinho por um momento e suspirou. — Vou avisar a sua mãe quando chegar em casa.

A vergonha no peito de Mamoru se transformou em uma dor física. Precisou cerrar os dentes para se impedir de exclamar "Por favor, não conte para ela!".

Sabia que um guerreiro não deveria se importar com a opinião de uma mulher, mas não conseguia evitar. Temia decepcionar a mãe mais do que temia o olhar severo de qualquer homem. Ela era uma mulher pequena, com um sorriso doce e voz suave, mas um olhar inteligente e sagaz que Mamoru sempre achava um pouquinho perturbador. Às vezes, tinha a impressão de que ela enxergava dentro dele, o coração pulsante e as falhas que corriam por suas veias.

— Agora, vão — disse o diretor, agitando as mangas e retomando a caneta para continuar o trabalho. — Se limpem e não se atrasem para a próxima aula.

— Sim, senhor — responderam os dois, baixinho, e se curvaram antes de deixarem o escritório.

— *Como assim ele vai avisar a sua mãe quando chegar em casa?* — perguntou

Kwang, assim que se afastaram da sala do diretor. — *Você mora com o diretor? Espere.* — Kwang arregalou os olhos. — *Ele é seu pai?*

Mamoru soltou um ruído infeliz, levando a mão ao rosto.

— *Ele é seu pai?* — repetiu Kwang.

Pior.

— *Ele é meu tio.*

– *Uau!* — Kwang riu, estranhamente animado para um garoto que tinha acabado de levar um soco no nariz. — *Todo mundo na cidade é parente?*

Mamoru não respondeu, apenas disse, tenso:

— *Vamos ao banheiro limpar sua cara. Você está sujando tudo de sangue.*

– *Tecnicamente, quem sujou tudo com meu sangue foi você* — retrucou Kwang, mas seguiu Mamoru pelo corredor rangente até o lavabo. — *O diretor estava falando sério sobre desafiar pessoas para duelos? Vocês ainda fazem isso?*

– *De que outro jeito a gente ia resolver nossas diferenças?*

– *Sei lá. Conversando?*

Mamoru ficou tentado a comentar que fora Kwang quem dera o primeiro golpe, mas isso teria soado infantil, então, em vez disso, rebateu:

— *Talvez esse seja um luxo das cidades. Aqui, nós e nossas convicções permanecemos fortes.*

Enquanto Kwang se limpava, Mamoru ficou andando de um lado para outro no corredor em frente ao banheiro. Não havia motivo para permanecer ali; Kwang sabia voltar sozinho e Mamoru ainda poderia almoçar, caso se apressasse. Mesmo assim, não conseguiu ir embora. Não conseguiu afastar a sensação de que ainda não tinha resolvido a questão ali.

Enquanto ouvia a água correndo dentro do banheiro — Kwang lavando o sangue do rosto —, seu próprio sangue parecia se agitar. Fechou as mãos em punhos e sentiu os nós dos dedos pulsando com o eco do golpe no rosto do nortenho. A raiva ecoava também, deixando sua nyama inquieta de um modo que o garoto não conseguia acalmar.

Quando Mamoru perdia a calma, seu pai gostava de culpar Kaa-chan. O clã dela era colérico e impetuoso, nascido da espuma do mar e do quebrar das ondas. Não era a mais poderosa nem a mais habilidosa das casas guerreiras de Kaigen, mas os Tsusano tinham feito fama no campo de batalha pela fúria e pela energia sobre-humanas. Dizia-se que a força bruta de um verdadeiro Tsusano era tão instável e devastadora quanto uma tempestade marinha.

Só que Mamoru não era um Tsusano, mas um Matsuda. E os Matsuda não eram feitos de tempestade. Eram gelo; frios, calculistas e inflexivelmente íntegros. Ele não deveria permitir que suas emoções lhe deixassem de alma tempestuosa.

Você é gelo, lembrou a si mesmo, esfregando o polegar de um lado para outro sobre os nós dos dedos enquanto tentava pensar na maneira inflexível como um Matsuda lidaria com Kwang. Um guerreiro maduro obviamente se desculparia por ter perdido a cabeça. Como dissera tio Takashi, aquilo não era comportamento para um guerreiro.

Por outro lado, tio Takashi não sabia o que Kwang dissera antes de Mamoru o derrubar no chão do pátio. Kwang era um traidor do Império... ou pelo menos algo bem perto disso. Se estivesse apenas inventando historinhas para arrumar confusão, Mamoru não se daria ao trabalho de pedir desculpas; apenas levaria o garoto da cidade direto para a arena e o ensinaria a ter respeito na base da força. Mas se Kwang não estivesse mentindo... se ele não estivesse mentindo... Mamoru se recostou na parede, nauseado.

Seus pensamentos davam voltas atordoantes. Ainda estava tentando decidir o que fazer quando a porta se abriu e Kwang apareceu, secando sangue do lábio superior.

— *Ah, ainda está aqui?* — disse Kwang, calmo.

Mamoru respirou fundo e abriu a boca, torcendo para que as palavras certas lhe ocorressem. Não ocorreram. Então, pôs-se de joelhos e estendeu as mãos no chão diante de si.

— *Hã... O que você está fazendo?* — perguntou Kwang, apreensivo.

Mamoru se curvou até a testa tocar os dedos.

— Kwang-san, eu...

— *Eu recuso* — disse Kwang, depressa.

— *O quê?* — Mamoru ergueu o rosto.

— *Se está me desafiando para um duelo, eu recuso... ou me entrego, me rendo, sei lá o que vocês fazem. Eu vi você na aula de esgrima. Não vou lutar com você. Você não pode me obrigar.*

– *O quê? Não é isso que estou fazendo* – respondeu Mamoru, levando a testa ao chão de novo. – *Eu queria pedir desculpas. Não deveria ter falado aquelas coisas. Um guerreiro não deve perder a cabeça assim. Eu errei.*

– *Errou?*

– *O quê?*

– *Você é patriota e leal. É exatamente o que todo mundo disse para você ser.*

Havia um tom condescendente na voz de Kwang que fez Mamoru contrair os dedos, querendo fechá-los em punhos, mas ele estava tentando demonstrar autocontrole, não perder a cabeça de novo. Quando não soube o que responder, voltou a apoiar a testa nos dedos com mais firmeza, preocupado de erguer a cabeça e levar um soco de Kwang.

– *Levanta* — disse Kwang, depois de um momento. Quando Mamoru não se mexeu, ele acrescentou, impaciente: — *Por favor. Eu quero mostrar uma coisa.*

Kwang enfiou a mão dentro do uniforme e pegou o menor aparelho de info-com que Mamoru já vira. A tela retangular era pouco maior que sua palma.

— *Você trouxe isso para a escola?* — questionou Mamoru.

Nem sabia se aparelhos de info-com eram permitidos em Kumono, mas tinha a impressão de que não eram.

— *Eu levo para todo canto* — respondeu Kwang, digitando um comando no elegante dispositivo de vidro. — *Garotos da cidade fazem isso. Deixa eu só ver...* — Ele

deu uns toques na tela, buscando alguma coisa. — *Aqui.*

Kwang fez surgir o holograma mais nítido que Mamoru já tinha visto, uma estátua alta de obsidiana no meio de uma praça ensolarada.

— *O que é isso?*

– *Perto da capital de Yamma tem um parque enorme cheio de memoriais em homenagem aos soldados que morreram em praticamente todas as batalhas que Yamma já travou. Quando meu pai estava trabalhando em Kolunjara, eu tinha tempo de sobra para passear, e encontrei esse memorial.*

O cintilante vidro negro tinha o formato de um jato de combate e, ao lado, uma pilota yammanka com o capacete apoiado no quadril, as longas tranças presas atrás e o queixo erguido rumo ao sol.

Mamoru tinha ouvido falar que o exército e a aeronáutica de Yamma aceitavam mulheres, mas era meio estranho ver uma jovem curvilínea em um uniforme militar completo. Não caía mal nela, pensou Mamoru, observando a pilota de obsidiana; ela parecia forte. Mas ainda era estranho.

– *Essa estátua... na verdade, toda essa área do parque... é dedicada aos yammanka que morreram lutando em Kaigen.*

– *Mas nenhum yammanka morreu em Kaigen* — respondeu Mamoru, confuso. — *O sensei Hibiki acabou de nos contar que o Império expulsou os ranganeses antes mesmo de o reforço de Yamma chegar.*

– *Bom...* — Kwang digitou um comando no aparelho de info-com e a imagem deu um zoom em um conjunto de letras yammanka brancas na base da estátua.

— *Bundanu... bundanuttaananu sayara ka...* — começou Mamoru, lendo a inscrição, embora não falasse muito bem o yammaninke.

— *Bundanuttaananu sayara ka dima Kaigenka kelejonyunu ye Kusanagi Gungille la to hakili da* — completou Kwang, depois traduziu para ele: — *Em memória dos guerreiros que perderam a vida defendendo os aliados kaigeneses na Península Kusanagi.*

A base do memorial estava lotada de talismãs de Falleya, do tipo que

familiares faziam à mão e penduravam no túmulo dos entes queridos. Ficava claro pela foto que pessoas de verdade visitavam aquele lugar para prestar seus pêsames e relembrar... Mas como era possível? Como era possível? O sensei Hibiki dissera que nenhum yammaka tinha morrido em Shirojima. Nenhum.

— *Eu também fiquei surpreso* – disse Kwang, que parecia observar o rosto de Mamoru com atenção. — *Perguntei aos jaseliwu do parque e eles disseram que mais de quatrocentos soldados yammanka morreram aqui.*

– O quê?

– A maioria foi do reforço aéreo. Os jatos yammanka eram os melhores da época. Parece que os fonyakalu os derrubavam do céu e arremessavam em cima das tropas kaigenesas no solo.

A escola balançou, desequilibrando Mamoru, que precisou se apoiar na parede para se manter de pé. Estava vagamente ciente de que não podia deixar Kwang ficar ali falando aquelas coisas. Precisava lutar. Um Matsuda sempre se erguia e lutava, mas Mamoru nunca levara um golpe — nem de um pé, nem de um punho ou de uma espada de treino — que o deixasse tão abalado. Sentia uma profunda náusea.

— *Eu não acredito* – respondeu, mesmo com a pilota de obsidiana o encarando da tela de Kwang. — *Isso não é real. Nã-não pode ser...*

– Tem mais memoriais. – Kwang digitou até outra imagem aparecer. — *Esse aqui é em homenagem aos dois mil guerreiros yammanka que morreram tentando ajudar o Império Kaigenês a defender Jungsan e rechaçar os ranganeses de volta para a fronteira atual.*

Mamoru nunca se incomodara com o ar rarefeito da montanha, então por que de repente sentia que não havia oxigênio em seu corpo?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não, não. Não pode ser. Não pode estar certo. O sensei Hibiki diz... todo mundo sabe... que os ranganeses nunca chegaram a Jungsan. I-Isso é absurdo.

– Eu também não queria acreditar, mas as evidências são muito claras. Nosso Império

não teria sobrevivido à Revolução Ranganesa sem a ajuda de Yamma. E os yammanka não têm motivo para mentir a respeito.

– Mas... *eles* têm *que estar mentindo* — insistiu Mamoru. – *Têm que estar. Se isso tudo fosse verdade, se todos esses yammanka tivessem lutado aqui, por que não saberíamos? Por que o sensei Hibiki não nos contaria?*

– *Ele já saiu de Kaigen alguma vez?* — perguntou Kwang.

— *Acho que não.* – Era bem possível que o sensei Hibiki jamais tivesse pisado fora da Província Shirojima. — *Mas meu avô lutou nessa batalha. Os parentes mais velhos de muita gente estavam lá. Por que eles não contariam?*

Ao falar isso, Mamoru se deu conta de que ninguém com quem já conversara sobre a Keleba se alongava muito no assunto. Seu avô, Susumu, quando vivo, só falava muito vagamente na guerra.

— *É possível que o governo tenha ordenado que não falassem. Acontece. O imperador é muito bom em censura* — sugeriu Kwang.

– *Isso não faz sentido* – disse Mamoru, superando aquela tonteira inexplicável para organizar os pensamentos. — *Estamos em Kaigen. Temos uma cultura guerreira. O imperador e os oficiais jamais encobririam a morte de milhares de guerreiros. Seria um desrespeito! Mesmo que não fossem kaigeneses, eles eram soldados que lutaram e morreram aqui. Como você pode achar que Kaigen os desrespeitaria desse jeito?*

– *Porque Kaigen não tem uma cultura guerreira* — respondeu Kwang, impaciente. — *Sei que você acha que sim. Sei que vocês aqui na vila têm valores bem tradicionais, fortes e bonitos, mas você já saiu desta província?*

— Eu... não — admitiu Mamoru.

— *Então, você não sabe. Não tem como saber, mas o resto do império abandonou os antigos valores guerreiros há um século. O imperador não se importa com quem vive ou quem morre... e com certeza não se importa em lutar de modo nobre. Só se importa em manter o Império intacto.*

– Mas... — Mamoru estava perdido. — *Mas isso não pode... Isso não explica por que o governo mentiria sobre a Keleba.*

– Claro que explica. Vocês são a Espada de Kaigen. São o escudo entre Ranga e as outras ilhas orientais do Império. O imperador precisa que vocês acreditem que são invencíveis. E precisa que as outras províncias acreditem que a Península Kusanagi pode protegê-las de qualquer coisa.

– Por quê?

— Para que ninguém vá embora, para que todos fiquem aqui e continuem pescando, plantando e alimentando nossa economia moribunda, para que morram protegendo esta terra, em vez de se mudarem para as cidades superpopulosas e se desiludirem com a situação do Império, como todo mundo.

— Não, não, não. — Mamoru voltou a balançar a cabeça. — Eu não acredito em você.

Ele se afastou de Kwang, mas as palavras do nortenho já tinham se entranhado em sua mente feito veneno. Ele já tinha visto as estátuas yammanka.

— Eu não acredito em você.

— Matsuda-san. — Kwang estendeu a mão para ele. — *Está tudo bem...*

— Não encosta em mim! — Mamoru empurrou Kwang. — Fica longe de mim!

Mamoru ficou chocado ao notar as mãos, sempre impecavelmente firmes, trêmulas.

— Matsuda-san...

— Eu disse pra ficar longe!

Mamoru deu um empurrão tão forte em Kwang que o fez se chocar contra a porta do banheiro. Ele deu uns poucos passos cambaleantes, então disparou pelo corredor... sem saber para onde ia. Mas precisava ser para longe. Longe de Kwang.

Você é um Matsuda, tentou dizer a si mesmo. *Você é gelo.* Mas o mar dentro dele tinha se transformado em um redemoinho.

O chão balançou, jogando-o contra uma parede. Ele se aprumou,

cambaleante, mas o mundo todo parecia estar girando. Não podia ser verdade... não podia ser mentira... mas não podia ser verdade, e Mamoru não conseguia retomar o equilíbrio. As palavras de Kwang haviam tirado o mundo do eixo.

Sem rumo, Mamoru se pegou saindo para as passarelas externas de Kumono. O vento castigou a pele dele, desfocando a visão em uma confusão de areia manchada de sangue e jatos de combate desgovernados. O garoto se viu diante do parapeito na altura da cintura e viu a montanha girando abaixo, a neblina, geralmente tão familiar, de repente cinzenta e assustadora. Então, pela primeira vez em seus três anos naquela escola balançante, Mamoru vomitou.

Depois que ele esvaziou a maior parte do conteúdo na encosta da montanha, o estômago de Mamoru se acalmou. Não entendia o que tinha acontecido e decidiu que era melhor não pensar no assunto. Ficar repassando a própria fraqueza vergonhosa e as mentiras de Kwang não levaria a nada de bom. Fora um erro. Tudo aquilo... a briga, o pedido de desculpas, toda a conversa com Kwang. Ninguém tinha visto Mamoru vomitando sua dignidade por cima do parapeito. Podia se esquecer do acontecido.

Ele acumulou água da névoa e lavou a acidez da boca, superando a tontura e fingindo que nada tinha acontecido. Nada daquilo tinha acontecido. Tornou-se gelo. Inflexível. Imovível. Nada podia abalá-lo.

Não falou com Kwang durante o resto do dia, mesmo sentados lado a lado durante as aulas. Sequer olhou para ele. Kwang, talvez temendo pela própria segurança, não insistiu, e Mamoru fingiu com sucesso que o colega não existia até o fim do expediente. Foi só quando os dois se encontraram mais tarde, para realizar a limpeza, que trocaram algumas palavras.

– *Para que é isso?* – perguntou Kwang, quando Mamoru saiu do depósito

com um rolo de corda pendurado no ombro.

— É para você. A menos que queira andar pelo telhado por uma waati sem nenhuma corda de segurança – respondeu, frio.

– Ah.

Sem encará-lo, Mamoru amarrou uma ponta da corda na cintura de Kwang.

— Então, eu... ugh! — resmungou Kwang, quando Mamoru apertou bem o nó. — *Ai* – disse ele, lançando ao colega um olhar acusador. — *Então, é para eu confiar que você não vai me deixar cair e morrer?*

Mamoru o olhou de cara feia.

– Deixa de ser idiota. Se você cair, eu também caio.

Depois de prender a outra ponta da corda ao redor da própria cintura, Mamoru pegou uma escada no depósito e gesticulou para Kwang segui-lo até a passarela externa mais próxima. Não precisava de uma escada para alcançar o telhado, mas imaginou que o garoto da cidade não compartilhasse de sua agilidade. O vento se acalmara desde a aula do meio-dia. *Que bom. A limpeza deve ser rápida*, pensou Mamoru.

Kwang não parecia tão tranquilo.

– A gente vai até lá em cima? — perguntou ele, enquanto Mamoru posicionava a escada contra a beirada do telhado.

— Vai.

– E... você tem certeza de que isso tudo não é um plano mirabolante só para me matar por traição? — O tremor na voz de Kwang deu a entender que não era bem uma piada, então Mamoru o olhou nos olhos.

— Se eu te matar, vai ser com você me encarando, com uma espada na mão. — Ele indicou a escada com a cabeça. — *Sobe.*

De todas as tarefas a serem feitas na Academia Kumono, limpar o telhado era a mais perigosa. No geral, a chuva abundante de Takayubi mantinha as telhas limpas, mas, com os deslizamentos montanha acima, galhos e folhas

murchas se acumulavam nas curvas do telhado. Quando o lixo começava a ficar visível, alunos de pés firmes subiam para retirá-lo.

Usando jorros de água para lavar as telhas, o trabalho não durava poucos siiranu, mas tio Takashi tinha explicitamente proibido que os dois usassem os jiya. Assim, Mamoru e Kwang teriam que catar as camadas de galhos e lodo com as mãos e jogar pela beira do telhado. O serviço já teria sido difícil com um parceiro competente, mas Kwang tinha medo de altura.

Quando subiram a escada e alcançaram o telhado, ele estava tremendo.

— *Eu não...* – gaguejou ele, apoiado nas mãos e nos joelhos. — *Não consigo.*

Mamoru sentiu uma satisfação vingativa ao ver aquele garoto arrogante da cidade apavorado daquele jeito, mas abafou o sentimento antes que saísse do controle. *Você é gelo. Ele não o abala.*

— *Levanta.*

– *Não consigo. Eu vou cair.*

– *Já disse que não vou deixar você cair. Não sou um mentiroso. Agora, levanta.*

– *Não consigo!* – gritou Kwang, frustrado. — *Minhas pernas estão acabadas depois daquela aula de esgrima maluca!*

Mamoru compreendia. Já perdera a conta de quantas vezes exercitara as pernas até que não conseguissem mais sustentá-lo — fora assim que conseguira aqueles músculos de aço —, mas era difícil sentir pena de alguém choramingando por causa de uma tarefa boba.

— *Supera. A gente pode ir embora assim que acabar.*

– *C-como eu vou me levantar sem cair?* – perguntou Kwang.

Uma dúvida justa. Embora o telhado não fosse assustadoramente inclinado, as telhas lisas eram escorregadias. Mesmo um teonita nascido na montanha, como Mamoru, não conseguia caminhar com segurança por ali, e, exceto pelos dragões de pedra ornamentais que desciam pelas vigas grossas, não havia onde se segurar.

— *Você tem que empoçar água sob os pés* — explicou Mamoru, reunindo névoa e

condensando-a sob as solas dos tabi. — *Depois, congele a água para não escorregar. Assim.* — Ele acenou para os pés, resfriando a água até virar um gelo firme que o ancorou na telha do telhado íngreme. — *Consegue fazer isso, né?*

Kwang assentiu, trêmulo, e começou a reunir água sob as solas dos sapatos.

— *Ótimo* — disse Mamoru, dando as costas, determinado a não gastar mais tempo com o nortenho.

Avançou com cuidado pelo telhado, derretendo o gelo sempre que precisava se mover e refazendo-o quando voltava a apoiar os pés. Se estivesse trabalhando sozinho, teria terminado em uma waati, mas a todo momento chegava ao fim do comprimento da corda e olhava para trás para encontrar Kwang bem longe, com dificuldade para manter o equilíbrio na superfície inclinada enquanto reunia montinhos de folhas murchas. Em algumas ocasiões, Kwang soltou um gritinho e quase caiu da beira do telhado, em pânico, quando Mamoru se moveu.

— *O que foi?* — reclamou Mamoru, na terceira vez em que isso aconteceu.

— *Será que você pode... pode só me avisar quando for andar?* — pediu Kwang, obviamente se esforçando para manter a voz calma. — *Só para... eu saber que estou seguro.*

— *Tá bom* — respondeu Mamoru, a impaciência começando a corroer a postura gélida —*, mas anda logo. Se a gente não acabar em menos de uma gbaati, vai ficar escuro.*

O sol já estava baixo no céu, e tentar andar pelo telhado no escuro seria duas vezes mais perigoso. No entanto, apesar do esporro, Kwang não conseguia acelerar o ritmo. Ainda não tinham terminado quando o sol ficou vermelho e começou a afundar sob o mar de névoa.

— *Isso é impossível!* — reclamou Kwang, pelo que pareceu a centésima vez. — *Não podemos só usar nossos poderes e pronto?*

— *Não* — respondeu Mamoru, curto e grosso.

— *Por que não? O diretor nem precisa saber.*

– Ele vai saber.

– Como?

– Ele é um Matsuda. Ele vai saber.

– Só um pouquinho de jiya, não vai dar nem para detectar... — insistiu Kwang. — *Só para acelerar as coisas...*

– Seria desonesto.

Kwang soltou um ruído de desdém que Mamoru passara a odiar nas últimas waatinu. Pretendia ignorá-lo, mas se pegou virando para o garoto, irritado.

– Olha, eu não sei como as coisas funcionam nos lugares estrangeiros chiques que você já visitou, mas aqui em Takayubi a gente valoriza a honestidade. Não ficamos inventando mentiras ridículas e convenientes ao nosso bel-prazer.

Kwang encarou Mamoru com uma expressão ilegível, os traços do rosto coloridos pelo sol poente. Não fosse pela luz vermelho-sangue, ele quase teria parecido triste.

– Eu fui honesto com você, Matsuda-san.

Você é gelo, relembrou-se Mamoru e devolveu o olhar de Kwang com indiferença.

– Só continua trabalhando.

– Olha, você precisa entender...

– Eu não vou falar disso com você — retrucou Mamoru. — *Não quero ouvir suas mentiras imundas, nem eu nem ninguém nesta vila. Então, se tiver juízo, vai parar com essas histórias.*

Mamoru lançou um olhar severo a Kwang, esperando uma resposta, desafiando-o a isso. Quem sabe o nortenho estivesse cansado demais para discutir ou com medo demais de cair para irritar a âncora na outra ponta da corda. Independentemente do motivo, não se defendeu. Mamoru não soube explicar por quê, mas isso o irritou mais do que tudo.

O que é?, quis questionar. *Não tem mais nada a dizer, agora que não tem professores*

por perto para te proteger? No entanto, obrigou-se a deixar a raiva passar. Com um aceno, derreteu o gelo que o ancorava para poder avançar mais pelo telhado.

— *Espera* — reclamou Kwang. — *Não estou pronto...*

– *Não estou nem aí* – respondeu Mamoru, virando-se para a viga mais alta do telhado do templo. — *Anda mais rápido.*

Kwang, claro, escolheu aquele exato momento para perder o equilíbrio. Deve ter sido súbito, porque o peso dele deu um puxão tão forte na corda que Mamoru foi derrubado no mesmo instante. Talvez o menino até tivesse conseguido se recuperar, mas bateu a cabeça nas telhas na queda. Estrelas explodiram diante de seus olhos, o que lhe custou momentos preciosos. Quando se recompôs, mal teve tempo de perceber que estava caindo da beirada do telhado.

Moveu as mãos em busca de apoio, escorregando inexoravelmente pelas telhas, passando pela cabeça do dragão de pedra que ornamentava o canto do telhado... então se agarrou à mandíbula aberta da estátua.

O peso de Kwang deu um puxão na corda, que pressionou a barriga de Mamoru feito um golpe hábil de espada nas entranhas. Ele fez uma careta enquanto os dentes de pedra do dragão se cravavam em seus dedos, mas não soltou. Por pouco. Na outra ponta da corda, Kwang se debatia, em pânico.

— *Ah, Falleke!* — exclamou ele, arfando, a voz apavorada ecoando pela escuridão abaixo. — *Na-Nyaare! A gente vai morrer!*

– *Para de se mexer!* — ordenou Mamoru, por entre dentes cerrados.

Se Kwang apenas pendesse feito um peso morto, Mamoru conseguiria içar os dois de volta à segurança. Só que estavam pendurados pela ponta dos dedos e, toda vez que Kwang se contorcia, ficava mais difícil se segurar.

— *Socorro! Alguém ajuda a gente!* — gritou Kwang.

– *Não tem ninguém aqui* — disse Mamoru; os últimos funcionários deviam ter ido embora havia pelo menos uma gbaati. — *Só se acalma. Eu vou puxar a gente de volta para cima.*

Mamoru tinha força suficiente para aquilo, mas seria uma operação delicada. E se tentasse fazer isso com Kwang se sacudindo feito um peixe gigante no anzol, os dois cairiam. Embora a pegada de Mamoru no dragão não vacilasse, seu controle sobre o próprio temperamento seguia bem instável.

– Sou jovem demais para morrer! Sou jovem demais para morrer!

– Dá para calar a boca? – rugiu Mamoru. *– A gente não vai morrer.*

Assim que as palavras saíram de sua boca, porém, um pensamento terrível lhe ocorreu: estavam pendendo do lado oriental do telhado, bem longe dos degraus e do Lago Kumono. Não havia água para recebê-los, apenas pedras pontiagudas.

– Kwang! – exclamou Mamoru, sem conseguir conter uma nota de pânico. *– Pelo amor de Nami, fica parado!*

Se não estivesse tão ocupado gritando, Mamoru talvez tivesse sentido a pedra se rachando sob suas mãos.

– Não solta! – implorou Kwang.

– Não vou soltar, mas, se não parar de se mexer, eu vou *cortar a corda e deixar você cair.*

Kwang soltou um ruído horrorizado, mas a ameaça surtiu efeito. Ele parou, deixando que Mamoru ajustasse a pegada e se segurasse melhor entre os dentes do dragão. Ignorando o gemido de medo vindo de baixo, Mamoru respirou fundo e começou a se içar, os braços retesados pelo peso extra.

Ele reuniu água e a congelou ao redor dos dedos da mão direita, apenas para garantir que permaneceria firme quando tentasse alcançar o telhado com a esquerda. Certo de que a pegada estava segura, Mamoru soltou a mão esquerda e a esticou... mas não foi sua pegada de aço que cedeu.

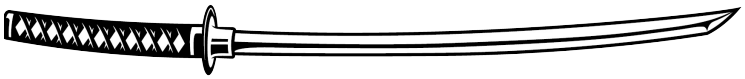
A mandíbula do dragão se quebrou em sua mão.

– Não! – Mamoru buscou freneticamente a beirada do telhado, mas estava longe demais, seus dedos escorregaram...

E os garotos despencaram na névoa.

4

O guerreiro



Eu não vou morrer aqui!

O pensamento atravessou Mamoru enquanto ele e o colega de classe despencavam pelos ares pela encosta da montanha. *Eu não vou morrer aqui!* Não por causa de um dinma totalmente sem jeito. Não por causa de um forasteiro mentiroso que o fizera perder a cabeça.

Com a velocidade típica dos Matsuda, Mamoru tomou o controle da névoa ao redor, tornou-a líquida e lançou um tentáculo de água para cima, buscando se agarrar ao parapeito mais próximo do templo. Assim que a água fez contato com madeira e pedra, Mamoru começou a congelá-la, mas ele e Kwang estavam caindo rápido demais. O tentáculo ainda não estava congelado por completo quando sofreu o tranco do peso deles. O gelo se rompeu, e os dois continuaram caindo, o templo saindo de alcance.

Mamoru notou vagamente que Kwang estava gritando, mas o som se perdia no rugido do vento conforme ele tentava pensar em uma solução. Girando o corpo, pegou a corda e deu um puxão, trazendo Kwang para perto — uma decisão da qual se arrependeu de imediato, pois os gritos também se aproximaram, quase estourando seus tímpanos. Pelo menos, podia proteger os dois de uma vez daquele jeito.

Ignorando Kwang, que berrava "*Ah, Deuses! Ah, DEUSES! AAAAAH!*

AAAAAH!", Mamoru estendeu seu jiya para tomar controle da névoa ao redor. Segurando Kwang pelas costas do uniforme, jogou toda a água que conseguiu sob eles. Se iam aterrissar em pedra dura, o melhor que podia fazer era minimizar o impacto.

A escuridão e o vapor que passava por todos os lados tornava impossível enxergar onde estavam caindo, então Mamoru fechou os olhos. Sentiu a névoa abaixo se abrir, as rochas úmidas de condensação chegando para recebê-los assustadoramente rápido, mas ele era ainda mais rápido. Colocando o jiya em ação, deu um jeito de transformar aquela massa de neblina e gotículas em neve antes que ele e Kwang atingissem o paredão da montanha.

A camada de neve suavizou a colisão, mas o corpo de Mamoru ainda bateu com força na montanha, expulsando o ar dos pulmões do garoto. Encolhendo-se, ele saiu rolando após a queda, mas deviam ter aterrissado em uma encosta bem íngreme, porque, em vez de terminar o giro de pé, apenas seguiu rolando. Pedras feriam suas costas, ombros e canelas, os braços e pernas entremeados com os de Kwang, e os dois desabaram juntos pelos últimos marcos até finalmente atingirem um pedregulho que os fez parar.

Mamoru relaxou o corpo, caído de costas, trêmulo devido ao choque, todo o seu esqueleto retinindo com os ecos de pedra contra osso. Fechando os olhos, avaliou os danos ao próprio corpo. Alguns vasos estourados pulsavam sob a pele, prometendo hematomas feios. As costas e os joelhos estavam ralados e sangue escorria de cortes nos braços, mas ia ficar bem. Estava vivo.

– *Kwang-san?* — Ele abriu os olhos. — *Você está bem?*

A resposta foi um grunhido abafado. O outro garoto estava vivo. Isso bastou para que Mamoru ficasse deitado ali por mais alguns instantes, recuperando o fôlego. Não queria a voz e as pernas trêmulos quando se levantasse. Depois de acalmar a respiração e os batimentos cardíacos, girou e se apoiou nas mãos e nos joelhos para observar os arredores. Estavam empoleirados no que parecia ser o único local plano em uma inclinação bem

íngreme. Quando Mamoru espiou por cima da beirada, só viu rochas escarpadas estendendo-se pela escuridão abaixo.

– *Tem algum jeito de descer?* — perguntou Kwang, com cautela.

Mamoru não sabia como responder sem causar mais pânico.

– *Não vai ser fácil.*

Ele nem sabia em qual parte da montanha estavam. Ao se virar na pequena plataforma, analisou a encosta da montanha à procura de algo reconhecível, mas era difícil enxergar na neblina sombria, e nada lhe pareceu familiar. Poderia usar seu jiya para afastar a névoa, mas duvidava que fosse adiantar muita coisa. Já estava escurecendo.

— *A gente vai morrer aqui?* — perguntou Kwang.

— *Não* — respondeu Mamoru, tentando soar mais confiante do que se sentia. — *No pior dos casos, vamos ter que esperar amanhecer para descobrir como descer, mas devíamos tentar agora, enquanto o sol ainda está se pondo.*

– *Desculpe. Acho que não vai dar.*

– *Kwang-san.* — Mamoru se virou, exasperado. — *Eu sei que você tem medo de altura, mas... ah... ah, não.*

O nortenho estava encolhido contra uma rocha ali perto, o braço virado em um ângulo estranho, quebrado.

– *Desculpe.* — Mamoru foi até Kwang, que parecia bem mais machucado do que ele. — *Eu devia ter dado um jeito melhor de aparar a queda.*

– *Acho que você se saiu bem* — disse Kwang, embora falasse através de dentes cerrados, provavelmente para conter uma dor terrível, e parecesse ter medo de se mexer. — *Estamos vivos. Nunca vi alguém materializar tanta neve de uma vez. Não sabia que os grandes guerreiros de Kusanagi eram capazes de fazer cobertores de neve tão fofinhos.*

– *Tem algum outro machucado? Algum sangramento?*

– *A-Acho que não* – gaguejou Kwang.

Notando o distinto fluxo e gotejar de sangue, Mamoru subiu a perna do

hakama de Kwang e revelou um corte profundo onde uma pedra proeminente arrancara um pedaço da panturrilha. O sangue escorria da ferida, descendo pela canela para manchar aqueles sapatos yammanka idiotas.

— *Ah!* — exclamou Kwang, feito uma garotinha. — *Quê? Como você... Nyaare, isso está com uma cara feia!*

– Podia ser pior, mas temos que conter o sangramento.

Kwang se esticou para limpar a ferida, as mãos trêmulas e seu jiya mais ainda. Mamoru afastou a mão do colega.

— Deixa comigo. Fica parado.

Com um gesto, ele atraiu um jorro de água do ar e o conduziu pela perna de Kwang, lavando o sangue. Kwang se sobressaltou e arfou, mas conseguiu não se contorcer muito.

— *Vai ser meio esquisito* — avisou Mamoru, levando uma mão à ferida antes que mais sangue escorresse.

Usando o jiya para conter o sangue sobre a ferida, Mamoru começou a sorver a umidade entre o ferro e as moléculas de carbono, forçando o líquido a engrossar e coagular.

— *O que você está fazendo?* — questionou Kwang, sem dúvida sentindo o formigamento incômodo que sempre acompanhava a cura acelerada.

– Estou criando uma crosta temporária. Por favor, fique quieto.

Kwang ficou boquiaberto, a dor aparentemente esquecida sob a admiração.

– Você consegue fazer isso? Controlar sangue?

Mamoru cerrou a mandíbula e tentou se concentrar mais no trabalho.

– Um pouco.

– Essa é uma habilidade rara!

– Não na família da minha mãe — respondeu Mamoru, sem olhar para Kwang. — *Ela é uma Tsusano.*

Havia sido Kaa-chan quem lhe ensinara a criar uma casquinha provisória em um machucado. *Apenas para emergências*, dissera ela, séria. *Mexer com sangue*

não é brincadeira, nem coisa que um Matsuda respeitável faça em público.

Mamoru sempre tivera curiosidade sobre o nível de habilidade de Kaa-chan, mas teria sido impróprio ficar perguntando. Tia Setsuko certa vez fofocara que a mãe dele conseguia usar a Agulha de Sangue — uma técnica da linhagem Tsusano em que um jijaka tocava com um dedo no corpo do inimigo e congelava uma gota do sangue da vítima na forma de uma agulha tão fina e afiada que perfurava todas as artérias mais importantes e todos os pontos de pressão letais. Era possível que a tia engraçadinha estivesse brincando, só para assustá-lo; ela gostava de fazer isso, e os rumores locais eram cheios de histórias de terror sobre as técnicas de manipulação de sangue dos Tsusano.

Havia histórias arrepiantes sobre alguns jijakalu Tsusano tão aptos no controle do sangue que conseguiam manipular o fluido no corpo de outros humanos, usando-os como marionetes. Ao contrário da Lâmina Sibilante, os Titereiros de Sangue Tsusano não passavam de lenda. Nenhum Tsusano vivo podia confirmar sua existência, mas a história rendia alguns bons contos para botar medo nas crianças.

– *Isso é incrível!* — comentou Kwang, quando Mamoru afastou as mãos do corte para revelar uma fina crosta vermelha.

– *Não encosta* – disse Mamoru, ríspido, antes que Kwang tivesse a chance de cutucar o machucado. — *Não substitui a cicatrização natural e não vai suportar muita pressão. E se puder... por favor, não comente disso com ninguém.*

Aquela habilidade era malvista na família Matsuda.

— *Por que não?* — perguntou Kwang, sem o menor tato.

— *Não é...* — Mamoru baixou os olhos. — *Um Matsuda não deveria ter essa habilidade.*

De acordo com Tou-sama, era por causa da manipulação de sangue que Mamoru não conseguia dominar a Lâmina Sibilante. Quando um verdadeiro Matsuda sorvia água dos arredores, era pura. O mestre Matsuda formava sua arma ao comprimir muitos bilhões de moléculas de água em uma lâmina fina

através da pura força de nyama, criando um gelo tão duro quanto metal e um fio da largura de uma única molécula. Mamoru sempre acabava captando outras coisas com a água — partículas de ferro, terra, sal, bolhas de ar —, o que enfraquecia seu gelo e o fazia se quebrar sob pressão.

– Só não conte para os outros garotos da escola.

Kwang pareceu confuso, mas assentiu.

– Tudo bem, não vou contar.

Sentando-se sobre os calcanhares, Mamoru observou Kwang. O braço quebrado precisava ser posto no lugar antes que seu corpo teonita começasse a se curar, a casquinha de ferida improvisada talvez rompesse, e Kwang podia ter alguma ferida interna precisando de atenção. Mamoru suspirou.

– Não podemos esperar até de manhã. Só até a lua subir — decidiu.

– O quê?

– Vamos esperar a lua subir. Está quase cheia. Deve iluminar um pouco para a gente conseguir descer... ou... para eu carregar você montanha abaixo.

– A gente não pode só chamar uma ambulância? — perguntou Kwang.

A pergunta arrancou uma risada genuína de Mamoru.

– Não tem ambulância em Takayubi. Não temos nem estradas pavimentadas.

– Tudo bem, mas deve ter um hospital, né? — perguntou Kwang, nervoso. — *Onde fica o hospital mais próximo?*

– Os monges curandeiros moram na vila ocidental.

– Nada de monges curandeiros! — grunhiu Kwang, expressando a dor como irritação. — *Estou falando de um hospital de verdade, com equipamentos médicos de verdade, veículos e coisas assim.*

– Longe demais. Perto da fortaleza de Ameno, em Tatsuyama.

– E onde é que fica isso?

– Na base da montanha vizinha.

Kwang soltou um resmungo alto.

– Sabe em quantas escolas eu já estudei? Umas doze. E sabe de uma coisa? Esse é o

pior primeiro dia de aula que já tive. O pior.

– Vai ficar tudo bem. Eu vou levar a gente lá para baixo.

Tentou visualizar mentalmente a localização dos dois na montanha. Tinham caído do lado oriental do templo, ou seja, deviam estar a leste do lago. Mamoru nunca estivera daquele lado da montanha; não havia trilhas e as rochas íngremes tornavam a escalada arriscada demais mesmo para um aventureiro inconsequente. A encosta onde se encontravam era tão inclinada que provavelmente teriam seguido rolando até a morte se não fosse por aquele estranho pedregulho despontando ali... que, agora que Mamoru olhava melhor, não parecia muito um pedregulho. Era reto demais. Muito duro e brilhante.

– E o que é essa coisa aqui? — perguntou Kwang, lendo os pensamentos do garoto.

Kwang, que caíra estatelado na superfície lisa, ergueu-se com o braço bom e passou a mão pela estranha formação. De pé, Mamoru recuou o máximo que pôde até a beirada e deu uma olhada naquele formato. Era mais escuro que o resto da face da montanha, como uma sombra profunda atrás de Kwang. Um pedaço achatado despontava do corpo da sombra, como uma barbatana... ou uma asa?

— É um avião! – exclamou Kwang, no momento em que Mamoru chegou à mesma conclusão, e um sorriso iluminou seu rosto.

— Ah! — Mamoru bateu palmas quando as peças se encaixaram em sua mente. *— Já sei onde estamos!*

– O quê?

– São os destroços do avião negro. Estão aqui desde sempre. Dá para ver dos degraus mais baixos, quando se olha através do lago, o que significa que a gente deve estar perto da água.

Mamoru sentiu uma onda de alívio. A descida era possível, afinal.

— Ah. — Kwang olhou de Mamoru para o avião parcialmente enterrado na encosta da montanha. *— Então, esse negócio está aqui há muito tempo?*

– *Aham.* — Mamoru se lembrou da manhã límpida em que Yuuta o apontara pela primeira vez; uma mancha de metal escuro alojada no declive do outro lado do lago. — *É de antes de Kumono se tornar uma escola.*

O pai e o tio haviam mencionado ver o avião quando subiam a escadaria, na juventude.

— *Espera, então... como ele veio parar aqui?* – perguntou Kwang, confuso, os olhos estreitados.

— *Foi um acidente durante um exercício militar, na época em que o Império tinha tropas treinando aqui.* – Havia sido o que o sensei Hibiki contara quando Yuuta perguntara a ele. — *O governo estava testando um tipo de avião furtivo não tripulado. Deu algum defeito nesse aí, os motores falharam, então eles o direcionaram para uma parte não habitada da montanha.*

– *É mesmo?* — Kwang estendeu a mão saudável para tocar o avião, a testa franzida. — *E quando teria sido isso?*

– *Durante a Keleba.*

A última vez que o governo mantivera forças militares em Shirojima fora durante a Grande Guerra.

Kwang traçou círculos lentos com a mão pela fuselagem do avião, como se procurasse alguma coisa.

— Matsuda-san... — A voz dele se tornou baixa e tensa. — *Não sei como dizer isso... mas este avião não é kaigenês.*

– *O quê?* — Mamoru soltou uma risada incrédula, mesmo sentindo o medo acordando alguma fraqueza dentro dele. — *Claro que é! De onde mais teria vindo?*

Kwang balançou a cabeça, a expressão pesarosa, quase amedrontada.

– *É yammanka.*

– *De onde você tirou isso?* — Maldito Kwang; Mamoru não conseguiu conter a raiva na voz. — *De onde?!*

Agora, Kwang certamente estava com medo, mas isso não o impediu de explicar.

— Aviões kaigeneses são feitos de metal. Isso aqui não é metal.

– Deixa de bobagem. — Mamoru cruzou o avião em dois passos irritados. — *Claro que é feito de...* — Só que, quando encostou os dedos na fuselagem, as palavras travaram em sua garganta. Nenhum metal era tão liso. — *O que... O que é isso?*

– Vidro zilazeno – respondeu Kwang.

– O quê?

– Vidro zilazeno — repetiu Kwang. — *O tipo mais resistente de obsidiana yammanka. É o material mais forte do mundo.*

— Você não é nenhum construtor – retrucou Mamoru, nervoso. — *Como é que sabe disso?*

– Só olha. – Kwang apoiou a mão no avião e se levantou com dificuldade para apontar o local em que o radome do avião se afundara na montanha. — *Esse jato bateu aqui e não se quebrou. Acertou em cheio a montanha e mesmo assim não está nem rachado.*

Quando Mamoru olhou, viu que Kwang tinha razão. O exterior do avião parecia tão intacto quanto se tivesse sido fabricado no dia anterior. Mesmo o mais puro aço dos Kotetsu não possuía aquele nível de durabilidade.

– Só vidro zilazeno consegue aguentar algo assim.

Os dedos de Mamoru se curvaram sobre o casco do avião.

— Não — sussurrou. — *Você está mentindo.* — Aquele avião não era yammanka. Aquilo não era vidro zilazeno. — *Você está mentindo.* — Ele ia provar.

Mamoru cravou os dedos na lateral do avião até sentir as unhas ameaçarem quebrar, então as arrastou em uma tentativa de arranhar a superfície daquele vidro teoricamente impenetrável. No entanto, as unhas de Mamoru se curvaram e quebraram, sem deixar a menor marca no avião. A superfície preta era tão perfeita que, ao ocaso desvanecente, Mamoru enxergou o próprio rosto refletido. Perturbado. Nervoso. O rosto de uma criança perdida, não de um guerreiro.

— *Não estou mentindo* — disse Kwang, baixinho. — *Esse vidro não arranharia nem se todas as espadas de Kaigen o golpeassem.*

— *Cala a boca!* — retrucou Mamoru, odiando o medo na própria voz.

Mamoru *obrigaria* Kwang a calar a boca, como tinha feito no pátio da escola. Quebraria aquele vidro preto e provaria que ele era um mentiroso, dando fim a tudo aquilo. O garoto recuou o braço e desferiu um soco com toda a força na lateral do avião. Uma pontada de dor subiu por seu braço, mas isso não o conteve. Golpeou de novo e de novo, em uma chuva de socos que teria amassado qualquer metal. As mãos de Mamoru eram capazes de quebrar rocha e aço, mas as únicas coisas afetadas daquela vez foram a pele e os vasos sanguíneos nos nós de seus dedos.

— *Matsuda-san, pare! Pare!* — implorou Kwang, embora não parecesse disposto a entrar no alcance daqueles punhos uma segunda vez. — *Você vai quebrar a mão! Estou dizendo, esse é o vidro mais resistente do...*

— Não — rosnou Mamoru, por entre dentes cerrados. — Não é, *não*!

Recuando o punho, ele transformou sangue e névoa no gelo mais duro que conseguiu ao longo dos nós dos dedos, então desferiu outro soco. O gelo se partiu, causando uma onda de dor em sua mão. O exterior preto e brilhante do avião não sofreu sequer um arranhão, mas Mamoru estava destroçado.

Uma waati antes, as afirmações de Kwang não passavam de palavras e uns poucos hologramas, coisas que podiam ser falsas e inventadas. Naquele momento, um pedaço de sua história estava bem diante de Mamoru. Era vidro zilazeno, mais duro que seu próprio gelo. Inquebrável. Irrefutável.

— *Matsuda-san.* — A voz de Kwang teria soado gentil, se as palavras não atingissem Mamoru feito facadas. — Só preste atenção por um dinma. Você já viu algum jato kaigenês nesse formato?

Mamoru desejou não poder ouvi-lo, tentou não o ouvir, mas o avião estava bem ali, à sua frente. E Kwang tinha razão; ele não se parecia em nada com qualquer outro jato que já tivesse visto passar pelos céus, nem com qualquer

avião kaigenês nos desfiles militares que vira na TV. Levou um momento para perceber onde já tinha visto aquele tipo de jato: na forma de uma estátua memorial feita de obsidiana, com uma orgulhosa pilota ao lado. Uma pilota...

Em um salto desesperado, Mamoru começou a escalar a asa inclinada do avião.

— *O que você está fazendo?* — questionou Kwang, tentando sem sucesso conter, com o braço bom, o garoto mais forte. — *Cuidado, Matsuda-san! Você não sabe se isso aí está firme!*

O sensei Hibiki dissera que o avião preto era parte dos experimentos kaigeneses com jatos não tripulados que havia ocorrido durante a Keleba. Mamoru podia confirmar se isso era verdade. Se chegasse ao topo do avião e não encontrasse uma cabine de piloto, poderia ignorar tudo que Kwang dissera. Poderia deixar tudo aquilo de lado. Poderia...

A esperança morreu quando ele chegou e encontrou a redoma de um cockpit. A fuselagem do avião era preta feito carvão, mas o cockpit era de vidro transparente tão límpido que parecia ter sido polido no dia anterior. Mamoru devia ter parado por aí. Não devia ter avançado mais para espiar através do vidro.

Mas ele olhou... e sentiu todo o corpo enrijecer. O sangue se esvaiu de sua face, deixando-o tão pálido quanto o rosto diante de si; se é que aquilo ainda podia ser chamado de rosto. Tudo que restava do piloto era o crânio, caído de lado sobre uma pilha de ossos brancos. Os farrapos de tecido presos às costelas estavam desgastados demais para ser possível identificar qualquer uniforme militar. A pele, fosse clara ou escura, tinha se desintegrado havia muito tempo.

O primeiro impulso de Mamoru deveria ter sido recuar para longe daqueles resquícios humanos, mas estava paralisado, preso no vazio daquelas órbitas oculares onde um dia haviam estado os olhos aguçados de um piloto.

— *Matsuda-san? O que aconteceu?* — Kwang fez menção de escalar para espiar o cockpit, mas Mamoru balançou a cabeça. A expressão dele devia ter

entregado tudo, porque Kwang parou.

— *É muito ruim?* — perguntou o colega, baixinho.

— *Só... não olhe* — respondeu Mamoru, embora ele mesmo fosse incapaz de desviar os olhos do esqueleto. — *Não olhe.*

Pilotos eram jovens com boa visão e reflexos rápidos, habilidosos o bastante para manobrar uma máquina muitas vezes mais veloz que um humano, corajosos o bastante para lutar bem acima do mar ou da terra. E aquele jovem tinha sido abandonado ali, sem um túmulo, um memorial, ninguém para se lembrar dele. Até que o vento e a chuva haviam desmanchado seu rosto, sua pele, seu uniforme, qualquer indicativo de quem ele fora e por que lutara.

Mamoru olhou para as órbitas vazias e se perguntou se o piloto tivera olhos pretos como os dele. Seu rosto também ficaria daquele jeito, se despido de toda a pele? A montanha também o corroeria tão facilmente?

Apoiou a mão no cockpit e deslizou os dedos até sentir uma série de sulcos no vidro. Mamoru voltou a atenção para aquela textura sob a mão e viu que o cockpit tinha entalhes dos símbolos de Falleya para força e proteção. Entre os símbolos, letras em yammaninke formavam uma inscrição.

— *N... nyama du-gu la* — leu Mamoru em voz alta, devagar. — *N'nyama ga-na la.* — Ele se voltou para Kwang, incapaz de conter o tremor na voz. — *O que isso significa?*

– *N'nyama dugu la. N'nyama gana la?* — repetiu Kwang, com a musicalidade de um falante nativo. — *Minha nyama pelo meu país. Minha nyama pelo meu rei.*

Mamoru perdeu as forças. Sem querer, pegou-se encolhido feito um arco, sentindo uma espécie de dor. Sua testa bateu no cockpit. Aquele avião se chocara contra a montanha décadas antes, mas Mamoru o sentia atropelando todas as suas certezas e espalhando os destroços ao vento.

Não importava se o esqueleto pertencera a um homem ou a uma mulher, a um piloto kaigenês ou yammanka. Um guerreiro morrera ali, e o sensei Hibiki

mentira a respeito. Toda a vila mentira a respeito.

A nyama de Mamoru fervilhava com algo além da raiva, além da mágoa. Era uma profunda confusão. Seu mundo desabou com tanta força que agitou a névoa. Condensação contorceu-se e escorreu pelas pedras.

— *Matsuda?* — chamou Kwang, quando o sangue cobrindo sua pele foi atraído pelo redemoinho do jiya de Mamoru. Ele ficou olhando, nervoso... até que a agitação de Mamoru começou a atrair o sangue de suas feridas abertas. — *Ai! Ei!*

O grito de dor bastou para despertar Mamoru da confusão.

Ele ergueu bruscamente a cabeça. Um arquejo fez a montanha entrar em foco de novo. Com algumas inspirações controladas, conseguiu conter seu jiya. Estava longe de ficar estável, mas libertou as partículas ao redor, incluindo o sangue de Kwang.

— *Ai...* – repetiu Kwang, observando com uma mistura de admiração e pavor o próprio sangue voltar à pele em uma mistura pegajosa. A ferida na panturrilha voltara a sangrar, mais do que antes.

— *Desculpe* — sussurrou Mamoru, balançando a cabeça. — *Desculpe. Aqui, eu cuido disso.*

Ele desceu desajeitado do topo do avião e se ajoelhou para cuidar da perna de Kwang. Tentou encontrar conforto no próprio jiya ao refazer a casca da ferida, mas seu controle tinha sumido, o poder escorrendo por entre os dedos.

— *Ai!* — Kwang afastou a perna quando a terceira tentativa de Mamoru de tapar a ferida só piorou o sangramento.

— *Desculpe* — repetiu Mamoru, em uma voz fraca que não soava como a dele. — *Me desculpe.*

– *Tudo bem* – disse Kwang, mas colocou a mão sobre a ferida, recusando, em silêncio, a ajuda. — *Vou só arrancar parte da manga do uniforme e enfaixar a perna.*

Mamoru assentiu, tentando fazer piada da situação.

— Acho que não sou tão bom assim com sangue.

– Eu acho até bom. — Kwang abriu um sorriso tenso. — *Não quero acordar um dia e descobrir que você está me fazendo de marionete.*

– Isso não... — Mamoru balançou a cabeça, sem conseguir se concentrar direito nas palavras de Kwang. — *Titereiros de Sangue não existem. É só um mito.*

– Bom... eu pensava que todos os rumores sobre os guerreiros de Shirojima fossem apenas mitos, mas vocês aqui das ilhas são mais poderosos do que eu pensava. – Kwang pressionou os lábios e encarou Mamoru de forma estranha; uma mistura de culpa e pena que deixou Mamoru nauseado. — *Vai ver algumas coisas que seu professor de história disse são verdade. Talvez...*

— *Pare* — sussurrou Mamoru.

— *O quê?*

– Só não... — A voz dele estava tensa. — *Não fale comigo.* — Mamoru estava a um deslize de perder o frágil controle sobre seu jiya de novo. Virou-se rigidamente de costas para Kwang e o maldito avião de vidro. — *Vou meditar.*

Era a única coisa que lhe ocorria.

A exaustão extrema ajudou. Mamoru com frequência meditava melhor quando estava cansado, quase dormindo, quando o mundo inteiro se desfazia, a não ser pela água ao redor. Concentrou-se até que Kwang desapareceu. Até que o avião e seu piloto desapareceram. Até que a rocha desapareceu. Até que restou apenas água pura no mundo, clara feito a luz do dia e limpa feito aço polido. Em transe profundo, Mamoru sentiu a silhueta da montanha, coberta por uma camada de gotículas.

Seguiu a neblina e a condensação, afundando e fluindo suavemente para baixo até notar a ondulação pesada de água líquida — o lago Kumono. O peso daquilo fez Mamoru soltar um suspiro lento, os músculos relaxando. Entregou-se ao abraço do lago e se aninhou ali por um longo tempo, rodopiando em sua fonte. Então, quando chegou o momento, a gravidade o atraiu para o maior dos afluentes, e ele o percorreu.

O afluente o levou montanha abaixo, através da grama orvalhada da vila ocidental, até espalhar os dedos pelas rochas ao redor do templo dos finawu, tornando-se diversos córregos, todos descendo, descendo, até encontrarem a massa salgada do mar — o poder primordial que dera origem a Kaigen, à humanidade, à própria vida. Ali, mesmo coisas fugazes como córregos da montanha se tornavam parte da eternidade. Ali, havia uma verdade que fluía e se transformava, mas nunca morria. Ali, ele estava em casa.

Enraizado nas profundezas, Mamoru sentiu a lua subir. Atraído irresistivelmente pelo espelho de Mani, ele também subiu, erguendo barcos de pesca em seus ancoradouros. A maré se elevou por toda a costa, prateada como as escamas de um dragão sob a lua cheia, espelhinhos refletindo sua luz.

Mamoru abriu os olhos para a imagem que sabia que encontraria: o espelho de Nami alto no céu, brilhando com luz pura que atravessava os reinos do passado e do presente. Soltando o ar, ele voltou a ser Mamoru, porém mais. Inteiro.

— *A maré está cheia. Chegou o momento* — disse ele, desprovido de emoção.

– *O quê?* — Kwang despertou sobressaltado do cochilo que tirava contra a lateral do avião. — *Momento de quê?*

Mamoru indicou o céu.

— *O luar não vai ficar mais forte que isso. Não se preocupe, não estamos muito longe.*

– *Muito longe de quê?* — murmurou Kwang, ainda sonolento.

– *Do lago Kumono. Está a uns dez marcos daqui.*

– *Tem certeza? Dez marcos é bem longe para sentir com clareza.*

Ainda conectado à água ao redor, Mamoru não conteve um sorriso de diversão.

— *Não para mim.*

– *Tá bom, mas eu juro por Nyaare que, se a gente pular e só tiver mais pedra lá embaixo, meu espírito vai assombrar o seu até os confins do Laaxara.*

– *A gente não vai pular.* — Mamoru jamais admitiria, mas não possuía a

coragem para outra queda livre no breu, não importava quão claramente pressentisse a água abaixo. — *Vou carregar você nas costas e vamos descer até lá embaixo.*

– Eu não sei se consigo me segurar com um braço só.

– Ainda bem que temos uma corda.

Mamoru nunca tentara escalar um penhasco, mas a mãe certa vez lhe dissera que era fácil galgar uma parede lisa só com gelo, se a pessoa tivesse um jiya forte e conseguisse coordená-lo com seus movimentos. Mamoru não fazia ideia de como uma dona de casa como Kaa-chan possuía conhecimentos sobre escalada, mas, no fim das contas, ela tinha razão. Lembrando-se das instruções, ele formou um disco de água ao redor de cada mão, depois os transformou em gelo, grudando as mãos na pedra. Para descer, só precisava derreter o gelo de uma mão e baixá-la, recongelá-lo e repetir o processo com a outra mão.

Um jijaka mais fraco correria o risco de o gelo se soltar da superfície lisa, mas o jiya de Mamoru era, com toda a certeza, forte o bastante para segurá-lo à montanha, mesmo com Kwang todo agitado em suas costas. Uma mão após a outra, ele foi descendo com o colega pelo penhasco.

A neblina ficou mais densa conforme se aproximaram do lago, com tentáculos subindo da superfície da água para envolvê-los, abafando o luar. A visibilidade foi piorando à medida que desciam, e Mamoru precisou se basear em seu jiya para sentir o caminho pelos últimos marcos até a água.

— *Certo, e agora qual é o plano?* — perguntou Kwang, quando também sentiu o lago abaixo. — *Não sei se consigo nadar com um braço só.*

— *Você não vai precisar nadar.*

Mamoru já estava cuidando de congelar a água logo abaixo, formando uma silhueta larga. Quando alcançaram o lago, seus pés tocaram o fundo de um barco feito gelo firme e flutuante.

— *Ah* – disse Kwang, surpreso, olhando com admiração para a embarcação

elegante. — *Muito bom, Matsuda-san. Eu levaria uma gbaati inteira para fazer um barco tão legal.*

— *Senta* – mandou Mamoru, pondo-se de joelhos. O barco não tinha um equilíbrio perfeito; podia virar, se algum deles ficasse de pé, mexendo-se muito.

— *Está bem.* – Kwang acomodou seu corpo machucado com cuidado, sentando-se de frente para Mamoru. — *Precisa de ajuda para impulsionar o barco ou...*

– *Não* — respondeu Mamoru, e, com um gesto de mão, fez com que começassem a deslizar agilmente pela superfície do lago. — *Você não sabe para onde vamos.*

Havia rumores de que, ali no lago, os fios de névoa iluminados pelo luar eram fantasmas do além que deixavam rastros prateados ao cruzarem a superfície da água. Mamoru jamais os temera. As pessoas que haviam vivido e morrido ali em tempos antigos eram Matsuda e Yukino. Eram família.

Naquela noite, pela primeira vez, lhe pareceram estranhos.

Aquela foi a primeira vez que teve que olhar para aqueles fios do passado e se perguntar o que eram *de fato*. Seriam os ancestrais que sempre imaginara ou algo totalmente diferente? Teriam lutado em batalhas que o resto do mundo encobrira e esquecera? Teria seu sangue manchado aquelas águas antes de ser levado para o oceano? Se fosse o caso, eles deviam se ressentir dos vivos por terem apagado a memória de seu sacrifício feito sangue da costa.

Os monges Ryuhon diziam que espíritos só permaneciam presos ao Reino do Duna a contragosto, encurralados ali por amargura, arrependimentos ou apenas rancor. Haveria raiva naqueles tentáculos prateados rodeando Mamoru? Eles o odiavam por sua ignorância? Estavam ofendidos que ele não soubesse o tamanho de seu sacrifício? Ou eram os pensamentos traiçoeiros do próprio Mamoru que haviam deixado os espíritos sinistros?

Talvez, de algum modo, Kwang o tivesse mesmo enganado. Um mentiroso o fizera duvidar de sua família, de seu império e de tudo que já tinha

aprendido. Agora, seus ancestrais, magoados pelo insulto, tinham saído fervilhando do Laaxara para levá-lo embora. Sombras tremeluziam através da névoa, e Mamoru se pegou chegando mais perto de Kwang.

— *O que foi?* — perguntou o garoto, alheio às presenças sobrenaturais.

— *Nada.* — Mamoru ergueu a mão, dispersando a névoa diante da quilha e afastando os rostos fantasmagóricos que espreitavam na escuridão adiante. — *Não foi nada.*

Mamoru conseguiu manter a calma durante o resto da travessia, mesmo assim soltou um suspiro de alívio quando o barco chegou à margem e os dois desceram para terra firme. Com os ombros tensos, Mamoru se pegou assustado demais para se virar e olhar de novo para o lago.

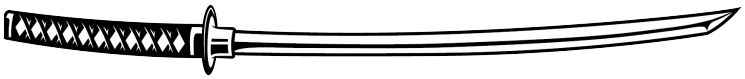
— *Tem certeza de que está bem?* — perguntou Kwang, observando o rosto do colega na luz fraca.

— *Claro que estou* — respondeu Mamoru, tentando com afinco usar um tom gélido. — *É você que está com o braço quebrado. Vamos.* — Ele segurou Kwang pelo braço saudável com as duas mãos. — *Fique por perto. Eu conheço o caminho por aqui, mas é íngreme e desnivelado. Não quero que você caia e quebre mais nenhum osso.*

Era uma desculpa plausível, mas no momento Mamoru só queria se segurar a alguma coisa viva.

5

A forja



Mamoru não conhecia aquela parte da montanha tão bem quanto conhecia a escadaria, mas encostara o barco perto do córrego que fluía do lago Kumono. Sabia que, se seguissem o curso da água sem serem pegos pela correnteza, acabariam encontrando ajuda. Sapos cantavam e gotas de orvalho umedeciam os tornozelos deles enquanto avançavam pela grama junto ao córrego. Os vaga-lumes que sobrevoavam a margem não clareavam muito o caminho, mas, com o orvalho e a água corrente, Mamoru conseguiria mantê-los no caminho certo mesmo sem enxergar direito.

— *Ainda falta muito?* — perguntou Kwang, e Mamoru notou a exaustão na voz do colega.

— *Estamos quase chegando. Olha.* — Ele apontou montanha abaixo, onde um brilho alaranjado surgira além de uma escarpa rochosa.

— *O que é aquilo?*

– *Uma forja acesa* — respondeu Mamoru, permitindo-se um sorriso de alívio. — *Chegamos à vila numu.*

– *Aonde?*

– *À vila numu. Sabe, onde moram os ferreiros.*

– *É para lá que estamos indo?* — disse Kwang, os olhos arregalados de medo sob a luz dos vaga-lumes.

— Eles são curandeiros sábios. Os melhores que vamos encontrar esta noite. Vão saber como cuidar do seu braço.

O mapa de Kaigen agrupava todo o povo do monte Takayubi sob uma única denominação: "Vila Takayubi". Na realidade, havia quatro vilas separadas na montanha, cada uma habitada por um povo diferente.

O mais baixo daqueles vilarejos era a vila pescadora, no sopé, onde tia Setsuko nascera. No meio, rodeada de pinheiros, ficava a vila ocidental, onde moravam as famílias de koronu que haviam se mudado para Takayubi ao longo dos anos, na esperança de treinar com os grandes Matsuda e Yukino.

A vila onde Mamoru morava estava bem no topo, quase ao nível das nuvens. A antiga vila era o motivo de as outras existirem; era o lar dos Matsuda e dos Yukino, que governavam a montanha havia mais de mil anos. A vila numu não ficava longe da vila antiga, aninhada entre as pedras, brilhando mesmo nas noites mais frias.

Kwang ainda encarava o fogo como se ele fosse saltar pelas rochas e mordê-lo, mas, para Mamoru, a vila numu era como um segundo lar. Todo ano, o pai o mandava para lá por alguns meses para servir de aprendiz aos ferreiros Kotetsu. Em quase toda a Kaigen, seria considerado atípico — até impensável — que um koro fosse treinado nas artes numu, mas os Matsuda tinham uma relação especial com seus vizinhos Kotetsu.

A comunidade numu de Takayubi, antes uma vila, havia se transformado em um grande aglomerado de casas junto ao córrego Kumono. Quando Mamoru conduziu Kwang pelo caminho principal rumo à luz da forja, foram recebidos por martelos ressoando como os sinos de um templo, tirando a golpes as impurezas do metal. Enquanto o resto da montanha dormia, os ferreiros seguiam trabalhando noite fria adentro, quando o calor das forjas era mais suportável.

– *Eu não sabia que ainda existiam vilas numu como essa* — comentou Kwang, conforme o ar ao redor aquecia. — *Não existem, tipo, máquinas que podem fazer esse*

serviço?

– Se existissem máquinas para aprimorar o trabalho, eles as usariam. A família Kotetsu forma os melhores ferreiros do mundo – respondeu Mamoru.

– Se as espadas deles são as melhores do mundo, por que essa gente ainda está aqui? Por que eles não vão trabalhar fabricando armas para o exército kaigenês?

– Alguns vão – respondeu Mamoru. Nos tempos de seu avô, a vila Kotetsu tinha o dobro do tamanho. *— Muitos ferreiros de Takayubi se mudaram para as cidades ao norte para abrir fábricas, mas os melhores ficaram.*

– E eles ganham a vida assim? — perguntou Kwang, incrédulo. *— Não deve dar para fazer muitas espadas por mês em uma fogueira...*

– Três. Se eles estiverem com pressa.

– Espera, o quê? Só três? E eles só fazem isso? Quem é que patrocina isso?

– Nós. Eles ainda estão aqui porque o exército não consegue bancá-los; nós pagamos o quanto eles valem.

A verdade era que a família Matsuda já não tinha como pagar o que os Kotetsu valiam. Os dois últimos meses que Mamoru passara como aprendiz haviam sido mais um pagamento em serviço pela última espada adquirida pelos Matsuda do que um treinamento de fato.

– Uma espada dessas vale o mesmo que uma casa, fácil.

A família Yukino já tinha vendido um de seus antigos castelos na costa para comprar as últimas espadas encomendadas.

Àquela altura, Mamoru e Kwang tinham alcançado o caminho largo e pisoteado que percorria toda a vila. Enquanto o resto da montanha dormia sob o luar frio, o assentamento numu estava iluminado pelo brilho amarelo-alaranjado das tochas. Alguns fogos jamais se apagavam ali. Não importava o momento da noite, sempre havia alguém trabalhando.

Kwang hesitou e Mamoru teve que atraí-lo pelo caminho principal. A reação dele não era incomum; a maioria dos konoru tinha um medo saudável do território inflamável dos numu, mas Mamoru já andara por ali tantas vezes

que o calor não o incomodava.

No entanto, sentiu uma onda de culpa dominá-lo feito chamas sobre lascas de madeira. Apesar de todos os meses passados treinando ali, jamais conseguira traduzir as artes do aço para o gelo. O som de marteladas aumentou e cada golpe doía, lembrando-o dos próprios esforços para criar uma lâmina... de todas as suas impurezas.

Já tinham avançado bastante quando Mamoru notou uma figura se movendo sob a luz do fogo; o filho do ferreiro-chefe, carregando uma enorme pilha de lenha.

— Atsushi! — chamou Mamoru.

O numu de 10 anos parou, ergueu os olhos e abriu um enorme sorriso.

— Mamo... Matsuda-dono! — corrigiu-se ele, lembrando-se da etiqueta.

Quando os dois eram crianças, tinham a liberdade para se chamar pelos nomes, mas, depois que haviam se tornado rapazes, Atsushi precisava se lembrar de se dirigir ao filho do patrono com o devido respeito. Ele se atrapalhou por um momento com a lenha, então a depositou no chão e se curvou profundamente.

— Bem-vindo... Sinto muito, a gente não estava esperando uma visita. — Ele olhou para Mamoru. — O que... O que está fazendo aqui?

— Eu sinto muito por incomodar sua família. Estamos com um problema...

— Você está machucado! — exclamou Atsushi, notando o sangue nos nós dos dedos de Mamoru.

— Estou bem — respondeu ele, às pressas —, mas meu colega precisa de cuidados médicos. Me desculpe por pedir...

— Vou chamar meu pai agora mesmo. — Atsushi disparou para dentro de casa antes que Mamoru pudesse agradecer, a lenha esquecida no chão.

— *Quem era o garoto?* — perguntou Kwang.

— *Kotetsu Atsushi é filho do ferreiro-chefe* — explicou Mamoru, abaixando-se para catar a lenha que o amigo tinha largado. — *Venho servindo como aprendiz ao*

lado dele desde que a gente era pequeno.

– Você... espera, como assim?

Antes que Mamoru pudesse explicar, uma mulher pôs a cabeça para fora de casa e chamou:

— Mamoru-dono, largue isso, seu bobo!

— Não é trabalho nenhum, Kotetsu-san. Eu posso...

— Deixe de bobeira! — exclamou a esposa do ferreiro. — Meu filho vai pegar. Entrem, você e seu amigo.

— *E quem é aquela?* – perguntou Kwang, enquanto Mamoru ignorava as instruções da mulher e carregava a pilha de lenha até a porta dos Kotetsu.

— *A mãe de Atsushi* – respondeu Mamoru, pondo a lenha no chão. — Kotetsu Tamami.

— *Ela também fabrica espadas?*

– *Não, não.* — Mamoru riu. Mulheres não tocavam em espadas, muito menos as forjavam. — *Ela faz enfeites para cabelo.*

Quando Mamoru e Kwang entraram na casa, Tamami estava junto do fogão, cozinhando, e a sogra idosa dela, Chizue, cochilava em uma cadeira ali perto. Os pequenos Hotaru, Naoko e Kyoko, cujos gritos e risadinhas em geral davam as boas-vindas a Mamoru, não estavam à vista, provavelmente já na cama.

Por mais sujos que as ruas e os prédios da vila numu parecessem por fora, o interior da humilde casa dos Kotetsu estava sempre imaculado. Mamoru tinha acabado de apresentar Kwang a Kotetsu Tamami e de agradecer mais uma vez a ela quando o ferreiro em pessoa cruzou a porta dos fundos, limpando as mãos sujas de fuligem em um trapo.

Kotetsu Katashi era um homem enorme, com braços musculosos e firmes, e ombros que preenchiam toda a passagem. Era uma figura intimidante de martelo na mão e olhos furiosamente concentrados. Longe da forja, no entanto, tinha uma voz calorosa e um sorriso gentil que tranquilizavam mesmo

os mais nervosos. Foi esse sorriso que ele ofereceu a Mamoru, largo e contente sob as manchas de fuligem.

— Boa noite, Kotetsu Kama — cumprimentou Mamoru. — Mil perdões! Não pretendia interromper seu trabalho.

— Ah, não tem problema, pequeno Matsuda. — Kotetsu sacudiu a mão. — Atsushi-kun pode cuidar do fogo por uma gbaati. Vou só me lavar e já dou uma olhada no seu amigo. Enquanto isso, podem se sentar na cozinha. Minha esposa vai servir chá e comida para vocês já, já.

— Kotetsu Kama, por favor, não precisa — protestou Mamoru. — Não queremos dar trabalho...

— Bobeira, Mamoru-dono. Não é trabalho nenhum. A casa é sua.

— Não precisamos comer nada...

— E o que vou dizer a Matsuda Takeru-dono? Que mandei seu filho ferido embora de barriga vazia? Vocês vão ficar para o jantar — disse Kotetsu em um tom decidido que fez Mamoru se calar.

— Obrigado, Kotetsu Kama — disse ele, curvando-se de novo.

Kwang também se curvou, murmurando baixinho:

— Obrigado.

Depois que o ferreiro se afastou, Kwang se virou para Mamoru com uma expressão surpresa.

— *Você chama ele de "Kama"?* — sussurrou.

Mamoru entendia a confusão; aquele honorífico era em geral usado por um servo ou aprendiz para se referir ao mestre. Não era um título que um koro kaigenês usaria para se dirigir a um numu encardido.

– *Pensei que você fosse de uma casa guerreira.*

– *Eu sou. Por isso devo a ele respeito* — respondeu Mamoru.

– *Eu não... Como assim?* — sussurrou Kwang, seguindo Mamoru até a cozinha dos Kotetsu.

— *Minha família tem uma relação especial com os Kotetsu. Você não tem como*

entender...

— Claro que ele não entende — intrometeu-se uma voz impaciente, fazendo Mamoru pular de susto ao perceber que vinha da Vó Kotetsu. Não notara que a idosa enrugada estava acordada. — Como entenderia? Ele é um forasteiro. — A mulher recurvada se inclinou para a frente, os olhos turvos se estreitando. — Eu posso não enxergar mais nada, mas conheço cada grão de nyama nesta montanha. *E você, garoto, não nasceu aqui. Você veio de algum lugar bem longe, não foi?*

Kwang apenas encarou a velha numu, boquiaberto.

— *Está com algum problema, garoto?* — retrucou a mulher, irritada. – *Pensei que seu braço estivesse quebrado, não sua língua.*

— *P-perdão, numuba* — gaguejou Kwang.

— *Numuba?* — Vó Kotetsu soltou uma risada diante do uso do honorífico yammanka. — *Ele também fala como um forasteiro. Matsuda-kun.* — Os olhos cegos da mulher não se moveram, mas ela inclinou a cabeça com carinho na direção de Mamoru. — *Não espere que um garoto da cidade como ele entenda nossas maneiras, não importa o quanto explique. Para ele, nós somos esquisitos. Um mito. Uma fantasia boba de muito tempo atrás.*

– Eu não disse que...

— *Por favor, sente-se, Kwang-san* – pediu Tamami, com gentileza. — Mamoru-dono, você também. Tome um pouco de chá.

Ela serviu a cada um deles uma xícara de chá bem quente e saiu às pressas para pôr comida na mesa. Mamoru sorveu um pouco de água do ar e tentou não fazer careta ao lavar as mãos. Os nós dos dedos dele ainda sangravam, apesar das casquinhas que o garoto criara. A água ardeu. Sentiu os olhos de Kwang sobre si ao devolver a água ao ar ao redor e fez o que pôde para manter a cabeça baixa.

— Nosso koro está perturbado — murmurou a Vó Kotetsu, quase para si mesma. — O jiya dele está a ponto de ferver e afogá-lo.

Mamoru fingiu não ouvir e tomou um gole do chá. A cafeína amarga

deveria tê-lo revigorado; em vez disso, o calor pareceu penetrar seus ossos, derretendo-o como gelo sobre uma chama.

— Muito bem — disse Kotetsu, ressurgindo dos fundos da casa. — *Desculpe, eu esqueci de me apresentar.* — Ele se virou para Kwang e se curvou. — *Meu nome é Numu Kotetsu Katashi.*

– *O meu é Kwang Chul-hee.* — Kwang se ergueu rapidamente e se curvou. — *É um prazer conhe...*

– *Sente-se, sente-se.* — Kotetsu riu, apoiando a mão no ombro de Kwang para fazê-lo se sentar de novo. — *Você parece bem ferido. Não precisa fazer esforço. Vamos dar uma olhada nesse braço.*

— A perna dele também está sangrando. Eu tentei formar uma casquinha, mas... — disse Mamoru.

— Quieto, Matsuda-kun — repreendeu a Vó Kotetsu, naquela voz aguda. — Deixe o numu trabalhar.

— Sim, senhora. Perdão.

— Aqui está. — Tamami serviu uma colherada de arroz em uma tigela e a estendeu para Mamoru. — Coma.

— Obrigado.

Quando Mamoru estendeu as mãos para aceitar a tigela, a luz recaiu sobre elas. Os olhos da mulher se desviaram do punho ensanguentado para o rosto do menino, cheios de preocupação.

— Mamoru-dono... Em que você e seu colega se meteram?

— Eu... — começou Mamoru, mas, antes que pudesse prosseguir, a Vó Kotetsu os interrompeu com um muxoxo.

— Deixe as questões de um koro para os koronu — disse ela à nora. — Se esses meninos arrumaram encrenca, o problema é deles, não nosso.

— Claro — respondeu Tamami, com recato, embora ainda parecesse preocupada. — Me desculpe.

— Então... — Mamoru tentou logo mudar de assunto. — Como estão os

pequenos? — Ele meneou a cabeça na direção do quarto dos fundos, onde imaginava que os três filhos mais novos estivessem dormindo.

— Estão bem. — Tamami sorriu. — Você tem que visitá-los quando estiverem acordados. Eles ficam tão animados quando você aparece.

Do outro lado do cômodo, Kotetsu Kama amarrava uma tala ao braço de Kwang.

— *Relaxe* — disse o ferreiro, em sua voz grave. — *Sei que um garoto da cidade como você provavelmente está acostumado a clínicas bem-iluminadas com muitos equipamentos chiques, mas não precisa ter medo. Eu sei o que estou fazendo.*

Kwang engoliu em seco e assentiu.

— Como um garoto como você acabou em uma vila como a nossa, afinal?

– Meu pai trabalha para... Aaai! — Kwang se retraiu. — *Perdão. Meu pai trabalha para a Geomijul.*

– Para o quê?

– Geomijul. É uma empresa especializada em tecnologia de info-com.

– Então, ele é um vendedor itinerante de eletrônicos?

– Não exatamente. O trabalho dele é instalar a infraestrutura que os lugares precisam para usar aparelhos de info-com. Acho que alguém nesta área resolveu pagar à Geomijul para instalar torres de satélite aqui, para melhorar o sinal dos aparelhos de info-com de vocês. Ele veio para gerenciar essa operação.

– Seu pai sabe que quase ninguém por aqui tem um aparelho de info-com? – perguntou Kotetsu.

— Bom, a empresa tem expectativa de melhorar as vendas depois que houver uma infraestrutura para o devido funcionamento dos aparelhos. O objetivo é instalar torres suficientes para que a comunicação por info-com seja possível de qualquer ponto de Kaigen nos próximos três anos. Meu pai está cogitando falar com os artesãos locais para conseguir ajuda. Ainda não fez muita coisa, mas provavelmente vai vir aqui em breve querendo contratar alguns numuwu. Tenho certeza de que construir enormes torres de metal não é sua especialidade, então, se vocês não quiserem o serviço, posso avisar a ele...

– Pelo contrário, parece ótimo. Vou mandar meu filho Atsushi.

– O quê? Sério?

– Ah, sim. Um jovem numu deve sempre aprender sobre novas tecnologias. Para um velho como eu, esse tipo de coisa é difícil, mas para uma mente em crescimento é essencial. O jovem Mamoru-dono também é um bom metalúrgico – disse Kotetsu, sorrindo para Mamoru. — *Se o pai dele permitir, ele também deve poder ajudar.*

– *Certo.* — Kwang olhou de Mamoru para Kotetsu, confuso. — *Então, Matsuda-san disse que... ele serve como seu aprendiz?*

– Sei que parece estranho, mas é uma tradição mais antiga que a sociedade kaigenesa moderna.

– Mas... por quê? Eu não entendo.

– É uma longa história. Por favor, fique parado, Kwang-san.

Um rangido ecoou quando a Vó Kotetsu se inclinou para a frente.

— *Mil anos atrás* – começou ela —*, muito antes de o metal ter sido moldado em fios condutores e satélites espaciais, o metal mais cobiçado de Kaigen era fabricado por uma pequena família de ferreiros que morava aqui em Takayubi. A inigualável habilidade deles em forjar ferramentas e armas lhes rendeu o nome Kotetsu, que significa "aço" no dialeto de Shirojima. Embora a lei dos kafonu e dos kamaya ainda não tivesse chegado a Kaigen, essa família de ferreiros criou uma relação íntima de patronagem com a nobre casa Matsuda... um elo profundo de sangue e aço que assegurava que os ferreiros Kotetsu estariam sempre protegidos e os Matsuda sempre possuiriam as espadas superiores fabricadas por eles.*

"Naquela época, os Matsuda eram mestres em formar lâminas e lanças de gelo. Embora essas antigas armas de gelo fossem rústicas, o estilo de luta lhes servia bem. Usando o gelo para travar batalhas de longo alcance e o aço forjado dos Kotetsu para lutas corpo a corpo, eles dominaram esta península e boa parte do oeste de Shirojima."

Kwang encarava a Vó Kotetsu com uma expressão confusa, mas parecia intrigado demais para interrompê-la. Já Mamoru estava estranhando ouvir uma história que já escutara tantas vezes no dialeto traduzida para o

kaigengua.

— No auge do reinado da família Matsuda, os primeiros missionários Falleya chegaram em massa a esta costa. Alguns vieram do continente, alguns de Disa e outros de lugares longínquos, como o Império de Yamma. Esses cantores missionários trouxeram novas tecnologias e maneiras de enxergar o mundo. Grande parte do povo de Shirojima abraçou a nova religião, integrando-a avidamente às suas vidas, incluindo os vizinhos mais próximos dos Matsuda, a casa Yukino.

"Mas o patriarca Matsuda, na época, rejeitou abertamente os Falleya, chegando a mandar seus homens decapitarem missionários e convertidos nas ruas. Em retaliação, um exército Falleya, liderado pelo lorde Yukino Izumi, sitiou o castelo Matsuda e o demoliu por completo. Os Matsuda que não morreram em batalha foram queimados no incêndio... exceto um. O filho mais novo do lorde, Matsuda Takeru, cujo nome o pai deste menino herdou."

A velha meneou a cabeça na direção de Mamoru.

— Conforme as chamas tomavam o quarto em que ele dormia, sua mãe o envolveu em um abraço de água e gelo. O fogo consumiu madeira, carne e osso ao redor, mas o amor dela o protegeu. Quando o sol nasceu, no dia seguinte, a mulher havia morrido, após enfim sucumbir ao calor e à fumaça, mas, nos braços dela, o menino Takeru sobrevivera.

Mamoru permaneceu quieto, as mãos doloridas pousadas no colo. Tinha ouvido a história de Takeru Matsuda dezenas de vezes. Quando era criança, a demolição do castelo Matsuda o levava às lágrimas. Naquele momento, teve que encarar as próprias mãos ensanguentadas e se perguntar se aquela história sequer era real. Nunca se sentira tão vazio.

— O exército Falleya de Yukino Izumi fez tudo que pôde para matar qualquer koro no castelo e nas casas ao redor – prosseguiu a Vó Kotetsu —*, mas a família de ferreiros Kotetsu que vivia ali foi poupada, e suas preciosas forjas, deixadas intactas. Pois, segundo Falleya, é pecado cometer violência contra artesãos.*

Kwang assentiu. Como morara em Yamma, sabia disso.

– Foi um Kotetsu chamado Kenzou que resolveu explorar os destroços depois que a

fumaça se dissipou. Foi Kenzou quem encontrou o pequeno Takeru nas ruínas e, com cuidado, o ergueu. Àquela altura, Yukino Izumi tinha se proclamado governante da região, e Kenzou sabia que, se o menino fosse descoberto, seria assassinado. Então, levou Takeru para casa e criou o koro como se fosse um de seus filhos. E esse gesto... esse único gesto de generosidade... mudou o destino da família Matsuda, da família Kotetsu e de toda a Shirojima para sempre.

"Escondido sob um nome falso, o jovem Takeru foi criado até a adolescência na casa de Kotetsu Kenzou, sob o estado Falleya de Yukino Izumi. Conforme crescia, Takeru se revelou um gênio.

"Apesar do que tinha acontecido à família, ele ouviu os missionários finawu e aprendeu os valores dos Falleya. Apesar do sangue de guerreiro, aprendeu a usar a forja como um numu, criando espadas excelentes e muito belas. Apesar do talento como ferreiro, sabia que era seu dever vingar a família e dar continuidade à linhagem Matsuda. Então, quando rapaz, partiu para treinar disfarçado com os soldados jiya dos clãs Ameno e Ginkawa, mais ao norte.

"Ninguém sabe ao certo para onde ele foi durante esse tempo ou quem o treinou, embora muitas casas koro tenham tentado tomar o crédito, depois. Mas foi a história do retorno dele, anos mais tarde, que o tornou uma lenda..."

Kotetsu Chizue deixou a voz morrer, assentindo para si mesma.

— *Então...* – disse Kwang, depois de um momento. — *O que aconteceu?*

– *Ah, você quer que eu continue?* – disse Vó Kotetsu, achando graça. — *Pensei que já tivesse enjoado da história boba desta velha.*

– *Não, por favor. A senhora tem que continuar* – respondeu Kwang, enfático.

– *Muito bem, garoto da cidade.* – Ela deu uma risadinha. — *Quando retornou, Takeru atravessou os portões da cidade desarmado, carregando apenas uma trouxa de viagem nas costas. Lá, anunciou-se diante de todos: "Sou Matsuda Takeru, Senhor de Takayubi. Estou aqui para retomar a casa da minha família". Ao ouvir isso, os guardas da cidade o prenderam e o levaram à presença do lorde Yukino Izumi.*

"No salão de Yukino, Takeru encarou o assassino de sua família pela primeira vez e

repetiu seu desafio. Izumi não se deixou impressionar.

"'Você afirma ser Takeru, herdeiro da casa Matsuda', disse ele, 'mas eu sei que todos os Matsuda foram mortos anos atrás. Isso faz de você um mentiroso e um traidor. Não tenho qualquer obrigação de aceitar seu desafio. Você será executado.'

"'Então, eu ofereço a você uma vantagem. Lutarei com você desarmado', respondeu Takeru.

"'Desarmado!' Yukino riu. 'Acha que pode me matar sem uma espada?'

"'Acho', respondeu Takeru, calmo.

"'Se tem tanta confiança em sua habilidade, por que não me mata agora?', perguntou Yukino.

"Takeru olhou ao redor e respondeu: 'Seus guardas são filhos desta montanha, assim como eu. Prefiro não os ferir.'

"Intrigado, Yukino concordou com o duelo, decidiu o melhor momento e soltou Takeru. Quando seus homens questionaram a decisão, o lorde disse: 'Ele vai colocar o rabo entre as pernas e fugir ou vai entrar na arena comigo e morrer. De todo modo, me livrarei dele.'

"Ao ouvir sobre o retorno de Takeru e o desafio que fizera, Kotetsu Kenzou logo partiu atrás do filho adotivo e implorou que ele desistisse da luta.

"'O desafio foi feito', respondeu Takeru. 'Como homem e como koro, não posso desistir.'

"'Yukino Izumi é um dos melhores espadachins da região', avisou Kenzou, desesperado. 'Eu mesmo fabriquei a espada que ele usa... É a melhor que já fiz. Como espera se proteger sem nenhuma arma?'

"Takeru apenas sorriu. 'Você pode ter dado a Yukino-dono uma ótima espada, mas a arma que deu a mim é melhor do que metal. Você me deu conhecimentos sobre a lâmina em si.' E, dito isso, o jovem Matsuda abraçou seu mentor e pai adotivo e prometeu procurá-lo de novo depois da luta.

"No dia seguinte, Yukino Izumi apareceu com a espada que Kotetsu Kenzou forjara, a melhor arma da época, dobrada mil vezes e afiada o bastante para cortar cinco homens em um só golpe. Yukino encontrou Matsuda no centro da praça principal, diante de toda a Takayubi..."

Kwang se inclinou para a frente, os olhos arregalados.

— Yukino desembainhou a grande espada... e a luta acabou.

– O quê? — protestou Kwang.

— Em um único golpe, o jiya de Matsuda Takeru atravessou a espada Kotetsu e o corpo de Yukino. O usurpador morreu antes mesmo de atingir o chão, vítima da primeira Lâmina Sibilante.

– O quê? Mas... como? — Kwang olhou de Mamoru para a família numu. — *Gelo não atravessa metal. É cientificamente impossível. Mesmo a temperaturas muito negativas, sob muita pressão, o gelo não atinge a densidade do aço. Os militares já testaram em laboratório. Aço não consegue atravessar metal. Não dá.*

– Consegue, sim – respondeu Vó Kotetsu calmamente. — *E já atravessou, muitas e muitas vezes, desde que Matsuda Takeru inventou a técnica.*

O que nem Kwang nem os Kotetsu sabiam era que o poder da Lâmina Sibilante não vinha apenas de sua densidade. Seu poder de corte era um produto da precisão do portador. O espadachim tinha que possuir um controle perfeito do próprio jiya para conseguir aguçar o fio a uma única molécula, permitindo que atravessasse qualquer substância, independentemente da densidade. A técnica era um feito de habilidade e foco humanos que jamais seria replicado em um laboratório.

— Você pode acreditar na história ou não, mas ficou parado por vários siiranu — disse Vó Kotetsu.

– O quê? — Kwang olhou para si mesmo e pareceu notar que Kotetsu Kama tinha limpado, enfaixado e posto tala em todos os machucados. — *Ah.*

Ele soltou uma risada, e um sorriso banguela enrugou o rosto da Vó Kotetsu.

— Viu só? Esta senhorinha tem seus truques.

– Agora, sente-se e coma alguma coisa – disse a esposa de Kotetsu, indicando a mesa para Kwang.

— Mas o que aconteceu depois? – perguntou Kwang ao se juntar a Mamoru à

desgastada mesa de jantar de madeira dos numuwu. — *Depois que Matsuda Takeru cortou Yukino Izumi ao meio? Ele estava parado ali no meio da praça da vila, junto ao cadáver do lorde que governava o lugar, certo? E aí, o que aconteceu?*

– Dizem que os melhores espadachins podem vencer uma luta com um único corte – disse Vó Kotetsu. — *Matsuda Takeru venceu aquela luta e todas as posteriores assim, pois, depois de testemunhar seu poder, ninguém ousou desafiá-lo. A única pessoa que avançou foi o filho de Izumi Yukino, Hayase, um garoto de 12 anos.*

"O jovem órfão Yukino disse a Takeru: 'Não pretendo lutar com você pelo controle de Takayubi, mas não permitirei que execute os finawu desta cidade ou destrua nossos templos Falleya.'

"Por curiosidade, Takeru perguntou: 'E se eu ordenar que os Falleya sejam expurgados desta região?'

"'Eu o desafiarei para um duelo', respondeu Yukino Hayase, sem hesitação.

"Takeru ficou mexido com a coragem daquele garoto, e foi sábio para não repetir os erros do pai. Apesar de seu poder, não queria governar por meio do medo.

"'Sou descendente dos deuses como todos vocês. A lua e o oceano não têm medo de mudanças', disse ele à multidão reunida.

"Ele concordou com o apelo de Hayase, manteve os templos Falleya e incorporou as leis Falleya a seu governo, por fim se tornando ele mesmo um devoto. Sob as novas leis de kamaya, Takeru nomeou os Kotetsu numu da família Matsuda, conectando as duas casas por lealdade e apoio mútuo para todo o sempre."

– E o garoto Yukino? Ele o deixou vivo? — perguntou Kwang.

– Não apenas isso, mas permitiu que voltasse e retomasse o controle de seu castelo ancestral. Takeru se casou com a filha mais velha de Yukino Izumi, Mitsuki, para garantir a paz entre as casas. Seu mestre espadachim, Yukino Dai, é descendente de Yukino Hayase, assim como Matsuda Mamoru e sua família são descendentes de Matsuda Takeru. As duas famílias coexistem nesta região há mil anos, sempre com algumas tensões, mas sempre com respeito. Pois foram nossos ancestrais, Matsuda, Yukino e Kotetsu, que introduziram o primeiro estado Falleya em Shirojima.

– *Uau* – disse Kwang. — *E a Lâmina Sibilante foi passando pela linhagem Matsuda todo esse tempo?*

A Vó Kotetsu assentiu.

— *Takeru ensinou a Lâmina Sibilante aos filhos, que a passaram adiante de geração em geração. Desde aquela época, os meninos da família Matsuda são enviados para servir como aprendizes dos ferreiros Kotetsu, na esperança de que a habilidade com o aço leve à Lâmina Sibilante.*

– *Mas... espera aí* – disse Kwang. — *Segundo Falleya, não é meio estranho que konoru como os Matsuda sejam aprendizes dos numuwu?*

– *A Lâmina Sibilante é a força sagrada que uniu Takayubi* – explicou Kotetsu Kama. — *Em nome da preservação da técnica hereditária Matsuda, abrimos esta exceção. Sem a combinação das artes koro e numu, a técnica não seguiria adiante. Matsuda Takeru era o tipo de gênio que só aparece uma vez por milênio. Em geral, só uma pessoa por geração consegue replicar sua técnica.*

Kwang se voltou para Mamoru.

— *Espera, então alguns Matsuda conseguem usar a Lâmina Sibilante e outros não?*

– *A maioria jamais a domina* — disse Kotetsu Kama, poupando Mamoru de responder —, *embora seja o destino de todo Matsuda passar a vida tentando. Já houve gerações fracas no passado, durante as quais temeu-se que a técnica desaparecesse. Mas demos sorte com esta geração, e teremos ao menos uma Lâmina Sibilante.* – Ele sorriu para seu aluno, mas Mamoru não conseguiu retribuir. — *Temos certeza.*

Na maioria dos dias, Mamoru também tinha. Mas não no momento. No momento, sentia-se frágil, incapaz, vazio.

A lua e o oceano não temem mudanças.

— Então, Matsuda Takeru acabou adotando os ideais dos assassinos dos pais? — perguntou Mamoru, baixinho.

Os três adultos numuwu o encararam, surpresos.

— Bom... sim. Você conhece a história — respondeu Kotetsu Kama.

— Ele era tão forte. Tinha o sangue dos deuses nas veias e apenas... cedeu a

ideias estrangeiras? — murmurou Mamoru.

— Ele teve a inteligência de ver que Falleya era o caminho do avanço — disse Kotetsu Kama, e a voz grave, em geral tão tranquilizadora, por algum motivo irritou Mamoru. — Embora os Falleya tenham matado sua família, também foram os Falleya que pouparam a família Kotetsu, que o salvou, e foram os Ryuhon Falleya liderados por ele que fortaleceram esta região desde então.

— Mas como ele sabia? — Mamoru encarou os nós dos dedos, o cenho franzido. — Como ele tinha tanta certeza?

Como alguém podia ter tanta certeza a respeito de uma decisão que impactava o destino de milhares de pessoas? Como?

— Você está bem, Mamoru-dono? — perguntou o numu, com gentileza.

Mamoru não estava bem. Estava fervilhando de novo, o jiya agitado pelo calor.

— Como ele pôde simplesmente abandonar tudo que conhecia... o legado da própria família... por uma nova religião?

— Takeru cresceu aprendendo os princípios das duas religiões. Ele estudou ambas com a mesma dedicação com que estudava a espada. Como líder, precisou tomar uma decisão. — Kotetsu hesitou. — Tem certeza de que está bem? Seu jiya parece indisposto...

— Kotetsu Kama. — Mamoru ergueu o rosto abruptamente. — Me fale sobre a obsidiana yammanka.

— O quê? — disse Kotetsu, surpreso.

— Os tipos de vidro super-resistentes de Yamma. Algum artesão kaigenês sabe fabricá-los?

— Claro. Hoje em dia, existe tanto comércio e troca cultural entre Kaigen e Yamma que muitos kaigeneses sabem como trabalhar o vidro jonjo.

— Mas não o vidro zilazeno?

— Claro que não. — Kotetsu riu. — A produção desse material é uma técnica

hereditária, como nossa técnica de dobrar o aço e sua Lâmina Sibilante. Os segredos não saem da família Zilazen.

— Ah. — Mamoru não sabia disso. — Então, o exército kaigenês nunca produziu nada feito de vidro zilazeno?

— Não, embora meus primos tenham me dito que o Império anda importando muita munição yammanka, então quem sabe...

— E coisas maiores? Kaigen já teve máquinas de vidro zilazeno? Tipo tanques ou aviões?

— Não que eu saiba. Os Zilazen fabricam máquinas para serem operadas pelos tajakalu, não pelos jijakalu. Não faria sentido importar esse tipo de equipamento. E em Kaigen com certeza não tem nenhum artesão capaz de criar vidro zilazeno. Acredito que um ferreiro kaigenês teria que se casar com uma senkuli Zilazen para ter acesso a esses segredos. Mesmo nesse caso, talvez fosse uma técnica muito bem protegida. É possível que apenas os descendentes de sangue Zilazen tenham permissão de aprender... Então, o filho de um casamento mestiço, talvez?

Tamami soltou um muxoxo reprovador.

— Por que um bom teonita macularia sua linhagem desse jeito?

— Não sei. — Kotetsu deu de ombros. — Talvez a impureza valha a pena, se nos render, um dia, uma katana de vidro zilazeno.

— *O senhor acha que seria possível?* — perguntou Kwang, e Mamoru não conseguiu discernir se o colega estava mesmo empolgado ou só querendo desviar o assunto de aviões.

— *Eu sei que já foram fabricadas espadas de vidro zilazeno* – respondeu Kotetsu.

— *É mesmo?*

– *Elas são raríssimas. Não existem mais do que cem no mundo.*

Depois de Kwang fazer mais dezenas de perguntas sobre a fabricação de espadas e a esposa de Kotetsu ter certeza de que os garotos tinham comido tudo que aguentavam, o ferreiro acompanhou Kwang e Mamoru aos limites da

vila numu e se despediu. Mamoru se curvou mecanicamente para o professor e lhe desejou uma boa-noite.

Quando partiu com Kwang montanha acima, Mamoru esperava que o nortenho fosse lhe dizer algo do tipo "eu avisei". Estava pronto para isso, mas Kwang não se gabou, apenas seguiu o caminho até a vila ocidental, em silêncio, ao seu lado.

— *Você vai ficar bem?* — perguntou ele, quando decidiu falar.

A voz de Mamoru não soou severa nem tempestuosa, mas vazia.

— *Vou.*

Caminharam em silêncio por um tempo. Kwang não precisava mais que Mamoru o conduzisse; o céu já estava clareando, iluminando o caminho adiante.

– *Como está seu braço, Kwang-san?*

– *Chul-hee.*

– *O quê?*

– *Pode me chamar de Chul-hee* – disse Kwang. — *Caímos juntos de uma montanha. Já podemos nos tratar com mais intimidade, né?*

Mamoru nem olhou para o garoto.

— *Como quiser.*

– *Obrigado por me apresentar aos seus amigos numu, aliás. Eles são legais.*

– *Que bom que gostou deles. E desculpe por você ter tido que ouvir toda uma aula de história.*

– *Não tem problema. Eu gosto. E a história de vocês é bem interessante.*

Isso se for mesmo verdadeira, pensou Mamoru. Se o sensei Hibiki estava enganado a respeito do passado de Takayubi, a Vó Kotetsu também podia estar. Qualquer pessoa podia.

– *Então, hã...* — Kwang devia ter sentido o peso na nyama de Mamoru, pois mudou de assunto. — *Foi bem legal o que Numu Kotetsu disse sobre as armas de vidro zilazeno, né? Eu não fazia ideia de que os Zilazen fabricavam espadas!*

– Eu também não. Acho que os artesãos do mundo todo compartilham coisas que nem sempre dizem respeito a nós, konoru.

– Você acha que uma katana de vidro zilazeno seria mais forte do que sua Lâmina Sibilante mágica?

– Eu não consigo fazer uma Lâmina Sibilante – disse Mamoru –*, e, de todo modo, acho que nunca teria a chance de testar. Kotetsu Kama disse que existem menos de cem espadas zilazenas no mundo todo.*

Um pouco mais à frente, os meninos se separaram.

— Boa noite, Chul-hee-kun — disse Mamoru, testando aquele cumprimento mais íntimo. Foi estranho, até que Kwang se virou e sorriu para ele; um sorriso exausto, cheio de gratidão e carinho que Mamoru não tinha feito por merecer.

— Boa noite, Mamoru-kun.

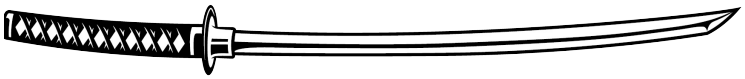
Mamoru não tinha como saber que passara a vida toda com uma espada de vidro zilazeno ao alcance. A lâmina preta fora guardada sob as tábuas do assoalho da cozinha dos Matsuda pouco depois de seu nascimento e lá permanecera, intocada, desde então. Era uma arma leve, pouco maior que uma wakizashi tradicional, mas já estivera em mais combates do que qualquer katana no dojo Matsuda.

Claro que Mamoru não tinha como saber de nada disso.

Afinal, a mãe dele jamais falava sobre o próprio passado.

6

O passado



Tsusano Misaki endireitou o corpo, ofegante. Não estava tremendo. Não exatamente. Estava mais vibrando.

— *Conseguimos!* — Ela se virou para a figura encapuzada mais ao fundo do beco. Nunca se sentira tão viva. — *Conseguimos!*

– *Você* conseguiu. – Elleen Elden baixou o capuz, deixando o cabelo loiro cair, conforme seus olhos castanhos bizarramente claros percorriam a confusão de teonitas inconscientes e sangrando. — *Eu só cuidei dos preparativos.*

A littigi tinha a adaga a postos, mas não precisara usá-la. Assim que a ilusão se desfizera, Misaki entrara correndo e derrubara os quatro homens antes que qualquer um deles notasse a sombra percorrendo suas fileiras. Elleen não era nada fresca, mas franziu a testa ao observar o trabalho de Misaki.

— *Me desculpe por isso. Eu não devia ter piscado.* — Elleen com frequência fazia aquilo de se referir às ilusões em primeira pessoa. — *É que... quando eles sacaram os facões, perdi a concentração. Sinto muito que você tenha tido que intervir.*

– *Eu não sinto* – respondeu Misaki, o rosto iluminado por um sorriso extasiado.

— *Podíamos ter mantido eles aqui sem precisar machucar ninguém.* – A ruga na testa de Elleen se aprofundou. — *Se eu tivesse mantido a calma...*

Uma batida ecoou da rua além do beco e as duas olharam para o céu.

Nenhum sinal de Pássaro de Fogo ainda. Robin continuava lutando.

— *Vou lá.* — Misaki passou por cima do homem caído mais próximo, seguindo na direção da rua, mas Elleen segurou seu braço. — *O que foi?*

As frágeis mãos hadeanas de Elleen não conseguiam apertar com muita força, mas a tensão na pegada passava a impressão de que ela pretendia ser firme.

— *E se esses homens morrerem antes de o socorro chegar?*

– *Ah.* — Misaki se virou para olhar as vítimas esparramadas pelo pavimento sujo. — *Tenho certeza de que não vão...*

Ela se interrompeu quando o indício de sangue correndo livremente alcançou seus sentidos e, a contragosto, percebeu que Elleen tinha razão. Alguns dos golpes tinham sido mais profundos do que ela pretendia. Por que corpos humanos eram tão macios? Os tajakalu não deveriam ser duros? Talvez aqueles traficantes malusianos fossem mais fracos por causa do sangue mestiço.

– *Está bem.* — Misaki livrou o braço do aperto de Elleen. — *Vou cuidar para que eles não morram.*

– *Eu vou lá me juntar à luta. Tenho certeza de que você chega logo depois.*

– *Isso se eu não chegar primeiro.*

– *Rá.* — Elleen embainhou a adaga, puxou o capuz para esconder o cabelo e saiu correndo do beco.

Misaki não se importava muito com a vida daqueles lutadores, mas pensou no quanto Robin ficaria chateado se descobrisse que alguém morrera durante uma das missões dele e lidou com os tajakalu com cuidado. Prestou atenção até aos menores cortes, coagulando cada um dos sangramentos. Dois tinham feridas na cabeça, onde tinham sido atingidos pelos socos reforçados com gelo de Misaki. O terceiro ela mutilara bem feio, cortando um dos braços quase até o osso; aquele precisaria de cirurgia.

Enquanto cuidava das feridas menores do terceiro homem, este se mexeu e

resmungou. Misaki levou a mão à adaga, mas ficou claro que o malusiano estava atordoado demais para representar perigo. Além disso, ela fizera um bom corte em sua panturrilha; ele não ia andar, muito menos lutar, tão cedo. O homem a encarou, mas não teria uma boa visão do rosto dela. Koli planejara os trajes de luta com cuidado; mesmo com o capuz caído e o cabelo à mostra, a máscara escura presa ao rosto de Misaki escondia suas feições.

— *O q... O que é...* – começou o homem, mas se interrompeu com uma careta ao tentar mover a perna ferida.

— *Vocês têm muita sorte.*

– *Por quê?* — perguntou ele, ainda parecendo à beira da inconsciência.

— *Pássaro de Fogo não quer que vocês morram.*

– *Pássaro... de Jogo?* – murmurou o homem. Com certeza à beira da inconsciência.

— *Pássaro de Fogo* – repetiu Misaki, seca. — *Se quiser se dar bem nesta parte de Livingston, lembre-se desse nome.*

Ao terminar de cuidar da perna do homem, Misaki se levantou e olhou ao redor à procura da adaga que tinha perdido durante a luta. Sentia-se desequilibrada com apenas uma das adagas feitas por Koumbia presa ao quadril, mas não conseguia encontrar a outra. Quem sabe um dos malusianos tivesse caído em cima da arma?

— *Você...* — O homem se mexeu de novo, tentando se levantar.

— *Fique quieto* — ordenou Misaki, em tom ríspido. — *O idiota do seu empregador trouxe vocês para território dos Pantera. Se for para a rua, vai levar uma flechada no pescoço. Fica aí deitado até Pássaro de Fogo providenciar o resgate de vocês. Se eu fosse você, me fingiria de morto.*

– *Fingir de morto?*

– *Isso. E nunca mais aceite um serviço de Yaolt Texca.*

Misaki chegou à conclusão de que não adiantaria de nada procurar pela adaga, de modo que puxou o capuz e partiu para a verdadeira luta,

atravessando a rua até o beco seguinte. Já desperdiçara tempo demais com os homens de Texca. Robin e Elleen podiam estar precisando de ajuda.

Um grupo de adynos sem-teto gritaram de surpresa ao vê-la se aproximar. Inconveniente. Eles obstruíam o beco, e levaria tempo demais para contorná-los, então Misaki disparou na direção deles, desviando-se no último momento para subir pela parede de concreto. No quinto passo, tomou impulso com as duas pernas. Moléculas de água se acumularam ao redor de suas mãos e pés e, quando ela alcançou a parede oposta, o gelo se formou e grudou-a à superfície.

Os adynos soltaram exclamações chocadas; devia ser raro verem uma garotinha estrangeira se grudar a uma parede feito uma lagartixa. Misaki escalou o prédio sob o olhar admirado deles, mantendo a água ao redor das mãos e dos dedos dos pés, derretendo o gelo toda vez que precisava se mover, depois recongelando-o de volta contra o prédio.

Ainda não possuía a agilidade que desejava com aquela nova técnica de escalada, mas depois que pegou o ritmo — pé direito, mão direita, pé esquerdo, mão esquerda —, não demorou para alcançar o topo do edifício. Ao subir no terraço de concreto, Misaki se virou para examinar a área.

Ali, no alto do conglomerado de North End, o vento açoitava seu capuz e sua capa. A alguns quarteirões, uma explosão de fumaça revelou a localização de Robin, e lá estava Elleen, um raio claro no traje branco, correndo rumo à comoção. Misaki a alcançaria com facilidade. As batidas de um coração humano captaram sua atenção, e ela se virou. Um adyno de cabelo cor de areia cruzava a porta do terraço. Tinha uma besta na mão e a faixa amarela dos Pantera ao redor da cintura.

— Shimatta — praguejou Misaki, baixinho, no dialeto de Shirojima.

— *Ei! O que você está fazendo aqui? Isso aqui é território dos Pantera!* – disse o homem, então ergueu a besta, mas, como a maioria dos adynos, era lento.

Misaki jogou água nele e a congelou com um golpe intenso de jiya. Ele gritou quando a besta e a flecha foram congelados contra sua mão.

— *Invasora! Inva...*

O jorro de água seguinte o acertou na boca, fechando-a com gelo.

— *Desculpe.* – Misaki se aproximou do adyno e o empurrou contra a porta, ignorando o soco com que ele a acertou no rosto.

Tinha descoberto que o soco de um adyno adulto era mais ou menos o equivalente ao golpe de uma criança de 4 anos — chato, mas inofensivo. Os irmãozinhos dela já conseguiam desferir socos mais fortes do que os daquele homem antes mesmo de terem aprendido a andar. Ao ferir os nós dos dedos contra o rosto de Misaki, o homem buscou o facão no cinto, mas ela segurou a mão livre dele antes que alcançasse a arma.

— *Desculpe* – repetiu ela, pegando o cabo do facão e o puxando da bainha rústica e malfeita. — *Vou pegar isso aqui emprestado.*

Afastar-se foi um alívio, pois o fedor dele era mais agressivo do que soco que dera em seu rosto. Ela realizou um movimento com o facão e fez uma careta. O equilíbrio era *péssimo*, mas o alcance extra seria uma vantagem bem-vinda em relação às adagas.

— *Não viemos invadir seu território* – disse ela ao adyno, torcendo para que o homem de aparência abestalhada a compreendesse mesmo com o sotaque kaigenês. — *Vamos embora assim que terminarmos de lidar com os intrusos malusianos.*

Misaki abandonou o atordoado Pantera, correu até a beira do terraço e saltou. Não era a melhor saltadora, mas descobrira que podia duplicar a distância normal ao reunir gelo sob os pés e se impulsionar dele com um empurrão do jiya. O vento rugiu ao redor em um glorioso momento de voo até que o concreto do terraço seguinte se aproximou.

Reunindo mais água sob os sapatos, Misaki a transformou em neve. Não muita, só o bastante para suavizar o impacto nos joelhos e tornozelos ao aterrissar. Ao pousar no terraço, o impulso a fez dar uma cambalhota antes de se pôr de pé de novo e seguir correndo. Depois de mais alguns saltos impulsionados pelo jiya, usando neve para amaciar os pousos e gelo para se

grudar às paredes quando necessário, Misaki alcançou Elleen.

— *Aí está você, Sombra* — disse a littigi, ofegante, enquanto corriam. — *No momento certo.*

O cansaço de Elleen era óbvio, mas, considerando como a maioria do povo dela era fraco, Misaki ficava impressionada que a garota branca conseguisse correr tão rápido por distâncias tão longas. Pernas compridas e determinação pareciam compensar os músculos frágeis conforme as duas disparavam pelos últimos quarteirões rumo à fumaça.

Quando surgia a oportunidade, Pássaro de Fogo impedia alguns crimes menores, mas só caçava assassinos. Nas semanas anteriores, aqueles três traficantes malusianos — Yaotl Texca, Mecatl Silangwe e Kolonka Mathaba — tinham invadido a casa de alguns de seus competidores abirianos e matado duas pessoas no processo. Os homens que Misaki e Elleen haviam confrontado mais cedo eram ajudantes contratados por Texca, um punhado de malusianos desafortunados que só precisavam de empregos. Os verdadeiros assassinos estavam logo adiante.

Enquanto Misaki e Elleen corriam para se juntar à ação, passaram por um malusiano inconsciente esparramado no concreto em meio a algumas garrafas quebradas e mais lixo.

— *Qual é esse?* — perguntou Misaki, lançando apenas um olhar à figura caída.

— *Silangwe* – respondeu Elleen; a memória fotográfica dela nunca falhava em identificar um rosto.

Havia três pulsações aceleradas depois da esquina à frente, três pontos ferventes no ar frio. Texca e Mathaba, os dois combatentes mais experientes, ainda estavam lutando.

— *Pronta, Sombra?* — sussurrou Elleen.

— *Quando quiser.*

As duas garotas viraram a esquina e, no mesmo instante, Kolonka

Mathaba se voltou para encará-las, a longa trança preta caída sobre o ombro e as mãos cheias de fogo. Atrás dela, Robin combatia o infame Yaotl Texca, mas Misaki e Elleen não podiam se preocupar com ele no momento.

O perigo imediato eram as chamas de Mathaba — um tom esbranquiçado de azul, em vez de laranja, muito mais quentes do que o fogo de um tajaka comum e além da capacidade de extinção de Misaki. Só quando Elleen estendeu a mão para a capa foi que Misaki se deu conta de que estivera, de modo ousado e idiota, correndo para atacar a tajaka.

— *Ao meu comando* – disse Elleen, a única que conseguiria manter um tom tão calmo diante de chamas quentes o bastante para derreter a carne de uma pessoa dos ossos. Atrás dela, Misaki sentiu a littigi exausta respirar fundo e se concentrar. — *Calma...*

Elleen fez Misaki recuar um passo, conforme Mathaba investia, então apoiou a mão no meio das costas da companheira.

— *Vai!* – Ela deu um empurrão.

Misaki disparou e, ao fazer isso, meia dúzia de Misakis explodiram dela, ilusões ondulantes usando o mesmo manto azul e preto, movendo-se com sua famosa agilidade. As Misakis holográficas de Elleen se espalharam em todas as direções, desorientando Mathaba por um instante, mas a tajaka não era boba. Ela moveu o braço em um grande arco, soltando uma chicotada de fogo azul que atravessou o círculo de ilusões.

Foi um jeito eficiente de determinar qual das garotas de capuz preto era a verdadeira, pois, no momento em que Misaki se abaixou para escapar das chamas, ela se diferenciou das ilusões, que, claro, seguiram inabaladas pelo calor.

No fim das contas, as ilusões lhes haviam garantido apenas um dinma de tempo, mas o pai dela sempre dizia que um grande guerreiro sabia aproveitar até as menores vantagens. Quando Mathaba voltou a focar a verdadeira Misaki, esta já tinha invadido a guarda da tajaka. Envolta no calor atordoante

da aura de Mathaba, Misaki desferiu um golpe de baixo para cima. O facão não fazia um corte tão limpo quanto uma katana, que teria decepado facilmente o braço da mulher, mas fez um estrago considerável.

Mathaba gritou, as chamas morrendo, enquanto sangue fervente jorrava do braço dela. Misaki desviou de um golpe do outro braço da adversária e acertou um soco envolto em gelo na têmpora dela. Foi um soco potente, mas a taya de Mathaba era tão quente que enfraqueceu o gelo de Misaki e suavizou a pancada. A mulher alta cambaleou, atordoada, mas não inconsciente.

Chamas avançaram, roçando a mão de Misaki e fazendo com que largasse o facão. Ao recuar, Misaki sacou a adaga, segurando a arma curta diante de si com a mão esquerda; a mão direita, ardendo, fechou-se em um punho e ficou junto ao quadril, com mais gelo envolvendo os nós dos dedos.

O fogo azul se reacendera ao redor de Mathaba, criando ondas de calor intenso, mas Misaki não teve medo. Na verdade, o calor fez seu sangue borbulhar de empolgação, como água fervente. Só precisava abrir outra ferida com a adaga para que a taya da mulher falhasse mais uma vez, então atacar com gelo. Seria fácil, satisfatório. Misaki estava sorrindo, pronta para lutar, pronta para...

O bloco de concreto, tão grande que Elleen mal conseguia erguê-lo, quebrou-se em vários pedaços contra a cabeça da tajaka. Kolonka Mathaba cambaleou conforme uma nuvem de pó tomava seu cabelo e descia por seus ombros. Ela deu um passo... então desabou no chão, desmaiada.

— *Ah...* — Misaki baixou a adaga enquanto Elleen batia as mãos. — *Obrig...*

– *Ajude Pássaro de Fogo* — disse Elleen.

Quando Misaki olhou na direção de Robin, encontrou-o preso ao chão por Yaotl Texca. Jamais vira Robin caído em uma luta, o que lhe causou uma pontada de pânico. Não podia culpar o amigo; ele estivera caçando e enfrentando aqueles três teonitas adultos desde que deixara Elleen e Misaki lidando com os capangas. Em geral, Robin conseguia derrubar qualquer

oponente utilizando-se de sua velocidade e familiaridade com as ruas de North End, mas era óbvio que estava com dificuldades, as mãos trêmulas enquanto ele tentava manter o facão de Texca longe do pescoço.

Sem pensar em mais nada, Misaki avançou. Era insensato que uma jovem jijaka como ela encostasse em um tajaka mais velho, cuja nyama podia sobrepor-se à dela e queimá-la, mas Misaki aprendera que conseguia *aturdir* momentaneamente um oponente e seu fogo com um jato concentrado de frio. Ao atingir a velocidade máxima, ela invocou todo o jiya gélido que conseguiu e atropelou Texca.

O impacto foi doloroso. Ela e o enorme tajaka rolaram juntos, ralando ombros e cotovelos no concreto. Texca agarrou a capa dela, provavelmente pensando que, pelo tamanho de Misaki, seria fácil sobrepujá-la, mas ela já tinha se adiantado e usou o restante do impulso do giro para jogar o tajaka sobre o quadril e derrubá-lo de costas no chão, parando em cima dele com a adaga pronta para o ataque.

Ouvindo apenas vagamente o protesto de Robin, ela desceu a lâmina em direção ao peito da vítima, mas Texca era rápido e atingiu seu braço para desviar o golpe. A adaga cravou-se na parte de cima do braço dele, errando o coração.

Misaki já tinha a mão envolta em gelo e socou Texca com toda a força, uma, duas, três vezes. O quarto golpe partiu o gelo e o tajaka ainda estava acordado. Ela fez menção de golpear as têmporas dele com a base das palmas, mas, no momento em que recuou as mãos, criou uma abertura.

Com sangue escorrendo do nariz e da boca, Texca se impulsionou para a frente e a agarrou pela garganta. A mão gigante e fervente envolveu por completo o pescoço dela; Texca provavelmente conseguiria partir a coluna de Misaki com facilidade, mas ela não lhe deu a chance. Água escorreu por suas mãos até a ponta dos dedos, e ela os cravou no homem, uma das mãos lhe rasgando o rosto e a outra, o dorso da mão que apertava sua garganta. Ele

gritou e soltou o pescoço de Misaki para levar as mãos ao rosto.

O jiya de Misaki moveu-se por instinto, e as garras da mão direita dela convergiram em uma única longa estaca de gelo sobre os cinco dedos unidos. Ela recuou a estaca, sabendo que, daquela vez, atordoado pelo sangue e pela dor, Texca não conseguiria impedi-la...

Um braço envolveu os ombros dela e a puxou para trás. O gelo roçou o pescoço de Texca, mas não o perfurou, pois ela foi arrastada de cima de sua presa. Misaki resistiu, mas Robin a segurou com uma determinação irritante e se colocou entre ela e Texca.

— *Não!* – Robin a agarrou pelos ombros e, malditos deuses, ele era *forte* quando estava desesperado. — *Por favor, não!*

– *O que você está fazendo?* — perguntou Misaki, frustrada.

— *Ele já perdeu. Você não precisa fazer isso.*

– *Ele não está inconsciente* – protestou Misaki, lutando para se livrar de Robin, mas conseguindo conter o instinto de golpeá-lo com seu gelo. — *Ele é perigoso!*

– *Isso não nos dá permissão para...* – Robin se interrompeu com um grito de dor.

Quando o amigo se arqueou, Misaki baixou os olhos para ver a própria adaga cravada na panturrilha de Robin. Texca tinha arrancado a arma do ombro e a usado para esfaquear a perna dele.

O malusiano se pôs de pé em um giro de chamas brancas e laranja. Misaki teve que pular para trás para evitar ser incinerada quando o punho do homem acertou o peito de Robin, fazendo-o recuar. Robin tossiu ao adotar postura de combate, claramente atordoado, mas Texca não ficou para lutar. Em um estouro de chamas, ele se virou e correu. Ia escapar!

Misaki ergueu a mão e reuniu a umidade em uma lança de gelo, então estendeu bruscamente a palma, disparando o projétil rumo às costas de Texca.

— *Não!* – berrou Robin.

Chamas saltaram das mãos dele, tão quentes que derreteram a fina lança koyinu de Misaki antes que atingisse o alvo.

Texca virou uma esquina e desapareceu. Misaki correu atrás dele, mas, quando dobrou a esquina, ele já tinha sumido. Não havia sinal de para qual rua ou beco ele fora. Teria tentado subir em algum lugar alto para caçá-lo, mas sabia, de observar o homem, que jamais o alcançariam. Robin talvez conseguisse, se não tivesse levado uma facada na perna feito um idiota. Ela se virou para ele.

– Que merda foi essa?

— A gente não mata – disse ele, os dentes cerrados, conforme mancava até a parede mais próxima para se apoiar.

— Ele teria nos matado – protestou Misaki. *— Estava prestes a acabar com você quando eu...*

– Obrigado pela ajuda – disse Robin, então repetiu, com firmeza: *— A gente não mata.*

Misaki queria responder, mas o momento após uma luta não era bom para uma discussão prolongada. Era preciso finalizar tudo o mais rápido possível e dar o fora.

Enquanto Elleen algemava Silangwe e Mathaba, Misaki pegou uma cápsula que Koli Kuruma fabricara para ela e a quebrou no chão. Ao se abrir, a cápsula liberou uma névoa química de cor verde vibrante, que se espalhou pelo beco, envolvendo toda a cena, para que Misaki conseguisse rastreá-la com facilidade. Quando necessário, ela impulsionava a névoa com seu jiya, garantindo que todo o beco fosse coberto.

Quando terminou, pegou uma segunda cápsula e repetiu rapidamente o processo na área em que Silangwe caíra. A solução química servia para duas coisas: distorcer qualquer impressão digital que ela, Robin ou Elleen tivessem deixado, e tornar qualquer traço de sangue inútil para testes de DNA. Era uma das maneiras como impediam que as forças da lei ou qualquer pessoa com

equipamento de laboratório descobrissem suas identidades. Quando terminou de espalhar as nuvens verdes sobre os últimos respingos de sangue no pavimento, uma coluna de fogo brotou do beco onde acabara de deixar Robin.

Não pretendia se distrair — já tinha visto o sinal de Pássaro de Fogo de Robin várias vezes —, mas suas mãos caíram ao lado do corpo e ela se pegou olhando como se pudesse sorver o calor com os olhos. As chamas se ergueram bem alto contra as nuvens e então se abriram nas asas que deram a Pássaro de Fogo seu nome. Àquela altura, todo mundo naquela parte de Livingston já sabia o que o sinal significava: criminosos estavam prontos para serem coletados pela polícia.

Claro que Pássaro de Fogo nunca se dava ao luxo de ir embora, confiando que a polícia fosse prender os criminosos sem nenhum incidente. Todo tipo de problema podia acontecer: um criminoso forte podia recuperar a consciência e ferir policiais, oficiais assustadiços podiam machucar um prisioneiro incapacitado, ou uma terceira parte podia tentar intervir e colocar todo mundo em risco.

— *Se esconda e fique de olho, está bem?* – pediu Robin a Misaki, quando ela voltou ao beco. — *Eu vou cuidar dos outros quatro.*

– *Me deixa cuidar da sua perna* – disse Misaki. Sua adaga ainda despontava de forma grotesca da panturrilha de Robin, e a pele marrom-clara assumira um tom pálido de dor.

— *Agora não. Você já limpou a área. Não quero tirar a lâmina e sangrar mais.*

– *Eu consigo impedir o sangue de chegar no chão. E tenho mais cápsulas...*

– *A gente se preocupa com isso no dormitório.*

Então, ele se virou e voltou mancando na direção dos quatro homens que Misaki incapacitara, com Elleen lhe servindo de apoio e usando as ilusões para escondê-los de olhos curiosos.

Misaki encontrou um ponto de observação discreto em um terraço e se acomodou para vigiar Mathaba e Silangwe. Sinceramente, não se importava se

a polícia maltratasse os dois criminosos ou se os Pantera saíssem de seus esconderijos e os matassem, mas Robin se importava. Elleen se importava. E aquela era a cidade deles, não a de Misaki. Logo, a polícia de Livingston apareceu nos carros de patrulha feitos de vidro jonjo e capturou Mathaba e Silangwe. Os oficiais estavam fechando as portas, com os criminosos dentro dos veículos, quando a luz de outro fogo chamou a atenção deles.

Robin disparara um segundo sinal sobre o local onde Misaki e Elleen haviam lutado primeiro — não o Pássaro de Fogo que alertava as autoridades de que criminosos esperavam captura, mas a chama tajaka de três pontas: um pedido universal de atendimento médico. Quando os policiais desviaram o olhar para o sinal, Misaki se retirou rapidamente da beira do terraço para evitar ser flagrada. A cautela era provavelmente desnecessária; ninguém nunca parecia notar uma sombra rastejante sob o brilho das chamas de Robin. A ideia era essa.

— *Acha que é do Pássaro de Fogo também?* – perguntou um jovem policial, claramente impressionado.

— *Talvez* – respondeu o superior, em um tom mais solene. — *Não importa. É só um sinal de atendimento médico, não as asas. Eles não pegaram Texca.*

– Mas você não acha que a gente devia ir conferir? Ou mandar uma ambulância? Alguém pode estar precisando de ajuda.

– Talvez. Não é problema nosso.

– Mas...

– Esses kallaanas vivem se matando — cuspiu um terceiro policial. — *Se a gente mandasse uma ambulância toda vez, esta cidade iria à falência. Agora, entra logo no carro, koroden. A menos que queira passar a noite aqui no território dos Pantera.*

Depois disso, o jovem calou a boca. Ecoaram passos arrastados e portas se fechando. Misaki se esticou para ver a viatura policial disparar para longe, as rodas derrapando na estrada mal pavimentada. Mesmo nos carros de vidro reforçado, parecia que os policiais teonitas estavam ansiosos para voltar à parte

mais preta da cidade.

Tarefa cumprida, Misaki rumou para o ponto de encontro que havia definido com Robin e Elleen. Quando chegou ao beco combinado, Robin não estava à vista, mas ela logo notou a silhueta brilhante de Elleen Elden. A garota comprida estava empoleirada no alto de uma cerca, nos limites de um parquinho que pareceu a Misaki o pior lugar para crianças brincarem. O equipamento de metal estava partido e afiado em pontos onde os tajakalu haviam arrancado pedaços para derreter e fabricar armas. Várias flechas despontavam da areia de algum tiroteio entre gangues.

Quando Misaki se aproximou, Elleen cintilava, entrando e saindo de vista. A littigi fazia aquilo com frequência: brincava com a luz ao redor do próprio corpo, transformando a si mesma em um tipo de miragem.

No ensino fundamental, Misaki aprendera que os cabelos e olhos claros dos hadeanos eram sinais de que eles eram um tipo mais primitivo de humano, mais próximos de cachorros e macacos, que possuíam os mesmos tons. Estava descobrindo que aprendera muitos absurdos.

A verdade inegável era que Elleen era linda, de um jeito duro e doloroso. Os kaigeneses de Shirojima eram sempre acusados de serem rígidos, mas aquela garota hadeana possuía um tipo de rigidez próprio. Era muito nova quando chegara a Carytha, como refugiada, assim como Robin. Não falava muito do que passara na terra natal, apenas que fazia com que as ruas de Livingston parecessem paradisíacas. De todo modo, isso a endurecera. Embora o cabelo dourado e os olhos claros a deixassem meio assustadora — talvez *justamente* por isso —, Misaki os achava lindos. Decidiu que, se Elleen descendia de qualquer animal, era de algo orgulhoso e perigoso, como um leopardo ou um falcão.

– O que você quer, Sombra?

Elleen tinha um sotaque interessante, muito articulado, que aparentemente herdara da terra natal, Hades. Falava lindiche e carythiano, mas mantivera

deliberadamente o sotaque de sua tribo por todos aqueles anos. Olhos castanho-claros se voltaram para Misaki.

– *Deve estar esperando um agradecimento, né? Justo.* — Apesar da voz tranquila, Misaki percebeu que a amiga estava infeliz. — *Obrigada por me salvar.*

– *Eu só estava pensando... que talvez você não devesse ficar sentada aí tão à mostra.* – Misaki olhou ao redor, nervosa. — *Aqui é território de uma gangue, não é? Pode ter arqueiros.*

– *Arqueiros não disparam em parquinhos vazios* — respondeu Elleen, indiferente. — *A gente consegue se ver, mas, para qualquer pessoa nos prédios ao redor, não tem ninguém aqui.*

– *Ah.*

Misaki havia se esquecido de que Elleen não apenas conseguia entrelaçar luzes para formar imagens a partir da memória fotográfica, como deixar pessoas invisíveis, de certos ângulos.

— *Por favor, não precisa se preocupar com o que aconteceu mais cedo* – disse Misaki. — *Você não tem nenhum motivo para se envergonhar. Sua ilusão foi incrível e durou até eu conseguir alcançar vocês. E mesmo depois que perdeu um pouco a definição, eles ficaram tão desorientados que a minha parte foi fácil.*

– *É.* – Elleen franziu o cenho, rodopiando um feixe de luz entre os dedos e então apagando-o. — *Este sempre foi meu sonho, desde criancinha: durar tempo o bastante para uma teonita* de verdade *chegar para me salvar.*

– *Ell... Asa Branca, está tudo bem?* – Tinham combinado de usar apenas os codinomes de justiceiros quando disfarçados, só para o caso de ter algum fonyaka ou sondatigi ouvindo, mas pelo jeito aquela foi a pergunta errada. Elleen bufou, o rosto assumindo uma expressão de desprezo.

— *Já reparou que todo maldito justiceiro com a minha cor de pele tem um codinome com a palavra "branco"? Como se precisassem deixar claro... não são justiceiros de verdade, são justiceiros* brancos.

– *Eu não tinha reparado* – respondeu Misaki.

— Eu não deveria me surpreender. O repórter que me batizou de Asa Branca é o mesmo xuro que decidiu que eu era a ajudante do Pássaro de Fogo.

Em geral, Elleen era uma pessoa estoica, que fazia piadinhas afiadas com a cara dos outros, mas nunca revelava muito de si mesma. Os eventos daquele dia pareciam ter aberto a ferida de uma profunda insegurança. Era o tipo de sangramento que Misaki não sabia como estancar.

Para qualquer outra littigi de 14 anos, apenas ter sobrevivido a uma luta com teonitas adultos seria motivo de orgulho, mas Elleen nunca parecia satisfeita com as próprias habilidades. Hadeanos não eram feitos para suportar confrontos físicos com tajakalu e jijakalu. Só de ter sobrevivido a tantas lutas, Elleen já era extraordinária.

– Se você tem que me agradecer, então eu também tenho – disse Misaki, torcendo para que isso animasse a littigi. *— Você também me salvou.*

– Eu queria ser útil. – Elleen encarava o chão de cara fechada. *— Você estava pronta para lutar com ela sozinha.*

Misaki não soube o que dizer. Viera de uma cultura em que mulheres eram consideradas frágeis; ainda estava se acostumando a Carytha, onde de fato havia toda uma raça mais frágil do que qualquer teonita. Elleen tinha habilidades que a maioria das pessoas brancas jamais sonharia em possuir, mas seguia em desvantagem. Isso devia ser terrivelmente frustrante.

— Achei suas ilusões muito boas...

– Não seja condescendente comigo, Princesa. – Estranho, mas as palavras não soaram como a tirada hostil que deveriam ser. Na verdade, Elleen soou triste.

— Não estou sendo. De verdade, Elleen, eu...

– É Asa Branca*, Sombra* – interrompeu Elleen.

– Certo.

– Fique aqui e cuide para que Pássaro de Fogo não se meta em mais confusão, está bem? – A garota saltou da cerca e alisou o casaco branco de maneira afetada. *— Eu vou voltar e treinar um pouco antes do jantar.*

– *Cadê o Pássaro de Fogo?* — perguntou Misaki.

Elleen ergueu o braço e Misaki seguiu a indicação dela até um terraço com vista para o beco onde tinham lutado contra os guardas de Texca. Ele estava na beira do edifício, a barra da capa vermelha chicoteando ao vento.

– *Vejo você na aula amanhã* – disse Elleen, e desapareceu; o único sinal de vida era o bater do coração dela se afastando rumo a um beco próximo.

Ao se dar conta de que a ilusão de Elleen não a protegia mais dos Pantera, Misaki correu para se abrigar em outro beco. Reunindo água ao redor das mãos, escalou a parede de concreto para se juntar a Robin.

Quando Misaki alcançou o terraço, ele ainda estava lá, parado na beira do prédio, de costas. Robin tinha sentidos muito aguçados, de certa forma, mas sua consciência de nyamas no geral era falha. Se Misaki não fizesse barulho, ele sem dúvida permaneceria ali, sem notar o ponto frio na forma de um ser humano atrás dele.

Robin estava recortado contra o céu cinzento, com vento soprando no cabelo preto e sacudindo a capa vermelha. Camadas de tecido vermelho resistente se sobrepunham na capa, formando o símbolo do Pássaro de Fogo que Koli desenhara.

Misaki nunca tinha entendido por que um pássaro. Segundo a Ryuhon Falleya, pássaros eram criaturas sinistras, arautos da desordem, da doença e da destruição. Nas lendas de sua infância, qualquer ser humano que assumisse características aviárias era algum tipo de demônio. Robin, no entanto, explicara que se orgulhava de tomar o pássaro como símbolo do seu alter ego. Aparentemente, os hadeanos e baxarianos nativos o consideravam uma criatura de empoderamento. Dependendo da espécie do pássaro e da tribo, podia significar sabedoria, liberdade ou renascimento. Misaki achava que, se Robin fosse um demônio, sabia muito bem como passar a imagem de poder e liberdade com aquela capa vermelha.

Koli gostava de sugerir novos atributos para a capa do Pássaro de Fogo —

fibras holográficas para fazê-la se fundir à escuridão ou brilhar, ou aparentar estar em chamas —, mas Misaki achava tudo bobagem. Claro que seria útil para Robin ter uma capa que servisse de disfarce, mas ele não precisava de nenhuma ajuda para brilhar.

Endireitando a postura, Misaki pigarreou. Robin inclinou a cabeça.

– *Sombra.*

— *Pássaro de Fogo.* – Ela cruzou os braços. — *Vim dar uma olhada na sua perna, mas estou vendo que você está ocupado fazendo cara feia, então vou embora.*

Ela se virou, como se fosse descer por onde tinha vindo.

— *Minha perna está ótima* – respondeu Robin. — *Já enfaixei e contive o sangramento provisoriamente. Vou pedir para alguém tratar dela mais tarde. Acho que não vou precisar de você para isso.*

– *E quem disse que eu queria tratar sua perna?* – disse Misaki, sacudindo-se de modo indignado ao se virar. — *Só queria minha adaga de volta.*

Robin moveu o braço e uma silhueta prateada saiu girando de sua mão em um arco. Misaki pegou a adaga pelo cabo.

— *Obrigada.* – Ela enfiou a arma de volta na bainha e então, mais séria, disse: — *Você não quer mesmo que eu crie uma casquinha na ferida?*

Robin deu de ombros.

— *Está tudo bem.*

– *Deve estar ótima, considerando que você está confiando em ficar empoleirado aí à beira da morte.* – Ela se aproximou e deu uma olhada na distância até o chão. — *Você sabe que não é um pássaro de verdade, né? Se cair dessa altura, vai morrer.*

– *Não.* – Robin revirou os olhos, a voz assumindo o tom sarcástico carythiano a que Misaki estava se acostumando. — *Eu não sabia.*

Ainda havia sangue espalhado pelo chão lá embaixo, da luta de Misaki com os guardas de Texca, mas os homens em si não estavam à vista.

— *Vou ficar bem. Precisava esperar para ter certeza de que os homens ficariam bem* – acrescentou ele.

– Quem liga para isso? Eles eram pessoas horríveis – disse Misaki, impaciente.

– Eram só pessoas contratadas para proteger Texca. Até onde sabemos, não fizeram nada além de aceitar trabalho do cara errado.

– Eles atacaram Elleen com facões. Uma adolescente – rebateu Misaki, indignada.

– Bom, depois de conhecer você, duvido que repitam esse erro. Você sabe que é essa a ideia, né? Não acabar com o povo desta cidade, mas fazer com que melhorem.

– Aqueles homens não moram nesta cidade nem há uma semana. São estrangeiros.

– Assim como você – devolveu Robin. *— Assim como eu, quando cheguei. Não podemos nos chamar de justiceiros se desrespeitamos a vida dos outros tanto quanto os criminosos que combatemos.*

– Não acho que matar uma pessoa horrível e violenta seja um desrespeito à vida. A maioria dos konoru diria que é um dever.

Todas as culturas guerreiras — de Kaigen, Yamma e Sizwe — concordavam que matar em legítima defesa ou em defesa de um inocente era um ato nobre.

— Eu não sou como a maioria dos konoru – retrucou Robin. *— E não quero discutir esse assunto com você. Não precisa defender seus atos, eu entendo. É só que... Quero que me prometa que não vai tentar matar mais ninguém nessas missões, ok?*

Misaki franziu o cenho.

– Você sabe o que eu sou, não sabe? Sou uma jijaka de uma família bem específica, famosa por matar pessoas com espadas. Se não queria seus inimigos mortos, por que me chamou para a equipe? Por que... — Misaki parou, perguntando-se se deveria dar voz à pergunta que a incomodava já por dois meses. *— Por que me escolheu?*

Tinha passado mais tempo do que gostaria de admitir tentando solucionar essa questão. Claro, já era amiga de Robin e Elleen quando os dois colegas de orfanato haviam decidido que precisavam de um terceiro koro no time. Só que Robin, ao menos, tinha muitos amigos, vários mais poderosos do que Misaki. Ela nunca tinha entendido direito por que fora convidada para aquele mundo secreto dos dois.

Quando Robin demorou a responder, Misaki foi ficando mais nervosa, e

mais palavras lhe escaparam:

— Quer dizer, imagino que minha habilidade de curar pessoas teve certo apelo, já que você gosta de deixar seus inimigos vivos.

– Eles não são meus inimigos. E não foi por causa das suas habilidades – disse Robin.

– Então por quê?

– Eu escolhi você por causa disso... Você me enfrenta nessas questões. Vê o mundo de um jeito diferente e isso... – Ele desviou o rosto do olhar curioso dela, recusando-se a encará-la. *— Isso é importante para mim.*

– Sério? — Misaki inclinou a cabeça. *— Pensei que fosse querer trabalhar com gente que vê o mundo do* mesmo *jeito que você.*

Não era isso que todo mundo queria? Uma comunidade que concordasse?

– Acho que isso seria um erro. Aí, quem ia me falar quando eu fizesse besteira?

– Elleen. Ela adora apontar quando você erra e tem uma personalidade bem diferente da sua.

– É, mas a gente ainda vem do mesmo lugar. Somos como irmãos, nesse sentido. Tem muitas coisas que nem passaria pela nossa cabeça questionar, mas que talvez devam ser questionadas. É um tipo de ignorância da qual a gente não pode se dar o luxo.

– Não acho que seria difícil achar alguém para questionar o que você está fazendo – comentou Misaki, achando graça.

— É, mas... não alguém como você. Muita gente discutiria comigo só para se sentir melhor, mais esperto ou mais nobre. Você, não. Você é uma boa pessoa.

Misaki ficou tão surpresa que não soube o que dizer, mas a sensação logo virou uma pontada incômoda de culpa, e ela suspirou.

— Escuta... Me desculpa por ter tentado acertar Texca pelas costas, está bem? — disse, de má vontade. *— Você tem razão, não foi nada nobre.*

O pai dela teria ficado envergonhado. O certo era olhar um guerreiro nos olhos ao matá-lo; todo mundo sabia disso.

— Misaki, eu sinceramente não me importo se você ataca as pessoas por trás, por cima,

ou saindo de um bueiro – disse Robin, surpreendendo-a de novo. — *Lutar nas ruas é sempre caótico e cheio de trapaças.*

– *Então, qual é o problema?* – perguntou Misaki, confusa.

Robin soltou um suspiro exasperado.

— *Você não podia ter mirado nos joelhos dele?*

– *As costas são um alvo maior* – respondeu ela, na defensiva. — *É difícil mirar aquelas lanças de gelo. Olha, eu entendo que você prefere não matar ninguém, mas se a decisão for entre matar um criminoso perigoso ou deixá-lo escapar...*

– *Aí ele escapa* – disse Robin, com firmeza.

— *Então, você quer que todo mundo saia vivo, mas não liga que a luta seja justa?* – retrucou Misaki, perplexa.

— *Acho que eu sempre tive um conceito infantil do que é uma luta justa.* – Robin cruzou os braços. — *Para mim, uma "luta justa" deixa o mundo mais limpo do que antes, não mais sangrento.*

Misaki não pretendia rir, pois Robin soara sincero, mas não conseguiu evitar.

— *Isso não é só infantil, seu idiota, é maluquice.* — E, mesmo assim, era tão fofo. — *Nem faz sentido.*

– *Como assim?*

– *E se você deixar uma pessoa escapar e não for só um assassino oportunista feito Yaotl Texca? E se for um assassino em série, ou um maluco, ou alguém querendo executar uma vingança? E se deixar essa pessoa escapar colocar outras pessoas em risco?*

– *Então, vou me responsabilizar por isso. Não vou dormir até que a pessoa seja capturada* – disse Robin, resoluto.

– *E você acha que isso vai funcionar?*

– *Tem que funcionar.*

Misaki observou o amigo por um momento.

— *Robin... Pássaro de Fogo... pessoas morrem. Pelo que ouvi sobre este lugar, elas morrem o tempo todo. Por que esse punhado de vidas é tão importante para você?*

– Porque não tem ninguém cuidando delas.

– Já parou para pensar que talvez seja porque elas não merecem?

Robin se virou para ela bruscamente, os olhos pretos cintilando.

— Olhe lá para baixo. – Ele apontou para as poucas manchas de sangue no pavimento, onde Misaki derrotara os guardas de Texca mais cedo. *— Sabe como aqueles homens saíram do beco?*

– Bom, você mandou um sinal. Sei que a polícia não chamou a ambulância, mas imaginei que alguém fosse chamar.

No entanto, parando para pensar no assunto, não tinha ouvido nenhuma sirene.

Robin balançou a cabeça.

– Tem um waysis administrado por adynos aqui perto.

– Um waysis? — Misaki já tinha escutado aquele termo carythiano, mas não sabia bem o que significava.

— Território neutro. Um refúgio reconhecido por todas as gangues principais. Não se ataca uma pessoa abrigada no waysis; é contra o código de conduta das ruas.

— Eu não sabia que havia códigos de honra por aqui.

– Não são reconhecidos pelo governo. Todo mundo nesta parte da cidade já foi oprimido ou abandonado pelos poderes teonitas nos quais o resto do mundo se apoia, mas eles não desistem. Construíram uma vida e uma cultura próprias. Não é perfeito, mas merece proteção, mesmo que os governantes teonitas, os políticos e a polícia tenham decidido que não.

– Se as pessoas estão tentando de verdade, como é possível que este lugar ainda seja esse caos? Como continuam tão pobres e ignorantes?

– Bom, leve em consideração que metade dos habitantes de North End são baxarianos nativos. Eles estavam muito bem antes de os colonizadores yammanka aparecerem e matarem um terço da população, escravizarem outro terço e forçarem o restante a casamentos Falleya.

– Certo.

Os jaseliwu em Ishihama sempre contaram a Misaki que os nativos de Abiria e Carytha tinham ficado gratos pelos casamentos com os superiores yammankalu. Ela logo descobrira com os baxarianos nativos que conhecera em Carytha que isso não era verdade. Parecia que nem todo mundo considerava uma linhagem forte motivo o bastante para perder a autonomia.

— *A desvantagem dos adynos é maior ainda* – prosseguiu Robin. — *Eles foram trazidos para cá como escravos para cultivar a terra que os yammankalu roubaram dos nativos, mas, quando foram emancipados, não receberam nada. Alguns dos baxarianos nativos ao menos são capazes de competir fisicamente com os kelenduguka, mas os adynos não têm nem essa chance. É fácil julgar quando você herda propriedades, um nome importante e poderes incríveis dos seus pais.* – A voz de Robin tornara-se acalorada. — *Você acha que é fácil construir uma vida do nada?*

– Você não está falando só dos adynos e dos carythianos nativos. Está falando de si mesmo – disse Misaki, baixinho.

Robin chegara a Carytha como refugiado, com nada além do próprio nome, então não era nenhuma surpresa que se identificasse tanto com aquele povo.

— *O quê?* – Robin soava surpreso. — *Não. Quer dizer... Eu tenho muito mais sorte que a maioria das pessoas de North End. Sim, Elleen e eu fomos refugiados neste lugar, mas poucos órfãos em Livingston têm poder o bastante para ingressarem em uma academia teonita.*

– Não é o poder que torna você especial. Nem a você nem a ela – disse Misaki.

Seu pai sempre dizia que certas coisas não podiam ser ensinadas a um guerreiro — talento, coragem, a habilidade de ser algo mais que si mesmo. Robin era diferente das centenas de konoru que se diziam bravos e altruístas. Ele realmente morreria para proteger o mendigo mais pobre daquele lugar. Era absurdo, era lindo, e causava uma ansiedade terrível em Misaki.

Como Robin dissera: lutar nas ruas era caótico e cheio de trapaças. Ele podia até dizer que as gangues de North End possuíam um código de honra,

mas Misaki tinha bastante certeza de que não havia código algum para proteger um garoto honesto como ele. Parada ali, ficou enjoada ao pensar em todas as maneiras como os monstros naqueles becos podiam tirar vantagem da generosidade de Robin, em todas as coisas que poderiam fazer com ele... A questão não era se ele ia morrer ou não. A questão era se morreria rápido, com a alma ainda intacta, ou devagar, depois de ter seu otimismo destruído pelos males do mundo.

Robin era um guerreiro forte, mas ela sabia muito bem que bastava uma agulha aplicada em um ponto estratégico para derrubar um gigante. Algumas lutas só podiam ser vencidas utilizando-se de mais crueldade que o oponente. Um momento de hesitação ou bondade contra um inimigo perigoso podia custar a vida de Robin. Aquela luz se apagaria. Misaki sentiu um pânico frenético e irrefreável ao pensar nisso.

— *Mas você* mataria — disse ela, soando como um pedido, uma exigência —, *se fosse* realmente *preciso.*

– Não.

– Nem mesmo um assassino em série? Um estuprador? E a tal médica bruxa de que ouvimos falar, que dá os inimigos de comer a animais selvagens?

Robin balançou a cabeça.

— Esse não é o meu papel. O mundo não precisa de outro teonita poderoso tentando forçar suas ideias de justiça sobre uma cidade de adynos. Não é isso que eu vou ser.

– E para salvar a própria vida? E se for a sua vida ou a do seu inimigo...

– Eu vou dar um jeito de impedi-lo sem causar nenhuma morte.

– Mas se você não puder – insistiu Misaki. *— Se a pessoa for forte demais, se não tiver outro jeito, aí você mataria?*

– Não – respondeu Robin, sem hesitação. *— Olha, os primeiros justiceiros de Livingston matavam, e todos eles sofreram mortes violentas e prematuras.*

– Ah, que ótimo – retrucou Misaki, usando o recém-descoberto sarcasmo carythiano para disfarçar o nervosismo. *— Isso me tranquiliza.*

– O que quero dizer é que tentar aniquilar criminosos antes que eles aniquilem você não é necessariamente uma boa estratégia.

– Essa é a maior idiotice que eu já ouvi, e olha que você já falou bastante idiotice hoje.

Ela não sabia como as coisas funcionavam entre os lutadores de rua de Livingston, mas todo espadachim sabia que desferir o primeiro golpe era crucial.

— Eu só estou tentando melhorar as coisas.

– Você é um idiota.

Robin deu de ombros.

— Meu irmão diz a mesma coisa desde que a gente era pequeno, e isso nunca me fez mudar de ideia.

Misaki encarou Robin por um momento, mordendo a parte interna da bochecha, e um estranho gosto de raiva se expandiu dentro dela.

Então, ela o empurrou.

O lutador, em geral elegante, soltou um gritinho vergonhoso, e Misaki teve um momento de pavor paralisante em que achou que ele de fato fosse cair, que ela de fato o matara, mas Robin por pouco conseguiu se reequilibrar na beira do telhado.

— Misaki! — Ele se virou para ela, a temperatura se elevando de raiva. *— Que merda foi essa?*

– Não sei... — Estranho como vê-lo com raiva foi reconfortante, saber que ele não queria morrer. *— Eu precisava ver se você estava são.*

– Qual é o seu problema?

– Não quero que você morra.

– Misaki. – Ele balançou a cabeça. *— Não sei o que você pensa que está fazendo, mas eu sei me cuidar.*

– Eu sei. Só não sei se você vai.

– Eu vou.

– Mesmo? Me diz, quantas vezes você teria conseguido derrubar Yaotl Texca hoje antes

de ele encostar o facão no seu pescoço? Quantas vezes vai colocar sua vida em risco para salvar um criminoso que não merece ser salvo? Por quanto tempo acha que pode seguir assim antes de acabar morto?

– Se eu tiver que matar para fazer esse trabalho, então eu deveria morrer. Já vi muitos teonitas que colocam a própria vida acima da dos outros porque acham que estão certos. Não vou ser um deles.

– Você não entende? Você vai morrer!

– Então, vou morrer certo!

Ele deu um passo na direção dela, então sua perna ferida cedeu... e ele caiu.

— Robin!

Misaki se jogou para a frente e agarrou a mão dele bem no instante em que Robin a estendeu. Sabendo que não tinha peso para ancorar os dois, mesmo com a postura mais firme possível, Misaki se jogou para trás. Desabaram juntos no chão de cimento, com Robin por cima dela. Ele se apoiou nas mãos para não a esmagar, mas, com uma onda de calor, Misaki se deu conta de que nunca tinham estado tão próximos.

Pelo amor de Nagi!, pensou, tonta. *Ele é tão quente!* Não de forma fervente e abrasadora, como as chamas azuis de Mathaba. Apenas... quente. Robin soltou o ar e seu calor gerou vapor contra a frieza dela, envolvendo-a em uma nuvem. Misaki sentiu o rosto ficando vermelho.

— Com licença! – disse, bem alto.

— Desculpa.

Robin saiu de cima de Misaki, que se sentou, bufando, grata que ele não possuísse seus sentidos aguçados. Caso contrário, teria notado seu coração disparado, apesar da expressão indignada. Se bem que, agora que reparava melhor, o coração dele também estava acelerado. *Será que...* Bom, ele quase morrera. Devia ser por isso.

— Obrigado – disse ele, todo sério. *— Eu...*

– Nunca mais faça isso! — explodiu Misaki, surpresa com a emoção descarada na própria voz. Robin também pareceu surpreso, porque a encarou sem reação.

— O quê? Cair de um prédio?

– Me dar um susto desses! Eu avisei para você não ficar tão na beirada, seu idiota! Eu avisei!

Ao encará-lo, com as bochechas coradas, fervilhando de raiva, Misaki começou a compreender o próprio propósito.

– Foi você quem me empurrou — disse Robin, perplexo.

— Você me provocou — retrucou ela.

– Por que está tão irritada comigo?

– Porque eu gosto de você! – gritou Misaki, sem pensar. Quando Robin arregalou os olhos, ela se sentiu ruborizar ainda mais, sem dúvida ficando com o rosto intensamente cor-de-rosa.

— O... quê?

– Eu... respeito você – corrigiu ela, as bochechas ardendo. *— Eu respeito que você se recuse a matar, e vou tentar tomar mais cuidado com as minhas lâminas daqui pra frente, mas preciso que você entenda uma coisa.*

– Tudo bem... – disse ele, cauteloso.

— Se eu achar que sua vida corre perigo, vou matar por você.

– O quê? Eu não quero que você faça isso.

– Bom, não é você quem decide.

– Não quero que você mate ninguém nesta cidade.

– Então é melhor não se meter em nenhum perigo mortal – disse Misaki.

— Como assim?

– É bem simples – explicou Misaki, levantando-se para assomar sobre Robin. *— Se quiser manter seus queridos assassinos e traficantes a salvo, não deixe que eles matem você. Só estou pedindo para continuar vivo. Consegue fazer isso, né?*

Robin suspirou, levando a mão ao rosto.

— Só você para transformar uma oferta de ajuda em uma ameaça.

– Me promete que vai tomar mais cuidado com a sua vida.

– Isso é estranho.

– Me promete!

– Tá bom. Eu prometo que vou fazer o possível.

Na manhã seguinte, Misaki acordou cedo e foi encontrar Koli Kuruma na Torre Fieldstone. Primeiranistas em geral não ganhavam aulas individuais, mas primeiranistas em geral não conseguiam construir os próprios computadores e projetores holográficos.

O tajaka estava inclinado sobre a mesa, as mãos grandes movendo-se feito aranhas sobre o trabalho. A maioria dos numuwu não se utilizava muito da velocidade teonita; Koli a usava para fazer os dedos acompanharem seu cérebro.

— Numu Kuruma? – chamou ela ao entreabrir a porta. *— Desculpe interromper...*

– Eu já disse para me chamar só de Koli.

– Koli... – Era estranho tratar um ferreiro de uma família tão famosa com tal intimidade. *— Perdi uma das adagas que você me deu. Desculpe.*

– Sabe quanto tempo meus amigos Koumbia gastaram forjando essas armas?

Para um numu, Koli não era muito bom em forjar armas, mas estabelecera uma rede de contato tão extensa com outros artesãos que não fazia diferença. Ele desenhava os modelos e encomendava o serviço de irmãos, primos e amigos, em troca dos serviços complexos de tecnologia que nenhum dos outros compreendia.

— Sinto muito. É possível substituí-la?

– Aquelas adagas são gêmeas, Misaki. Se substituirmos uma, o conjunto não será mais o mesmo.

Artesãos, pensou Misaki, exasperada.

— Certo, bem, se isso for mesmo um problema, posso pegar outro conjunto. Não me importo de pagar o que...

– Minha família tem mais dinheiro do que você vai ver na sua vida, Princesa.

– Certo... – respondeu Misaki, insegura. Já conhecia Koli Kuruma havia meses, mas ainda ficava aturdida com aquele comportamento.

— Sei que vocês, konoru importantes, sempre acham que os numuwu precisam ser protegidos e patrocinados, mas eu não trabalho por dinheiro.

Misaki não soube como responder. Não sabia por que ele adotara um tom tão acusatório; a maioria esmagadora dos numuwu *dependia* do apoio de um koro para se sustentar. A família riquíssima de Koli era um dos poucos clãs numu no mundo que conquistara o direito de tocar a própria corporação walla multimilionária. Não existia um precedente do tipo em Kaigen.

– Eu não falei nada d...

– Entenda, Misaki, que eu faço equipamentos para você, Robin e Elleen porque eu quero. Respeite isso e não me ofereça mais dinheiro. Se precisa de mais adagas, vai receber.

– Eu... hã... Na verdade, queria conversar com você sobre isso, Numu Ku... Koli. Estava pensando em trocar as adagas. Eu... – Ela hesitou. *— Eu quero uma espada.*

Isso fez Koli girar na cadeira, sobrancelhas arqueadas.

— O que foi? – perguntou Misaki, constrangida sob o escrutínio dele.

— Nada. É só que me lembro de ter sugerido uma espada quando você me procurou para pedir armas. Você me disse algo bem tosco. O que foi mesmo? – Ele estreitou os olhos. *— Ah, é, você disse que espadas eram armas de homem.*

Misaki franziu o cenho.

— Quer saber? Deixa pra lá. Se não quer ajudar, consigo outra arma sozinha.

Ela se virou para sair e já estava quase cruzando a porta quando Koli voltou a falar:

— Alguma especificação?

Ela parou, uma mão no batente da porta.

— Nada fora do comum – respondeu, após um momento. *— Só preciso de uma*

lâmina com mais alcance do que as adagas, algo que consiga atravessar alguns corpos, se necessário.

– Minha nossa. Está planejando assassinato, Princesa?

A mão dela se contraiu no batente.

— Espero que não.

A parada seguinte de Misaki foi o ginásio principal. Tinha evitado os treinos abertos de esgrima desde que chegara à Alvorecer. No começo do ano, fora a alguns dos treinos para iniciantes por diversão, mas nunca sentira que deveria se unir aos alunos mais dedicados. Embora fosse talentosa, nunca pretendera virar uma espadachim. Como poderia? Era uma garota. Naquela manhã, porém, uniu-se à turma de praticantes avançados sob a redoma de vidro do ginásio.

O mestre espadachim da Alvorecer, Makan Wangara, em geral delegava a supervisão das aulas dos iniciantes ao filho, Kinoro, ou a um dos alunos mais avançados, mas o velho koro sempre supervisionava pessoalmente as aulas avançadas. Naquele dia, ele estava na arquibancada, observando os estudantes entrarem. As aulas avançadas eram abertas a todos, embora Wangara fosse conhecido por passar alunos para a turma de novatos quando eles obviamente não estavam dando conta.

Misaki tinha confiança de que conseguiria se equiparar àquela turma, uma vez que alguns dos alunos ali só treinavam com a espada havia três ou quatro anos, desde que haviam ingressado na Alvorecer. No entanto, sentiu-se terrivelmente nova quando todos começaram a formar duplas. Ela era baixinha para a idade, e aqueles estudantes eram todos de dois a quatro anos mais velhos.

Uma garota biladuguka de pele marrom ficou com pena de Misaki e se ofereceu para treinar com ela; parecia ter uns quinze anos, e devia estar no segundo ou terceiro ano da escola.

— Meu nome é Azar Tarore. — A garota a cumprimentou ao estilo yammanka,

tomando a mão da jijaka e roçando os lábios nos nós dos dedos.

— *Certo.* – Misaki correspondeu ao gesto, encostando a boca de modo desajeitado na mão de Tarore e soltando-a o mais rápido que pôde sem parecer mal-educada.

Ainda não se acostumara ao quanto os tajakalu se tocavam e achava que jamais se acostumaria. Inexplicavelmente, não se importava com o calor, mas sabia que sua pele fria os deixava incomodados e isso sempre a constrangia — embora Robin não parecesse se importar —, Misaki se recompôs e retribuiu o sorriso da garota.

— *Meu nome é Misaki Tsusano. É um prazer, koro Tarore.*

– *Me chame de Azar, por favor* – respondeu a garota, enquanto partiam para escolher espadas da caixa.

As bokken não eram de madeira, como as que Misaki usava em casa, mas de algum material sintético que não pegaria fogo nas mãos de um tajaka impetuoso demais. Fora as árvores, não havia muita coisa feita de madeira em Carytha. Os tajakalu compunham mais de quarenta por cento da população do país, o que a tornava uma matéria-prima inadequada.

O mestre Wangara anunciou um exercício que Misaki não reconheceu, e o restante dos lutadores entrou em ação, as bokken sintéticas se batendo. Apesar da experiência, Misaki não estava acostumada à terminologia e aos métodos de treinamento yammanka.

— *Você já fez isso?* – perguntou Azar, paciente.

— *Não* – respondeu Misaki, observando com atenção uma dupla de estudantes ali perto fazer a sequência de movimentos uma, duas, três vezes.

— *Tudo bem, eu ensino.*

– *Não precisa.* – Os olhos de Misaki acompanharam a dupla, que fazia a sequência pela quarta vez. —*Já peguei.*

– *Como assim...?*

–*Já peguei. Por favor, pode atacar, koro Azar.*

O primeiro golpe de Azar foi muito delicado, como se a garota temesse partir Misaki ao meio caso a acertasse com força demais. Misaki já estava acostumada, mas Azar adaptou a velocidade e a força assim que a viu em movimento.

— *De onde você é?* – perguntou Azar, quando o mestre Wangara mandou que fizessem um intervalo.

— *Sou de Shirojima, Kaigen.*

– *Por que nunca vi você nos treinos?*

– *Eu, hã...* — Misaki deu de ombros, sem muita vontade de se explicar.

As outras garotas na Academia Alvorecer tendiam a reagir com repulsa à ideia de crescer para se tornar dona de casa. Uma parte profunda e inquieta de Misaki ficava aliviada de estar em um lugar onde sua agressividade era o esperado, não uma surpresa. Outra parte, igualmente profunda, sentia a necessidade de defender sua cultura daqueles forasteiros que obviamente não a compreendiam.

– *Quem ensinou você a lutar?* – perguntou Azar.

— *Meu pai.*

– *Ah. Ele é militar?*

– *Não.*

Era uma suposição compreensível. Na maioria dos países, todos os guerreiros mais habilidosos se uniam ao exército, mas o Império Kaigenês recrutava a maioria dos homens das províncias centrais, deixando que as casas koro de Shirojima e das outras províncias treinassem e forjassem as próprias armas internamente.

Ficou óbvio que Azar queria fazer mais perguntas, mas o mestre Wangara chamou-os de volta às fileiras. O segundo exercício foi mais difícil, e Misaki sentiu-se despertar. Azar era boa e conseguia mantê-la entretida, embora suas posturas fossem um tanto retraídas e ela mantivesse os ombros tensos demais. Misaki não mencionou nada disso, claro. Azar era uma veterana; não seria

apropriado.

Conforme passaram a exercícios mais avançados, Azar começou a compreender o nível de habilidade de Misaki.

— Grande Falleke! Nunca vi ninguém fazer as transições de posturas tão rápido!

– Sou pequena. – Misaki fez pouco do elogio. *— Centro de gravidade baixo.*

Diferentemente de alguns konoru, a reação instintiva de Azar à habilidade de Misaki não foi entrar na defensiva nem se tornar competitiva. Ela pareceu empolgada.

— Da próxima vez, você devia fazer dupla com Kinoro ou algum dos estudantes do quarto ano – disse ela, quando o mestre Wangara anunciou o fim dos exercícios. *— Alguém mais próximo do seu nível.*

Misaki pegara alguns vislumbres de Kinoro Wangara treinando e soube que Azar estava sendo generosa ao insinuar que ela estivesse sequer próxima do nível dele. Ou isso ou ela não entendia a diferença entre um guerreiro competente e um prodígio.

Depois de um curto intervalo, o mestre Wangara pediu que os alunos se reunissem em um dos círculos de luta desenhados no chão do ginásio.

— O que está acontecendo? – sussurrou Misaki a Azar.

— Você não sabia? As aulas avançadas sempre terminam com duelos. Todo mundo luta pelo menos uma vez.

– Ah. Que divertido – disse Misaki, surpresa.

Azar fez uma caretinha.

— Às vezes. Outras vezes, é assustador.

O mestre Wangara bateu palmas, chamando a atenção do grupo, e as conversas morreram.

— Já descansaram o bastante, crianças. – O mestre espadachim nunca falava alto; não era necessário. Ele era o tipo de pessoa que todo mundo se esforçava para ouvir. *— Chegou o momento de algumas lutas.*

– O senhor quer que eu sirva de árbitro em um segundo ringue, Baba? — perguntou

Kinoro.

— *Não, eu vou começar servindo de árbitro. E quanto aos lutadores...* — O mestre Wangara esfregou as mãos, virando-se para observar os alunos ao redor do círculo. — *Você.* – Ele apontou para Misaki, que enrijeceu de surpresa. — *Novata, sabe como funcionam os duelos por pontos?*

Misaki se retraiu por dentro. Conhecia, sim, o estilo internacional de duelos de espada com pontuação; só não gostava muito daquilo.

Os tajakalu pareciam apreciar combates demorados e lamentáveis, que levavam ambos os lutadores ao limite físico e forneciam muitas chances para ataques criativos e exibicionismo. Em duelos de espada, isso se traduzia em um sistema de pontuação ridículo, que permitia que combatentes com espadas de treino lutassem até muito além do momento em que teriam morrido em uma luta com armas de verdade.

O primeiro golpe supostamente mortal valia cinco pontos, todos os seguintes do mesmo tipo valiam dois, e qualquer golpe que teria tirado sangue, mas não sido letal, valia um. O árbitro anunciava a pontuação durante o duelo, sem intervalos. *Apesar* do precioso crédito de cinco pontos dado para o primeiro golpe mortífero, era tudo terrivelmente irrealista.

Misaki desconfiava que fosse justamente essa abordagem à luta que permitira que Robin se iludisse a respeito de ser possível se envolver em combates com meia dúzia de criminosos toda semana sem acabar morto. Qualquer espadachim de Shirojima que valesse seu aço sabia que um guerreiro de verdade era aquele capaz de derrubar o oponente com um único corte. Por outro lado, uma luta de pontuação contínua talvez favorecesse Misaki, se planejava seguir por North End, Livingston, cortando e furando criminosos sem matá-los...

– *E então?* – disse o mestre Wangara, e Misaki se deu conta de que ficara o encarando estupidamente por um instante.

— *S-sim, koroba. Sei como funcionam* — respondeu, baixinho.

– Ótimo. Já que é sua primeira vez conosco, pode escolher.

– O quê?

– Escolha com quem lutar.

Misaki observou o grupo, avaliando as opções; não conhecia muitos deles. Preparou-se e endireitou os ombros, então escolheu seu oponente.

— Kinoro Wangara.

O ginásio caiu em silêncio.

Foi uma escolha ousada e arrogante, algo que não fazia normalmente, mas, para poder cumprir sua promessa, precisava se tornar algo além de Misaki. Uma espadachim mediana não conseguiria proteger Robin.

O mestre Wangara a encarou com interesse renovado, enquanto os alunos murmuravam entre si.

— Acredito que essa pergunta se faz necessária antes que vocês entrem no ringue: você compreende quem está desafiando?

– Sim, koroba.

– Muito bem. – Wangara assentiu para que o filho entrasse no círculo, mas Kinoro hesitou, o olhar indo do pai para Misaki e de volta ao pai.

— Tem certeza, Baba? – perguntou ele.

— Tenho – respondeu o mestre espadachim, sem rodeios. *— Tomem suas posições.*

Ainda assim, o rapaz hesitou.

— Você *tem certeza?* — perguntou ele a Misaki.

Kinoro Wangara tinha 16 anos — dois a mais que Misaki —, a pele escura típica dos sizweanos e volumosas tranças pretas que amarrava com um laço de cabelo durante as lutas. Tinha o porte de um gato selvagem, com membros compridos e magros, mas musculosos.

— Não seja mal-educado, Kinoro. Ela disse que quer lutar. Respeite a garota – bronqueou o mestre Wangara.

Kinoro cedeu e entrou no círculo, e Misaki assumiu sua posição diante

dele. Os alunos ao redor soltaram gritinhos e bateram palmas. Aqueles não kaigeneses tinham o hábito irritante de dar vivas, bater os pés e fazer barulhos distrativos enquanto os lutadores estavam em ação. Achavam que estavam ajudando. Tinham a estranha ideia de que louvores e canções davam forças às pessoas. A maior parte do trabalho de um jaseli yammanka era seguir os koronu por aí, falando bem deles e cantando sobre suas conquistas.

Misaki jamais entenderia como era possível que uma canção desse forças a alguém. A pessoa nascia com seu poder, que habitava o âmago silencioso de sua alma. A força de uma linhagem não era tema de cantoria; era algo que o portador conhecia e os outros testemunhavam. Os koronu kaigeneses raramente eram acompanhados por jaseliwu. O verdadeiro poder não precisava de palavras; falava por si mesmo.

Ela se curvou de modo automático, as mãos ao lado do corpo, a bokken descansando em uma pegada invertida contra o dorso do braço direito. A reverência não era parte do ritual de luta dali, mas parecia errado começar um embate de outro modo. Kinoro retribuiu o cumprimento com tranquilidade, como qualquer espadachim kaigenês teria feito, e Misaki se lembrou de que os Wangara eram conhecidos por treinarem estilos de luta de todo o mundo, de Sizwe a Ranga e a Biladugu. Tinha quase certeza de que aquele garoto já treinara com kaigeneses como Misaki. Ele conheceria seus truques, mas ela não conhecia os dele.

– *Assumam suas posições* – disse o mestre Wangara.

Misaki ergueu a bokken em uma guarda a meia altura, a posição a postos padrão que o pai lhe ensinara, e Kinoro se pôs em uma pose estranha, felina, que ela não reconheceu. Soltando um suspiro demorado, Misaki tentou enxergá-lo como um criminoso. Precisava impedi-lo de machucar Robin. Precisava...

— *Lutem!*

Kinoro avançou bruscamente, como se atirado de um canhão, e sua

bokken deslizou pela barriga de Misaki antes que ela pudesse sequer começar a se defender.

— *Cinco pontos para Kinoro!* – anunciou o mestre Wangara.

E o fim da luta, pensou Misaki, sentindo uma náusea que em nada tinha a ver com o golpe de espada que levara na barriga.

Só que estavam seguindo as regras tajaka, e a luta continuou. Misaki tentou devolver o golpe, guiando a bokken para o pescoço de Kinoro, que recuou tão rápido que já estava fora de alcance quando a espada se moveu. Ela estava no processo de girar a arma para um segundo ataque quando ele a acertou de novo, dessa vez na perna.

— *Um ponto para Kinoro!*

O filho do mestre espadachim tinha muitas vantagens físicas sobre Misaki — tamanho, força, velocidade, flexibilidade —, e o mais irritante era que não precisava de nenhuma delas. Sua habilidade era tão superior que provavelmente teria sido capaz de abatê-la mesmo com um monte de restrições físicas. Cada finta era perfeitamente planejada para confundi-la, e cada golpe, impecavelmente desferido. Ele movia os pés de modo tão inexplicavelmente complicado que às vezes parecia estar se teletransportando de um lado para outro.

Sempre que Misaki pensava que acertaria um golpe, ele desaparecia... só para reaparecer logo depois e fazer mais um ponto enquanto ela estava com a espada estendida e a guarda aberta. Kinoro não a golpeava com força, mas cada pancada da bokken a deixava abalada. Os alunos ao redor estavam batendo os pés e gritando tão alto que ela mal conseguia pensar, e ele era *tão veloz...*

Não, pensou Misaki, quando ele atravessou sua guarda mais uma vez e a acertou no ombro. *Não é só velocidade; ele consegue prever.* Kinoro Wangara se movia no ritmo perfeito, antecipando cada movimento dela e atacando no milésimo de dinma em que ela ficava vulnerável. Misaki só precisava ser

menos previsível, confundi-lo.

Assim que avançou de novo, fez o mesmo gesto firme na direção do pescoço dele que já havia tentado várias vezes àquela altura. Ele se desviou, como ela sabia que faria: recuando apenas para sair do alcance do golpe, ainda perto o suficiente para que um impulso forte com a perna de trás o levasse de volta para um ataque. No entanto, em vez de encará-lo quando ele avançou, Misaki girou, deixando que o movimento a impulsionasse a outro golpe de cima para baixo na mesma direção do primeiro.

Kinoro, surpreso, conseguiu evitar a pancada na cabeça ao mudar de direção de forma inexplicável no meio de um passo. Houve um baque quando a espada de Misaki acertou uma das tranças do oponente, e um rugido animado brotou dos limites do círculo. Pelo jeito, mesmo um quase-ponto contra Kinoro era motivo de celebração. Não para Misaki. Ela precisava melhorar.

Sempre aprendera rápido, mas, ao que parecia, Kinoro Wangara aprendia mais rápido ainda. Na segunda vez que ela tentou um drible com giro, ele reagiu girando também e dando uma rasteira em Misaki. O instinto dela foi se encolher e dar uma cambalhota para se recuperar da queda, mas Kinoro, de algum modo, enganchara os dedos do pé em seu tornozelo, o que tornou isso impossível. Ela aparou a queda brusca com os antebraços, evitando por pouco quebrar o nariz no chão de vidro jonjo.

– *Dois pontos para Kinoro!* – anunciou o mestre Wangara, quando a bokken do tajaka tocou a nuca de Misaki e descansou ali.

– *Renda-se* – disse Kinoro.

Misaki queria se render. Estava dolorosamente sem fôlego e seus braços latejavam de terem aparado os golpes de Kinoro. Mas Robin se levantaria. Robin ainda estaria lutando, e Misaki precisava estar presente para protegê-lo. Apoiando a mão esquerda no chão, cerrou os dentes, então bateu com a bokken na de Kinoro, afastando-a do pescoço.

Os outros alunos deram vivas e cantaram quando ela se pôs de pé, cambaleante, mas logo Kinoro a tinha derrubado de novo. Daquela vez, ela caiu de costas, vendo estrelas, enquanto a bokken do rapaz tocava sua garganta. Precisou piscar para que o rosto do tajaka entrasse em foco acima dela. Para seu crédito, ele não estava com uma expressão arrogante. Misaki nunca era tão gentil com guerreiros mais fracos.

— *Você foi bem* – disse ele, os olhos escuros cheios de simpatia indesejada. — *Tem meu respeito.*

Não quero seu respeito, pensou ela, amargurada. *Quero ser melhor que isso!*

– Você se rende?

Misaki cerrou a mandíbula. Ainda não tinha acertado nenhum golpe. Kinoro olhou para o pai.

– Baba, o senhor pode encerrar...

Misaki moveu a bokken com toda a força, acertando o tornozelo de Kinoro com uma pancada sonora.

— *Ai!* – gritou o rapaz. A dor súbita fez com que ele relaxasse a pegada na espada e Misaki a derrubou da mão dele, então girou para trás e se agachou com as duas armas.

— *Isso foi desnecessário!* – exclamou Kinoro, segurando o tornozelo.

— *Um ponto para a novata* – disse o mestre Wangara, rindo.

— *Baba!* – Kinoro olhou para o pai, traído, e sua temperatura subiu. Era difícil dizer se estava mais bravo com Misaki ou com o pai, mas bravo era bom. Talvez assim ficasse mais descuidado. Ele se virou para Misaki e apontou para ela. — *Eu vou bater de verdade a partir de agora.*

Em geral, Misaki se divertia provocando os adversários. Já dera muita risada desferindo socos em Robin e rasteiras em Kazu, mas não estava achando graça no momento.

Quando Kinoro, desarmado, se colocou em posição de luta, Misaki repassou suas opções. Um guerreiro honrado lhe devolveria a espada, mas ela

já tinha aberto mão da honra ao golpeá-lo no tornozelo. Ninguém nas ruas ligava para regras; se queria fazer o que tinha que fazer, não podia se dar ao luxo de ser gentil.

Jogar a segunda bokken em cima de Kinoro para distraí-lo também não funcionaria. Ele tinha reflexos tão rápidos que a pegaria no ar. Não tinha coragem nem de tentar jogar a espada para fora do ringue, por medo de que, de algum jeito, ele conseguisse recuperá-la.

Parecia que a única opção era ficar com as duas espadas e ver o que conseguia fazer. Nunca aprendera a lutar com duas lâminas direito, mas as adagas gêmeas que usava no combate ao crime haviam lhe dado certa noção de como se equilibrar com uma arma em cada mão. Manteve a bokken da direita numa empunhadura para golpes de longo alcance e girou a esquerda para uma pegada invertida, para se defender caso Kinoro chegasse perto demais.

Os olhos atentos do tajaka seguiram o movimento, sem dúvida acompanhando seu raciocínio. Ele não voltou a pedir ao pai que encerrasse a luta. Agora, estava comprometido. O som da plateia se tornou um bater de palmas ritmado, como uma pulsação, aumentando gradualmente conforme os dois guerreiros se rodeavam.

Usando a espada na mão esquerda como proteção extra, Misaki conseguia atacar o oponente de modo mais aberto. Apesar de toda a agilidade de Kinoro, ela conseguiu encurralá-lo na beirada do ringue. Mesmo assim, ele aparou o golpe com o antebraço em vez das costelas para depois se afastar de Misaki e sair de alcance.

— *Um ponto para a novata!* — declarou o mestre Wangara.

A multidão de alunos berrou em aprovação, o que só irritou Misaki. Um ponto não bastava. Precisava de um golpe letal. Teria que se mover mais rápido para ter qualquer chance de acertar um ataque decisivo, que desse fim à luta. Sem hesitação.

Kinoro sacudiu o braço, depois partiu para cima dela.

Agora! Ela atacou... e errou. De algum modo, Kinoro conseguiu se abaixar mais rápido do que ela era capaz de pensar. A mão esquerda de Misaki, que deveria ter erguido a segunda bokken para defender seu torso, foi presa pela pegada fervente de Kinoro. Ela tentou mover a mão direta em outro corte, mas atacara com tanta força que se desequilibrara. Kinoro usou esse impulso para girá-la e tentar arremessá-la de costas no chão.

Misaki conseguiu dar uma cambalhota para cair de pé, mas não adiantou de nada. Mal tocara o chão quando Kinoro bateu a palma no peito dela, derrubando-a para trás. As duas bokken escaparam das mãos de Misaki, que as ouviu caindo quando seu corpo atingiu o chão e deslizou por um marco. A redoma de vidro acima girava. Ela não conseguia respirar.

— *Kinoro!* – disse uma voz reprovadora; um dos alunos mais velhos. — *Você exagerou!*

– *Desculpe!* – respondeu Kinoro, e Misaki notou vagamente os passos dele se aproximando. — *Você está...*

– *Ela está bem. Deixe-a em paz* – disse o mestre Wangara.

Os passos pararam.

— *Mas Baba...*

– *Assuma a condução dos duelos, Kinoro. Use o ringue ao lado.*

Com um esforço excruciante, Misaki respirou fundo. Estava apenas sem fôlego. Wangara tinha razão; ia ficar bem. Mas não se sentia bem. Sentia-se em pânico, desajeitada. Lutar — mesmo perder — nunca a fizera se sentir assim.

Até aquele momento, a esgrima sempre fora uma experiência da qual extraía um prazer profundo. O talento natural e o acesso aos ensinamentos do pai a colocavam automaticamente acima de quase todos os outros guerreiros que encontrava. E se perdia uma luta de vez em quando... se Kazu dava sorte em um golpe ou se algum garoto a nocauteava... bem, de que importava? Ela era uma garota e ninguém media o valor de uma garota por sua habilidade

com a espada. Era apenas um hobby; um prazer, quando se saía bem, e desimportante, quando não se saía. Mas se um daqueles deslizes fosse fazer a diferença entre a vida e a morte de Robin... Não conseguia extrair nenhuma alegria desse pensamento. Apenas dor.

Deitada, encarando o teto do ginásio, ouviu passos se aproximarem. O mestre Wangara surgiu ao seu lado.

— *Você não gostou* – disse o mestre espadachim, em tom casual.

Misaki não respondeu de imediato. Ainda estava concentrada em respirar fundo.

— *De-devia ter gostado?* – grunhiu, por fim.

— *Muitos guerreiros ficam animados com o desafio de tentar acertar um golpe em Kinoro, e outros acham divertido irritá-lo, mas você sofreu durante toda a luta. Para alguém tão habilidosa, parece odiar lutar.*

– *Prefiro vencer.*

– *Muitos koronu preferem vencer. A maioria não é idiota a ponto de desafiar meu filho para um duelo.*

Misaki continuou deitada, respirando devagar.

— *Levante-se.*

Misaki tentou, mas, sem a motivação do combate impulsionando seus músculos, não conseguiu. Tudo doía.

Suspirando, o mestre Wangara abriu a mão e disparou *fogo* na direção dela. Misaki gritou, rolou e se pôs de pé a tempo de escapar por pouco das chamas.

— *Eu nunca a vi aqui. Quem é você?* — perguntou ele.

– *Tsu... Misaki Tsusano* – disse ela, lembrando-se de falar seu nome no formato yammanka, com o nome próprio antes do sobrenome. — *Sou uma primeiranista na Calcário Quatro.*

– *Tsusano* – repetiu Wangara, assentindo de modo significativo. — *Entendi. Imagino que não tenha nenhum irmão.*

Uma boa aposta, que explicaria por que uma garota acabou treinando

esgrima com o pai, mas não era o caso de Misaki.

— Tenho três irmãos, mas nenhum deles é tão bom quanto eu — respondeu ela, com uma nota de orgulho.

— E você está aqui, o que significa que seus pais não devem ser muito tradicionais.

– Eles são bastante tradicionais. Ainda vão me arrumar um casamento assim que eu terminar os estudos.

Alguns meses antes, essa ideia não teria lhe causado aquela pontada dolorida no peito. Por que o rosto de Robin de repente lhe viera à mente?

– Interessante – comentou o mestre Wangara, cruzando os braços.

– O quê, koroba?

— Só estou me perguntando por que uma futura dona de casa precisa ser uma boa lutadora.

Misaki franziu o cenho com teimosia.

— Talvez seja por diversão, koroba.

– Ah, com certeza, mas você não veio aqui hoje para se divertir. Veio por necessidade.

Misaki encarou o mestre espadachim com surpresa.

— Como o senhor...

– Você veio aqui com um objetivo. Está escrito no seu rosto. Deve ser algo bem importante para você ter desafiado logo o meu filho.

– Vai ver eu não passo de uma idiota com o ego inflado.

– Se tivesse entrado naquele ringue para satisfazer seu ego, estaria se comportando muito pior agora – respondeu Wangara, confiante. *— Há poucas coisas piores do que um ego ferido. Você queria ver como se sairia... e queria ter se saído melhor.*

Misaki assentiu.

— A espada por si só é uma coisa linda, mas eu gosto que os alunos tenham um senso de propósito.

O mestre Wangara observou Misaki por um momento, e ela ficou nervosa com a ideia de que ele fosse pedir explicações sobre seu interesse em esgrima. Não podia contar a ele o que a motivara. Não podia contar sobre Pássaro de

Fogo. Mas o homem não fez perguntas.

— *Eu tenho tempo nessa suradon, às dez waati* — disse ele, em vez disso.

Misaki ergueu o rosto, surpresa.

— *O quê?*

– *Vou tentar arrumar um parceiro de treino que tenha mais ou menos seu tamanho e força. Até lá, acho que vai ter que se contentar com Kinoro.*

– *O que o senhor...* — De repente, Misaki se sentiu mais atordoada do que quando Kinoro a derrubara. — *O senhor está se oferecendo para me treinar pessoalmente?*

– *Não estou me oferecendo, Tsusano. Estou fazendo questão.*

– *M-Mas...* – Guerreiros melhores que Misaki competiam vorazmente pelo privilégio de treinar com Makan Wangara. — *Mas o senhor não treina primeiranistas.*

– *Eu treino alunos que precisam de mim.* – Wangara passou a ponta do pé sob a bokken caída de Misaki e a jogou para a mão. — *A maioria dos primeiranistas não tem experiência para tirar maior proveito dos meus ensinamentos do que tirariam dos de Kinoro ou de qualquer outro guerreiro menos experiente. Se você quiser ir além do que já aprendeu com seu pai, precisa de mim.*

– *Wangara Kama, nem sei o que dizer. Obri...*

– *Você sabe os katas de Tsusano-ryuu?*

– *Sim, koroba* – respondeu, embora fizesse muito tempo que não os praticava. — *Todos menos as formas da Lâmina Tempestuosa.*

– *Ótimo.* – Ele jogou a bokken para ela com uma velocidade impressionante para um homem da sua idade e pareceu satisfeito quando Misaki a pegou. — *Pratique-os. Esteja preparada para demonstrá-los até a suradon. E não tente nenhum atalho. Eu sei quando estão corretos.*

Misaki apertou a bokken e se pegou sorrindo.

— *Preciso levar alguma coisa, koroba?*

– *Nada além desse sorriso.*

– Como assim?

– Se quiser ser uma grande espadachim, vai precisar encontrar tanto propósito quanto alegria na luta. Agora, me dê licença, preciso observar mais alguns duelos.

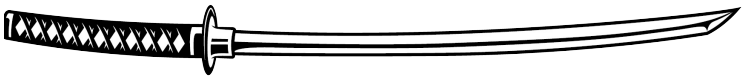
Misaki assentiu.

— Suradon, às dez waati — disse ela, só para garantir que não imaginara tudo. *— Kaatas de Tsusano-ryuu.*

– E um sorriso – lembrou Wangara, então se afastou para arbitrar o duelo seguinte.

7

O sol



Misaki escondeu a espada sob o assoalho e pregou as tábuas. Era uma promessa a si mesma. Talvez jamais conseguisse eliminar seu lado agressivo e voluntarioso, mas podia enterrá-lo. Tinha sido o que pensara, na época.

– *É ótimo ser um jijaka. Sem dúvida é o melhor teótipo para um espadachim* – dissera o mestre Wangara a ela, certa vez.

– *Por quê?* – questionara Misaki, ao que ele respondera:

– *A maioria das coisas fortes é rígida, mas, se você é água, pode se encaixar em qualquer molde, se congelar e ficar forte. Dá para ser forte em qualquer formato. Dá para ser qualquer coisa.*

Posso ser forte em qualquer formato, Misaki disse a si mesma, enquanto guardava o martelo e os pregos. *Posso ser qualquer coisa.* Se tinha se adaptado aos perigos dos becos escuros de Livingston, quão difícil seria lidar com o casamento e a maternidade?

– Assim como Nagi sorri para homens fortes, Nami sorri para mulheres pacientes – dissera sua mãe, no dia do casamento de Misaki, brilhando de orgulho.

– Tudo isso vai valer a pena quando você tiver seu filho nos braços. Quando o vir crescendo – afirmara o pai.

E Misaki acreditara. Não porque fizesse sentido, mas porque precisava

acreditar. Porque, se não acreditasse que valia a pena, então o que tinha feito?

Por isso, quando o novo marido mal olhou para ela após o casamento, Misaki seguiu sorrindo. Quando o sogro perdia a paciência, ela se curvava e falava baixinho, obediente. Tudo valeria a pena. Quando a nyama frígida do marido lhe causava calafrios, ela cerrava a mandíbula e suportava o toque dele. Tudo valeria a pena.

Não temia a intimidade física, mas gostava de se derreter na ardência doce do calor, não de se esfregar e se arquear sob um gelo mais frio que o dela. Precisava de calidez para suavizar as próprias arestas, e a nyama de Takeru estava tão longe disso quanto um planeta distante. Fez o que pôde para ceder ao toque do marido. Algumas vezes, não se conteve; retraiu-se, movendo os braços por instinto para se proteger. Em silêncio, Takeru segurava os braços dela numa pegada firme e fria, colocava-os ao lado do corpo como se posicionasse uma boneca, e seguia em frente.

Por toda a vida, Misaki ouvira que era bonita. O marido não devia achar, porque nunca olhava para o rosto dela, preferindo fitar os travesseiros ao lado. Embora as peles se tocassem, a sensação era de que estavam a uma galáxia de distância um do outro. Por fim, Misaki se resignou à ideia de que, para ele, ela não passava de um receptáculo, um útero para carregar seus filhos... mas tudo bem. Tudo valeria a pena quando segurasse seu bebê.

Ao estender os braços para pegar Mamoru pela primeira vez, forçou um sorriso. Mas, quando o corpinho se enroscou contra seu peito, ele era tão frio quanto Takeru. Misaki o abraçou apertado e esperou, mas a alegria que deveria sentir não veio. Tudo que ela sentia era o eco frio do jiya do marido emanando daquele corpinho, lembrando-a de que a criança em seu colo não era dela de verdade. Era um Matsuda.

Deveria ter percebido então que a tal luz divina que lhe fora prometida não ia chegar. Nunca. Mas Misaki sempre fora teimosa demais — ou burra demais — para admitir os próprios erros. Então, engoliu o choro, forçou-se a abrir um

sorriso e apertou mais o bebê, mesmo que a sensação lhe desse ânsias de vômito. Obrigou-se a amá-lo.

O jiya de Mamoru crescia com o menino. Aos 3 anos, ele tinha a aura de um teonita bem mais velho. A neblina matinal se estendia para tocá-lo com dedos reverentes, água parada congelava ao seu toque e gotas de orvalho escorriam da grama para seguir seus passos. Misaki crescera em uma casa poderosa, de jijakalu de sangue puro, mas nem ela ouvira falar de uma criancinha com tamanha nyama.

— Você e Takeru-sama eram assim, quando pequenos? — perguntou ao cunhado certa manhã, enquanto Mamoru brincava em uma poça d'água no quintal. As mãozinhas dele fizeram a água espirrar pelos ares. Algumas gotas congelaram e tilintaram ao caírem no telhado, enquanto outras explodiram em vapor. — O jiya de vocês era forte desse jeito quando tinham três anos?

— Hã... — Takashi coçou a base do pescoço. — Para falar a verdade, não lembro direito. Minha primeira lembrança de usar meu jiya é de quando o Vô Mizudori começou a me treinar para combate.

— Quantos anos você tinha?

Takashi deu de ombros.

— Cinco? Seis? Nosso pai deve lembrar. Mas, pensando bem...

Melhor não, eram as palavras que Takashi queria dizer, mas não disse. Matsuda Susumu tendia a ficar bastante mal-humorado toda vez que alguém mencionava o poder avassalador de seus filhos. Era um assunto sensível para ele.

— Então, você só começou a treinar seu jiya de verdade quando chegou à idade escolar? — perguntou Misaki.

— Geralmente é assim.

— Geralmente — repetiu Misaki —, mas Mamoru é uma criança incomum. Será que alguém não devia ensiná-lo a controlar esse poder antes que ele se machuque?

A maioria dos teonitas de 3 anos não manifestava poder suficiente para que fosse um problema, mas as habilidades de Mamoru estavam rapidamente chegando a um ponto em que representariam perigo de verdade.

Takashi deu de ombros.

— É o pai quem decide quando um garoto começa a treinar.

Um lembrete gentil de que Misaki estava se dando autoridade demais.

— Claro, Nii-sama — respondeu ela, baixando a cabeça.

— E, conhecendo Takeru, ele não vai querer treinar Mamoru-kun pessoalmente pelo menos até o garoto ter aprendido o básico na escola. Eu não... opa! — Ele ergueu a mão para interromper o percurso de gotas de gelo antes que atingissem a ele e a Misaki. — Cuidado, pequeno! — Ele riu, vaporizando as gotas com um balançar dos dedos. — Você quase acertou sua mãezinha! Minha nossa... — comentou ele, encarando Mamoru. — Talvez ele precise mesmo de uma ajuda. Você devia perguntar a Takeru se ele pode começar a treinar o menino mais cedo.

Misaki perguntou, mas, como sempre, Takeru não demonstrou qualquer interesse na criação do filho e menos ainda na opinião da esposa a respeito. Como Takashi previra, ele disse:

— Sou um mestre jijaka e um espadachim. Não treino bebês.

— Mas...

— Eu o treinarei quando ele for merecedor do que eu tenho para ensinar. Agora, me traga mais chá.

Misaki assentiu e obedeceu, mas decidiu que alguém precisava ensinar Mamoru a se controlar. Se o pai, o tio e o avô não iam fazer isso, então por que não ela? Era a mãe, afinal, e, mesmo que tivesse se tornado uma dama, tinha muitas boas técnicas a ensinar.

Começou com joguinhos fáceis que praticava com os irmãos quando pequena, em que faziam pedaços de gelo disputarem corrida pelo chão feito carros, construíam torres de neve e atiravam bolas de água de um lado para

outro sem derramar nenhuma gota no chão. Mamoru era ótimo em todos e logo se cansava dos jogos que distraíam a maioria das crianças jijaka por anos, então Misaki se pegou repassando técnicas mais avançadas com o filho.

— Lembre-se de deixar um pouquinho de neve entre os nós dos dedos e o gelo — disse ela, guiando o jiya de Mamoru, que congelava água sobre a própria mãozinha. — Isso mesmo. Agora, tente de novo.

Mamoru hesitou, mas obedeceu à mãe e acertou o punho na pedra.

— Ah! — Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. — Não doeu!

— A ideia é essa. — Misaki sorriu. — Assim, mesmo que você tenha dedinhos delicados, como os de Kaa-chan, pode dar um soco em praticamente qualquer coisa sem se machucar.

— Quero tentar de novo! — exclamou Mamoru, sacudindo a água da mão.

O garoto praticou acertar a pedra uma vez atrás da outra enquanto o avô assistia, do outro lado do pátio, com uma expressão azeda. Misaki notara que a eterna cara feia do sogro parecia se aprofundar sempre que a via ensinando alguma técnica a Mamoru, mas decidira ignorá-lo. Não havia motivo para um homem sensato se zangar com uma mãe ensinando o filho a controlar o próprio poder. Mas claro que Matsuda Susumu não era um homem sensato.

Por fim, no dia em que Misaki ensinou Mamoru a coagular sangue, ele se pronunciou. O garoto, então com 5 anos, ralara os joelhos no caminho na frente de casa. Preocupada que o choro irritasse o avô temperamental, ela tinha lhe mostrado aquela técnica avançada para distraí-lo... sem se dar conta de que isso irritaria o sogro mais do que o barulho.

— Misaki! — explodira o velho, assim que ela pedira a Mamoru que tentasse coagular a ferida seguinte por conta própria. — Uma palavrinha.

— Claro, Matsuda-sama. — Misaki logo foi se ajoelhar diante do sogro, longe dos ouvidos de Mamoru. — O que houve?

— O que você pensa que está fazendo?

— Ensinando meu filho a lidar com um ferimento.

— Esse não é seu papel.

— Mas a coagulação é uma técnica útil para um guerreiro — protestou Misaki, antes de conseguir se conter.

O rosto de Matsuda Susumu se contraiu.

— Ponha-se no seu lugar, mulher tola. O que você sabe do jiya de um guerreiro?

O que você *sabe do jiya de um guerreiro?*, pensou Misaki, com raiva.

— Sinto muito. — Ela baixou a cabeça. — Passei dos limites. Não vai se repetir.

— Espero mesmo que não. — Susumu bufou. — Os Matsuda lutam com água pura e imaculada. Não temos por que usar sua magia imunda de sangue Tsusano, e a opinião de uma mulher não tem qualquer serventia para um guerreiro.

Misaki controlou a raiva e a abafou com força antes que chegasse à superfície.

— Perdão, Matsuda-sama.

Toda vez que o senso de dever de Misaki falhava e lhe vinha o impulso de se rebelar contra o sogro, ela segurava a língua por pura crueldade vingativa, lembrando-se de que nem suas tiradas mais afiadas fariam estrago pior do que as coisas que aquele homem já sofrera. Ele passara a vida toda sendo uma decepção; um herdeiro Matsuda fraco demais para produzir uma Lâmina Sibilante, desprezado pelos pais, superado pelos filhos.

Como único garoto entre muitas filhas mulheres, Matsuda Susumu fora a única esperança de sua geração para dar continuidade às técnicas da família, que dedicara anos ao treinamento dele, sem que o homem jamais demonstrasse o poder ou o talento dos ancestrais. Ele jamais dominara a Lâmina Sibilante. Em desespero, o pai idoso de Susumu ensinara a técnica aos filhos do filho assim que os dois haviam crescido um pouco. Tanto Takashi quanto Takeru se mostraram jijakalu superiores ao pai, dominando a Lâmina

Sibilante na adolescência.

E o que acontecia a um homem que dedicava a vida inteira a um único propósito e falhava miseravelmente? Misaki achava que, após tantos anos de decepção, ele se tornara um ser humano retraído e vazio, que só encontrava consolo em atormentar pessoas mais jovens e mais competentes. A coisa mais cruel que Misaki podia fazer a uma criatura amargurada como o sogro era continuar servindo, sorrindo e parindo bebês como se nada a abalasse. A coisa mais cruel que podia fazer era servir ao próprio propósito... como ele jamais conseguira.

Fez uma reverência e deu as costas a Matsuda Susumu com um sorriso recatado, depois voltou para junto do filho.

— Olhe, Kaa-chan! — Mamoru sorria. — Eu consegui. Estou conseguindo!

— Pare. — Misaki pôs as mãos sobre as do menino, contendo seu jiya.

O sorriso dele desapareceu.

— Por quê?

— Eu não devia ter te ensinado isso... Você não deve usar essa técnica. Por favor, esqueça que eu a ensinei.

— Quer dizer que não posso usar de novo?

Misaki hesitou.

— Talvez... — Ela baixou a voz para um sussurro. — Talvez você possa guardar para emergências.

Em um campo de batalha, a técnica de coagulação de sangue podia salvar a vida de um guerreiro, e ela que não ia dizer na cara do filho que a pureza de sua técnica era mais importante do que sua vida.

— Só para emergências — repetiu, séria.

— Sim, Kaa-chan.

Daquele dia em diante, Misaki tomou o cuidado de lembrar que Mamoru não era dela. Suas conquistas não pertenciam à mãe, mas pertenciam ao pai e ao avô. Depois de ensinar ao menino algum controle básico, Misaki parou de

se intrometer em seu desenvolvimento. Logo, ele foi para a escola, onde guerreiros de verdade — homens das famílias Matsuda, Ikeno e Yukino — lhe ensinaram a usar seus poderes feito homem.

Misaki engravidou de novo. Sentia a nyama da criança crescendo dentro de si e colou um sorriso na cara para passar por tudo de novo. Aguentara a dor uma vez sem sequer uma lágrima ou reclamação; faria isso de novo. Não se dera conta de que a única coisa mais dolorosa do que carregar outro Matsuda seria falhar em fazer isso.

— Perdeu? Como assim você perdeu o bebê? — rugiu Matsuda Susumu.

— Eu... — Misaki tentou responder, mas foi tomada por uma tontura. As linhas do tatame moveram-se e rodaram sob seus joelhos. O cômodo estava girando. Ela tinha se arrastado da cama encharcada de sangue onde parira, se lavado e se vestido, quando as parteiras disseram que o sogro estava exigindo vê-la. Os finawu sequer haviam terminado os ritos de purificação. Ela sempre tivera muita energia e alta tolerância à dor, mas estava esgotada. Seu corpo tremia. O tatame balançou e ondulou. Talvez, se desabasse ali, ele a engolisse e levasse tudo aquilo embora...

— Sua mulher idiota e egoísta — dizia o sogro, ao longe.

Ela tentou ouvir, mas só conseguia captar trechos. "Filhos"... "filhos fortes"... "a razão"... "a única razão de você estar aqui". Ele parecia mais irritado do que o normal. Misaki apoiou a mão no chão para não cair de cara naquelas ondas convidativas.

— Patético! Você acabou de me custar um neto e é arrogante demais para sequer me responder. É mesmo uma mulher egoísta.

— Eu... — Misaki se esforçou para encontrar a voz. — Sinto m...

Ela notou o impacto antes de sentir a dor na face. Precisava dar o crédito: Matsuda Susumu batia *forte* para um velho.

— Se não é capaz de dar outro filho a esta família, você não vale de nada.

Através da névoa, Misaki captou uma nota de satisfação na voz de Susumu.

Ela enfim se mostrara a decepção que ele sempre a considerara. Falhara em seu único propósito. Enfim, era inferior a ele.

— Não se esqueça de por que está aqui.

Misaki se ergueu nos cotovelos, mas não encontrou forças para se colocar de joelhos. Acima dela, Susumu soltou um ruído de desprezo.

— A mulher é sua. Lide com ela.

— Sim, Tou-sama — respondeu uma segunda voz.

Takeru.

Misaki estava tão desorientada que nem tinha percebido que o marido estava no cômodo. Ele estava tão quieto, sua nyama gélida tão parecida com a do pai, que desaparecera ao fundo. Só quando o homem mais velho saiu mancando do quarto foi que Takeru se moveu, dando passos lentos até parar junto da "mulher".

Os pés descalços entraram em foco diante de Misaki, seguidos pela barra do hakama... e de repente ela sentiu lágrimas quentes nos olhos. Foi quase um alívio. Passara tantos anos bancando a boa esposa, sorrindo, contendo seu luto, mas não era mais uma boa esposa. Agora, falhara com ele. Agora, com certeza, podia chorar. Era esperado, não era?

Mesmo se tivesse forças para erguer a cabeça, não o teria encarado. Como poderia? Havia acabado de perder seu filho. Ele devia estar furioso...

— Venha, Misaki. — A voz dele soava calma. — Você precisa descansar.

Ela não se moveu.

Takeru se agachou e tocou a face que o pai dele havia golpeado. Foi um gesto utilitário; algo frio para amenizar o inchaço. Ele sequer buscou os olhos dela.

— Consegue se levantar?

— Eu sinto muito — disse Misaki, a voz baixinha, lutando para passar pela garganta embargada. — Takeru-sama, eu sinto muito...

— Está tudo bem — disse ele, passando um braço sob seus joelhos e o outro

por seus ombros. — Eu a carrego.

Takeru, como sempre, a tratou como se Misaki fosse uma boneca bem frágil. Talvez sentisse como ela ficava tensa sob suas mãos e não quisesse assustá-la. Vai ver realmente achasse que toda mulher era tão frágil que se quebraria a um toque. Era impossível ler os pensamentos de Takeru sob aquela expressão impassível. Às vezes, Misaki considerava isso uma bênção. Naquele momento, aquilo a deixou terrivelmente solitária.

Ficou inerte enquanto ele a carregava. Não sabia se tinha começado a tremer em reação à nyama dele ou por algum outro motivo, mas, uma vez que a tremedeira começou, não parou mais. Era mais do que frio, mais do que pesar. Era pânico ao perceber que ele não ia gritar com ela. Que ela não ia chorar. E se não podia nem chorar... se não podia nem chorar, que tipo de monstro ela era?

— Recomponha-se. — Takeru não olhou para ela; manteve os olhos no chão à frente, logo além de seu ombro. — Você vai ficar bem.

Mas Misaki não estava bem. Era fraca, inútil, egoísta e qualquer outro xingamento já usado por Matsuda Susumu. Era um monstro que não derramava sequer uma lágrima pelo filho perdido. Que tipo de marido dizia que "estava tudo bem"? Que tipo de homem com um coração podia dizer isso?

Quando Takeru a deitou no futon, Misaki se pegou segurando a frente do haori dele com toda a força que ainda lhe restava.

Fique, pensou, desesperada. Ele não podia deixá-la sozinha no escuro, engasgada, incapaz de chorar, incapaz de se mover. *Fique, fique.*

— Solte — disse Takeru, indiferente.

Mas Misaki segurou com mais força. Se ele fosse embora naquele momento, ela viraria pedra.

— Misaki, isso é impróprio. Solte — disse Takeru, friamente.

— Takeru-sama... — Ela buscou mais uma vez no rosto dele qualquer sinal de pesar, de empatia, de raiva, de qualquer coisa. *Deuses, qualquer coisa.* — Eu

sinto muito ter falhado com você. Eu...

— Vamos tentar de novo — disse ele, como se ela tivesse apenas quebrado alguns ovos voltando da feira. — Depois que você recuperar as forças. — Mãos geladas se fecharam sobre as dela e soltaram seus dedos com facilidade. — Descanse.

— Takeru — sussurrou ela, enquanto ele se afastava. — Por favor...

— Obedeça.

Takeru fechou a porta e, naquele momento, pareceu que fora ele a esbofeteá-la. Por Nami, teria dado no mesmo se ele a tivesse estripado com sua Lâmina Sibilante.

Algo dentro de Misaki morreu depois daquele dia. Já não via o marido ou Mamoru quando passavam por ela pela casa. Toda noite, Takeru abria clinicamente seu quimono, a deitava e a tomava. Colocou outro bebê dentro dela, e Misaki o perdeu também.

Depois do segundo aborto, ela começou a pensar que era mesmo uma boneca — dura, insensível, incapaz de produzir vida porque não estava viva de verdade. Havia histórias de terror sobre os mestres titereiros Tsusano, que manipulavam o sangue no corpo de outras pessoas — mortas e vivas —, fazendo-as dançarem feito bonecas. Às vezes, Misaki se perguntava se tinha inconscientemente se tornado um deles, controlando o próprio corpo devastado todo dia.

Foi apenas quando Setsuko se juntou à família que um novo pulso ganhou vida dentro do peito daquela boneca. Setsuko foi a primeira pessoa a conversar com Misaki sobre os abortos. Fora o tema da primeira discussão... a primeira discussão de verdade que tivera em anos. Nem se lembrava o que dissera para irritar a concunhada — alguma bobeira sobre ser idiota ou inútil —, mas Setsuko batera com a espátula no fogão.

— Pare com isso!

Assustada, Misaki apenas a encarou por um momento.

— C-com o quê?

— Você vive dizendo essas coisas horríveis sobre si mesma!

— Bom... é porque...

— Não quero saber por quê. Não vou mais aceitar você se chamando de inútil ou de má, entendeu? Não vou!

— Mas é verdade — protestou Misaki. — Faz anos que não dou um filho ao meu marido. Já tive dois abortos. Como se chama uma mulher dessas?

— Não de inútil — respondeu Setsuko. — Não de má. Um aborto não faz de você uma mulher ruim.

— Não mesmo? Meu marido é um jijaka poderoso, de uma linhagem que jamais teve problemas em produzir filhos. Se os bebês estão morrendo antes de nascerem, o problema não é com ele. É comigo.

Ao longo dos anos, quanto mais Misaki pensara naquilo, mais certeza da culpa tinha. Não desejara os bebês de verdade, não depois de Mamoru. Não com o ímpeto que deveria. Só isso já era um pecado contra Nagi e Nami.

Uma jijaka poderosa como Misaki era capaz de afogar uma criança dentro de si mesma se não a desejasse o bastante. Não se lembrava de ter tentado dar cabo das gravidezes; nas duas vezes, tivera a *intenção* de levar os bebês a termo. Mesmo que não ficasse animada com a perspectiva, esperara dar à luz, mas havia tanta amargura encurralada dentro dela. Será que causara os abortos enquanto dormia? Enquanto sonhava? Será que seu inconsciente se erguera feito um demônio sonâmbulo e afogara os bebês?

— Você não fez nada — afirmou Setsuko, com confiança. — E qualquer pessoa que diga que fez é uma idiota.

— Mas... nosso sogro achava...

Misaki se engasgou quando a voz dele lhe veio à mente. *Sua mulher egoísta e idiota, a culpa é sua! Você matou meus netos!* Por anos, ficara parada, deixando aquelas palavras permearem sua mente feito veneno. *Você matou meus netos.*

— Nosso sogro está morto. Não importa mais o que ele pensava. Se

importasse, eu não estaria aqui. — O okonomiyaki de Setsuko, esquecido no fogo, tinha começado a soltar fumaça. — A única coisa que importa agora é o que você acha. *Você* acha que os abortos foram sua culpa?

— Espero que não. — Misaki ficou surpresa com a facilidade com que a verdade escapou de sua boca.

— Então, não foi sua culpa — disse Setsuko, resoluta.

Um dos okonomiyaki na panela pegou fogo.

— Ai, não... — Misaki correu para o fogão, mas Setsuko a interrompeu.

— Deixe que queime! — disse ela, impetuosa. — Já ia ter um gosto horrível mesmo. Olha, eu sei que pareço uma caipira idiota... e sou mesmo... mas sei algumas coisinhas sobre essas confusões de que vocês, nobres, não gostam de falar. Minha tia é parteira. Ela diria que nenhuma mulher consegue se livrar de um bebê saudável, a menos que tente de verdade... E, na maioria das vezes, é a mulher que morre. Acho que se livrar de um bebê Matsuda seria mais difícil ainda. Se você fosse a culpada pelos abortos, saberia.

Depois de dar sua opinião, Setsuko se voltou para limpar a bagunça que tinha feito no fogão, deixando Misaki a encarando em um estupor mudo. Fazia muito tempo — muito tempo mesmo — que ninguém depositava tamanha fé nela. Não sabia bem o que fazer com aquilo.

— Mas se não foi meu jiya... — disse ela, odiando ouvir o medo na própria voz. — Então, eu sou defeituosa. E se não conseguir ter mais filhos?

— Então, seu marido ainda tem Mamoru, que é um herdeiro perfeito, e você não tem nada de que se envergonhar. Você não disse que nem queria mesmo ter mais filhos?

— Mas é só para isso que estou aqui. — A voz de Misaki tremeu. — Meu casamento não é como o seu, Setsuko. Não estou aqui porque meu marido me ama. Estou aqui para dar filhos a ele.

— E você é o quê? Uma fábrica de bebês? — Setsuko riu, franzindo o nariz.

Misaki também teria rido, se aquilo não a descrevesse perfeitamente. E,

com o passar dos anos, aquela ideia a esmagara até que se ela se transformasse em algo minúsculo.

— Foi por isso que ele se casou comigo.

— Bom, você também se casou com ele, não foi? — rebateu Setsuko.

— Eu não tive escolha.

Era uma mentira fraca. Se Misaki quisesse, poderia ter fugido daquela situação e deixado tudo para trás. Só que não era tão simples...

— Eu juro, Misaki, você é tão inteligente... com seu vocabulário, sua criação nobre e sua educação chique em escolas teonitas... mas, às vezes, é a mulher mais burra que já conheci.

— C-Como é?

— Por que não assume responsabilidade pelas coisas que *pode* controlar, em vez de pelas coisas que não pode?

— Eu... — Por um momento, Misaki considerou discutir, então inclinou a cabeça, encarando Setsuko conforme assimilava aquelas palavras. — Todas as peixeiras de Takayubi são espertas assim ou é só você? — perguntou, por fim.

— Só eu — respondeu Setsuko, com um sorriso contente. — Como acha que arrumei um belo marido de posição social tão superior?

— Faz sentido.

— Escuta, irmãzinha. — Setsuko segurou as mãos de Misaki. — Sei que a gente não se conhece há muito tempo, mas você não me parece o tipo infantil, que não consegue assumir a responsabilidade pela própria felicidade.

— Não sei do que você está...

— Pode bancar a coitadinha idiota comigo, mas não vai funcionar. Tem uma mulher forte e alegre aí dentro. — Setsuko apoiou a mão no peito de Misaki. — Eu gostaria de conhecê-la.

Misaki soltou uma risada; o som mais genuíno que saía dela em muito tempo.

— Cuidado com o que deseja. Você não...

Ela parou ao se dar conta de que chegara bem perto de contar a Setsuko sobre a espada escondida sob o chão a seus pés. Que precisava seguir enterrada. Não importava quão próxima de Setsuko se tornasse, jamais podia revisitar aquela parte de si mesma. Só que, mesmo com a espada firmemente escondida ali embaixo, Misaki sentiu uma parte de seu velho sorriso curvar o canto da boca.

— Cuidado com o que deseja.

Embora as tábuas do assoalho tivessem seguido pregadas, Setsuko havia atravessado o estupor de Misaki, ressuscitando parte dela. Podia não ser uma vida perfeita, e ela podia não ser verdadeiramente feliz, mas teve forças para dar à luz mais três filhos: Hiroshi, mais frio que Mamoru e ainda mais poderoso para sua idade, Nagasa, com olhos aguçados e energia contagiante, e Izumo.

O quarto filho de Misaki não era tão mortalmente gelado como os outros. Talvez isso fosse ruim; talvez ele não possuísse o tipo de poder frígido que o pai buscava, mas decerto tornava mais fácil segurá-lo junto ao peito.

— Yosh, yosh — murmurou ela contra o cabelo macio do recém-nascido enquanto cantarolava. — Está tudo bem, Izu-kun. Está tudo bem.

Era a terceira vez que ele acordava naquela noite. Nada mal.

— *Nenneko, nenneko yo* — cantou ela, baixinho.

A lua brilha nos campos orvalhados.
Na minha cidade,
Além desta montanha e da outra,
Um velho tocava uma flauta de madeira.
O sol, há muito afundado no mar,
Brilha no espelho da Mãe noite adentro.

Meus avós são gotas de orvalho na grama e notas no vento.

Um sussurro, um farfalhar, pelo campo,
Murmurando sobre tudo que amamos,
Cantando por tudo que perdemos.

Meus pais são gotas de orvalho na grama e notas no vento.
Um eco, um farfalhar, pelo campo,
Tudo que é eterno,
Tudo que é fugaz.

Nenneko, nenneko yo.
Cintile sob a luz da lua, orvalhinho,
Pois além desta montanha e da outra,
O velho segue tocando,
O velho segue tocando...

Quando ela concluiu a canção de ninar, Izumo soltou um suspirinho contra seu ombro. Tinha adormecido. Ela secou as lágrimas do rosto do bebê e devagar, muito devagar, o colocou no berço.

— Prontinho, pequeno. Durma bem.

Acabara de se erguer quando um som abafado a deixou tensa. Havia alguém na sala. Misaki saiu do quarto e espiou pelo corredor, captando um movimento nas sombras. Sua mão correu ao quadril, mas claro que não havia nada ali. Idiota. Já fazia quinze anos que não havia uma espada ali.

— Quem está aí? — questionou.

— Desculpe, Kaa-chan.

— Mamoru.

Ela soltou o ar quando o filho mais velho surgiu sob a luz da lâmpada. De algum modo, não reconhecera sua nyama nem sua silhueta. No escuro, ele parecera quase um homem-feito...

— Estava tentando não fazer barulho. Pensei que estivesse todo mundo

dormindo — disse Mamoru.

— E eu pensei que você tivesse chegado e ido para a cama durante a noite — respondeu Misaki, tentando soar mais recriminadora do que abalada. — Sabe que já está quase amanhecendo?

— Sim, Kaa-chan. Me desculpe.

— Seu tio disse que mandou você e o garoto novo limparem o telhado. Não me diga que levou esse tempo todo para terminar uma tarefa simples.

— Tivemos um problema. — Mamoru encarava os próprios pés. — Não chegamos a terminar.

— Então, não apenas você se meteu em confusão, mas também não cumpriu seu castigo? — Aquilo não combinava com Mamoru. — Vem aqui.

Ela gesticulou para que ele chegasse mais perto da luz. Quando o garoto avançou, os olhos de Misaki o percorreram, vendo o rosto machucado e o uniforme sujo. Andara tão ocupada com o recém-nascido, e Mamoru tão ocupado com a escola, que fazia tempo que não reparava no filho mais velho. Mamoru crescera bastante, enquanto ela andava distraída, e já estava quase tão alto quanto o pai. Os membros magricelos haviam começado a ganhar os músculos de um guerreiro adulto, mas os arranhões e machucados entregavam a inconsequência de um menino.

— Estou confusa. Seu tio me disse que você bateu no garoto novo, não o contrário — disse Misaki.

Mamoru ficou inquieto.

— Não... Não fiquei assim por culpa dele. A gente caiu do telhado.

— Para quê?

— Foi um erro.

— Os Matsuda não erram.

Era o que Takeru sempre dizia aos meninos, mas ela se arrependeu dessas palavras ao ver a expressão arrasada de Mamoru. Ele realmente as levava a sério. Claro que levava.

— Ei, Kaa-chan estava brincado. — Ela sorriu. — Troque de roupa e eu vou arrumar alguma coisa para você comer.

— Eu já comi, na casa de Kotetsu Kama. Kwang-san... o novato... se machucou na queda, então paramos lá para cuidar do braço dele, e eles insistiram que a gente jantasse.

— Ah. — Parecia que Mamoru tivera uma noite e tanto. — Bom, troque de roupa mesmo assim. Preciso lavar esse uniforme antes de você usá-lo de novo.

— Sim, senhora.

Mamoru assentiu e partiu para seu quarto, de onde emergiu usando o quimono azul da casa, de banho tomado e com a mão enfaixada.

— O uniforme — murmurou ele, entregando o traje à mãe.

Misaki imaginou que ele fosse voltar ao quarto para dormir enquanto ela trabalhava, mas Mamoru se ajoelhou e ficou observando, em um silêncio tenso, a mãe encher o tanque de água. Depois de jogar o uniforme lá dentro, ela acrescentou sabão e começou a mexer a água com a mão direita, dominante, mantendo a esquerda logo acima do tanque para impedir esguichos.

Quando lavara todo o sangue e a sujeira do tecido, Misaki jogou fora a água suja no outro tanque e a substituiu por água limpa. Durante todo o tempo, Mamoru a olhou trabalhar, embora não parecesse realmente vê-la. Estava com a mente em outro lugar.

— Tou-sama... sabe? — perguntou Mamoru, por fim.

— Seu pai não está em casa — respondeu Misaki, fazendo girar a nova água. — Foi passar a noite no escritório, então por hoje você se safou.

Não que Takeru fosse um disciplinador particularmente temível. Apesar do poder e da postura intimidante, não era tão duro quanto muitos pais em Takayubi. Não batia em Mamoru.

— Eu só... — disse Mamoru. — Pensei... que você fosse...

— Que eu fosse o quê?

— Me dar uma bronca.

Misaki olhou para o filho, surpresa. Ele estava *pedindo* que ela se zangasse?

— Meu papel nesta casa é ninar bebês e confortar os pequenos quando eles ralam o joelho. Você é um bebezinho?

— Não, Kaa-chan.

— Com esse tipo de assunto... assunto de homem... quem lida é o seu pai. Mas... — continuou ela, antes de conseguir se conter —, se quer levar uma bronca, estou brava, então posso assumir o papel rapidinho.

— Ah... Eu-eu não quis dizer...

— Parece que você fez uma idiotice atrás da outra hoje — disse ela, torcendo o uniforme de Mamoru. — Como pretende consertar as coisas?

— Já me desculpei com Kwang Chul-hee. Pensei em pegar o caminho mais curto para a escola, um pouco mais cedo, e terminar de limpar o telhado sozinho.

Misaki ergueu os olhos para o céu e arqueou a sobrancelha.

— Está amanhecendo, filho. Quando está planejando dormir?

— Ah. — Mamoru hesitou. — Acho que não vou dormir.

— Não me parece uma ideia muito boa. Dormir é importante para um rapaz em fase de crescimento.

Claro que era hipocrisia da parte dela, considerando como passara suas noites aos 14 anos... E, pelo amor de Nagi, Mamoru já tinha mesmo a idade que ela tinha naquela época? Quando isso havia acontecido?

— Você devia se deitar e descansar pelo menos um pouco.

Mamoru balançou a cabeça distraidamente.

— Acho que não consigo.

Foi só então que Misaki olhou com mais atenção o rosto do garoto e notou que ele não estava apenas exausto, estava sofrendo.

O que aconteceu?, quis perguntar, mas não era o tipo de coisa que se perguntava a um homem, a um guerreiro, mesmo que se fosse a mãe dele.

— Não é do seu feitio arrumar briga com outro aluno — sondou ela, por fim.

— Eu sei. — Mamoru encarou os próprios joelhos. — Eu... — Ele se remexeu. — Posso contar o motivo para você? — A pergunta pareceu escapar de sua boca sem que ele pensasse direito.

— Como assim?

— Posso contar por que bati nele?

— Se você não conseguiu se controlar, eu não quero ouvir nenhuma desculpa — disse Misaki, dura —, e seu pai também não vai querer. Quando ele ficar sabendo...

— Por favor. — A voz de Mamoru soou tensa. — Não é... Não estou tentando dar nenhuma desculpa. Eu só...

Havia um desespero nos olhos dele que Misaki não se lembrava de já ter visto. O que acontecera? Antes que pudesse mudar de ideia, disse baixinho:

— Conte.

— Kwang-san estava dizendo coisas horríveis, traidoras, contra o Império. Ele disse que a história que o sensei Hibiki nos ensina não é verdadeira. Disse que, durante a Keleba, muitos homens morreram aqui na Península Kusanagi e em outros lugares de Kaigen, e que os ranganeses tiveram que ser rechaçados pelos reforços yammankas. Ele disse que o Império encobriu a morte de todas essas pessoas.

Mamoru estava observando o rosto dela. Com atenção. Esperando uma reação.

— Entendi — respondeu Misaki, tensa.

— "Entendi"? — A voz de Mamoru falhou. — Só vai dizer isso?

— O que mais eu teria a dizer?

— Você... você...

Mamoru a encarou como um homem se afogando vendo a costa se afastar, e Misaki se deu conta de que ele esperava que ela lhe dissesse o que pensar.

Era sua mãe, afinal; devia ter as respostas, devia guiá-lo para o bom caminho.

— Você deve ter algo a dizer — implorou ele.

— Eu... — Misaki abriu a boca, depois a fechou, mordendo o interior da bochecha. Por fim, disse: — Seu pai ficaria muito descontente de saber que você está repetindo essas coisas nesta casa.

Mamoru baixou os olhos, constrangido, e ela sentiu uma pontada súbita de culpa. Era seu dever guiá-lo para o bom caminho...

— As coisas que esse garoto falou com certeza são traição.

— Eu sei, Kaa-chan. Me descul...

— Mas são verdade.

Mamoru ergueu a cabeça bruscamente, os olhos avermelhados arregalados de surpresa.

— Kaa-chan!

— Você não pode repetir isso para ninguém — disse ela, às pressas. — Não preciso nem explicar que esse tipo de conversa não convém a um Matsuda.

— Mas... — Mamoru parecia à beira de um ataque de pânico. Os olhos do garoto estavam baços, como se o mundo estivesse descarrilhando diante deles. — Mas se é tudo verdade, então...

Misaki observou as engrenagens girando na cabeça do garoto e sentiu uma pontada de pânico no peito. O que tinha feito? Em que estivera pensando? Mamoru tinha 14 anos — era instável, impressionável — e era um *Matsuda*. O que estivera pensando para contar a verdade a ele?

— Por que você disse isso? — questionou Mamoru, junto da voz reprovadora na cabeça de Misaki. — Por que... Por que me contou isso?

— Porque pensei que você fosse homem o bastante para aguentar. — Misaki disfarçou a ansiedade sob um tom de voz severo. — Você é um Matsuda, não é? Recomponha-se.

— M-Mas... mas... — Mamoru estava tão abalado que não conseguia organizar as palavras, muito menos sua nyama tumultuosa, que sugou a água

do tanque, fazendo um pouco esguichar pela lateral. — Você está dizendo que o sensei Hibiki mentiu mesmo sobre a nossa história. Que o Império mente desde...

— Eu falei para você não repetir nada disso!

Mamoru se retraiu, como se tivesse levado um tapa.

— Desculpe. — Ele baixou a cabeça. — Não vou me esquecer de novo. Desculpe.

Ele apertou a mão enfaixada com a outra e se encolheu. Misaki sentia a dor irradiando do garoto. Não apenas dor física; ele já levara surras piores durante o treinamento. A nyama dele estava fervilhando, todo aquele poder assustador que herdara do pai se contorcendo como uma serpente emaranhada tentando se libertar dos próprios nós, estrangulando-se e mordendo-se em meio à confusão.

Seu filho estava sofrendo.

E Misaki sentiu algo que não sentia havia muito tempo: um instinto protetor, um desejo avassalador de resguardar, de confortar, de curar a qualquer custo. Imaginou que era isso que uma boa mãe devia sentir em relação aos filhos o tempo todo, mas ela não experimentava algo assim desde a Academia Alvorecer. Desde que tivera algo que valia a pena proteger.

Estendeu a mão e apertou com delicadeza o braço de Mamoru.

— Venha se sentar comigo.

— O-O quê?

— Se vai pegar o caminho mais curto para a escola, pode gastar alguns siiranu com sua mãe. Venha. Vamos ver o sol nascer.

A varanda da frente da propriedade Matsuda tinha uma vista nítida da encosta da montanha. Quando o dia estava claro e sem nuvens, Misaki enxergava todo o caminho até o oceano cintilante. Em manhãs frias como aquela, a parte inferior da montanha desaparecia em uma névoa marítima que mudava de cor com a luz crescente. Naquele momento, estava azul-clara, quase

lilás.

Misaki se sentou com as pernas encolhidas e as mãos no colo, a imagem da dona de casa recatada que cultivara por quinze anos. Ao lado, Mamoru cruzou as pernas em uma imitação tensa da pose do pai, mas seu coração batia mais rápido do que o de Takeru jamais batera.

Apesar da serenidade da montanha ao redor, Misaki estava nervosa. O impasse de Mamoru a colocava em uma situação confusa. Queria aliviar a dor dele, mas o carinho de uma dona de casa e reafirmações inócuas não serviriam para isso. Naquela situação, para variar, precisava ser sincera. E sua sinceridade estava enferrujada.

— Sabe, eu... eu nunca gostei do frio — disse ela, começando com uma verdade pequena, só para ver como se sentia.

Mamoru se virou para encará-la com uma expressão questionadora.

— Já sou uma pessoa bem fria... na minha nyama e na minha personalidade... então, já tenho bastante frio por mim mesma. Quando se trata dos outros, gosto de um pouco de calor para balancear o gelo em mim. Sei que os konoru jijaka deveriam odiar o fogo, mas eu fico com inveja toda vez que você vai servir de aprendiz nas forjas. É tão difícil encontrar calor nesta vila... É por isso que assisto ao nascer do sol sempre que tenho a chance.

Misaki lançou um olhar pesaroso para a névoa.

— Gosto de sentir o sol fervendo no horizonte antes mesmo de ele surgir à vista. Gosto do momento em que ele ilumina a neblina e depois a queima. Essa luz me lembra de que existe um mundo além desta montanha, além de Kaigen. Não importa quão frias sejam as noites aqui, o sol está nascendo em algum lugar. Está aquecendo alguém, em algum lugar.

— Você já conheceu outros lugares — disse Mamoru, depois de um momento. Ele falou com cautela também, hesitante ao se aventurar naquele novo território, no encalço dela. — Você nunca fala disso, mas tia Setsuko disse que você estudou em uma escola teonita fora de Kaigen, lá do outro lado do

mundo.

— Foi há muito tempo. Eu tinha a sua idade.

Ficaram em silêncio por um longo tempo. Mais de uma vez, Mamoru respirou fundo, como se tomasse coragem para falar, depois mudasse de ideia. Seu corpo estava imóvel, os olhos fixos adiante, mas a tensão nas mãos e as batidas de seu coração o entregavam. Misaki compreendeu que o filho estava com medo, com medo de perguntar o que ela sabia do mundo exterior.

Seu medo não era sem fundamento. Havia um motivo para Takeru tê-la proibido de falar sobre seus anos escolares. Boa parte do que aprendera não apenas ia contra a crença Matsuda, como podia ser considerada traição contra o Império. Não conseguia contar a Mamoru os conhecimentos adquiridos na Alvorecer, assim como ele não conseguia perguntar.

Mas precisava falar alguma coisa.

— Escute, filho... Quando eu tinha a sua idade, tive que encarar verdades que pareceram partir o mundo. É o que acontece quando a gente tem contato com pessoas diferentes de nós. Com o tempo, aprendemos que o mundo não está partido, apenas... tem mais peças do que você pensava. Todas se encaixam, só talvez não do jeito que você visualizou quando pequeno.

— Mas como? — A voz de Mamoru falhou. — Eu não entendo. Como eu encaixo as peças? Se *nada* é como eu pensava... Kaa-chan, por favor... O que eu devo pensar?

— Isso você vai ter que decidir sozinho. É parte de se tornar adulto.

Mamoru balançou a cabeça.

— O que isso significa?

— Que uma criança não precisa se responsabilizar por suas decisões. Uma criança pode confiar que os pais lhe dirão o que fazer. Um homem confia em si mesmo.

— Mas... nós não somos todos filhos do Império? — perguntou Mamoru. Claro que perguntou. Era o que ele ouvira em cada história e canção desde que

aprendera a falar. — Não *temos* que confiar no nosso governo?

— Acho que sim, se você quiser mesmo ser uma criança para sempre — disse Misaki, sem se conter. — Você quer, filho? — Ela lançou um olhar enfático para Mamoru sob a luz crescente. — Ou quer ser um homem?

— Quero ser um homem — respondeu ele, determinado. — É só que... eu não entendo, Kaa-chan. Sou um koro, um Matsuda. Quando crescer, devo ser o tipo de homem de ação com o poder de mudar a história. C-Como vou fazer isso, se nem sei o que está acontecendo?

Uma pergunta razoável, que não tinha resposta simples.

— Olha, essa é a parte difícil. Equilibrar o que você não sabe com encontrar as respostas e agir de acordo sem se arrepender. Algumas pessoas nunca aprendem a fazer isso, outras aprendem tarde demais. Por Nami, eu queria... — Misaki se interrompeu, surpresa que o pensamento sequer tivesse começado a sair de sua boca. Porque o que pretendia dizer? *Eu queria ter tido a coragem de enfrentar meus pais e o Império? Eu queria ter tomado minhas próprias decisões em assuntos importantes?* Se tivesse feito isso, o garoto com olhar nervoso diante dela não existiria. Deuses, que tipo de mãe ela era?

— O que você queria, Kaa-chan? — perguntou Mamoru, com um interesse tão inocente que Misaki quase morreu de vergonha.

— Nada, filho. — Ela tocou o rosto dele. — Dei à luz um Matsuda poderoso. O que mais eu poderia querer?

— Um Matsuda inteligente? — sugeriu ele.

Misaki riu.

— Você é inteligente, Mamoru... ou está começando a ficar. Tenho certeza de que vai se tornar um bom homem.

— Será? — perguntou ele, genuinamente preocupado. E Misaki não soube como responder.

— Eu... — Quando as palavras falharam, ela pegou emprestada a sabedoria de seu mestre espadachim; podia não ter servido para ela, mas quem sabe

Mamoru fizesse um uso melhor. — Sei que você pode estar arrasado, mas somos jijakalu. Somos água, e água pode preencher qualquer molde. Não importa se nos quebramos e mudamos de forma, sempre conseguimos nos congelar até ficarmos firmes de novo. Não vai acontecer rápido. É preciso esperar a mudança da estação para ver que forma o gelo assumirá, mas ele vai aparecer, claro e forte. Sempre aparece.

Mamoru assentiu.

— Mas eu... não posso falar de nada que você ou Kwang-san me contaram?

— Não, mas isso não quer dizer que não pode ouvir. Dá para aprender muita coisa ouvindo pessoas com experiências diferentes das suas. Certa vez, um jaseli me contou que ouvir nunca deixou ninguém mais burro, mas já deixou muita gente mais esperta. — Ela balançou a mão. — Essa tradução não ficou muito boa, mas eu juro que soa mais poético em yammaninke.

— Como o primeiro Matsuda Takeru... — murmurou Mamoru, olhando concentrado para a névoa abaixo.

— O quê? — Misaki não compreendeu a linha de raciocínio do filho, mas ele parecia ter alcançado algum tipo de revelação.

— Ele aprendeu com gente diferente dele. Mesmo sendo um koro, cresceu entre ferreiros. Estava disposto a aprender com eles e com os missionários estrangeiros, e até com o filho de seu maior inimigo... e, no final, isso o deixou mais forte.

Por um momento, Misaki apenas encarou o filho. Nunca olhara a história Matsuda por aquele ângulo — por qualquer ângulo que se encaixasse à própria experiência —, e ali estava seu filho ensanguentado e insone, de 14 anos, conectando duas partes do mundo que ela jamais imaginara que se encaixassem.

Talvez ela também ainda tivesse que crescer um pouco.

— Obrigado, Kaa-chan. — Mamoru se virou para ela com um grande sorriso. — Acho que aprendi uma coisa.

Misaki continuava a encará-lo.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça.

— Você tem convinhas.

— Puxei de você.

O sol já estava visível, ardendo através da névoa, e Misaki afastou a franja de Mamoru para trás.

— Sabe, Mamoru... você em breve será um homem-feito. Mas hoje me deixe ser sua mãe e dizer com toda a minha certeza materna que está tudo bem. O mundo está inteiro. Você está no caminho certo. Vai ficar tudo bem.

Ele assentiu.

— E, Mamoru... — Ela o segurou pelo queixo e virou o rosto dele para si. — Você é uma boa pessoa. Confio que vai crescer direitinho.

— Obrigado, Kaa-chan.

As encostas abaixo tinham ficado douradas sob o sol, que fazia as gotas de orvalho cintilarem feito fogos de artifício pelas ondulações da montanha. Ao seu lado, Mamoru fazia um belo esforço para manter os olhos abertos, mas, conforme o sol aquecia o mundo, a cabeça dele pesou contra o ombro de Misaki. A nyama dele, enfim tranquila, começou a atraí-lo para os braços do sono.

— Algum dia você me conta sobre a sua escola estrangeira? Sobre tudo que você fez quando jovem? — murmurou ele.

Misaki não estava preparada para a onda de afeto que atingiu seu coração. Jamais pensara que alguém em Takayubi fosse perguntar sobre a Academia Alvorecer. Ouvir aquilo do próprio filho foi mais do que teria sonhado.

— Algum dia, Mamoru-kun. Hoje, não. Agora, você tem que olhar para o próprio futuro.

— Hum... — Mamoru suspirou, os olhos se fechando.

É isso, percebeu Misaki. Aquela era a alegria que lhe fora prometida, em

uma única e simples esperança: que Mamoru se tornasse um homem diferente do pai.

O som de pezinhos interrompeu seus pensamentos.

— Bom dia, Naga-kun. — Ela reconheceu os passos animados e descalços do terceiro filho antes mesmo de se virar para ele. — Dormiu bem?

— Kaa-chan... — disse o menininho, a voz arrastada, esfregando os olhos. — Bebê chorando.

— Eu já vou — respondeu Misaki, baixinho.

Mamoru estava tão apagado que nem despertou quanto ela o deitou na varanda de madeira e foi confortar Izumo. Esperava que Mamoru dormisse um pouquinho antes de rumar para a escola, mas, quando saiu do quarto das crianças com Izumo no colo e Hiroshi, sonolento, em seu encalço, percebeu que fora uma esperança vã.

— Nii-san acorda! — Nagasa dava risadinhas. O menino de três anos pulara em cima do irmão mais velho e revezava-se entre puxar seu cabelo e dar tapinhas em sua cara. — Acorda!

— Kaa-chan — grunhiu Mamoru, abrindo os olhos devagar. — Estou sendo atacado por um demônio.

— Não! — Nagasa riu, todo contente. — Não é demônio! Sou eu!

— Hum. — Mamoru se sentou, derrubando o irmão risonho no colo. — Isso é exatamente o que um demônio *diria*.

— Não! — Ainda rindo loucamente, Nagasa se contorceu para se livrar dos braços de Mamoru e saiu em disparada para a cozinha.

— Calma aí, seu monstrinho! — Pondo-se de pé, Mamoru capturou o menininho em duas passadas largas. — Aposto que você ainda nem escovou os dentes... ou melhor... as *presas*. — Ele cutucou as bochechas do irmão e Nagasa deu tapinhas brincalhões em seus dedos. — Isso aí, vamos lá escovar essas suas presinhas de demônio, que tal?

Enquanto Mamoru jogava Nagasa sobre o ombro e o carregava para o

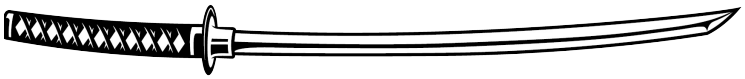
banheiro, Misaki foi dominada por uma memória mais antiga que seus tempos na Alvorecer — de dar risada com os irmãos em quartos cobertos por painéis de madeira. Takashi dizia que Takeru nunca queria brincar quando eram crianças; ou melhor, que Takeru nunca queria brincar com ele.

Por quinze anos, Misaki lamentara que seu destino fosse criar os filhos do marido. Durante todo aquele tempo, não tinha considerado que aqueles meninos também podiam ter partes dela.

O que mais eu poderia querer?

8

A carta



A geada foi tomando os galhos das árvores conforme o mês de koronkalo congelou-se em um sibikalo extremamente frio. O sol se punha cedo, a vila numu ardia vividamente noites gélidas adentro, e Misaki estava grata pelo novo bebê não ser tão frio quanto os anteriores. Mamoru, Hiroshi e Nagasa tinham ficado mais frios conforme cresciam, mas o corpinho de Izumo seguiu cálido, mesmo mais forte, e Misaki se pegou gostando de verdade de segurá-lo no colo durante aquele primeiro mês da estação fria.

De acordo com as notícias, algumas vilas e cidades ao longo da costa ocidental de Kaigen tinham sido devastadas por tempestades, mas Takayubi permaneceu a imagem da cidadezinha pacífica, conforme Nagi lançava a primeira nevasca pela montanha. Os olhos de Izumo ganharam foco em um mundo coberto de branco.

Em invernos anteriores, apenas um par de pés deixava pegadas na neve fresca, mas agora eram dois. Todos os dias, Kwang Chul-hee aparecia à porta da propriedade Matsuda para encontrar Mamoru, então os dois desciam a montanha juntos, conversando. Quando chegou o momento de a Geomijul começar a construção das torres de info-com, Mamoru implorou ao pai que o deixasse se juntar a Chul-hee e a Kotetsu Atsushi nas equipes construtoras durante as férias de inverno. Misaki não esperava que Takeru concordasse,

mas ele deu permissão, contanto que Mamoru ficasse em dia com os treinos e os trabalhos da escola. Então, sob uma camada de neve cada vez mais grossa, Mamoru, Chul-hee e o pequeno Atsushi começaram a trabalhar nas torres que mudariam para sempre a comunicação em Takayubi.

Se Misaki fosse uma mãe melhor, talvez tivesse desencorajado a amizade do filho com aquele nortenho cheio de opiniões, mas Mamoru já era um rapaz, justificou para si mesma. Ele podia fazer amizade com quem bem entendesse.

Não sabia sobre o que ele e Kwang Chul-hee conversavam. Fiel à palavra, o garoto jamais mencionava nada em casa, mas sua mudança era perceptível. Era a diferença óbvia entre um homem despreocupado e um homem reflexivo. Um espadachim devia ficar atento aos arredores, mas uma coisa era ficar sintonizado aos ventos e às gotas d'água e outra era analisar e compreender as ações humanas. Enquanto os jovens olhos de Izumo começavam a enxergar o mundo físico, os olhos de Mamoru mudaram também. Ele encarava tudo ao redor com certa perspicácia, certa fome, enquanto escrutinava as arestas e camadas instáveis de seu mundo, tentando encaixar as peças.

Misaki deveria ter imaginado que era questão de tempo até que ele fizesse alguma besteira. O filho não era um jaseli, treinado para reter e processar as verdades do mundo, nem um tranquilo artesão. Era um guerreiro, com toda a ferocidade de um. Havia um motivo para os jaseliwu, finawu e numuwu do mundo esconderem certas coisas dos konoru. Os jaseliwu tinham o poder de discutir ideias sem derramar sangue. Quando dois konoru discordavam, o desfecho nunca era bom.

Mamoru

– *É sério que você forjou tudo isso sozinho?* — perguntou Chul-hee, encarando Atsushi com a sobrancelha arqueada. — *Sem nenhuma ajuda?*

– Estou treinando para fabricar as melhores espadas do mundo – disse o filho do ferreiro, indignado. *— Não preciso de ajuda para forjar algumas porcas e parafusos... ainda mais quando a sua companhia forneceu o aço e os moldes.*

– De quem foi a ideia de botar os numuwu locais para trabalhar com os moldes da Geomijul?

– Do meu pai. Ele disse que era o único jeito de economizar o bastante para deixar as torres acessíveis – respondeu Mamoru.

– Bom, ficaram ótimos. – Chul-hee examinou um dos parafusos com um sorriso satisfeito. *— Conheço numuwu em Yamma que matariam para saber fazer isso.*

Os três garotos já tinham ajudado na construção de duas torres de info- com mais abaixo na montanha, perto da prefeitura. Aquela era a primeira vez que Atsushi forjara os componentes sem a ajuda do pai, assim como a primeira vez que os jovens tinham permissão de trabalhar na construção sem supervisão.

A fundação fora instalada — cimento derramado em buracos profundos — mais cedo naquela semana. Os garotos só precisavam montar a torre de três marcos de altura em cima dela, seguindo as plantas de Kwang.

— Você sabe se já botaram as outras torres para funcionar? – perguntou Atsushi, enquanto posicionavam uma viga.

— Meu pai disse que já estava tudo instalado. Queriam botar para funcionar hoje – respondeu Mamoru.

Desde que Mamoru era pequeno, o pai tinha um trabalho administrativo na prefeitura. Antigamente, os Matsuda não precisavam de empregos; as casas koro dos arredores lhes davam tudo de que precisavam em troca do privilégio de enviar os filhos para treinar em seu dojo. Só que a população de Takayubi diminuíra, e a família Matsuda precisara recorrer a outros meios de ganhar a vida.

Depois da Keleba, Matsuda Mizudori se tornara instrutor de esgrima e depois o diretor da Academia Kumono. Seu filho, Matsuda Susumu, seguira os

passos do pai, e o filho dele, Matsuda Takashi, continuara a tradição. Como irmão mais novo de Takashi, Takeru gastara alguns anos servindo como instrutor-chefe de esgrima na Kumono, mas, depois do falecimento do pai, cedera o posto a Yukino Dai para assumir um cargo na prefeitura.

Mamoru não sabia bem qual era o trabalho do pai, só que envolvia muita papelada e números e o mantinha extremamente ocupado. E sempre que o governo ou uma empresa trazia algo novo para a vila — como estradas, sistemas de descarte de lixo ou torres de info-com —, Tou-sama ajudava a facilitar o processo.

— Então, depois que estiver funcionando, o computador da prefeitura vai mandar e receber mensagens de qualquer lugar? — perguntou Atsushi.

— Não de qualquer lugar. No início, provavelmente só de lugares próximos que tenham torres ativas – explicou Chul-hee.

Atsushi olhou todo animado para a prefeitura no sopé da montanha.

— Acha que já está funcionando?

Chul-hee pegou seu dispositivo de info-com no bolso e deu uma olhada.

— Ainda não.

– Como você sabe?

Chul-hee ergueu o aparelho para mostrar a tela a Atsushi.

— Não tem sinal.

— Então, isso aí... esse dispositivo de info-com vai se conectar automaticamente, se tiver uma torre ativa por perto?

– A ideia é essa.

– Então, para um dispositivo de info-com funcionar o tempo todo, teria que haver torres por todo o mundo?

– Não necessariamente. Os yammankalu têm satélites que mandam e recebem sinais de info-com do espaço – respondeu Chul-hee.

– O quê?! – Atsushi soltou a ponta da viga que estava carregando, e quase não deu tempo de Mamoru segurá-la com um pilar de gelo antes que

esmagasse os dedos do pé do ferreiro.

— Cuidado!

– Desculpe, Matsuda-dono! — Atsushi se curvou para ele. — *Desculpe, é que... Você está brincando, né?* – Ele se virou para Chul-hee. — *Né, Kwang-san? Não dá para mandar sinais de comunicação de tão longe!*

Chul-hee sorriu para a cara de descrença do garoto.

— Não estou brincando, numuden.

Colocaram a primeira viga no lugar enquanto Chul-hee explicava para Atsushi sobre os satélites de Yamma.

— Está tudo alinhado? – perguntou Mamoru, que segurava a parte mais pesada da viga enquanto os outros dois a ajustavam segundo a base.

— Perfeito. Pode ir, Mamoru – respondeu Kwang.

Ele assentiu e deixou que seu jiya entrasse em ação. A neve ao redor se ergueu para envolver a base da viga em gelo e formar pilares para manter o topo no lugar. Era um sistema que os três tinham desenvolvido depois de uma semana trabalhando juntos: Mamoru encaixava as peças da torre e as segurava com imensas formações de gelo, então Chul-hee e Atsushi inseriam os parafusos e Atsushi soldava as partes com o maçarico. O serviço avançava de baixo para cima na montanha, e Mamoru formava degraus de gelo para que os outros dois alcançassem as articulações da torre.

— Então, sempre tem sinal em qualquer lugar de Yamma? – perguntou Atsushi. Ele e Chul-hee estavam sentados em uma das plataformas de gelo de Mamoru, a um marco e meio de altura, aparafusando a torre.

— Quase. Não funciona no subsolo – respondeu Chul-hee.

– Espera. – Atsushi hesitou. – *Isso significa que essas torres estarão obsoletas daqui a poucos anos?*

– Não. Por que você acha isso?

– Bom, se Yamma mandou satélites de info-com ao espaço anos atrás, Kaigen não vai demorar muito, certo?

Chul-hee pressionou os lábios e se concentrou em apertar o parafuso diante de si. Até então, evitara compartilhar suas opiniões antigoverno com Atsushi. Talvez porque o numu era mais jovem que Mamoru e parecia feliz e inocente.

— *Satélites são caros* – disse ele, por fim.

— *Mas Kaigen tem mais dinheiro que Yamma. A economia está melhor do que nunca* – respondeu Atsushi.

– *Bom, a questão é que...* – começou Chul-hee.

Mamoru tossiu e o gelo sob seu controle rachou violentamente, quase derrubando Chul-hee e Atsushi dos poleiros — quase; ele não era tão irresponsável. Atsushi soltou um grito e se agarrou a Chul-hee, que se segurou na viga mais próxima.

— *Desculpem!* — Mamoru pigarreou e consertou a plataforma abaixo deles. — *Eu só... inalei um pouco de neve.*

Enquanto Atsushi se ajeitava, Chul-hee olhou além da beira da plataforma para Mamoru, lá embaixo. Seus olhares se encontraram, e Mamoru balançou de leve a cabeça. Atsushi não era idiota, mas só tinha 10 anos; não estava pronto para ter seu mundo virado do avesso.

Àquela altura, Mamoru sabia que não dava para fazer Chul-hee calar aquela boca perigosa ao gritar com ele ou socá-lo, nem mesmo implorando para que tomasse mais cuidado. Ao encarar os olhos de Chul-hee, teve a impressão de que era questão de tempo até que ele fizesse ao pequeno Atsushi as mesmas terríveis revelações que fizera a Mamoru no dia em que haviam se conhecido. Mas, por enquanto, Chul-hee cedeu e mudou de assunto.

Os três estavam discutindo se voltavam à prefeitura para almoçar quando Mamoru avistou duas figuras se aproximarem pela montanha. Mesmo de longe, reconheceu o passo preciso e deliberado do pai; estável mesmo sobre o solo irregular. A outra figura, andando desajeitada ao lado, só podia ser o pai de Chul-hee, Kwang Tae-min. O procurador itinerante da Geomijul, apesar do ar muito sábio e experiente, não tinha um passo muito firme. Era fácil

perceber que não estava acostumado a neve e montanhas.

— Ah... Matsuda-dono — disse Atsushi ao avistá-los. — O que será que ele veio fazer aqui?

— Não sei. — Mamoru franziu o cenho. Tou-sama não costumava sair do escritório.

Depois que Chul-hee e Atsushi terminaram de fixar a viga em que estavam trabalhando, Mamoru usou o gelo para baixá-los ao chão. Atsushi chegou ao mesmo tempo que os homens e fez uma reverência profunda.

— *Appa, Matsuda-sama, é bom vê-los* — disse Chul-hee, com uma reverência mais casual. — *O que estão fazendo aqui em cima?*

– *Infelizmente, preciso buscar meu filho e ir para casa. Surgiu um imprevisto* – respondeu Tou-sama.

– *Ah... Vai ser difícil continuar sem ele. É ele quem cuida de levantar quase todo o peso.*

– *Não tem problema. Eu ia mesmo chamar vocês para a prefeitura. Preciso de ajuda com algumas coisas* – interferiu Kwang Tae-min.

– *As torres estão funcionando?* – perguntou Atsushi, animado.

— *É para isso que preciso da sua ajuda, garoto* – disse Kwang, sorrindo. — *Temos alguns componentes congelados. Estava torcendo para que você me ajudasse a criar um isolamento melhor.*

– *Ah. Claro, senhor.*

Depois que Chul-hee e Atsushi recolheram as ferramentas, o grupo tomou o caminho de descida para a vila.

— *Eu nunca supervisionei uma construção em um lugar tão frio* – comentou Kwang Tae-min, pisando com cuidado na neve. — *Como jijaka, acho que deveria ficar constrangido; depois de anos instalando estruturas para a Geomijul em Yamma e Sizwe, subestimei totalmente o poder destrutivo do gelo.*

Os Kwang e Atsushi continuaram discutindo fiação, isolamento e muitas outras tecnicalidades de que Mamoru não entendia, até que chegaram à

bifurcação. Um caminho levava à prefeitura coberta de neve e à maior das torres de info-com, que assomava ao lado; outro levava à vila em si.

— Tchau, Matsuda-dono — disse Atsushi, curvando-se para Mamoru e o pai.

Kwang apenas deu um soquinho no ombro de Mamoru.

— Até amanhã, Mamoru-kun.

— Até amanhã.

Mamoru tinha pés tão firmes que estava acostumado a ser o mais rápido subindo ou descendo os caminhos rochosos da montanha, mas Tou-sama nem se dava ao trabalho de pisar nas pedras. Gelo formava degraus lisos sob seus pés a cada passo. A neve profunda se abria diante dele, como se ansiosa para sair da frente.

Como a maioria dos jijakalu, Mamoru precisava se esforçar visivelmente para manipular água. O poder de Tou-sama estava em um nível em que a água corria para obedecê-lo, e Mamoru se pegou com dificuldade de acompanhar o ritmo.

— Aquele garoto trata você com muita intimidade — comentou Tou-sama, sem olhar para ele.

— Somos colegas de turma.

— Yukino Yuuta e Mizumaki Itsuki também são seus colegas de turma e você não tem passado tanto tempo com eles neste inverno.

— Ainda treinamos juntos, às vezes. Eu só queria trabalhar nas torres de info-com com Chul-hee e Atsushi. — Mamoru hesitou, olhando nervoso para o rosto do pai. — Se quiser que eu pare, eu paro. Só me juntei à equipe de construção porque o senhor permitiu...

— Por mim, não tem problema. Desde que continue concentrado no seu verdadeiro propósito.

O tom dele fez Mamoru sentir um aperto de culpa na barriga. Ainda não avançara nem um pouco no domínio da Lâmina Sibilante.

— Sim, Tou-sama. Então... posso perguntar por que estamos voltando para

casa tão cedo?

— Eu ia sair mais cedo de qualquer jeito, porque tenho uma reunião com meu irmão às onze waati no escritório dele, mas acabou de chegar uma carta para sua mãe, de Ishihama.

— Ah.

Mamoru ainda não estava entendendo. Não era incomum que Kaa-chan recebesse cartas da família em Ishihama. Os funcionários do correio, na prefeitura, às vezes deixavam a correspondência da família com Tou-sama, em vez de irem entregá-la pessoalmente, mas Mamoru nunca vira o pai sair correndo para levar uma carta para casa.

— Essa carta está com o carimbo de urgente — explicou Tou-sama ao ver a expressão confusa de Mamoru. — Foi enviada pelo correio expresso com o selo pessoal de Lorde Tsusano, o que significa que deve conter notícias que ele acredita que precisam ser entregues de imediato.

Então, Mamoru se pegou acelerando o passo, imaginando que novidades vindas da casa da mãe eram tão urgentes que não podiam esperar um dia a mais.

Misaki

— Você chegou cedo — disse Misaki, surpresa. — Desculpe... acabei de colocar Izumo para tirar um cochilo, então ainda não estou com o almoço pronto.

— Onde estão os outros dois? — perguntou Takeru. Ele tendia a fazer isso, falar dos meninos como se fossem itens em um inventário.

— Hiroshi está na escola, fazendo um treino extra, e Nagasa está dormindo. — Depois de três waatinu caóticas perseguindo Ryota pela neve, ela torcia para que ele dormisse por um bom tempo. — Me dê só um siira. Vou fazer chá e preparar o almoço.

— Antes você precisa ver uma coisa. — Takeru puxou um rolo da manga da roupa e o estendeu para ela. — Foi por isso que voltamos cedo. É do seu irmão.

— Ah.

Misaki pegou o rolo kayiri do marido. Ishihama até tinha linhas telefônicas em funcionamento, mas Takayubi, não, então nas raras ocasiões em que Kazu fazia contato, era sempre por meio de cartas. No entanto, era a primeira vez que uma delas chegava com o carimbo do correio expresso. Ela quebrou o selo Tsusano e esticou o rolo.

Querida Misaki,

Espero que esta mensagem chegue rápido, para que não precise se preocupar. Ontem, nossa cidade natal e a área vizinha foram acometidas por uma tempestade marítima. Muitas casas foram devastadas, incluindo nosso Arashiki, e já foram encontrados os corpos de mais de cem pessoas. Só queria lhe informar, antes que você ouça a respeito nos noticiários, que nossa família e amigos estão sãos e salvos.

Minha esposa e eu sofremos ferimentos leves, mas nossa mãe, nosso pai e todos os pequenos estão ilesos. Afinal, não seríamos Tsusano de verdade se não conseguíssemos lidar com um pouco de vento e chuva.

Agora, falando sério, parece que essas tempestades têm sido especialmente terríveis nos últimos tempos. Veja se consegue falar com seu marido sobre tirar férias mais para o interior. Ouvi dizer que o clima na capital é ótimo nesta época do ano.

Nyama para você,
Seu irmão, Tsusano Kazu, Lorde de Arashiki

— O que o Lorde Tsusano disse? — perguntou Takeru.

Misaki reprimiu um sorriso. Mesmo que o pai já tivesse passado o título adiante havia anos, ainda era engraçado ouvir as pessoas se referirem ao irmão caçula dela como Lorde Tsusano.

Ela entregou a carta a Takeru, cujos olhos percorreram o papel, lendo.

— O que é esse trecho no final? Por que ele está recomendando que a gente vá para o interior?

— Não sei. Às vezes, Kazu... tem um senso de humor esquisito — respondeu Misaki, sinceramente.

— Ele sabe que moramos em uma montanha, certo? Não corremos nenhum risco de inundação.

— Eu sei. É estranho.

Toda aquela situação era estranha. O Arashiki era um castelo antigo, construído contra uma parede rochosa, com vista para o mar. O poder do clã Tsusano fazia dele o único porto seguro ao longo de uma costa rochosa e turbulenta. Antigamente, os habitantes do Forte Tempestade usavam seu jiya para atracar com segurança navios mercantes vindos do continente. Durante a Keleba, quando o continente se tornou o inimigo, os Tsusano que moravam no Arashiki renovaram sua fama ao destruir navios ranganeses naquelas pedras e elevar o mar para engolir os sobreviventes. No momento, Forte Tempestade servia como torre de guarda do Império, um olho atento sempre observando o Oeste, rumo à União Ranganesa.

Embora Misaki tivesse motivos para duvidar das histórias do avô a respeito de os Tsusano terem afundado sozinhos metade da armada ranganesa, era difícil imaginar qualquer força marítima passando intacta por sua costa. Só que o oceano era um aliado instável e, para cada dia de sol claro e gaivotas rasantes, Misaki se lembrava de uma noite de trovões e ondas enormes que sacudiam a enseada. Tou-sama e os servos saíam fechando janelas, enquanto Kaa-san levava Misaki e os dois meninos para os cômodos de pedra mais seguros, no meio da casa. Misaki se lembrava de ranger os dentes sob os gemidos lamuriosos das paredes, encolhida nos braços da mãe.

Kaa-san dizia que as tempestades eram um lembrete do lugar deles no mundo.

— Lembrem-se sempre, crianças, que nosso poder é emprestado. É um presente, uma bênção. O poder verdadeiro pertence aos deuses.

Os deuses, no entanto, eram sempre misericordiosos com os Tsusano. Apesar do barulho e do medo, nenhuma tempestade jamais levara mais que algumas telhas ou persianas do grande Arashiki. Misaki não conseguia imaginar uma tormenta violenta o bastante para causar danos àquela teimosa craca que era o forte, muito menos destruí-lo. E Ishihama ficava em Shirojima, próxima da costa de Takayubi. Se tinham sofrido com ondas tão grandes que haviam subjugado Arashiki, como as águas ali permaneceram inalteradas? Como o céu acima da montanha podia estar tão claro?

— Vamos assistir ao noticiário para ver se tem mais alguma informação sobre a tempestade — disse Takeru.

Não era incomum que mantivessem a televisão ligada durante as refeições. Na maior parte do tempo, servia de ruído de fundo; uma procissão incessante de propaganda insossa. Só que fazia algum tempo que Misaki notara que Mamoru prestava bastante atenção à tela, observando as bandeiras ondulantes e os jaseliwu discursando com uma fascinação predatória.

— *Estou aqui em Ishihama* – disse a repórter jaseli em kaigengua —, *onde muitas casas foram devastadas por uma terrível tempestade. As tropas imperiais estão trabalhando sem descanso para fornecer ajuda aos que foram desalojados e para retirar sobreviventes dos destroços.*

Misaki assistia, nervosa, na esperança de que mostrassem parte dos estragos — e, ao mesmo tempo, torcendo para que não mostrassem. Ishihama era o lugar de suas memórias mais antigas e inocentes. Não sabia se aguentaria vê-lo em ruínas. Só que não mostraram imagem alguma. A repórter seguiu falando diante de um céu branco de inverno, o cabelo e o quimono voando sob um vento inquieto.

— *Para a nossa própria segurança, os soldados não permitiram que minha equipe de filmagem chegasse mais perto dos escombros. Temos mesmo muita sorte de contar com a*

ajuda deles neste momento de necessidade e de possuir um líder que se importa tão profundamente com nossa segurança. Para dar notícias da capital, deixo com vocês Jali Banhyang Jee, Voz do Imperador.

– *Saudações, povo de Kaigen, filhos do Império.* — A voz hipnotizante de Banhyang soava aveludada e forte como sempre, embora tivesse um tom de solenidade. — *Hoje, o coração de Sua Majestade está pesado pela tragédia que acometeu seus filhos em Ishihama.*

Enquanto o jaseli do Imperador falava, a tela enfim começou a mostrar fotos da destruição em Ishihama: casas arruinadas, florestas de bambu arrasadas e carros flutuando em ruas inundadas, depois soldados chegando em uniformes azuis para tirar pessoas dos destroços, carregar os feridos e embalar crianças perdidas.

— Não é real — disse Mamoru, baixinho.

— O quê?

— Isso. — Mamoru apontou bem no instante em que a imagem sumiu da tela. — Essa foto dos soldados entregando comida aos civis. Usaram na semana passada quando deram notícias sobre as tempestades em Jeibando e Youngseom.

— Você deve ter se enganado — disse Misaki, lançando um olhar nervoso para Takeru. — Muitas cidades costeiras são parecidas.

— Não estou enganado. É a terceira vez que usam essa imagem — insistiu Mamoru.

Àquela altura, o noticiário passara para outra gravação: casas dizimadas e ruas inundadas. Quando Misaki olhou com mais atenção para a destruição na tela, não achou a paisagem e a arquitetura muito familiares. Fazia bastante tempo que não ia a Ishihama, mas tinha certeza de que os penhascos de lá eram mais íngremes do que aqueles mostrados.

— Por que você acha que não estão usando gravações verdadeiras? — perguntou Mamoru.

— Mamoru, agora não é preciso se preocupar com mínimos detalhes... — disse Misaki, em tom de aviso.

— Não é um mínimo detalhe. Não estão mostrando nenhuma gravação. Todas as imagens podem ter sido forjadas...

— Mamoru — interrompeu Takeru. — A cidade natal da sua mãe acabou de ser atingida por uma terrível tragédia. Demonstre algum respeito.

— E isso é respeito? — questionou o rapaz, apontando para a tela. — Nem sequer nos dizem a verdade sobre o que aconteceu com essa gente. Chama isso de respeito?

Misaki sentiu o estômago afundar. Olhou para Takeru e percebeu que não fazia ideia de como ele reagiria. Jamais dissera algo assim na cara dele. Não era idiota.

— Mamoru, e-eu acho que você não sabe o que está dizendo — emendou ela, às pressas, tentando consertar o estrago. — Sua Majestade, o Imperador, nos conta o que precisamos saber. Não é uma questão da verdade literal...

— Eu quero saber o que Tou-sama acha. — Mamoru olhou para Takeru.

— Eu acho... que você deve estar com febre — retrucou Takeru, após uma pausa deliberada. — Kotetsu Atsushi pegou uma gripe, na semana passada, e agora passou para você. Está se sentindo mal?

Ele estava dando a Mamoru uma chance de recuar, uma chance que qualquer pessoa sã aceitaria sob o peso daquele olhar gélido. Mas Mamoru, pelo visto, tinha enlouquecido.

— Estou bem, Tou-sama. Com todo o respeito, só quero saber o que acha de o governo mentir para você — disse ele, a voz firme.

A expressão de Takeru mal se alterou, exceto pela ruga entre as sobrancelhas severas, que se aprofundou. Foi a coisa mais assustadora que Misaki já vira.

— Isso é coisa daquele Kwang, não é? — disse ele, o tom sombrio. — Foi ele que botou essas ideias absurdas na sua cabeça.

Mamoru respirou fundo e sustentou o olhar do pai.

— De que importa de onde vieram as ideias, se forem verdade?

— O que ele andou dizendo para você?

— Muitas coisas. Que esses furacões que o governo anda noticiando não são fenômenos naturais; são ataques ranganeses.

A sensação na barriga de Misaki foi de nervosismo a terror.

— Então, ou ele é um mentiroso ou um idiota — respondeu Takeru, indiferente. — Os ranganeses não são poderosos o bastante para causar esse nível de destruição, muito menos em lugares como Ishihama e Youngseom, onde há guerreiros fortes para enfrentá-los.

Só que ele estava enganado. A União Ranganesa era — e sempre fora — mais poderosa e perspicaz do que os kaigeneses no governo queriam admitir. Era um erro que já custara dois terços do Império.

Prédios destruídos por fonya teriam uma aparência diferente de prédios destruídos por tempestades naturais. Será que era por isso que as equipes de filmagem não tinham permissão de se aproximar da cena do desastre? Será que era por isso que não mostravam imagens reais?

— Kwang Chul-hee disse que o Imperador não quer que a gente saiba como os ranganeses se fortaleceram, para que a gente não entre em pânico, para que a gente permaneça aqui e morra defendendo esta costa.

— Você parece irritado — disse Takeru, sem se alterar. — É nosso dever proteger Kaigen, não importa a informação que o Imperador escolha compartilhar conosco.

— Mas... isso não nos transforma em mera bucha de canhão?

— Isso nos transforma no canhão.

Mamoru hesitou.

— Mas... isso não... Se o Imperador sequer nos conta...

— O que o Imperador compartilha ou não é irrelevante. Nada disso muda o fato de que estamos aqui para entregar nossas vidas pelo Império. Somos a

Espada de Kaigen.

— Você diz isso... Todo mundo diz isso... Mas, no fim, uma espada é só uma ferramenta.

Em um único movimento, Takeru se levantou e desferiu um tapa na cara de Mamoru com as costas da mão.

O garoto pareceu surpreso. Não deveria.

— Você não vai falar esse tipo de coisa na minha casa. Entendeu?

— Sim, Tou-sama. Me desculpe.

— Pensei que estivesse criando um guerreiro, mas as suas palavras demonstram fraqueza e ignorância.

— Tou-sama...

— A espada de um guerreiro não é feita de gelo ou de metal. É sua alma, seu orgulho, sua convicção. É isso que cria uma Lâmina Sibilante, e é por isso que você não consegue produzir uma.

— Eu entendo...

— Se entendesse, não falaria tolices vergonhosas como essa. O Império depende de que nós sejamos mais fortes do que a dúvida, mais fortes do que o medo. Enquanto estivermos inteiros, a Espada de Kaigen permanecerá inteira, e o Império resistirá. Só um fracote se permitiria duvidar disso. Você é um fracote?

— Não, Tou-sama.

— Veremos. Pegue sua espada. Estarei no dojo — disse Takeru, gélido, então deixou o cômodo.

Ainda aturdido, Mamoru levou a mão ao rosto. Não tocou a face onde Takeru lhe acertara. Levou a mão à boca, como se não acreditasse no que acabara de sair dali.

— Eu falei mesmo. — Ele fitou Misaki, os olhos arregalados de terror. — Eu falei mesmo tudo isso para o meu pai.

— Falou — disse Misaki, também aturdida.

— Eu sou um idiota, Kaa-chan?

— Talvez. — Misaki sorriu para o filho, mesmo com as entranhas contorcidas de nervosismo. — Agora, obedeça ao seu pai e vá defender sua idiotice.

— Ele vai me matar?

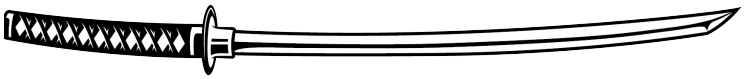
— Se for, é melhor morrer feito homem, de pé.

Assentindo, Mamoru se ergueu devagar, endireitou os ombros e deixou o cômodo.

— *Glória a Kaigen!* – berrava Jali Banhyang, às costas do garoto. — *Vida longa ao Imperador!*

9

A luta



O dojo Matsuda ocupava mais da metade da propriedade. Em séculos passados, comportara turmas de cinquenta alunos. No momento, as únicas pessoas que treinavam ali eram os próprios Matsuda.

A entrada de mulheres não era permitida, e Misaki fazia um esforço deliberado para não ficar tempo demais junto à porta. Uma dama não deveria se interessar por esgrima; a esgrima não deveria deixar seus olhos acesos e o sangue em polvorosa. Quando assistia a outras pessoas no calor de uma luta, chegava perto — perto demais — de seu antigo eu, por isso achava melhor evitar de todo aquele limiar.

Porém, daquela vez, não foi a fome que a levou a seguir o marido e o filho à porta do dojo; foi pura preocupação materna. Havia uma nuance mortal na nyama de Takeru que a fez querer ficar perto do filho. Só por precaução. Takeru nunca fora exageradamente violento com os meninos, nunca machucara Mamoru de verdade durante os treinos. Mas era só por precaução.

Ajoelhou-se à porta do dojo para observar Takeru e Mamoru se prepararem para lutar. A maioria dos combates de treino era travada com espadas de madeira, mas aquele não era um exercício comum. Os dois tinham pegado suas katanas de aço e as colocado no chão diante de si antes de se curvarem em silêncio para as armas. Era um ritual que marcava o início de um

duelo.

Forasteiros pensavam que um mestre da Lâmina Sibilante não dava grande importância ao aço comum, e foi só depois de se unir à família que a própria Misaki entendeu o quanto a katana de aço significava para os Matsuda. A katana de um Matsuda era sua mais querida companheira até ele dominar a Lâmina Sibilante, e mesmo depois. Era só por causa de um rigoroso treino diário com aquele aço que um Matsuda sabia instintivamente como dar forma à lâmina e distribuir o peso no momento de criar sua sasayaiba. Um Matsuda que não treinava com uma excelente espada de metal não tinha chance de fazer uma espada de gelo minimamente competente.

Takeru, em geral tão calmo e preciso em seus movimentos, amarrou a katana ao quadril mais rápido do que o normal, puxando as cordas com uma ferocidade atípica. Sua espada era o maior orgulho do Numu Kotetsu Katashi, uma arma elegante e minimalista, com uma guarda circular de aço simples e um punho de laca branco-perolada. O ferreiro a batizara de Kyougetsu, Pináculo da Lua — uma lâmina tão clara e pura que era capaz de cortar até a escuridão da noite, como o espelho de Nami.

A katana de Mamoru, que ele mesmo ajudara a forjar, era quase tão comprida quanto a Kyougetsu, o que significava que era enorme para um guerreiro tão jovem. A guarda, logo acima do punho turquesa, trazia Nami e Nagi entrelaçados em suas formas de serpente, feitos de prata e bronze. A jovem espada ainda não tinha nome; era algo que precisaria conquistar nas mãos de seu koro — mãos que tremiam de leve conforme Mamoru ajustava a bainha no cinto do hakama. Seus dedos se atrapalharam com as cordas por um momento, antes de conseguirem amarrá-las direito.

Takashi afirmava que, em alguns dias, Mamoru quase conseguia fazer frente ao pai, mas Misaki notou, ao ver Mamoru assumir sua posição para a luta, que aquele não era um desses dias. Ele até que conseguia disfarçar o nervosismo como determinação, e teria enganado um observador desatento,

mas seus braços estavam tensos demais. A pegada não estava firme. Eram as pistas que Misaki procurava quando queria desarmar outro lutador... o que significava que Takeru também as enxergaria.

— Se você se considera homem o bastante para pregar a verdade para mim, é melhor estar pronto para se defender em combate — disse Takeru, lançando ao filho um olhar gelado. — Está pronto?

Mamoru assentiu.

— Sim, Tou-sama.

— Ótimo — respondeu Takeru, e avançou.

O primeiro golpe fez o coração de Misaki pular numa mistura de pavor e empolgação. O tilintar de lâminas de aço foi como eletricidade em suas veias. Com um clangor, Takeru desviou a espada de Mamoru e golpeou de cima para baixo, parando a um fio do pescoço do garoto.

— Sua defesa está péssima — cuspiu ele, golpeando a face de Mamoru com a parte chata da lâmina. — Espero que consiga fazer melhor que isso.

Takeru atacou mais uma vez, e mais uma, cada confronto acabando impiedosamente rápido.

— Desleixado! — Ele golpeou a mão de Mamoru.

Takeru tinha um ótimo controle. Como qualquer professor decente, acertava Mamoru com força o bastante para que o garoto soubesse que cometera um erro, mas nunca para causar dano permanente ou dor excruciante. Naquele dia, porém, estava batendo mais forte que o normal... mais forte do que precisava.

— Ainda desleixado! Sua defesa é vergonhosa! — Takeru atravessou a guarda de Mamoru e o golpeou no peito com o cabo da espada. Com muita força.

Mamoru se curvou e, por um momento, Misaki pensou que as pernas do filho fossem ceder, mas ele deu um jeito de continuar de pé.

— Levante — disse Takeru, com frieza. — Se eu quisesse encerrar a luta

agora, teria acertado você com a ponta afiada. Levante-se e me encare.

Mamoru tentou endireitar o corpo, cambaleou, tossiu e levou a mão à boca. Misaki chegou a achar que ele ia vomitar, mas, depois de respirar fundo algumas vezes, o garoto engoliu em seco e ergueu o olhar para o de Takeru. Segurando a katana como se fosse uma tábua de salvação, ele voltou à postura de luta.

Takeru aceitou o convite sem esperar que Mamoru se recuperasse. As lâminas se chocaram com tanta força que Misaki sentiu o impacto nos ossos, os antebraços contraindo como se ela imaginasse o dano que o próprio corpo sofreria sob aquele ataque. A colisão fez a katana de Mamoru voar de suas mãos.

Em dias normais, eles paravam quando alguém era desarmado, mas Takeru seguiu em frente. Antes mesmo de a katana atingir o chão do dojo, ele já estava atacando de novo. Mamoru reagiu bem a tempo de formar um escudo de gelo em volta do braço.

Takashi já comentara como o garoto era criativo e habilidoso na criação rápida de escudos de gelo, mas Misaki não compreendera até assisti-lo invocar gelo para se defender da Pináculo da Lua. A espada de Takeru foi desviada pelo escudo uma, duas vezes, então ficou presa na camada externa e mais suave do gelo.

Misaki reconheceu aquela sofisticada técnica de desarmamento. Jamais a dominara, mesmo no auge, mas Mamoru a executou perfeitamente. O jiya dele envolveu a Pináculo da Lua e a congelou. Então, girando o corpo, ele puxou a espada das mãos do pai.

Takeru permitiu. O jiya dele era capaz de sobrepujar o do filho com facilidade, mas ele afrouxou a pegada e deixou que Mamoru jogasse a espada longe.

— Muito bem, garoto. — Takeru flexionou os dedos e a temperatura baixou drasticamente. — Se é assim que você quer lutar...

A Lâmina Sibilante surgiu do nada. Mamoru se abaixou para escapar do golpe e rolou para recuperar sua katana... só para dar de cara com uma parede de gelo.

— Nada disso. Se você é homem para me insultar na minha cara, então é homem para me enfrentar, jiya contra jiya — declarou Takeru.

O que aconteceu a seguir foi doloroso de ver.

Mamoru dominara todos os ataques de jiya no currículo da Kumono, e mais alguns outros. Conseguia disparar projéteis com precisão, desferir chicotadas de água em velocidade incrível e erguer muralhas da grossura de árvores. Foi esperto e usou todo seu arsenal para manter Takeru e sua Lâmina Sibilante à distância.

Nada disso fez diferença.

Takeru atravessou suas defesas como se fossem feitas de papel de arroz, fechando a distância entre os dois em segundos. De perto, Mamoru não teve escolha além de tentar encarar a katana de gelo do pai com a própria. Em uma imitação aparentemente perfeita da técnica de Takeru, o rapaz abriu as mãos e deixou jiya fluir da palma para formar uma espada de gelo maciço. Parecia uma Lâmina Sibilante — reta, afiada e transparente —, mas Takeru a cortou em um único golpe.

— Fraco — desdenhou ele, enquanto Mamoru se apressava a reformar a lâmina partida. — Um propósito impuro produz gelo impuro.

Mamoru golpeou com a espada refeita, mas Takeru só precisou erguer a própria arma para se defender e o gelo do garoto se partiu no confronto. O processo se repetiu uma vez atrás da outra, até que Takeru perdeu a paciência e destruiu a espada de Mamoru por completo, deixando-o apenas com fragmentos de gelo.

Desarmado, Mamoru começou a formar um escudo, mas Takeru o quebrou com um soco e derrubou o garoto no tatame.

— Eu me r... — começou Mamoru, apenas para ser interrompido pelo pé de

Takeru acertando seu peito e o prendendo ao chão. — Eu me rendo! — gritou ele, enfim.

— É mesmo? — rosnou Takeru, descendo a lâmina em um golpe.

Misaki gritou.

Por um momento de terror absoluto, viu Takeru cravar a lâmina na boca de Mamoru... mas não foi bem isso que aconteceu. Quando Takeru moveu o pulso, sua Lâmina Sibilante se desfez em líquido e se recongelou ao redor de sua mão bem a tempo de acertar o rosto de Mamoru. A cabeça do garoto virou para trás e sangue brotou de sua boca, enquanto ele seguia caído, atordoado.

Takeru suspirou.

Por um momento, pareceu que ia golpear Mamoru de novo, então hesitou.

— O que está fazendo, Misaki?

— O quê? — Misaki baixou os olhos e percebeu que estava de pé. Não apenas isso, mas tinha dado dois passos para dentro do dojo, e gelo se acumulara em suas unhas, começando a formar garras. — Ah... M-Me desculpe, eu... Desculpe. — Recuou rapidamente até a porta do território proibido e se pôs de joelhos, trêmula. — Me desculpe, Takeru-sama. Continue.

Takeru a encarou por um longo momento e então voltou o olhar para Mamoru. O garoto ainda estava caído de costas, com a boca e o nariz ensanguentados. Seus olhos tinham uma expressão perdida, chocada, e Misaki se perguntou se ele pensara o mesmo que ela naquela fração de dinma: que Takeru ia mesmo matá-lo.

— Um Matsuda não se rende. Ele acaba com os inimigos ou morre tentando. — Takeru ainda tinha o punho fechado e envolto em gelo. — Se você é medroso demais para encarar os inimigos do Império, não merece se considerar parte desta família. Não merece me encarar neste dojo.

Misaki mal ouviu as palavras pronunciadas por Takeru; toda a sua atenção estava no punho do marido, enquanto sua mente gritava: *Não bata nele de novo. Pelos Deuses das Profundezas, não ouse bater nele de novo.* Não achava que

conseguiria se conter se precisasse testemunhar Mamoru levar outro golpe. Estava tão focada no punho congelado de Takeru e no sangue vermelho de Mamoru que o som de passos se aproximando a sobressaltou.

— Setsuko! — exclamou, quando a concunhada se ajoelhou ao seu lado na porta.

— Desculpe. — Setsuko se curvou para Takeru. — Eu... hã... — Ela hesitou ao ver a confusão de gelo espalhado pelo dojo e o sangue no rosto de Mamoru. — Não pretendia interromper.

— O que você quer? — retrucou Takeru.

— Meu marido me pediu para lembrá-lo de que vocês têm uma reunião às onze waati no escritório dele.

— Diga a ele que vou me atrasar.

— Você já está atrasado.

Apenas Setsuko ousaria usar aquele tom com Matsuda Takeru fervilhando de jiya, todo respingado de sangue e cristais de gelo. Ele a encarou com raiva, depois se voltou para Mamoru.

— Limpe essa bagunça. Treine sozinho até eu voltar. Você não sai deste dojo até consertar essa sua técnica desleixada.

— Pelo amor de Nami, o que aconteceu aqui? — sussurrou Setsuko para Misaki.

— Explico depois — respondeu Misaki, baixinho.

Ela e Setsuko se levantaram e se afastaram para dar passagem a Takeru na saída do dojo.

— Vou com você para a Kumono — disse Setsuko a Takeru. — Meu marido esqueceu o almoço, então vou levar para ele. Só preciso embalar Ayumi por causa do frio...

— Vá em frente. Arrume tudo que precisa. Vou ao seu encontro quando estiver tudo pronto — disse Takeru, indiferente.

Setsuko pegou a deixa de que deveria se afastar, fez uma reverência e se

retirou. Depois que ela partiu, Takeru voltou o olhar gelado para Misaki.

— Isso é coisa sua? Ou só do garoto da cidade? — perguntou ele, em voz baixa.

— Eu...

Misaki não soube o que dizer. Talvez fosse culpada de colocar ideias perigosas na cabeça de Mamoru, e não sabia quanta influência Kwang Chul-hee exercia sobre o filho; era difícil discernir o culpado por aquelas dúvidas. Mas a ousadia de desafiar o pai era algo que Mamoru não podia ter aprendido com nenhum dos dois. A raiva era toda do garoto.

— Desculpe. Eu não sei...

— Não me importa. — Takeru lhe deu as costas. — Apenas conserte.

— Como assim?

— Se você teve um papel nessa... nessa fraqueza que tomou conta dele, dê um jeito de resolver. Entendeu?

— Sim, senhor — disse Misaki, timidamente.

Ficou parada ali no corredor, tensa, enquanto Takeru se afastava, levando boa parte do frio junto.

No dojo, Mamoru ficara de joelhos, mas ainda não criara forças para se levantar. Misaki queria muito ir até lá, segurá-lo, curar suas feridas, mas apenas perguntou em voz baixa:

— Você está bem?

— Estou. — Mamoru se levantou com cuidado, a boca e o nariz pingando sangue no hakama. Ele levou a mão à boca e olhou para a porta. — Sinto muito — disse ele, sob a mão. — Sinto muito que você tenha precisado ver isso.

Não ficou claro se ele estava se referindo à própria atitude, à luta embaraçosa ou ao sangue. Misaki se deu conta, com uma dose imprópria de humor, de que Mamoru devia pensar que ela nunca presenciara nada tão violento.

Por fim, ela disse algo que torceu para soar reconfortante:

— Já vi coisa pior.

Mamoru ficou sozinho no meio do dojo, com as mãos cobrindo a boca, até ouvir os passos de Takeru e Setsuko deixando a propriedade e o baque da porta se fechando.

Então, ergueu as mãos, despertando seu jiya. Misaki observou, surpresa, ele enxugar o sangue do próprio rosto e das roupas e depois formara uma casquinha sobre o lábio rachado. Sabia que, quando criança, ele demonstrara habilidade na manipulação de sangue, mas não se dera conta de que o filho ainda se lembrava do pouco que a mãe lhe ensinara tantos anos antes. Não apenas isso, mas ele obviamente evoluíra na técnica. Ficou pensando que aquele garoto estivera crescendo bem diante de seus olhos... e ela não vira.

Depois de cuidar do lábio, Mamoru caminhou pelo dojo, derretendo e evaporando todo o gelo restante da briga. Não trabalhou com a velocidade e o poder de costume, mas Misaki ficou feliz de vê-lo ao menos andando e respirando normalmente. Depois de extrair toda a umidade do tatame para evitar a formação de mofo, Mamoru pegou sua katana e a ergueu em posição de luta. Respirando fundo, começou a repassar os katas.

Mesmo sem um oponente de verdade, Mamoru se movia com a ferocidade que dava vida à sequência de movimentos. Misaki sentia cada respiração nos próprios pulmões, cada movimento e explosão nos próprios músculos. Pegou-se imitando os passos dele em pensamento, atacando e defendendo a espada com os olhos. Aos poucos, começou a distinguir as fraquezas, as lentidões, as aberturas... A forma era linda. Não perfeita.

— Não é o suficiente.

Misaki não percebeu que falara em voz alta até Mamoru se virar para ela.

— O quê?

— Não... — ... *é nada*, pretendia dizer. *Não é nada.* Afinal, o que uma mulher sabia sobre luta? — Você não vai rechaçar seu pai lutando assim.

— Sei disso, Kaa-chan. — Mamoru baixou o braço da espada. — É óbvio que

ele é muito melhor que eu.

Pelos movimentos belos e fluidos de Mamoru, Misaki jamais teria percebido, mas o tom irritado da voz do rapaz traía uma profunda frustração.

— Não sei como compensar a diferença. Não consigo lutar como ele.

— Consegue, sim. Você luta igualzinho a ele... só com menos precisão. É esse o problema; você está tentando imitar um espadachim com muito mais força e nyama. Precisa usar as suas vantagens.

— Que vantagens?

— Para começar, sua gama de movimentos. Você é muito mais rápido e ágil do que o seu pai.

Mamoru balançou a cabeça.

— É gentileza sua, Kaa-chan, mas não sou. Se você entendesse de luta, teria visto quando lutamos... Não sou rápido o suficiente para dar conta dele.

— É, sim — insistiu Misaki. — Seu tempo de reação é bem mais curto que o dele, mas você desperdiça movimentos quando mantém os ombros tensionados desse jeito. É assim que ele invade sua guarda o tempo todo.

Mamoru a encarou, e Misaki viu as engrenagens do cérebro do rapaz girando conforme percebia que as palavras dela faziam sentido, mas não compreendia como a mãe sabia aquelas coisas.

— Se... se é tão óbvio que estou fazendo isso, que até você percebeu, por que ele não me disse?

— Ele tentou. — Misaki suspirou. — Era disso que ele estava falando quando ficou chamando você de “desleixado”.

— Ah...

Mamoru baixou os olhos por um momento, pensando, visualizando. Então, desferiu dois golpes em uma sequência tão rápida que Misaki mal conseguiu acompanhar com os olhos.

— Melhor — murmurou ela. Não estava perfeito. — Melhor...

Mamoru tentou de novo, e Misaki percebeu que avançara meio passo.

— Não coloque tanta força no golpe. Se acertar o ângulo, o corte vai ser potente sem você precisar jogar o peso do corpo todo.

— O sensei Yukino diz que não é fácil cortar ossos e tendões — comentou Mamoru, os olhos ainda focados adiante. — Que exige muita força.

— Força, não músculos. Se você confia em si mesmo e na sua espada... ficaria surpreso com como é fácil atravessar um corpo humano.

Seus pés se contraíram no limiar da porta. Inclinou-se um pouquinho para a frente. No limite.

— Kaa-chan... — Mamoru estava começando a parecer preocupado. — Do que você está falando, em nome de Duna?

— Não posso explicar... — Misaki hesitou, tentando se convencer a recuar. *Isso é errado. Isso é errado, sua idiota. Coloque-se no seu lugar...* — ... mas posso mostrar.

Então, ela cruzou o limiar e avançou pelo dojo, sentindo a euforia de uma idiota. Mamoru arregalou os olhos.

— Kaa-chan, o que está fazendo?

— Algo que provavelmente eu não deveria fazer. — Ela sorriu ao alcançar a prateleira de espadas. — Mas, depois do seu comportamento de hoje, não está podendo julgar, não é?

Ela parou com as mãos nos quadris por um momento, avaliando a coleção de espadas Kotetsu nas refinadas bainhas laqueadas. Aquelas na prateleira de cima tinham pertencido a antigos patriarcas Matsuda. Como nunca vira as armas dos homens tão de perto, tomou um momento para admirá-las.

Ao lado da alva Pináculo da Lua, de Takeru, estava o par de katana e wakizashi de Takashi: Nagimaru e Namimaru. Batizadas em homenagem ao Deus e à Deusa, ambas tinham peixes saltitantes entalhados nos cabos e um acabamento em azul-marinho nos punhos. Mais acima, descansava a espada ancestral Kurokouri, Gelo Preto, brandida por Matsuda Susumu e grandes ancestrais Matsuda. Acima desta, a espada de Matsuda Mizudori, a Corta Névoa, Kirinagi; a espada do pai dele, Açoite das Nuvens, Kumokei; e a espada

do pai *dele*, a Presa Divina, Senkiba.

Só de ficar diante daquelas armas lendárias, Misaki sentiu um formigamento na ponta dos dedos. Jamais sonharia em tocar qualquer daquelas lâminas sagradas, porém mais adiante havia outras mais simples — katanas, wakizashis e outras desgastadas, danificadas ou de menor qualidade, mas ainda funcionais. Dentre essas, Misaki escolheu uma wakizashi elegante e testou seu peso nas mãos.

— Kaa-chan! — exclamou Mamoru, embainhando a própria katana. — Acho que você não deveria encostar nisso.

Misaki o ignorou.

— Pesada. — Ela franziu o cenho. — Imagino que as armas Kotetsu sempre sejam mais para pesadas. Não é à toa que seus ombros ficam tão rígidos.

— Kaa-chan, essas lâminas são todas afiadas — disse Mamoru, cada vez mais nervoso. — Não quero que você se machuque.

— Tem razão. — Colocando a wakizashi de volta na prateleira, Misaki atravessou o dojo até a salinha de depósito e procurou um par de bokken. — Guarde sua katana, filho.

Misaki sabia que estava violando um espaço sagrado. Sabia que deveria sair do dojo imediatamente e fingir que aquilo nunca acontecera, mas sua determinação só aumentou ao empunhar a espada de madeira. Takeru lhe dissera para dar um jeito em Mamoru. Bom, não podia mudar o fato de que ele estava confuso e com raiva. Não podia mudar o fato de que ele tinha 14 anos. Só podia mudar sua técnica.

Precisou de certo convencimento, mas por fim Mamoru guardou a espada de metal e pegou a de madeira que Misaki oferecia.

— Eu não entendo, Kaa-chan. O que está havendo?

— Você perguntou o que eu fazia naquela escola estrangeira, muitos anos atrás. — Misaki girou a espada, relaxando a pegada. — Seu pai não gosta que eu fale a respeito, mas eu não vou precisar falar nada. Vamos lá. — Ela assentiu

para Mamoru. — Dê um golpe.

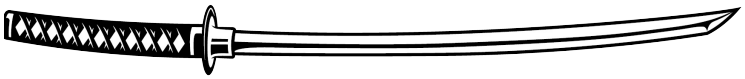
Ele pareceu chocado.

— Você está brincando?! Kaa-chan, eu não vou...

— Não quer atacar uma senhorinha? — Misaki sorriu. — Muito bem. Então, se defenda!

10

O motivo



Misaki não era mais nem de longe tão veloz quanto na época de Carytha, mas Mamoru levou um susto tão grande que mal conseguiu erguer a bokken a tempo de um bloqueio. O confronto ruidoso das armas de madeira despertou uma antiga alegria dentro dela, e de repente Misaki estava se movendo por puro e irrestrito instinto, fazendo seu oponente recuar.

Mamoru era forte, mas Misaki ficara famosa por encarar teonitas fisicamente superiores a ela. Se tentasse travar um combate corpo a corpo, acabaria com as próprias juntas, de modo que deixava a arma ricochetear na dele e voltava a energia contra o garoto ao desferir seus golpes — um truque que aprendera em anos de embates contra Kinoro Wangara. A madeira tinha uma elasticidade que o metal não possuía. Quanto mais forte Mamoru batia, mas velocidade Misaki ganhava.

Dava para ver na cara de Mamoru que sua mente entrara em estado de choque. O corpo dele se movia por memória muscular, reagindo por instinto, e de forma perfeita, a cada passo dela, aparando com exatidão cada golpe. No entanto, por mais rápidos que fossem seus reflexos, aquele tipo de movimento condicionado tinha suas limitações. Para começar, era bem previsível.

Misaki fingiu uma estocada, o movimento ridiculamente lento em relação às fintas de quinze anos antes, mas Mamoru caiu, que era o que importava.

Quando ele ergueu a espada para um bloqueio, Misaki virou a bokken e o acertou nas costelas.

Mamoru soltou um gritinho vergonhoso, mais de surpresa do que de dor; Misaki duvidava que pudesse machucá-lo com uma espada de madeira.

Ela recuou e soltou um muxoxo.

— Ora, filho, não era para você ter caído nessa.

Mamoru estava de olhos arregalados, a mão no flanco golpeado.

— Kaa-chan... isso... era *isso* que você fazia nas escolas do exterior? Você *lutava*? — Mamoru balançou a cabeça, parecendo estar com dificuldade de conciliar aquela nova informação a tudo que sabia. Levou a mão à cabeça, afastou a franja e encarou a mãe. — Eu... acho que não devia estar surpreso.

— Não?

— Bem, Chul-hee me contou dos lugares que visitou... Yamma, Sizwe e Kudazwe. Em todos esses países, as konoru têm permissão de lutar e servir nas forças militares.

Misaki assentiu.

— É assim na maior parte do mundo.

— Certo — disse Mamoru, devagar. — E você estudou fora de Kaigen, o que significa que estudou com essas guerreiras quando estavam chegando à idade de lutar. A tia Setsuko sempre diz que você ia muito bem na escola. Então, acho que faz sentido que você lutasse tão bem quanto os outros. Só não acredito que eu não sabia... Como eu não sabia?

— Ninguém sabe.

Para falar a verdade, Misaki não sabia se era bem assim. Era comum que guerreiros se identificassem só pelo modo como se moviam, e Takeru e Takashi eram dois dos lutadores mais perspicazes que ela já conhecera. Às vezes, achava difícil acreditar que os irmãos houvessem dividido a casa com ela por todos aqueles anos sem notar o treinamento em combate de Misaki. Por outro lado, era bem possível que o sexismo inerente à criação deles tivesse

gerado um ponto cego tão opaco que eles fossem incapazes de reconhecer aquelas habilidades em uma mulher. De todo modo, Misaki jamais tocaria naquele assunto com o marido ou o cunhado.

— Você entende que seu pai não sabe... por que ele *não pode* saber — disse Misaki, séria. — Ele jamais aprovaria.

Takeru rejeitaria seu amor pela esgrima como rejeitara todo o seu passado. Por um momento doloroso, esperou que o filho o rejeitasse também. Tudo na criação dele dizia que mulheres não deveriam, não podiam, lutar. Eram bonecas preciosas, que deviam ser protegidas...

— Por que Tou-sama não aprovaria? — perguntou Mamoru. — Quer dizer, sei que não é comum que mulheres lutem, mas todo mundo comenta como é importante que os Matsuda mantenham a linhagem forte ao se casarem com mulheres de famílias poderosas. Se você sabe lutar, isso não prova que Tou-sama se casou com uma mulher poderosa?

— Então... você não está bravo? — perguntou Misaki, surpresa com a fragilidade que dominara a própria voz. Naquele momento estranho, deu-se conta de que, por mais impróprio que fosse, a ideia da reprovação de Mamoru doía mais do que a de Takeru. — Descobrir que eu sei lutar não o incomoda?

— Por que incomodaria? É uma boa notícia. Sou o filho de dois grandes lutadores, em vez de um só. Isso é bom. Significa que eu devo ser forte. É algo de que me orgulhar.

Misaki o encarou. O fato de um bloco de gelo como Takeru e uma criatura egoísta como ela terem criado um ser tão vivaz desafiava qualquer lógica. De algum modo, apesar de tudo, apesar daquela vilazinha minúscula, do pai frígido, da mãe amargurada, da escola manipuladora, apesar de tudo isso, Mamoru estava se tornando uma boa pessoa.

— Kaa-chan? — chamou Mamoru, hesitante. — O que foi?

— Nada. — Ela se recompôs. — Temos trabalho a fazer. Você precisa tentar me acertar de verdade.

Mamoru pareceu nervoso.

— Não quero machucar você.

Misaki sorriu. Dezoito anos antes, se um garoto lhe dissesse uma coisa dessas, ela arreganharia os dentes e responderia: "Tente." Naquele momento, apenas sorriu.

— São só espadas de madeira, filho. Eu confio em você. — Ela assumiu sua posição e deu a Mamoru um aceno encorajador. — Eu confio em você.

Depois de um momento, Mamoru retribuiu o sorriso... e atacou. Não avançou a toda a velocidade. Se Misaki fosse honesta, admitiria que provavelmente não daria conta dele a toda a velocidade. Mas, se Mamoru lhe desse aberturas, ela faria com que se arrependesse. Desviando-se de um golpe especialmente hesitante do garoto, ela acertou o punho dele com a espada.

— *Ai!* — O filho recuou, sacudindo a mão. — Como você é tão forte?

— Não sou. Estou pegando impulso na força que você desperdiça e redirecionando contra você. Sou bem espertinha.

— Você é incrível!

— Para uma senhorinha, quem sabe. — Misaki empertigou os ombros e sentiu algumas juntas estalarem. — Você devia ter me visto no auge. Eu teria acabado com você.

— Você era tão poderosa assim? — perguntou Mamoru e, abençoado fosse, nem sequer soou descrente.

— Não — respondeu Misaki, com sinceridade. — Nunca fui tão poderosa nem tão talentosa quanto você, mas eu era bem determinada e disposta a jogar sujo.

Dentre os três amigos que combatiam o crime nas ruas de Livingston, Misaki era a única que jamais aparecera nos noticiários ou em pôsteres. E havia um bom motivo para isso. Pássaro de Fogo e Asa Branca eram símbolos com o propósito de chamar a atenção. Eles andavam pelas ruas querendo ser vistos, ouvidos e temidos. Ninguém pensava em temer a sorrateira Sombra até

que fosse tarde demais.

Misaki era um predador de emboscada. Sua tática favorita era cortar o tendão do calcanhar de um criminoso antes que ele sequer a notasse agachada no escuro. Se fosse avistada antes, ainda podia contar com o elemento surpresa, já que poucos lutadores esperavam que uma garotinha kaigenesa possuísse tal ferocidade determinada. E se a coisa evoluía para um combate aberto, lâmina contra lâmina... bem, ela ainda tinha muitas surpresas na manga.

No ataque seguinte, Misaki usou uma de suas manobras favoritas. Armou e errou um golpe. Como todo mundo, Mamoru partiu para tirar vantagem do desequilíbrio, mas, na sequência, Misaki passou sua bokken para uma pegada invertida. Enquanto Mamoru ainda estava armando o ataque, ela avançou para confrontá-lo. A bokken dele acertou a panturrilha da mãe — em uma luta de verdade, ela teria sofrido um ferimento feio na perna —, mas a arma dela parou contra a garganta dele.

— Venci — disse ela, ofegante, quando Mamoru soltou um arquejo curto. — Por que você me deixou chegar perto?

— Eu caí no seu drible.

— Só por um dinma. — Misaki observara os olhos dele com atenção. — Você teve um momento para se corrigir e, com sua velocidade, só deveria precisar de um momento mesmo.

Mamoru balançou a cabeça.

— Não foi o bastante. Você foi rápida demais.

— Não. Dez anos atrás, talvez eu tivesse sido rápida demais. Agora, é você que está lento.

Quando Misaki atacou de novo, Mamoru bloqueou um ataque no pescoço, talvez apenas porque já estivesse esperando o drible. O contra-ataque foi assustadoramente rápido, mas Misaki o antecipou e se abaixou. A bokken de Mamoru passou assoviando acima de sua cabeça. Como sempre, ele investira

com força demais, desequilibrando-se sem necessidade. No instante antes de ele se recuperar, Misaki lhe deu uma rasteira com a bokken e o derrubou.

Mamoru caiu de costas, mas foi Misaki quem grunhiu de dor conforme os dois se reerguiam. Havia anos que não forçava os joelhos daquele jeito, e eles estavam gritando em protesto.

— Você está bem? — perguntou Mamoru.

— Estou — disse ela, seca. — Você, por outro lado, é um boboca. Tanto eu quanto seu pai somos mais lentos que você. Sabe por que nós dois conseguimos passar pela sua defesa?

— Eu... — Mamoru olhou para os próprios braços. — Eu estou tenso demais.

Misaki assentiu.

— E coloca força demais nos ataques, o que cria aberturas na sequência dos golpes, em que você fica vulnerável.

— Não sei direito do que você...

— Vou mostrar. Me ataque.

Mamoru obedeceu e Misaki notou, com uma pontada de dor nos braços, que ele estava começando a lutar com ela de verdade. Permaneceu na defensiva até que, invariavelmente, ele desferiu um golpe forte demais.

— Aí! — exclamou ela, disparando para cima do filho.

Mamoru, com seus reflexos sobre-humanos, conseguiu recuar depressa. A bokken de Misaki apenas roçou a frente de seu quimono.

— Ah. — A compreensão iluminou o rosto dele conforme o garoto baixava o olhar para o próprio peito.

— Entendeu?

— Entendi! — exclamou Mamoru, contente. — Entendi!

Contra alguém mais veloz ou com um alcance mais longo, ele teria sido partido ao meio.

— Então, como eu conserto isso? — perguntou ele, encarando-a, ansioso.

— Primeiro, tem que relaxar os ombros e parar de segurar a espada com

tanta força.

— Certo. — Mamoru soltou o ar. — Vou tentar.

— Depois, precisa manter o corpo relaxado durante o golpe todo. Está tentando cortar seu oponente, não o esmagar com um porrete. Não precisa colocar tanta força.

— Mas, se eu não colocar força, como vou conseguir cortar?

— Com *confiança*. Se sua estocada for rápida e determinada, não vai precisar aplicar tanta força no movimento. — Se estivesse lutando com a mesma potência de Mamoru, àquela altura já estaria esgotada. — Um corte é, por definição, a decisão final; sua vida ou a do seu oponente. Se você não tiver confiança na decisão, não se dedica. E, se não se dedica, fracassa.

— Então... — Mamoru voltou a ficar tenso, as mãos apertando o cabo da espada. — Eu sou um fracasso.

— O quê? Eu não disse isso.

— Mas eu sou. Eu sou um fracasso! — Mamoru bateu na própria cabeça com a bokken. — Eu tenho dúvidas demais. Tou-sama disse que minhas dúvidas me deixam fraco, e ele tem razão. Eu não consigo...

— Mamoru, Mamoru! — Misaki segurou a bokken antes que ele acertasse a própria cabeça outra vez. — Acho que você está complicando demais as coisas.

— Como assim? — Ele a encarou, um vergão vermelho se formando entre os olhos.

— Você está desiludido com Kaigen. Eu entendo. Mas pense por um segundo: isso realmente muda o motivo pelo qual você luta?

— Eu... acho que não... — Mamoru franziu o cenho. — Só que não parece certa a ideia de que pessoas lutaram e morreram, e nós nunca vamos saber a verdade a respeito. Não sei se quero lutar por um Império que desrespeita os konoru desse jeito. Vários guerreiros não são lembrados por seus feitos...

— Bom, você luta para ser lembrado? — perguntou Misaki.

— Eu... não quis dizer isso...

— Estou perguntando com sinceridade. Você luta por glória? Para que o nome Matsuda Mamoru entre para a história? Ou você luta pela emoção? Ou pelo privilégio de servir ao seu Imperador? É preciso se fazer essas perguntas. O único jeito de encontrar a convicção que te falta é saber, sem sombra de dúvida, por que você está lutando.

— Bom... Onde você achou sua convicção, Kaa-chan? — perguntou Mamoru. — Na época em que você estudava, quando estava no seu auge, pelo que você lutava?

Enfim, uma pergunta fácil de responder.

— Eu lutava para proteger as pessoas que amava. Simples assim. Meus amigos lutavam por objetivos grandiosos e os representavam. Eu só não queria que eles se machucassem. Algumas pessoas me achavam egoísta... e tinham razão... mas eu era honesta comigo mesma, e isso me tornava implacável. Nunca duvidei de por que lutava, e não havia nada que não conseguisse cortar.

— Kaa-chan... — A voz de Mamoru se tornou baixa, como se ele temesse a pergunta na ponta da língua. — Você já matou alguém?

— Não.

Na Alvorecer, Misaki fizera uma combinação de aulas de combate e de medicina, então treinara para cortar com precisão cirúrgica. Atacava os pontos fracos dos criminosos, deixava-os incapacitados, depois coagulava o sangue para impedir que morressem de hemorragia antes que as autoridades chegassem. Cortara tendões, olhos e membros, mas nunca tomara uma vida.

— Nunca precisei matar ninguém, mas... — Misaki parou para esfregar a pele entre o polegar e o indicador, onde uma bolha se formava.

— Mas o quê?

— Teria matado. — Misaki ergueu o rosto para encarar o filho. — Se tivesse chegado a esse ponto, eu teria matado sem pensar duas vezes. Se fosse para salvar Robin, eu teria matado quanta gente fosse preciso.

— Quem é Robin? — perguntou Mamoru.

— Ele é... — Calor. Esperança. O sol queimando a névoa. — É o nome de um pássaro carythiano. É uma metáfora.

— Ah.

— Sei que tudo parece complicado no momento — continuou Misaki —, mas acho que a única questão que interessa é: se desconhecidos chegassem aqui para matar você, eu e todos os seus irmãozinhos, o que você faria?

— Eu os mataria. Nem precisaria pensar. Eu mataria todos eles — respondeu Mamoru, firme.

— Pronto. — Misaki apontou para o peito dele. — É só disso que você precisa.

— Mesmo? — Mamoru pensou por um instante. — Simples assim?

— Para mim, era. Por outro lado... talvez seja melhor não seguir o exemplo de uma senhorinha.

Afinal, Mamoru não era muito parecido com ela. Parando para pensar, ele se parecia mais com as pessoas por quem ela teria matado e morrido.

— Você também pode encontrar um propósito mais elevado pelo qual lutar. É uma pessoa mais nobre do que eu.

Mamoru pareceu surpreso.

— Você é nobre, Kaa-chan.

— Essa é a coisa mais idiota que você disse hoje. Postura.

Depois que Mamoru assimilara o fato de que a mãe sabia mesmo lutar, a mente de koro dele estava começando a analisar o *modo* como ela lutava. Conforme o rapaz se acostumava aos truques dela, Misaki teve que lançar mão de maneiras cada vez mais criativas de encará-lo. Era uma dança que, um dia, dançara com as pessoas mais importantes de sua vida: professores, melhores amigos e maiores inimigos. Só que, desde então, seu corpo havia mudado. Sua lâmina já não se movia na velocidade de seus pensamentos, e suas juntas protestavam cada vez mais alto a cada ataque, até que ela não aguentou mais.

Ao perceber que os músculos cederiam nos dinmanu seguintes, ela aparou

o ataque de cima para baixo desferido por Mamoru e contra-atacou com um giro... só para ver se ainda conseguia. Atrapalhou-se com o movimento dos pés e falhou, mas viu na cara de Mamoru que ele ficou impressionado.

— Nunca vi ninguém lutar nesse estilo, nem mesmo tio Kazu. Essas técnicas não são Tsusano — comentou o garoto.

— Não mesmo. — Misaki apoiou as mãos nos joelhos e tentou esconder o quanto estava dolorosamente sem fôlego.

Seu primeiro professor fora o pai, que a treinara junto dos irmãos por diversão, sem perceber que plantava na filha a semente do que viria a se tornar um amor profundamente enraizado pela luta. Só que ele não fora sua maior influência; essa distinção pertencia ao mestre Wangara, o feroz espadachim de Yamma.

— De onde vieram essas técnicas? — perguntou Mamoru.

Misaki balançou a cabeça e conseguiu dizer, entre arquejos:

— Não falamos sobre isso.

— Você está bem?

— Estou. — Ela assentiu, massageando o antebraço direito. — Só no fim das minhas forças. Desculpe, filho. Acho que minha energia acabou. Não tenho mais a mesma força física.

— Você ficou esse tempo todo sem treinar?

— Claro. Donas de casa não lutam.

— Desculpe. Não me dei conta... Deve ter sido difícil para você.

— Deixe de bobeira. — Misaki riu. — Fazia anos que eu não me divertia tanto. Você vai ter que continuar praticando até seu pai chegar. Se alguém perguntar, eu nunca estive aqui.

— Você realmente ama lutar — comentou Mamoru. Não foi uma pergunta. — Como conseguiu parar?

— Eu... — Misaki hesitou, ainda massageando o braço, tentando formular uma resposta que fosse fazer sentido para o filho. — Aprendi que o ato de lutar,

em si, não é o importante. O que me importava mesmo era proteger as pessoas que eu amava. Nunca precisei de uma espada para proteger você... para criá-lo como seu pai queria. Para cuidar da minha família, eu precisava deixar de lado a guerreira, então deixei.

Mamoru ficou em silêncio e Misaki ergueu o rosto para encontrá-lo a encarando com uma expressão confusa.

— O que foi?

— Por que você se acha egoísta?

Antes que Misaki soubesse como responder, um resmungo ecoou pelo corredor, e Mamoru se virou para o som.

— Izumo.

— Deixe que eu cuido disso. — Misaki encostou a ponta da bokken na mandíbula dele e voltou o rosto para a frente. — Você só cuida do que está na sua frente.

O choro de Izumo havia acordado Nagasa, mas os dois tinham dormido bem mais do que Misaki esperava.

— Obrigada — disse ela, acariciando o cabelo de Nagasa, e então pegou Izumo do berço. *Obrigada por me dar um tempinho com Mamoru*, era o que queria dizer, mas os dois eram pequenos demais para compreender algo assim.

— De nada, Kaa-chan — respondeu Nagasa, todo educado, enquanto Izumo seguia chorando.

Depois de amamentar Izumo, Misaki amarrou o recém-nascido às costas, ajudou Nagasa a vestir o casaco e partiu para a escola fundamental para buscar Hiroshi do treino. Levar Nagasa junto a atrasava, mas naquele dia ela ficou contente de ter o garotinho cambaleando ao lado, pois isso lhe dava uma desculpa para descansar as pernas exauridas de vez em quando.

— Ô-ou! — exclamou Nagasa ao desabar na neve pela terceira vez. — Muita

neve!

O menininho desenvolvera a habilidade de mover partículas de água, mas não tinha muito controle sobre elas. Ainda precisava que a mãe limpasse o caminho adiante e segurasse sua mão, quando havia gelo demais. Aos 3 anos, tanto Mamoru quanto Hiroshi tinham sido mais poderosos que Nagasa na mesma idade, mas o que faltava em jiya ao terceiro filho de Matsuda Takeru, ele compensava em falação.

— Eu caí, Kaa-chan — explicou ele, quando Misaki o ergueu e espanou a neve da frente do casaco do filho. — Três vezes. — Ele levantou três dedos. — Eu caí três vezes. Se cair de novo, vão ser quatro vezes. Agora a gente está andando de novo. Estou vendo a nossa casa.

Misaki aprendera que ele não exigia respostas; seguia falando sozinho mesmo. Não fazia ideia de onde Nagasa puxara aquele extenso vocabulário e sua afeição por conversar, mas era conveniente ter uma criança capaz de se entreter com os próprios monólogos.

— Olha, tem pássaros lá em cima. Os pássaros conseguem voar lá no alto. Será que Izumo consegue ver os pássaros? Aquela é a casa de Ryota! — disse ele, apontando todo alegre para a propriedade Yukino. — Viu? Izu-kun, está vendo a casa de Ryota? A gente pode ir ver Ryota?

— Nós já vimos Ryota-kun hoje. Vocês brincaram por um tempão, quando Hyori foi nos visitar — respondeu Misaki.

— Eu gosto de brincar com Ryota. Ryota tem carrinhos na casa dele.

— Eu sei, mas agora temos que ir buscar Hiroshi no treino.

— Tá bom — respondeu Nagasa, então imediatamente recomeçou a tagarelar sobre os pássaros e aonde estavam indo.

Quando chegaram à escola, Ameno Samusa esperava na porta com seu aluno mais novo.

— Como ele se saiu? — perguntou Misaki.

— Ele está ficando mais forte — respondeu Ameno. — Ainda vai demorar

para que consiga encarar oponentes de verdade, mas é muito incomum que alguém da idade dele possua tamanho controle. Ensino nesta escola há vinte anos e acho que nunca vi ninguém como ele.

— Nem Mamoru? — perguntou Misaki, só por curiosidade.

— Mamoru era excepcional. Esse aí talvez seja melhor. — Ele deu de ombros. — Só o tempo dirá.

— Obrigada, sensei Ameno. — Misaki se curvou. — Hiro-kun, calce os sapatos. Vamos.

— O que significa "só o tempo dirá"? — perguntou Hiroshi, enquanto caminhavam de volta à propriedade Matsuda.

— Acho que o sensei Ameno quis dizer que temos que esperar até você crescer para enfrentar seu irmão.

— Ele acha que eu conseguiria derrotá-lo? — Hiroshi pareceu fascinado pela ideia.

— Daqui a uns dez anos, talvez — comentou Misaki, rindo.

— Mamoru-nii-san é forte. Maior do que eu.

— É mesmo.

— Mas eu posso crescer. Posso derrotar ele.

— Talvez.

— Como Tou-sama derrotou o tio Takashi?

— Hiro-kun! — Misaki parou tão abruptamente que Nagasa deu de cara com suas pernas. — Quem disse isso para você?

— Os professores comentam, às vezes.

— Ah... bem... só tente não mencionar o assunto na frente do seu tio, está bem?

— Sim, Kaa-chan.

O resultado do último duelo dos irmãos Matsuda era de conhecimento geral na vila, embora a maioria das pessoas fosse educada demais para tecer comentários. Fazia anos desde a luta, quando Takeru quisera deixar a

Academia Kumono para trabalhar na prefeitura enquanto Takashi queria que ele ficasse. O pai, na época muito velho e desinteressado na carreira dos filhos, se irritara e exigira que resolvessem a questão em um combate, em vez de perturbá-lo com o assunto.

Poucas pessoas testemunharam a luta em si — Yukino Dai, que servira de árbitro, e alguns outros homens —, mas as pessoas fofocavam. Uma Lâmina Sibilante não era necessariamente igual à outra. Takashi era criativo, um espadachim extremamente poderoso, com um estilo de luta explosivo e mil truques na manga. Mas, quando jiya encarava jiya, seu gelo não era páreo para o foco de Takeru.

— Mas você sabe que Takashi-nii-sama já venceu seu pai muitas vezes na vida — comentou Misaki.

Aquele era o destino de todos os irmãos Matsuda, não era? Engrandecerem uns aos outros por meio da força, feito martelo no aço?

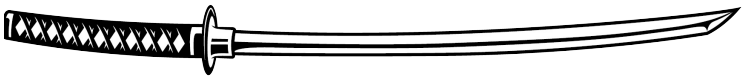
— Eles sempre tiveram habilidades de combate muito parecidas, mas você precisa lembrar que os dois têm quase a mesma idade. Vai levar uns dez anos para você ter idade para desafiar seu irmão mais velho, e mesmo assim ele já vai ter muito mais experiência que você.

Quando Misaki baixou os olhos para Hiroshi, ficou nervosa de ver o filho, sempre tão sério, exibindo algo semelhante a um sorriso.

— Eu vou crescer o mais rápido que conseguir — disse ele.

II

O patriarca



Estava escuro quando Takeru voltou da Academia Kumono, parecendo distraído. A raiva não passara — na verdade, a expressão dele estava ainda mais severa —, mas se dispersara. Apenas quando passou na frente do dojo e viu Mamoru praticando foi que pareceu se lembrar da ameaça de mais cedo.

— Está pronto, filho? — perguntou ele.

— Sim, Tou-sama — respondeu Mamoru, com um sorrisinho. Por mais exausto que estivesse, os ombros dele tinham relaxado.

Misaki pairava junto à porta do dojo para assistir à luta, com Izumo apoiado no quadril.

Em um instante, a Kyougetsu fora desembainhada.

Com os músculos relaxados, Mamoru reagiu com a mesma velocidade, sacando a própria katana em uma pose defensiva perfeita. As espadas se chocaram com um estrépito, Mamoru absorveu o impacto e o devolveu com um golpe hábil, que roçou a frente do quimono do pai... uma fração de dinma antes que a lâmina de Takeru parasse contra o pescoço dele.

Takeru deu dois passos comedidos para trás, baixou os olhos para o corte em seu quimono e soltou um "Hum" neutro, então voltou a encarar Mamoru.

— De novo.

Daquela vez, Mamoru atacou primeiro. Misaki sentiu os próprios ombros

tensos relaxarem ao ver que o garoto processara toda a breve lição dela. Livre da rigidez que o prendera mais cedo, o garoto se tornara uma nova criatura; um raio líquido. Nos movimentos dele, Misaki via o potencial para um guerreiro tão veloz quanto Yukino Dai, tão forte quanto Takashi e talvez, um dia, tão preciso quanto o pai.

A disputa foi longa e feroz, cada homem ganhando e perdendo terreno rapidamente diante dos olhos de Misaki.

Por fim, um ataque particularmente selvagem da Kyougetsu fez Mamoru cambalear. Em vez de pressioná-lo para vencer, Takeru recuou. Mamoru recuperou o equilíbrio em um único passo e retomou a posição de luta.

Por um momento de quietude, pai e filho se encararam.

Mamoru estava encolhido em sua postura, pronto para saltar de volta à ação ao menor movimento da lâmina do pai. Takeru parecia estar pensando. Uma voracidade iluminava os olhos de Mamoru, e o sorriso eufórico de um lutador curvava o canto de sua boca. O garoto não estava com medo do próximo movimento do pai; ansiava por ele.

No entanto, em vez de atacar outra vez, Takeru assentiu brevemente e disse:

— Bom.

— Bom?

— Sim. Está dispensado.

— Sério? — Mamoru soou quase decepcionado. — O senhor não...

Takeru enfiou a Pináculo da Lua de volta na bainha com um ruído alto que fez Mamoru se retrair.

— Eu disse que você está dispensado.

Naquela noite, Takeru não foi para o quarto nem para o escritório. Misaki o encontrou na varanda da frente.

— Vento.

Misaki olhou ao redor. A brisa era leve e os galhos nus das árvores não se

moviam.

— É mesmo?

— No mar — explicou Takeru.

Misaki tinha olhos e ouvidos aguçados, mas seus sentidos não chegavam perto dos do marido. Takeru podia sentir uma gota de orvalho deslizando por uma folha de grama a meia vila de distância... e cortá-la ao meio antes que atingisse o chão. Se ele sentia algo além das correntes de ar normais perturbando o oceano, não ia discutir o assunto com a esposa. Diria que aquele tipo de coisa não era da conta das mulheres.

Então, em vez de insistir, ela se inclinou sobre o parapeito e o observou. Podia nunca ter amado Takeru, mas sentia certa fascinação por ele, assim como sempre sentira por teonitas poderosos. Havia sido por isso que, quando seus pais lhe haviam dito que ia se casar com um Matsuda, Misaki pensara que talvez pudesse chegar a amá-lo. Que o amor pudesse brotar da admiração. No entanto, depois de tantos anos, ainda observava o marido como se observasse um animal ao longe. Procurando. Procurando por compreensão ou semelhanças. Nunca chegara a encontrar uma conexão.

Objetivamente falando, Takeru era perfeito. Dos traços impecáveis do rosto aos tendões fortes dos braços, todo o seu corpo poderia ter sido esculpido por um anjo numu do antigo mundo.

A arma perfeita.

Como todos os homens em Takayubi, ele tinha o cabelo comprido e o usava sempre preso. Enquanto Takashi começava a exibir rugas por fazer coisas humanas, como sorrir e passar noites em claro, o rosto de Takeru continha poucas marcas. Não era que ele parecesse jovem... *de idade indefinida* era uma descrição mais precisa. Misaki achava que, quando ela estivesse velha e enrugada, Takeru ainda teria aquela mesma aparência, um deus de gelo.

A ideia deixaria qualquer mulher comum insegura, mas Misaki duvidava que a idade fosse mudar o modo como o marido a enxergava. Ele nunca se

interessara muito por sua aparência. De início, Misaki ficara ofendida. Sabia que o Matsuda jamais apreciaria algumas de suas qualidades — a desenvoltura com a espada, o conhecimento em química, a afinidade por idiomas estrangeiros —, mas um homem deveria se importar com a beleza da esposa. Por mais que tivesse hábitos estranhos e masculinos, Misaki ainda era uma mulher, e pensar que o marido não a achava desejável feria seu orgulho... Até que lhe ocorreu que, se Takeru a desejasse, ficaria inclinado a tocá-la com mais frequência. E ela preferia que ele mantivesse aquelas mãos geladas bem longe.

Ao descer os olhos para tais mãos, Misaki se deu conta de que estavam apertando o parapeito de madeira com certa força. Os nós dos dedos estavam feridos, e ela se lembrou de repente do punho machucado de Mamoru agarrando os próprios joelhos. Por um longo tempo, pensara que Matsuda Takeru era mais gelo do que homem, mas ele agira diferente naquele dia. Nunca o vira bater em Mamoru com tanta força. Seria possível que houvesse rachaduras naquele gelo?

— Você teve um bom dia, Takeru-sama? — perguntou ela, baixinho.

A madeira rangeu suavemente sob a pegada dele.

— Não muito.

— Sobre o que Takashi-nii-sama queria falar com você?

O marido lhe dizia com frequência para não se intrometer nos "assuntos dos homens", então não esperava que ele de fato respondesse. Por um momento, Takeru pareceu que ia reclamar, mas então, num tom rígido, falou:

— Ele quer que eu abandone meu emprego na prefeitura.

— O quê? — Misaki não conseguiu conter a surpresa nem a raiva na voz. — Por quê?

— Quer que eu dê aula de combate na escola.

— Mas Kumono já tem um professor de esgrima. Dai-san.

— Nii-sama vai passar Dai para meio período. Ele acha que Dai pega leve demais com os alunos, e está preocupado de que o nível esteja caindo.

— O quê?

Aquilo era um absurdo. Com base nas poucas vezes que vira Yukino Dai dando aula, sabia que ele era tão bom professor quanto espadachim. Podia não ser capaz de vencer uma luta jiya contra jiya com os irmãos Matsuda, mas, quando se tratava de passar conhecimento, ele dava de mil em Takeru.

Ela sabia exatamente por que Takashi queria o irmão caçula de volta na Kumono, e era um motivo totalmente egoísta. Takashi não levava jeito para o trabalho administrativo; assumira o cargo de diretor porque o pai e o avô haviam ocupado o posto antes dele, não porque tivesse qualquer desejo de comandar a escola. Quando Takeru trabalhava na Kumono, Takashi se apoiava muito na organização e no profissionalismo do irmão. Misaki compreendia por que ele queria Takeru de volta... mas isso não significava que fosse uma boa decisão.

— E o que Dai-san vai fazer? Ele tem uma esposa e um filho pequeno. Como vai sustentá-los com um salário de meio período? — perguntou ela.

— Isso não é problema do meu irmão, nem seu — respondeu Takeru, frio.

— Claro que é! Hyori é minha amiga.

— Não cabe a você criticar o chefe desta casa.

Misaki engoliu o próprio orgulho, como fizera por tantos anos.

— Tem razão, não cabe, mas não tenho permissão de me preocupar com a felicidade da minha amiga... e do meu marido?

— Felicidade? — O tom de Takeru foi mais aturdido do que amargurado. — O que isso tem a ver com felicidade?

— Você ama seu trabalho na prefeitura. Ama fazer cálculos.

Amar talvez fosse a palavra errada. Todas as evidências apontavam que Takeru era incapaz de amar... mas as únicas vezes que Misaki se lembrava de tê-lo visto minimamente animado haviam sido quando falava do trabalho na prefeitura. Em geral, assuntos chatíssimos, como gestão orçamentária, mas que pareciam deixá-lo contente.

— Você deve conseguir fazê-lo mudar de ideia.

— Eu pedi para ele reconsiderar. Ele já se decidiu.

— Você ainda pode recusar.

Takeru olhou para Misaki como se estivesse considerando mandar internála.

— Meu irmão é o chefe desta casa. Não cabe a mim questioná-lo, muito menos a você.

— Mas você... — *Acabou de dar uma lição em Mamoru sobre não ter força para vencer as próprias dúvidas. Você deu uma surra no seu filho, mas não ousa lutar por si mesmo?*

— O que foi, mulher? — retrucou Takeru, e Misaki soube que não tinha escolha além de recuar.

— Desculpe. Eu não devia ter discutido.

Se ele queria ficar infeliz, que ficasse. Ela que não ia argumentar.

No dia seguinte, se Takeru ainda estava irritado, não demonstrou seu desgosto mais do que Misaki demonstrou o dela. No café da manhã, ela lhe serviu o chá com o sorriso de sempre, e ele o aceitou com a indiferença de sempre.

— Bom dia, Misaki! — cumprimentou Takashi, como se não houvesse nada de errado.

— Bom dia, Nii-sama — respondeu ela, e derramou o chá quente na xícara dele, em vez de no colo.

— Nada de chá, Misaki. — Ele afastou a caneca. — Hoje é um dia de celebração.

— Ah... hã... Por quê?

— Como assim? Ele não contou? Você não contou para ela, Takeru-kun? — Ele olhou para o irmão. — Takeru vai voltar a ensinar na Academia Kumono!

— Ah... sim, ele mencionou, Nii-sama. — Misaki obrigou o rosto a formar

um sorriso. — É uma notícia maravilhosa. Estamos tão agradecidos.

— Viu só? Hoje é um dia feliz! — Takashi sorriu. — Hoje, vamos beber!

A julgar pelo rubor nas bochechas de Takashi e pelo volume de sua voz, ele já começara.

— Claro. Vou buscar o saquê — respondeu Misaki.

Quando voltou à cozinha, encontrou Setsuko ali, servindo em tigelas a sopa de missô que Misaki preparara.

O que está aconteceu?, Misaki quis reclamar assim que a viu. *Qual é o problema do seu marido?*

Um momento depois, deu-se conta de como aquilo seria injusto e quis se bater. Setsuko podia ter um relacionamento melhor com o marido do que a maioria das mulheres, mas não possuía controle algum sobre as ações dele no trabalho. Não era ela quem tomava as decisões.

— Bom dia, Setsuko.

— Bom dia, Misaki. — Uma olhada em Setsuko deixou claro que ela já sabia da decisão de Takeru... e entendia o desastre que seria. — Olha, eu...

— Kaa-chan, estou com fome! — resmungou Nagasa, puxando o avental da mãe.

— Sente-se. — Misaki indicou com a cabeça a mesa da cozinha, onde ela, Setsuko e as crianças comiam sempre que os homens estavam usando a mesa principal. — Vou servir um pouco de arroz para você assim que...

— Kaa-chan. — Mamoru enfiou a cabeça para dentro da cozinha. — Izumo está chorando. Ah. — Ele olhou por cima do ombro. — Ayumi também.

— Só um dinma — pediu Setsuko, ajudando Misaki a encher uma bandeja com arroz, sopa e saquê para os homens. — Vou lá pegá-los.

— Mii-sa-kii! — cantarolou Takashi do outro cômodo. — Cadê o sa-quêêê?

— Já vai, Nii-sama! — Misaki pegou a bandeja e fez menção de partir para a sala de jantar, mas Setsuko a segurou pelo ombro.

— Ei. Antes... — Ela pegou um terceiro copo e o levou à boca de Misaki.

— O quê? Não. Setsuko... Eu não posso...

— Você precisa disso.

— Está bem. — Misaki cedeu e deixou que Setsuko virasse o saquê em sua boca.

— Muito bem. — Setsuko sorriu quando Misaki fechou os olhos com força e engoliu o fogo.

— Obrigada. — Misaki respirou fundo conforme o líquido descia queimando a garganta até o peito. — Eu precisava disso...

— Eu sei. — Setsuko lhe deu um tapa na bunda e saiu correndo para ver os bebês.

— É Mamoru que está ali atrás? — perguntou Takashi, inclinando-se para espiar a cozinha, enquanto Misaki servia a sopa e o arroz diante dele. — Ei, Mamoru! Venha cá!

— Por quê? — perguntou Takeru, tenso.

— Ele já é um rapaz. Pode se sentar com os homens.

— Ele tem só 14 anos — respondeu Takeru.

— Você só está chateado porque ele é melhor que você. Misaki, vá dizer a Mamoru para vir aqui... e traga saquê para ele.

— Não precisa. Ele pode ficar com o meu — disse Takeru.

Misaki nunca sabia se Takeru se recusava a beber porque temia embotar os sentidos ou a habilidade de fazer cara feia. Naquele dia, talvez fosse o jeito sutil dele de desdenhar do irmão.

— Nada disso, deixe de ser chato. Beba — disse Takashi.

— Nii-sama, ainda não é nem meio-dia.

Takashi bateu a mão na mesa com tanta força que Misaki deu um pulo.

— Eu mandei beber.

Takeru sustentou o olhar do irmão e, por um momento, Misaki achou que ele fosse se recusar. Quis que ele se recusasse. Takeru baixou o olhar e virou o copo em um só gole.

— Muito bem, irmãozinho! — Takashi deu um tapa no ombro de Takeru.

Cerrando a mandíbula, Misaki se virou para sair. Antes de chegar à cozinha, Mamoru apareceu à porta segurando Izumo.

— Me chamou, tio?

— Dê o bebê para a sua mãe, garoto. Venha se sentar conosco — disse Takashi.

— Obrigada — disse Misaki, passando a bandeja para um dos braços para segurar o agitado Izumo com o outro. — Tente não engolir muito de uma vez — sussurrou para Mamoru.

— O quê?

— Vai parecer um soco no nariz, mas tente não fazer careta. Se não, seu tio vai tirar sarro de você pelo resto da semana.

— Venha, Mamoru — chamou Takashi, indicando a mesa. — Tome uma dose conosco. Aqui... — Ele sorriu quando Mamoru se ajoelhou à sua esquerda. — Olhe só para você. Olha como está crescido. Está se tornando um belo rapaz, não é mesmo?

Mamoru pareceu não saber como responder.

— Hã... Espero que sim, tio.

— Um belo rapaz — comentou Takashi, enquanto Misaki se retirava para acalmar Izumo. — Deve deixar seu pai tão orgulhoso.

— E-Eu espero que um dia — disse Mamoru, obviamente constrangido. — Acho que ainda não fiz por merecer...

— Ah, você vai dar muito orgulho ao seu pai — houve um tilintar quando Takashi se serviu de mais saquê — ou passar o resto da vida tentando, como ele fez, como nosso pai fez, e como o pai dele fez antes. Você vai crescer, vai treinar, crescer e treinar, de corpo e alma, até um dia se pegar sentado à mesa da Kumono se perguntando por que foi que passou tanto tempo se tornando um guerreiro tão poderoso. Para batalhar com horários e formulários de matrícula? Para passar toda essa baboseira chata adiante para o seu filho?

— Nii-sama. — A voz de Takeru soou tão severa que parecia prestes a se quebrar. — Por favor, não fale assim do legado da nossa família.

— Cale-se, Takeru-kun. Eu não estava falando com você. Vou te dizer uma coisa, Mamoru-kun... — Uma pausa para um longo gole. — Estou feliz de ter uma menininha.

Fez-se um silêncio confuso.

— Você está me olhando como se eu fosse maluco — Takashi riu —, mas estou falando sério. Garotas são feitas para os tempos de paz. Garotas florescem em tempos de paz. Me conforta saber que minha pequena Ayumi não vai ter que aguentar toda essa baboseira. Treinar até sangrar, só para ser deixado enferrujando na bainha...

— Nã-não sei se estou entendendo, tio.

— Espero que nunca entenda. Você é brilhante demais para enferrujar. — Takashi soltou um suspiro que foi quase um gemido. — Eu também já fui brilhante, sabe?

— Tio...

— Já chega de conversa — disse Takashi, de repente. — Tome um drinque, sobrinho.

Houve uma pausa, um gole forçado, e então Takashi caiu na gargalhada.

— Ah, Mamoru-kun! A cara que você fez!

— Eu vou falar com ele — prometeu Setsuko a Misaki e Hyori, mais tarde —, por vocês duas. Só que não agora. Acho melhor esperar até ele estar com a cabeça no lugar.

As três tinham acabado de se sentar para aproveitar um raro momento de paz. Mamoru estava estudando com Kwang Chul-hee no cômodo ao lado. Hiroshi, Nagasa e Ryota brincavam pelo chão ao lado dos meninos mais velhos, totalmente absortos no jogo de corrida de carro de gelo que Mamoru

lhes ensinara. Izumo dormia, e Ayumi mamava quietinha no peito da mãe.

— Ah, não precisa falar com seu marido por minha causa, Setsuko-san. Esse tipo de coisa é assunto dos homens — disse Hyori, séria.

— Hyori-chan tem razão — argumentou Misaki, cansada, escolhendo uma agulha da caixa de costura. Não estava com humor para falar da situação de Takashi e Takeru; tudo que queria era colocar a costura em dia, por isso desejava encerrar o assunto o mais rápido possível. — Kumono é a escola de Takashi-sama. Se ele quer mudar o quadro de funcionários, a decisão é dele.

— Claro, mas é uma decisão idiota, e *alguém* tem que dizer isso a ele — respondeu Setsuko.

— Setsuko-san! — Hyori arquejou. — Como pode falar do seu marido desse jeito?

Setsuko deu de ombros.

— Ele sabe que eu o amo.

— Tenho certeza de que Dai-san já levantou as objeções dele — comentou Misaki. Dai era homem para se defender. — Se ele ou meu marido tiverem algum problema com a decisão de Takashi-sama, é responsabilidade deles resolver. São homens-feitos, não são?

— Espere. Por que o *seu* marido teria algum problema com a mudança? — perguntou Hyori, confusa.

— Takeru não é de reclamar muito, mas ele *realmente* não gostava de ser professor na Kumono — respondeu Setsuko.

— É mesmo? — Hyori pareceu surpresa. — Meu marido fala como se fosse o melhor trabalho do mundo. Com certeza um grande espadachim como Takeru também deve gostar.

— Bom, tem diferença entre ser ótimo lutando e ser ótimo ensinando — disse Misaki. — Takeru-sama prefere muito mais lidar com burocracias atrás de uma mesa do que dar aula. É por isso que Takashi-sama o quer por perto, para ajudá-lo com o trabalho administrativo que tanto odeia.

— Não sei, não... — Hyori fez uma expressão confusa. — Será que é certo você ficar tirando essas conclusões sobre o seu chefe de família?

— Não, Misaki tem razão — disse Setsuko, e suspirou. — O coitado do Takashi-sama nunca gostou muito de ser o diretor da Kumono. Às vezes, acho que o que ele devia fazer... o que ele de fato *quer* fazer... é passar o cargo para Takeru ou Dai. Eles seriam bons nisso.

Misaki não conseguiu conter uma risada incrédula.

— Dai-san, talvez, mas Takeru...

Takeru não conseguiria liderar o caminho para fora de uma caixa de papelão. É preciso saber se impor para ser um líder, quase disse em voz alta.

— Takeru é um nobre intelectual, o que é mais do que posso dizer do meu pobre homem — comentou Setsuko.

— Setsuko-san! — Hyori arregalou os belos olhos de corça, chocada. — Você realmente não deveria falar assim do seu marido!

Misaki baixou os olhos para a costura, grata por não ter vocalizado seus pensamentos sobre Takeru. Não queria que a coitada da Hyori tivesse um ataque cardíaco.

— Não estou falando por mal — disse Setsuko, às pressas. — Meu marido é um homem maravilhoso, com muitos pontos fortes, mas não é perfeccionista como Takeru. Não tira nenhuma satisfação do trabalho burocrático. Isso só o deixa entediado, mal-humorado e menos divertido na cama.

— Setsuko-san! — Hyori levou as duas mãos à boca e ficou tão vermelha que Misaki temeu que ela desmaiasse com todo aquele sangue subindo à cabeça.

— Que foi? — disse Setsuko, e Misaki se perguntou se a concunhada tomara uns goles de saquê também. Até ela, em geral, demonstrava mais sutileza. — Ele fica muito mais enérgico quando volta do dojo do que quando passa o dia todo no escritório. Tenho certeza de que Dai-san é igual...

— Acho que não precisamos falar de Dai-san — emendou Misaki, às pressas, tentando mudar de assunto. — Hã... Hyori-chan, será que você tem alguma

linha azul-escura para me emprestar?

— Ah... c-claro — gaguejou Hyori. — Eu não uso tanto azul quanto você.

As cores da família Yukino eram branco, prateado e verde-sálvia. Depois de revirar a caixa por um momento, Misaki pegou um carretel de fio cinza-claro e o ergueu.

— Eu troco com você.

— Ah, Misaki-san, não precisa...

— Eu troco — insistiu Misaki, jogando o carretel no colo de Hyori.

— Ah... Obrigada. — Hyori pegou o carretel e o levou ao peito como se fosse um tesouro. — Você é sempre tão generosa, Misaki-san. — Ela ainda estava um pouco corada, e Misaki se perguntou como uma mulher casada, com um filho, podia ser tão absurdamente ingênua. — Me dê um dinma. — Hyori se ergueu para procurar na bolsa que havia trazido. — Vou achar uma azul para você.

Em geral, Misaki não se importava de costurar, mas naquele dia se pegou frustrada.

— Mattaku Mou! — praguejou. — Que estrago. Acho que vou ter que passar essa aqui para Tamami-san.

A esposa de Kotetsu era uma costureira muito melhor do que qualquer mulher koro.

— O que aconteceu com essa peça? — perguntou Hyori.

— Luta — explicou Misaki.

— Ah. Mas... faz meses que Dai não treina com o seu marido... — Todo mundo sabia que Dai era um dos poucos espadachins que conseguiam atravessar a guarda de Takeru com uma katana de aço. — Então, quem fez isso com o quimono dele?

— Mamoru.

Hyori arquejou.

— Ele já está habilidoso assim?

Pela primeira vez naquele dia, Misaki se pegou sorrindo.

— Nem *tanto*. — Ela ergueu o quimono que Mamoru usara naquele dia, que estava tão retalhado que mal se mantinha inteiro.

— Minha nossa! — exclamou Hyori, rindo. — Você vai ter que usar bastante linha, hein? Essa aqui combina? — Ela ergueu um carretel.

— Parece perfeita — disse Misaki, estendendo a mão.

— Ah, Misaki-san! — exclamou Hyori, parando de repente. — O que aconteceu com suas mãos?

— O quê? — O coração de Misaki se apertou. — Ah! Nada. — Ela recolheu a mão depressa. Sabia que devia ter passado mais tempo curando as bolhas! — Acho que tive uma reação alérgica a um novo sabão que usei. Deu coceira.

— Eu não vi nenhum sabão novo — comentou Setsuko. Ela e Misaki tomavam banho, lavavam as roupas e a louça dividindo os mesmos espaços.

— Bom, é porque eu joguei fora. Não prestava.

— Parece até que você está cheia de bolhas — disse Hyori, preocupada. — Que estranho... Às vezes, as mãos do meu marido ficam assim.

— É mesmo? — O coração de Misaki acelerou. Takeru já estava insatisfeito com ela; a última coisa de que precisava no momento era que alguém descobrisse que estivera no dojo dele e colocara as mãos em suas armas. E se fosse a crédula e inocente Hyori a desmascará-la, o orgulho dela jamais se recuperaria.

Hyori se aproximou, estendendo a mão para segurar a de Misaki.

— Por que você está com bolhas como as de Dai?

Misaki estava tentando formular uma mentira quando...

— Takeru-sama! — exclamou ela, aliviada. Normalmente, não ficava tão feliz de sentir a frieza desagradável do marido preencher um cômodo. — Chegou cedo!

— Shimatta! — praguejou Setsuko, baixinho, puxando o quimono para cobrir os seios.

— Não sabia que você estava com visitas — disse Takeru, sem cumprimentar

nenhuma das mulheres. — Por que o garoto Kwang está na nossa casa?

— Ele tem um combinado com Mamoru — respondeu Misaki.

— O quê?

— Mamoru o ajuda com os treinos de luta e, em troca, ele ajuda Mamoru com o dever de casa de kaigengua.

O pobre Chul-hee em geral não durava mais que uma waati no dojo até ficar exausto demais para erguer a bokken, então os dois se retiravam para a sala de estar para repassar o vocabulário kaigengua até anoitecer. Era assim que os garotos haviam passado a maior parte das férias de inverno.

— Hum. — Takeru bufou, então voltou o olhar frio para Hyori. — E você... não deveria ir para casa preparar o jantar do seu marido?

— Ah... s-sim, Matsuda-dono. — Hyori se apressou em juntar suas coisas, então fez uma reverência e deixou o cômodo.

— Que grosseria — murmurou Setsuko.

— Misaki, acompanhe sua amiga até a saída e depois vá até o meu escritório — disse Takeru.

Aquela voz monótona impenetrável dificultava que Misaki identificasse se havia algum problema ou não. De todo modo, achou melhor obedecer sem fazer perguntas.

Ryota chorou quando Hyori lhe disse que precisavam ir.

— Yosh, yosh — sussurrou Misaki para acalmar o menininho, fazendo carinho em sua cabeça. — Naga-kun vai estar aqui amanhã.

— Obrigada por me receber, como sempre, Misaki-san. — Hyori se curvou. — Ah, e não se preocupe com o quimono de Mamoru — disse ela, com um sorrisinho travesso atípico.

— Como assim?

Hyori deu um tapinha na própria bolsa.

— Eu devolvo na semana que vem.

— Hyori-chan, não posso dar todo esse trabalho para você! — Misaki

estendeu a mão para a bolsa da amiga, mas a mulher a apertou junto ao peito.

— Não, por favor! — disse ela, com sinceridade. — Por favor, me deixe fazer isso por você, Misaki-san. Dai mantém as roupas dele tão bem cuidadas que eu não tenho muito o que costurar.

— Tudo bem. — Misaki riu. — Eu fico te devendo. Você vai ter que me deixar ajudá-la com a roupa suja, depois.

Mesmo vindo de uma boa família, o jiya de Hyori era fraco. O trabalho de mover muita água, que para Misaki era simples, exigia dela muita energia. Hyori a olhou com um afeto que Misaki não entendia nem merecia.

— Você é sempre muito gentil comigo, Misaki-san.

— Tenha uma boa noite, Hyori-chan. — Depois de se curvar, Misaki não conseguiu se conter e estendeu a mão para tocar de leve o rosto da amiga. — Nos vemos amanhã.

— Boa noite, bonitona! — disse Setsuko, acenando para Hyori.

Deixando o sorriso morrer, Misaki atravessou a sala de estar e seguiu até o escritório de Takeru.

— Takeru-sama — chamou baixinho ao chegar à porta —, queria falar comigo?

Takeru nem lhe deu atenção, apenas acenou para que entrasse. Ainda estava distraído com o kayiri na mesa, então Misaki se curvou, entrou no cômodo e se aproximou em silêncio. Ajoelhou-se diante de Takeru — como antes costumava se ajoelhar diante do pai dele —, até que o homem estivesse pronto para falar com ela.

Por fim, ele largou a caneta e ergueu os olhos.

— Chegou outra carta endereçada a você.

Ele enfiou a mão nas dobras do quimono e pegou um rolo de papel, que entregou a ela. O kayiri enrolado estava amassado e manchado, como se tivesse vindo de longe.

— É de Kolunjara! — exclamou Misaki, assim que bateu os olhos no

endereço do remetente.

Não havia nome. Seus dedos percorreram o selo e pararam ao vê-lo ainda inteiro. Ergueu o rosto para Takeru, surpresa. Ele não tinha aberto a carta.

Misaki tinha a impressão — não, a certeza — de que Takeru passara os primeiros anos de casamento interceptando as cartas que chegavam para ela de além-mar. Apenas os votos mais inócuos de parabéns pelo casamento a alcançaram, nada substancial. Nada importante.

Algumas cartas que deveriam ter chegado tinham sido obviamente impedidas de alcançar suas mãos. Ela já sabia o conteúdo da maioria. Elleen, com seu jeito severo, expressaria menos tristeza do que de fato sentia, depois diria que respeitava as decisões de Misaki. O mestre Wangara lhe diria para se cuidar. Koli escreveria uma tirada que faria sentido de início, mas então descambaria para tagarelices sobre a natureza da ambição humana e livre arbítrio. E Robin... bom, ela tentava não imaginar o que ele teria escrito. Doía demais.

Poderia ter protestado — e, se quisesse mesmo, dado um jeito de pôr as mãos nas cartas antes de Takeru —, mas, de certo modo, foi uma gentileza. Facilitou esquecer a vida que deixara para trás... ou, pelo menos, empurrá-la para o fundo da mente.

Talvez devesse ficar grata que, depois de uma década, o marido enfim confiasse nela a ponto de lhe entregar uma carta vinda do estrangeiro sem lê-la antes. Entretanto, quando procurou em seu coração amargurado por uma gota de gratidão, não encontrou nada.

— Por que você está recebendo uma carta de Kolunjara? — perguntou Takeru.

Misaki não identificou desconfiança na voz dele, mas sua presença deixava bem evidente: confiava nela para lhe entregar a carta, mas ia ficar bem ali enquanto Misaki a lia.

— Não sei — respondeu ela, com sinceridade.

— Você não tem nenhum conhecido lá que possa ter enviado?

Até onde Misaki sabia, Koli Kumura ainda morava na capital de Yamma, mas a caligrafia no papel era limpa demais para ser dele. Balançou a cabeça.

— Sinceramente, não faço ideia de quem mandou.

Curiosa, quebrou o selo e desenrolou a carta. Estava escrita em yammaninke... não, não exatamente. As letras eram do yammaninke, mas as palavras em si estavam em lindiche, um idioma que Misaki não via nem ouvia desde a época da escola.

As únicas nagiji no kayiri eram um conjunto de caracteres familiares — a assinatura no fim do texto. Misaki se pegou arfando.

— O que foi? — perguntou Takeru. — De quem é a carta?

— Da... minha antiga colega de quarto — respondeu Misaki. Evitou mencionar que essa colega era ranganesa.

Querida Misaki,

Há quanto tempo. Sei que me disse que seria melhor para o seu casamento se não mantivéssemos contato, e sinto muito por romper o combinado. Eu mesma estou arriscando mais do que gostaria de admitir para lhe enviar esta mensagem, mas não conseguiria ficar em paz se não a mandasse. Sou leal ao meu país, mas você é minha amiga e não quero que nenhum mal aconteça a você ou às pessoas que ama.

Se você não morar mais na Península Kusanagi, esta carta provavelmente não vai chegar às suas mãos, e graças aos Deuses você estará fora de perigo.

No entanto, se estiver lendo isto, só posso presumir que ainda está no endereço de Takayubi. Se for esse o caso, não está segura. Não sei quais informações o governo kaigenês tem repassado sobre a situação de Ranga ou a possibilidade de guerra, mas, eles tendo contado ou não, você corre grave perigo. Pegue sua família e deixe Takayubi assim que possível.

E, se sobreviver às próximas semanas, mande uma carta de volta a este

endereço, se puder, para eu saber que está bem.

Nyama para você. Um milhão de vezes, nyama para você.

Nami, não deixe que este seja nosso último contato.

Sua amiga fiel,
Guang Ya-li

Misaki teve a impressão de que virara pedra.

— O que aconteceu? — questionou Takeru, ao notar o choque na expressão dela. — O que diz?

— Por favor, Takeru-sama, sente-se — pediu ela, baixinho.

— O quê?

— Você precisa ouvir isso.

Ajoelhada de frente para o marido, Misaki traduziu a carta em voz alta. Takeru ouviu sem demonstrar reação.

— E quem é essa Guang Ya-li? — perguntou ele.

— Já falei, é uma amiga de escola — respondeu Misaki, torcendo em vão para que Takeru não pedisse mais detalhes.

— E onde ela nasceu?

Guang era um sobrenome comum em todo o continente de Namindugu. Havia muitos Guang no norte de Kaigen, assim como em todo canto de Ranga, mas...

— Ya-li é ranganesa.

— Então, essa carta deve ser destruída e esquecida. Nada do que ela diz é confiável — disse Takeru, calmo.

— Ela era uma amiga próxima... — protestou Misaki.

— Você está falando besteira, Misaki. Mesmo que essa Guang Ya-li fosse mesmo sua amiga, por que uma mulher saberia os planos dos militares ranganeses? É impossível.

— É mais do que possível — disse Misaki, tentando não expressar sua indignação. — No ano em que Ya-li e eu nos formamos, a irmã dela foi promovida a general do exército ranganês.

Takeru soltou um ruído de desdém que fez Misaki cerrar os dentes.

— A irmã dela? Que exército ridículo eles estão montando por lá?

Misaki ignorou o comentário do marido.

— Ya-li saberia e, não importa o que você pense, ela não mentiria para mim. Não sobre isso. Entendo que não queira aceitar a palavra de uma ranganesa, mas não é apenas ela. Kazu... o Lorde Tsusano... também nos avisou, do jeito dele.

— Seu irmão disse apenas que a gente deveria tirar umas férias em Jungsan.

— Foi uma coisa estranha de se dizer. Ele queria nos contar alguma coisa.

— Foi coincidência.

— Com todo o respeito, Takeru-sama, eu conheço meu irmão. E conheço essa mulher. Acho que os ranganeses realmente devem estar planejando alguma coisa.

— E se estiverem? Se os ranganeses estiverem vindo, vão encontrar a morte — disse ele, com a mesma confiança imbecil que parecia dominar todos em Takayubi. — Aqui é a Espada de Kaigen. Nos atacar é suicídio.

— Belas palavras, mas você não sabe o que há por aí.

— Não importa — rebateu Takeru, erguendo-se para assomar sobre a esposa. — O Império confia em nós para conter as ameaças vindas do Oeste, e é o que temos feito há séculos.

— Eu sei. — Misaki permaneceu de joelhos, torcendo para que manter o temperamento contido e falar baixinho fosse fazê-lo agir com sensatez. — Você e os outros homens daqui são grandes guerreiros, mas não são um exército. A península não é mais a potência teonita que era da última vez que os ranganeses atacaram.

— Pode ser que não — admitiu Takeru —, mas será muito pior se formos

embora. Já parou para pensar que talvez essa sua velha amiga esteja tentando manipular você a cometer traição?

— O quê?

— Ela sabe com quem você é casada, não sabe?

— Sabe.

— Então, é um bom plano, não é? Fazer com que você abandone a península com sua família... talvez com toda a família Matsuda... quando o Império mais precisa de nós. Os ranganeses são ardilosos.

Você não sabe nada sobre os ranganeses. Nunca conheceu nenhum, quis retrucar Misaki, mas conteve a raiva. Uma mulher não falava assim com o marido.

— Não acho que foi essa a intenção dela... — começou Misaki, calma, apenas para ser interrompida outra vez.

— Não quero mais saber o que você acha! — Ele ergueu a voz em um momento raro de raiva. — Obviamente não entende nada do que está falando. Não importa se essa ranganesa está mentindo ou falando a verdade. Fugir quando nosso país precisa de nós seria traição, e você não vai mais tocar nesse assunto. Somos a Espada de Kaigen. Se a deixamos para enferrujar, então merecemos morrer aqui, com nossos inimigos.

— Até seus filhos? Seus bebês? — questionou Misaki.

— Sim — respondeu Takeru, sem ironia ou hesitação. — Com quem você acha que se casou?

Misaki fechou os punhos. Tinha que pedir desculpas ao marido. Tinha que baixar os olhos, deferente e envergonhada. Mas ela se ergueu e o encarou nos olhos. Em um só fôlego, a raiva de quinze anos lhe encheu o peito, fazendo-a levantar o queixo e endireitar os ombros.

— Eu vou levar os meninos.

— Como é que é?

— Vou pegar os meninos e vou embora... para Ishihama, visitar meus pais. — A decisão veio conforme as palavras deixavam sua boca.

— Não seja ridícula. Seus pais não têm mais casa para você visitar. Na verdade, eles é que deviam vir ficar conosco...

— Você pode vir junto, se quiser, mas eu vou levá-los — disse Misaki.

— Misaki. — Takeru deu um passo adiante, encarando a esposa com um olhar feio que fazia mesmo os homens mais duros tremerem. — Não é você quem decide essas coisas.

Misaki sustentou o olhar dele sem se intimidar. Fazia muito tempo desde que tivera coragem de lutar por alguma coisa. Se não era capaz de lutar pelos próprios filhos, então quem ela era? O que se tornara?

— Você pode tentar me impedir — disse ela, e rumou para a porta.

— Misaki... — Takeru agarrou seu braço.

Misaki se fez água e escapou dos dedos dele antes que a pegada de aço se firmasse. Passando sob o braço do marido, ela disparou para a saída, mas ele foi mais rápido. Assim que Takeru agarrou brutalmente seu pulso, Misaki soube que não teria como se soltar, mas ainda tinha suas defesas.

Movendo-se por reflexo, concentrou todo seu jiya na mão livre e cravou dois dedos no braço de Takeru.

Exceto pelo mito dos Titereiros de Sangue, era impossível para um jijaka controlar uma quantidade significativa de sangue no corpo de outra pessoa. A nyama de um teonita era sempre mais poderosa dentro de suas veias. Mas o que os Tsusano tinham aprendido, séculos antes, era que uma quantidade minúscula de sangue, manipulada com precisão milimétrica, podia ser a arma mais fatal de todas.

O poder de Misaki estreitou-se a uma agulha. O corpo forte e o jiya mais forte ainda de Takeru o tornavam difícil de penetrar, mas Misaki conseguiu. Por uma fração de dinma, o sangue dele se tornou sua agulha, atingindo um ponto de pressão no fundo do braço dele. O braço de Takeru convulsionou, enrijecendo por um momento, antes de ficar inerte.

A mão dele escorregou do pulso dela e Misaki quase desejou poder ficar

para apreciar o olhar de absoluto choque na cara dele.

— Isso foi...?

— Agulha de Sangue — disse ela, com um sorriso ofegante. Tinha sido, mais especificamente, uma combinação da Agulha de Sangue tradicional dos Tsusano com a acupuntura médica que aprendera com Ya-li. — Seu braço vai voltar a funcionar em uns cinco siiranu... quatro, se você relaxar.

Ela partiu para a porta.

— Misaki. — A voz de Takeru era puro gelo. — Você...

— Ah, e eu não usaria meu jiya nesse tempo, se fosse você. A menos que queira arriscar danos permanentes aos músculos desse precioso braço da espada.

— Você vai se arrepender...

Antes que ele terminasse de falar, Misaki bateu a porta e a trancou com uma grossa camada de gelo. A parte de não usar o jiya fora uma mentira improvisada — do tipo em que ela sempre fora boa. Não importava se Takeru ia pagar para ver e se libertar usando seu jiya, derrubar a porta ou esperar os quatro minutos até que os efeitos da Agulha de Sangue passassem... Misaki tinha pouco tempo.

Erguendo o quimono, ela disparou pelo corredor. Parando no quarto dos meninos, pegou Izumo do berço. O movimento súbito, junto do jiya frenético da mãe, o acordou e fez com que começasse a chorar, mas Misaki não tinha tempo para se preocupar com isso.

— Yosh, yosh, Izu-kun. Está tudo bem, tudo bem — entoou ela, tanto para si mesma quanto para o bebê, ao entrar na sala de estar. — Kaa-chan vai fazer com que fique tudo bem.

— Kaa-chan! — exclamou Mamoru quando Misaki entrou na sala a toda, visivelmente abalada, o jiya dela irradiando pânico. — Você está...

— Ajude seus irmãos a vestirem os casacos. Estamos indo — pediu Misaki.

— Estamos o quê? Kaa-chan...

— Chul-hee-kun — disse Misaki, voltando-se para o nortenho, que ainda estava ajoelhado à mesa de estudos de frente para Mamoru. — É melhor você correr para casa, pegar seu pai e deixar a montanha.

— Matsuda-dono, o que aconteceu? A senhora soube de alguma coisa...

— Vai haver tempo para perguntas depois — disse ela. E, pelos Deuses, esperava que fosse verdade. — Agora, apenas obedeça!

Setsuko apareceu à porta.

— O que está acontecendo?

— Você também, Setsuko. Pegue Ayumi e vamos embora.

— O quê?

— Não tenho tempo para explicar — disse Misaki, colocando o casaco de Izumo e passando o bebê para Mamoru, que parecia confuso. — Só precisamos sair daqui, desta montanha.

— Como assim? E para onde vamos?

— Não sei... para a casa dos seus pais — respondeu Misaki quando a ideia lhe ocorreu. — Vamos passar lá primeiro.

A família de pescadores lhes daria abrigo, se necessário, e Misaki tinha certeza de que Setsuko se recusaria a ir embora de Kusanagi sem eles.

— Por quê? Estamos em perigo? — questionou Setsuko.

— De certa... Sim. — A resposta era sim. Misaki só não mencionou que o perigo mais imediato era o próprio marido.

— Bom, eu não posso partir sem Takashi. Ele ainda não chegou — protestou Setsuko.

— Ele é rápido. Vai conseguir nos alcançar se preciso. Com os pequenos, a gente demora mais. Precisamos ir agora!

Misaki nunca vira Setsuko tão apavorada.

— Tá-tá bom, mas e o seu marido? Cadê Takeru?

— Ele vai se juntar a nós em um siira.

Se Misaki queria mesmo comprar tempo para si e para as crianças, deveria

ter feito mais para incapacitar o marido. Durante o momento de surpresa dele, deveria ter atacado seus joelhos ou o deixado inconsciente com um golpe na têmpora. Mas não tinha chegado ao ponto de cometer violência contra ele... tinha?

Tinha?

Parando para pensar, tinha certeza de que Takeru os seguiria. Tinha certeza de que estaria furioso. Era improvável que conseguisse convencê-lo a mudar de ideia, depois de tê-lo desafiado abertamente. Era inevitável que ele os alcançasse. Que tentasse forçá-los a voltar. E aí, ela o machucaria? Será que o enfrentaria de verdade? Dessa linha de raciocínio brotou uma pergunta mais sombria: faria diferença?

Misaki havia lutado com muitos teonitas assustadores, mas Takeru era mais poderoso que todos eles. Será que deveria voltar e incapacitá-lo antes de sair? Talvez fosse sua única chance... Naquele momento, enquanto ele estava com o braço direito inerte e talvez hesitasse em usar seu jiya.

— Kaa-chan — a voz de Mamoru a despertou dos devaneios —, Hiro-kun e Naga-kun estão de casaco. Chul-hee falou que não vai embora até receber uma explicação. O que eu faço agora?

— Mamoru... — disse Misaki, voltando-se devagar para o filho.

Com todo o nervosismo a respeito de Takeru, não considerara que em qualquer daqueles cenários Mamoru estaria presente... Mamoru, que era forte o bastante para virar a balança na direção de qualquer um dos dois. Levando em conta o nível de habilidade, poder e experiência, era bem provável que um confronto pendesse para o lado que Mamoru apoiasse, fosse a mãe ou o pai.

Isso, porém, não podia acontecer.

Não com Mamoru, que era sincero, leal e amava os pais. Nenhuma criança deveria ter que tomar aquela decisão. Só que a realidade era que, se Misaki e Takeru entrassem em combate na frente dele, o garoto teria que escolher. Se ela fugisse com os meninos, sabendo que Takeru os seguiria, estaria

condenando Mamoru ao pecado de levantar a espada contra o pai ou a mãe.

Não podia fazer isso com ele.

Misaki tomou uma decisão.

— Mamoru.

— Oi, Kaa-chan?

— Aqueles trenós de gelo que você faz para Nagasa e Ryota... Consegue fazer um grande para caber sua tia e os quatro pequenos?

— Hã... claro. Acho que sim.

— Ótimo. Você vai fazer esse trenó, colocar todo mundo nele e levá-lo montanha abaixo o mais rápido que conseguir sem causar um acidente.

— O quê? Agora?

— Sim, agora. Vá!

— Ma-mas e você, Kaa-chan?

— Vou logo atrás. — Endireitando os ombros, Misaki se voltou para o corredor outra vez. — Só preciso cuidar de mais um assunto.

Antes que Mamoru protestasse, ela avançou pelo corredor com uma determinação de gelo.

Tinha que golpear Takeru na cabeça, decidiu. Ele não era como os inimigos que enfrentara no passado, que podiam ser incapacitados com um tendão rompido ou um golpe bem dado no joelho. A nyama dele era tão profunda que o tornava capaz de mover água só com o pensamento. Um Takeru com todos os membros quebrados ainda era perigoso. Um Takeru que conseguisse *se contorcer* ainda era perigoso.

Seu coração acelerou conforme a mente buscava traçar todas as reações possíveis da parte dele, qualquer ataque que o homem pudesse desferir e como apará-lo.

Ela virou a última esquina... e encontrou o caminho bloqueado.

— Nii-sama!

Estivera tão distraída com o próprio nervosismo que nem pressentira o

torvelinho da nyama de Takashi entrando na propriedade.

— Misaki, em nome de Duna, o que está acontecendo aqui? — perguntou Takashi. — Por que a porta do escritório do meu irmão está trancada com gelo? Por que está todo mundo em pânico?

O gelo de Misaki entrou num caos. Seu coração parecia querer escapar do peito. Takashi estava ali. Takashi estava ali. Isso mudava tudo. Se suas chances contra um mestre Matsuda eram pequenas, contra dois eram ínfimas.

— O que está havendo? — repetiu Takashi, mais insistente.

O jiya de Misaki fervilhava, sabendo que precisava entrar em ação, mas em dúvida sobre como.

— Eu... — A cabeça de Misaki girava. As palavras não lhe ocorriam.

— Seu jiya está esquisito, irmãzinha — comentou Takashi, franzindo o cenho de preocupação. — Está tudo bem?

Ele estendeu a mão para ela. Se Misaki o atacasse agora, antes que ele tivesse a chance de perceber... mas não. Se levantasse a mão contra Takashi, Setsuko jamais a perdoaria, muito menos iria com ela para um lugar seguro. E não podia ir embora sem Setsuko.

— Responda, Misaki.

Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse mentir, algo se partiu.

A porta do escritório de Takeru explodiu, fazendo pedaços de madeira e gelo voarem para todos os lados.

— O que foi isso? — disse uma voz, e Mamoru surgiu a toda no corredor, com Setsuko e Chul-hee atrás dele. — Kaa-chan, está tudo...

Mas todas as vozes se calaram quando Takeru surgiu no vão da porta. A potência de sua raiva era tão aterradora que ninguém conseguiu falar ou mesmo respirar. Ele deu um passo para o corredor, e todo mundo recuou... todo mundo, menos Misaki, que perdera a capacidade de locomoção.

O braço direito de Takeru ainda pendia inerte, mas ele não precisava usá-lo para prender Misaki. Bastava aquele olhar para imobilizá-la, como uma lâmina

cravada na barriga. A voz dele era capaz de congelar o sol.

— Misaki...

E, com aquelas três sílabas, ela teve certeza de que o marido era capaz de sentir uma emoção. Era capaz de sentir ódio.

Ela esperou, rígida, que o olhar de Takeru se transformasse em gelo sólido e acabasse com sua vida. Incapaz de encará-lo, fechou os olhos. Conhecia o som de uma espada atravessando um corpo humano. Conhecia o frio mortal de uma Lâmina Sibilante. Conhecia a sensação de carregar aquele gelo dentro de si. Estava pronta...

No entanto, o som que a alcançou a seguir não foi o ruído nauseante de gelo atravessando osso. Foi o badalo de um sino. Não sentiu gelo sólido penetrando seu abdômen, mas o toque suave de uma brisa no rosto. Suave. Muito suave, mas nitidamente viva. E, em um instante, os jiya de Misaki, Takeru, Takashi e Mamoru foram varridos por algo estranho... algo mais leve e mais rápido, mas igualmente poderoso.

Misaki reabriu os olhos, apavorada, quando compreendeu do que se tratava. O mundo se reorientou. O medo se expandiu feito uma pupila se dilatando conforme a ameaça mudou dos dois homens Matsuda para algo muito maior, muito pior...

O olhar de Takeru se desviou dela quando ele voltou a atenção para o som inesperado.

— É o sino do templo?

— É o que parece — disse Setsuko, inclinando a cabeça.

— Só pode ser. O noticiário vem nos avisando das tempestades atingindo a costa — comentou Takashi.

— Não é uma tempestade marítima, diretor — respondeu Kwang Chul-hee, verbalizando a conclusão que Misaki estava congelada demais para verbalizar. — São os fonyakalu.

— Kwang-kun — começou Takashi, exasperado, mas qualquer palavra

reconfortante que tenha pensado em dizer foi engolida por um som diferente de tudo que já tinham escutado: um rugido, não exatamente animalesco, nem humano, nem divino, mas algo tremulando entre essas coisas.

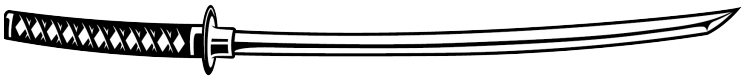
O som sacudiu a montanha, fazendo vibrar as tábuas do assoalho. O sino dos finawu, feito para badalar de forma constante por todos os tempos, acelerou, falhou e morreu em um uivo tão selvagem e oco que poderia ter vindo da boca escancarada do próprio Laaxara.

Quando o vento roçou sua pele, Misaki soube com certeza que a carta de Ya-li tinha vindo tarde demais.

— Eles chegaram.

12

Os ranganeses



O mundo de Misaki saiu do eixo. Foi um estranho salto, passar da ideia de que ia morrer para a ideia de que eles *todos* iam morrer. Um siiranu antes, usara a Agulha de Sangue no próprio marido, estivera pronta para erguer seu jiya contra o cunhado, e Takeru a encarara com um olhar assassino. No momento em que o vento atingiu a casa, porém, o mundo virou como o convés de um navio, jogando todos na mesma direção.

Em meio a rangidos de madeira e nyama estrangeira, Mamoru foi o primeiro a recuperar o equilíbrio. Ele se virou e correu até a varanda da frente. Misaki o seguiu, com Takeru e Takashi logo atrás; guerreiros que tinham estado a dinmanu de voltarem as lâminas uns contra os outros, agora correndo todos no mesmo sentido. Porque, de repente, os desentendimentos já não importavam. Nada mais importaria, se estivessem mortos.

Quando Mamoru abriu a porta, um vento cortante os atingiu.

— Ah! — exclamou ele, parecendo se lembrar de que estava com o bebê no colo apenas quando Izumo começou a chorar. — Desculpe, Izu-kun!

Ele enrolou a criança às pressas nas mangas para protegê-la do vento. O céu estava da cor errada; não era o azul do crepúsculo nem o cinza nebuloso nativo de Takayubi, mas uma escuridão estranha, baça feito ferrugem, com veios de sangue seco.

— Dê o bebê para a sua mãe, Mamoru-kun — disse Takashi, quando ele e o resto da família saíram para a varanda.

— Sim, tio — respondeu Mamoru, com cautela, e entregou o irmão aos prantos para Misaki.

Ela acariciou as costas de Izumo em uma parca tentativa de acalmá-lo, mas seus olhos estavam no horizonte. No mar aberto, a um universo de distância, Misaki conseguia discernir uma faixa de céu ensolarado, que desaparecia rapidamente sob uma muralha de nuvens. Conforme a tempestade se aproximava, o vento aumentou, fazendo as vigas da Academia Kumono envergarem e ganirem tão alto que o som ecoou pela montanha. O Lago Kumono, em geral tão tranquilo, estava encrespado por ondas, e, mais abaixo na montanha, os pinheiros ao redor da vila ocidental se sacudiam para todo lado feito folhas de grama.

Nagasa veio cambaleando para a varanda e foi, de imediato, derrubado pelo vento.

— Cuidado! — exclamou Mamoru, pegando o irmão que chorava e o conduzindo de volta para dentro de casa.

Hiroshi foi esperto e não saiu direto contra o vento, como Nagasa, mas permaneceu na soleira, agarrando-se ao batente para permanecer de pé, o olhar perturbadoramente firme fixo nas nuvens.

— Setsuko, Misaki, levem as crianças para dentro e fechem todas as portas e janelas — ordenou Takashi.

Fechem todas as portas e janelas. Misaki quase soltou uma risada histérica. *De que isso vai adiantar?*

— Olhem! — exclamou Chul-hee, apontando para baixo na montanha.

— Pelo amor de Nami, o que é aquilo? — gritou Setsuko.

As nuvens mais escuras se reuniam sobre o mar, perto da vila de pescadores na base da montanha. Misaki se deu conta do que estava vendo antes de estar pronta para acreditar...

Chul-hee pareceu ter a mesma ideia.

— Não... Não pode ser... — disse ele, baixinho.

Na Alvorecer, era de conhecimento geral que não era possível gerar um vórtex de vento em batalhas. Nenhum fonyaka sozinho tinha tanto poder, e nenhuma equipe possuía coordenação para controlar o vórtex criado. Muitos fonyakalu talentosos — incluindo colegas de Misaki — haviam se ferido tentando usar vórtices de vento como armas. E eram dos pequenos, com menos de doze marcos de tamanho.

A julgar por como o agrupamento de nuvens fazia a vila de pescadores parecer minúscula, aquele ali era muito maior.

— Isso não é... — A voz de Chul-hee adotara um tom horrorizado. — *Não é* possível.

No entanto, bem diante de seus olhares incrédulos, as nuvens giraram e formaram um vórtex sobre a costa. Mesmo que Misaki soubesse que aquilo era feito por fonya humana, mesmo que não acreditasse em qualquer deus celeste, a impressão era de que via o dedo sombrio de uma divindade apontando para a terra.

— Não — disse Setsuko, ao se dar conta do que estava acontecendo. — Esperem! Eles não podem fazer isso!

O ataque era estratégico, percebeu Misaki. Os fonyakalu haviam formado a tempestade em alto-mar, onde chamaria atenção imediata, mas o tornado só baixaria agora que atingira terra firme. Assim, evitavam trazer água do mar para a terra e dar aos inimigos mais material com que lutar... como se os pobres pescadores daquela vila fossem ter alguma chance.

— Não! — gritou Setsuko, conforme a coluna trovejante baixava sobre a vila de sua família. — Esperem! Esperem!

Ignorando seus gritos, o deus celeste trovejou e tocou a costa.

Eles estavam alto demais para ver as casas se partindo ou ouvir os gritos dos pescadores lá dentro, mas Misaki sentiu. A morte de cada teonita causava

uma perturbação na atmosfera. A morte de tantos — todos ao mesmo tempo — a atingiu feito um golpe físico. Normalmente, não conseguia captar nyama de tão longe, mas a neve agiu como um condutor, espalhando a agonia pela coluna dorsal pedregosa de Takayubi. Ela sentiu nas veias o tremor, como um soluço, e então o silêncio caiu. Dezenas de pulsações. Aniquiladas. Em um piscar de olhos.

Misaki não sabia que a concunhada era capaz de produzir um som como aquele.

— Setsuko... — começou Takashi, a voz também embargada. Quando estendeu as mãos para a esposa, ela avançou na direção do vento, como se fosse correr montanha abaixo. — Setsuko, espere! — Ele a pegou antes que a mulher saltasse da varanda e a abraçou com força.

Ela tremia nos braços dele. Seu jiya, em geral leve feito ondinhas espumando na areia, seria capaz de ferver sangue. Takashi a abraçou apertado. Tinha os olhos fechados, como se sentisse cada gota da dor dela, como se pudesse absorver tudo no próprio peito, se tentasse com afinco o bastante.

— Não olhe. — Ele pôs a mão sobre a cabeça da esposa, envolvendo-a em sua nyama como se em um cobertor, conforme as últimas casas lá embaixo eram consumidas pelo vento.

Ele transformou seu poder em uma muralha sólida, protegendo Setsuko dos abalos da destruição, mas ela não parou de tremer. Enterrando o rosto no peito de Takashi, ela gritou. Um som estridente e ferido que não expressava apenas luto. Expressava raiva. Takashi inclinou a cabeça e falou baixinho contra o cabelo dela, depois se virou para os outros.

— Misaki, leve-a para dentro. Não é seguro aqui fora. Takeru-kun... — Ele olhou para o irmão. — Temos ranganeses para matar. Você também, Mamoru-kun. Vamos.

O sangue de Misaki pareceu parar nas veias.

Não.

Mamoru, não. Mamoru, não.

Ela abriu a boca para argumentar que o rapaz era jovem demais, ou que deveria ficar ali e proteger os irmãos, mas de repente se pegou com Setsuko soluçando em seus braços. Apoiando Izumo no quadril, ela segurou a mão trêmula da concunhada e apertou, conduzindo-a para dentro. Mal tinham cruzado a porta quando os homens passaram por elas.

Era costume dos guerreiros de Shirojima rezar para suas espadas e seus deuses antes de uma batalha, mas não havia tempo para o ritual. Takashi mal parou para se curvar na porta do dojo antes de correr até a prateleira de armas e pegar duas espadas em cada mão — Nagimaru e Kyougetsu na mão direita, Namimaru e a espada de Mamoru na esquerda. Ao se virar, ele jogou as katanas para o irmão e o sobrinho.

Ninguém pareceu notar que Takeru pegou a Pináculo da Lua com a mão esquerda e segurou a bainha perolada junto ao corpo enquanto Takashi e Mamoru prendiam às pressas as espadas no quadril. Os dedos da mão direta de Takeru tremulavam. Voltariam a funcionar em breve, mas era óbvio que ele ainda não confiava que pudessem amarrar um nó.

As mãos de Mamoru se moviam depressa, de forma quase maníaca, guiadas por uma energia que Misaki reconheceu. Também costumava senti-la, aquela mistura de adrenalina, determinação e euforia de guerreiro, que era capaz de afogar o medo e a sensatez, sempre que arriscava a vida contra inimigos superiores a ela. Quem sabe tivesse sentido a mesma coisa naquele momento, se fosse a única em perigo. Mas ele era seu filho. Seu filho, tão esperto, ainda em crescimento, e um koro melhor do que ela jamais fora. A vida dele era preciosa demais para arriscar.

— Mamoru... — chamou, mas a atenção de todos estava em Takashi, conforme o patriarca Matsuda amarrava a wakizashi ao lado da katana e se voltava para dar as ordens.

Embora o prefeito fosse o líder oficial da vila, o patriarca Matsuda era o

mais próximo que Takayubi tinha de um comandante militar. Não apenas para Mamoru e Takeru; todo guerreiro naquela montanha responderia a Takashi. Era como o povo ali agia desde muito antes de Jungsan enviar burocratas para supervisioná-los.

— Aquele tornado não tem como subir a montanha — disse Takashi. Era uma suposição razoável; tornados naturais eram típicos do deserto ranganês e das planícies abirianas, não da costa rochosa kaigenesa. — Assim que alcançar a base da montanha, o terreno desnivelado vai dissipá-lo. As pessoas no controle vão ter que descer para a terra, e nós estaremos lá para recebê-las.

— Não tenho tanta certeza, diretor — respondeu Chul-hee.

— Kwang-kun, nem comece com as suas estranhas...

— Ele tem razão, Nii-sama. Aquela coisa lá fora não é um vórtex natural — intrometeu-se Misaki.

Não conseguia nem imaginar o nível de precisão e trabalho em equipe necessários para não apenas gerar um tornado daquele tamanho, mas controlá-lo. Não eram mercenários nem os filhos inexperientes de plebeus que batiam às suas portas; era uma unidade militar altamente organizada.

— Um exército de fonyakalu com o poder de manipular aquele tanto de vento sem dúvida pode levá-lo montanha acima. — Ela não tinha a menor dúvida disso. — Aquele tornado vai estar nos portões da vila em um siiranu.

— Melhor ainda — retrucou Takashi, e Misaki ficou meio horrorizada de vê-lo sorrindo.

— Como é?

— Nos poupa o trabalho de ir ao encontro deles. — Takashi se voltou para Takeru e Mamoru, sua expressão mais vivaz do que Misaki jamais vira. — Esses ranganeses ousaram atacar os parentes da minha esposa, nossos pescadores, na nossa costa. Ousaram zombar dos deuses do nosso oceano. Vamos mostrar a eles o verdadeiro poder dos deuses. E você, garoto da cidade. — Ele apontou para Chul-hee.

— As pessoas ainda estão me chamando assim?

— Você tem aí aquele negócio de que Takeru e Mamoru vivem falando... aquele telefonezinho retangular?

— Sim, diretor — respondeu Chul-hee, pegando o aparelho de info-com do bolso.

— Pode usar para ligar para o nosso governo?

— Hã... Não daqui. Até agora, as torres que montamos só estão funcionando mais acima na montanha.

— Então é melhor você subir correndo — disse Misaki. — Contando que o vento não derrube as torres, esse retângulo talvez seja a maneira mais rápida de avisar o Imperador do que está acontecendo.

Ela não confiava nem um pouco no governo kaigenês, mas no momento aquela era a única chance de Takayubi receber reforços.

— Suba a montanha, e leve isso — ordenou Takashi, pegando uma wakizashi extra da prateleira e jogando a arma embainhada para Chul-hee, que quase a deixou cair. — Caso se depare com problemas.

— Uma espada de menina?

Takashi riu.

— Já o vi lutando, Kwang-kun. Nossas katanas normais são pesadas demais para você.

— Ah. — Chul-hee olhou para a espada de Mamoru e depois para a Pináculo da Lua, de Takeru, que era maior ainda. — Tá certo. Mas, se a gente precisa que alguém alcance as torres o mais rápido possível, devia mesmo ser eu? Quer dizer... Mamoru não é mais rápido?

— Mamoru é muito mais rápido — concordou Takashi —, mas também é um Matsuda. Foi feito para encarar o inimigo, não correr para o outro lado.

— Encarar o inimigo? — disse Chul-hee, incrédulo. — Não sei se percebeu, diretor, mas o inimigo é um tornado. O que vocês vão fazer?

— Matá-lo. Agora, vá!

— Certo. — O tom de Chul-hee era casual, mas ele apertava a bainha da wakizashi com tanta força que os nós dos dedos estavam pálidos. — Foi bom... Estou feliz de ter conhecido todos vocês. — Os olhos dele encontraram os de Mamoru por um instante, e o rapaz baixou a cabeça em uma reverência profunda. — Obrigado por tudo. E não se preocupem. — Ele se endireitou. — Vou conseguir os reforços. Só aguentem firme. — Virando-se, ele correu para fora da casa, gritando para os Matsuda: — Aguentem firme!

Depois que Chul-hee partiu, Takashi se voltou para Setsuko uma última vez e tocou o rosto da esposa com carinho.

— Chega de lágrimas, meu amor. Seus pais, irmãos e irmãs descansarão em paz. Eu vou fazer com que sejam acompanhados pelos corpos mutilados de todos os seus inimigos.

Setsuko assentiu com uma ferocidade que Misaki jamais vira naqueles olhos.

— Faça isso — sussurrou ela.

— Vou jogar tantas almas ranganesas aos pés deles que poderão usá-las como ponte para chegar ao Laaxara. Não se preocupe, meu bem — acrescentou ele para Ayumi, chorando nos braços de Setsuko. — Seu pai vai protegê-la.

Então, eles se puseram em movimento. Estavam de partida. Misaki sentia o mundo lhe escapando por entre os dedos.

— Esperem!

— Não temos tempo, Misaki — disse Takashi.

Ela o ignorou e agarrou o braço de Mamoru. *Fique!*, queria implorar. *Fique onde eu possa proteger você!* Mas era uma ideia absurda. Mamoru era um guerreiro forte. Se não pudesse se proteger, ela não seria de muita serventia.

— Preste atenção na distância que mantém do inimigo — disse ela, em vez disso. — Os fonyakalu são mais perigosos a meia distância, de dois a três marcos. É aí que os ataques deles atingem com mais potência. Fique bem afastado ou bem próximo, com a espada. Não fique muito tempo na zona de

impacto a meia distância.

Apesar da impaciência do tio, Mamoru ouviu com atenção.

— Sim, Kaa-chan.

— E preste atenção na cor dos uniformes — acrescentou Misaki. — Soldados rasos ranganeses usam amarelo. Os guerreiros de elite usam preto. Se vir amarelo, você tem chance. Se vir preto, quero que corra.

— Kaa-chan, você sabe que não posso fazer isso.

— Mas... — *Eu quero que você faça* não era um bom motivo.

— Kaa-chan. — Mamoru segurou os ombros da mãe em um aperto firme (e quando as mãos dele tinham ficado tão grandes e fortes?). — Sou um Matsuda. Não nasci para fazer isso?

A resposta era sim. Havia sido por isso que ela abandonara tudo que amava para se casar com um membro daquela família, por isso aguentara os abusos do sogro e a indiferença do marido por todos aqueles anos, para que a família Matsuda tivesse um herdeiro poderoso, para que Kusanagi tivesse sua lâmina afiada.

Aquele era o maior propósito que qualquer um deles já tivera na vida, e agora Mamoru precisava fazer jus a esse propósito... dar significado a ele. Não podia tomar isso dele. Por isso, respondeu apenas:

— Sim. — Com o coração cheio de angústia, apertou os braços do filho. — Sim, meu filho. Estou orgulhosa de você.

— Não sei se mereço seu orgulho agora, mas vou merecer. Espere só — respondeu Mamoru, sorrindo.

Mamoru se afastou dela, mas Misaki se pegou seguindo o filho e o marido, as mãos estendidas, relutante de deixá-lo partir, relutante... Tinha que haver mais alguma coisa, algum jeito de salvá-los. Ela era a única que já tivera contato com os fonyakalu. Passara anos os observando, treinando com eles. Sabia a teoria por trás dos vórtices de vento, mesmo que jamais tivesse visto um sendo executado com sucesso. Precisava haver alguma coisa em sua

memória...

Pense, Misaki. Pense!

— Não tente atacar o vento em si — disse ela, alcançando a manga de Mamoru. — É mais forte que qualquer teonita sozinho.

— Misaki. Não temos mesmo tempo para isso. Despeça-se... — interrompeu Takashi.

— Não! — bradou Misaki, já pouco se importando com etiqueta. — Escutem!

Jamais ouvira falar de uma pessoa capaz de conter um tornado, uma vez que este se formava. Se alguém fosse fazer isso, seriam aqueles homens, mas apenas se tivessem alguma ideia do que estavam enfrentando.

— Esses vórtices de vento são criados por equipes com duas facções: uma mantém o ar frio circulando por fora, enquanto a outra força ar quente para o centro, para alimentar a corrente de ar ascendente.

Takashi a observava com uma expressão confusa.

— Como você sabe...

— Vocês não vão conter o tornado derrubando os fonyakalu da parte externa, porque tudo que eles fazem é facilitar a passagem do vento que já está em movimento. É a corrente ascendente que alimenta o ciclone. Os fonyakalu mais fortes estarão dentro do vórtex, empurrando o ar quente para cima. Se quiserem acabar com o tornado, são eles que precisam derrubar. Vão ter que encontrá-los dentro do vento.

— Tudo bem... — disse Mamoru, mas dava para ver na cara dele que o garoto não estava entendendo.

— O vento é mais veloz que sangue ou água... mais esporádico... mesmo assim é possível identificar os corpos dentro dele, como peixinhos em um córrego...

— Já chega — disse Takashi, puxando Mamoru para longe da pegada dela. — Temos que ir.

Desesperada, Misaki gritou a última coisa em que conseguiu pensar:

— Takeru-sama!

O marido não se virou. Ela não tinha o direito de esperar que ele lhe desse ouvidos, o direito de sequer lhe dirigir a palavra... mas era sua última chance de salvar o filho.

— O tornado tem pontos vitais, como o corpo humano... como seu braço.

Mamoru olhou para ela por cima do ombro, perdido.

— O que...

— Venha. — Takeru agarrou a frente do quimono de Mamoru com a mão esquerda e o arrastou para a porta. — Sua mãe está falando bobagens.

Mamoru

Mamoru movia-se sem pensar. Seu corpo sabia o que fazer. Todo homem e garoto sabia o que fazer uma vez que o sino de alarme tocasse, o mesmo que seus ancestrais tinham feito durante a Keleba: os homens da antiga vila se reuniam nos portões, então rumavam montanha abaixo para juntar forças aos guerreiros da vila ocidental. Conforme os Matsuda corriam para os portões da vila, o sensei Yukino os alcançou, com seus primos mais velhos e os guerreiros da casa Mizumaki. Juntos, correram montanha abaixo ao encontro dos inimigos.

Mamoru repassara aquela cena na cabeça mil vezes durante as aulas, encarando o teto escuro à noite, antes de pegar no sono, e depois em seus sonhos... desde que tinha idade o suficiente para sonhar. Passara a vida toda se preparando para aquele momento, temendo-o, torcendo para que chegasse. No entanto, mesmo enquanto descia a montanha, mal conseguia acreditar que fosse real.

O céu acobreado tingia a vila, fazendo com que as casas conhecidas se tornassem estranhas e distantes. O som ensurdecedor, como mil jatos de

combate, parecia capaz de romper as barreiras entre aquele mundo e o próximo. Nem mesmo o corpo de Mamoru parecia totalmente real. O vento o deixava, ao mesmo tempo, mais lento e mais leve do que o normal. Rugia contra sua pele, tornando-a dormente e formigante, como a pele de um espírito, como se seu corpo pertencesse àquele guerreiro adulto de seus sonhos... longe, bem longe no futuro, em um dia que talvez jamais chegasse...

— Preciso de números, Takeru-kun! — gritou tio Takashi por cima do vento, enquanto corriam. — Quantos homens em idade de lutar, contando esta vila e a vila ocidental?

— Duzentos e quatro — respondeu Tou-sama, sem hesitar.

— Rá! — Tio Takashi soltou uma risada. — Mais do que suficiente!

A imagem que os recebeu nos limites da vila, porém, fez com que parassem bruscamente, os tabi derrapando na neve. O sorriso sumiu do rosto de tio Takashi, que xingou baixinho e se virou para Tou-sama.

— Sua esposa tinha razão. Aquela desgraça está subindo a montanha!

Não apenas isso; o tornado estava avançando mais rápido do que Mamoru jamais vira qualquer teonita avançar em terra. Já engolira as árvores e as encostas mais abaixo. Em instantes, estaria na fronteira da vila ocidental.

— Temos que descer, Matsuda-dono! Agora! — gritou um dos homens Mizumaki.

Só que nem todos os homens haviam chegado, e já era tarde demais.

— Não! — Mamoru fez menção de correr na direção da vila ocidental antes que ela desaparecesse, mas foi puxado bruscamente de volta.

O sensei Yukino agarrara as costas do seu quimono.

— Espere por ordens — disse o mestre espadachim.

— Mas temos que ajudá-los! — A onda de adrenalina de Mamoru se misturou a uma intensa pontada de dor quando o vento atingiu as casas mais baixas. — Itsuki-kun está lá embaixo! Yuuta-kun! Sua família...

— Não podemos ajudá-los agora. — O sensei Yukino o puxou para trás e,

por um momento, Mamoru sentiu uma pontada insuportável da angústia do mestre espadachim. Mas só por um momento. O sensei Yukino tinha autocontrole o bastante para manter as emoções abafadas. — A única coisa que podemos fazer é vingá-los.

Claro que ele tinha razão. Mesmo correndo montanha abaixo desimpedidos, jamais alcançariam a vila vizinha a tempo. Todos os homens da vila antiga não puderam fazer nada além de assistir, enquanto a maior parte da população de Takayubi era arrancada da face da montanha. Mamoru tentou reprimir seu jiya, sentir o mínimo possível, mas a adrenalina em suas veias não permitiu. Não conseguia bloquear as mortes, assim como não conseguia desviar os olhos da destruição.

Os konoru lutaram. Mesmo de longe, Mamoru sentia o jiya deles rilhando feito dentes contra o vento. Vislumbres de lanças de gelo brotando entre os prédios, que logo se desfaziam em pedaços, junto de todo o resto. Claro, não eram apenas os guerreiros lutando que morriam. Mães e crianças eram arrancadas de suas casas e jogadas contra as pedras. O templo onde Mamoru rezara em todos os feriados e aprendera o nome dos deuses explodiu, as telhas de argila virando pó.

Embora o vento passasse a sensação de nyama, Mamoru não conseguia acreditar que fosse um feito humano. Que humano com uma alma de nyama podia matar konoru e civis em um só fôlego? Aquilo era a obra de demônios.

Quando a angústia diminuiu, Mamoru percebeu que o sensei Yukino não o soltara.

Não foram apenas Yuuta e os outros primos do sensei Yukino que desapareceram naquele vento. Quase todos os alunos do sensei moravam na vila ocidental. Mamoru era o único restante. Ao redor, homens gritavam de raiva. Alguns choravam, e outros caíam de joelhos. O sensei Yukino não caiu nem chorou. Não gritou como Setsuko gritara. Ficou perfeitamente imóvel, os ombros empertigados, olhos fixos adiante, mas, de algum modo, jamais

parecera tão frágil. Era como se tivesse se tornado gelo. Caso se movesse, racharia.

— Sensei... — começou Mamoru, a voz trêmula, mas não sabia o que dizer.

Ele piscou e sentiu lágrimas escorrendo pelo rosto. Crescera com os garotos da vila ocidental, e a perda era como um buraco no peito, mas o sensei Yukino era seu professor. Dedicara anos da vida a educá-los, incentivá-los e vê-los crescer. Eles eram seu orgulho. Ver tudo isso sumir em um instante... Mamoru não conseguia imaginar a sensação.

— Takeru-kun... — A voz de tio Takashi se tornara séria. — Números. Quantos ainda temos? Quantos de cada família?

— Ikeno: doze. Katakouri: nove, contando o menino de 13 anos e o aleijado. Ginkawa: nove, contando o menino de 12 anos. Ameno: seis. Mizumaki: cinco. Yukino: quatro. E Matsuda... — Tou-sama olhou para o filho e o irmão. — Apenas nós três.

— Então, quantos no total?

— Quarenta e oito, Nii-sama.

— Ótimo. — Tio Takashi se virou para encarar os homens reunidos. Apesar da destruição que haviam acabado de presenciar, nenhum deles partira. — Ameno, Ikeno, Ginkawa, para o passo do norte! Formem uma fileira dupla, com Ameno e Ginkawa na frente, Ikeno atrás! Katakouri, vigiem o despenhadeiro e atirem em qualquer fonyaka que tente escalar as pedras.

Por mais alta que fosse a voz de tio Takashi, era impossível que alcançasse todos os homens acima do vento, mas em instantes os guerreiros estavam repassando as ordens para o restante do grupo.

— Espere... — disse Mamoru, conforme os espadachins Ameno, Ginkawa e Ikeno, e os arqueiros Katakouri corriam para cumprir as ordens. — Quem vai proteger o passo do sul?

Tratava-se do mais largo dos dois caminhos montanha acima, e tio Takashi tinha mandado mais de dois terços da força para o outro lado.

— Nós — respondeu tio Takashi. — Yukino, Mizumaki, comigo! — chamou ele, e os onze guerreiros restantes o seguiram encosta abaixo rumo ao passo.

Mamoru fizera aquele caminho quase todos os dias de sua vida. Era a trilha que tomava toda vez que ia visitar os Kotetsu e a vila dos ferreiros, toda vez que ia se encontrar com Yuuta e Itsuki antes de seguirem para a Academia Kumono. Mesmo assim, manchada pela luz acobreada da tempestade, parecia-lhe estranha. Neve e poeira caíam como fantasmas caprichosos, como se o Laaxara estivesse se erguendo para devorar os guerreiros conforme corriam para enfrentar seus inimigos.

— Hyousuke! — chamou tio Takashi, dirigindo-se ao Mizumaki mais próximo, ao passarem pela vila numu. — Vá dizer aos ferreiros para ficarem dentro de casa e fecharem as portas!

O homem assentiu e se separou do grupo.

Tio Takashi ordenou que parassem no ponto mais estreito do passo. Com um movimento do braço, traçou uma linha reta na neve, indo das rochas escarpadas à direita até a base da encosta que levava à Academia Kumono, à esquerda.

— Vamos barrá-los aqui! Nenhum fonyaka cruza esta linha! — gritou ele.

A linha traçada tinha pelo menos uns trinta marcos de comprimento. Mamoru imaginou que um general que quisesse defender uma área daquele tamanho teria enviado uns cinquenta soldados ou mais.

Eles eram apenas doze.

Os homens automaticamente se organizaram por ordem de habilidade, com os Mizumaki mais jovens nas pontas mais protegidas e os poderosos Yukino cobrindo a área aberta no meio do passo, por onde era mais provável que os ranganeses passassem. Ao notar que se colocara junto ao tio e ao sensei Yukino, Mamoru recuou, pensando em ceder seu posto a um guerreiro mais experiente.

— Fique aí mesmo, Mamoru-kun — disse o sensei Yukino, a voz firme, mas

gentil. — Você é um Matsuda, não é?

Engolindo em seco, Mamoru assentiu. Sentiu uma mão em seu ombro e se virou para encontrar o tio sorrindo.

— Parece que você não vai ficar enferrujado, afinal, sobrinho. — Tio Takashi apertou o ombro de Mamoru, que sentiu um choque atordoante de puro prazer. O tio não estava sorrindo apenas para levantar o moral dos outros homens. Estava empolgado.

A montanha tremeu sob seus pés, e tio Takashi tomou posição entre o irmão e o sobrinho. O tornado consumira toda a vila ocidental e a floresta ao redor sem desacelerar, e estava a pouco mais de cem marcos deles — doze homens contra um enorme pilar de vento.

— Protegemos esta linha! — bradou tio Takashi.

— Protegemos esta linha! — ecoaram os outros guerreiros, com igual ferocidade.

— Somos a Espada de Kaigen!

— Somos a Espada de Kaigen!

— Protegemos esta linha!

O vento se ergueu como se reagisse às suas vozes, tentando abafá-las e arrancar a pele de seus ossos, mas os homens de Takayubi permaneceram firmes, pés enraizados na neve.

— Atirem à vontade! — rugiu tio Takashi contra o vento.

Mamoru ergueu seu jiya e tentou formar uma lança, mas era difícil com o vento tentando arrancar a neve de seu controle. Mesmo que conseguisse formar um projétil decente, iria atirar em quê? Estavam encarando uma muralha de vento. Era impossível discernir qualquer coisa naquele redemoinho de neve.

O sensei Yukino foi o primeiro a disparar. Erguendo da neve lanças de um marco de comprimento, ele atirou três em sequência, com toda a força e precisão.

Até onde Mamoru conseguiu ver, os projéteis apenas desapareceram no vórtex, mas, ao olhar para o professor, pegou Yukino sorrindo.

— Acertei alguma coisa.

— Acertou?

— Sim. — Yukino flexionou os dedos calejados e invocou outra lança de gelo da neve. — Só não com força o suficiente. É difícil sentir o alvo e fazer o ataque ao mesmo tempo. Um pouco da força Matsuda me seria útil.

— Como assim?

O sensei Yukino fez um movimento abrangente com as mãos, posicionando a lança de modo que pairasse diante de Mamoru.

— Comece correndo, Mamoru. Depois gire.

Mamoru levou um momento para compreender, então sorriu.

— Sim, sensei!

Ele recuou, contando os passos, depois disparou rumo à lança de gelo. Tomando impulso no chão nevado, girou no ar e acertou o projétil com a base da mão, canalizando todo o jiya através do braço. No último instante, sentiu o jiya do sensei Yukino se unir ao dele em uma inacreditável explosão de poder. O jiya mais controlado do professor, entrelaçado ao dele, conduziu a lança através do vento até o alvo. Mamoru se sobressaltou ao senti-la atingir algo sólido.

Os sentidos do sensei Yukino eram tão afiados que ele conseguia detectar os corpos em meio ao redemoinho de leve, como Kaa-chan dissera... como peixinhos em um córrego.

— De novo! — gritou o sensei Yukino, despertando Mamoru de seu maravilhamento.

— Sim, sensei!

Desde que o sensei Yukino lhe dissera como aperfeiçoar a técnica, meses antes, Mamoru treinara o lançamento com giro. A mira ainda podia melhorar, mas ele conseguia disparar os projéteis com alta potência por uma waati sem

se cansar.

Por toda a fileira, os outros jijakalu estavam replicando a técnica, formando duplas para atirar projéteis no redemoinho. Apenas Tou-sama e tio Takashi tinham poder para lançar seus ataques sem assistência. Em um siira, uma nuvem de gelo bem direcionado chovia sobre o tornado iminente.

Mamoru sentia que estavam atingindo corpos. Mesmo dependendo da mira superior do sensei Yukino, seu jiya ainda captava a sensação vaga do gelo acertando carne — uma vez atrás da outra. Estavam derrubando fonyakalu, mas o vento não desacelerava.

A um aceno de tio Takashi, Tou-sama, o sensei Yukino, os mais velhos dos Mizumaki e Mamoru se juntaram a ele. Mesmo de perto, era difícil ouvir a voz de qualquer pessoa acima do rugido do vento.

— Estamos acertando os fonyakalu. Por que o tornado não para? — disse tio Takashi.

— Eles devem ter substitutos. Assim que um soldado cai, outro assume o lugar — explicou o sensei Yukino.

— O que a gente faz? — perguntou Mizumaki Hyousuke.

— Precisamos nos livrar daqueles que são insubstituíveis. Precisamos destruir a fonte de poder do vórtex — respondeu Tou-sama.

— Como? — perguntou o irmão mais velho de Hyousuke, Toki.

O murmúrio de Tou-sama soou tão baixo que Mamoru quase não o ouviu sob o vento.

— Agulhas.

— Quer dizer lanças, Matsuda-dono? — corrigiu Toki. — É o que estamos tentando! O vento é forte demais! Mal conseguimos passar pelo vento ao redor do vórtex.

— Mizumaki-san tem razão. Como vamos conseguir atingir o centro? — disse o sensei Yukino.

— Nenhum de vocês consegue. — Tou-sama estava massageando o braço

direito, os olhos fixos no tornado que se aproximava. — Deixem comigo.

— O quê?

— Continuem atirando lanças. Derrubem o máximo de fonyakalu que puderem.

Dando as costas ao tornado, ele dobrou um joelho, apoiou as mãos no chão e fechou os olhos. Em um instante, seu jiya passou da agressividade da luta para uma calma perfeita.

— O que ele está fazendo? Matsuda-dono! — Mizumaki Hyousuke estendeu a mão para o ombro de Takeru.

— Não, espere! — Mamoru agarrou a manga de Hyousuke e o conteve. — Ele está meditando.

— Meditando? Rezar não vai adiantar de nada agora! Precisamos que ele lute! — disse o Mizumaki, incrédulo.

— Só espere — insistiu Mamoru.

Mamoru levava algumas waatinu para alcançar o estado mais profundo de meditação, mas, uma vez que chegava lá, conseguia sentir cada gota d'água e floco de neve se movendo na montanha. Se a concentração lendária do pai fosse o bastante para que ele atingisse o mesmo estado naqueles poucos e preciosos momentos, talvez tivessem uma chance.

Tio Takashi pareceu concordar.

— Voltem às posições! Fiquem nelas até o vento morrer.

— Até o vento morrer? — repetiu Hyousuke, cético.

— Você confia nos seus senhores, não confia, Mizumaki-san? — desafiou o sensei Yukino.

Hyousuke hesitou, mas assentiu e voltou para seu lugar junto a Toki e os outros Mizumaki.

Mamoru e o sensei Yukino tentaram atirar mais projéteis no tornado, mas o vento ficara tão forte que nenhum jijaka conseguia dar um passo sem arriscar cair.

O sensei Yukino gritou alguma coisa que Mamoru não ouviu sob o rugido ensurdecedor, mas, pelo movimento dos lábios dele, pareceu “Enraizar!”.

O garoto obedeceu, subindo a neve até seus joelhos e a transformando em gelo para segurá-lo à encosta da montanha. Já não conseguia ouvir mais nada. Seu cabelo machucava o rosto ao ser chicoteado pelo vento.

Por mais forte que fossem sua postura e seu gelo, Mamoru percebeu que, se ficasse mais tempo contra o vento, suas canelas simplesmente se quebrariam. Precisou de toda a força para curvar o corpo para a frente e cair de joelhos. Encolhido na neve, fez um casulo de gelo ao redor de si. Tou-sama ainda não se mexera... imóvel feito a própria montanha diante do vento.

O vórtex estava quase os alcançando. Mamoru se perguntou como seria morrer atingido por um tornado. Será que seria arrancado da neve feito uma árvore arrancada pelas raízes e então esmagado contra a encosta? Ou seria mais lento? E se ele fosse mais teimoso? E se ele se agarrasse à encosta, será que o vento levaria a carne dos seus ossos? Ele tinha certeza de que ia descobrir...

Então, Tou-sama se moveu.

Fisicamente, foi um movimento mínimo, um tremor brusco dos dedos. Mas foi como se um fio se rompesse. Algo mudou. O vento ainda girava, mas de repente enfraqueceu, perdeu aquela fúria sobrenatural.

Quando Mamoru ousou erguer a cabeça, testemunhou o vórtex de vento se desfazer, dispersando-se em nuvens fragmentadas. Os destroços choviam pela encosta.

A maioria dos homens pareceu não entender o que acontecera, mas tio Takashi se virou para o irmão, sorrindo.

— Muito bem, Takeru-kun!

Na neve abaixo, Mamoru vislumbrou dois corpos em uniformes pretos caídos e imóveis. Um momento depois, um terceiro corpo atingiu o chão diante deles, sobressaltando o garoto.

Enquanto Mamoru se afastava do fonyaka caído, tio Takashi foi até ele, enfiou o pé sob o corpo inerte e o virou para revelar a ferida que o derrubara. O furo em si era quase invisível, mas Mamoru sentia o sangue escorrendo do peito do fonyaka e encharcando os botões de tecido preto do uniforme. O rosto do homem fora esmagado e desfigurado na queda, mas o cabelo ainda estava arrumado, preso na longa trança característica dos guerreiros ranganeses.

Mamoru se pegou incapaz de desviar os olhos daquele corpo destruído — a carne, o sangue e o cabelo. Não importava quanto tempo olhasse, era só um homem. Só um homem. O vento que escurecera o céu e rugira feito um deus... seu coração fora humano.

— Foi assim que você matou todos eles? — perguntou tio Takashi, observando o furo no peito do fonyaka.

— Só tinha três no centro do vórtex. — Tou-sama se pôs de pé com tranquilidade e ajeitou o hakama. — Desculpe, Nii-sama. Demorei um pouco para discernir todos os corpos de uma vez.

Era difícil processar o que o pai acabara de fazer. Para perfurar o peito daqueles fonyakalu, ele não apenas tivera que acompanhar a oscilação de um milhão de flocos de neve se movendo a uma velocidade inacreditável... como controlá-los. Havia sido sobre-humano. Era por isso que diziam que o sangue dos deuses corria nas veias dos Matsuda.

— Ainda não sei como você faz isso — disse tio Takashi, balançando a cabeça com admiração.

— Eu escuto a montanha.

— E o que a montanha disse a você, além de onde atacar, irmãozinho?

— Que estamos em desvantagem, de vinte para um — respondeu Tou-sama.

Mamoru encarou o pai, impressionado. Ele não apenas matara os fonyakalu que alimentavam a corrente ascendente, mas, durante sua meditação profunda, tivera a presença de espírito de contar os corpos estrangeiros na montanha.

— Vinte para um? — Takashi fez um som de desdém. — Esses ranganeses são uns idiotas se acham que podem nos desafiar com esses números.

— Não é o número que me preocupa. No fim, o que importa é a competência dos guerreiros que trouxeram — disse o sensei Yukino.

— Voltem às suas posições! — gritou Takashi para os Yukino e Mizumaki que cambaleavam pela neve. — A luta não acabou. Tem inimigos chegando!

— Não vejo muitos — observou Mamoru, estreitando os olhos para a vista branca.

Tou-sama ergueu a mão e dissipou a névoa adiante. Na frente das ruínas da vila ocidental havia uma muralha de uniformes amarelos — centenas de soldados rasos em formação. Bandeiras foram desfraldadas, revelando o dragão preto de Ranga empinado contra o sol vermelho-sangue. Aqueles homens deviam ter seguido o tornado montanha acima, passando por cima dos cadáveres e das casas derrubadas.

Mamoru sentiu um arrepio subir pela coluna ao se dar conta de que, no mesmo instante em que enxergaram os soldados de amarelo, os ranganeses também os viram.

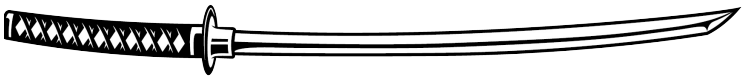
O contato visual causou um momento de completa imobilidade.

Então, um som se elevou dos ranganeses. Um grito de guerra, brutal e humano, que abalou Mamoru mais do que o rugido do tornado. Pela primeira vez, aquele sonho acobreado solidificou-se em realidade.

Os ranganeses dispararam montanha acima.

13

O dragão



A unidade de assalto ranganesa precisava atravessar muitos marcos de neve, mas era veloz. Sem o barulho do tornado, foi possível voltar a ouvir o que tio Takashi estava dizendo.

— Protejam a linha!

Dos doze homens que formavam a fileira, dois tinham desaparecido — arremessados pela ventania. Daqueles que haviam conseguido se ancorar na neve, apenas alguns estavam se levantando.

— Protegemos esta linha! — bradou tio Takashi mais uma vez, e aqueles capazes de ficar de pé ecoaram o grito por todo o passo.

— Protegemos esta linha!

Tio Takashi não pareceu muito irritado com a diminuição de suas forças.

— Vocês três — disse ele a Tou-sama, ao sensei Yukino e a Mamoru. — Abram mais espaço e compensem aqueles que perdemos.

Quatro, pensou Mamoru, observando a fileira. *Perdemos quatro guerreiros.* No momento, havia apenas oito — os três Matsuda, o sensei Yukino, dois primos de Mamoru e os dois Mizumaki mais poderosos. Como poderiam oito homens defender aquele passo contra um exército inteiro?

Como se lesse seus pensamentos, tio Takashi levantou os braços e elevou um fluxo de nyama tão poderoso que fez o garoto estremecer. Lançando os

punhos adiante, o homem fez sua nyama jorrar montanha abaixo em uma única onda massiva. Empurrada pelo poder dele, a neve se ergueu para formar um exército de estacas despontando do chão na direção do exército que avançava.

Se Tou-sama era um exemplo perfeito da precisão Matsuda, tio Takashi era a personificação da força da família. Mamoru jamais conhecera outra nyama capaz de igualar a potência do oceano.

As estacas de tio Takashi encontraram a linha de frente dos fonyakalu em uma explosão de gelo e carne. Foi como ver espuma branca se formar no topo de uma onda prestes a se quebrar... só que aquela era vermelha. O sangue jorrou dos fonyakalu empalados e retalhados pelas estacas, mas alguns conseguiram escapar. De início, Mamoru não entendeu como, pois as estacas de tio Takashi cobriam praticamente cada koyin do chão. De alguma forma, eles estavam saltando sobre a floresta de gelo.

— Eles voam? — perguntou Mamoru, com uma mistura de pavor e admiração.

— Não — respondeu o sensei Yukino, os olhos perspicazes focados no movimento dos fonyakalu. — Eles disparam sua fonya contra o chão para permanecerem no ar.

Quando os soldados chegaram mais perto, Mamoru viu que ele tinha razão. Os ranganeses não voavam de verdade. Conforme começavam a cair rumo às estacas, moviam as mãos ou os pés na direção do chão, soltando um jorro concentrado de vento que os propelia de volta ao ar.

— Eles são como folhas... — disse Mamoru. Uma revoada de folhas amarelas que nunca tocava o chão trazida pela brisa.

— Bom, vieram na estação errada. O outono morre nas presas do inverno. — Tio Takashi assentiu para o irmão. — Vamos manchar esse amarelo com mais vermelho.

Quando um fonyaka na frente do grupo começou a descer entre duas das

estacas de tio Takashi, uma terceira brotou do chão, empalando-o na barriga. Um instante depois, mais três fonyakalu tentaram pousar e foram perfurados por estacas tão límpidas e retas que só podiam ser fruto do jiya de Tou-sama.

Era assim que os irmãos trabalhavam em equipe: tio Takashi liderava com sua personalidade decidida e seu poder extraordinário, e Tou-sama o seguia, preenchendo as lacunas com sua precisão única.

Os irmãos pegaram o ritmo. Tio Takashi erigia muralhas de estacas que acertavam os fonyakalu mais desajeitados na descida, e Tou-sama fazia brotar lanças nos espaços onde os fonyakalu mais cuidadosos tentavam aterrissar.

O sensei Yukino tinha uma abordagem distinta, formando e disparando lanças que derrubavam os inimigos no ar. Alguns jijakalu tentavam fazer o mesmo, mas o problema de mirar nos fonyakalu era que estes estavam *em movimento* e usavam correntes de ar para mudar rapidamente de direção. O sensei Yukino acertava os disparos, mas os Mizumaki que não tinham o controle impecável dele não estavam tendo a mesma sorte. Mas não importava quantos soldados de amarelo derrubassem, o exército continuava avançando. Para cada soldado abatido pelo gelo, surgia outro logo atrás. Os fonyakalu mais próximos já estavam a poucos marcos de distância — perto o bastante para contra-atacar.

A primeira rajada de vento derrubou um dos guerreiros Mizumaki. Mamoru passava os olhos pelos fonyakalu se aproximando, tentando descobrir de onde o ataque tinha vindo, quando de repente se viu caído de costas na neve.

Foi atordoante ser atingido por algo que não conseguia ver nem ouvir. Se um golpe de fonya causava alguma disrupção na atmosfera, era difícil demais de distinguir em meio àquela confusão de redemoinhos de ar. Ele não fora treinado para captá-la.

— Levantem-se! Não desistam! — rugiu tio Takashi.

Mamoru se pôs de quatro e tentou se levantar, a lança de gelo já pronta...

mas foi nocauteado por outra rajada de vento, mais forte do que a primeira. Lembrou-se do aviso de Kaa-chan: *Os fonyakalu são mais perigosos a meia distância, de dois a três marcos. É aí que os ataques deles atingem com mais potência.*

Os fonyakalu mais próximos ainda estavam a vários marcos de Mamoru e dos outros espadachins. Uma vez que se aproximassem, seus ataques de vento invisíveis fariam mais do que apenas derrubar os homens; seriam fatais.

Num momento de genialidade, alguém — Tou-sama, a julgar pela competência discreta da manobra — ergueu a neve sob seus pés para criar um véu de partículas de água. A película composta por jiya não era densa a ponto de obscurecer os soldados que avançavam, pelo contrário: trouxe uma abençoada nitidez.

Quando o próximo fonyaka atacou, o golpe ondulou pelas moléculas de água, criando uma fissura visível no véu. Ao detectar o vento se aproximando, Mizumaki Hyousuke, que era o alvo, se desviou e contra-atacou, atravessando o peito do fonyaka com uma lança.

Mamoru se esquivou de uma rajada de ar e reuniu seu jiya, mas sequer teve tempo de formar a lança antes de precisar se desviar de outro golpe poderoso de vento. Mesmo que a camada de água permitisse detectar os movimentos do ar, eles eram muitos. Os fonyakalu estavam chegando a distância de ataque perfeita rápido demais.

— Não desistam! — ordenou tio Takashi outra vez.

No entanto, com tantos fonyakalu vindo na direção deles, voando ou contornando as estacas e passando por cima das formações de gelo, era impossível atacar e defender ao mesmo tempo.

Ao perceber isso, tio Takashi mudou as ordens.

— Escudos! Formem escudos e mantenham as posições! — gritou ele para a fileira.

Mamoru ergueu uma espessa muralha de neve diante de si bem a tempo. Duas rajadas de vento atingiram o outro lado. O gelo rachou, e Mamoru se

apressou a remendá-lo. Pressionando as mãos no escudo, criou uma camada de neve mais macia no exterior, torcendo para que amortecesse o impacto do ataque seguinte, mas se defender do vento se provou diferente de se defender de lâminas ou cassetetes. O próximo golpe dispersou a neve e quase despedaçou o gelo abaixo. Apenas a força determinada do jiya de Mamoru impediu o escudo de se partir em mil pedaços.

Escudos de gelo racharam e estilhaçaram por toda a fileira, mas o sensei Yukino passava os dias ensinando e treinando no platô da Kumono, um dos lugares mais ventosos da montanha. Ele sabia formar um escudo que suportava um vendaval.

Mamoru sentiu o jiya do professor se elevar diante dele, refazendo seu escudo falho em um formato côncavo e grosso que desviava até os mais fortes golpes de vento.

— Boa ideia, Dai — disse tio Takashi, erguendo a mão.

Combinando seus jiya, os dois mestres jijakalu erigiram escudos côncavos à frente de toda a fileira para proteger os companheiros.

— Fiquem atrás da barreira! Aguentem firme! — gritou Takashi.

— Aguentem firme! Aguentem firme! — ecoaram os homens da fileira.

Foi só quando uma mão agarrou a parte de trás de seu quimono e o sensei Yukino repetiu a ordem que Mamoru percebeu que estivera parado.

O sensei Yukino o puxou para a barreira, e Mamoru espalmou as mãos no escudo. Por instinto, firmou seu jiya na muralha, cedendo sua força ao gelo. As explosões de vento tinham se tornado mais potentes, mas com oito jijakalu poderosos para manter a barreira bem pensada do sensei Yukino, a defesa se sustentou.

Mamoru só percebeu que estava tremendo quando tentou falar.

— E a-agora?

— A gente fica aqui e espera o inimigo — disse tio Takashi.

— Então, não vamos fazer nada para impedi-los? Vamos só deixar que

passem pela barreira? — perguntou Mamoru, perdido.

— Vamos deixar que cheguem bem perto — confirmou Takashi, assentindo. Ele deslizou a mão para o punho azul de sua wakizashi, Namimaru. — Bem onde os queremos.

Os fonyakalu já estavam quase em cima deles. Mamoru ouvia o zumbido estranho da fonya deles e seus pés amassando a neve. Respirando fundo, ele segurou o punho da espada. Em geral, tocar a arma lhe dava forças, o acalmava...

O primeiro soldado de amarelo passou voando por cima da barreira...

E Mamoru congelou.

Nunca tivera problemas em fazer alguma coisa. Sempre era o primeiro a reagir, o primeiro a entrar em ação. De repente, porém, no momento em que mais importava, era como se Mamoru não fosse ele mesmo; apenas uma sombra de si, vendo um soldado ranganês musculoso aterrissar à frente e atacar.

Por puro reflexo, puxou a espada da bainha e desferiu um golpe, que fez o fonyaka recuar. Se tivesse estado focado e pronto, Mamoru o teria facilmente o ferido de maneira fatal, mas ele *não estivera*. A ponta de sua espada apenas roçou a frente do uniforme do fonyaka.

Quando o inimigo cambaleou, as mãos bem-treinadas de Mamoru ajustaram a espada para desferir um corte de cima para baixo, mas sua mente não conseguiu levar o ataque a cabo. Não conseguiu golpear.

O fonyaka aproveitou o momento de hesitação para dar um chute na barriga do garoto, que sentiu uma dor excruciante percorrer seus ossos. Mamoru bateu com as costas no escudo do sensei Yukino, a cabeça acertando o gelo e fazendo estrelas brotarem diante de seus olhos. Piscou para se reorientar e tentou adotar uma postura defensiva, mas era tarde demais. O fonyaka já estava armando um ataque, que, daquela distância, com certeza o mataria. Com a cabeça girando e o jiya em caos, Mamoru não conseguiria se

defender ou contra-atacar a tempo.

O fonyaka ergueu a mão.

Então seu corpo deu um solavanco. A ponta curvada de Nagimaru despontou do peito do soldado. No momento seguinte, a companheira mais curta da espada, Namimaru, separou a cabeça do homem do pescoço.

A katana foi recolhida, e os dois pedaços do fonyaka despencaram no chão, revelando tio Takashi respingado de sangue, com uma espada em cada mão e uma expressão furiosa.

— O que está fazendo, garoto?

— De-desculpe, tio! Eu...

— Se não vai lutar direito, então saia do caminho!

Passando o cabo curvado e ensanguentado de Nagimaru por trás da cabeça do garoto, tio Takashi o afastou do escudo e o empurrou para trás bem no momento em que mais um grupo de fonyakalu chegou voando por cima da muralha.

Os Matsuda normalmente eram destros, mas tio Takashi era ambidestro. Com sua katana, Nagimaru, na mão direta, e a wakizashi, Namimaru, na esquerda, ele atravessou os cinco fonyakalu com um único giro.

Mamoru cambaleou para evitar o jorro de sangue e sentiu uma mão firme no braço.

— Seja meu apoio — ordenou o sensei Yukino, a voz firme e calma como sempre.

— O-o quê?

— Fique aqui — disse o sensei, afastando-o ainda mais da muralha. — Vigie minha retaguarda. Cuide de qualquer fonyakalu que conseguir passar por mim ou pelos meus primos.

— S-sim, sensei — respondeu Mamoru, com esforço, mas Yukino já estava se virando para os fonyakalu, a katana em riste.

A espada do sensei Yukino era Takenagi, a Cortadora de Bambu, uma

arma elegante com uma empunhadura verde-sálvia e uma guarda de folhas de bambu prateadas. Era a arma de forja Kotetsu mais antiga ainda em uso, passada adiante pela linhagem Yukino por diversas gerações, mas Mamoru não conseguia imaginar que ela pudesse combinar com qualquer outro portador mais do que com Yukino Dai. Mais curta que a Kyougetsu de Tou-sama e mais fina do que a Nagimaru de tio Takashi, Takenagi tinha sido feita para ser veloz... como seu mestre.

Em seu auge, o sensei Yukino fora um dos espadachins mais velozes da história. Agora, com o dobro da idade de Mamoru, ainda possuía uma velocidade imbatível entre os guerreiros de Takayubi. Sua arte não consistia em técnicas complicadas e truques chamativos, mas uma execução perfeita do básico numa velocidade três vezes maior que a de um espadachim comum.

Era estranho como pareceu natural a imagem do sensei Yukino atravessando o infeliz primeiro fonyaka com sua Takenagi e pintando a neve de sangue. Mamoru havia lutado e treinado com aquele homem por tantos anos que já conhecia seus movimentos como os passos de uma dança. Era hipnotizante ver aqueles passos e estocadas tão familiares e reconfortantes sendo usados para decepar cabeças, estripar e disparar jorros de sangue na branquidão.

Em seu quimono e hakama cinza, o sensei Yukino se misturava à neve. Muitos fonyakalu que investiam provavelmente eram aniquilados por sua espada antes mesmo de registrarem sua presença. Ele se movia com velocidade e eficiência, posicionando-se de modo que não mais que dois fonyakalu o alcançassem por vez, tornando combates de muitos contra um combates de um contra um. E no um contra um, havia poucos guerreiros vivos capazes de enfrentar Yukino Dai. Mamoru notou, admirado, que o mestre espadachim nunca precisava de mais que um golpe para derrubar um soldado. Nenhum movimento era desperdiçado.

O branco da montanha deu lugar a um córrego vermelho.

Apesar da vantagem numérica, os fonyakalu estavam lutando com uma desvantagem fatal. Incapazes de fazer o vento penetrar a barreira repelente do sensei Yukino, precisavam pular por cima dela e aterrissar em terreno perigoso: com os jijakalu à frente e uma muralha de gelo inquebrável às costas. Entre a muralha e os espadachins, os ranganeses não tinham os dois marcos necessários para lançar seus ataques de vento com potência máxima, e não estavam preparados para lutar tão de perto com os homens de Takayubi.

Cada soldado ranganês carregava o que parecia uma espada padrão e uma adaga mais curta, mas estas eram de aço de qualidade inferior. Quebravam-se tão fácil contra o aço Kotetsu dos jijakalu que pareciam até gravetos.

Alguns talvez tivessem conseguido se propelir mais adiante e atacar os jijakalu por trás, só que tio Takashi escolhera aquele local por um motivo. A encosta atrás deles era íngreme e coberta de gelo escorregadio. Sem um jiya que lhes permitisse firmar os pés, os fonyakalu que tentavam saltar acabavam escorregando de volta para a zona de perigo, isso se o gelo de um Matsuda ou um Yukino não brotasse do chão para perfurá-los antes. Dezenas e dezenas de soldados de amarelo saltaram para a armadilha mortal, e os corpos começaram a formar pilhas na neve avermelhada.

Enquanto o sensei Yukino dava cabo de seus inimigos com um golpe preciso por vez, tio Takashi despedaçava os fonyakalu com selvageria, quase mais rápido do que os inimigos conseguiam atacá-lo. Ele girava, rosnando e sorrindo ao mesmo tempo, uma lâmina cintilando atrás da outra, como se quisesse ver quanto sangue conseguia derramar de uma vez.

Quando Nagimaru se cravou nas costelas de um fonyaka, tio Takashi apenas soltou a arma. O pobre soldado que avançou para tirar vantagem dessa abertura de repente foi empalado por uma Lâmina Sibilante. Rindo, tio Takashi girou e partiu outro soldado ao meio com sua lâmina de gelo e atirou Namimaru no peito de outro fonyaka que se aproximava. Ao fim do giro, tinha uma Lâmina Sibilante em cada mão.

Tio Takashi era o único homem a ter brandido duas Lâminas Sibilantes de uma vez. Segundo as histórias, seu mestre, Matsuda Mizudori, não aprovara o feito, argumentando que as duas Sasayaibas de Takashi não eram manifestações perfeitas da técnica; não tanto quanto seriam se ele concentrasse seu jiya para moldar apenas uma. No entanto, as espadas pareciam cumprir muito bem seu propósito, atravessando músculos e ossos dos fonyaka como se nada fossem.

O patriarca Matsuda rugiu, e a energia em sua voz não parecia ódio. Na verdade, pelo sorriso no rosto dele, Mamoru quase teve a impressão de que o tio *amava* aqueles invasores ranganeses — mais do que amava a esposa, a filha, ou qualquer outra pessoa no reino do Duna.

— Venham! — berrou ele, finalizando mais um giro sangrento, com aquele brilho maníaco nos olhos. — Isso é tudo que vocês têm, Ranga? Venham!

No entanto, nenhum outro fonyaka pulou a muralha ao encontro deles.

De repente, tudo ficou em silêncio.

O único som era a respiração ofegante dos espadachins de Takayubi e o terrível gorgolejo dos poucos ranganeses moribundos a seus pés.

Mamoru correu os olhos pela neve manchada de sangue, tentando estimar o número de cadáveres ranganeses. Havia muitos, dezenas e dezenas, mas os soldados subindo a montanha chegavam às centenas. Então, por que tinham parado?

— O que eles estão fazendo? — perguntou Mizumaki Hyousuke, cansado.

— Estão abalados — respondeu o sensei Yukino. — Provavelmente estavam esperando nos derrotar com facilidade. Se forem espertos, vão recuar para se reagrupar e repensar a estratégia. — Ele se virou para Takashi. — Podemos fazer o mesmo, Matsuda-dono?

— Sim. — Tio Takashi assentiu, embora houvesse ferocidade nos olhos vidrados, que pareciam encarar através do sensei. A mente dele estava perdida na emoção da batalha. Ele estava encharcado de sangue. — Sim, podemos. —

Ele piscou para afastar a euforia da luta, limpou um pouco do sangue da roupa e se voltou para os homens. — Ainda somos oito, certo?

— Sim, Matsuda-dono — respondeu o sensei Yukino.

Mizumaki Toki estava ferido, mas todos seguiam de pé.

— Mamoru-kun — disse tio Takashi, olhando de soslaio para a lâmina limpa do garoto. — Você não matou nenhum fonyaka. — Seu tom era mais de surpresa do que de qualquer outra coisa.

— Você não deixou nenhum deles passar — respondeu Mamoru, a voz fraca.

Tio Takashi gargalhou; um som alto e meio frenético, que, normalmente, ele só emitia quando estava bêbado.

— Não. — Ele riu. — Acho que foi falta de educação da nossa parte, não foi, Takeru-kun?

Tou-sama olhou para o irmão, mas não dignou nenhuma resposta à piada. Parecia ter aniquilado uma quantidade absurda de fonyakalu com aquele jeito quieto e eficiente. A julgar pelo número de cadáveres a seus pés, tinha matado tanto quanto o irmão... no entanto, dera um jeito de fazer isso quase sem se sujar de sangue.

A luta havia transformado tio Takashi e o sensei Yukino, deixando o primeiro com um olhar selvagem e o segundo com o jiya superalerta, mas Tou-sama estava praticamente inabalado. Exceto pelos pingos vermelhos e pela respiração um pouco acelerada, mantinha a aparência imaculada de sempre. Como se derrotar um pequeno exército não o afetasse em nada.

Desfazendo sua Lâmina Sibilante, ele seguiu até onde a Pináculo da Lua despontava do peito de um fonyaka caído e a puxou, limpando a espada para restaurar seu brilho celestial antes de devolvê-la à bainha.

O problema de espadas de aço — mesmo espadas incríveis como aquelas — era que havia uma quantidade limitada de corpos que podiam atravessar até começarem a perder o fio. Uma Lâmina Sibilante não apresentava tal desvantagem. Era comum que um Matsuda passasse a usar sua Sasayaiba

depois de derrubar dez homens. Mamoru imaginou que Nagimaru, Namimaru e Kyougetsu tinham todas sido levadas até muito além do limite àquela altura. Havia tantos corpos...

Mamoru sonhara muitas vezes em estar em campos de batalha, mas aqueles sonhos pueris não levavam em conta a quantidade de sangue. Estava acostumado a sentir o sangue em todas as suas consistências, mas despreparado para vê-lo encharcar o mundo. Era pesado, nauseante. Estavam em Takayubi, um lugar límpido, limpo, cheio de fontes cristalinas e neve branca e pura. Não parecia certo vê-la dominada pelo ferro pesado de todo aquele vermelho. Pela primeira vez na vida, Mamoru pensou compreender por que seu avô Susumu sempre considerara o sangue e sua manipulação algo "sujo".

— Voltem às suas posições — comandou tio Takashi.

Quando o tio gesticulou para que voltasse à fileira, Mamoru teve que passar por cima de um braço decepado e de uma poça de órgãos inidentificáveis.

Os finawu diziam que os jijakalu e os fonyakalu tinham fervilhado no mesmo mar primordial antes que a lança de Nagi tocasse as águas e os despertasse para a forma humana. Será que haviam sido todos assim, na aurora do mundo, antes que o poder de Nagi os tornasse humanos? Uma confusão borbulhante de carne e espuma do mar? Distraído, Mamoru se pegou passando o polegar pelos deuses serpentes que formavam a guarda de sua espada. *Nami. Nagi. Isso é tudo que somos? Apenas carne e sangue? Tanto sangue...*

— Mamoru-kun.

A voz o arrancou de seu transe maculado de vermelho. O sensei Yukino o encarava, preocupado, mas, por algum motivo, Mamoru só conseguiu prestar atenção nos respingos de sangue no rosto pálido dele.

— Estamos com um número reduzido demais para que eu continue o protegendo. Você é um guerreiro forte o suficiente para encarar esses soldados.

É mesmo. Mas precisa estar pronto...

O sensei Yukino foi interrompido por um estampido que fez os dois se sobressaltarem. Gelo voou em todas as direções, e Mamoru viu o professor arregalar os olhos. Alguém tinha atravessado a barreira.

— Mas... — disse um dos outros Yukino. — Como...

Antes que ele pudesse completar a frase, houve outro estampido. A rajada de vento foi tão potente que não apenas destruiu um marco inteiro da barreira como fez Mamoru recuar alguns passos. Choveram pedaços de gelo. Com o meio da barreira derrubado, Mamoru e os outros voltaram a ver a encosta da montanha.

O sensei Yukino tinha razão; os fonyakalu haviam recuado para se reagrupar. Os soldados de amarelo, em número consideravelmente menor, tinham voltado vários marcos montanha abaixo... só que agora não estavam sozinhos. Havia novos soldados com eles. Soldados de preto.

Mamoru sentiu um calafrio de apreensão lhe percorrer a coluna ao se lembrar das palavras da mãe. *Soldados rasos ranganeses usam amarelo. Os guerreiros de elite usam preto. Se vir amarelo, você tem chance. Se vir preto, quero que corra.*

Ele apertou mais a espada.

— Aqueles de preto são os mais fortes, certo? — disse tio Takashi, com um brilho voraz nos olhos.

— Eles romperam a barreira de Yukino-dono — comentou um dos primos Yukino, conforme as fileiras refeitas de ranganeses disparavam em uma investida —, lá de longe... Eles são monstros.

— A estratégia deles mudou — apontou o sensei Yukino, enquanto os fonyakalu vestidos de preto saíam à frente dos soldados inferiores, de amarelo. — Estão mandando os melhores guerreiros na frente para liberar o caminho para os outros. A luta está prestes a ficar equilibrada.

Ficar equilibrada? As silhuetas de preto se moviam tão rápido que era impossível contá-las, mas havia mais de oito.

Tou-sama e o sensei Yukino ergueram outro véu de partículas de neve bem a tempo. O fonyaka chefiando o grupo deu uma cambalhota no ar, girando como Mamoru fazia às vezes para gerar poder, e lançou um ataque. Se Mamoru não tivesse visto o vento perturbar a névoa, jamais teria conseguido se desviar. Mesmo vendo, quase não saiu da frente antes que o vento atingisse a encosta da montanha. Até a fonya do perímetro da rajada fez Mamoru sair rolando em um esguicho de neve. Pondo-se de pé outra vez, ele não pôde evitar de se perguntar se o fonyaka sabia, mesmo daquela distância, que estava mirando no elo mais fraco.

Tio Takashi e Shiro, o primo do sensei Yukino, se revezaram em ataques ao fonyaka principal. O homem de preto se esquivou dos dois, mas então um pequeno dardo de gelo, criado pelo sensei Yukino, o acertou na garganta, e ele desabou.

Quando os soldados de preto se aproximaram, o sensei Yukino se tornou um borrão de movimento, disparando lanças tão rápido que os olhos de Mamoru mal conseguiam acompanhar. O veloz espadachim abriu mão do tamanho impressionante de suas lanças costumeiras, substituindo-as por projéteis menores, que fazia chover sobre os inimigos feito flechas. Mesmo com sua velocidade e seus reflexos, Mamoru não conseguia se imaginar avançando diante de tal abate. Os homens de preto, no entanto, continuavam vindo, desviando-se, esquivando-se e até avançando depois de serem atingidos em pernas, braços e ombros.

— O que acha, Takeru-kun? — perguntou tio Takashi ao irmão. — Devemos ver se esses monstros são fortes o bastante para encarar um deus?

Tou-sama respondeu com um aceno de cabeça.

— Estou pronto, Nii-sama.

Naquele momento, Mamoru percebeu que estava prestes a testemunhar uma das técnicas mais antigas da família Matsuda em ação.

Ao contrário da Lâmina Sibilante, a teoria por trás daquela técnica não era

segredo. Tratava-se de uma estrutura de fragmentos de gelo grudados por uma argamassa de água líquida. Se executada de modo correto, a técnica criava uma arma com a fluidez da água e a força do gelo. Muitos mestres jijakalu conseguiam dominar aquela técnica usando pouca água. Era chamada de Serpente de Gelo.

Entretanto, quando dois Matsuda plenos juntavam forças, a criatura resultante era maior do que qualquer serpente.

O poder absoluto da linhagem Matsuda veio à tona quando tio Takashi se apossou do que restava da barreira do sensei Yukino e a transformou em água. Tou-sama agiu logo depois, entrelaçando o riacho do irmão com gelo para formar escamas duras feito aço e espinhos afiados feito espadas. A fúria de tio Takashi se misturou à precisão fria de Tou-sama para dar vida a uma nova criatura, comprida o bastante para cobrir metade do passo. Eram as presas do inverno. Era poesia. Era Deus em forma de água.

O Dragão Matsuda empinou-se para assomar sobre os inimigos, olhos de lascas de gelo cintilando com um poder além do mero jiya. Ele arreganhou os dentes, e o som de suas milhares de escamas se movendo produziu um sibilar faminto.

Os fonyakalu pararam de supetão.

Aqueles homens podiam criar tornados, mas até eles hesitavam diante de um deus.

— *Ji xu!* — disse um dos fonyakalu de preto, em tom brusco, parecendo ordenar que os outros avançassem. Os soldados hesitaram. — *Ji xu!*

Um deles deu um passo adiante... e o dragão atacou.

O fonyaka desapareceu em um piscar de olhos, deixando apenas uma mancha de sangue na neve. Silhuetas pretas se espalharam, e o Dragão Matsuda partiu atrás delas. Tio Takashi conduzia a água, chicoteando o corpo sinuoso do dragão com a velocidade e a imprevisibilidade que lhe eram características. Tou-sama o seguia, girando as lâminas, mantendo o gelo das

escamas duro e afiado.

Uma dupla de fonyakalu desviou das presas do dragão apenas para se ver decepada pelas escamas girando ao longo do corpo sinuoso. A cabeça do dragão, embora fosse por si só uma arma formidável, servia majoritariamente para distrair os soldados do corpo igualmente perigoso. Era naquele corpo que o poder de tio Takashi fluía mais rápido, dando uma velocidade mortal aos espinhos afiadíssimos de Tou-sama. Mamoru resistiu ao instinto de se encolher quando um fonyaka cometeu o erro de tentar pular no corpo do dragão para pegar impulso. As pernas dele foram mais que decepadas; foram desintegradas, transformadas em um fino esguicho de sangue e fragmentos de osso.

Inúmeros fonyakalu direcionaram rajadas de vento ao dragão; eram fortes, e algumas chegaram a destruir seções de seu corpo, mas tinham pouco efeito na criatura como um todo. O verdadeiro corpo do dragão era formado pelo entendimento implícito entre tio Takashi e Tou-sama. Enquanto os irmãos permanecessem lado a lado, envoltos no jiya um do outro, sua criação não seria destruída por nenhuma força física. A maioria dos ataques ao dragão se voltava contra os atacantes, uma vez que as escamas dispersadas agiam como estilhaços, cortando os fonyakalu que tinham a infelicidade de estar ao alcance das explosões.

Muitos soldados tentaram passar pelo dragão para atacar diretamente os irmãos Matsuda, mas como parte do corpo da criatura envolvia seus criadores, isso era impossível mesmo para os guerreiros de elite mais velozes. Não bastava se desviar das chibatadas esporádicas do corpo do dragão; ele todo era coberto de escamas de gelo que Tou-sama disparava para cravar na carne de qualquer um a um raio de muitas passadas. Os poderosos ataques de longa distância dos fonyakalu produziam pouco dano, e qualquer fonyaka que se aproximava do dragão se colocava à mercê das escamas projéteis.

Enquanto o deus se banqueteava com suas presas, Mamoru se deu conta de

que tinha começado a se afastar do Dragão Matsuda. Não porque estivesse com medo. Afinal, por que temeria o poder do próprio sangue? Mas porque o que tinha a oferecer diante de tamanha força?

Mais adiante na fileira, o sensei Yukino, ao lado dos primos, continuava a disparar chuvas de lanças, mantendo com esforço as fileiras restantes de fonyakalu a distância. Mamoru tinha acabado de tomar posição ao lado dos Yukino, preparando a própria lança, quando viu algo que o fez hesitar, confuso: uma silhueta preta, tão veloz que mais parecia a sombra de um falcão dando um rasante, correndo em zigue-zague por entre as lanças de gelo. Mamoru levou um momento para compreender que aquela silhueta era outro fonyaka, que estava não apenas se desviando dos projéteis do sensei Yukino, mas impulsionando-se a partir deles com a ponta dos pés para subir a montanha e, ao mesmo tempo, tirando-os de seu percurso.

— É rápido demais! — exclamou um dos primos Yukino, chocado.

— Continue disparando — ordenou o sensei, baixando seu jiya e pegando a espada.

O fonyaka podia ser rápido, mas estava avançando rumo à morte certa: Takenagi. Em um lampejo de preto, ele estava em cima do mestre espadachim. Takenagi saiu a toda da bainha, e o sensei Yukino desferiu seu ataque, rápido e preciso feito um raio.

O fonyaka *se esquivou*.

Mamoru teve a impressão de que seu cérebro sofreu um curto-circuito. Um guerreiro rápido mal dava conta de evadir os golpes do sensei Yukino estando fora do seu alcance. Era impossível fazer isso tão de perto. Impossível.

No entanto, o fonyaka havia feito, contorcendo o corpo de modo habilidoso para evitar o golpe vertiginoso da lâmina do sensei Yukino. Takenagi cortou a ponta da trança do homem, que ergueu os pés do chão e acertou um chute no peito do sensei. O mestre espadachim saiu voando, mas estendeu uma mão para aterrissar de pé.

Ao finalizar o chute, o fonyaka tirou a própria trança com um ricocheteio. Parecendo despreocupado com o segundo espadachim Yukino que ia para cima dele, tirou um dinma para lançar um olhar irritado para a ponta cortada do cabelo. Sem sequer um olhar de soslaio para o novo atacante, ele se desviou do primeiro golpe da lança de Yukino Kiyomu e sacou o que Mamoru identificou como uma segunda faixa de cabelo.

O garoto observou, incrédulo, o fonyaka começar a amarrar a ponta da trança. Por curiosidade, Mamoru ergueu uma lança e a disparou contra o soldado ranganês, que saiu distraidamente do caminho, sem tirar as mãos nem os olhos do que fazia. Um momento depois, Yukino Kiyomu atacou de novo. Em um único movimento, o fonyaka se abaixou e girou, acertando-lhe um chute na mandíbula que o derrubou na neve.

Voltando a se erguer, o fonyaka terminou de amarrar a trança, jogou-a sobre o ombro e se virou para o sensei Yukino.

— *Ni qie le wo de tou fa.* – Ele franziu a testa e caminhou, determinado, rumo ao espadachim.

Mamoru e Yukino Kiyomu fizeram menção de avançar para impedi-lo e, com um movimento indiferente do punho, o fonyaka lançou uma onda de vento tão forte que derrubou ambos. Caído na neve, Mamoru observou aquele fonyaka de velocidade sobre-humana começar a correr. Levando a mão à parte de trás do cinto, o inimigo sacou um par de adagas.

O sensei Yukino mudou calmamente de postura. Branco encontrou preto em um raio de velocidade. Mesmo que Mamoru tivesse dificuldade em acompanhar o embate das lâminas, algo ficou óbvio: o sensei Yukino estava *perdendo*. O garoto jamais pensara a sério no fato de que o veloz espadachim já não estava no auge, que já passara do ápice de sua forma física. Como a maioria dos soldados ranganeses, aquele fonyaka aparentava ter cerca de vinte e poucos anos, no zênite de sua velocidade. Isso fazia diferença.

O sensei Yukino caiu no chão com uma adaga cravada no ombro esquerdo.

Seu desvio permitiu que a lâmina não lhe acertasse o coração, mas agora ele estava caído de costas, sangrando, com Takenagi presa sob a bota do inimigo. O fonyaka ergueu a outra adaga para desferir o golpe final.

— Não! — Mamoru avançou, erguendo a mão para formar um ataque...

O Dragão Matsuda surgiu do nada. Mandíbulas de água e gelo se fecharam sobre o soldado de preto e o devoraram de uma só vez. O sensei Yukino soltou o ar enquanto o dragão voltava a se enrolar ao redor de seus mestres, descansando a cabeça entre Tou-sama e tio Takashi.

— Isso foi meio dramático, Matsuda-dono.

— De nada. — Tio Takashi sorriu.

— Nii-sama — disse Tou-sama, seu tom de repente urgente. — Tem algo errado.

— O quê? — Tio Takashi se voltou para o irmão caçula. — Do que você...

A cabeça do dragão explodiu em cacos de gelo e gotas d'água.

De modo inacreditável, o fonyaka emergiu, trêmulo e encharcado de água e sangue, mas ainda respirando. Aquele soldado ranganês não apenas vencera o sensei Yukino em combate, como destruíra o Dragão Matsuda... *por dentro*.

Os irmãos Matsuda deveriam ter conseguido refazer o dragão em um instante, mas o fonyaka surgira da cabeça bem no meio dos dois, perturbando o fluxo intrapessoal de jiya que mantinha a criatura intacta. As presas do dragão tinham deixado cortes por todo seu corpo, mas aparentemente nenhum profundo o bastante para ser fatal. O soldado bateu os dentes de frio por um momento, então se recompôs e desferiu um ataque. Tio Takashi se esquivou da rajada de vento, e ele e o irmão contra-atacaram ao mesmo tempo.

O fonyaka girou e, embora pudesse ser impossível um único teonita formar um tornado, aquele era capaz de criar um redemoinho em miniatura potente a ponto de repelir os ataques conjuntos de Tou-sama e tio Takashi. Ele era tão rápido! Mas não havia tempo para ficar parado olhando.

Com o dragão derrotado e tio Takashi e Tou-sama ocupados com um só

oponente, o restante da elite ranganesa avançou com fôlego renovado. O sensei Yukino se ergueu, arrancando a adaga do ombro, e fez chover lanças sobre eles, mas os soldados não paravam.

Cinco guerreiros partiram para cima de Mamoru, que preparou a espada, mas o sensei Yukino se colocou na sua frente e arremessou uma saraivada de projéteis de curta distância. O primeiro soldado foi atingido no olho e desabou, mas os outros quatro conseguiram escapar. No meio daquela movimentação, um deles acertou um contra-ataque no ombro direito do sensei Yukino, derrubando Takenagi de sua mão.

Isso, porém, não deteve o mestre espadachim, que podia até não contar com uma Lâmina Sibilante, mas estava muito longe de indefeso sem uma arma na mão. Ele acertou uma cotovelada na têmpora do fonyaka, apagando-o, então arremessou o corpo inerte em seu colega mais próximo, o que lhe deu um momento para pegar a espada da neve. Ele se virou, com Takenagi na mão, e começou a lutar com dois dos outros... mas o quinto passou, indo direto para Mamoru.

Aquele fonyaka portava um sansetsukon — um bastão ranganês de três seções —, uma arma de que Mamoru ouvira falar, mas jamais vira em uso. O aparato estranho consistia em três bastões curtos, cada um do tamanho de um antebraço, conectados nas pontas por um par de elos de corrente.

Mamoru foi o primeiro a atacar, torcendo para que sua velocidade encerrasse a luta em um só movimento, mas o fonyaka também era veloz e aparou o golpe com uma seção do bastão antes de sacudir a arma inteira feito um chicote. Desdobrado, o sansetsukon tinha um alcance longo demais para Mamoru conseguir escapar com um passo para trás. Ele se agachou, quase se nivelando ao solo para evitar ter a cabeça decepada. O bastão assobiou acima, levantando neve.

Assim que a arma passou, Mamoru se ergueu e avançou para tirar vantagem do momento pós-golpe. Teria funcionado contra um espadachim,

mas o sansetsukon não era uma lâmina rígida com uma única trajetória a percorrer. Enquanto Mamoru visava acertar as costelas do fonyaka, o sansetsukon se enrolou ao corpo do portador, a última seção dando a volta para atingir a ponta da katana e desviá-la de novo.

Antes que Mamoru conseguisse recuperar o equilíbrio para outro ataque, o sansetsukon já estava vindo para cima dele outra vez, feito uma cobra dando o bote. Ele bloqueou o ataque, mas não estava acostumado a se defender de uma arma com articulações. Ao interceptar a seção do meio, o bastão da ponta deu a volta e foi parar na mão livre do fonyaka... então Mamoru se deu conta de que caíra direitinho na armadilha do inimigo. O sansetsukon se fechou ao redor da presa, encurralando sua espada.

Dando um tranco forte com o corpo, o fonyaka puxou cada ponta de sua arma em uma direção em uma tentativa de quebrar a espada de Mamoru, só que não era tão fácil quebrar uma lâmina Kotetsu; o movimento sacudiu o braço de Mamoru, quase rompendo a articulação, mas o aço permaneceu inteiro. Ao se dar conta de que não ia conseguir quebrar a espada, o fonyaka pareceu se contentar em quebrar seu portador.

Com um rosnado sinistramente agudo, o fonyaka moveu a cabeça para a frente, acertando a de Mamoru, que viu estrelas. O mundo saiu do eixo. Apesar da tontura, ele notou o chute mirando seu joelho uma fração de dinma antes de o pé do fonyaka fazer contato. Incapaz de se esquivar ou de contra-atacar, Mamoru virou o joelho para dentro e permitiu que se dobrasse sob a força do golpe. Isso o colocou em uma posição terrivelmente vulnerável, com um joelho no chão e a espada presa, mas pelo menos não tinha quebrado a patela.

Torcendo para dar certo, ele agarrou a espada com as duas mãos e fez força contra a contenção; então, provavelmente pela milésima vez na história, um Matsuda teve a vida salva por um Kotetsu. Mesmo tendo sido um golpe desajeitado e sem mira, o aço superior de Mamoru rompeu a corrente do

sansetsukon.

Com a katana livre, Mamoru girou em uma tentativa de dar uma rasteira no fonyaka, mas o soldado de preto foi mais rápido. Usando o sansetsukon quebrado feito um nunchaku, ele acertou a arma na cara de Mamoru, que atingiu o chão com um espirro de sangue e pelo menos um dente arremessado na neve. O garoto sentiu a boca dormente. Antes que pudesse se levantar, o fonyaka estava em cima dele de novo, prendendo sua espada sob o joelho. Metal tilintante pressionou seu pescoço.

Mamoru, zonzo, não percebeu o que estava acontecendo até a corrente se apertar, cortando sua respiração. O sansetsukon estava em seu pescoço, e o fonyaka forçava todo o peso na arma, estrangulando-o. Mamoru entrou em pânico, o corpo se sacudindo de modo inútil no chão.

Sua mão livre debateu-se contra o fonyaka, mas os movimentos eram frenéticos e aleatórios. Sabia que sua única chance era reunir a neve abaixo de si e contra-atacar, mas o sangue latejava em seus ouvidos e o desorientava. O gelo que formava tremia e craquelava antes que Mamoru pudesse usá-lo em um ataque.

O fonyaka fez ainda mais força e riu. Sob o efeito da tontura, Mamoru voltou a si por um momento ao ouvir o som, e um pensamento confuso brotou em sua mente: *Kaa-chan?*

Mas sua mãe não estava ali. Por que aquela risada o lembrara dela?

Mamoru piscou e, em um estranho momento de lucidez, seus olhos encontraram os do fonyaka. Estivera tão atento à cor do uniforme e à arma incomum que não reparara na cara do oponente. Quando fez isso, viu um rosto delicado e redondo, com traços suaves. *Lindo*, pensou, antes que a escuridão tomasse os cantos de sua visão e ameaçasse engoli-lo.

Uma lâmina prateada cintilou diante dele.

Takenagi atravessou a silhueta preta em cima de Mamoru, decepando a coluna vertebral. O vento soprou o cabelo dele. Subitamente livre do

estrangulamento, ele tossiu, arfou e inspirou o ar gélido e alerta de volta aos pulmões. O sensei Yukino chutou o corpo de cima de seu aluno e o observou despencar, impassível.

Então, algo mudou na expressão dele, que se tornou surpresa e depois horrorizada ao se dar conta do mesmo que Mamoru vira pouco antes: a fonyaka era uma mulher.

O rosto meigo era bonito mesmo pálido e com olhos baços. Ela parecia ter uns 30 anos, mais ou menos a idade da esposa do sensei, Hyori... E, apesar de a risada sinistra tê-lo lembrado Kaa-chan, ela se parecia mesmo era com Hyori...

As mãos segurando Takenagi tremeram.

— Não... — disse o sensei Yukino, a voz baixa. — Eu não...

Sensei, tentou chamar Mamoru, mas se engasgou e teve que se apoiar nos cotovelos, tossindo gotículas de sangue na neve.

— Eu não... — sussurrou o sensei Yukino, e Mamoru jamais imaginara que o professor pudesse parecer tão perdido. Sequer viu outro soldado de preto investindo pela lateral, sequer sentiu a rajada de vento.

Mesmo que Mamoru houvesse conseguido botar os pulmões para funcionar, o aviso teria vindo tarde demais.

O vento atingiu o sensei com um terrível esmagar de ossos. A potência o fez sair voando por vários marcos montanha acima, levantando um jato de neve.

— Não! — Mamoru se pôs de pé, cambaleante.

Quase cometeu o mesmo erro do professor, mas notou o fonyaka preparando outro ataque bem a tempo de se esquivar. A rajada concentrada soprou pela encosta onde ele estivera um momento antes e a limpou de toda a neve, fazendo a pedra rachar.

— *Ni hao kuai* — disse o soldado ranganês, barrando o caminho.

Uma parte infantil e desesperada de Mamoru não conseguia se esquecer do

som de esmagamento que o corpo do sensei Yukino emitira. *Corra!*, disse a voz de Kaa-chan, enquanto ele arfava em busca de ar e seu coração ribombava. *Se vir preto, quero que corra.*

Mas aquele homem estava entre ele e o sensei.

Mamoru soltou outro suspiro lento, esvaziou a mente de emoções e avaliou seu oponente. Aquele com certeza era um homem, e mais robusto do que os outros soldados de elite que vira. Não portava armas, o que sugeria que era especializado em ataques corpo a corpo. Com aquele porte, não tinha como ser muito veloz. Mamoru intuiu que seu principal método de ataque seria aquela estocada com a palma, que gerava um potente golpe de ar.

Viu o fonyaka assumir posição, uma mão parada junto às costelas, reunindo toda a fonya em seu âmago para um disparo explosivo. Uma das primeiras coisas que Mamoru aprendera com o sensei Yukino fora que ataques com aquele nível de preparação não podiam ser feitos em sucessão rápida. O fonyaka precisava firmar a postura para reunir tanto poder, o que o deixava imóvel. No intervalo entre aqueles ataques destruidores havia uma janela de oportunidade... Mamoru só precisava se aproximar um pouco para tirar vantagem dela.

Os fonyakalu são mais perigosos a meia distância, de dois a três marcos. Não fique muito tempo na zona de impacto.

Mamoru estimou a distância entre ele e o fonyaka; estava a pouco mais de três marcos, bem próximo da zona de maior impacto. O inimigo estava esperando que ele se aproximasse.

Desculpe, Kaa-chan.

Ele entrou na zona de impacto.

O fonyaka atacou no mesmo instante, mas o avanço de Mamoru fora apenas um engodo, e ele saltou para a esquerda. Mesmo sendo atingido de raspão, ele caiu. Em vez de perder tempo tentando se levantar, Mamoru se moveu com o vento, deixando que o conduzisse a uma cambalhota para a

frente. Ao terminar o giro, a ponta de seus pés afundou na neve. Impulsionando-se com as pernas e o jiya, o garoto disparou com um único pensamento: *diminuir a distância, diminuir a distância o mais rápido possível.*

O ranganês já estava novamente em sua postura firme, preparando mais uma estocada de mão. Quando ele recuou o braço, Mamoru passou a katana para uma pegada de mão única e estendeu a mão livre, erguendo a neve sob os pés do homem. Não tinha controle suficiente para moldar uma lança enquanto corria, mas conseguia criar gelo simples.

A um marco do fonyaka, Mamoru disparou para a direita, evitando por pouco o segundo ataque. O vento o desequilibrou de novo, mas o garoto não permitiu que a perturbação física tirasse sua concentração. Mesmo atrapalhado, manteve o controle sobre a neve e a transformou em gelo ao redor das botas do inimigo.

O gelo endureceu assim que Mamoru alcançou o fonyaka pela lateral. O homem tentou se virar para encará-lo, mas, com as botas presas, não conseguiu. Ele fez menção de mover o braço para acertar Mamoru — se com o punho, com o cotovelo ou com algum tipo de rajada de vento, ninguém jamais saberia.

Mamoru desferiu um corte para cima. Aço encontrou carne, atravessou osso, e o braço do fonyaka saiu voando. Kaa-chan tinha razão; era mesmo bem fácil, com um golpe certeiro. Mamoru seguiu o arco da espada e o transformou em um segundo corte que abriu a barriga do fonyaka.

O homem emitiu um terrível som de engasgo, o ar ao seu redor tremulou como se também sofresse conforme o soldado tentava respirar. Mamoru desviou o olhar enquanto livrava a katana do sangue e a enfiava de volta na bainha.

Acabara de derrotar um inimigo poderoso em combate. Sua espada sem nome provara o sangue da primeira vítima. Deveria ter sido um momento de orgulho, mas ele não sentiu orgulho algum — apenas as batidas nauseantes do

próprio coração — ao se virar e correr pela encosta rumo ao sensei Yukino.

Antes mesmo de alcançar o corpo, soube que era tarde demais. A nyama do mestre espadachim era poderosa e distinta, mas não havia sinal dela quando Mamoru caiu de joelhos ao lado do professor. O sensei Yukino estava deitado de lado, com Takenagi ainda repousando frouxa em suas mãos. O vento o acertara com tal potência que seu crânio afundara. Um dos olhos tinha saído parcialmente da órbita.

Se Mamoru fosse um guerreiro decente, merecedor do próprio nome, talvez tivesse tirado um momento para rezar. Talvez tivesse pensado que aquele homem era o último verdadeiro espadachim Yukino, que sua morte dava fim a uma linhagem que remontava aos ancestrais fundadores de Takayubi. Talvez tivesse proferido algumas palavras de respeito para suavizar o caminho de seu professor para o Laaxara.

Em vez disso, apenas tremeu feito uma criança e, com voz fraca e baixa, disse:

— Me desculpe, sensei. Me desculpe mesmo. — Ele tocou as mãos do mestre, as mãos que tinham lhe ensinado como segurar uma espada. — Não se vá.

Nem pensou na sorte que teve de nenhum fonyaka atacar sua retaguarda. Nem reparou quando o sopro do vento e o clangor das armas morreu ao redor. Não se moveu nem quando uma mão pousou delicadamente em sua cabeça.

Tio Takashi.

Deveria dizer alguma coisa. Deveria encarar seu tio e comandante, mas não conseguia se mexer.

— Mamoru — disse uma voz, e ele ficou surpreso ao perceber que não era o tio, mas o pai. Achava que Tou-sama jamais tocara sua cabeça daquele jeito... com carinho. — Chegou o momento de se levantar.

— Sim, senhor — respondeu Mamoru, mecanicamente, mas não conseguiu fazer o corpo obedecer. Suas mãos estavam congeladas sobre as do sensei

Yukino, incapazes de soltá-lo.

Esperou que o pai ficasse impaciente e o repreendesse, talvez o puxasse para ficar de pé, mas, quando falou, a voz de Tou-sama era gentil.

— Ele morreu lutando, Mamoru. É o que ele nasceu para fazer.

Mamoru baixou a cabeça, assentindo, e não conseguiu mais erguê-la.

— O fonyaka que fez isso...

— Eu o matei — disse Mamoru, dormente.

— Então, você honrou seu professor — respondeu Tou-sama, com uma certeza tranquila que Mamoru desejou sentir também. — Ele pode seguir em paz, mas nosso trabalho não acabou. Os ranganeses começaram a aportar barcos na costa assim que o tornado passou pela vila de pescadores. As ondas de soldados não vão parar. A próxima vai chegar em um siira.

— Ele morreu para me proteger. — Mamoru não sabia por que precisava que o pai soubesse daquilo. — Se ele não tivesse parado para me salvar, ainda estaria...

— Então, ele deixou o restante desta luta com você. Vai decepcioná-lo?

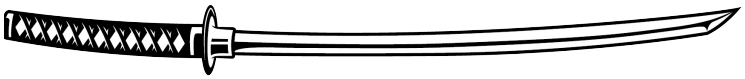
Mamoru fechou os olhos. Claro que Tou-sama tinha razão. Obrigou-se a soltar as mãos do sensei Yukino, os punhos se fechando contra a neve. O que estava fazendo ali, chorando de joelhos? Sem dúvida o sensei Yukino o treinara para ter outra atitude. Sem dúvida ele esperava mais ao dar a vida por um aluno...

— Levante-se — disse Tou-sama novamente.

Daquela vez, pelo sensei Yukino, Mamoru obedeceu.

14

A espada



Misaki não ficou surpresa com o calmo senso de propósito que a dominou, mas com o fato de Setsuko parecer acompanhá-la nisso. A peixeira atarracada se movia pela casa com uma determinação enérgica, barricando todas as janelas e portas contra o vento crescente. Desde que vira o marido descer a montanha, não derramara mais nenhuma lágrima. A respiração e as mãos trêmulas haviam sido substituídas por um foco feroz e olhos alertas.

— Muito bem. — Ela empurrou uma mesa contra a última porta e se voltou para Misaki. — O que fazemos agora?

— Pegamos as crianças e nos escondemos no porão.

— O vento parece estar diminuindo — disse Setsuko, olhando para as paredes ao redor, que tinham parado de ranger. A tempestade ainda rugia, mas já não passava a impressão de que ia arrancar a propriedade Matsuda das fundações a qualquer momento.

— Tem razão... — Misaki abriu as mãos no ar agitado à procura do bramido assustador que sentira mais cedo. Sumira. — O tornado se foi!

Eles tinham conseguido! Uma frágil esperança brotou no peito de Misaki. Se os homens haviam derrotado o tornado, tinham uma chance.

— Bem, se não precisamos nos preocupar com o tornado, não faria mais sentido nos abrigarmos aqui, perto do pátio central?

— Ah, Setsuko.

A peixeira era tão esperta e sábia a respeito de tantas coisas que Misaki às vezes se esquecia de que ela não entendia nada de batalhas.

— O que foi?

— Esta propriedade pode ser defensável em uma luta de jiya contra jiya, com uma comitiva completa de guardas, mas estas muralhas não vão valer de muita coisa contra os fonyakalu.

Setsuko ainda parecia confusa.

— Os konoru ranganeses conseguem pular mais alto do que você imagina — explicou Misaki. — Estas muralhas não vão impedir um fonyaka determinado... para falar a verdade, nem um jijaka que saiba escalar e não seja um merdinha.

— Kaa-chan disse um palavrão! — exclamou Nagasa.

— Mas quer saber? — Misaki moveu uma das mesas, abriu a porta e saiu para a varanda que dava vista para o pátio. — Você levantou um bom argumento.

Passando Izumo para o quadril esquerdo, ela estendeu a mão direita, dominante, e ativou seu jiya. Tomando controle da neve que cobria o pátio, formou espinhos de gelo do tamanho de um braço, apontados para o céu.

— Vamos ver se eles vão gostar de aterrissar nessas coisas.

Enquanto trabalhava, Misaki ficou surpresa de sentir o jiya de Setsuko entrar em ação junto ao dela. Setsuko ergueu a neve, formando um espinho por conta própria.

— Setsuko, você não precisa...

— Eu quero que eles morram — rosnou a mulher, forçando seu jiya a formar outro espinho.

Ela não era muito boa naquilo. Em geral, os pescadores jijakalu usavam seu poder para atrair peixes para as redes e depois limpá-los. Não havia muita necessidade de construir espinhos para matar pessoas, e os de Setsuko saíam meio tronchos. Um fonyaka teria que cair com muita força sobre um deles para

ficar gravemente ferido. Misaki, porém, não teceu comentários. Sabia como era se sentir inútil entre guerreiros poderosos que precisavam de ajuda. Aliás, começara a treinar combate a sério pelo mesmo motivo.

Ao pensar nisso, notou o pulsar de um jiya muito frio junto ao cotovelo. Hiroshi estava ao seu lado, com as mãos nos ombros de Nagasa, como se confortasse o menino mais novo, mas seus olhos estavam fixos no céu descolorido. De todas as criancinhas, ele era o único com idade para entender, em parte, o que estava acontecendo.

— Hiro-kun, seja bonzinho e ajude a sua tia — pediu Misaki.

— Sim, Kaa-chan. — Hiroshi se virou para obedecer de imediato, parecendo aliviado de ter algo para fazer.

Misaki retornou ao trabalho, fazendo despontar mais espinhos para o céu, as formações cada vez mais altas e firmes conforme seu jiya pegava fôlego. Na verdade, era improvável que aqueles espinhos fossem servir de muita coisa, mesmo que algum fonyaka fosse descuidado o bastante para pular direto no meio da propriedade, mas pelo menos era um trabalho para amenizar o estresse aflitivo da última waati. Era um bom jeito de relaxar os membros, ver do que seu jiya ainda era capaz... se precisasse usá-lo de verdade.

— Está bom assim, Kaa-chan? — perguntou uma vozinha séria.

Ao se virar, Misaki ficou boquiaberta. Esperava de Hiroshi o mesmo que esperava de Setsuko, mas o menino de cinco anos estava fazendo jus ao próprio nome. Os espinhos que criara eram quase tão altos e afiados quanto os da mãe. Se necessário, tirariam sangue. Talvez até matassem.

— Está — respondeu ela, em tom neutro. — Estão muito bons, Hiro-kun. Obrigada.

Ela afastou a franja de Hiroshi da testa e olhou para o menino.

— Tem mais alguma coisa que eu possa fazer, Kaa-chan? — Havia uma atípica nota de emoção na voz de Hiroshi. Frustração.

Naquela idade, era bem possível que Hiroshi compreendesse apenas uma

coisa a respeito de sua existência: que tinha nascido para lutar. O tio, o pai e o irmão mais velho, todos tinham descido a montanha para cumprir esse propósito, mas Hiroshi ainda era pequeno demais. Devia ser horrível estar naquela posição: velho o bastante para entender o que estava acontecendo, mas novo demais para fazer algo a respeito.

— Hoje, não — respondeu Misaki, tocando o rosto gelado do menino.

— Mas, Kaa-chan...

— Hoje, não — repetiu ela, mas não suportou o olhar aflito do filho, então acrescentou: — Mas um dia.

Foi então que decidiu, com determinação feroz, que aquele dia chegaria. Tinha que chegar. Ainda sentia os ombros de Mamoru escorregando de seus dedos, o momento em que o soltara. Porque ele era um guerreiro. E parte de Misaki entendia que nada era mais cruel do que negar a um guerreiro a luta para a qual nascera. Isso, à própria maneira, era pior do que a morte.

Aqueles meninos tinham o mesmo sangue nas veias, o mesmo poder, a mesma necessidade. Só que ainda estavam a anos de poder saciá-la. Se ela não podia negar a luta a Mamoru, como podia deixar os outros filhos morrerem sem a chance de lutar também? Que tipo de mãe seria se isso acontecesse?

— Vocês são bons meninos. Vocês três. Vão se tornar homens fortes. — Ela acariciou Nagasa para consolá-lo. — Vão encontrar algo pelo que valha a pena lutar e terão a chance de lutar por isso. Um dia. Kaa-chan vai garantir que aconteça. — Então, ela ajeitou a postura. — Setsuko, vou precisar que você pegue Izu-kun.

Setsuko pareceu insegura ao tomar no colo o bebê da concunhada. A pequena Ayumi ainda estava amarrada em segurança nas costas dela. A mulher abriu a boca, como se fosse perguntar o motivo, quando um som a interrompeu.

Um estrondo. Vindo de perto. De bem perto.

— O que foi isso? — perguntou Setsuko.

— Os fonyaka atingindo casas — respondeu Misaki, conforme gritos atravessavam o estrondo. — Eles chegaram na vila.

— Isso significa... que os homens...

— Não pense nisso agora — disse Misaki, abafando as próprias emoções antes que saíssem do controle. Ela conduziu os meninos de volta para dentro, bateu a porta e a congelou. — Pegue as crianças e se esconda no porão! Agora!

— Espere... Aonde você vai? — questionou Setsuko quando Misaki se virou e correu pelo interior da casa.— Não se preocupe comigo! Apenas se esconda! — gritou Misaki por cima do ombro.

Dessa vez, ela não hesitou na porta do dojo; fez apenas uma reverência ao entrar, correu até a prateleira de espadas e pegou a primeira arma que encontrou. Pesada demais. Antes mesmo de tirá-la da bainha, soube que aquela arma só a atrapalharia em uma luta. Que se sairia melhor de mãos vazias, pois pelo menos seria mais ágil.

Deixando-a de lado, pegou a espada seguinte da fileira e a puxou da bainha. Também pesada demais. Misaki mordeu o lábio quando mais gritos ecoaram. No seu auge, talvez tivesse conseguido lutar com uma daquelas armas, mas estava muito, muito longe de seu auge. A falta de prática embotara seus instintos e amolecera seus músculos. Não podia se dar ao luxo de uma desvantagem.

Misaki se virou e correu do dojo para a cozinha.

— Misaki! — Setsuko a interceptou no meio do caminho, dessa vez sozinha. Já devia ter deixado as crianças no porão. — O que está fazendo?

— Não ligue para mim. — Misaki não desacelerou o passo, obrigando Setsuko a correr atrás dela. — Só vá se esconder com os pequenos.

Ao chegar à cozinha, Misaki caiu de joelhos sobre as tábuas e ficou um pouco irritada ao ver que Setsuko ainda estava ao seu lado.

— Eu disse para você ir!

— Você tem certeza de que as portas do porão vão nos proteger? —

perguntou Setsuko, retraindo-se quando algo ali perto foi atingido por fonya.

— Não. — Misaki envolveu o punho em gelo. — Eu vou.

— O que...

Misaki recuou o punho e, com um golpe concentrado de jiya, atravessou o assoalho com um soco. Foi tão fácil que ela teve vontade de rir. Pregara as tábuas com um senso de finalidade tão intenso, anos antes. Ainda assim, armada apenas com suas garras e seu desespero, só levou uns dinmanu para arrebentar a madeira.

Esquecida, tentara dizer a si mesma. *Estava esquecida, assim como tudo de sua vida anterior.* No entanto, a pequena lâmina jamais saíra de sua mente ou de seu coração. As mãos encontraram a bainha com facilidade, como se a tivesse deixado ali no dia anterior.

— O que é isso? — perguntou Setsuko, quando Misaki endireitou a postura, ainda de joelhos, e soprou uma nuvem de poeira da bainha.

— Isso... — Apesar de tudo, Misaki se pegou sorrindo. — Isso aqui é a Filha da Sombra.

Contornada por delicadas vinhas e flores, a bainha tinha a aparência de madeira polida, mas na verdade era feita de algo muito mais forte.

— *Como você* — dissera Koli, em puro deleite. — *Lindas flores por fora.*

— *E por dentro?* — perguntara Misaki, arqueando a sobrancelha para o numu.

— *Por dentro, é exatamente como você* — respondera ele, com um sorriso enorme.

Hesitante, Misaki segurara o cabo e puxara a lâmina da bainha até a metade. Arregalara os olhos. Sentira a respiração travar no peito.

— *Isso é...* — A voz dela mal passara de um sussurro. — *Koli, isso* não pode ser *o que eu acho que é!*

— *Eu falei que tenho muitos contatos.*

Misaki fizera um grande esforço para manter uma expressão impassível.

— *Então... Eu sou bonita por fora, mas dura e sombria por dentro.* — Ela encarara Koli, mesmo que seus dedos traidores estivessem apertando possessivamente a arma. — *Acho que deveria ficar ofendida.*

— *Como uma dama de Shirojima, deveria mesmo. Como guerreira, não tem do que reclamar.*

– *Ela tem nome?* — perguntara Misaki, baixinho, com medo de que, se falasse alto demais, Koli identificasse o tremor de empolgação em sua voz.

— *Enquanto trabalhávamos nela, colocamos o apelido de Misaki-denyaa. Quando você a usar nas ruas, esse nome pode ameaçar a sua identidade secreta. Pensei que, em vez disso, podemos usar seu codinome, chamá-la de Sirawu-denyaa. Ou quem sabe de Siradenyaa, para encurtar?*

– *Filha da Sombra?* — Misaki arqueou a sobrancelha. — *Meio dramático, né?*

Koli cruzara os braços numa pose petulante.

— *Aceito um agradecimento.*

— *Koli... eu não posso ficar com ela.*

– *Sinto muito, mas foi feita para você.*

– *Mas... é uma arma tão incrível...*

– *É única* – dissera Koli, orgulhoso.

— *Você não deveria dá-la a algum koro que vá usar mais do que eu? Quer dizer... eu nem* deveria *estar lutando...* – Misaki se interrompera quando Koli revirara os olhos. — *O que foi?*

– *É o mesmo que dizer que uma faca não deveria cortar.*

Misaki observara o numu por um instante.

– *Às vezes, eu me pergunto se você é humano, Koli.*

Ela sabia que isso era parte do motivo por que os dois se davam tão bem.

– *Como assim?* – Ele não soara ofendido; já tinha voltado a mexer com seus maquinários espalhados pela mesa.

— *Você enxerga as pessoas para além de suas funções físicas? Ou somos todos apenas...* coisas *para você? Apenas ferramentas, armas e máquinas de fazer bebês?*

– *Sou um numu.* – Ele dera de ombros, aquecendo os dedos para soldar dois componentes. — *Os deuses me fizeram apto a enxergar o mundo em termos de matéria-prima.*

– *Bom, os* meus *deuses* me *fizeram para ser bonita, ter um bom marido e fazer bebês* – respondera Misaki.

Koli bufara.

— *Se você diz. Embora essa afirmação faça seus preciosos Nami e Nagi parecerem péssimos artesãos.*

– *Como é que é?*

– *Um deus competente jamais faria uma dona de casa com a sua habilidade e ambição. Você pode parecer uma flor bonita, mas é mais espada do que qualquer outra coisa.*

– *Olha aí, de novo* – dissera Misaki, apontando um dedo acusatório. — *Está me chamando de arma.*

– *Uma arma eficaz. Era para ser um elogio.*

– *Eu só... não sei se posso aceitar.* – Nem o elogio nem a espada.

— *Então, não aceite* – retrucara Koli, impaciente. — *Tudo que posso dizer é que vai ser um puta desperdício. Quando se meter em outra luta... e, vamos ser sinceros, Misaki, você* vai *se meter em outra luta... vai se sair melhor com esta lâmina do que com qualquer outra. Como eu disse, a garota foi feita para você. Não vai ser tão eficiente na mão de outra pessoa.*

– *Mas...*

– *Essa espada foi um presente, não um convite para uma conversa chata* – dissera ele, curto e grosso. — *Se quer debater religião e filosofia, vá procurar um jaseli. Tudo que eu tenho a dizer está aí nas suas mãos. Faça o que quiser com ela.*

— Misaki, o q-que é isso? — gaguejou Setsuko, perdida entre o medo e a confusão, enquanto encarava Siradenyaa. — O que você...

— Não se preocupe. — Misaki amarrou a espada de obsidiana ao quadril e se deu conta do quanto sentira falta de seu peso ali. Um bebê não era a mesma

coisa. — Eu sei o que estou fazendo.

— Quer dizer... que você sabe lutar? Como?

Misaki observou Setsuko encaixando as peças, assim como Mamoru tinha feito. Só que daquela vez não podia ficar esperando, quieta e ansiosa, por aprovação. A opinião de Setsuko ou de qualquer outra pessoa a respeito de sua habilidade pouco feminina já não importava. O relevante era que Misaki e sua desleal espada preta eram as únicas coisas entre sua família e a morte.

Um estrondo veio da frente da casa, e as duas mulheres se sobressaltaram. Alguém estava tentando arrombar as portas.

— Você precisa se esconder agora! — sibilou Misaki, desesperada. — Faça o mínimo de barulho possível. Os fonyakalu têm uma audição excelente. Vai ser mais fácil atraí-los para longe de vocês se eles não souberem que estão aqui.

— Atraí-los para longe? — Setsuko parecia angustiada. — Misaki, eu não posso... Não quero deixar você aqui sozinha.

— Você tem que ir.

Outro estrondo sacudiu a casa. Setsuko arregalou os olhos ao máximo. Estava apavorada. O predador dentro de Misaki percebia que ela estava desesperada para correr para um lugar seguro. No entanto, de modo frustrante, ela não correu.

— Misaki, eu não posso deixar você sozinha — sussurrou ela. — Sei que não sirvo para lutar, mas...

— Não é isso — respondeu Misaki, baixando os olhos.

Mantivera seu histórico como guerreira oculto sob o chão da cozinha por motivos óbvios: violência era um hobby bastante impróprio para uma dama de berço nobre, e seu marido a proibira terminantemente de falar de sua época além-mar. Mas, se a decência e a obediência a tinham feito pregar as tábuas do assoalho, algo ainda mais forte as mantivera assim: uma vergonha profunda.

O fato era que, se ela fosse homem, de sangue puro e grande poder, não seria o tipo de guerreiro respeitável com que os Matsuda se envolveriam. Os

espadachins de Takayubi eram guerreiros nobres que encaravam os oponentes de frente em campo aberto, e tinham poder bruto e disciplina para fazer jus à sua reputação. Misaki era o oposto: uma predadora de emboscada, fraca e traiçoeira, que raramente dava às vítimas a dignidade de uma luta justa. Porque, em uma luta justa, ela perderia.

O que fazia era um insulto para os nobres koronu. As pessoas que a conheceram de verdade a perdoaram por isso... embora ela não soubesse se merecia ser perdoada.

— Setsuko, eu não gostaria que você... visse o que estou prestes a fazer.

— Não estou com medo — mentiu Setsuko, mesmo quando o estrondo seguinte nas portas a fez se retrair. — E-eu já estripei muito peixe; imagino que o sangue de um fonyaka não vá ser muito diferente.

— Não é isso. Eu não quero que você... *me* veja.

Não em sua versão genuína. Não na versão que se tornaria assim que a Siradenyaa provasse sangue. No passado, as pessoas com quem lutara sempre a haviam contido, impedindo que ela desse voz aos instintos assassinos, mas se Misaki *tivesse* que matar...

— Não estou entendendo.

— Você... — As palavras foram contidas pelo nó na garganta de Misaki, que engoliu em seco. — Você me considera uma boa pessoa. — Ela tocou as mãos de Setsuko. — Isso salvou a minha vida.

— Como assim?

— Nunca admiti porque sou orgulhosa e idiota... — e o tempo delas estava acabando. Misaki piscou para afastar as lágrimas. Não havia tempo para isso. — Você me salvou. Agora, vou retribuir o favor, mas preciso que confie em mim e vá *se esconder*.

Setsuko hesitou por um momento, então assentiu, apertou o braço de Misaki e se inclinou para a frente. Suas testas se encontraram em um momento de apoio silencioso. Então, as duas se separaram, com Setsuko

correndo de volta para o portão e Misaki se virando para encarar a ameaça. Podia não ser digna de pertencer àquela família, mas ia protegê-la com cada gota de veneno, sede de sangue e artimanhas desonestas que possuía.

Assim que Misaki adentrou o corredor principal, outra onda de fonya atingiu as portas, partindo-as. Não havia nada que odiasse mais do que enfrentar oponentes cara a cara. Todos os seus instintos lhe diziam para se esconder e emboscá-los, mas precisava atrair os soldados para longe de Setsuko e das crianças e, para isso, tinha que chamar a atenção deles.

As portas duplas se abriram. Enquanto as lascas de madeira caíam ao chão, Misaki se pegou cara a cara com quatro homens em uniformes amarelos — bom, não exatamente cara a cara. Seu corpo estava levemente inclinado para esconder a espada no quadril, dando-lhe a aparência de uma pequena dona de casa. De certa forma, aquele disfarce era melhor que qualquer sombra.

Mamoru

A montanha passara de ferrugem a vermelho. Quando as últimas nuvens criadas por fonya se dissiparam, o céu voltou a clarear, mas não foi a luz límpida do dia que os atingiu. O ocaso tocou cada koyin de neve que ainda não estava encharcado de sangue, banhando de carmim a encosta cheia de cadáveres.

Entre a confusão de corpos de amarelo e preto, Mamoru encontrou dois de azul-celeste — os Mizumaki — e dois de cinza claro — os primos do sensei Yukino. Tio Takashi estava a dois marcos de distância, parecendo bem mais exausto do que antes, mas ainda sorrindo. Ele e Tou-sama eram os únicos guerreiros ainda de pé.

— Vocês... vocês mataram todos. Todos aqueles soldados de elite — murmurou Mamoru, admirado.

— Nossos camaradas Yukino e Mizumaki fizeram a parte deles antes de sucumbirem. Suas famílias podem se orgulhar — disse Tou-sama.

— E aquele homem veloz? O matador de dragão? — perguntou Mamoru.

Tio Takashi soltou uma risada.

— "Matador de dragão", é? — Havia uma pontada de irritação sob seu sorriso, mas Mamoru achava que um guerreiro capaz de derrotar o sensei Yukino em combate e de enfrentar os dois irmãos Matsuda mais do que merecia o título. — Seu pai cuidou dele — contou tio Takashi, sorrindo de modo apreciativo para Tou-sama.

— Quase. — Tou-sama contraiu os dedos da mão direita com uma expressão vagamente irritada. — Ele não morreu.

— É sério? Tive a impressão de que o golpe o tinha atingido em cheio — disse tio Takashi.

— Ele se esquivou no último momento. A lança o acertou, mas não pegou o coração.

— Bom, mas o arremessou para bem longe — respondeu tio Takashi, com desdém. — Se ele estava atordoado, deve ter morrido na queda.

Mais abaixo na montanha, Mamoru discernia movimentos; figuras de amarelo escalando as ruínas da vila ocidental, vindo na direção deles.

— Tirem esses siiranu para recuperar as forças. A luta só vai ficar mais difícil a partir de agora — disse tio Takashi ao irmão e ao sobrinho.

Naquele momento, um barulho de pedras se movendo ali perto chamou a atenção de Mamoru. Por instinto, ele e o tio pegaram as armas, os jiya aflorando, mas Tou-sama ergueu a mão.

— É um dos nossos.

De fato, a figura que apareceu sobre as rochas estava vestida com um quimono e um hakama, e segurava um arco de bambu.

— Senpai Katakouri! — exclamou Mamoru, surpreso.

Katakouri Hakuzora era o mais jovem dos arqueiros que tinham ido cobrir

o passo norte, um garoto magro e quieto um ano acima de Mamoru na Academia Kumono.

— Por que você abandonou sua fileira? — questionou tio Takashi.

— Nã-não existem mais fileiras, Matsuda-dono — informou o garoto. Suas mãos tremiam no arco.

— O quê?

— Eu fui o único que... — A voz dele falhou, e lágrimas correram por seu rosto, deixando um caminho bem definido. — Perdão, Matsuda-dono. Eu fui o único que sobrou.

— Quê?

— Eles passaram por nós em poucos siiranu. Meu pai me enviou para informar... que a linha foi rompida.

— Como assim, senpai? — Mamoru entrou em pânico. — Quer dizer que eles chegaram à vila?

— Tentamos impedi-los...

— Takeru, volte para casa — disse tio Takashi, de imediato.

Tou-sama congelou, uma atípica faísca de hesitação cruzando seu rosto.

— Nii-sama...

— Agora! — rugiu tio Takashi. — Você precisa proteger Setsuko e os outros.

— Ainda precisamos lidar com os ranganeses que estão avançando para cá. Eu deveria ficar e ajudar você a segurá-los aqui. Mamoru é quem deveria voltar — respondeu Tou-sama.

— Não podemos deixar a vida da nossa família nas mãos de um garoto de 14 anos, por mais habilidoso que ele seja. Você é o guerreiro mais forte, então você vai. Garanta que nossa família sobreviva.

Fazia sentido. Mamoru jamais vira Tou-sama renegar uma boa lógica... ou questionar ordens. Entretanto, ele não fez menção de obedecer. Seus olhos se voltaram para Mamoru, depois para o irmão.

— Nii-sama... por favor.

— O quê? — bradou tio Takashi, parecendo a ponto de bater no irmão.

— Eu... não sou tão forte assim.

— É, sim. — O tom dele, de algum modo, saiu mais duro do que encorajador. — Já dei suas ordens.

O jiya de Tou-sama se ergueu por um momento, como se fosse se rebelar... então baixou à calma inabalável de sempre. Uma tensão invisível deixou o corpo dele.

— Sim, Nii-sama — disse ele, frio, de olhos baixos. Nem sequer encarou Mamoru ao dizer: — Proteja a linha.

— Sim, senhor.

Sem lançar outro olhar ao irmão, Tou-sama se virou e subiu correndo a montanha. Não havia tempo para vê-lo partir. A onda seguinte de ranganeses já estava quase os alcançando. A maioria daqueles soldados vestia amarelo, mas uma figura de preto liderava a investida, brandindo um par de espadas.

— M-Me desculpe, tio — disse Mamoru, assumindo a posição de luta. — Não sei como ajudar com os ataques mais complexos nem...

— Não será preciso — respondeu tio Takashi, observando os soldados que avançavam. — Apenas cuide dos quatro mais à direita. Deixe o resto comigo.

— Sim, tio.

Katakouri Hakuzora assumira posição também. Embora a aljava do garoto estivesse vazia, ele formou uma flecha de gelo e a encaixou no arco.

— Não se preocupe com isso, Katakouri-kun — disse tio Takashi.

— Matsuda-dono...

— Esta luta está além das suas capacidades. Suba a montanha e faça o que puder para proteger as mulheres e as crianças.

Ao contrário de Tou-sama, o jovem Katakouri não hesitou.

— Sim, Matsuda-dono.

Ele se curvou e se virou para correr montanha acima.

Então, os fonyakalu chegaram.

Daquela vez, Mamoru não congelou. Algo dentro dele havia endurecido quando o sensei Yukino perdera a vida... como se parte da nyama potente e calma do mestre espadachim houvesse passado para o garoto. Sua lâmina já provara sangue. Agora que conhecia a sensação, os movimentos lhe ocorriam com mais facilidade. O primeiro fonyaka recebeu sua katana na barriga e foi partido ao meio. O segundo, mais sábio, recuou, saindo do alcance de Mamoru, e ergueu o braço para um ataque. Lento demais. Mamoru cravou uma lança de gelo em sua garganta.

Os dois fonyakalu seguintes dispararam rajadas de ar ao mesmo tempo. Mamoru saltou para escapar do primeiro, mas foi atingido no peito pelo outro, perdendo o fôlego. Quando ele cambaleou, um dos inimigos tirou vantagem disso e avançou para agarrar o braço que empunhava a espada, imobilizando-o em uma pegada de aço.

Esperto, pensou Mamoru, de modo lúgubre. Ele era mais rápido do que forte e não conseguiu se soltar.

O fonyaka ergueu a espada para um golpe fatal e, mesmo que Mamoru tivesse a força física para enfrentar um teonita adulto, não tinha tempo a perder libertando o braço da espada. O que lhe faltava em força, porém, compensava em velocidade.

Antes que o homem desferisse o golpe, Mamoru acertou um soco envolto em gelo na cara dele. Foi mais uma distração do que qualquer outra coisa. Não quebrou o nariz do fonyaka nem fez com que ele afrouxasse significativamente a pegada, mas permitiu que Mamoru ganhasse um momento para reunir as moléculas de água ao redor.

A água se juntou em sua mão esquerda para formar uma arma parecida com a espada de metal na mão direita. Então, ele desferiu um corte para cima. Não era uma Lâmina Sibilante, sabia disso; seu gelo não era afiado a ponto de cortar aço, mas ele sentiu uma onda feroz de orgulho ao confirmar que *era* afiado o bastante para cortar um ser humano. O fonyaka gritou, largando a

espada, enquanto sangue esguichava de seu ombro, mas não soltou o braço direito de Mamoru, o que foi irritante.

O garoto ergueu o pé e acertou um chute na barriga do homem ferido, fazendo-o recuar. A pegada do fonyaka era tão insistente que ele acabou arrancando a katana da mão de Mamoru ao cair. Não fez diferença. A mão direta de Mamoru se juntou por instinto à esquerda no cabo da espada de gelo, e ele avançou, abrindo a garganta do inimigo.

O soldado seguinte partiu para cima dele, espada desembainhada. Mamoru olhou de relance para sua katana de aço, a menos de um marco de distância na neve. Talvez tivesse tempo de recuperá-la... mas sentia-se tão forte ali no auge da batalha. Quem sabe... Ele ergueu a espada de gelo para aparar a espada de metal do fonyaka, e o impacto reverberou por seus braços.

As duas espadas se partiram.

Ainda não chegou lá. Mamoru cerrou os dentes, frustrado. *Ainda não é boa o bastante.* O fonyaka cambaleou, tão surpreso de ver a própria espada quebrada que não conseguiu criar nenhum tipo de defesa antes que Mamoru reformasse seu gelo e varasse o peito dele.

Tendo cumprido as ordens, Mamoru se voltou para ajudar o tio, mas não havia muito mais o que fazer. Pelo menos uma dúzia de soldados de amarelo jaziam mortos aos pés de tio Takashi. O único fonyaka ainda de pé era o de elite, vestido de preto, e não parecia que se manteria assim por muito mais tempo. Sua mão esquerda apertava com força o cabo de uma espada larga ranganesa, mas o braço direito estava aberto até o osso, escorrendo sangue. Tio Takashi poderia derrotá-lo com um único golpe.

No entanto, pareceu custar muito ao patriarca Matsuda dar um passo à frente e golpear com a katana. Ao fazer isso, o ataque foi fraco. O fonyaka ferido conseguiu apará-lo com a espada erguida na mão esquerda. Nagimaru rangeu contra a lâmina ranganesa e atingiu o ombro do fonyaka. Então, com um rugido selvagem, tio Takashi girou Namimaru na mão esquerda e enfiou a

lâmina menor na barriga do soldado.

O ar se contorceu quando o fonyaka cambaleou para a frente, rosnando e atacando tio Takashi com uma força impressionante para um teonita moribundo. O aço roçou o braço de tio Takashi, que recuou, libertando as próprias espadas e dando fim à vida do fonyaka em um jorro de sangue.

A ferida no ombro de tio Takashi era superficial, mas, quando ele recuou, cambaleante, Mamoru entendeu por que estava lento. Em meio àquela nevoa de sangue fresco, Mamoru não notara, mas agora podia ver: uma ferida profunda percorria o torso do tio, do ombro esquerdo ao quadril direito... e esguichava sangue.

— Sabe... — Tio Takashi sorriu, os dentes cerrados, mesmo enquanto seu quimono azul-escuro adquiria um tom profundo de vermelho. — Eu nunca tinha encarado outro lutador ambidestro. O desgraçado me pegou, não foi?

— Tio! — Mamoru se apressou a limpar o sangue da própria espada, então a enfiou na bainha e avançou correndo. Alcançou o tio bem no momento em que ele deu um passo trêmulo e caiu em seus braços.

— Estou bem — protestou tio Takashi, quando o sobrinho o segurou, mas estava se apoiando demais em Mamoru para aquilo ser verdade.

Tio Takashi continuou murmurando absurdos, dizendo que era só um cortezinho de nada, mas Mamoru soube que precisava fazer alguma coisa. Desculpando-se copiosamente, abriu a frente do quimono do tio e se apressou a aplicar pressão na ferida. Fez uma careta quando suas mãos escorregaram pelo sangue, e as mangas do quimono logo ficaram encharcadas. De jeito nenhum daria conta de parar aquele sangramento apenas com as mãos. Foi aí que Mamoru se deu conta de que teria que desobedecer à mãe mais uma vez.

Ele respirou fundo, trêmulo.

— Não seja uma garotinha, Mamoru — disse tio Takashi, com desdém, as palavras arrastadas, como se tivesse bebido saquê demais. — É só um pouco de sangue.

Teria sido falta de educação fazer qualquer coisa além de concordar, então Mamoru apenas assentiu vigorosamente.

— Claro, tio. Por favor... por favor, fique parado.

Com um aceno de mão, ele tirou o excesso de sangue do peito do tio. *Muito sangue. Sangue demais.* Mas não podia pensar nisso agora. Levando as mãos à parte mais profunda do ferimento, ele derramou toda a sua concentração nas próprias palmas.

— O que está fazendo, garoto?

Mamoru não podia desperdiçar foco com uma resposta. Nunca havia coagulado tanto sangue de uma vez, o que consumia cada gota de concentração. Tio Takashi ficou quieto por um momento, imóvel, sentindo o jiya de Mamoru se esforçando para solidificar o sangue que deixava seu peito.

— Onde você aprendeu isso? — perguntou ele, por fim, confuso.

Mamoru não teria respondido nem se pudesse. Prometera a Kaa-chan que nunca...

— Misaki — murmurou tio Takashi, chegando sozinho à única conclusão lógica. Os Matsuda e os Yukino nunca haviam sequer tentado a manipulação de sangue. Kaa-chan era a única pessoa que poderia tê-lo ensinado. — Mulherzinha estranha, a minha cunhada. Eu acho... acho que teria gostado de conhecê-la melhor.

Mamoru fechou os olhos com força, ignorando os murmúrios do tio junto do resto do mundo enquanto lutava para controlar o sangue sob suas mãos. Aquilo não era nada parecido com criar casquinhas em mãos feridas ou nos cortes na perna de Chul-hee. Mamoru nunca se deparara com um sangue que resistia de forma tão obstinada ao seu jiya, com um sangue tão ansioso para deixar o corpo. A espada do fonyaka devia ter atingido alguma artéria importante perto do coração. Ao tentar conter o fluxo do sangue, Mamoru estava lutando contra o âmago pulsante do poder do tio... e perdendo de modo inevitável.

— Me desculpe. — Mamoru abriu os olhos, sabendo que a casquinha fraca que havia criado não duraria muito. — Não consigo. Não sou forte o bastante. Me desculpe.

Nagimaru caiu na neve ao lado deles, e Mamoru ficou surpreso ao sentir a mão de tio Takashi em sua cabeça.

— Você consegue — murmurou ele, baixinho. — Você se preocupa demais, Mamoru-kun.

— Eu não... — Mamoru deixou a frase morrer quando algo amarelo moveu-se em sua visão periférica, mais abaixo na montanha. — Ah, não.

— Tem mais soldados vindo, não tem? — Tio Takashi soou calmo.

— Sim, tio.

— Hum. — O homem soltou um suspiro. — Consegue ver quantos?

— Eu... parecem uns vinte? Talvez mais.

O sensei Yukino e Tou-sama eram os jijakalu com sentidos mais aguçados. Sem eles, Mamoru e o tio ferido não tinham ideia do que acontecia na maior parte da montanha ao redor.

— Tudo bem, mais de vinte — disse Mamoru, quando o grupo de aproximou.

— Ainda bem. — Tio Takashi se inclinou para pegar Nagimaru, e um pouco de sangue jorrou de um ponto fraco na casquinha improvisada em seu peito. — Dessa vez, vou tentar deixar alguns para você, garoto, mas não prometo nada.

Mamoru desembainhou a espada, mas, antes que pudesse tomar posição ao lado do tio, um som estridente ecoou montanha abaixo. Gritos. Mamoru e o tio ergueram os olhos no mesmo instante. Não eram gritos de batalha, percebeu Mamoru, com um profundo temor. Eram gritos de medo... de mulheres e crianças. O som era próximo demais para ter vindo da vila principal, mas...

— Os ferreiros! — Mamoru arquejou.

Como? Será que havia deixado alguns ranganeses passarem em meio à

confusão, enquanto estava congelado ao lado do cadáver do sensei Yukino? Ou será que os inimigos tinham chegado à vila numu através do passo norte, depois de romperem as fileiras de lá? Não importava. Os ferreiros estavam em perigo.

— Vá. — Tio Takashi acenou com a cabeça na direção da vila numu, onde fios de fumaça subiam contra o céu que escurecia.

— Mas... — Mamoru olhou da fumaça para os ranganeses que se aproximavam. A onda de soldados os alcançaria em um siira. Sem Tou-sama para lhe dar apoio, tio Takashi não conseguiria formar seu dragão de gelo, e ele estava perdendo tanto sangue que...

— Vá proteger os ferreiros. Eu vou dar uma diminuída nos números desses tolos para você — disse tio Takashi.

Dar uma diminuída?

— Tio...

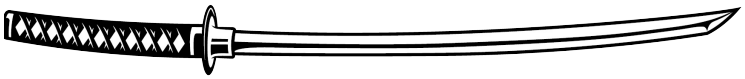
— Ei! — Tio Takashi segurou o rosto de Mamoru com uma força impiedosa que causou uma pontada de dor em sua mandíbula; um lembrete bruto de que perdera um dente. — Não se preocupe comigo. Faça o que eu digo. Aqueles numuwu estão sob nossa proteção. Eles precisam de você! — Ele empurrou Mamoru. — Vá!

— Sim, senhor.

Obedientes, as pernas de Mamoru entraram em ação, e o garoto correu. Uma parte egoísta dele ficou feliz de que não houvesse tempo para se curvar ou desejar nyama para o tio. Se tivesse ficado mais um momento, teria precisado admitir a horrível verdade implícita: estava deixando o tio para morrer.

15

Os assassinos



Os ranganeses hesitaram na porta da propriedade Matsuda, encarando Misaki com expressões que iam de apreensivas a bem-humoradas. Se ela fosse um homem ou até uma mulher mais imponente, com certeza já teriam atacado, mas ficaram parados, aparentemente confusos de dar de cara com uma delicada dona de casa. O corredor era estreito demais para acomodar os quatro lado a lado. Alguém tinha que tomar a dianteira. Sua vítima deu um passo adiante, selando, sem saber, o próprio destino.

O homem aparentava beirar a meia-idade, no fim dos trinta ou começo dos quarenta, mas ainda usava as cores de um soldado de baixo escalão. Não devia ser muito habilidoso nem poderoso, para ter passado tanto tempo sem ser promovido. Uma olhada na cara dele, e Misaki viu tudo, todos os mecanismos internos que o moviam. Aquele homem era inseguro e buscava meios fáceis de se sentir poderoso, como enfrentar uma dona de casa indefesa.

Robin teria enxergado a humanidade naquele tipo de crueldade, mesmo que voltada contra ele. Teria enxergado uma maneira de tornar aquele homem melhor. Misaki viu apenas órbitas oculares, uma garganta, uma virilha sensível e centenas de pontos de ataque para escolher.

Em vez de empertigar os ombros diante da aproximação do fonyaka, ela se encolheu. Como se jogasse a isca na água diante de um peixe distraído. O

homem sorriu... o sorriso de um homem fraco diante de uma rara oportunidade de se sentir forte.

— Não me machuque — implorou ela, em uma voz fina, no dialeto de Shirojima. Sabia como dizer aquilo em ranganês, mas por que demonstrar que falava o idioma deles? Por que deixar que a conhecesse antes de ser tarde demais? — Por favor, não me machuque.

Atraído pela isca, o homem fechou a distância entre eles com um olhar faminto. Misaki esperou quase até o último momento, então escolheu o ponto de ataque mais simples. Por que gastar os melhores truques com aquele idiota? Deu um chute rápido na virilha dele e, com um grunhido alto, o fonyaka se dobrou ao meio.

O chute não fora nem de perto incapacitante, mas lhe garantiu um momento para reunir gelo na ponta dos dedos. Então, antes que o homem voltasse a se erguer, ela o agarrou pela garganta. As mãos de Misaki eram tão delicadas que sua pegada em si não representava muito perigo; e era por isso que ela investira tanto tempo praticando criar as garras. Era aquele homem ou os filhos dela. Robin a perdoaria. Cinco unhas de gelo se cravaram no pescoço do soldado.

Ele arregalou os olhos de surpresa, então abriu a boca, como se fosse gritar, e sangue borbulhou entre seus lábios, escorrendo pelo queixo. Misaki cravou os dedos o mais fundo que conseguia e puxou a mão, rasgando a traqueia.

Simples assim, ela se tornou uma assassina.

Os homens restantes soltaram gritos de susto quando o colega desabou, mas Misaki não lhes deu tempo de assimilar a situação. Antes que o corpo atingisse o chão, já estava correndo descalça rumo ao soldado mais próximo. Pegou velocidade e se concentrou no rosto do alvo, lendo sua expressão. Ele caiu na dela. Achou que ela fosse mesmo burra o suficiente para atacá-lo diretamente.

Com postura confiante, o soldado recuou o braço e desferiu uma rajada

com uma estocada da palma. Pouco antes de a fonya deixar a mão esquerda dele, Misaki desviou-se para a direita e subiu pela parede. No fim, nem teve a chance de descobrir se suas pernas ainda tinham forças para levá-la até o fim daquela velha manobra, pois o sopro de vento na periferia do ataque a impulsionou, e ela deu uma cambalhota e pousou bem atrás do fonyaka. Ao perceber o erro, o soldado fez menção de correr, mas era tarde demais. Siradenyaa já fora desembainhada. Um único golpe decepou a coluna vertebral dele.

No mesmo giro, Misaki se virou e cortou o soldado seguinte, que estava poucos passos atrás do colega e provavelmente sequer viu o que tinha acontecido antes de Filha da Sombra separar seu torso das pernas.

Faltava só um.

Misaki golpeou, mas aquele último soldado era *jovem*, rápido, e deu um passo atrás para sair do alcance. Olhos cautelosos a percorreram, avaliando sua altura, sua arma, sua postura, medindo-a. Ela não podia permitir isso, então avançou, a lâmina preta cintilando em um segundo ataque com o objetivo de colocá-lo contra a parede, encurralado.

Misaki se irritou quando ele se esquivou de novo, recuando pelo genkan e começando a sair pela porta, sacando a própria espada de qualidade inferior. Garoto esperto. O lado agressivo de Misaki comichava para segui-lo, mas ela sabia que, se permitisse que o soldado levasse a luta para o exterior, a céu aberto, estaria morta. Então, em vez disso, disparou para a direita, para o corredor lateral mais próximo, e desapareceu, como lhe era típico.

O corredor sem janelas estava tão escuro que parecia até um dos becos de Livingston, e assim continuaria. Misaki formou um bloco de gelo sobre o interruptor. Ao passar, abriu todas as portas e revestiu os batentes de gelo. Então, encostou-se contra a parede, fundindo-se às sombras, e esperou.

O soldado avançou com cuidado pelo corredor. Se fosse esperto, estaria prestando atenção, a mão aberta, tentando detectar a respiração dela agitando

o ar. Misaki, porém, conseguia prender o fôlego por bastante tempo. Era assim que a escuridão colocava os fonyaka em profunda desvantagem: apesar da audição aguçada, eles não sentiam a assinatura de calor nem o fluxo de sangue de outras pessoas, de modo que ficavam à mercê de oponentes silenciosos. Misaki, por outro lado, sentia cada centímetro de sua presa se aproximando... uma rede pulsante de artérias, capilares, medula e líquido espinhal.

Quando o fonyaka se aproximou, Misaki moveu os dedos, usando o gelo que tinha criado em uma das portas para fechá-la com um estrondo. Por instinto, o homem se virou para o som, de costas para ela.

Misaki saiu das sombras e o perfurou.

Quando Siradenyaa o atingiu, houve um som de esmagamento, seguido por um grunhido engasgado de surpresa. A agonia do fonyaka não durou muito tempo. A escuridão dava aos ataques de Misaki uma precisão inigualável. Sem a distração de roupas, pele e outros atributos visuais, ela conseguia acertar a parte exata em que estava mirando dentro da pessoa. Ignorando os ossos que teriam impedido uma espada inferior, Siradenyaa perfurara direto o coração do jovem.

Misaki libertou a lâmina do peito do soldado, sentindo o sangue escorrer quando ele caiu. Ficou parada um momento, apenas sentindo. Sempre se perguntara como seria apunhalar alguém no coração, mas aquilo... aquilo foi decepcionante.

Por algum motivo, imaginara que matar uma pessoa seria difícil, mas não era. Para alguém acostumado a romper tendões, claro que cortar um homem ao meio era fácil. Para alguém treinado a acertar pontos entre as principais artérias, claro que acertar um órgão inteiro era fácil. Com uma lâmina como Siradenyaa, matar era obviamente mais fácil do que não matar. Ela sabia disso, mas não conseguia explicar o vazio que de repente a dominou.

O limite entre machucar e tomar uma vida sempre fora tão concreto e inegociável com Robin e Elleen. No entanto, Misaki acabara de cruzá-lo sem

qualquer mínima resistência. *Desejara* que houvesse resistência. No fundo do coração, torcera para que houvesse algo de Robin dentro dela.

O sangue do jovem se espalhou até se infiltrar entre os dedos dos pés de Misaki, ainda sinistramente morno daquela vida que se fora. Ele fora o filho de alguém. Por que ela não sentia nada? Como mãe, como mulher, como *ser humano*, como podia não sentir nada?

Sem comando, sua mão livre se erguera para tocar a barriga.

Como podia?

Um farfalhar de movimento no corredor chamou a atenção de Misaki. Afastando a mão da barriga para segurar Filha da Sombra, acolheu o vazio, que não deixou qualquer espaço para medo quando ela avançou para enfrentar suas próximas vítimas. Três fonyakalu de amarelo a olhavam do corredor da frente.

E, por um momento, Misaki se permitiu ficar grata pela coisa que ela era. Afinal, uma dama não teria sido capaz de decepar as pernas de um homem e depois cravar uma lâmina em sua boca quando ele a abriu para gritar. Uma mãe não teria sido capaz de cortar a cabeça de uma jovem. Um ser humano não teria sido capaz de se afastar daqueles corpos despedaçados sem uma gota sequer de culpa.

Graças aos Deuses ela era um monstro.

O terceiro soldado conseguiu atingir o braço de Misaki com uma rajada de fonya, derrubando Filha da Sombra de sua mão. Em Livingston, ela sempre tinha as adagas como apoio, caso fosse desarmada, mas sua arma secreta mais poderosa jamais fora feita de aço ou de vidro. Sua arma secreta mais poderosa era sua terrível criatividade.

Misaki tirou um longo grampo do cabelo e avançou contra o último fonyaka, que deu uma estocada com a palma, mas foi previsível. Ela se esquivou e cravou o grampo na lateral do pescoço dele, afundando o ornamento até o enfeite florido na ponta. O soldado engasgou, com sangue

borbulhando da boca, e levou as mãos à garganta. Sem querer que ele sofresse mais do que o necessário, Misaki cravou um dedo com jiya concentrado em um de seus olhos. A Agulha de Sangue perfurou o fundo de seu cérebro e o matou instantaneamente.

Ela deixou escapar um suspiro quando o corpo do homem desabou no chão. Seu cabelo, agora solto do coque apertado, grudou-se ao pescoço, fazendo-a perceber como estava suada. Em Livingston, incapacitar sete inimigos seria apenas o aquecimento. No momento, estava ofegando como se tivesse atravessado uma cidade inteira correndo. Tentando ignorar a queimação nos músculos e as pontadas nas costelas, contornou os cadáveres para recuperar Siradenyaa.

Enquanto limpava o sangue da lâmina, manteve a atenção nas portas quebradas, mas nenhum outro soldado apareceu. Tinha acabado de apoiar a ponta de Siradenyaa sobre os nós da mão esquerda para guiá-la de volta à bainha quando o ar se agitou contra sua pele, fazendo-a hesitar. Fonya. Fonya *forte*. Voltou as duas mãos ao cabo da espada quando uma dupla de figuras uniformizadas apareceu na porta.

— Ah, *xuro*. — Misaki sentiu um aperto no peito.

Aqueles soldados usavam preto.

Mamoru

Mamoru correu o mais rápido que já havia corrido na vida. Não tinha tempo de escolher o caminho mais fácil entre as rochas cobertas de neve, então imitou o pai, criando degraus de gelo para avançar. Na pressa para chegar à vila dos ferreiros, quase tropeçou em um corpo que jazia encolhido no caminho.

Era Katakouri Hakuzora, morto na neve.

No caminho para a antiga vila, o arqueiro devia ter escutado os gritos ou visto a fumaça e se desviado para ajudar os ferreiros. Seu arco estava caído aos pedaços ao lado, os olhos vidrados um tanto estreitados, como se ele estivesse fazendo mira ao morrer.

Não havia tempo para cair e lamentar. Mamoru já tinha feito bastante isso sobre o corpo do sensei Yukino. E provavelmente tinha sido nessa ocasião que os fonyakalu haviam passado rumo à vila numu — enquanto Mamoru estava de joelhos, chorando feito uma criança. Apoiando brevemente um joelho no chão, ele pegou a mão de Katakouri e a envolveu na empunhadura do arco, onde era seu lugar.

— Nyama para sua alma, senpai — murmurou ele, então se levantou e voltou a correr.

Ao se aproximar da vila numu, Mamoru teve a sensação, pela segunda vez naquele dia, de que sua pele ia ser arrancada; daquela vez, não pelo vento, mas pelo calor. Estava acostumado à calidez distante das forjas, ao modo como aumentava quando se aproximava da vila, mas as lufadas de ar ressecado pelo fogo que o receberam eram muito mais quentes do que deveriam.

Pulou do último degrau para a vila e deu de cara com uma muralha de calor tão intensa que pareceu prestes a lançá-lo de volta à encosta. Pelas largas colunas de fumaça, era óbvio que algo estaria pegando fogo, mas nada o teria preparado para o inferno que se espalhava à sua frente. Por um instante, só conseguiu encarar, hipnotizado e apavorado, enquanto a fumaça roubava seu fôlego e o calor sugava a umidade de sua pele.

— *O fogo é como um animal* — Kotetsu Kama sempre dissera. — *Se for alimentado, acalmado e tratado com cuidado, não vai mordê-lo.*

Nas primeiras vezes que o mestre ferreiro mandara o garoto alimentar o fogo, o jiya de Mamoru saltara por instinto diante do calor, apagando-o.

— *Calma, koro* — bronqueara Kotetsu, batendo no dorso das mãos do garoto com um par de pinças. — *Você não está numa luta. Entendeu?*

— *Sim, Kama.*

Mamoru esfregara a mão dolorida, sugara a umidade da lenha que tinha acabado de encharcar e pegara as pedras de sílex para recomeçar. Só que toda vez que a chama crescia, seu jiya se elevava por reflexo — como água recuando para cobrir o espaço deixado por uma pedra atirada em um lago.

— *Do que você tem medo?* — perguntara Kotetsu, depois da quarta tentativa falha de Mamoru.

— *Eu não...* — Mamoru começara a protestar. Parecia impróprio que um koro admitisse medo, mas ele hesitou diante do olhar perspicaz de seu mentor. — *É que... o Inferno não é feito de fogo?*

— *Não só de fogo. Também há mares fervilhantes no Inferno* — comentara Kotetsu.

— *Ah.* — Mamoru não tinha pensado nisso. — *Eu não...*

— *Você está entendendo errado a ordem do mundo. O Inferno é o fogo sem a influência calmante de Nagi e Nami. Fogo sem o poder dos deuses para balanceá-lo. E o que é nosso jiya?*

— *O poder dos deuses.*

— *Sei que vocês, koronu, gostam de enxergar a relação dos opostos em termos de conflito* — dissera Kotetsu, tirando um pedaço de metal incandescente do meio dos carvões. — *Fogo contra água, luz contra escuridão, dia contra noite; mas alguém que deseja criar precisa entender que opostos existem para se balancear e se complementar. É por isso que a lua puxadora de marés segue o sol poente, que o dia segue a noite, que homens se casam com mulheres. Acredito que seja por isso que os dois maiores impérios são Yamma, construído sobre o poder do fogo, e nosso Kaigen, construído sobre o poder da água. Os dois existem neste mundo não para se destruir, mas para criar um equilíbrio entre jiya e taya.* — Ele fizera uma pausa para mergulhar o metal vermelho na água. — *Nesse equilíbrio, há criação.*

O vapor subira sibilando do metal e se dispersara para revelar as serpentes entrelaçadas que um dia formariam a guarda da espada de Mamoru.

— *Como um guerreiro que quer aprender com as artes numu, é imprescindível que você*

entenda isso.

— E a fonya? — perguntara Mamoru, encarando as serpentes feitas de metais diferentes, mas prensadas uma contra a outra. *— Os finawu dizem que os fonyakalu nasceram deste oceano, assim como nossos ancestrais. Eles também vieram dos deuses.*

Kotetsu emitira um ruído pensativo.

— Acredito que os fonyakalu... que qualquer divindade que eles possuam foi corrompida em um tipo de poder que não deveria existir. Não no reino do Duna.

— Não entendo.

— Pelo que sei sobre vento... o que ele faz com fogo, com oceanos e com impérios... eu diria que a fonya é o poder do caos. Qualquer possuidor do poder do vento é um tipo de demônio, mesmo que não saiba.

Na época, Mamoru não entendera a lógica do mentor. Os fonyakalu controlavam o ar, uma parte essencial da água e do fogo. O próprio Kotetsu havia lhe ensinado a usar os foles para garantir que o fogo fosse adequadamente oxigenado. Todo ser humano, inclusive os jijakalu e os tajakalu, respiravam ar para sobreviver. Jamais entendera como algo tão fundamental à vida no reino do Duna podia ser uma força do Inferno.

Agora, entendia.

Não era possível que os fonyakalu tivessem chegado ali muitos siiranu antes, mas a vila dos ferreiros já fora consumida. Mesmo com as forjas destruídas, o fogo jamais teria se espalhado tão rápido ou se tornado tão furioso sem o apoio do vento. Mamoru se familiarizara com o fogo como um animal que podia ser contido com jiya, mas o fogo à sua frente era incontrolável... um animal alimentado até o limite, chicoteado até a fúria e libertado contra seus cuidadores.

Aquele era o poder que revirara a ordem do mundo, desestabilizara as colônias de Yamma em Namindugu, rasgara o Império Kaigenês em dois... Aquele era o poder do caos.

Nauseado, Mamoru se lembrou de que tio Takashi havia ordenado que os

numuwu permanecessem dentro de casa. Perguntou-se quantos teriam conseguido fugir das chamas e, dentre esses, quantos teriam escapado dos soldados ranganeses.

Tentou correr direto para a casa dos Kotetsu, mas, assim que se aproximou do edifício, as chamas investiram contra ele feito demônios famintos, ao mesmo tempo chicoteando sua pele e evaporando seu único meio de defesa. Ele insistiu, erguendo o jiya e atirando neve no fogo em uma tentativa de abrir caminho entre as chamas, mas não adiantou. A maior parte da neve evaporava em um sibilo ineficaz. Até o Dragão Matsuda teria dificuldade para enfrentar aquele monstro. Atordoado pelo calor, Mamoru não teve escolha a não ser recuar e contornar as áreas onde as chamas estavam mais fortes.

O melhor que podia fazer no momento era encontrar quaisquer sobreviventes e tirá-los dali. Ao chegar a uma parte da vila onde o fogo estava menos intenso, um som chamou sua atenção. Choro. O soluço interrompeu-se de repente com um som de osso se quebrando. Mamoru contornou uma casa incendiada para encontrar um soldado ranganês assomando sobre uma mulher caída. O rosto dela estava tão ensanguentado que Mamoru levou um momento para reconhecer Kotetsu Kaori, uma das primas de Kotetsu-Kama. Era ela quem fazia a lacagem das bainhas. Tinha passado mais de um ano criando a caixa de costura da mãe, dedicando-se a cada pétala de flor iridescente.

O fonyaka tinha a bota no pescoço dela. Parecendo alheio à presença de Mamoru, ele ergueu o pé para outro pisão.

Mamoru nunca criara e disparara uma lança tão rápido na vida. A água entrou em formação antes mesmo de seus pensamentos terem se solidificado em um ataque, impulsionada por uma raiva visceral. O fonyaka mal teve chance de erguer a cabeça antes de ser empalado no peito. Enquanto o projétil despontava das costas do homem, Mamoru já estava correndo.

— Kotetsu-san! — Ele caiu de joelhos ao lado da mulher e tocou seu ombro.

— Kotetsu-san, consegue me ouvir?

Mas o sangue nas veias dela havia desacelerado. Sua nyama não se agitou. Ela tinha partido. Sua filhinha jazia a um marco de distância, a coluna retorcida em um ângulo horrível, quebrada. Mais adiante na trilha para o centro da vila havia outros corpos, grandes e pequenos, homens e mulheres. A filha mais velha de Kotetsu Saori, Kasumi, estava caída ao lado de um pacotinho enrolado. Seu filho recém-nascido. Um *bebê*. Da mesma idade de Izumo.

Poucos siiranu antes, Mamoru achava que jamais encararia algo pior que os dedos imóveis e o crânio partido de seu professor. Mas o sensei Yukino era um guerreiro, tinha vivido para a luta. Matar um koro, que o encarava de espada na mão, era uma coisa, mas os numu não viam significado em morrer em batalha. O que fora feito ali era impensável. Imperdoável.

Ao lado de Mamoru, o fonyaka se contorcia no chão, tossindo sangue. Ainda não estava morto. O ódio preencheu os membros de Mamoru, que baixou a espada com força na garganta do homem. O ângulo estranho e a técnica desleixada fizeram com que a lâmina agarrasse na coluna vertebral do fonyaka, mas Mamoru a soltou com um rosnado e se ergueu.

Por um momento, sentiu um impulso atordoante de levantar o pé e pisar no fonyaka, sentir seu corpo ceder sob o calcanhar. Esmagá-lo. Quebrá-lo até que estivesse tão despedaçado quanto a mulher e as crianças que matara.

No entanto, havia mais numuwu naquela vila e, se ao menos um deles ainda estivesse respirando, Mamoru tinha que protegê-lo. Com punhos fechados, passou por cima do cadáver do fonyaka e seguiu procurando sobreviventes. Observou cada ruína por que passava, mas não identificou qualquer movimento que não a ondulação infernal das chamas. Parecia que os ranganeses que tinham passado por ali haviam avançado depois de se certificar que suas vítimas estavam mortas. O assassino de Kotetsu Kaori devia ser um retardatário.

Na metade da vila, encontrou uma muralha densa de gelo. Estava quase toda derretida, mas conseguira manter as chamas afastadas das casas mais a leste. Mamoru correu a mão pelo gelo molhado e um alívio percorreu seu corpo chamuscado. Conhecia aquele gelo, reconhecia sua estrutura profunda e estável. Ao contornar a barreira, enfim avistou uma movimentação humana em meio às ruínas. Um sorriso surgiu em seu rosto ao reconhecer a face suja de fuligem de seu mentor.

— Kotetsu Kama! — Sua voz falhou. — O senhor está vivo!

A muralha de gelo tinha impedido que o fogo chegasse à casa de madeira dos Kotetsu, mas os fonyakalu haviam destruído o edifício, reduzindo-o a uma pilha de escombros.

— Matsuda-dono. — O ferreiro ergueu os olhos quando Mamoru correu até ele. — Você precisa me ajudar!

— O que aconteceu? — perguntou Mamoru.

— Meu filho. — As mãos de Kotetsu, em geral firmes, tremiam, e Mamoru se deu conta de que estavam cobertas de sangue de ficarem revirando os escombros. — Atsushi está preso debaixo da casa.

— E os outros da sua família?

Kotetsu Kama engoliu em seco.

— El-Eles... — Mamoru jamais vira Kotetsu com dificuldade para controlar a voz. — Os pequenos conseguiram sair se arrastando e fugiram depois... — ele engoliu em seco — de-depois que os soldados foram embora. Acho que estão em segurança.

— E sua esposa? Sua mãe?

Kotetsu balançou a cabeça.

— Foi tão rápido. Eram poucos soldados, mas espalharam o fogo das forjas. Depois, quando as pessoas saíram correndo de casa, eles as mataram. Kaa-san sabia. Ela nos disse para não ficar dentro de casa... — Ele levou a mão aos olhos.Mamoru nunca tinha visto o mentor daquele jeito, como filho e marido,

como alguém que podia se sentir perdido.

— Kotetsu Kama. — Mamoru não fazia ideia de como impedira a própria voz de soar trêmula. — O senhor precisa sair daqui. Ainda há ranganeses subindo a montanha. Tio Takashi disse que os seguraria, mas não sei por quanto tempo...

— Não vou embora sem meu filho.

Mamoru se pegou querendo concordar. Parte dele não desejava que Kotetsu partisse. O numu sempre representara para ele uma fonte de conforto e orientação, mas era um ferreiro. Não tinha como conter a ameaça subindo a montanha, nem era sua responsabilidade fazer isso; era de Mamoru.

— Eu vou proteger seu filho — prometeu —, mas preciso que o senhor fique fora de perigo. Sou apenas um. Não sei se consigo proteger os dois ao mesmo tempo.

— Não é possível que você esteja sozinho — disse Kotetsu.

— Todos os Yukino e Mizumaki se foram. Meu pai voltou para a vila principal para proteger as mulheres e crianças, e meu tio... — Mamoru não entendeu como de repente soube. — Meu tio está morto — disse, baixinho.

— O quê? — O olhar chocado de Kotetsu lembrou Mamoru de que o ferreiro um dia ajudara a treinar o jovem Takashi nas forjas. Os dois eram amigos desde a infância. — Ele não pode estar...

Apesar da negação de Kotetsu, Mamoru sabia. Ainda não entendia direito como. Talvez aquela certeza viesse de sua percepção inconsciente das nyamas ao redor. Ou quem sabe fosse apenas lógica, por todo o sangue que tio Takashi havia perdido, por quantos inimigos estava encarando, e por quanto tempo havia se passado.

— Os ranganeses vão chegar aqui a qualquer dinma — disse ele a Kotetsu, com urgência renovada. — Você precisa ir antes de eles chegarem. Eu cuido de Atsushi. Vá!

— Mas...

— Obedeça! — gritou Mamoru, surpreso com a intensidade da própria voz.

Na forja, ele era aluno de Kotetsu, mas as forjas estavam destruídas. A vila se transformara em um campo de batalha e, no campo de batalha, eram os koro que comandavam.

Kotetsu só hesitou por um momento, olhando para Mamoru como se o encarasse com novos olhos.

— Você é um bom koro, Matsuda Mamoru. — Ele curvou a cabeça. — Deixo meu filho com você.

Mamoru assentiu, aceitando em silêncio a responsabilidade.

— Nyama para você, Matsuda-dono — disse Kotetsu, então correu montanha acima.

No mesmo instante, Mamoru se pôs de quatro e espiou as ruínas em meio à escuridão.

— Atsushi-kun? — chamou. Sua voz falhou de início, mas ele disfarçou com um sorriso. — Atsushi-kun? — Dessa vez, soou mais forte, mais encorajador. — Está me ouvindo?

Não conseguiu entender bem as palavras, mas uma resposta abafada ecoou debaixo dos escombros de madeira e pedra. Vento soprou as chamas do outro lado da muralha de gelo. Os fonyakalu estavam quase chegando.

— Aguente firme, ouviu? Vou tirar você daí. Só preciso cuidar de uns fonyakalu primeiro. Aguente firme.

Agarrando a espada, Mamoru correu para os limites da vila, longe das chamas, onde poderia enfrentar os inimigos com todo o poder congelante de seu jiya. Se havia qualquer mínima esperança de que seu tio tivesse sobrevivido para ajudá-lo, desapareceu quando Mamoru alcançou o cume que dava vista para a encosta.

Sempre ouvira dizer que a nyama de um teonita podia fazer coisas estranhas no momento da morte. Sentira o ar espasmar ao matar os fonyakalu, mas a visão macabra lá embaixo não se parecia com nada que já escutara.

Era como se cada gota da nyama divina de tio Takashi tivesse se manifestado em gelo durante sua morte — em um tipo de último desafio. A formação resultante não possuía um formato reconhecível, como uma katana ou um dragão. Era algo primitivo, bruto.

Dotado de uma personalidade explosiva em vida, Matsuda Takashi havia *se tornado* uma explosão na morte; galhos congelados e lâminas despontavam de seu corpo em todas as direções — cristais de gelo com veios de sangue. Fonyakalu distraídos, que tinham sido lentos demais para saltar para longe, haviam tido membros, peitos e abdomens perfurados pela potência do jiya moribundo. Alguns tinham sido erguidos no ar, criando uma árvore de cadáveres que brilhava vermelha contra o pôr do sol.

Os sobreviventes da carnificina estavam subindo a encosta ao encontro de Mamoru.

Respirando devagar, Mamoru ergueu a espada. Atsushi e Kotetsu Kama estavam logo atrás, contavam com ele para protegê-los. Mais além, a mãe e o pai contavam com ele. Além da montanha, os pescadores das ilhas de Shirojima e os fazendeiros de Yuwei e Hakudao contavam com ele. O Império contava com ele.

Mamoru enfrentou os inimigos — um, dois, três, quatro, cinco fonyakalu —, conforme eles voavam encosta acima. Qualquer soldado que passasse daquele ponto mataria Kotetsu Kama no caminho. Mataria Atsushi também, se o encontrasse, e então seguiria para a vila principal e mataria mais gente. E então, depois que todo mundo em Takayubi estivesse morto, aqueles soldados marchariam para o interior, levando o mesmo destino a mais centenas de pessoas.

A menos que a Espada de Kaigen servisse a seu propósito.

Então, eu servirei.

Com esse pensamento, os membros de Mamoru ficaram leves, animados por uma nova energia. O sensei Yukino entregara a vida para que ele pudesse

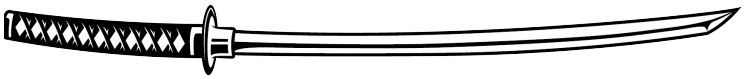
continuar lutando, e tio Takashi dedicara seu último momento a facilitar o trabalho. A força deles tomou o corpo de Mamoru, bombeando do coração para as veias. Não havia mais nenhuma confusão ou escolhas difíceis. Havia apenas o que Mamoru havia sido criado e treinado para fazer desde que tinha idade o suficiente para segurar uma espada de treinamento: avançar para encarar seus inimigos e matar.

Matar.

Matar.

16

A alma



Pela segunda vez naquele dia, Misaki se encolheu diante dos ranganeses à porta, mas daquela vez o medo não foi fingido. Mesmo no auge de sua força física, jamais teria sonhado em desafiar um membro das forças especiais de combate de Ranga. Naquele momento, encarava dois.

O mais alto era um homem enorme, com o rosto pontilhado de cicatrizes de estilhaços, um sinal de que já havia sobrevivido a outras batalhas. A menor era uma mulher com o tipo de pernas que Misaki teria dado tudo para ter na época da Alvorecer: compridas e fortes. A um primeiro olhar, nenhum dos dois portava qualquer arma, mas Misaki notou que a mulher carregava um par de facas retas incomuns presas ao cinto, uma de cada lado do quadril. Não, não eram facas, percebeu. Eram leques.

Certa vez, caçoara de Ya-li por lutar com um leque dobrável, mas calara a boca depois de ver como um leque usado de maneira habilidosa podia amplificar a fonya, duplicando seu alcance e potência. Para um jijaka, um leque era um acessório aristocrata que combinava com almofarizes refinados e papéis de carta perfumados. Para um fonyaka habilidoso, era a diferença entre um golpe forte e um golpe arrasador.

Os ranganeses de preto avançaram, e Misaki recuou. Só pela fonya que emanavam e a elegância poderosa de seus movimentos, ela soube que encará-

los em combate não era uma opção. A única coisa que podia fazer era atraí-los para longe do porão que abrigava sua família.

Misaki se virou e disparou para o corredor lateral mais próximo. A fonyaka a seguiu, aproximando-se a uma velocidade alarmante. Malditas pernas. O homem atravessou uma parede para impedir seu avanço. Misaki parou, cambaleante, o coração disparado, encurralada entre dois lutadores bem mais fortes do que ela. O homem deu um passo ameaçador em sua direção, enquanto a mulher puxava os leques do cinto.

Pensando rápido, Misaki sugou toda a água que pôde do ar ao redor e ergueu o líquido de ambos os lados, como se pretendesse formar escudos finos de gelo, como se possuísse sequer uma fração do jiya necessário para suportar o que os dois lançariam sobre ela. A mulher soltou uma risada desdenhosa, abriu um dos leques e atacou.

Em vez de fortalecer suas defesas, Misaki as abandonou. Quando a água baixou, ela fez o mesmo. Houve uma época em que conseguia abrir um espacate em um piscar de olhos; no momento, o simples movimento de se agachar até o chão fez seus músculos doerem e um estalo doloroso percorrer seu quadril, mas ela conseguiu sair do caminho da rajada de vento.

O soldado fonyaka provavelmente teria conseguido se desviar do ataque da colega em campo aberto, mas Misaki havia obscurecido a visão dele dos leques até que fosse tarde demais. A onda amplificada de fonya atingiu o corpo dele com toda a força, fazendo-o atravessar a parede mais próxima e, a julgar pelos estrondos, as duas seguintes também.

— *Aiya!* — A fonyaka soltou um arquejo de susto.

Misaki sentiu o impulso de usar o momento de surpresa e angústia da inimiga para fechar a distância entre as duas, mas a pontada de dor no quadril lhe dizia que não seria possível, de modo que ela lançou uma chicotada de água entremeada com gelo nos tornozelos da mulher.

Lento demais. A fonyaka era lépida e saltou sobre o arco do ataque. O pulo

impulsionado pelo vento a levou pelos ares na direção de Misaki. Uma daquelas pernas compridas se ergueu rumo ao teto, depois baixou, o calcanhar estendido feito um martelo.

Os dias em que Misaki era capaz de se mover com aquele nível de agilidade elástica haviam ficado para trás; ela teve que se jogar para o lado, desajeitada, a fim de escapar do golpe. O chute machado fez contato com uma força assustadora, quebrando madeira e sacudindo a casa inteira. Se o pé da mulher atravessara o assoalho, Misaki provavelmente não teria sobrevivido por mais de dois dinmanu. Misaki aproveitou que a guerreira estava soltando a perna das tábuas para assumir uma pose de luta. Mesmo assim, mal conseguiu se esquivar do golpe seguinte. As lâminas dos leques roçaram suas mangas, rasgando o tecido azul.

Enquanto a fonyaka completava o movimento do ataque falho, Misaki virou o corpo para desferir um corte para cima, mirando a artéria braquial sob o braço estendido dela. No entanto, em vez de tentar retomar sua posição, a mulher *aproveitou* o ímpeto do golpe perdido, girando o corpo antes que a lâmina a alcançasse e sumindo com o alvo de Misaki.

O ataque de Misaki pegou na parte de trás do uniforme da guerreira, sem encontrar pele, mas aquela era a beleza de uma espada como Siradenyaa: podia mudar de direção em um neye. No instante em que o corte de Misaki errou o alvo, ela girou a espada sobre a cabeça para mirar o pescoço da oponente.

Tendo completado o giro, a mulher usou um leque fechado para aparar a lateral de Siradenyaa e a desviar do alvo. Misaki recuou Filha da Sombra para perto do quadril quando a fonyaka fez o mesmo com o leque fechado. Em um estranho momento de imagens espelhadas, as duas se impulsionaram com os pés de trás, tentando uma estocada.

Idiota, pensou Misaki, quase decepcionada com a jovem oponente. A fonyaka podia ter mais velocidade e força, mas não importaria; o alcance de

Siradenyaa era muito maior do que o de um leque, e de jeito nenhum o ataque da ranganesa a atingiria primeiro. Siradenyaa mergulhou rumo ao peito da vítima, mirando além do uniforme preto abotoado, além do seio, o coração pulsante abaixo.

Na pressa de finalizar a luta, porém, Misaki se esqueceu do outro leque, que surgiu no caminho pouco antes que sua lâmina atingisse a meta. Siradenyaa, claro, atravessou o metal fino, mas a estocada foi repelida e não pegou o coração da mulher, fez apenas um corte inofensivo em sua manga.

Misaki fez menção de livrar a lâmina, mas, antes que pudesse ajustar a postura para isso, o leque se fechou, prendendo a espada de vidro zilazeno em suas dobras. A fonyaka segurou com força o leque fechado e arrancou a espada das mãos de Misaki, lançando as duas armas longe.

Assim que percebeu que seria desarmada, Misaki soltou a espada e mudou de postura para mirar seus dedos prontos para a Agulha de Sangue no pescoço da mulher. Mesmo com a abertura, não foi rápida o bastante. A fonyaka se curvou para evadir o ataque, travando facilmente Misaki em uma chave.

Contra um oponente mais rígido, Misaki teria tentado relaxar os músculos e escapar, mas aquela mulher era tão flexível que seria como tentar se libertar das voltas de uma serpente. Em um instante, Misaki se pegou no chão de madeira, o braço dobrado dolorosamente para trás e um joelho pressionado entre suas escápulas. Quinze anos antes, teria criado lâminas de gelo na ponta dos calcanhares e dado um chute estilo escorpião na cara da mulher, mas, mesmo sem tentar, sabia que já não possuía a flexibilidade para um golpe daquele.

A mulher forçou o braço de Misaki com o peso do próprio corpo, arrancando um grito de dor da jijaka.

Pense, Misaki! Pense, antes que ela quebre seu braço!

Aquela fonyaka era esperta e notaria qualquer movimento óbvio, fosse no corpo de Misaki ou na água ao redor. Por sorte, a Agulha de Sangue Tsusano

não era a única agulha no arsenal de Misaki. Com dois dedos, ela reuniu uma lasca de moléculas de água a uma passada de distância de onde estavam: uma versão minúscula das lanças de gelo de que os homens de Takayubi tanto gostavam.

A maioria dos guerreiros preferia uma lança impressionante a uma agulha, mas o bom das agulhas era que conseguiam atravessar tecido, carne e ar despercebidas, e só precisavam de um movimento mínimo para serem disparadas. A ranganesa não notou a lasca de água se solidificando, só forçou ainda mais o braço de Misaki. Quando a dor aumentou, Misaki moveu os dedos contra a palma, e a agulha de gelo disparou na direção dela.

O berro foi tão satisfatório quanto horrível; informou a Misaki que seu ataque atingira o alvo, que era o olho da fonyaka. Quando o aperto serpentino afrouxou, Misaki rolou para se libertar e se pôs de pé.

A fonyaka também tinha se levantado, uma mão cobrindo o olho que sangrava, o que foi impressionante. O grito de dor se transformou em um grito de raiva, e ela partiu para cima de Misaki. O leque restante cintilou diante dela e, se a noção de profundidade da mulher não estivesse comprometida, Misaki teria sido feita em pedacinhos na investida de golpes e gritos que se seguiu. Na realidade, precisou repelir alguns ataques com os antebraços, que retalharam suas mangas e fizeram sangue respingar no chão. A mulher a obrigou a recuar do corredor para a cozinha.

Misaki sabia que precisava encerrar aquela luta enquanto ainda estava em vantagem. Correu os olhos para onde ela e Setsuko guardavam as facas, mas seu cérebro rejeitou a ideia antes que arriscasse o pescoço tentando alcançar a gaveta. Não conseguira matar aquela mulher com vidro zilazeno; de que ia adiantar uma faca de cozinha? Mesmo ferida, a soldada se movia muito mais rápido; seria preciso imobilizá-la para matá-la. Misaki estava no fim de suas forças, as pernas sobrecarregadas prestes a falhar, enquanto a fúria da fonyaka parecia a estar deixando mais forte a cada dinma.

Recuando aos tropeços da inimiga enlouquecida, Misaki esbarrou na bancada, tomando o cuidado de se colocar bem na frente da pia. A mulher sacudiu o leque, soltando uma rajada de fonya, e Misaki pulou para o lado, deixando que o vento atingisse a torneira. A água explodiu pelo cômodo, jorrando do cano quebrado, caindo no chão e esguichando pelo ar.

A fonyaka soltou um grito de susto quando um jato acertou seu olho bom. Misaki aproveitou o momento de cegueira para se aproximar. Não confiava em seus músculos trêmulos para executar nenhum chute rápido ou rasteiras mais avançadas de seu repertório, então se jogou de corpo inteiro para derrubá-la. A guerreira mais alta era tão musculosa que foi como bater o ombro em um pedregulho, mas o impulso de Misaki ajudou a desequilibrá-la.

As duas mulheres desabaram no chão, enquanto água se espalhava sob elas e chovia de cima. Em vez de tentar conter a mulher mais forte com o peso do corpo, Misaki aterrissou com uma mão de cada lado da vítima e forçou seu jiya exausto a entrar em ação. A fonyaka abriu o olho saudável, aumentou o aperto no leque e voltou a movimentar sua fonya com toda fúria... mas era tarde demais. A luta tinha acabado.

A mesma técnica de congelamento que Misaki costumava usar para escalar paredes também era excelente para imobilizar oponentes. A maioria dos jijakalu precisava de uma quantidade considerável de água para congelar e prender o corpo de alguém, mas Misaki precisava apenas de uma camada fina. Assim que caíram no chão molhado, ela prendera o cabelo, a pele e o uniforme da guerreira com um gelo que tinha a força para segurar um ser humano na face de um arranha-céu.Fonya redemoinhou, e Misaki viu o olho bom da mulher se arregalar quando ela notou o frio intenso e percebeu que não conseguia se mexer. Seu rosto se contorceu em um rosnado. Fonya soprou o cabelo e o quimono de Misaki, mas, sem os membros da fonyaka para direcioná-lo, o vento não passava de uma lufada inútil.

Misaki tirou o leque da mão direita da mulher. Seria uma ferramenta de

execução bem bagunceira, mas seus músculos e seu jiya estavam tão exauridos que ela achava que não conseguiria formar uma lança de gelo, nem mesmo se levantar para ir buscar Siradenyaa. Abrindo o leque, tentou encontrar uma pegada confortável com a mão esquerda; o braço direito fora tão contorcido que não confiava nele para segurar uma arma.

— *Sua lesma marinha kaigenesa imunda* — cuspiu a mulher, apelando para xingamentos racistas, como muitos guerreiros faziam ao serem derrotados. O pior era que eram ofensas ruins. — *Você roubou.*

Indignada, Misaki olhou para a fonyaka de cara feia.

— Tente *você* lutar de forma justa depois de parir quatro bebês — rebateu, ofegante, no dialeto de Shirojima, que sabia que a soldada não entenderia.

Assim que as palavras saíram de sua boca, uma ideia a fez hesitar e baixar os olhos para a fonyaka. Ela com certeza era mais nova que Misaki, mas não tanto para que já não pudesse ter filhos... A mulher tinha parado de se debater. Jazia sob Misaki, parada exceto pelo peito ofegante. Sua mandíbula estava cerrada. Era a expressão de uma mulher se preparando para a morte, de uma mulher que sabia, que sempre soubera, no que estava se metendo.

Se ela tivesse filhos... bem, então não deveria ter cruzado o oceano para ir matar os filhos de outra pessoa. A culpa era só dela.

Misaki ergueu o leque para atacar.

— *Você está segurando errado.*

As palavras inesperadas só fizeram Misaki hesitar um dinma. Foi um erro.

Naquele instante de hesitação, a mulher *se moveu.* Um berro animalesco sacudiu o ar enquanto o braço direito dela se descolava do gelo, deixando a manga e boa parte da pele para trás. Em um sobressalto horrorizado, Misaki se deu conta de que a mulher não estivera se preparando para morrer, mas para uma dor excruciante.

Rugindo de agonia, a fonyaka agarrou o rosto de Misaki em um aperto de aço, os dedos ensanguentados. Misaki tentou recuar a cabeça, mas a mulher

mais jovem era forte demais. Dedos poderosos a apertaram, fazendo-a abrir a mandíbula, e a fonyaka *puxou* — não apenas o corpo de Misaki, mas o ar dentro dele.

O fôlego abandonou seus pulmões, deixando-a tonta, e uma dor aguda perpassou seu peito feito uma lâmina. O pânico a dominou quando se deu conta do que estava acontecendo: *Lazou Linghun*, era como os ranganeses chamavam. O Puxão da Alma. Uma técnica hereditária tão rara quanto a Lâmina Sibilante e tão temida quanto o Titereiro de Sangue. Era preciso uma quantidade tremenda de poder para sugar o ar de dentro do corpo de outro teonita, mas, com bastante treinamento, alguns membros de certas linhagens conseguiam realizá-la. E, em sua fúria alimentada pela dor, poder não parecia ser problema para aquela mulher.

Misaki tentou resistir ao puxão, tentou expandir os pulmões em uma respiração profunda, mas, assim que fez isso, a dor em suas costelas quase lhe causou um desmaio. Em dinmanu, seus pulmões estariam vazios, reduzidos a tecido amassado. Incapaz de arrancar a mão da teonita mais forte do rosto, ela golpeou com o leque na direção da garganta da mulher. Sangue jorrou do pescoço da fonyaka e seu corpo convulsionou contra a prisão de gelo.

De modo aterrorizante, os espasmos derradeiros só fizeram o aperto *aumentar*, as unhas arrancando sangue das bochechas de Misaki, e o puxão se intensificou. Era como se a própria alma da fonyaka tivesse cravado as garras em Misaki na saída do mundo dos vivos, determinada a levá-la junto.

Misaki sentiu pontadas de dor no peito e nos flancos quando seus pulmões começaram a colapsar. Dominada pelo pânico, ela atacou de novo, cravando o leque tão profundamente no pescoço da mulher que a arma atingiu a coluna e ficou presa ali. A mão da fonyaka enrijeceu-se contra o rosto de Misaki, tremeu... então, finalmente, finalmente, a soltou.

Tarde demais, pensou Misaki enquanto o mundo se turvava. *Tarde demais.* Ela abriu bem a boca, mas nenhum ar entrou. Apenas uma escuridão sufocante.

Mamoru

Mamoru derrotou os cinco fonyakalu tão rápido que nem pareceu verdade. *É assim que é ser o tio Takashi?*, perguntou-se, enquanto girava, cortando dois soldados de amarelo com um só golpe. Se era, se a sensação era tão *boa* daquele jeito, então achava que estava feliz que o tio tivesse morrido lutando.

Os corpos caíram na neve e ali permaneceram. Mamoru se pegou parado no meio deles, ombros empertigados, respirando ofegante em uma mistura de esforço e euforia. Depois de confirmar que não havia mais nenhum fonyaka subindo a encosta, voltou correndo para a casa dos Kotetsu e começou a escavar os escombros. Buscando com seu jiya, não demorou a encontrar Atsushi.

— Mamo... Matsuda-dono! — A voz do garoto falhou de alívio.

Para um numu, Atsushi sempre fora habilidoso com seu jiya, e isso lhe salvara a vida. Ele tinha se protegido dos escombros criando duas pilastras robustas de gelo. O garoto não possuía força suficiente para se livrar de vez das ruínas, mas Mamoru, sim.

— Atsushi-kun, no três, vamos empurrar juntos. Ichi... ni... *san*!

A união dos jiya fez os escombros subirem, e Atsushi conseguiu sair de debaixo deles. Mamoru agarrou a mão do menino e o puxou para um lugar seguro. Antes de deixar os escombros voltarem a desabar, enfiou o braço sob a casa mais uma vez, esticando os dedos, à procura de algum pulsar de sangue. Se Atsushi sobrevivera ao desabamento, talvez mais alguém também tivesse sobrevivido. *Talvez...* Mas nenhum pulsar alcançou os dedos de Mamoru, apenas um fluxo ferroso que ele passara a reconhecer como o sangue deixando um cadáver. Fechou os olhos, recolheu o braço e liberou seu jiya, deixando as ruínas da casa despencarem.

Atsushi estava agarrado à sua manga, trêmulo.

— Mamoru! — exclamou o pequeno ferreiro, arfante, deixando a formalidade de lado em sua mistura de raiva e desespero. — Minha mãe ainda está lá embaixo! Minha avó...

— Me escute, Atsushi-kun — Mamoru o segurou com firmeza pelos ombros —, sua mãe está... — As palavras travaram na garganta. Ele não conseguia falar. Não conseguia imaginar ouvir aquelas palavras, então escolheu outras. — Sua mãe ia querer que você sobrevivesse.

E aquilo era pior, porque não precisava imaginar. Tinha visto o olhar de Kaa-chan ao se soltar das mãos dela, vira seus dedos se curvando no ar onde ele estivera.

— Ela só ia querer isso. Sua avó também. Você sabe.

Atsushi balançou a cabeça, os olhos marejados. E quem sabe por sentir lágrimas surgindo nos próprios olhos, Mamoru passou um braço ao redor do pequeno ferreiro e o abraçou contra o ombro.

— Pela sua mãe, Atsushi-kun, suba. Encontre seu pai, se puder. Se não puder, encontre um esconderijo seguro. Você conhece esta montanha melhor do que os fonyakalu. Se você se esconder...

Mamoru se interrompeu quando algo chamou sua atenção: um vislumbre de preto nas rochas acima, rápido demais para ser um pássaro. Sentiu um aperto no coração.

— Corra, Atsushi-kun!

— O que...

— *Corra!* – Mamoru empurrou o menino.

Mal tinha conseguido recuar também quando a fonya o atingiu. A onda de ar acertou a neve onde os dois tinham estado com um barulho que pareceu mais trovão do que vento.

Mamoru se encolheu por completo e rolou ao atingir o chão. Quando se pôs de pé, os tabi escorregando na neve, Atsushi ainda estava se recuperando da força do ataque. O vento colocara diversos marcos de distância entre eles.

O fonyaka de elite aterrissou agachado entre os dois, tecido preto retalhado tremulando ao seu redor feito penas antes de se aquietarem. Mamoru não conseguira olhar o homem com atenção antes, mas, ao correr os olhos lentamente pelo corpo do soldado, seu maior medo foi confirmado. Aquela era a trança presa de modo desleixado após o corte do sensei Yukino. Aquelas eram as roupas e a pele retalhadas pelas presas do Dragão Matsuda. Aquela era a perfuração ensanguentada onde Tou-sama tinha mirado para matá-lo... e falhado.

O matador de dragão se esticou com uma elegância preguiçosa.

Do outro lado do fonyaka, bem longe do alcance de Mamoru ou de seu jiya, Atsushi se esforçava para ficar de joelhos. O numu de 10 anos estava abalado e desorientado. Presa fácil. Impotente, Mamoru viu o matador de dragão olhar, indeciso, dele para Atsushi, achando graça, como se ainda não tivesse escolhido sua vítima. Se os ferimentos o tinham enfraquecido, sua postura não demonstrava, e se aquele fonyaka ainda estivesse em plena força, Mamoru sabia que não havia nada que pudesse fazer para proteger o amigo.

— Corra, Atsushi! — gritou ele quando o menino tentou se levantar. — Corra!

Atsushi era rápido para um numu. Claro, isso não o salvaria daquele demônio que parecia se mover à velocidade do som.

Se eu correr, pensou Mamoru, desesperado, *se Atsushi e eu dispararmos em direções opostas, talvez o fonyaka me siga.*

Sabia que correr lhe custaria a vida. Não se podia dar as costas a um guerreiro superior e esperar sobreviver, mas essa não era a questão. Mamoru era rápido. Talvez conseguisse ganhar tempo suficiente para que Atsushi encontrasse um lugar seguro.

Então, lembrou-se de seu primeiro encontro com o matador de dragão, lembrou-se de como o demônio de preto passara direto por ele e pelos primos Yukino, rumando para o sensei. Aquele fonyaka era como tio Takashi; sua

ânsia por uma boa luta se sobrepunha a qualquer coisa. Enquanto predadores inferiores eram atraídos para vítimas fracas e feridas, aquele ali era atraído por força.

Essa compreensão se assentou quando Atsushi recuperou o equilíbrio e correu. Feito um tigre estimulado a agir pela fuga de uma corça, o fonyaka partiu atrás dele.

— Não!

O pânico deu velocidade ao jiya de Mamoru, que ergueu a neve e disparou um par de lanças na direção do fonyaka. O matador de dragão não pareceu se impressionar, pois soprou para longe o ataque de Mamoru sem nem olhar para ele, então deu outro passo rumo a Atsushi.

— *NÃO!*

O poder de uma dúzia de jijakalu pareceu preencher os membros de Mamoru. A muralha de gelo foi maior do que qualquer coisa que jamais formara de uma vez só, e explodiu da neve feito um gêiser, erguendo-se para assomar sobre o matador de dragão e interromper seu percurso.

Sabia muito bem que o fonyaka podia romper aquela muralha ou pular por cima dela, se quisesse. Foi apenas uma demonstração de poder para desviar a atenção do homem de Atsushi.

Funcionou.

O fonyaka se virou para Mamoru e o encarou com novos olhos. Tinha uma expressão estranha, como se ainda não soubesse se estava impressionado ou exasperado.

— Se você sequer pensar em ir atrás dele, vou cravejar suas costas com lanças. — Mamoru sabia que o fonyaka não falava o dialeto de Shirojima, mas teve certeza de que entendia a ameaça em sua voz.

O matador de dragão ergueu a sobrancelha, como se dissesse: *É mesmo? Tem certeza de que não quer correr?*

Eu não fui feito para correr, pensou Mamoru.

— Me enfrente, fonyaka.

A verdade era que Mamoru não era páreo para aquele homem, que lutara de igual para igual contra o sensei Yukino, Tou-sama e tio Takashi, mas era por isso mesmo que precisava vencer. Não havia ninguém mais acima na montanha capaz de deter aquela criatura. Dezenas, talvez centenas, de pessoas inocentes morreriam se ele seguisse caminho.

Posso não conseguir matá-lo, pensou Mamoru, sacando a espada. *Posso não conseguir matá-lo, mas posso fazer* alguma coisa. *Posso feri-lo o bastante para que meus pais deem cabo dele sem problemas.*

– *Hao.* – O fonyaka alongou o pescoço com um suspiro resignado que parecia dizer: *Vamos acabar logo com isso.*

Mamoru dobrou os joelhos, pronto para se desviar de um daqueles ataques de longo alcance que os fonyakalu pareciam adorar. Então, lembrou-se de como aquele fonyaka específico havia fechado a distância até o sensei Yukino não apenas uma, mas duas vezes. Suas armas, antes de perder uma para o ombro do sensei Yukino e a outra para a mandíbula do Dragão Matsuda, tinham sido um par de adagas, que funcionavam melhor em um confronto físico direto. Por algum motivo, aquele homem preferia luta corpo a corpo, mas isso não significava que *não conseguisse* desferir ataques de longo alcance. Mamoru precisava estar atento a golpes de qualquer distância.

O fonyaka partiu para cima dele, cruzando a neve tão rápido que seus pés mal pareciam tocar o solo. Mais flecha do que homem.

O primeiro instinto de Mamoru foi recuar para sua pose de luta e buscar o ponto de ataque perfeito, como Tou-sama. Finalizar o confronto em um único golpe, como o sensei Yukino. Só que Tou-sama e o sensei Yukino já tinham falhado em matar aquele homem, e Mamoru não se comparava a eles. O fonyaka já tinha visto muito mais precisão e inteligência em Tou-sama, muito mais velocidade e perfeição de técnica no sensei, muito mais ferocidade brutal em tio Takashi, do que Mamoru poderia apresentar. Sua única chance — se é

que tinha alguma — era pensar rápido e se movimentar de modo inesperado.

Então, correu ao encontro dele.

Diferente dos outros soldados de elite que Mamoru encarara, o matador de dragão não precisava plantar os pés para disparar um ataque. Ele executou uma estocada de mão no meio da corrida. O golpe rasante não teve potência para derrubar Mamoru ou quebrar seus ossos, mas, no momento em que o atingiu, seu propósito ficou claro... tarde demais. O vento já tinha acertado o braço direito do garoto, fazendo a katana sair voando de sua mão.

Perder a espada deveria tê-lo abalado, mas Mamoru já pegara impulso demais para deixar alguma coisa o desacelerar. Era um Matsuda. Sua espada não era feita de gelo nem de metal; era sua alma. Neblina e neve correram às suas mãos, enquanto o resto da distância entre ele e o inimigo se esvaía.

A estocada de mão seguinte do fonyaka atingiu o melhor escudo de gelo improvisado que Mamoru já construíra; a camada exterior, rígida, se quebrou, mas a camada macia de neve amorteceu o impacto, suavizando o golpe antes que alcançasse o gelo mais profundo, que envolvia o braço de Mamoru. As técnicas se anularam mutuamente, fazendo com que os dois guerreiros recuassem apenas alguns passos, em vez de serem arremessados longe.

Recuperando o equilíbrio, Mamoru arremessou o que restava do escudo no fonyaka. No dinma que o homem de preto levou para rebater a placa de gelo, Mamoru ergueu a mão e preencheu com jiya as lascas da camada externa do escudo, ainda no ar. O gelo havia se partido em pedaços calculados, criando cacos afiados.

Vamos ver você se esquivar disso, pensou Mamoru, e recuou a mão bruscamente, fazendo com que aquelas centenas de cacos aguçados disparassem contra o fonyaka. Nem mesmo o guerreiro mais ágil conseguiria se desviar de uma rajada de projéteis tão densa.

Ao vislumbrar os cacos se aproximando, o fonyaka soltou um pequeno arquejo de surpresa. Então, girou. *Droga!* Mamoru tinha se esquecido de que

ele podia fazer aquilo! A rotação criou um redemoinho protetor ao redor do fonyaka. O ciclone o envolveu feito um casulo, capturando as centenas de miniprojéteis criados por Mamoru e os dispersando. Alguns dos cacos voaram longe, mas a maioria voltou direto para Mamoru, impulsionadas por uma combinação fatal de seu próprio jiya com a fonya do inimigo.

Ele teve que emitir um pulso forte de jiya para evitar ser atingido pelos próprios projéteis. Seus reflexos o salvaram de um ferimento fatal, mas alguns cacos se cravaram em seus ombros e coxas. O oponente nem deu tempo para a dor assentar.

Os pés em giro do fonyaka eram tão sutis quanto velozes. Mamoru não teria notado o movimento só com os olhos, mas estava tão afinado à água ao redor naquele momento que sentiu a mudança na neve sob as botas do soldado. Mesmo sabendo que o chute giratório estava a caminho e o tendo visto em ação, Mamoru quase não conseguiu se abaixar a tempo de evitá-lo. Soltou um suspiro de alívio quando o golpe passou assobiando sobre sua cabeça, sem atingi-lo. Só não esperava o segundo chute.

Percebeu a bota preta vindo na direção de sua cabeça tarde demais para se esquivar. O máximo que pôde fazer foi se proteger. O chute circular atingiu seu antebraço, que por sua vez atingiu sua cabeça, jogando-o de lado. Seu cérebro zumbiu como se tivesse recebido toda a potência do chute, e seu *braço*... ele tinha bastante certeza de que algo havia se quebrado ali. Estranhamente, porém, não doeu. Dominado pela euforia da luta, já não sentia qualquer dor. Recuperou-se com um giro, sorrindo, os punhos erguidos e envoltos em gelo.

O frenesi devia ter aumentado sua velocidade, porque conseguiu repelir um movimento serpentino de mão desferido pelo fonyaka na direção do seu pescoço. Fingiu que ia dar um soco na cara do homem com uma mão, usando a outra para mirar o ombro ferido. Se Tou-sama já fizera metade do trabalho, quem sabe... O matador de dragão percebeu a tentativa e mal se deu ao trabalho de se desviar do soco fingido, deixando o golpe fraco resvalar em seu

rosto, mas bloqueando o soco bem mais forte que Mamoru mirou em seu ombro.

Notando que o fonyaka ia recuar, Mamoru agarrou seu uniforme preto. Não podia deixá-lo sair do curto alcance. Já vira o tipo de ataque que aquele homem conseguia lançar da distância ideal, e não tinha intenção de deixá-lo armar outro. Mamoru o puxou para a frente.

O matador de dragão não pareceu se importar, recuando o braço para um soco... um movimento estranhamente óbvio para um guerreiro tão habilidoso. Mamoru ergueu a mão direita para bloquear, mas de algum modo inexplicável o soco do fonyaka *atravessou* o bloqueio.

O impacto atingiu a barriga de Mamoru, fazendo o mundo parar bruscamente.

Uma dor surda atravessou seu abdômen, enquanto um sorriso contorcia o canto da boca do matador de dragão.

— *Peguei você* — disse ele, em um kaigengua ruim.

Por um momento, Mamoru ficou tão surpreso de ouvir palavras, palavras que *entendia*, saindo da boca daquele demônio, que ficou parado, atônito.

Então, sentiu sangue molhando seu hakama e compreendeu que o golpe que recebera não fora soco algum. A surpresa se transformou em medo quando ele baixou os olhos.

O polegar e os primeiros dois dedos de sua mão da espada tinham sumido, decepados na segunda junta. Havia uma lâmina cravada sob suas costelas; comprida, cintilante e estranhamente familiar. Mamoru não entendeu de onde a arma tinha vindo até que seus olhos bateram na guarda turquesa e nas voltas das serpentes. Era a espada *dele*. O matador de dragão a pegara na descida.

A mente de Mamoru travou, confusão, negação e uma admiração contrariada se chocando feito placas de gelo em um rio descongelando. A própria espada... Aquilo significava que o fonyaka planejara toda aquela sequência de golpes? Desde o momento em que tirara a espada da mão de

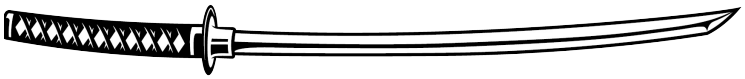
Mamoru? Será que era tão bom assim? Se fosse o caso, Mamoru jamais tivera chance. Por outro lado, talvez a ferida não fosse tão grave assim. Quem sabe ainda conseguisse lutar. Quem sabe ainda conseguisse...

O matador de dragão puxou a lâmina para fora e Mamoru observou as próprias entranhas deixarem seu corpo. A realidade o dominou como as águas de um rio rompendo o resto do gelo do inverno. *Vou morrer*, percebeu com uma clareza sinistra.

Vou morrer.

17

O fim



— Misaki? — chamou uma voz acima dela.

Por que seu peito estava cheio de adagas? Pelos Deuses, doía tanto!

— Misaki!

Ela abriu os olhos e ficou surpresa de ver que, na verdade, não havia várias lâminas cravadas em seu corpo. Estava inteira, e o único sangramento vinha dos cortes nos antebraços. Setsuko a encarava com olhos cheios de lágrimas.

— Misaki! Ah, graças a Nami você está bem!

Antes que Misaki reagisse, a outra mulher a envolvera em um abraço apertado que fez novas pontadas de dor brotarem em suas costelas. Então, Misaki se lembrou: vislumbres do leque afiado, um braço sem pele, *Lazou Linghun* sugando o ar de seus pulmões.

O que você está fazendo?, tentou perguntar Misaki. *Volte! Volte e se esconda!* Mas, quando abriu a boca, só um gemido resfolegante saiu.

— Yosh, yosh — tranquilizou-a Setsuko, esfregando suas costas. — Você vai ficar bem.

— C-Como... — sussurrou Misaki, e sentiu os olhos marejando de dor. Como pronunciar uma única palavra podia doer tanto? — Quanto... te-empo?

— Quanto tempo você ficou desmaiada? Só alguns dinmanu, acho. Ouvi um grito terrível, e sei que você disse para eu me esconder no porão, mas eu

tinha... Desculpe. Desculpe — gaguejou ela. — Mas eu tinha que vir ver se você estava bem. Você desmaiou bem quando cheguei aqui. E... E tinha tanto sangue! Não sabia de quem era e pe-pensei que você tivesse morrido, Misaki! O que houve?

Misaki balançou a cabeça, em silêncio. Não era para Setsuko saber. Não era para ela saber de nada daquilo.

— Então, esta garota aqui... — disse Setsuko, indicando o corpo meio decapitado, meio esfolado que fora a fonyaka dos leques. — Você a matou?

Misaki fechou os olhos com força contra a dor e assentiu.

— E todos aqueles homens nos corredores? Também foi você? — Setsuko falava devagar, como se temesse a resposta. Mas não havia propósito em mentir, então Misaki assentiu de novo. — Grande Nami, Misaki!

Misaki manteve os olhos fechados, sem querer ver a expressão apavorada de Setsuko. Esperou, angustiada, que a concunhada se retraísse, a afastasse. Mas Setsuko a abraçou mais forte.

— Estou tão feliz de ter você aqui! — A voz de Setsuko se partiu em um soluço. — O que teríamos feito? O que teríamos feito sem você?

Foi então que Misaki sentiu: uma noção vaga de que ainda havia um fonyaka vivo por perto. Agarrou os ombros de Setsuko e cerrou os dentes, tentando formar palavras.

— Volte... — conseguiu dizer, por fim. Setsuko não estava segura ali.

— Desculpe — disse a mulher, enquanto a sensação virava uma certeza dentro de Misaki. No cômodo ao lado, havia um fonyaka se preparando para um ataque. — Sei que você me disse para ficar escondida, mas quando ouvi os gritos não pude...

— Volte!

Misaki empurrou Setsuko com toda a força que lhe restava, bem quando a parede ao lado explodiu.

O vento fez Misaki sair voando pelo assoalho. Ela cobriu a cabeça com as

mãos, torcendo para que seu empurrão tivesse sido suficiente para tirar Setsuko do alcance dos destroços que atingiram seus antebraços e choveram ao redor.

Levante-se!, gritou sua mente, mesmo enquanto a dormência do choque e do impacto percorria seu corpo. *Levante-se e lute!*

Seu corpo se recusou. Tudo doía muito.

Queria apenas se deitar e permitir que aquele novo inimigo a matasse. Deixar chegar o fim. Só que sua vida não era a única em jogo. Porque Setsuko estava bem ali — talvez *apenas* porque Setsuko estava bem ali —, Misaki apoiou as mãos no chão e tentou se erguer. Nem chegou a ficar de pé.

Alguém agarrou seu cabelo solto e a puxou para cima, arrancando um grito de seus pulmões feridos. Era o fonyaka com as cicatrizes. O sangue que pingava da cabeça dele fez Misaki ficar grata por não ter sido atingida por todo o impacto do ataque da guerreira dos leques, como ele fora. O homem provavelmente passara alguns siiranu inconsciente, mas não parecia estar enfraquecido. Com o que pareceu um movimento casual do braço, ele jogou Misaki do outro lado da cozinha.

Ela atingiu a mesa onde Mamoru e Chul-hee tinham estado estudando e rolou por cima dela, quebrando xícaras e espalhando pergaminhos. Quando desabou no tatame, do outro lado, todo seu corpo parecia latejar com hematomas iminentes. Seu crânio doía e agora havia uma agonia aguda em seu pescoço, competindo com a dos pulmões. Lutando contra as estrelas em sua visão, ela agarrou a beirada da mesa e tentou se levantar, mas seu corpo tremia tanto que não conseguiu. Piscou para tentar enxergar melhor e conseguiu discernir o fonyaka partindo para cima dela.

— Pare! — gritou uma voz, e Misaki se virou para ver Setsuko brandindo uma faca de cozinha. — Deixe ela em paz!

— Não! — Misaki arregalou os olhos, o pânico a colocando de pé. — Setsuko, não!

Tarde demais. Setsuko já estava avançando para o guerreiro, erguendo a faca para atacar. Um aceno casual do fonyaka a atirou contra a porta dos fundos da cozinha.

— Não! Não! Não! — berrou Misaki.

Ela correu... para alcançar Setsuko? Para atacar o homem? Com a mente girando pelo impacto, nem sabia ao certo, mas o fonyaka foi mais rápido.

Ele a pegou pelo pescoço e a atirou de volta ao chão. Àquela altura, Misaki nem sabia mais se matar aquele homem faria alguma diferença. Ela sobreviveria, sim, mas quando os próximos soldados entrassem na casa, estaria fraca demais para repeli-los. Ficou tentada a desistir, a deixar o homem matá-la... mas ele tinha machucado Setsuko, então ia morrer.

Não resistiu quando o soldado subiu nela e envolveu seu pescoço com as duas mãos para estrangulá-la. Concentrou o jiya em dois dedos. Ao fazer pressão na traqueia de Misaki, o homem chegou perto o bastante para lhe dar uma abertura para acertar seu olho esquerdo.

Com a Agulha de Sangue pronta, ela recuou a mão e...

Uma lâmina preta atingiu o pescoço do homem.

Misaki se sobressaltou. Seu primeiro pensamento foi que Setsuko tinha acordado e ido ao seu socorro, mas, quando seu olhar desceu da ponta de Siradenyaa para o cabo, não era Setsuko quem o estava segurando.

Era Hiroshi.

O garoto de 5 anos sequer tinha tamanho para segurar a espada leve com as duas mãos, mas sua postura era firme, e o olhar, fixo.

Acima de Misaki, o rosto do fonyaka se contorceu em uma careta. Ele estava ferido, mas não morto. Sangue jorrou de forma grotesca do corte em seu pescoço quando ele se virou para encarar o atacante. Hiroshi não se retraiu quando gotas atingiram seu rosto e seu peito.

— Hiro... — começou Misaki, mas o fonyaka apoiou o pé no peito dela e a empurrou de volta com tamanha força que sua cabeça girou.

Ainda segurando Misaki contra o chão com a bota, o soldado olhou para Hiroshi, incrédulo, quase ofendido. O coração de Misaki saltou, em pânico, mas não havia medo nem hesitação no rosto de Hiroshi. Ele sequer parou para ajustar a pegada na arma antes de golpear de novo, abrindo um corte limpo do quadril à clavícula do homem.

O fonyaka emitiu um ruído estranho e ergueu a mão, como se fosse agarrar Hiroshi. Empurrando a bota em seu peito, Misaki se ergueu cambaleante para defender o filho, mas o homem apenas tropeçou e caiu no chão. A fonya dele se ergueu por um momento, correndo pelo cômodo em um uivo de negação, então se aquietou.

Hiroshi o matara.

Sangue escorria do rosto do menino quando ele se virou para encarar Misaki.

— Você está segura agora, Kaa-chan.

Com algo parecido com um soluço, Misaki arrancou a espada das mãos dele e a jogou longe. Agarrou o filho pelos ombros — com força, a respiração acelerada, quase histérica.

Por que você fez isso?, quis berrar, sacudi-lo. *Por que você fez isso?*

Mas Hiroshi tinha apenas 5 anos. Fizera o que aprendera com os professores, com o pai distante e a mãe monstruosa. Haviam criado um menininho que estava disposto a dar a vida para matar seus inimigos. Um verdadeiro Matsuda. Misaki baixou a cabeça contra o ombrinho de Hiroshi. O monstro desabou e ficou apenas a mulher, a mãe que falhara com seu filho.

— Hiroshi... — Sua voz falhou. — Vem aqui.

Pegando o menino nos braços, ela o abraçou com força, e o amou, o amou tão intensamente quanto pôde, torcendo para que fosse o bastante para lavar todo o resto.

Hiroshi, como sempre, estava frio.

Mamoru

O matador de dragão recuou um passo e jogou de lado a espada sem nome, agora vermelha com o sangue do dono.

Mamoru oscilou.

Sangue escorria dos tocos de seus dedos para o chão congelado. Era estranho sentir o sangue que carregava sua nyama deixá-lo e infiltrar-se na montanha. Sua visão falhava. Mas não podia ser o fim. Não podia. Se conseguisse ao menos se obrigar a se mexer, a aguentar, tudo ficaria bem. Ele deu um passo... e outro... e caiu com um joelho no chão. Sua mão mutilada tocou a neve...

E o mundo entrou em foco outra vez.

A dor era aguda, mas pequena, desimportante, de algum modo. De repente, não tinha perdido dedos. Seus dedos eram a neve. Eram os rios, descendo a montanha até afundarem no oceano e agarrarem o poder dos deuses. Ele não estava sangrando. Ele era a montanha. Pela primeira vez na vida, estava perfeita e atordoantemente inteiro.

Sorriu.

Uma década depois, Hiroshi, aos 15 anos, ficaria conhecido como o guerreiro mais jovem a dominar a Lâmina Sibilante. O que o mundo nunca saberia era que ele tinha sido o *segundo* mais jovem.

Quando o soldado ranganês notou o borrão de gelo vermelho-sangue, seu corpo já fora trespassado. A espada era puramente Matsuda — metade neve de Takayubi, metade sangue do próprio Mamoru — e atravessou o matador de dragão como se ele fosse feito de ar.

Sozinha na encosta da montanha, uma Lâmina Sibilante capturou os últimos raios de um sol moribundo. Cintilou uma vez, apontada para o céu, quando sua primeira vítima desabou na neve. Então, tendo cumprido seu

trabalho, a espada se desfez em névoa. O sol afundou no mar.

Mamoru não sentiu o jiya deixando seu corpo, não se sentiu cair. Só percebeu que seu rosto dormente estava contra o chão gelado e que os últimos resquícios de vermelho deixavam o céu.

Eu consegui, pensou ele, e o sangue empoçando ao seu redor pareceu desimportante. *Tou-sama, Kaa-chan, eu consegui!* Mal podia esperar para contar a eles.

Se parte dele estava lúcida o bastante para entender que nunca mais veria os pais, Mamoru a ignorou. O poder que o preenchera era grande demais para não ser lembrado. Tinha tocado a divindade, a segurado nas mãos. Não ouviu o rugido de aviões chegando nem os alto-falantes anunciando a vinda de reforços.

Enquanto ele e o matador de dragão lutavam, seus pés tinham revirado a neve ao redor em ondas, como a salmoura na aurora do mundo. Carmim dos dedos de Mamoru serpenteava por aquelas ondas para se misturar ao sangue vazando lentamente do corpo do outro homem. Sangue se tornou neve, se tornou oceano... e Mamoru pegou-se com os olhos congelados abertos, encarando o rosto do matador de dragão.

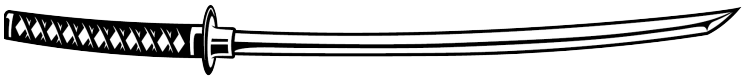
Não era um rosto assustador, nem particularmente estrangeiro; pele clara, olhos pretos e traços retos, parecidos com os do próprio Mamoru. Em outro uniforme, aquele homem poderia ter sido um professor ou um veterano da Academia Kumono. As pessoas sempre diziam que os ranganeses eram de uma raça diferente dos kaigeneses, mas seu sangue aparentava ter a mesma cor, agora que ambos estavam caídos, deixando que se misturassem. Todos tinham vindo do mesmo oceano, não? Na aurora do mundo?

O matador de dragão não parecia ter sentido nenhuma dor. Na verdade, parecia vagamente surpreso, os olhos arregalados e a boca entreaberta. Apenas humano. Ali com Mamoru, no fim do mundo dos vivos. Conforme seu corpo esquentou e ficou dormente, Mamoru se perguntou se aquele fonyaka tinha

alguém que se lembraria dele, do outro lado do oceano — um pai, uma mãe, alguém que fosse ficar orgulhoso de saber que ele havia morrido na Espada de Kaigen.

18

O abrigo



Misaki se sobressaltou ao ouvir o estrondo e apertou Hiroshi com mais força, mas o jovem fonyaka que apareceu na porta já estava morto, a coluna quebrada por uma única mão pálida ao redor de seu pescoço. Uma onda de jiya gelado a envolveu quando Takeru jogou o corpo inerte do rapaz de lado e entrou no cômodo.

— Você está um desastre — disse ele, como cumprimento. — Vocês dois. Onde estão Setsuko e as outras crianças?

— Setsuko está desmaiada — respondeu Misaki, apontando para o cômodo ao lado. Seu jiya lhe informara de que a concunhada estava viva, mas ela não sabia ao certo quão ferida. Uma vez que não queria soltar o filho, ainda não conseguira se mover. — Izumo, Nagasa e Ayumi estão escondidos no porão.

— Bom, então por que você está sentada aí?

— Mamoru — começou Misaki, nervosa. — Cadê...

Então, um rugido atravessou os céus lá fora. Outro tornado? Não. *Aviões.*

– *Cidadãos de Takayubi* — uma voz amplificada rompeu a noite, falando em kaigengua —, *em nome da segurança nacional, Sua Majestade Imperial ordenou um ataque aéreo nesta área. Vocês têm dez siiranu para chegarem ao abrigo antiaéreo mais próximo.*

Chul-hee conseguira! Os reforços haviam chegado.

– *Sua Majestade Imperial ordenou um ataque aéreo nesta área* – repetiu a voz. – *Vocês têm dez siiranu para chegarem ao abrigo antiaéreo mais próximo.*

– Bom, temos nossas ordens – disse Takeru, como se o prefeito o tivesse mandado arquivar alguns papéis. – Vamos.

– E os outros? Seu irmão? *E Mamoru?* – perguntou Misaki.

– Eles também vão escutar o aviso – respondeu Takeru, no mesmo tom indiferente. – Eles são rápidos. Vão nos encontrar no abrigo. Pegue as outras crianças.

Misaki assentiu, se pôs de pé e correu ao porão. Quando abriu as portas, encontrou as três crianças menores amontoadas junto às caixas de mantimentos. Ayumi se remexia no chão, ainda parcialmente envolta no tecido que Setsuko usara para prendê-la às costas. Nagasa estava encolhido nos fundos do cômodo, com Izumo no colo, as mãos sobre as orelhas do bebê.

– Venha, Nagasa-kun – disse Misaki, ajoelhando-se para acalmar a pequena Ayumi. – Traga o bebê para mim.

Takayubi possuía um único abrigo antiaéreo, que ficava mais acima na montanha, perto da prefeitura, e eles tinham apenas dez siiranu para alcançá-lo.

– Naga-kun, me desculpe. – Ela correu a mão pela franja de Nagasa, e então pegou os bebês, um em cada braço. – Vou precisar que você corra. Consegue correr sozinho, não consegue?

– Consigo, Kaa-chan – respondeu Nagasa, os olhos arregalados e confusos, conforme os aviões davam rasantes do lado de fora.

Misaki não sabia se ele tinha entendido mesmo a pergunta ou dado uma resposta automática, mas só tinha dois braços.

– Hiro-kun – chamou ela, assim que saiu do porão com Nagasa e os bebês –, segure a mão do seu irmão e não solte. Não deixe que ele fique para trás.

– Sim, Kaa-chan.

Hiroshi levou a mão suja de sangue à de Nagasa e segurou firme, puxando-

o atrás de Misaki, que rumou para as portas. Ela os conduziu pelos corredores secundários da casa, evitando a cozinha e o corredor principal, onde estava a maioria dos cadáveres. Nagasa não precisava ver aquilo.

Quando chegaram ao genkan, Takeru esperava por eles, com a robusta Setsuko, inconsciente, pendendo de seu ombro como se não pesasse nada.

— Ela está...

— Ela vai ficar bem. Vamos — disse Takeru.

Do lado de fora, o cair da noite estava caótico. Mulheres gritavam e corriam ao encontro de outras. Crianças não sabiam para onde ir. Misaki procurou por soldados ranganeses, nervosa, mas os únicos que encontrou já estavam mortos, imóveis na neve, enquanto tudo girava devido ao frenesi que eles haviam criado.

— Você matou todos os ranganeses aqui na vila?

— Todos cujos pés tocaram a neve — respondeu Takeru.

Claro. O poder de um Matsuda fluía pela neve da montanha; nenhum soldado pisando ali teria escapado do gelo de Takeru. Isso, porém, significava que alguns com certeza haviam escapado; soldados que houvessem invadido casas para dar cabo de mulheres e crianças.

Aviões voavam mais baixo no escuro, o som rasante e arranhado tão alto que parecia se propagar em múltiplas dimensões. Nagasa ficou encarando os jatos de olhos arregalados, enquanto Hiroshi o puxava adiante.

— São pássaros? — perguntou ele, curioso e empolgado, parecendo alheio ao pandemônio dos adultos ao redor.

— Aviões — corrigiu Hiroshi. — O imperador mandou pilotos.

— Por quê?

A resposta de Hiroshi foi simples, mas certeira:

— Para matar.

— Vocês duas! — chamou Takeru, dirigindo-se a duas mulheres Mizumaki, mãe e filha, ali perto. — Minha esposa está ferida. Ajudem-na a levar as

crianças para o abrigo.

— O quê? — Misaki fez menção de resistir quando as mulheres se aproximaram. — Do que você está falando? Eu não estou...

— Não deem ouvidos a ela — disse Takeru às Mizumaki, sem olhar para a esposa. — Ela sofreu uma concussão.

— O que... — Misaki se deu conta de que ele provavelmente tinha razão, mas era difícil saber se Takeru tinha certeza ou se estava apenas arrumando uma desculpa para ignorá-la.

Enquanto as mulheres tiravam Izumo e Ayumi de seus braços, uma figura apareceu — chamando atenção porque seguia na direção errada, descendo a montanha, em vez de subindo para o abrigo.

Takeru o reconheceu primeiro.

— Kwang Chul-hee — chamou ele.

O garoto nortenho ainda carregava no quadril a wakizashi que Takashi lhe entregara, mas não parecia ter encontrado nenhum ranganês. Parecia incólume, embora ofegante.

— Matsuda-dono — disse Chul-hee, sem fôlego. — Vocês estão bem?

— Estamos. Parabéns por ter conseguido chamar reforços, aliás. Somos todos gratos a você — respondeu Takeru.

— Meu pai pegou um formulário do censo na prefeitura e está conferindo todo mundo que chega no abrigo. Eu vim atrás das famílias que ainda estão faltando.

Ele olhou para seu dispositivo de info-com e tocou na tela que iluminava seu rosto na penumbra crescente.

— Agora que vocês estão subindo, posso riscar sua família... exceto por... — Ele ergueu outra vez os olhos para o grupo e uma expressão angustiada tomou seu rosto. — Cadê Mam...

— Fora os guerreiros, quem mais está faltando? — questionou Takeru, começando a subir a encosta rumo ao abrigo.

— Hã... Não sabemos onde está metade da família Mizumaki. Só um membro da família Katakouri apareceu, e não vimos ninguém da família Yukino.

— O quê? Tem certeza? — Misaki parou bruscamente.

— Sinto muito. Ninguém viu Yukino Hyori nem seu filho — respondeu Chul-hee.

— Não! — Misaki levou a mão ao quadril, mas seus dedos tocaram apenas uma bainha vazia. Tinha deixado Siradenyaa em casa. Desarmada, voltou olhos suplicantes ao marido, que ainda portava Kyougetsu. — Temos que voltar! Temos que encontrá-la!

— Meu irmão ordenou que eu deixasse você, Setsuko e as crianças em segurança. Venha. Temos que ir.

— Ela é nossa amiga. Como você pode...

— Essas são as minhas ordens. E já dei as suas.

Misaki cerrou a mandíbula.

— Sim, senhor. — Então, ela cambaleou, levando a mão à cabeça. — Desculpe, eu... estou tonta. Kwang-san, será que pode me dar o braço?

— Claro — respondeu Chul-hee, e correu para lhe dar apoio.

Takeru deve ter notado os olhos dela correndo para a wakizashi no quadril de Chul-hee, pois deu um passo para impedi-la. Sabendo que não era fisicamente rápida o bastante para driblá-lo, Misaki girou. Em vez de ir direto para a arma, virou-se para Chul-hee em um movimento que colocou o garoto entre ela e o marido.

— E-Espere... o quê? — gaguejou o nortenho, surpreso.

Quando a mão de Takeru se fechou no ombro de Chul-hee, em vez de no dela, Misaki agarrou o cabo da wakizashi.

Então, empurrou Chul-hee, ao mesmo tempo atirando-o contra Takeru e pegando impulso. A wakizashi deslizou da bainha e Misaki disparou a correr, de arma na mão, rumo à propriedade Yukino.

Não olhou para trás para ver se Takeru a seguia.

Ele podia deixar Setsuko com Chul-hee, na esperança de que o garoto conseguisse levá-la em segurança para o abrigo, ou tentar perseguir Misaki carregando a cunhada. De qualquer jeito, a propriedade Yukino ficava perto, e ele não conseguiria alcançá-la antes de Misaki chegar lá.

As portas duplas na frente da casa estavam abertas, arrancadas das dobradiças pelo mesmo tipo de força bruta que arrombara a propriedade Matsuda. Perto da entrada, Misaki encontrou um corpinho em um quimono cinza-claro. Ryota. O menino de 4 anos jazia no degrau do genkan. Sangue vazava de suas costas, manchando o floco de neve da insígnia dos Yukino, mas Misaki sentiu que o sangue em suas veias já não pulsava.

Desviou os olhos depressa, sabendo que não havia nada que pudesse fazer pelo doce menininho.

— Perdão, Ryota-kun — murmurou ela, tentando não pensar no sorriso, nos olhos vivazes nem na risada contagiosa, enquanto seguia em frente. Precisava encontrar Hyori.

A primeira parte do soldado ranganês que Misaki viu foram as costas. Ele estava em cima de Hyori, prendendo-a com o corpo. O quimono dela estava aberto, expondo as pernas claras.

Misaki o atacou antes que ele se virasse. A wakizashi sobressalente de Takashi podia não ser tão leve ou afiada quanto Siradenyaa, mas o corte de Misaki foi limpo, atravessando músculo, traqueia e coluna vertebral de uma só vez.

Àquela altura, Misaki estava se acostumando ao vento que soprava de um fonyaka ao morrer; uma brisa macabra, mas inofensiva, dos soldados mais fracos, e um franco uivo dos soldados de elite. Nada daquilo a preparou para o poder que jorrou daquele homem quando ela cortou sua cabeça.

O vento espirrou o sangue do soldado em todas as direções, quebrou alguns vasos e jogou Misaki no chão, reavivando a pontada de dor em seu

peito. Ela fez força para se colocar de quatro entre os cacos de porcelana, enquanto os resquícios da fonya do homem rugiam pelos outros cômodos da casa, fazendo as paredes rangerem.

Com um som horrorizado, entre um berro e um soluço, Hyori, respingada de sangue, chutou, tentando se livrar do corpo decapitado.

— Desculpe! — exclamou Misaki, correndo para tirar o cadáver de cima da amiga. — Me desculpe, Hyori-chan. Isso... foi pior do que imaginei.

Hyori estava ensanguentada, o rosto marcado por lágrimas, mas Misaki ficou aliviada ao ver que a nyama da amiga ainda estava forte. A maior parte do sangue que a cobria viera do atacante. Soluçando, Hyori tentou ajeitar o quimono para se cobrir, mas suas mãos tremiam tanto que ela não conseguiu.

— Hyori, eu sinto muito — disse Misaki, tocando o ombro da mulher. — Sinto muito por não ter chegado antes.

Considerando a potência da fonya daquele soldado ao morrer, Misaki duvidava que fosse ter conseguido matá-lo sem o elemento surpresa, mas tinha que ter tentado. Ou alguém deveria ter tentado. Dado um jeito. Aquilo jamais deveria ter acontecido.

Sorvendo água do ar, Misaki lavou o corpo da amiga, limpando o sangue e qualquer resquício do soldado ranganês. Então, tentou fechar o quimono de Hyori, mas a roupa estava tão rasgada que não lhe cobria os seios — repletos de hematomas no formato de mãos.

Misaki cerrou os dentes. Até o momento, não sentira ódio de verdade pelos ranganeses, mas de repente desejou não ter matado o homem tão rápido. Pesarosa, pensou em tudo que poderia ter feito com ele antes, em quantas vezes poderia tê-lo apunhalado, em quantos pedaços poderia tê-lo cortado... mas nenhum nível de violência curaria Hyori.

Apesar da raiva, Misaki se obrigou a soar gentil ao esfregar o ombro da amiga.

— Está tudo bem, Hyori-chan. Ele está morto. Ele se foi. Vai ficar tudo bem.

— Não vai, não. Não vai. — Mais lágrimas caíram dos olhos de Hyori e escorreram pelas bochechas. — Ele matou meu filho! Meu filho! Meu bebezinho!

Parte da beleza de Hyori vinha de sua ingenuidade. Seus olhos suaves eram tão límpidos quanto uma nascente, e não escondiam nada. No amor, na alegria, na diversão, ela era pura. Assim como na dor. Na dor concentrada. Insuportável de testemunhar.

Misaki forçou-se a engolir as lágrimas. Ainda não estavam fora de perigo.

— Você ainda está viva. Vai sobreviver.

— Eu não quero. — A voz de Hyori estava falhando. — Não quero, não quero.

— Sinto muito, Hyori-chan. — Misaki afastou uma mecha de cabelo dela para trás da orelha. — Sei que não vai ser fácil, mas preciso que você se levante.

Haveria tempo para desmoronar depois que todo mundo estivesse a salvo. Misaki tirou o casaco e o enrolou na amiga, fechando-o para cobrir o que o quimono rasgado não cobria.

— Yosh, Hyori-chan. — Misaki puxou os braços dela, fazendo de tudo para ser gentil em sua pressa. — Seja boazinha. Levante-se.

— Não consigo. — Hyori balançou a cabeça. — Dói.

— Você tem que se levantar. Vai começar a chover bombas nesta montanha a qualquer siira.

— Eu não me importo. Apenas me deixe aqui.

— Não posso fazer isso. O que direi a Dai-san quando ele voltar?

— Ele não vai me querer. — Hyori soluçou contra as mãos. — Estou desgraçada. Estou arruinada.

Ignorando os protestos da amiga, Misaki passou o braço de Hyori pelo próprio ombro e se ergueu, puxando-a junto. Hyori soltou um grito aflitivo de dor, as pernas falhando.

— Por favor! Misaki, apenas me deixe! Me deixe ficar com meu filho!

— Não — disse Misaki, entre dentes. — Não. Você não vai morrer aqui. Nem você nem eu.

Quando Misaki enfim chegou com Hyori às portas quebradas da propriedade Yukino, a mulher desmaiara. Takeru esperava ali, ainda segurando a inconsciente Setsuko.

— Não temos tempo para isso — disse ele. Ajeitando Setsuko no ombro, como se a mulher robusta não pesasse nada, ele estendeu a mão para pegar Hyori.

— Não. — Misaki se inclinou e colocou o corpo inerte de Hyori sobre os próprios ombros. — Eu cuido dela. Apenas corra.

— Misaki...

Uma explosão ensurdecedora fez o chão tremer, e o estômago de Misaki se contraiu. O ataque aéreo havia começado. Ela correu. Hyori era bem mais alta que ela, mas Robin Thundyil, Elleen Elden e várias outras pessoas estariam mortas se Misaki não conseguisse correr com agilidade enquanto carregava alguém maior que ela para um local seguro. Takeru também corria. E, mesmo se houvesse tempo para discutirem, não teriam conseguido se ouvir.

Bombas sacudiram as encostas mais baixas feito trovões, fazendo o chão balançar sob os pés de Misaki. Ao longe, um homem gritou. Ela torceu para que o grito tivesse vindo de um ranganês e não de alguém da vila que não conseguira chegar ao abrigo. Em meio ao barulho ensurdecedor e à escuridão, não havia como saber.

Adiante, Takeru parara deslizando na neve. Misaki quase deu um encontrão nele antes de ver por quê. Uma figura magricela estava diante dele na escuridão: Atsushi, o filho do ferreiro.

— M-Matsuda-dono! — gritou o menino, pálido, como se tivesse testemunhado coisas que lhe arrancaram a alma do corpo.

— Atsushi, cadê sua família? — perguntou Takeru.

O lábio do pequeno ferreiro tremeu.

— M-Meu pai... — Ele apontou para o passo ao sul. — Ele foi atingido por uma das bombas. P-Perdeu a perna. E-Ele me disse para correr. Eu nã-não consegui ajudar. Ele ainda está na trilha e eu não tive forças para carregá-lo. Por favor... Matsuda-dono. O senhor precisa voltar. Precisa salvá-lo.

Takeru olhou para o numu por um momento, então o pegou pela cintura e continuou correndo.

— Espere! Matsuda-dono, não! — Lágrimas rolavam pelo rosto de Atsushi, que se debatia, chutando Takeru, em vão. — Por favor! Por favor!

— Isso é indecoroso, garoto. Não me faça apagá-lo — disse Takeru, frio.

Com um último soluço desesperado, Atsushi parou de lutar e se agarrou a Takeru, afundando o rosto no quimono de seu senhor... como se houvesse qualquer gota de conforto a encontrar ali.

Os gritos de Atsushi doíam no coração de Misaki, mas ela não culpava o marido por aquela decisão específica. O desvio para salvar Hyori já colocara a vida deles em risco. Descer de volta ao passo sul no meio de um ataque aéreo noturno era quase se entregar à morte certa. Não valia a pena, nem mesmo para salvar o maior ferreiro de Takayubi.

O abrigo estava à vista, apenas alguns marcos adiante, quando o som de um jato dando um rasante baixo cortou o ar. Aturdida, Misaki tropeçou sob a força do vento. Então, a bomba explodiu... a poucos marcos. Sozinha, quem sabe tivesse conseguido manter o equilíbrio, mas com o vento e o peso de Hyori para desequilibrá-la, caiu.

Pilotos tinham boa visão, mas o sol se fora. E, no escuro, não dava para distinguir os fonyakalu dos jijakalu.

Misaki rolou para ficar de quatro e, incapaz de encontrar forças para se levantar, engatinhou até Hyori. A mulher gemeu, os olhos tristes se abrindo quando Misaki agarrou seu braço. Mesmo com os ouvidos zunindo, ouviu os lamentos dela.

— Por quê? Por que estão atirando na gente?

Porque a gente não importa, pensou Misaki, dormente. *O Império só se importa com conter os ranganeses aqui. Não faz diferença quantos de nós vão morrer no fogo cruzado.*

Antes que Misaki erguesse Hyori, sentiu o jiya de Takeru se erguendo ao redor delas. A neve tornou-se uma placa de gelo lisa feito a superfície de um lago congelado. A maioria dos jijakalu não conseguia criar formações de gelo fortes a ponto de sustentar várias pessoas, mas Takeru não era como a maioria. Ele ergueu a mão, e o gelo se inclinou, fazendo com que todo mundo escorregasse rumo à entrada do abrigo.

Uma saraivada de balas acertou o gelo onde Hyori estivera logo antes, mas a placa resistiu. Um momento depois, Misaki, Hyori, Atsushi e Setsuko, desmaiada, atravessaram as portas de vidro jonjo do abrigo e foram imediatamente agarrados pelas mãos de outros habitantes, que os puxaram para dentro de vez.

— Kaa-chan! — disse uma voz aliviada, e Misaki viu Nagasa agarrado ao seu braço.

— Atsushi — chamou Chul-hee, ajudando o maltratado ferreiro a se pôr de pé. — Você está bem, numuden? Cadê sua família?

Atsushi balançou a cabeça. Seu soluço se tornou um de muitos enchendo o pequeno bunker. Enquanto Misaki se levantava, Takeru entrou no abrigo, deslizando sobre o próprio gelo, com um rastro de balas o seguindo quase até a porta. Ele conseguiu parar de modo mais elegante do que os outros, mesmo com os tiros levantando uma chuva de cacos afiados de gelo ao seu redor.

— Para trás! — ordenou ele aos outros, as mãos erguidas para impedir que os cacos adentrassem o abrigo.

— E o seu filho, Matsuda-dono? — Chul-hee olhou de Takeru para Misaki. — Cadê o Mamoru?

— Ele não está aqui? — Misaki correu os olhos pelas pessoas agrupadas nos cantos escuros do abrigo e não o viu. Fez uma contagem rápida, e devia haver

menos de trinta e cinco pessoas ali, a maioria mulheres e crianças. Não era possível que tão poucos houvessem sobrevivido! Só que, quando se virou para a vila, não viu mais ninguém subindo a montanha.

— Matsuda Mamoru ainda não apareceu — disse o pai de Chul-hee, Kwang Tae-min. — Assim como o tio dele, o sensei Yukino e quase todos os homens.

— O quê? — disse Hyori, a voz fraca.

Takeru agarrou a porta pesada do abrigo, pronto para fechá-la.

— Espere, espere! — Hyori agarrou a manga de Takeru. — Matsuda-dono, meu marido ainda está lá fora!

Takeru a ignorou e começou a fechar a porta.

— Espere — insistiu Misaki, em um tom mais firme. — Hyori tem razão. E os guerreiros?

E Mamoru? Cadê o Mamoru?

Takeru não olhou para ela.

— Ninguém mais virá — disse ele, a voz neutra.

Misaki sentiu o mundo todo ficar cinza. A energia frenética que a mantivera em movimento acabou.

— O quê?

— Quando deixei a linha de frente, meu irmão e meu filho eram os únicos guerreiros ainda vivos. Ainda havia mais de cem ranganeses avançando na direção deles. Ninguém mais virá.

Toda a força sumiu dos braços de Misaki.

— Não... Não... — A voz de Hyori começou como um gemido baixo e metódico, que foi ficando cada vez mais estridente até se tornar um grito. — Não, não pode ser! *Não pode ser!*

— Você deveria se orgulhar, Yukino-san. — Takeru baixou os olhos para a mulher arrasada. — Ele morreu de espada na mão.

Hyori gritou.

Mais do que qualquer noite no Reino do Duna, aquela no bunker foi o mais perto do Inferno que Misaki já havia chegado. A escuridão fedia a sangue e vômito. Hyori berrava pelo filho e pelo marido. A esposa de Ameno Samusa insistia que a filha estivera acordada quando chegaram ao bunker, mesmo que todos ao redor tentassem lhe explicar que o crânio da menina estava partido. Uma anciã Ikeno morreu bem ali, no escuro em meio ao amontoado de gente, enquanto suas noras tentavam fazer curativos em suas feridas com os poucos suprimentos médicos do abrigo. Sob todo o barulho, Misaki estava vagamente ciente de Izumo chorando em seu colo, mas não conseguia erguer os braços para segurá-lo.

Somente naquele momento, quando a euforia da luta já estava passando, foi que entendeu o que mantivera seu corpo ativo durante toda aquela provação, mesmo com todos os ferimentos que deveriam tê-la derrubado. Foi mais do que adrenalina. Foi uma esperança, mesmo que absurda, de que todos fossem escapar com vida. Aquela esperança começara a morrer na propriedade Yukino, quando viu o corpinho de Ryota. O barulho da porta do abrigo se fechando foi como um golpe de espada, aniquilando aquela esperança de vez. O abrigo estava trancado e Mamoru não estava ali. Mamoru não ia chegar.

Depois de tanto tempo se segurando, a exaustão se vingou, enfraquecendo-a ao ponto da paralisia. A contragosto, Misaki percebeu que Takeru tinha razão sobre a concussão. Sua cabeça latejava. Formas que deviam ser nítidas se borravam na penumbra.

Mesmo seus sentidos jijaka, que nunca haviam lhe falhado, começaram a lhe escapar. As pulsações humanas, em geral tão distintas no escuro, se distorciam e se misturavam com o latejar da própria cabeça e do peito. Lágrimas, saliva, sangue, suor e bile se tornavam indistinguíveis à medida que se espalhavam por entre as pessoas, ou vazavam delas.

— Kaa-chan? — A voz apavorada de Nagasa ao seu lado era a única coisa que a mantinha conectada à realidade; um fio frágil, impedindo que caísse em

um caos amorfo. — Kaa-chan, o que está acontecendo? — O menininho puxou sua manga, tentando trazer a mãe de volta para si. — O que está acontecendo?

Ela não conseguiu fazer a voz funcionar para responder. Não conseguiu sequer erguer a mão para lhe oferecer conforto. Não quando toda a pele desapareceu e Misaki não conseguia mais nem distinguir quais líquidos estavam se movendo dentro de todos os corpos e quais estavam vazando.

— Kaa-chan, bebê chorando! — A vozinha de Nagasa falhou. — Bebê chorando!

Quando não conseguiu fazer com que a mãe respondesse, Nagasa chorou também.

Por fim, os soluços, gritos e gemidos de dor se mesclaram em um mar pegajoso de som, variando apenas quando o estrondo de bombas próximas demais o amplificava. Esse mar consumiu Misaki. Fogo e ácido pareceram tomar seus pulmões, despertando a dor aguda no peito. A dor a imobilizou feito uma lança atravessando seu corpo, prendendo-a à parede do bunker.

Precisava que alguém falasse com ela, uma voz calma que a ancorasse à realidade antes que tudo se fundisse àquela sopa de sangue e som, mas Setsuko ainda estava inconsciente e Hyori desabara, aparentemente mergulhada demais na própria angústia para notar qualquer coisa ao redor, e Takeru... bem, Takeru, claro, sequer olhava para a esposa. Permanecia de costas para os outros habitantes, encarando a porta, uma figura de pedra imóvel no escuro.

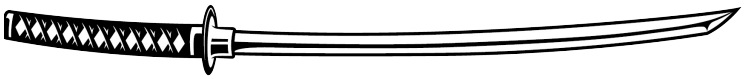
Misaki tinha a estranha impressão de que ele era a solução. Se conseguisse estender a mão e se agarrar a ele, quem sabe Takeru a estabilizasse. Sua forma rígida parecia a única coisa imóvel naquele amontoado contorcido e lamurioso de carne humana. Mas ele permaneceu não apenas imóvel como distante, e Misaki soube, por anos de experiência, que estender a mão e chamá-lo não faria diferença.

Ele era intocável.

Ela estava sozinha, afogando-se em gritos.

19

O lampião



O fogo nas mãos de Robin bruxuleou quando um estrondo de trovão os agraciou com outra rajada de chuva. Ele fez um som irritado do fundo da garganta.

– *Acho que vamos ter que trocar para essa coisa aí em breve* — disse ele, indicando com a cabeça o lampião kayiri apagado pendendo dos dedos de Misaki. — *Se a chuva aumentar, não vou conseguir fornecer uma boa luz.*

– *Sua luz deu conta, Robin. Já chegamos.* – Misaki apontou para a luzinha adiante; o poste de rua que marcava o único ponto de ônibus de Ishihama.

— *Seu pai previu isso* – disse Robin, olhando para o céu noturno, já quase preto com nuvens. — *Até o volume do trovão e o tamanho das gotas de chuva.*

– *Ele faz isso.*

– *Como?*

– *Se eu soubesse, teria me candidatado a um cargo na previsão do tempo, em vez de em treinamento médico de emergência.*

– *Eu devia ter pedido para ele me ensinar* – comentou Robin, quando chegaram ao ponto de ônibus, cuja única sinalização era uma placa de madeira pregada ao poste.

— *Não sei se teria adiantado.*

– *Porque sou um tajaka?*

– Não. Acho que é questão de experiência. Ele nasceu em Arashiki, sabe? Quanto mais tempestades você atravessa, mais sinais capta.

A chuva aumentou, e a chama de Robin enfim se apagou, deixando apenas a luz do poste solitário do ponto de ônibus.

— Desculpe por isso. – Misaki riu, estendeu uma mão aberta sobre a cabeça de Robin (o que não era fácil, uma vez que o tajaka era vários koyinu mais alto que ela) e desviou a chuva ao redor dele. *— A gente devia ter tentado arrumar um guarda-chuva para você.*

– Agora já era. – Ele deu de ombros, sem parecer nem um pouco aborrecido com a brisa marítima que soprava água para dentro da proteção de Misaki, molhando o rosto e o pescoço dele.

Os dois ficaram quietos por um momento. Misaki chegou mais perto, para protegê-lo da chuva, o bastante para sentir o calor irradiando de seu corpo através do casaco preto. Suspirou, derretendo-se naquela calidez, tentando se permitir saboreá-la, só para o caso de ser a última vez... mas não. Não pensaria nisso. Robin não podia saber que ela estava pensando nisso. Para ela fazer aquilo direito, ele precisava seguir em frente.

— E então? — disse ele, e Misaki ergueu os olhos, despertada de seus pensamentos sombrios. *— Eu me saí bem? Ou eles estavam só fingindo gostar de mim?*

– Fingindo? Não, Robin. Eles adoraram você... principalmente Kazu.

– Ele me deu muita pancada para alguém que gosta de mim — respondeu Robin, esfregando um hematoma no queixo, onde Kazu o acertara em uma luta corpo a corpo.

— Você aceitou treinar com ele — observou Misaki. *— De todo modo, ele é um Tsusano de 16 anos. É assim que demonstra afeto. Eu ficaria mais preocupada se ele não tivesse machucado você.*

– Tudo bem, então. — Robin riu. *— Vou acreditar na sua palavra e ficar lisonjeado.*

– Obrigada por não o queimar, e por deixá-lo vencer algumas vezes. Foi generoso da sua parte.

– Deixar *ele ganhar?* – repetiu Robin. — *Ele lutou bem.*

Misaki apenas arqueou a sobrancelha e encarou o amigo com uma expressão perspicaz. Robin suspirou.

— *Ele estava se esforçando bastante* – disse ele, e Misaki revirou os olhos.

— *Pelo amor dos deuses, você é tão molenga, Thundyil.*

Os Tsusano eram habilidosos com a espada, mas combate corpo a corpo era o domínio de Robin. Kazu estivera muito aquém de vencer seu convidado estrangeiro em qualquer luta desarmada. Embora não fosse de recusar um combate, Robin também não era o tipo de pessoa que se divertia humilhando um guerreiro mais jovem que estava dando seu melhor. Enquanto Misaki estava acostumada a acabar com Kazu e ir embora jogando o cabelo de forma imperiosa, Robin deixara o garoto manter seu orgulho.

— *Além disso* — acrescentou Robin, depois de um momento —, *achei que a ideia era fazer seus pais gostarem de mim. Achei que ficar jogando o herdeiro deles pelo dojo talvez não fosse uma boa maneira de conseguir isso.*

– *Ah, Robin.* – Misaki riu e suspirou. — *Você realmente não entende a cultura de Shirojima. Ser o mais forte é uma coisa* boa. *É por isso que todas essas famílias poderosas de Shirojima se casam umas com as outras. Eu diria que deixar Kazu acertar alguns golpes foi um erro, mas meu pai sabe reconhecer quando alguém está entregando uma luta. Até que ele ficou impressionado.*

Era o que ela esperava.

— *Poder. É mesmo assim que as pessoas decidem com quem vão se casar?* — perguntou Robin.

Misaki assentiu.

— *Toda essa coisa do noivado...* – Ela evitara tocar no assunto todo aquele tempo. Não sabia por que tocara assim, de repente. — *Meus pais procuraram em toda a região pela família mais poderosa que me aceitasse.*

– *E você conseguiu uma boa casa?* – perguntou Robin, casual, mas Misaki notou a tensão na voz dele.

– *Com quem pensa que está falando? Óbvio que sim* – respondeu Misaki, igualmente tensa, mas tentando disfarçar com uma indignação fingida. — *Matsuda, a casa da Lâmina Sibilante.*

– *Por Langana, Misaki, nada mau!* — Robin ainda estava forçando um tanto o tom casual, então balançou a cabeça. — *É só que tudo parece tão... antiquado.*

O comentário fez Misaki rir de verdade.

— *Só agora está percebendo como somos antiquados? Não reparou em como iluminamos nossa casa?* – Ela balançou o lampião kayiri na mão esquerda; a direita ainda estava protegendo Robin da chuva. — *Ou o fato de que meu pai ficou chamando você de "Filho de Kri"?* – Um título usado séculos antes para se referir a tajakalu de descendência desconhecida. — *Mantemos as antigas tradições guerreiras que o mundo já esqueceu, e temos orgulho disso.*

O chuvisco se transformou em um dilúvio, e Robin segurou a mão dela, deixando a água escorrer por ele. Em geral, seres de fogo murchavam e tremiam na chuva, mas Robin Thundyil não se parecia em nada com os outros de sua raça. Sua pele disanka, bem mais escura que a de Misaki, porém mais clara do que a de um yammanka, era luminosa, como a aura de um littigi, só que mais cálida. Ele *brilhava* no temporal. Gotas de chuva evaporavam ao tocá-lo, sibilando baixinho. A névoa criada se entremeava com a luz fogosa da pele, envolvendo-o em vapores flamejantes.

— *Não quero ir embora sem você* – disse ele.

Misaki o encarou sob a chuva e viu uma emoção desconhecida naqueles olhos de carvão. Robin Thundyil, o Pássaro de Fogo, o justiceiro que fazia criminosos da pesada tremerem à sua sombra, estava com medo.

— *Eu vou logo depois.* – Ela apertou o braço dele. — *Como planejamos.*

– *Uma semana. Você vai estar de volta em Carytha daqui a uma semana?* — perguntou Robin, firme.

– *Vou.*

Se tudo realmente sair de acordo com o plano.

Se as coisas *não* saíssem de acordo com o plano... bom, Misaki não podia pensar nisso naquele momento. Se deixasse a mente vagar nessa direção, jamais soltaria Robin.

— *Certo.* — Ele assentiu, aparentemente mais para si mesmo do que para Misaki. — *Você sabe mais dessas coisas do que eu. Confio em você.*

Idiota, desdenhou uma voz na cabeça dela, mas foi afogada por uma parte de Misaki que pedia a todos os deuses para ele não estar sendo idiota, não estar se enganando ao confiar nela. Ainda perdida em pensamentos, não o notou se aproximando até que seus lábios se tocaram.

Misaki ficou tensa, deixando escapar um arquejo baixo de surpresa. A água que chegara a se infiltrar nas roupas de Robin, aquecida por taya, virou vapor com um chiado ao tocar a pele fria de Misaki. Em vez recuar diante do perigo de congelamento, como qualquer tajaka com juízo, Robin se inclinou mais, bebendo do frio feito um homem sedento em um rio parcialmente congelado. Misaki derreteu.

Beijos eram uma daquelas estranhas práticas carythianas que, de início, haviam enojado Misaki, e depois a seduzido. Pelo jeito, aquele costume romântico fora introduzido em Carytha pelos escravos brancos importados de Hades durante o auge do colonialismo yammanka. A maioria dos tajakalu não se beijava, mas, na primeira vez que os lábios de Robin encostaram nos dela, Misaki se lembrava de ter pensado que jamais ficara mais feliz que aquele tajaka em particular tivesse crescido em uma periferia branca pouco civilizada.

Envolta no calor dele, teve que se perguntar qual era o apelo daquele gesto para os adynos brancos que não possuíam jiya nem taya. Qual era a magia de algo que não fervilhava entre extremos? Qual era a emoção de um beijo que não faiscava, levantava vapor ou *ardia* como aquele? Robin a manteve ali, envolta em fios de vapor, até que se afastou.

— *Desculpe* – disse ele, quando Misaki levou a mão aos lábios formigantes, fazendo o possível para parecer ofendida, em vez de derretida. — *Eu só*

precisava... para o caso de... Desculpe. Estou nervoso.

– *Por quê?* – Misaki riu para disfarçar o fato de que estava tão nervosa quanto ele, se não mais. — *Você fez sua parte. Foi ótimo.*

– *E se isso não bastar? E se eles ainda negarem?*

– *Não vão negar.*

– *Mas e se negarem?*

Misaki deu de ombros.

— *Então, negaram.*

– *Só me parece estranho que você vá deixar outra pessoa decidir com quem vai passar o resto da sua vida.*

– *Não é qualquer pessoa. São os meus pais. Eles me conhecem melhor do que qualquer um, e confio no julgamento deles. Por isso eu sabia que iam gostar de você.* — Ela sorriu.

— *Se você diz... Acho que vou ter que confiar na sua experiência.* – Robin riu. — *Não entendo muito de... coisas de família.*

Robin perdera os pais e todos os irmãos, a não ser pelo gêmeo, Rakesh, nas disputas na fronteira entre Ranga e Disa quando tinha apenas 5 anos. Uma perda dessas bastava para arrasar uma criança para sempre, mas Robin dera um jeito de se recompor em um sorriso largo e um coração aberto a todos. *Uma voz para os silenciados, um abrigo para os indefesos, um punho para os impotentes.*

Aconteceu sem Misaki pensar direito: ela se pôs na ponta dos pés e capturou a boca de Robin em outro beijo. O lampião escorregou de seus dedos e caiu no chão, esquecido, conforme suas mãos afundavam no cabelo dele. Mais grosso do que cabelo kaigenês, mais liso do que os cachos yammanka... uma anormalidade, como tudo a respeito dele. Seu guerreiro que poupava vidas. Seu teonita que beijava como um adyno. Seu tajaka que sorvia o frio como se este lhe desse forças.

Separaram-se assim que o ônibus surgiu chocalhando na rua, os faróis brilhando sob a chuva. Com rostos corados, os dois se afastaram apressados, conforme os faróis passavam pelo vapor que se dispersava ao redor deles e o

ônibus parava com um guincho. O motorista desceu, observando com olhos estreitados os dois adolescentes sob a chuva torrencial.

— Dois? — perguntou ele no dialeto de Shirojima, pronunciado com o sotaque de Ishihama.

— Não. — Misaki balançou a cabeça e indicou Robin. — Só um. Ele não fala kaigengua nem o dialeto, então, por favor, avise-o para que ele não perca o ponto. Estação Central de Shirojima.

— Claro, Ojou-sama — respondeu o motorista, respeitoso, notando a insígnia Tsusano no yukata de Misaki. — Vou cuidar dele. Alguma mala grande? — perguntou o homem, apontando para o compartimento de carga sob os bancos dos passageiros.

— Não — disse Misaki, enquanto Robin pegava sua única bolsa impermeável e a jogava sobre o ombro.

Embora os irmãos Thundyil houvessem ganhado uma quantidade absurda de dinheiro havia pouco tempo, Robin ainda não ajustara seus hábitos. Ainda fazia as malas como um garoto que crescera em um orfanato.

— *Bom* — Robin alisou o casaco absolutamente encharcado —, *adeus,* Ojou-sama.

Ele se curvou na altura da cintura e levou a ponta dos dedos aos lábios em uma mistura estranhamente encantadora da despedida yammanka com a kaigenesa, que aprendera recentemente.

— *Ah, espere!* — Misaki pegou o lampião da poça onde o tinha deixado cair. — *Espere, Robin!* – Ela secou o objeto com um puxão rápido do jiya e o estendeu para ele. — *Antes de ir...*

– *Ah.* — Robin sorriu. — *Claro.*

Ele enfiou a mão no lampião e acendeu uma chama na ponta do dedo. Vapor chiou quando o pequeno pavio ali dentro se acendeu.

O lampião iluminou Robin enquanto ele entrava no ônibus e lhe lançava um último sorriso. As portas se fecharam e o veículo partiu, esmagando

cascalho sob os pneus.

O caminho de volta a Arashiki era longo, mas o lampião solitário de Misaki continuou aceso durante todo o trajeto, mesmo sob a chuva persistente. Os beijos permaneceram, formigando nos lábios de Misaki, junto da promessa: *Eu vou logo depois.* Quando saiu do meio das árvores nos limites do penhasco e foi avançando com cuidado pela escadaria escorregadia de chuva na face rochosa, mais chamas de lampião piscaram em resposta, iluminando as janelas do grande Forte Tempestade. A maior parte da região já usava iluminação elétrica em casa, mas as tormentas que atingiam Arashiki tornavam a eletricidade instável, e eles ainda contavam com kayiri portáteis para fornecer luz.

A escadaria que descia rumo a Arashiki era ladeada por uma grade robusta, para impedir que os Tsusano e seus visitantes despencassem no oceano abaixo. Misaki já não se preocupava com cair, como quando era criança. Já não formava uma camada fininha de gelo sob os tabi para ancorá-la à pedra quando ventava. Já não tinha medo de coisas como rochas e grandes alturas. Agora, tinha medo de coisas maiores e menos físicas.

— Ah, Misaki. — Tou-sama sorriu quando ela chegou. — Seu amigo conseguiu pegar o ônibus?

— Conseguiu. — O cabelo e o yukata de Misaki estavam ensopados, mas um aceno curto de mão transformou a água em vapor.

— Pelo bem dele, espero que tenham chegado lá antes da tempestade.

— Não, mas ele vai sobreviver. Também chove de vez em quando em Carytha. Ele só não está acostumado com a intensidade daqui.

Robin passara uma semana em Arashiki. Várias pessoas haviam comentado que era uma ideia idiota cruzar o mundo para ficar tão pouco, mas esse era todo o tempo que Robin podia passar longe da cidade até as coisas começarem a desmoronar. Nos poucos dias que ele ficara na casa dos Tsusano, conseguira fazer amizade com todo mundo, apesar da barreira do idioma.

Robin era assim. Fizera a parte dele do trabalho. Agora, Misaki precisava fazer a dela.

Ela respirou fundo, enjoada de tão nervosa.

— Algum problema, Misaki?

— Agora que ele se foi, eu... preciso falar com o senhor, Tou-sama.

Planejara esperar até o dia seguinte. Estava tarde, e o pai ia querer ir dormir em breve, mas ela não podia esperar. Não conseguiria pregar o olho se tivesse que se deitar com aquela pergunta se contorcendo em sua mente.

— A tempestade vai piorar em breve. Vamos conversar mais lá dentro.

Misaki seguiu o pai até uma sala de estar mais no meio de Arashiki, tão no interior que era basicamente uma caverna ornamentada, entalhada na encosta. Mesmo ali, rajadas de chuva atingiam Arashiki com força, misturando-se ao som das ondas nas pedras lá embaixo. Misaki ajoelhou-se diante do pai, pousando o lampião entre eles.

— E então, Misaki — disse Tou-sama, com gentileza —, qual é o problema, criança?

— Tou-sama... Não quero desrespeitá-lo...

— Nunca desrespeitou, Misaki. — O tom dele era leve, bem-humorado. — Está planejando desrespeitar?

— Eu só... Sei que o senhor teve muito trabalho para acertar meu noivado com Matsuda Takeru. Não quero que pense que não dou valor a isso. Eu dou. Mas... E-eu só...

Pelo céu de Nagi, por que estava gaguejando tanto? Ela respirou fundo para organizar as palavras.

— Sei que Robin disse ao senhor... eu pedi para ele dizer ao senhor... que ele faz parte de um projeto de pesquisa.

— Não foi por isso que você o trouxe aqui.

Tou-sama provavelmente tinha identificado a mentira de pronto; era tão habilidoso em ler pessoas quanto em ler padrões meteorológicos.

— Desculpe por ter mentido, Tou-sama. — Ela baixou a cabeça. — Eu precisava que o senhor o conhecesse, para que entendesse o que eu... o que estou prestes a pedir.

— Bem, flor, agora estou curioso. Diga logo.

— Eu, hã... Não quero me casar com Matsuda Takeru — disse ela, em um só fôlego, os olhos fechados. — Quero voltar com Robin para Carytha.

Ela abriu os olhos e encontrou a expressão ilegível de Tou-sama sob a luz bruxuleante.

— Ele concordou em se casar comigo — acrescentou Misaki, às pressas, sentindo-se zonza, como se não houvesse fôlego o bastante em seu peito para todas as palavras de que precisava para fazer o pai compreender —, já que sei que Kaa-chan quer muito que eu me case jovem, e que o senhor está preocupado em assegurar meu futuro. O senhor viu como ele é um bom guerreiro, e Robin acabou de herdar dinheiro mais do que suficiente para sustentar uma família, e eu ainda estaria me casando de acordo com minha posição social... tecnicamente, *acima* da minha posição social, já que os Thundyil são konoru manga honorários em sua terra natal. Claro que o senhor é meu pai, e eu não faria nada sem sua permissão...

Ela olhou para Tou-sama, nervosa, angustiada. Seus punhos estavam tão apertados que as unhas marcavam as palmas.

— Ah, Misaki... ele é um bom garoto. — Tou-sama soou sincero, mas então por que parecia tão triste?

— Então... — disse ela, quando não suportou mais o silêncio. — Sua resposta?

— Não.

Misaki resistiu à onda de raiva — de *sofrimento* — que surgiu em seu peito. Esperara aquela resposta. Soubera que as chances eram pequenas. Não podia ficar com raiva do pai. Só podia ficar com raiva de si mesma por ter criado esperanças, por ter deixado *Robin* criar esperanças. Quando os gêmeos

Thundyil haviam descoberto sobre sua herança, Misaki achara que havia uma chance. Robin era um bom guerreiro, filho de uma boa família, herdeiro de uma boa fortuna. De repente, possuía todas as qualificações para se casar com a filha de uma grande casa. Houvera uma chance...

— Misaki — disse Tou-sama, e, mesmo sob toda a raiva irracional, ela não aguentou ouvi-lo soar tão triste —, eu sinto m...

— Por favor — respondeu Misaki, a voz baixa, tensa, parecendo frágil demais para pertencer a ela. — Não se desculpe, Tou-sama. Eu entendo.

E entendia mesmo. Robin era disanka. Seu povo adquirira poderes ao se misturar aos conquistadores yammanka, o que significava que seu sangue era impuro. Claro que Misaki já testemunhara o suficiente para saber que pureza de linhagem não influenciava tanto nas habilidades de uma pessoa quanto se pensava, mas não esperava que sua experiência pessoal fosse mudar as ideias de pureza enraizadas em Kaigen.

Caso Misaki se casasse com Robin, seus filhos seriam ainda mais miscigenados, e, segundo os padrões tradicionais, inferiores. Fogo e água podiam se balancear, mas não se misturavam bem em se tratando de prole. Ela sabia disso. Por que havia feito aquilo? Como podia ter sequer considerado a ideia de que seus pais fossem permitir que se casasse com um estrangeiro? Por que pensara que aquilo iria funcionar? Por que pensara que conhecer Robin faria seu pai mudar de ideia?

— Então... — ela tentou respirar normalmente — ... o senhor vai obrigar que eu me case com o Matsuda?

— Não, Misaki. Não tenho ilusões de que conseguiria forçá-la a fazer algo que não quer. Você é uma Tsusano, indomável como uma tempestade, mas eu ordeno que se case com Matsuda Takeru.

O significado era claro. Ela *podia* abandonar o noivado. *Podia* ir para Carytha com Robin, mas, ao fazer isso, estaria desafiando o pai. Sentiu uma dor física no peito. Por quê? Deuses, por que ele estava fazendo isso com ela?

— Misaki... — A voz de Tou-sama não soava dura ou cruel. Naquele tom suave, ele parecia estar sofrendo tanto quanto ela. — Não faço isso para magoá-la.

— Mas por quê? — Misaki não conseguiu impedir as lágrimas de escorrerem por seu rosto. — É só porque Robin não é um jijaka? Porque os poderes dele não são geneticamente compatíveis com os meus? Que diferença isso faz? Sou mulher; eu não ia mesmo dar continuidade à linhagem Tsusano...

— Eu não me importo com isso. Ele podia ser um jijaka ou um adyno sem poderes nem sobrenome, e minha resposta seria a mesma — respondeu Tou-sama, sério.

— Eu não entendo. Se não é pelo sangue, então por quê? O que tem de errado com ele?

— Nada, minha querida. Nada. Não precisava conhecê-lo pessoalmente para saber disso. Posso não ter sido um pai perfeito, mas os Deuses sabem que não criei uma idiota. Você jamais se uniria a alguém que fosse nada menos que brilhante... e é isso que ele *é*. Brilhante, determinado e generoso... — Ele suspirou. — Mas você não deve seguir o caminho que ele está trilhando. Não pode ter permissão para se casar com ele.

— Por quê?

— Aquele garoto... o homem que ele vai se tornar... a colocaria em perigo, e isso, inevitavelmente, acabaria em tragédia. Eu não tentei dissuadi-la dos assuntos violentos em que você se meteu na Academia Alvorecer, mas ele é a fonte de tudo, não é?

— Eu... — Misaki não podia negar, mas também não podia dar voz ao maior dos problemas. *Eu sou atraída pelo perigo.* — Sim, Tou-sama — respondeu, baixinho.

— Entendo que é parte da graça. Não pense que não vejo isso. Quando tinha sua idade e estava treinando para portar Correnteza, eu torcia para que houvesse outra guerra.

— O quê? — disse Misaki, surpresa.

Tou-sama sempre fora um tanto pacifista, tão clemente quanto forte. Não era nada característico dele desejar uma guerra.

— Fui criado ouvindo as maravilhosas histórias da Keleba e dos dias que a antecederam, quando nosso povo afundava navios e rechaçava invasores. Enquanto treinava, eu ansiava por demonstrar minha habilidade em batalha, como os heróis das nossas lendas. Sonhava com os ranganeses ou algum inimigo ainda desconhecido atacando nosso Forte Tempestade, para que eu pudesse saciar essa ânsia. Então, um dia, a ânsia desapareceu. Consegue imaginar quando foi?

Misaki balançou a cabeça.

— No dia em que você nasceu. Desde que comecei a construir algo melhor e mais bonito do que a glória de um guerreiro, a ideia de uma guerra passou a me deixar enjoado. A ideia de que a minha garotinha pudesse sofrer ou de que meus garotinhos fossem forçados a guerrear... Isso não é coisa em que um pai amoroso quer pensar, nem mesmo o mais duro dos guerreiros. Agora que estou velho, que já passei do meu auge como guerreiro, considero uma grande bênção nunca ter precisado desembainhar a espada em uma batalha de verdade. Não gostaria de ver você ou seus irmãos em perigo nem por toda a glória do mundo.

— Eu entendo, Tou-sama — respondeu Misaki, as lágrimas ainda umedecendo o rosto. No mínimo, entendia a lógica. — Mas o que isso tem a ver com...

— Uma vida de aventuras perigosas pode parecer valer a pena agora, quando você é jovem e aparentemente invencível, mas um dia você terá filhos, e não vai querer essa vida para eles.

— Robin não colocaria seus filhos em perigo. Ele trabalha para *salvar* crianças. Jamais colocaria as próprias em risco — protestou ela.

— Não de propósito, tenho certeza, mas homens como ele... o mal os

persegue em todo lugar. Ele é um bom garoto — repetiu Tou-sama —, mas é uma aposta, e eu não posso apostar a vida da minha filha. Você vai entender quando tiver os próprios filhos.

Misaki abaixou a cabeça para esconder a dor em seu rosto. Perdera a discussão. Esperara alguma outra coisa? Seu pai era mais sábio e mais metódico do que qualquer pessoa que conhecia. Ele pensava em tudo. Como esperara superar isso com apenas seu coração e suas lágrimas?

— Matsuda Takeru tem todas as habilidades de um guerreiro, mas também tem o bom senso para dar a você e a seus futuros filhos uma vida estável e pacífica — continuou Tou-sama. — Não é o tipo de pessoa que vai sair procurando encrenca para a vida de vocês. Ele vai mantê-la em segurança.

Tou-sama pareceu ver a angústia da filha e entender, resignado, que não havia nada que pudesse falar para aliviá-la.

— Vou deixá-la em paz — disse ele, e saiu do cômodo.

A luz do lampião se apagou.

Um mês depois, Misaki se casou com Takeru, o segundo filho da casa Matsuda, mestre da Lâmina Sibilante. Takayubi era bizarramente silenciosa. Ela ansiava pelas ondas de Arashiki ou pelo tráfego constante de Livingston, qualquer coisa para perturbar o silêncio esmagador. Talvez tenha sido graças a esse silêncio que um passo na varanda da frente chamou sua atenção de imediato. Ela foi abrir a porta, esperando encontrar outra vizinha com mais um presente de casamento atrasado. Não estava preparada para encarar o brilho e o cheiro de fumaça dos quais vinha tentando com tanto afinco se esquecer.

— Robin!

O coração dela saltou com emoções demais; surpresa, pavor e algo que não deveria nem existir. Esperança? Não podia ser. Não fazia sentido.

— Misaki! — O rosto dele se abriu em um sorriso de alívio. — *Então, está mesmo escrito Matsuda ali.* — Ele lançou um olhar do bilhete em sua mão para a placa de pedra sobre as portas da propriedade.

— O que está fazendo aqui?

– Eu precisava ver você.

– Então veio à casa do meu marido? Viajou lá de Carytha? Você é maluco? – Mesmo com a recente fortuna de Robin, era uma viagem cara, que ele parecia ter feito sozinho.

— Eu precisava ter certeza de que você estava bem... e ajudá-la a escapar, caso não estivesse.

— Me ajudar a escapar? – Ela tentou soar indignada, mas sua voz saiu muito... ofegante, indefesa. *— Robin, eu me casei com Matsuda Takeru. Esta é minha casa agora. Não posso ir embora.*

– Claro que pode — respondeu Robin, os olhos iluminados por aquela determinação feroz que atraíra Misaki desde o começo. *— Você não é prisioneira de ninguém. Você é Sirawu, a Sombra. Pode ir aonde quiser.*

Ele estendeu a mão para tocar seu braço, mas Misaki recuou.

— Não me toque. Você não pode... Quer dizer... Robin, eu estou casada.

— Eu sei. Tentei entrar em contato com você assim que fiquei sabendo. Misaki... por quê? — A voz dele falhou, e ela desviou os olhos, incapaz de encará-lo. *— Como isso aconteceu?*

– Não... faz diferença – disse ela, olhando os próprios pés. *— Aconteceu. Está feito.*

– Não. — Robin balançou a cabeça. *— Não aceito isso. Você não pode desistir assim.*

– Quem disse que eu "desisti"? Eu tomei uma decisão.

– Por que não me falou? — Pela primeira vez, ele soou magoado. *— Você só desapareceu. Por quê?*

Esperança e negação se atracavam em Misaki, batalhando conforme ela

tentava encontrar as palavras. Mas não havia nenhuma. Nenhum jeito de explicar...

— *Você precisa ir embora* – disse ela, tensa.

— *Não. Misaki, eu não vou. Não posso.*

– *Estou bem aqui, Robin* — mentiu ela. — *Você precisa ir agora. Eu juro que está tudo bem.*

– *Foi o que você disse da última vez.* – Ele soou tão traído. — *Eu não devia ter deixado você na época, e não vou fazer isso de novo.*

Claro que um simples "você precisa ir embora" não bastaria para Robin. Se quisesse que ele desistisse, precisaria feri-lo, tornar-se a inimiga. Assim, ele se distanciaria dela e a superaria. Robin sempre conseguia superar um inimigo; só não era muito bom em lidar com a culpa. Misaki sempre fora mais eloquente e impiedosa que o amigo. Durante anos, usara essa habilidade para apoiá-lo, para preencher as lacunas que o temperamento dele deixava em seu trabalho. Agora, ela a usaria para feri-lo.

– *Eu disse que conversaria com meus pais. Nunca prometi que escolheria você ou que o avisaria da minha decisão.*

– *Isso é ridículo. Você...*

– *Eu fiz sua vontade por respeito às experiências que compartilhamos em Carytha, Thundyil, mas você devia ter imaginado que aquilo não tinha como acontecer. Achou mesmo que eu me casaria com um órfão disanka? Um garoto que cresceu nas ruas?*

Robin se retraiu.

— *Pare. Não faça isso* — disse ele, baixinho.

– *O quê? Falar a verdade?* — retrucou Misaki..

– *Tentar me proteger.*

– *Proteger você?* — Misaki bufou, tentando esconder como a gentileza dele a abalava. — *Estou tentando fazer você ir embora...*

– *Você está querendo me magoar para eu poder ir embora sem culpa.*

Ela cerrou a mandíbula.

— *Conheço suas táticas, Misaki. Não vão funcionar comigo.* – A voz dele se tornara tão delicada, tão insuportavelmente compreensiva...

– *E eu conheço as suas* – rebateu ela, dura. — *Não use esse tom comigo. Não sou uma maluca com um facão contra o pescoço de outra pessoa.*

Mas teria dado no mesmo se fosse; a tensão e a fúria frenética e impotente entre eles teria feito jus a qualquer situação com reféns.

— *Foi* você *quem viajou até aqui para se intrometer em algo sem ser convidado. Se alguém precisa de um sermão, é você.*

– *Você não respondeu às minhas mensagens.*

Misaki hesitou por um momento, confusa. Nunca *recebera* nenhuma mensagem. Por quê? Será que o marido ou o sogro as haviam interceptado? Será que eles realmente... Não. Não importava. Ela não teria respondido de qualquer forma.

— *Você parou para pensar que talvez eu não quisesse falar com você?*

Pensara que conseguiria evitar chatear as pessoas. Que, se obedecesse ao pai e depois nunca mais falasse com Robin, seu velho amigo a esqueceria, a superaria, e ela jamais precisaria confrontá-lo. Maldito fosse Robin por estragar esse plano. Maldito!

– *Eu só preciso entender. Preciso que você seja sincera comigo. É isto aqui que você quer?* — perguntou ele.

Misaki se empertigou, usando a postura que havia aprendido para assomar sobre teonitas mais altos.

— *É, sim* — respondeu, a voz fria. Não se sentia alta.

— *Eu não acredito.*

Um espinho de raiva a atravessou ao ouvir o tom suave dele.

Ela fechou as mãos em punhos.

— *Como ousa?*

– *O quê?*

– *Como ousa dizer que respeita minhas escolhas e depois renegá-las porque não*

concorda com elas? Como ousa dizer que respeita minha autonomia e depois renegá-la quando isso significa não ficar comigo?

– Eu... Não foi isso que eu...

– Como, então, Thundyil? Você respeita minhas decisões ou não?

– Respeito – insistiu Robin, erguendo a voz também. *— Você sabe disso, Misaki! É por isso que me preocupo com você. Isto aqui...* — Ele gesticulou vagamente ao redor, do quimono conservador de Misaki ao restante da vila silenciosa e a montanha gelada. *— Isto aqui não parece algo que você teria escolhido por vontade própria.*

– Bom, mas é — respondeu Misaki, teimosa. E, maldição, por que sentia um nó se formar na garganta? Por que Robin tinha ido até ali? Por que estava fazendo aquilo com ela? *— Talvez você não me conheça tão bem quanto pensa.*

– Mas...

– Você acha que me entende porque estudamos juntos por alguns anos? – Ela se obrigou a resistir às lágrimas. *— Quem pensa que é?*

– Seu amigo – respondeu Robin, com sinceridade. Por Nami, Misaki nunca vira tanto sofrimento naqueles olhos pretos. *— Nós estudamos juntos, mas também lutamos juntos, aprendemos juntos, salvamos a vida um do outro...*

– Eu sou uma filha da casa Tsusano. – Sua voz soou mais alta, e Misaki se esforçou para contê-la. *— Acha mesmo que aquelas lutinhas selvagens em becos sujos eram mais do que um hobby para mim? Realmente achou que eu ficaria lá, naquela cidade imunda e cheia de adynos?*

Isso tocou na ferida, fazendo um brilho de raiva genuína surgir na expressão de Robin.

— Não diga isso.

– Desculpe – respondeu ela, calma, aproveitando a vantagem, mesmo que algo dentro de si berrasse. *— Pensei que você quisesse sinceridade, mas está óbvio que não entende...*

– Então, me explique – pediu Robin, a voz ao mesmo tempo implorativa e

autoritária. — *Sinceramente. Porque parece muito que você está em um casamento forçado.*

Só que Misaki *não podia* explicar sinceramente. Para isso, teria que admitir que ainda o amava. E não podia fazê-lo. Nem para ele nem para si mesma. Para ninguém.

— *Xuro, Misaki, eu sabia que você amava sua família, mas não achei que fosse uma covarde.*

– *Ah, é isso que eu sou? Tomei uma decisão que você não aprova, então sou uma covarde?*

– *Não tem nada a ver comigo!* – explodiu Robin. — *Você não precisa se casar comigo, se não quiser. Não tem que voltar para Carytha nem me ver de novo, se não quiser, mas, por favor... não pode ficar aqui. Como seu amigo, não posso deixar.*

Misaki não se afastou quando Robin segurou seu braço e a puxou, mas se retraiu diante da onda de nyama que varreu a varanda um momento depois. *Takeru.*

— Misaki — chamou o marido, aparecendo junto ao seu ombro como uma muralha de frio sólido. — O que está acontecendo aqui? Quem é essa pessoa?

— Ah! — Misaki livrou o braço, olhando de Takeru para Robin em pânico. — Ele é... hã...

Robin fechou as mãos em punhos, encarando Takeru com uma fúria ardente que em geral reservava para assassinos, e Misaki se deu conta de que ele devia ter notado seu retraimento e imaginado o pior. Deuses, por que ela tinha se retraído? Por quê?

O jiya de Takeru havia derrubado a temperatura a ponto de causar calafrios. Ele e Robin não falavam os mesmos idiomas, mas os olhares fulminantes trocados não precisavam de tradução. Os dois deixavam claro que alguém estava prestes a morrer.

— Esperem... — disse Misaki, fraca, mas não tinha ideia de como continuar.

O que deveria falar naquela situação?

Robin estava se saindo bem em não tremer diante da potência daquele frio, mas Misaki via no rosto do amigo que ele estava desconcertado. Teonitas poderosos como Robin não estavam acostumados a ter sua nyama completamente abalada pela de outro.

— *Então, você é o marido de Misaki, é?* — Robin mudou para o yammaninke, embora não fosse adiantar de muita coisa; o ensino de yammaninke nas áreas rurais de Kaigen não era bom o suficiente para produzir falantes fluentes. — *Você tem o quê, o dobro da idade dela?*

Takeru deu um passo adiante, e fagulhas crepitaram nas mãos de Robin.

Ele não ia vencer.

Robin era habilidoso em lutas de rua, muito melhor do que um órfão autodidata deveria ser. Sua habilidade natural e sua taya acima da média tornavam-no invencível contra os criminosos fracos e destreinados de Livingston, mas aquele lugar não era Carytha, e sim a sede de um poder que protegera o Império por anos. A mistura de sagacidade e força de vontade inesgotável de Robin lhe serviam bem quando precisou encarar um teonita mais poderoso, mas Takeru era de um calibre que Robin jamais conhecera. Um combate direto com o Matsuda, ali, em meio a tanto gelo e neve, seria uma sentença de morte.

— *Robin, pare. Você não é páreo para ele* — avisou Misaki, em lindiche.

– *É por isso que você continua aqui? Por medo dele?* — questionou Robin, parecendo enojado.

Sua expressão prometia um desastre. Ele estava pronto para surrar alguém, mas Takeru não ia cair como um valentão ou um guerreiro com um facão de Livingston. Ele *mataria* Robin se chegassem às vias de fato.

— Diga a esse homem que ele não é bem-vindo aqui. Para ele ir embora antes que tenha a cabeça separada do pescoço — disse Takeru.

As palavras causaram um calafrio em Misaki, que tentou não parecer assustada ao traduzi-las para o lindiche.

— *Você tem medo dele. Não posso deixá-la aqui* – disse Robin.

A mente de Misaki estava em ebulição. Robin estava realmente em perigo. Ela não o convenceria a ir embora dizendo que Takeru era forte demais; precisava empregar outra tática. *Fique calma, Misaki. Fique calma.* Erguendo o queixo, ela adotou o tom mais desdenhoso que conseguiu.

— *Sério, Robin? Acha mesmo que sou idiota a ponto de me casar com alguém que me machucaria? Já que, pelo visto, você precisa que tudo seja explicadinho, meu marido está tentando me proteger de um maluco que apareceu do nada na nossa porta para me assediar.*

Os olhos escuros e brilhantes de Robin, feito carvões em brasa, se moveram entre ela e Takeru. Ela conhecia aquele olhar. Ele estava pensando na coisa certa a fazer. Não o mais fácil, mas o certo. No momento, Robin parecia perplexo, mas sempre fazia a coisa certa, não importava quão difícil fosse. Por isso Misaki sempre o seguira, por isso o amava.

— Você não é bem-vindo aqui, forasteiro — repetiu Takeru, e dessa vez Robin compreendeu. — Esta é sua última chance de ir embora incólume.

— *Eu...* — Robin parecia indeciso. — *Misaki, eu não vou embora sem você.*

Takeru deu outro passo adiante e o ar esfriou ainda mais. Robin assumiu uma pose de luta...

— Não!

Antes que pudesse se impedir, Misaki agarrou o pulso da mão dominante de Takeru, perturbando seu jiya antes que ele pudesse formar a lendária Lâmina Sibilante entre os dedos. Seu novo marido — ainda um desconhecido — a encarou com uma leve surpresa.

— E-ele é só um garoto — explicou ela, às pressas. — Não bate bem da cabeça. Não seria certo matá-lo, Takeru-sama. Por favor... Você não vai querer esse peso na consciência.

Matsuda Takeru a encarou, a expressão ilegível.

— *Você* consegue fazer esse maluco ir embora por conta própria, então?

— Sim, senhor.

Misaki lançou um olhar frio a Robin, seu melhor amigo, a única pessoa que já desejara na vida.

– Meu marido está, é claro, preocupado com meu bem-estar, mas concordou generosamente em não matar você se for embora agora mesmo e nunca mais aparecer aqui.

Robin ainda hesitou, então Misaki transformou sua voz em gelo.

– Se você não respeita mesmo minha decisão, então vá em frente. Lute com ele. Morra.

As chamas de Robin tremeluziram com indecisão. Os olhos alertas refletiam confusão e traição, mas Misaki já o vira encarar coisas piores. Ele sempre lutava, contra todas as probabilidades. Sempre fazia a coisa certa.

As chamas entre seus dedos se apagaram quando ele baixou o olhar.

— Se é isso mesmo que você quer.

– É — respondeu Misaki, entre dentes.

— Então, me desculpe por tê-la incomodado.

Baixando a cabeça, Robin se virou e foi embora.

Ao lado de Misaki, o jiya de Takeru se acalmou, o frio mordaz abandonando as moléculas de água ao redor. Mas, de repente, Misaki se sentiu tensa, desesperada.

Robin estava indo embora? Robin estava *indo embora*.

Misaki abriu a boca para chamá-lo... *Volte! Volte! Por favor, Robin! Me leve com você!* Mas nenhum som saiu. O fôlego congelara em seu peito.

Takeru fechou a mão em seu braço.

— Venha, Misaki. Fique dentro de casa, onde é seguro.

Entorpecida, incapaz de resistir à criatura gélida com quem havia se casado, ela foi puxada para dentro da propriedade Matsuda, e as portas se fecharam.

Por que ele foi embora?, gritava uma voz angustiada dentro dela. *É o Robin. Robin salva todo mundo. Robin nunca deixa um amigo para trás. Por que ele foi embora?*

Mas a parte sincera dela, aquela que fora sufocada, sabia a verdade: ele *era*

apenas um garoto. Mesmo com todas as suas habilidades, conquistas e força de vontade sobre-humana, Robin Thundyil tinha apenas 19 anos. Estivera em terreno desconhecido, em uma cultura que não entendia, encurralado por pessoas mais velhas e, como ele erroneamente pensava, mais espertas. Ao que tudo indicava, fizera a coisa certa; a única coisa que *podia* fazer quando ela o olhou nos olhos e lhe disse para ir embora.

Robin sempre deferia a Misaki quando se tratava de protocolos, política e pessoas. Por que esperara que ele magicamente compreendesse coisas que ela mesma mal compreendia? Por que esperara que ele a interpretasse e reagisse feito um homem? A resposta espreitava, inconveniente: *porque você tem medo demais de fazer isso por conta própria, você é uma covarde, Misaki.*

Se não era mulher o bastante para travar as próprias batalhas, então que direito tinha de receber a ajuda de Robin? Como podia esperar que ele a salvasse, quando não estava disposta a erguer um dedo para salvar a si mesma? O que achara que Robin fosse fazer, afinal? Encarar uma Lâmina Sibilante e o restante da montanha e levá-la embora? Ele não tinha capacidade de fazer isso. Jamais tivera qualquer poder de mudar aquela situação... mas Misaki, sim. E fora fraca demais para fazer isso.

Uma covarde feito ela não tinha o direito de ficar com alguém como Robin, não tinha direito ao futuro que se permitira imaginar com ele. Ainda assim, ela se encolheu e chorou. Soluços altos teriam perturbado o silêncio e chamado a atenção dos homens Matsuda, então ela os abafou nas mangas compridas.

Takeru a encontrou ali uma waati depois, encolhida no meio do quarto, trêmula.

— Misaki? — A voz geralmente fria dele tinha uma nota de preocupação. — Você está bem?

— Sim. — Escondendo o rosto, Misaki evaporou as lágrimas e se forçou a parar de tremer. — Estou, Takeru-sama.

Apenas no dia seguinte Misaki encontrou a bolsa que Robin lhe deixara,

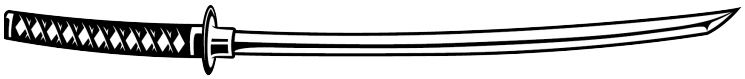
escondida em um canto da varanda. Continha apenas uma coisa: a espada que fora sua companheira durante todas as aventuras dos dois; um último apelo para que ela se lembrasse do que tinham vivido juntos.

Ela ficou ajoelhada, com Filha da Sombra na mão, por muito tempo, os dedos percorrendo o cabo de vidro zilazeno. Tou-sama dissera que havia coisas melhores e mais bonitas do que a euforia da batalha. *Você vai entender quando tiver filhos.* Tudo valeria a pena quando ela tivesse filhos.

Tou-sama tinha prometido.

20

A última vez



Misaki chegou à conclusão lógica de que estava no Inferno. Em sua mente confusa, essa era a única coisa que fazia sentido; nenhuma noite duniana podia se estender tanto quanto aquela noite no abrigo antiaéreo de Takayubi. Em meio ao caos, uma bala a atingira e mandara sua alma para as chamas rodopiantes da eternidade. Uma alma corrompida como a dela não tinha como adentrar a paz do Laaxara. Fazia sentido.

Só que, de manhã, os alto-falantes anunciaram que a área estava segura, e as portas do bunker se abriram para a luz do dia do reino mortal.

De início, a claridade foi ofuscante. Misaki olhou ao redor, confusa por se encontrar no mundo real, dolorida e viva. Atordoada, baixou os olhos e percebeu que Izumo não estava em seu colo.

O pânico a fez se levantar, o que causou pontadas de dor no peito. Suas mãos tatearam ao redor, passando pela bainha vazia de Siradenyaa, mas não encontraram nenhum bebê.

— Izu-kun? — Ela se virou, desesperada. — Naga-kun?

Seus olhos, ainda meio embaçados, encontraram Ayumi nos braços de uma das mulheres Mizumaki, mas onde estavam seus filhos? Acabara de tomar fôlego para gritar quando os encontrou. Seus ombros relaxaram, e ela soltou um “Ah” baixinho.

Izumo estava envolto em braços sujos de fuligem, dormindo profundamente contra o peito de Atsushi. Em algum momento da noite, quem sabe à procura de contato humano, ou querendo acalmar o choro que Misaki estava aturdida demais para notar, o filho do ferreiro devia ter pegado o bebê. Nagasa dera um jeito de se enfiar sob o braço de Atsushi e dormira com a cabeça apoiada contra a de Izumo, enquanto Hiroshi estava recostado naquela pilha, de costas para as outras crianças.

Formavam uma imagem estranha, o menino Kotetsu em sua túnica de ferreiro e os meninos Matsuda em seus quimonos elegantes, todos amontoados, sujos de sangue e de terra. Lágrimas tinham secado nas cinzas do rosto de Atsushi, indicando que ele chorara até dormir. Ainda assim, o garoto de 10 anos abraçara os meninos Matsuda a noite toda, enquanto os pais deles estavam paralisados demais para fazer isso.

Hiroshi foi o primeiro a acordar diante da luz matinal incipiente. Ou quem sabe nem estivesse dormindo. Os círculos sob seus olhos sugeriam que passara a noite como Misaki, encarando a escuridão.

— Você está bem, Hiro-kun?

Os olhos de Hiroshi estavam vermelhos quando ele os ergueu para a mãe e assentiu, retesado. Se alguma parte de seu segundo filho algum dia tinha sido de fato uma criança, não era mais.

Misaki correu os olhos para o menino numu que segurava seus dois filhos mais novos. Não queria acordá-lo.

— Atsushi. — Ela estendeu a mão e tocou o ombro dele com delicadeza. — Atsushi-kun.

Ele se remexeu, entreabriu a boca.

— Kaa-chan? — chamou baixinho, e Misaki engoliu uma onda involuntária de culpa.

— Não, Atsushi-kun — disse ela, quando ele abriu olhos sonolentos. — Sou eu.

O rosto dele foi tomado por pesar e constrangimento.

— Ah... Eu... M-Matsuda-dono. Me desculpe.

Misaki queria poder lhe oferecer um sorriso, mas seu rosto não obedeceu.

— Está tudo bem, Atsushi-kun. Obrigada por cuidar dos meus filhos.

Ela se inclinou para pegar Izumo, mas parou e fez uma careta quando uma dor atravessou seu peito.

— A senhora está bem, Matsuda-dono? — perguntou Atsushi.

— Estou — respondeu Misaki, embora até falar doesse.

— Posso carregar o bebê, se precisar.

— Eu fico com ele — disse outra mulher, a mais jovem das Mizumaki que tinham ajudado a levar os bebês Matsuda na noite anterior. Fuyuko. Era esse o nome dela. Seu pai e seu irmão não tinham voltado da frente de batalha.

— Se a senhora não se importar, Matsuda-dono... — disse a garota, estendendo os braços para Izumo.

— V-Você... — *não precisa fazer isso*, era o que Misaki ia dizer, mas seus pulmões machucados a impediram outra vez.

— Não tem problema — respondeu Fuyuko, e tomou Izumo nos braços com cuidado.

Misaki deixou que a mulher carregasse Izumo e seguisse os habitantes da vila que começavam a se aventurar para fora do bunker. Até mesmo aceitou o braço de apoio que Atsushi lhe ofereceu, enquanto o que restava de Takayubi saía aos tropeços do abrigo para a luz.

A destruição se espalhava diante deles, fumegante. A prefeitura, perto da entrada do bunker, fora obliterada, assim como a torre de info-com ao lado.

— Olhem por onde andam, meninos — avisou Fuyuko a Atsushi, Hiroshi e Nagasa, erguendo a barra do quimono para passar por cima de uma viga caída da torre.

— *Pelo menos fizemos um bom uso destas torres, né?* — disse Chul-hee ao pai em seu kaigengua nativo. Soava entorpecido.

— *Não sei se chamaria de* bom – respondeu Tae-min.

As bombas tinham deixado rombos em algumas casas; a maioria fora completamente destruída, reduzida a escombros. Os corpos pontilhavam a montanha, muitos despedaçados, kaigeneses e ranganeses misturados em restos de sangue e osso. Enquanto andavam, Misaki puxou Nagasa contra a cintura e cobriu os olhos do menino, como se pudesse de fato protegê-lo de tudo aquilo.

O ataque aéreo, embora devastador, talvez não tivesse sido exagerado. A julgar pelo número de corpos em uniformes amarelos e pretos em meio aos escombros, parecia que os ranganeses tinham continuado avançando noite adentro, dando aos pilotos algo em que atirar. O resultado foi a vila dizimada.

O que restava da população de Takayubi se espalhou devagar, morosa sob o luto e o choque. Alguns reviravam as ruínas de suas casas à procura dos corpos de entes queridos. Outros apenas paravam diante dos locais onde tinham vivido e criado suas famílias, os rostos estampados com incredulidade.

A vila fora um sacrifício necessário. Misaki compreendia isso, do ponto de vista estratégico. Por isso, não conseguia explicar o ódio e o pavor que lhe subiam feito bile pela garganta.

Já vira devastação. Estivera em Livingston no auge do reinado de terror dos Kalleyso, mas de algum modo, na época, não parecera tão ruim. Com uma boa dose de vergonha, entendeu que, para ela, aqueles horrores eram coisa dos violentos países adynos, do outro lado do oceano. Não dali. Não do lugar em que ela ninara seus bebês e lhes ensinara as primeiras palavras. Não do lugar onde conhecera Hyori. Não do lugar onde gargalhara das piadas e dos pratos de Setsuko.

Por muitos anos, Misaki pensara que jamais se encaixaria em Takayubi, mas de alguma forma aquele lugar se tornara seu lar sem que ela percebesse. E alguém jogara bombas *no seu lar*.

Hyori, cujas pernas bambas pareciam mal suportá-la na saída do abrigo,

desabou diante dos escombros da propriedade Yukino. A pedra entalhada com a insígnia da família, que costumava ficar acima da porta, jazia partida na neve. Os dedos trêmulos de Hyori traçaram as fissuras.

Misaki sentiu um puxão em seus dedos e baixou os olhos para encontrar Nagasa afastando a mão dela de seus olhos. Ele estava encarando o que restava da propriedade Yukino, onde passara dias e dias brincando.

— Ryota-kun? — perguntou ele, baixinho.

Hiroshi parara ao lado do irmão, seguindo seu olhar para a casa Yukino.

— Eu acho... que Ryota-kun se foi — disse ele, devagar.

— Para onde? — Nagasa olhou do irmão mais velho para a mãe, com uma expressão implorativa. — Foi para onde?

— Hã... — começou Fuyuko Mizumaki, nervosa. — Talvez seja melhor levar os meninos para outro lugar, Matsuda-dono? — Ela olhou para Misaki. — Quem sabe para a sua casa?

— Não. — Misaki ergueu a mão para impedir Fuyuko de conduzir Hiroshi e Nagasa na direção da propriedade Matsuda. — Não até que seja limpa.

O que Misaki deixara dentro da casa era facilmente pior do que qualquer coisa que as crianças veriam ali fora.

— Como... — A jovem olhou ao redor. — Como a casa vai ser limpa? Somos tão poucos e...

Há tanta destruição.

— O exército imperial deve chegar em breve para ajudar — respondeu Misaki.

Não esperava muita assistência das forças armadas kaigenesas, mas seria estranho se nem sequer aparecessem. No mínimo, forneceriam braços para carregar alguns dos cadáveres.

Só que a primeira ajuda a chegar não foi do governo, e sim das vilas próximas. Pescadores, fazendeiros e ferreiros, que tinham visto o tornado avançando pela costa e onde fora impedido. Eles apareceram assim que o sol

começou a evaporar os resquícios de neblina. Quando os residentes de Takayubi foram ao seu encontro, viram, com uma onda de esperança, que alguns dos voluntários carregavam sobreviventes das partes mais baixas da montanha.

Atsushi foi o primeiro a encontrar o rosto que estava procurando.

— Tou-san! — gritou ele.

Kotetsu Katashi estava sendo carregado por dois pescadores. Não estava totalmente consciente, e perdera a perna esquerda abaixo do joelho, mas ainda conseguiu abrir um grande sorriso quando o filho foi correndo ao seu encontro. O irmão e a irmã mais novos de Atsushi também tinham sobrevivido, e eram carregados por uma dupla de peixeiras. Um único fina machucado e um par de crianças assustadas eram os únicos sobreviventes da vila ocidental, que fora arrasada.

Não havia sinal de Mamoru.

— Deixamos alguns homens mais abaixo na montanha para procurar sobreviventes — disse o pescador mais velho.

— Muito bem. Obrigado pela ajuda — respondeu Takeru.

— Nós é que temos que agradecer, Matsuda-dono. — O homem se pôs de joelhos e o restante dos voluntários o imitou, curvando-se profundamente na neve diante de Takeru. — O senhor e seu povo contiveram o exército antes que eles nos alcançassem. Jamais poderemos agradecer o suficiente.

Enquanto os habitantes da vila se reuniam, às lágrimas, com os parentes, Kotetsu Katashi, surpreendentemente lúcido, explicou que os numuwu mais rápidos tinham se espalhado quando os ranganeses atacaram. Claro, muitos foram capturados e mortos, mas de início poucos ranganeses tinham chegado à vila, então um bom número de ferreiros conseguira escapar.

— Nossa casa foi destruída quase imediatamente — disse ele —, antes mesmo que a gente conseguisse sequer pensar em fugir. Por sorte, meus dois caçulas são pequenos, então saíram engatinhando dos escombros e correram

antes que os fonyakalu nos encontrassem.

Exceto talvez pelos Matsuda e Yukino, as antigas famílias de ferreiros conheciam a encosta da montanha melhor do que ninguém. Os irmãos mais novos de Atsushi, assim como inúmeros outros numuwu, haviam se abrigado em cavernas praticamente irrastreáveis para forasteiros.

Depois de colocar um torniquete na perna explodida, Katashi conseguira se arrastar para a caverna mais próxima. As formações rochosas de Takayubi serviram como um abrigo natural, protegendo os numuwu não apenas dos ranganeses, mas do ataque aéreo subsequente. Tinham ficado escondidos no subsolo até ouvirem vozes kaigenesas dos pescadores chamando por sobreviventes.

De modo surpreendente, três homens haviam sobrevivido à carnificina no passo ao norte: Ginkawa Aoki, de 32 anos, Ikeno Tsuyosa, de 43 anos, e seu primo, Ikeno Shun, de 17 anos. Durante o confronto inicial com os fonyakalu, Ginkawa levara um golpe na cabeça que o deixara inconsciente e ignorado pelo resto do ataque. Voltara a si no começo do ataque aéreo e se arriscara em meio às bombas para procurar por sobreviventes entre os cadáveres. No escuro, conseguira arrastar os dois Ikeno feridos para um lugar seguro.

Em tom solene, ele disse ao grupo desesperado de viúvas e mães que não havia mais nenhum coração batendo em meio à escuridão. Ikeno Tsuyosa perdera um braço, e o adolescente estava em condição ainda pior, tendo levado diversas punhaladas e sofrido uma concussão severa que o deixara delirante.

— Nós os trouxemos para cá na esperança de que houvesse médicos para cuidar dos feridos — disse o pescador mais velho a Takeru. — Quem sabe um prédio onde estabelecer as operações... — Ele olhou ao redor, para as ruínas fumegantes da vila principal. — Sinto muito, Matsuda-dono. Não pensamos que este lugar tivesse sido tão terrivelmente bombardeado.

— Montaremos a base de operações na minha casa — respondeu Takeru,

indicando a metade intacta da propriedade Matsuda. — Talvez tenhamos que tirar alguns cadáveres ranganeses de lá e reparar partes do teto com gelo, mas acredito que seja o edifício com maior integridade estrutural no momento.

Dando as costas aos pescadores, Takeru ergueu seu jiya até uma parte destruída do muro da propriedade, derrubou alguns dos tijolos soltos e cobriu os pedaços de pedra e madeira caídos com uma camada achatada de neve, criando um caminho até a parte da propriedade que permanecia de pé.

— Você e você — ele apontou para dois dos pescadores mais altos —, venham me ajudar a me livrar dos corpos e dos escombros.

— Sim, Matsuda-dono! — responderam os homens, correndo para obedecer.

— Vamos deixar os corpos dos fonyakalu congelados no pátio até termos chance de nos livrar deles — instruiu Takeru, sem olhar para trás enquanto os homens o seguiam para dentro da propriedade. — Tentem limpar o máximo possível do sangue depois de moverem os corpos. O lugar deve estar devidamente limpo antes de trazermos os fracos e feridos.

Do lado de fora, os outros pescadores rapidamente se espalharam para ajudar o povo de Takayubi a criar bancos e abrigos de gelo contra o muro da propriedade. Para outra comunidade de teonitas, encontrar abrigo teria sido uma preocupação mais imediata, pois estavam no meio do inverno na montanha, mas os jijakalu de Kusanagi eram diferentes. O jiya subconsciente deles permitia que mantivessem o sangue circulando mesmo que a temperatura corporal chegasse abaixo de zero. Por isso Misaki passara a noite toda descalça sem que tivesse os dedos congelados. Mesmo um bebê como Izumo, no momento adormecido nos braços de Fuyuko, não corria muito risco no frio.

Claro que nem mesmo jijakalu poderosos conseguiam viver para sempre a céu aberto no inverno. Em poucos dias, começariam a enfraquecer e congelar. Sem comida, tinham menos tempo ainda. Cobertores foram recuperados das ruínas e colocados sobre plataformas de gelo para que os mais velhos e os

feridos tivessem onde descansar enquanto aguardavam até que a propriedade Matsuda fosse liberada. As peixeiras criaram berços para Izumo, Ayumi e outros bebês, acolchoando-os com cobertores e peças de roupa.

Quando os pescadores terminaram de ajeitar a propriedade Matsuda, mais voluntários haviam chegado. Eram guerreiros e ferreiros das duas montanhas mais próximas de Takayubi. A família de ferreiros Tetsukai trouxera médicos, incluindo dois treinados na cidade. Os profissionais tomaram a frente dos cuidados emergenciais, instruindo os outros. Os representantes da fortaleza Ameno, que ficava em Tatsuyama, a montanha vizinha, trouxeram cestos de comida e uma dúzia de guerreiros para ajudar na busca por sobreviventes.

Misaki e as crianças foram conduzidas para dentro da propriedade. O escritório de Takashi, que o homem quase nunca usava, fora convertido em um pequeno hospital. Setsuko já estava deitada sobre alguns cobertores, ainda inconsciente, enquanto alguns médicos a examinavam.

— Nenhum de nós está gravemente ferido — garantiu Misaki ao médico Tetsukai que a conduziu para dentro do cômodo e pediu que ela se sentasse.

— Perdão, Matsuda-dono, mas seu marido insistiu que a examinássemos.

A mais preocupante das lesões de Misaki era a dor persistente no peito, criada pelo *Lazou Linghun* da guerreira dos leques. Se seus pulmões estivessem mesmo lesionados, seria preciso mais do que algumas bandagens para curá-los, mas ela cedeu ao numu mesmo assim, permitindo que limpasse e enfaixasse os cortes em seus braços.

Assim que o médico passou para Nagasa, em busca de ferimentos, Misaki se ajoelhou e puxou Hiroshi para si.

— Fique de olho nos seus irmãos e na sua prima. Kaa-chan vai voltar logo — sussurrou no ouvido dele.

— Aonde você vai? — perguntou Hiroshi.

— Vou encontrar seu irmão.

Misaki pousou a mão na cabeça dele por um momento, então saiu

discretamente do cômodo e atravessou o corredor. Parou em um armário que restara para esconder a bainha de Siradenyaa e arrumar um par de tabi.

— Olá, Matsuda-dono — disse Kotetsu Katashi ao vê-la passando discretamente rumo à porta dos fundos. Atsushi e um dos pescadores estavam limpando a perna ferida do homem e tomando o cuidado de prevenir infecções, enquanto os filhos mais novos estavam sentados ali perto. — Aonde a senhora está indo? — perguntou ele, conseguindo soar muito amigável para um homem que acabara de perder uma perna e metade da família.

— Eu... hã...

O sorriso de Katashi sumiu, e ele baixou os olhos.

— A senhora não vai encontrá-lo com os outros na linha de frente.

— Como assim?

— Acho que Atsushi foi o último a vê-lo. — Katashi baixou os olhos para o filho, que assentiu.

— Na vila dos ferreiros, senhora, perto da nossa... de onde era a nossa casa.

— Obrigada — respondeu Misaki, com todo o afeto que conseguiu reunir, e se esgueirou pela porta da propriedade.

Não tinha a ilusão de que passaria despercebida pelos voluntários na encosta da montanha. Não porque fosse a única mulher — havia outras esposas e mães ansiosas para encontrar seus guerreiros —, mas porque *era* a única nobre.

— Por favor, Matsuda-dono — pediu um dos ferreiros ao ver a insígnia em seu quimono. — A senhora precisa voltar e descansar. Nós levaremos os mortos e feridos até lá. Aqui não é lugar para a senhora.

— Eu já vi... — *coisa pior*, era o que ia dizer, mas as palavras pararam, dolorosas, no nó em sua garganta.

A encosta que descia para a frente de batalha estava um horror. Ali jaziam os ferreiros que haviam tentado correr para as cavernas, mas não haviam chegado. Mais abaixo jaziam os corpos dos guerreiros. Era difícil dizer se

haviam sido obrigados a recuar do passo norte ou se tinham subido a montanha de propósito ao ouvir os gritos dos civis mais acima. Ali estava Ameno Samusa, o professor de esgrima de Hiroshi, e de Mamoru antes dele. Ali estava a mulher numu que fizera a caixa de joias de Misaki, de mãos dadas com o marido, que fazia uma visita a cada três meses para limpar e consertar o telhado da propriedade Matsuda.

Voluntários esperançosos paravam diante de cada corpo, à procura de sinais vitais, mas até o momento, aparentemente, não tinham dado sorte. Qualquer pessoa ferida que houvesse desabado ali na encosta aberta quase certamente fora atingida pelas balas do exército imperial ou pelos estilhaços das bombas.

Misaki já vira corpos desmembrados; caos de sangue e órgãos, pessoas despedaçadas por facões. Na época, porém, não se sentira daquele jeito. Afinal, Livingston, em Carytha, era uma terra exótica cheia de curiosidades mórbidas e perigos empolgantes. Aquela era a verdadeira diferença entre ela e Robin Thundyil: para ele, as tragédias nas periferias de Livingston eram reais; para Misaki, a filha privilegiada de uma casa nobre intocável bem longe dali, sempre parecera apenas um jogo, uma emoção passageira para saciar sua fome ingênua de aventuras. Não fora real de verdade.

Aquilo ali era.

— Por favor, Matsuda-dono — pediu um dos pescadores, a voz soando muito distante. — Uma dama não deveria ver essas coisas.

— Não. Ninguém deveria ver essas coisas — respondeu Misaki, baixinho.

Como fora tão insensível a respeito de vidas que eram importantes para Robin? Como fizera pouco de atrocidades e chamara isso de força? Ali, nas encostas de sua montanha, onde cada cadáver era uma perda pessoal, ela não se sentia nada forte.

— Por que não volta para sua família, Matsuda-dono? — perguntou o pescador.

— Parte da minha família está sumida. Preciso encontrar meu filho — respondeu ela.

— Então... pelo menos me deixe acompanhá-la, senhora. Partes desta encosta ainda podem apresentar perigo.

Misaki não precisava de ajuda para descer uma encosta, mas agradeceu ao pescador e permitiu que ele a seguisse. O homem podia não ter autoridade para mandar que ela voltasse à vila principal, mas era falta de educação deixar uma dama vagar sozinha após uma batalha.

— Qual é seu nome, pescador? — perguntou ela, enquanto desciam com cuidado pela trilha íngreme.

Era um momento estranho para puxar conversa, mas Misaki percebeu que não suportava o silêncio, que deixava espaço demais para contemplar aonde estava indo, o que decerto ia encontrar.

— Chiba Mizuiro, Matsuda-dono. — A voz dele continha aquele nervosismo ansioso de um homem que não costumava falar com membros de casas nobres.

— Chiba. — Misaki sorriu em uma parca tentativa de tranquilizar o homem. — Minha concunhada é da família Chiba, sabia?

— Matsuda Setsuko-sama. Sim, eu... ouvi falar do casamento. — Claro que ele tinha ouvido. Fora um escândalo. — Meu ramo da família é... *era*... próximo do dela.

— Então, a vila de pescadores na base desta montanha... onde o tornado fez contato primeiro. Como está a situação lá?

— Não... não existe mais nada, Matsuda-dono. A vila se foi. Não fosse por alguns pedaços de madeira, nem daria para saber que já existiu uma vila lá.

— Lamento muito por isso.

Misaki tentou se concentrar na tragédia da perda da vila de pescadores e em sua simpatia por Setsuko. Não era de forma alguma um pensamento agradável... na verdade, era bem doloroso, mas o objetivo era esse; o sofrimento quase conseguia distraí-la de para onde seus pés a levavam. Quase.

— Então, imagino que não haja sobreviventes — disse ela.

— Não encontramos nenhum — respondeu Chiba —, embora algumas pessoas tenham ficado lá para procurar, a maioria com a esperança de encontrar os parentes desaparecidos.

Misaki assentiu. Pobre Setsuko. Pobre Setsuko.

— Eu vi o tornado. Minha esposa e minhas filhas já estavam chorando quando ele tocou a vila. Pensamos que fôssemos todos morrer — comentou ele.

— Lamento muito. Deve ter sido horrível — disse Misaki, baixinho.

— Por favor, não lamente, Matsuda-dono — respondeu Chiba, firme. — Se não fosse pela senhora e a sua família, nenhum de nós estaria aqui agora. Só queria poder fazer mais para ajudar.

Misaki olhou de relance para o acompanhante. O olhar dele era sincero.

Matsuda Susumu sempre reclamara que os plebeus e as casas inferiores da península não eram leais como em sua juventude. Ele falava de uma época em que todo mundo de Kusanagi respeitava e reverenciava a casa Matsuda. Durante a Keleba, as grandes casas de Shirojima tinham *conquistado* a lealdade de seus vassalos por meio de demonstrações indiscutíveis de força diante dos inimigos de Kaigen. A casa Matsuda criara guerreiros poderosos em cada geração desde a Keleba, mas ninguém da geração de Misaki havia testemunhado a prova daquele poder... até aquele momento.

Parecia que parte daquele antigo maravilhamento despertara quando o povo da costa de Kusanagi vira um tornado cair diante do poder de Takayubi. A lealdade nascia da admiração brilhando nos olhos daquele pescador. E agora koronu enchiam a montanha, ansiosos para servir como pudessem.

— Seu filho e seu cunhado... todos vocês que lutaram aqui... são heróis — afirmou Chiba, em tom fervoroso. — Devemos a vocês nossas vidas.

Ela não sabia se ficava feliz ou triste que Matsuda Susumu não tivesse vivido para ver aquela lealdade ressuscitada. Desejou sentir alguma coisa... qualquer coisa além da inevitabilidade de cada passo da descida; da descida

rumo ao fim de seu mundo.

Àquela altura, as ruínas carbonizadas da vila dos ferreiros estavam à vista, chegando mais perto.

— Sabe, eu nunca tive muitas oportunidades de visitar as outras vilas de pescadores da região — comentou Misaki, rápido demais, a voz soando estranhamente aguda com a tensão. — Me conte mais sobre a sua vila.

— Ah. — O homem pareceu surpreso. — Mas, Matsuda-dono, não acha que deveríamos procurar o seu...

— Conte sobre a sua casa, ou seu barco, ou sua família. Fale comigo sobre alguma coisa — ordenou Misaki, firme.

Só me leve para longe daqui.

Estavam contornando os destroços fumegantes da vila numu, onde o cheiro familiar de madeira queimada e carvão se misturava ao fedor insidioso de carne carbonizada.

— Sobre sua excursão de pesca mais bem-sucedida. Conte-me sobre isso — pediu ela, desesperada.

— Muito bem, Matsuda-dono — respondeu Chiba, hesitante. — Hã... a maior parte da renda da minha família não vem da pesca. Minha esposa é uma excelente caçadora de pérolas, uma habilidade que começou a ensinar às nossas filhas. Vendemos as pérolas para os numuwu colocarem em suas joias e ornamentos para damas como a senhora.

Misaki tentou se concentrar nas palavras de Mizuiro Chiba mesmo enquanto seus olhos começavam a fazer uma varredura na neve suja de sangue e cinzas. Tentou ficar lá com a caçadora de pérolas e suas filhas, no barco.

— Às vezes, me preocupo com minha esposa, porque ela mergulha fundo demais até a escuridão, mesmo em dias em que as águas estão agitadas. Minha mãe morreu mergulhando atrás de pérolas, sabe. Assim como acontece com muitas mulheres todo ano. Fiquei mais preocupado ainda quando minha filha mais velha começou a acompanhar minha esposa. E, quando decidimos que

nossa filha mais nova também estava pronta para começar, bom, achei que fosse passar mal. Mas a água estava tão plácida e límpida naquele primeiro dia em que as três mergulharam juntas...

"Foi como se Nami estivesse tão feliz de vê-las que limpou a costa de ondas, tubarões e pedras afiadas, só para elas. Não peguei quase nada de peixe naquele dia, mas a Deusa encheu as mãos das minhas meninas de pérolas."

— Isso é maravilhoso — comentou Misaki, tentando com todas as forças sentir um fiapo da alegria daquela família de pescadores.

Claro que não conseguiu. Nunca tivera que mergulhar atrás de riquezas. Se queria um colar de pérolas ou ornamentos para o cabelo, alguém comprava para ela. Jamais dedicara muitos pensamentos às pérolas ou às pessoas que arriscavam a vida para pegá-las do fundo do oceano.

— Acho que foi naquele dia que compreendi que esta península é mesmo abençoada pelo sangue dos deuses. O povo da cidade que às vezes passa por aqui diz que a península está morrendo, mas a divindade está viva aqui.

— Divindade? — A voz de Misaki parecia vir de muito longe.

Seus olhos tinham recaído sobre uma silhueta fina na neve — a espada de Mamoru. A lâmina estava encharcada de sangue.

— Eu vi um *tornado* ser derrotado aqui — declarou Chiba, com ardor — antes de alcançar a minha vila. Considero este lugar milagroso. Como minha mãe dizia... para cada mergulhador que o oceano leva, há um dia perfeito em que ele banha uma família com pérolas brilhantes e amor.

Os pés de Misaki pararam ruidosamente na neve, e os olhos do pescador seguiram os dela.

O soldado de preto diante deles jazia em dois pedaços, partido ao meio pelo que devia ter sido um golpe bastante determinado da katana. E ali, de frente para ele na neve, a pouco mais de uma passada de distância, estava Mamoru.

As rajadas indiscriminadas de balas haviam deixado buracos nas costas de

seu quimono, círculos queimados perfurando o diamante do símbolo Matsuda.

— Pelo amor de Nami! — exclamou o pescador com um desgosto explícito. — Os pilotos atiraram direto nele? E se ele ainda estivesse vivo?

— Não estava — respondeu Misaki, baixinho.

Graças aos Deuses por isso. Não havia espaço em seu coração para mais raiva.

— Como a senhora sabe? — perguntou Chiba.

— Quase não há sangue nas feridas dos tiros — respondeu Misaki, entorpecida.

— Como assim?

— O sangue já não estava correndo pelo corpo dele quando as balas o atingiram. Seu coração já tinha parado de bater havia muito tempo.

O pescador a encarou, visivelmente incomodado.

— Como a senhora...

— Antes de me casar com um Matsuda, eu era da família Tsusano. Conheço sangue. — Ela reparou que o homem deu meio passo para trás. Supersticioso. — Pode, por favor, me dar um momento com meu filho?

— Sim... claro, Matsuda-dono. Só... — Chiba Mizuiro se pôs de joelhos e curvou-se diante do corpo até sua testa encostar na neve. Uma prece discreta deixou seus lábios. Então, ele se moveu para encarar Misaki e se curvou de novo, profundamente. — Nyama para a senhora, Matsuda-dono, e para seu filho.

— Se os Deuses quiserem — murmurou Misaki.

Então, o homem recuou, deixando-a sozinha com o corpo que já não era Mamoru.

Ela comparara o abrigo antiaéreo ao Inferno, mas aquilo ali... aquela imobilidade explícita... era pior. A coisa mais estranha a respeito de Misaki era que ela conseguia ficar à vontade no Inferno. O caos tinha um efeito calmante sobre ela. No bunker, os gritos, o pulsar de sangue e o som de tiros haviam se

cancelado mutuamente, envolvendo-a em um torpor. Ali, não havia qualquer fluxo de sangue ou correr de lágrimas para consumir sua atenção; aquele sangue se congelara em algo duro e irrefutável. Não havia qualquer movimento para chamar sua atenção, nada para consertar ou destruir. Havia apenas a verdade congelada da morte de seu filho.

Devagar, Misaki caiu de joelhos ao lado do corpo.

Seus olhos percorreram os detalhes preservados pelo gelo. As feridas de bala podiam não ter sangrado, mas havia muito sangue congelado para analisar, um mapa dos esforços de Mamoru pouco antes da morte. Pequenos cortes pontilhavam seu rosto e antebraços; a pele arroxeada e ferida do pescoço indicava que alguém tentara estrangulá-lo; e seu lábio estava cortado de alguma pancada na boca, mas nada disso o matara. Era evidente que sua morte fora resultado do corte profundo no flanco.

Misaki desejou nunca ter visto feridas como aquela nas vítimas de ataques de facão em Livingston. Desejou não ter testemunhado em primeira mão o tempo excruciante que levava para uma pessoa morrer assim.

O fonyaka diante de Mamoru fora partido ao meio por um golpe de espada que ia do quadril direito à axila esquerda — o tipo de golpe que encerrava instantaneamente uma vida. Nem o melhor guerreiro do mundo conseguiria contra-atacar depois daquilo. Mamoru dera o último golpe... o que só podia significar que seu menino lutara suportando o ferimento que tomara a sua vida. Mesmo com aquele terrível corte no flanco derramando seu sangue e incapacitando órgãos vitais, ele havia lutado.

A mão direita dele estava mutilada, com três dedos faltando, então Misaki tocou a esquerda, acariciando de leve os nós dos dedos machucados. Na primeira vez que segurara Mamoru, recém-nascido, odiara a sensação do jiya dele, apenas porque a lembrava do jiya de Takeru. Quisera vomitar e se retrair. Naquele momento, ao buscar aquele jiya, seus dedos apertando e seus sentidos se esforçando para encontrar qualquer resquício dele, não conseguia mais

entender aquele ódio — e claro que não encontrou nada. A vida que fizera dele Mamoru havia se extinguido, a caminho de outro reino de existência.

Um soluço ofegante escapou de Misaki. Ela cravou os dedos envoltos em gelo nas costas do quimono do filho e *desejou*, desejou, do fundo do coração agonizante, que suas garras pudessem puxar uma vida de volta ao Duna tão facilmente quanto podiam despachar uma de lá.

O próximo som a deixá-la foi mais um grito do que um soluço, e a dor que causou em seus pulmões foi ridiculamente pequena comparada à absoluta ausência sob suas mãos. Deixaria que um fonyaka sugasse a vida da boca dela mil vezes. Entregaria a alma mil vezes para trazer Mamoru de volta. Faria qualquer coisa...

Foi apenas quando sentiu sangue líquido nos dedos que recuou com um sobressalto e percebeu o que estava fazendo. Enquanto ansiava por sentir o pulso e a nyama de Mamoru, seu próprio inconsciente havia se erguido para envolver o corpo sem vida. Não havia restaurado uma pulsação de verdade, claro. Apenas descongelara as artérias e rompera o *rigor mortis*, fazendo com que os ferimentos de bala e outros machucados voltassem a sangrar.

Horrorizada, Misaki recuou uma passada do corpo.

— Perdão! — disse, arfante, limpando sangue das mãos na neve. — Me perdoe! — Ela se curvou, batendo a testa no chão congelado até doer, até estar batendo o crânio contra gelo e depois pedra. — Eu sinto muito.

Ficou ali por um longo tempo, cabeça contra o chão, arrependida, como se houvesse perdão no Duna que pudesse compensar o quanto havia falhado com o filho. Fechando os olhos, rezou para que Nagi lhe desse forças, e Nami, calma. Nenhum dos dois a ouviu. Suas mãos sujas de sangue tremiam violentamente mesmo apoiadas no chão, em busca de qualquer estabilidade. Os soluços não paravam de sacudir seu corpo, mas não fora até ali para confundir o espírito de Mamoru e dividi-lo. Fora até ali para ajudá-lo, para ser uma boa mãe, caso os Deuses lhe dessem aquela última chance.

Não era preciso ser um fina para entender que arrependimentos eram como veneno para o espírito dos mortos. Um espírito que lamentasse tudo que não havia conquistado em vida não conseguia seguir em paz para o Laaxara. Ficava preso no reino ardente nos limites do Duna, incapaz de morrer de verdade, o sofrimento se intensificando conforme seu pesar supurava. Era uma existência horrível. E era a alma dos que morriam jovens, ainda esperançosos, com assuntos inacabados e potencial inalcançado, que corria mais perigo.

Apesar de trêmula, Misaki encontrou a voz para falar com o filho.

— Kotetsu Katashi e Atsushi sobreviveram... — falou, baixinho. — A linhagem Kotetsu vai sobreviver, com todo o seu conhecimento, por sua causa.

Era a primeira coisa que ele precisava saber: que não havia morrido em vão. Para Misaki, naquele momento, a vida dos Kotetsu parecia irrelevante, mas Mamoru era uma pessoa melhor do que ela. Para ele, aquilo importaria.

— Sei que você tinha dúvidas. Sei que achava que não sabia o que fazer. Mas olhe só para você... lutou tão bem.

E Misaki se deu conta de que, junto ao luto, havia uma onda de orgulho embargando sua garganta, misturando-se com a dor, amplificando-a.

— Você é só um garoto, mas lutou até o fim como um homem. Você se saiu bem. Mas tenho certeza de que sabe disso... — Um sorriso dolorido, quase histérico, repuxou os cantos da boca de Misaki. — Nenhum guerreiro sem propósito teria lutado ferido como você lutou.

Misaki mordeu o lábio inferior trêmulo quando sua garganta se fechou. Não havia nenhum sacerdote ali para oferecer as palavras perfeitas e sábias para despachar o espírito de Mamoru, então, como mãe dele e a única pessoa viva por perto, Misaki precisava encontrá-las. Era a última coisa que podia fazer pelo filho. Por isso, embora seu corpo tremesse e o sofrimento fosse inimaginável, obrigou-se a seguir falando.

— Você honrou sua família e seu país, embora eu ache... que nenhum de nós tenha honrado você. Não há nada neste mundo para você lamentar. Nada

mesmo.

Mas não era o pesar *de Mamoru* que Misaki temia de verdade. O filho fora sincero consigo mesmo e com os outros. Vivera e morrera com propósito. No momento, a própria Misaki era a maior ameaça ao espírito do filho. O pesar dos entes queridos de um espírito também podiam prendê-lo. A amargura que a consumia podia condená-lo a uma eternidade no fogo... a menos que ela arrumasse um jeito de ser melhor.

Com um último fôlego de preparação, Misaki ergueu a cabeça para encarar o rosto de Mamoru e ficou surpresa de encontrar um tipo de paz ali. De algum modo, o terrível estrago ao corpo dele não contorcera as feições, tão pálidas e límpidas quanto as do pai, só que mais delicadas... como as arestas brilhantes de uma lua levemente suavizadas pela névoa. A mandíbula dele não estava cerrada, nem o cenho, franzido de dor. Ele portava aquela expressão distraída de alguém despertando de um sonho. Os olhos, baços e congelados pelo frio, já não funcionavam, mas, no espaço entre Mamoru e Misaki, o espírito dele ainda a enxergava. Ainda ouvia. Ela fitou aqueles olhos, usando-os para se ancorar, e tentou falar.

— Mamoru-kun...

O som da própria voz trêmula de incerteza a lembrou da primeira vez que conversara de verdade com o filho: naquela madrugada, na varanda, poucos meses antes, quando haviam visto o sol nascer. Naquele dia, também não soubera bem o que dizer, como ajudá-lo a seguir o próprio caminho.

Vá devagar, disse a si mesma, como na época. *Seja casual.* As palavras certas viriam, se ela apenas relaxasse os lábios desacostumados a se mover.

— Você se lembra daquela manhã, Mamoru? Depois que você teve aquela briga com Kwang Chul-hee e foi pedir minha ajuda? Você me perguntou... se um dia eu contaria a você do meu tempo de escola, da minha vida antes de Takayubi.

"Eu fiquei tão feliz por você querer saber, e estava ansiosa para contar

aquelas histórias. Seriam divertidas, de aventuras. Tenho certeza de que você teria gostado, mas agora acho... que talvez aquelas histórias sobre Tsusano Misaki... Sirawu, a Sombra... não tinham tanto valor quanto eu pensava. Talvez não valesse a pena recontá-las ou me apegar a elas, como eu fiz.

"Sabe, Mamoru, havia certas pessoas naquelas histórias que sabiam pelo que estavam lutando, heróis nobres e determinados, de quem vale a pena lembrar... heróis como você. Mas eu não era uma delas. Sirawu era só isso. Uma sombra. Era a história de outra pessoa, e eu estava só de passagem. Isso aqui... *você* é a minha história... e eu fui tão egoísta, fiquei tão apegada àquela sombra, que *não vi* isso. E meu filho, eu... eu sinto muito por ter levado tanto tempo para entender. Sinto muito..."

As palavras travaram em sua garganta, asfixiando-a, até que a dor atravessou seu peito e a forçou a dizê-las.

— ... por nunca ter amado você como deveria.

Lágrimas rolaram pelo rosto de Misaki. Pela primeira vez desde que chegara a Takayubi, quem sabe pela primeira vez na vida, soube que era humana. Drástica e insuportavelmente humana. Mas era tarde demais.

— Sua mãe é uma mulher egoísta, Mamoru. — Ela puxou uma manga para a mão e limpou as lágrimas nos olhos, mas outras logo tomaram o lugar. — Não vou negar. Passei a vida sem conseguir deixar de lado as chances que não aproveitei e as escolhas que não fiz. Não consegui nem pelo meu marido. Nem pelo amor da minha vida. E todos nós sofremos as consequências disso. Foi o veneno dos meus arrependimentos que matou os bebês na minha barriga, aqueles que deveriam ter vindo depois de você e antes de Hiroshi. Meu pesar envenenou esta família por anos, mas eu juro, Mamoru, que não vou deixar que atrapalhe você.

"A questão é que... você é mais importante que tudo isso. Então, o que não pude fazer pelos meus pais, por Robin, por Takeru, ou pelos bebês que perdi, vou fazer por você. Meu filho, vou fazer por você. Você fez mais neste mundo

do que qualquer um poderia ter pedido. Desta vez, me deixe ser a mãe que deveria ter sido desde o começo. Me deixe cuidar do resto, está bem?"

Ela avançou para segurar a mão dele outra vez, mas já sem soluçar nem puxar. Seu jiya estava sob controle. Misaki chorou baixinho, as lágrimas caindo sem perturbar nada. Deixou que ele ficasse imóvel.

— Sei que não tenho o direito de pedir nada de você, mas, por favor, se sua mãe tola e idiota puder pedir uma última coisa... me deixe abraçar você mais uma vez. Só mais uma vez, você vai deixar Kaa-chan segurar e acalentar você como deveria ter feito no dia em que você nasceu. Então, vou deixar você partir com todas as minhas bênçãos. Está bem?

Os finawu diziam que não era bom que uma mulher tocasse os mortos, mas os finawu de Takayubi tinham todos perecido no tornado, assim como seu templo. Não havia ninguém para julgar Misaki quando ela tomou seu menino nos braços e se acomodou para acolhê-lo pela última vez.

Por favor, Nami, por favor, Nagi, rezou, em meio às lágrimas. *Ele é um menino bom. Não deixe que a idiota da mãe dele estrague as coisas. Por favor... me dê forças para deixá-lo partir.*

Uma mãe deveria ir ao templo depois da morte de um filho. Deveria falar com o espírito do morto até ter dito tudo que precisava dizer à criança, até que todos os seus sentimentos irresolutos acabassem, todos os conflitos se resolvessem, todos os rancores fossem esquecidos, até que os finawu estivessem satisfeitos, com a certeza de que o morto podia seguir caminho em paz. Só que o templo se fora, junto a todas as máscaras e os monges sábios.

O melhor que Misaki podia fazer era abraçar seu bebê, e amá-lo, amá-lo, amá-lo, torcendo para que isso bastasse para que conseguisse deixá-lo partir.

— Você não tem dívidas a pagar no Duna — murmurou ela, descansando o rosto contra a cabeça gelada de Mamoru. — É o bastante que eu tenha tido um filho como você, mesmo que por um momento. É o bastante que Hiroshi, Nagasa e Izumo vão ter um irmão como você no qual se inspirar quando se

tornarem rapazes. É o bastante — disse ela para si mesma, ainda que nunca mais fosse ouvi-lo dar risada com os irmãozinhos, nunca mais fosse vê-lo executar outro kata perfeito, nunca mais fosse ver seu sorriso pueril, com aquelas covinhas, se aprofundar no sorriso de um homem. Por um momento, as mãos de Misaki tinham estado cheias de pérolas. Ela se balançou e repetiu: — É o bastante. É o bastante. É o bastante. É o bastante.

Então, Chiba retornou com um grupo de voluntários para ajudá-la a levar o corpo montanha acima.

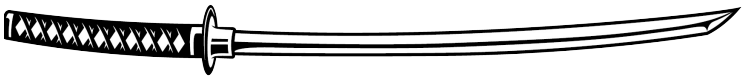
Antes de partirem, Misaki parou diante do cadáver do soldado ranganês que havia matado seu filho. Ajoelhando-se, passou a mão pelos olhos dele, fechando-os, permitindo-se perdoá-lo. Era fácil perdoar um jovem que estava seguindo ordens.

Fácil demais.

E isso não aliviou em nada o peso no peito de Misaki... porque aquele ranganês desconhecido não era quem realmente precisava ser perdoado.

21

O senhor da tempestade



Mais tarde naquele dia, Setsuko acordou reclamando de uma terrível dor de cabeça com o bom humor de sempre. Quando Misaki contou, com delicadeza, o que acontecera ao marido dela, a peixeira ficou muito quieta. Era óbvio que estivera esperando a notícia. Se Takashi houvesse sobrevivido à batalha, teria estado ao lado da esposa quando ela despertou.

— Como ele se foi? Deu para saber? — perguntou ela, por fim.

— Lutando — respondeu Misaki.

Isso era fácil de deduzir. Na verdade, era um eufemismo. *Dizimando* ou *massacrando* teriam sido palavras mais adequadas para descrever a cena que Takashi deixara no passo sul.

— Depois de mandar Takeru para a vila para nos proteger, ele foi o último dos nossos homens a permanecer de pé.

Ele e Mamoru.

— E o corpo dele? — perguntou Setsuko, estranhamente calma.

— Bom... não há bem um corpo — explicou Misaki.

Os voluntários haviam formado placas de gelo no pátio da propriedade Matsuda, onde estavam deixando os corpos reunidos, mas não sobrara muito de Matsuda Takashi para coletar. Os ossos haviam sido colocados em uma cesta trançada.

— Os voluntários recuperaram as espadas dele, mas parece que, quando morreu, seu jiya foi tão potente que transformou todo o sangue no corpo dele em espinhos de gelo. Foi *espetacular* — acrescentou Misaki, por impulso.

Talvez não fosse muito feminino descrever algo tão violento, mas achou que Setsuko gostaria de saber.

— Espetacular, é? — A expressão satisfeita da mulher informou Misaki de que estivera certa.

— E assustador.

— Bom — disse Setsuko, conseguindo dar risada —, vindo de você, é um elogio e tanto!

O canto da boca de Misaki se ergueu, mas ela não chegou a conseguir retribuir o sorriso de Setsuko. Parte de si torcera para que a pancada na cabeça fosse fazê-la se esquecer do que vira durante o ataque à propriedade Matsuda, a carnificina criada por Misaki, mas se Setsuko estava incomodada de dividir o banco improvisado com entulho com um monstro, não demonstrou ao se inclinar para a frente.

— Me conte mais — pediu ela.

Mais? Ela queria saber mais a respeito da morte macabra do marido?

— Nunca vi um jiya agir desse jeito na morte — continuou Misaki, e descreveu os espinhos de sangue da melhor forma que pôde. — Nunca soube de outro guerreiro que foi imbatível até o fim. Pelo que vi do campo de batalha, ele conseguiu levar vários fonyakalu junto ao morrer, e isso sem falar da centena de soldados que matou antes disso.

Setsuko abriu um estranho sorriso que estava no limite entre a selvageria e a adoração.

— Esse é o meu marido — disse ela, os olhos cheios de lágrimas.

E essa é a minha Setsuko, pensou Misaki, apertando as mãos da concunhada. *Vibrante, inabalável, mesmo diante do inimaginável.*

— Ouviu isso, Ayumi-chan? — Mesmo chorando, Setsuko abriu um sorriso

enorme quando a filha acordou e começou a se remexer em seus braços. — Seu pai é um herói e um deus!

Misaki desejou ter a força de Setsuko. Por muitos anos, pensara que era forte — fingindo sorrisos mesmo enquanto sofria e se enfurecia —, mas aquela habilidade genuína de sorrir com sinceridade sempre estivera além de suas capacidades. Por isso fora atraída por Robin, como uma mariposa pela chama. Por isso Setsuko era, e sempre seria, a mulher mais bonita do mundo.

— Venha, pequena. — Setsuko se ergueu, roçando o rosto em Ayumi e lhe arrancando risadinhas. — Vamos prestar nossas condolências.

— Eu expliquei que não tem um corpo — disse Misaki.

— Sim. — O sorriso sumiu do rosto de Setsuko quando ela olhou para Misaki. — Mas preciso me despedir do meu corajoso sobrinho, não é?

Misaki ergueu os olhos para a concunhada, surpresa. Ela acabara de acordar.

— C-Como você...

Setsuko tocou o rosto de Misaki e correu o polegar com delicadeza sob um de seus olhos.

— Você não é de chorar muito, irmãzinha. Nunca vi seus olhos tão vermelhos — disse ela, baixinho.

Algo na expressão de Misaki devia ter rompido a calma de Setsuko, porque, por um momento, ela pareceu mais triste do que nunca. A mão no rosto de Misaki a puxou para perto. Ela aceitou o convite e descansou a cabeça no peito de Setsuko.

Nenhuma palavra. Apenas apoio silencioso.

Misaki fechou os olhos, lembrando-se de como a mãe costumava abraçá-la durante tempestades, garantindo aos filhos que o vento e o trovão jamais os machucariam. Era um conforto que Misaki sabia que jamais sentiria de novo, um conforto que jamais conseguiria oferecer aos filhos.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas — disse Setsuko, por fim —, já

que meu marido não está aqui para fazer isso pessoalmente.

— Como assim?

— Ele ordenou que Takeru voltasse para nos proteger... Ele poderia ter enviado Mamoru e...

E Mamoru ainda estaria vivo. Misaki vinha tentando não pensar nisso.

— Sinto muito.

— Não é culpa sua.

Na verdade, não era sequer culpa de Takashi. Ele devia saber que iria morrer ao ficar para guardar a linha de frente e que a pessoa enviada de volta montanha acima teria que liderar a casa Matsuda em sua ausência. O próprio Takashi poderia ter subido no lugar de Takeru, mas Mamoru era jovem demais. Um garoto de 14 anos não podia liderar a família, muito menos uma vila inteira, em uma época de crise.

Ela ignorou a vozinha em sua cabeça que exigia saber por que Mamoru não podia ter subido a montanha *com* o pai. Por que Takeru não insistira nisso? Como podia ter deixado o próprio filho para morrer sem nem discutir? Como?

— Foi necessário — insistiu Misaki, como se isso ajudasse a aliviar a dor. — Não precisa se desculpar.

— Hum. — Setsuko esfregou as costas de Misaki. — Mas alguém precisa.

Um fluxo constante de padiolas carregando cadáveres subiu a montanha durante todo o dia. Era horrível ouvir os gritos de angústia e negação das famílias que recebiam cada corpo, mas Misaki achava ainda mais horrível quando um corpo chegava e só encontrava silêncio. Algumas daquelas pessoas tinham morrido junto a todas as outras que poderiam se lembrar delas. Jaziam sozinhas em placas de gelo, sem ninguém para lamentar sua perda.

Quando Setsuko foi falar com o pescador que coletara os ossos de seu marido, Misaki parou diante do corpo de Mamoru, uma mão na cabeça de Nagasa e a outra no ombro de Hiroshi, e tentou explicar aos filhos. Nagasa não entendeu. Como poderia, naquela idade? Não parava de sacudir Mamoru,

perguntando por que ele não acordava.

Enquanto Nagasa agarrava a manga de Mamoru, Hiroshi correu a mão devagar até pousá-la na bainha lacada da espada do irmão.

— Mamoru-nii-san era o primogênito... — disse ele, baixinho.

— Sim — respondeu Misaki.

— E... tio Takashi era o primogênito.

— Era — disse Misaki, olhando para Hiroshi.

Viu os olhos dele se estreitarem enquanto a mente do menino de 5 anos traçava os caminhos da hierarquia da família.

— Então, eu sou...

Hiroshi nem conhecia as palavras "herdeiro" ou "sucessor", mas, pelo olhar questionador que lançou a Misaki, ficou claro que tinha alguma noção do conceito.

Em apenas um dia, ele passara do segundo filho de um segundo filho ao herdeiro Matsuda. Mesmo que não compreendesse por inteiro a mudança, ele a sentia. Seus ombrinhos enrijeceram como se um peso físico caísse sobre eles. Suas mãos se fecharam em punhos, e Misaki se deu conta de que o segundo filho, estável feito gelo desde que nascera, estava tremendo. Ao olhar nos olhos dele, identificou algo que jamais vira ali. Nem mesmo ao encarar um soldado ranganês quatro vezes maior que ele. Medo.

— Ainda não sou grande o bastante. Não sou forte o bastante — disse ele.

— Não. — Misaki tentou sorrir para Hiroshi ao acariciar o cabelo dele e pousar a mão em seu braço. — Você não é grande o bastante, mas é muito forte. No mínimo, Hiro-kun, você é forte.

Hiroshi não pareceu ouvi-la.

— Ele não pode ir ainda. — Ele a encarou, parecendo quase febril. — Não pode.

— Ele já se foi, Hiro-kun. Não podemos fazer mais nada a respeito.

— Mas ele *não pode*. — O rosto de Hiroshi se contorceu de raiva, os olhos

embaçados. — Eu ainda não alcancei ele.

Enquanto Nagasa soluçava e Hiroshi tremia sob suas mãos, Misaki se deu conta de como Mamoru era uma parte grande do mundo deles. Não apenas o primogênito, mas uma década mais velho que os irmãos, ele deveria ter parecido enorme para os dois. Havia sido um marco e um baluarte entre os irmãos e o distante mundo adulto. Para Nagasa, Mamoru fora um amigo e um protetor. Para Hiroshi, talvez não fosse um amigo, mas algo mais importante; um ideal a perseguir.

— Eu ainda não alcancei ele.

— Escute, Hiro-kun, está tudo bem. Você não precisa parar de tentar alcançá-lo. Mamoru não vai mais estar aqui conosco, mas tenho certeza de que o espírito dele ficaria feliz de saber que você continuou seguindo o exemplo dele. Você ainda pode crescer e se tornar forte como ele um dia.

— Mas... eu não sou o primogênito — protestou Hiroshi, a voz tomada por nervosismo. — Não sou grande o bastante.

Naquele momento, Misaki entendeu que Hiroshi estava tendo dificuldade de expressar um medo que estava além do seu vocabulário. Para o menino, os primogênitos Matsuda — Takashi e Mamoru — tinham sido "grandes" para além da idade e do tamanho físico. Tratava-se de habilidade, força, responsabilidade. Os dois haviam sido figuras extremamente poderosas no mundo de Hiroshi, responsáveis por lidar com os indefiníveis perigos da vida adulta com que o restante da família não conseguia lidar. Agora, os dois tinham morrido encarando aqueles perigos, deixando Hiroshi no lugar deles. Ainda tão pequeno.

— Não estou pronto.

— Eu sei, Hiro-kun. Nenhum de nós está pronto. Mas vamos fazer o melhor que pudermos juntos, está bem?

Mais retesado que a corda de um arco Katakouri, Hiroshi assentiu.

— Agora, precisamos oferecer a Mamoru nossas orações e ajudá-lo a seguir

caminho. A única coisa que podemos fazer no momento é deixar que ele se vá sem se preocupar demais conosco. Se quiser dizer alguma coisa ao seu irmão, alguma última coisa que ache que ele precisa saber, diga agora.

Hiroshi ficou parado, olhando o corpo do irmão por um longo momento, então recuou e se ajoelhou, levando a testa ao chão.

Misaki só podia imaginar o que se passava entre Hiroshi e o espírito do irmão. Era impossível saber se estava brigando com Mamoru por tê-lo abandonado, se clamava por força, se pedia perdão por tomar seu lugar ou se fazia promessas de crescer forte e proteger a família, mas, quaisquer que fossem suas orações, deviam ser profundas, porque o jiya dele se ergueu com uma força palpável, revirando a neve ao redor. Nagasa apenas chorou o tempo todo.

— O que vamos fazer a respeito dos funerais? — perguntou Setsuko, quando ela e Misaki estavam sentadas na varanda semidestruída na frente da casa, com as crianças.

— Não sei. — Misaki estava fazendo carinho nas costas de Nagasa. O menino passara um bom tempo soluçando incontrolavelmente, então ela permitira que ele segurasse Izumo, o que pareceu acalmá-lo um pouco. — Não sei como Takayubi lida com mortes em massa desse jeito.

— Vocês, nobres, provavelmente fazem um monte de cerimônias chiques, né?

— Fazemos.

No dia em que Matsuda Susumu falecera, fora como se todos os monges de Takayubi tivessem aparecido para vestir o corpo, entoar a Donkili, discutir a ornamentação do caixão e preparar o local da cremação; a própria Misaki passara várias waatinu arrumando o cabelo, o obi e o quimono branco-osso à perfeição, para evitar ofender o espírito do sogro amargurado. Depois de cada aborto, os finawu a tinham conduzido por tantas orações, jejuns e purificações, que ela achara que nunca fossem ter fim.

— Devíamos ter coberto o santuário da casa, para protegê-lo de maus espíritos — disse Misaki, lembrando-se do ritual que era sempre executado após uma tragédia.

— Ah. — Os ombros de Setsuko cederam. O santuário Matsuda ficava na parte da casa que fora totalmente destruída. — Podemos salgar a área...

— Certo.

Misaki às vezes se esquecia de que as classes mais baixas consideravam sal um antídoto geral para maus sobrenaturais, algo bem mais de acordo com o orçamento de um plebeu do que mandar chamar um monge exorcista toda vez que um fantasma aparecia.

— Estou dando bandeira das minhas origens humildes? — perguntou Setsuko ao ver a expressão de Misaki.

— Não, não é má ideia, mas o sal está na cozinha — disse Misaki, cansada.

A cozinha, ainda que não tivesse sido atingida por bombas, fora destruída durante a luta de Misaki com os dois fonyaka de elite. A pia quebrada continuara jorrando água noite adentro, inundando o assoalho e os cômodos adjacentes. Quando Takeru e os voluntários limparam a propriedade, alguém congelara a torneira e erguera uma barreira de gelo para impedir a água de se espalhar pelo resto da casa, mas a cozinha em si estava perdida.

— Também não temos um cemitério — comentou Misaki. — Os pescadores que estavam ajudando a procurar os corpos disseram que foi destruído.

O tornado avançara bastante desde a vila ocidental até ser destruído pelos homens de Takayubi, arrasando o cemitério, os santuários e as árvores encosta acima.

— Então, não temos lugar para as cinzas dos mortos? — perguntou Setsuko.

Misaki fez que não. Houvera túmulos separados para Takashi e Takeru ao lado do pai desde que os irmãos haviam completado 30 anos, mas o vento espalhara lápides, cinzas e ossos de dez gerações de Matsuda por toda a montanha.

— Ouvi dizer que os Ameno mandaram chamar monges para ajudar com todas as cerimônias — comentou Setsuko.

— Que bom. — Misaki tentou soar tranquilizadora. — Eles saberão o que fazer.

No entanto, quanto um fina poderia de fato ajudar naquela situação? Tantas crianças mortas. Tantos mortos sem aviso. Será que havia uma cerimônia para expurgar o miasma de tanta dor?

— Cadê o Takeru-sama? — perguntou Setsuko.

— Não sei. — Misaki deu de ombros. — Ainda dando instruções aos voluntários, talvez. Não sei.

Sinceramente, nem se importava. Ele havia deixado Mamoru para morrer. E por quê? Para poder chegar à vila a tempo de tentar impedir Misaki de salvar Hyori?

— Ele já rezou para Mamoru?

— Não sei. — Misaki deu de ombros outra vez. — Não importa.

— Claro que importa... — Setsuko deixou a voz morrer e encarou Misaki com uma expressão confusa. — Você está chateada com ele — concluiu, depois de um momento.

— Você não está? Ele deixou seu marido para morrer.

— Ele também me salvou.

— Seu marido a salvou. Takeru estava apenas seguindo ordens — retrucou Misaki.

— Bom, então você não pode culpá-lo por ter deixado a frente de batalha, não é? Se ele estava apenas seguindo ordens...

Misaki não respondeu, mas cutucou o braço de Setsuko ao ver o corpo de Yukino Dai passando em uma das padiolas. O rosto do mestre espadachim estava coberto com um tecido que o teria tornado indistinguível dos outros Yukino que haviam morrido em batalha, mas Misaki reconheceu a katana que descansava ao lado do corpo na maca. De todas as belas espadas em Takayubi,

Takenagi era a única que Misaki invejara. Mais leve que as outras espadas Kotetsu e assombrosamente veloz nas mãos de Dai. Ela soube, com uma certeza triste, que nenhum outro espadachim jamais faria jus àquela espada.

— É melhor irmos — disse Setsuko, baixinho.

Misaki assentiu. Deixando os filhos sob os olhos atentos dos Kotetsu e de algumas pescadoras, as concunhadas foram ao encontro de Hyori.

Encontraram-na onde ela havia desabado naquela manhã, meio caída sobre a pedra com a insígnia Yukino. Sua cabeça descansava na dobra do braço, como se estivesse dormindo, mas, antes mesmo de se agachar para olhá-la nos olhos, Misaki soube que a mulher estava acordada. Havia uma tensão vulnerável em seus ombros que só poderia ser causada por sofrimento consciente.

— Hyori-chan? — Misaki pousou a mão nas costas da amiga.

Ela estava tão rígida que, por um momento terrível, Misaki se lembrou dos cadáveres na neve, duros devido à combinação do gelo e do *rigor mortis*. Ela não se moveu quando os homens baixaram Dai na placa de gelo ao lado do corpinho envolto em tecido do filho.

— Hyori-chan? — chamou Misaki outra vez.

Ela piscou de maneira entorpecida e então disse, infeliz:

— Que foi?

— Encontraram o corpo do seu marido.

Hyori desviou o olhar de Misaki com um som retesado de negação, como o berro de um cordeiro nas presas de um lobo.

— Não. — Ela enterrou o rosto nos braços. — Não.

— Você devia ao menos rezar por ele, Hyori-chan. Para ele poder seguir caminho em paz. Ele te amava tanto — disse Setsuko, baixinho.

Hyori apenas se encolheu mais contra a pedra, os joelhos pressionados ao peito.

— Não posso.

— Como assim, Hyori-chan?

— Não sou digna — respondeu Hyori, em uma voz tomada pela dor e abafada contra os braços. — Não devo tocar nele. Não devo sequer olhar para ele.

— Hyori-chan, do que você está falando?

— Eu falhei com ele.

— O quê? — Setsuko pareceu confusa. — Está falando de Ryota-kun? Hyori-chan, isso não foi culpa sua...

Hyori se retraiu e se afastou da mão que Setsuko tentou pousar em seu ombro, e então se encolheu ainda mais, balançando a cabeça. Misaki não contara a Setsuko o que o último soldado ranganês fizera com a amiga, e jamais contaria. Não era o tipo de coisa que uma dama kaigenesa colocava em palavras. A vergonha era profunda demais.

Misaki esperou até Setsuko se afastar para prestar condolências a Dai antes de se ajoelhar na neve e passar o braço ao redor dos ombros de Hyori. Tentou falar baixo e suavemente, como a mãe sempre falava, buscando capturar aquele poder mágico de reconfortar.

— Hyori — murmurou, encostando a testa no cabelo da amiga —, não foi culpa sua.

Hyori não se afastou. Ela se encolheu mais, exalando um gemido ínfimo e infeliz, mas Misaki se recusou a deixar a amiga mergulhar na escuridão. Não por causa do comportamento infame de um homem.

— Ele era mais forte que você. Não havia nada que você pudesse ter feito, nem pelo seu filho nem por si mesma. Seu marido entenderia isso. Qualquer guerreiro que sabe aceitar vitórias e derrotas entenderia.

Hyori fungou e, embora Misaki não visse suas lágrimas, sentiu a água salgada escapando dos olhos para as mangas da mulher.

— Você era importante para Dai-san. Ele jamais deixaria de amá-la por algo que não foi sua culpa.

— V-Você acha... — gaguejou Hyori, e, sob o sofrimento, havia uma faísca de algo que fez Misaki derreter de alívio. *Esperança.* — Você acha que ele... me perdoaria?

— Não, Hyori-chan. — Misaki ergueu a mão para acariciar a cabeça da amiga. — Ele não precisaria. Não há nada a perdoar.

— Mas eu não... não sou mais pura.

— Alguém tomou isso de você de forma desonrosa. Assim como tomaram a vida dele — disse Misaki, firme.

— Você acha que ele foi morto de forma desonrosa?

— Não seja boba, Hyori-chan. Quem poderia matar Dai Relâmpago em uma luta justa?

Misaki não mencionou que a cabeça de Dai parecia ter sido quebrada em um ataque pelas costas. Aquele era o tipo de detalhe que uma pessoa delicada como Hyori não ia querer saber... e, aparentemente, não era necessário, porque um sorriso muito frágil tomou o rosto dela. Foi a coisa mais linda que Misaki já vira, e ela apertou a amiga, ansiosa para fazê-lo durar.

— Acho que você tem razão... — disse Hyori, hesitante.

— As pessoas que fizeram essas coisas... que lutaram sem honra e destruíram sem escrúpulos... são elas que vão arder no Inferno por isso. Não seu marido. Nem você.

— T-Tem certeza?

— Absoluta. Se tem alguém aqui que precisa pedir desculpas a Dai-san, sou eu.

— Do que está falando?

— Eu deveria ter chegado mais cedo. Sabia que você podia estar em perigo. Devia ter ido conferir como você estava assim que soube que meus filhos estavam em segurança. Que Nami me perdoe, eu sabia que poderíamos estar prestes a enfrentar um ataque dos ranganeses . Eu... Eu tive tantas chances de agir, mas falhei com você. Falhei com todo mundo. Então, deixe que eu peça

desculpas a Dai-san, e você... — Misaki recuou para segurar os ombros de Hyori apertado, tentando lhe passar forças — ... você só dê a ele seu amor. Está bem?

Hyori estava trêmula, olhos ainda marejados, mas assentiu.

— Está bem.

Depois que Hyori terminou de rezar, Misaki e Setsuko ficaram sentadas ao lado dela. Ninguém sabia o que dizer para atenuar sua angústia, mas, no fim, as palavras que escolheram não importavam. Hyori só ficou de joelhos, encarando o corpo de forma entorpecida, parecendo incapaz de ver ou ouvir qualquer coisa. Mesmo assim, as duas permaneceram ali, de mãos dadas, como se sua presença pudesse aliviar a solidão de Hyori.

Misaki ainda estava murmurando palavras de consolo para a amiga quando um tremular de cores familiares chamou sua atenção.

— Ah. — Ela se levantou, perguntando-se se estaria imaginando o símbolo, mas era real. A onda de crista branca da família Tsusano, erguida entre as flâmulas dos Ameno.

Setsuko assentiu para Misaki, como se dissesse: *Eu cuido dela.*

Misaki apertou seu braço em um agradecimento silencioso.

— Hyori-chan, me dê licença um momento. — Ela passou a mão pelas costas da amiga e saiu o mais rápido que a decência permitia na direção do grupo Tsusano.

Seus olhos caíram de imediato no haori azul e prata do pai, mas, quando o líder Tsusano se virou para encará-la, não era ele.

— Kazu-kun! — A voz dela falhou.

Jamais ficara tão feliz de ver o boboca do irmão caçula, e pegou-se correndo para ele. Talvez o vazio deixado por Mamoru ainda fosse recente demais em seu coração, talvez o rosto de Kazu fosse um lembrete de tempos anteriores àquele. Antes que pudesse achar forças para se impedir, tinha jogado os braços ao redor do rapaz.

O Senhor do Forte Tempestade soltou um grunhido surpreso, abriu a boca

como se fosse falar alguma coisa, mas acabou tossindo quando Misaki o abraçou mais apertado. Ele cheirava a sal e a ventos marítimos, a um lar que já não existia. Ela tivera que abrir mão de Mamoru, mas pelo menos Kazu estava ali. Podia abraçá-lo daquele jeito, como quando eram criancinhas e ele corria para o quarto dela, com medo dos trovões.

— Nee-san! — Kazu não teria soado mais surpreso nem se ela tivesse lhe dado um soco na cara.

Quando eram pequenos, era sempre ela quem dava broncas nele por não agir com decoro. Se ele a abraçasse assim em público, Misaki o teria afastado com um cascudo e resmungado que aquilo não era comportamento de um jovem lorde.

— Nee-san... você está bem? — perguntou ele quando Misaki recuou. — Você está...

Maluca? Era essa a implicação da pergunta.

— O que aconteceu? — concluiu ele.

Misaki balançou a cabeça, incapaz de dizer aquilo em voz alta. Os homens de Kazu os observavam com expressões que iam do choque à preocupação. Sob a névoa de emoção, Misaki percebeu que reconhecia alguns deles. Eram membros das famílias vassalas dos Tsusano, que haviam servido ao seu pai e treinado no dojo dele durante a infância.

— Umiiro-san, Hakuyu-san. — Ela se afastou de Kazu para fazer as devidas reverências. — É bom revê-los.

— Matsuda-dono. — Os dois fizeram reverências profundas.

— C-Como estão as coisas em Ishihama? — perguntou Misaki, voltando-se dos vassalos para o irmão. — Como está nossa família?

— Nossos pais estão instalados confortavelmente com nossos primos, e todos os outros arrumaram lugares para ficar, ao menos por enquanto.

— Que bom. — Misaki assentiu. — Que bom, fico feliz.

Ao contrário de Takayubi, que era cercada por humildes vilas de

pescadores e fazendeiros, Ishihama tinha cidades vizinhas capazes de acomodar um pequeno fluxo de refugiados.

— Mas Ishihama foi atacada há pouco tempo. Como...

— Sei o que você vai dizer, Nee-san — interrompeu Kazu, com um sorriso culpado. — Eu provavelmente não deveria ter me afastado tão pouco tempo depois do... do desastre, mas deixei Kaito e Raiki cuidando da família.

— Certo. — Misaki se esquecera de que os irmãos mais novos já estavam com vinte e poucos anos, perfeitamente capazes de tomar conta da família na ausência de Kazu. — Ainda assim... — A conta não fechava. — Como chegou aqui tão rápido? — Ishihama não ficava muito perto de Takayubi, e as estradas não eram boas. — Como você...

— Começamos a viagem dois dias atrás, pelo mar.

— Pelo mar! — exclamou Misaki, surpresa.

Usando formações de gelo hidrodinâmicas, um grupo poderoso de jijakalu conseguia se impelir através de um corpo d'água mais rápido do que em qualquer carro ou trem. Entretanto, apesar da velocidade, navegar em mar aberto era um dos meios de transporte mais perigosos, em geral reservado para emergências. Mesmo os mais fortes jijakalu eram considerados tolos quando se colocavam à mercê do oceano. Kazu e seus homens deviam ter cruzado centenas de cliques de mar aberto, longe da costa, para chegar ali tão rápido. O que decerto explicava por que pareciam tão cansados.

— Vocês devem ter partido de lá antes mesmo de os ranganeses chegarem aqui — disse Misaki, confusa.

— Conversamos sobre isso depois. Sinto muito que tenha que ser nessas circunstâncias, mas é bom ver você, Nee-san — respondeu Kazu.

Misaki assentiu e parou um momento para olhar o irmão de cima a baixo. Aos 32 anos, aquele Kazu estava bem distante do menino risonho e hiperativo que chorava com medo de trovões. Para a surpresa de Misaki, ele tinha uma aparência... bem... *altiva*, com aquele olhar benevolente e os ombros

preenchendo o haori que um dia pertencera ao pai. A enorme espada ancestral dos Tsusano, Anryuu — Correnteza — estava amarrada às suas costas, destacando-o não apenas como o líder da casa, mas como o principal guerreiro de Ishihama.

A pele dele estava pontilhada por cortes e hematomas que pareciam ter sido causados pela queda de destroços. Apesar das casquinhas bem-feitas que Kazu havia formado, alguns ferimentos mais profundos no rosto iam obviamente deixar cicatrizes. Misaki sentiu uma onda de agradável surpresa ao perceber que as marcas cairiam bem no irmão. Ele pareceria mais vivido, mais *intimidante*. Ao descer os olhos, ela inclinou a cabeça ao ver a ferida mais profunda na clavícula direita, que parecia suspeitamente a obra de uma lâmina.

— Ah... — Kazu rapidamente puxou a gola do quimono para cobrir o ferimento. — Sabe, eu tinha esquecido o quanto faz *frio* aqui.

Misaki lançou a ele um olhar perspicaz. Nenhum dos irmãos caçulas jamais compartilhara do talento dela para enganação, mas Kazu sempre fora o pior mentiroso do grupo.

— E você parece ter... se divertido... — Os olhos de Kazu percorreram os machucados de Misaki e os cortes feios que a guerreira dos leques deixara em seus antebraços.

Um irmão comum teria ficado aflito, mas Kazu sem dúvida se lembrava de todas as vezes que Misaki o derrotara no dojo Tsusano e sabia que deveria ficar mais preocupado com os inimigos dela.

— Misaki-nee-san... — Ele baixou a voz para que os outros não o ouvissem. — Você *não foi* para a frente de batalha, foi?

— Ah, Kazu, fico lisonjeada que você ache que eu teria sobrevivido a isso, mas não foi preciso. — Ela gesticulou para a vila arruinada atrás de si. — A frente de batalha veio até mim.

— Devíamos ter chegado mais cedo. — Ele soou angustiado. — Os

representantes militares já chegaram?

Ele olhou ao redor, e Misaki viu um eco do garoto assustadiço que tinha tanto medo de trovões.

— Não. Quer dizer, apareceram aviões para bombardear todos os fonyakalu na montanha, mas ninguém veio falar conosco ainda. Não vi nenhuma tropa imperial terrestre.

— Que bom.

— Como assim?

— Aqui não — disse Kazu, rápido.

— Então... você sabia? A tempestade sobre a qual me escreveu... era mesmo uma tempestade ou...

— Eu disse que aqui não — repetiu ele, mais firme. — Misaki-nee-san, me perdoe. Sei que é um momento difícil para você, mas preciso falar em particular com seu cunhado. Pode me levar até ele?

Misaki balançou a cabeça.

— Matsuda Takashi não sobreviveu à batalha. Meu marido é o chefe da casa agora.

— Ah... — disse Kazu, enquanto alguns de seus homens soltavam exclamações de surpresa e incredulidade. — Sinto muito. Pode me levar até seu marido, então?

— Posso. — Misaki assentiu. — Posso, claro. Me desculpem. Você e seus homens devem estar cansados e com fome. Eu os convidaria para um chá, mas não sobrou muito da minha cozinha... nem sequer da casa toda, para falar a verdade. — Ela assentiu na direção da propriedade Matsuda.

— E a família? — perguntou Kazu, nervoso. — Além do seu cunhado... nyama para a alma dele... está todo mundo bem?

Misaki baixou os olhos, pressionando os lábios.

— Nee-san?

— Venham comigo — disse ela, baixinho.

Kazu e seus homens a seguiram pela fenda no muro da propriedade até onde os voluntários haviam deixado os mortos. O corpo de Mamoru fora coberto, mas a katana do garoto descansava ao seu lado, e Kazu reconheceu a espada do sobrinho.

— Ah, Nee-san... — A voz dele falhou.

Por um momento, ele voltou a parecer um menino, à beira das lágrimas. O líder de uma casa não chorava na frente de seus homens, claro, mas Misaki se pegou absurdamente grata pelo momento de fraqueza do irmão. Era bom saber que um dos homens em sua vida se importava com a perda de Mamoru.

Um a um, Kazu e seus homens prestaram condolências a Mamoru, curvando-se diante do corpo e lhe oferecendo preces. Incapaz de ficar olhando, Misaki se afastou e foi procurar o marido, como Kazu pedira.

Ela não falava com Takeru desde o dia anterior, quando ele tentara impedi-la de ir atrás de Hyori. Ele devia ter ouvido falar que o corpo de Mamoru fora encontrado. Seu primogênito estava morto. Mas saber disso não parecia afetá-lo enquanto ele percorria a vila, organizando suprimentos e dando ordens aos voluntários.

— Estou ocupado. — Foi a primeira coisa que ele disse ao vê-la.

— Eu sei, Takeru-sama. — Ela baixou os olhos e suavizou a voz. Era a única maneira de abafar a raiva fervilhando em sua garganta. — Me desculpe, mas meu irmão, lorde Tsusano, está aqui para vê-lo. Ele diz que é urgente.

— Ameno-san — disse Takeru ao principal representante da família Ameno —, por favor, assuma as operações por aqui.

— Sim, Matsuda-dono. — O homem se curvou.

— Espero voltar logo — disse Takeru, e seguiu Misaki até onde Kazu o aguardava, passando pelo corpo do filho sem sequer olhar para ele. — Tsusano-dono — cumprimentou ele, fazendo uma reverência cordial. — Há quanto tempo. Fico feliz de vê-lo aqui.

— Digo o mesmo, Matsuda-dono — respondeu Kazu, fazendo uma

reverência notavelmente mais profunda do que a de Takeru. Misaki sabia que o irmão sempre ficara intimidado por Takeru, mas ele disfarçou bem ao voltar a se endireitar. — Sinto muitíssimo pela sua perda.

Takeru assentiu de modo grosseiro.

— Mas é bom ver que ao menos o marido da minha irmã sobreviveu ao ataque. Fico aliviado de saber que ela será bem cuidada.

Ele assentiu outra vez.

— Há algum lugar mais privado onde possamos conversar, Matsuda-dono? — perguntou Kazu.

— Infelizmente, minha casa está ocupada pelos feridos no momento.

— Algum outro lugar, então? Longe dos ouvidos de todos?

Takeru fez que sim.

— Venha comigo, Tsusano-dono. — Então, por cima do ombro, acrescentou: — Misaki, pode ir.

— Não... Eu prefiro que ela nos acompanhe, caso não se importe, Matsuda-dono — pediu Kazu, hesitante. — Ela é minha irmã, então gostaria que também ouvisse o que tenho a dizer. Imagino que, como marido dela, você não se importe...

— Tudo bem — disse Takeru, lançando um olhar severo para Misaki —, mas você ficará de boca fechada.

— Sim, senhor — respondeu ela, baixo.

Os olhos de Kazu oscilaram entre a irmã e o cunhado com óbvio incômodo, mas ele não disse nada. Não lhe cabia dizer nada. Não apenas Takeru era o novo patriarca Matsuda, como também era mais de dez anos mais velho que Kazu. Um jovem lorde não fazia comentários a respeito de como um lorde mais velho tratava a esposa... mesmo que a esposa em questão fosse a irmã que um dia ninara o jovem lorde e ensinara a ele como usar uma espada.

— Quer incluir mais alguém, Matsuda-dono? — perguntou Kazu.

— O quê?

— Deve ter outros homens em quem você confia. Homens que gostaria de incluir nesta reunião... — comentou Kazu.

Kazu estava tão pronto a aceitar a autoridade de Takeru que provavelmente nem lhe ocorreu que o segundo filho da família Matsuda só estava chefiando a casa havia um dia.

— Os confidentes mais próximos do meu irmão éramos eu e Yukino Dai. Yukino está morto.

— Dai Relâmpago? Ele também se foi? — disse Kazu, chocado.

— Perdemos a maioria de nossos melhores homens.

Takeru desacelerou os passos diante do que restava da casa Mizumaki, onde Kwang Chul-hee e o pai ajudavam os homens Ameno a organizar e distribuir os parcos suprimentos que os voluntários haviam trazido. Pareceu pensar por um momento, os olhos percorrendo os principais homens da família Ameno, os dois anciões Mizumaki, e um Katakouri aleijado, que não pudera se juntar à luta.

Os voluntários Ameno, embora estivessem oferecendo uma ajuda inestimável, não costumavam se envolver muito nos assuntos de Takayubi. Os Mizumaki e Katakouri eram aliados próximos e confiáveis, mas aqueles homens restantes não eram seus líderes. Katakouri Hisato, com a perna retorcida, era um quinto filho que passara toda a vida adulta trabalhando como caixa na loja de conveniências da vila ocidental. Os anciões Mizumaki tinham sido bons homens na juventude, mas ultimamente um deles só se lembrava de metade do que escutava, e o outro não escutava mais nada. Takeru estreitou os olhos enquanto pensava.

Até que tomou uma decisão.

— Kwang Tae-min.

— Sim? — O nortenho ergueu os olhos.

— Seu filho pode assumir o trabalho que você está fazendo, certo?

Tae-min olhou para Chul-hee.

— Claro.

— Venha comigo.

— Ah... — Tae-min pareceu surpreso. — Claro. Só um momento.

— Ele é... do norte — sussurrou Kazu, lançando um olhar apreensivo para Takeru. Kwang Tae-min podia ter trocado seu hanbok e seu colete bogolano por um quimono no estilo de Shirojima, mas seu sotaque era inconfundível. — Não é um de nós.

— Ele é um cidadão do Império, assim como nós, e já viajou muito, o que lhe deu conhecimentos que nós talvez não tenhamos.

Misaki tinha muitos dos mesmos conhecimentos, embora Takeru não parecesse particularmente interessado em ouvi-los quando vinham de sua boca.

— Ele também é um dos poucos sobreviventes com a cabeça no lugar.

— Imagino que ele não tenha lutado — comentou Kazu.

— Ele tem habilidades em outras áreas. Nós passamos os últimos meses colaborando juntos em alguns projetos do prefeito — respondeu Takeru.

Tudo que Misaki sabia a respeito da relação do marido com Kwang Tae-min era que os dois haviam trabalhado bem de perto no planejamento das torres de info-com. Sabia que fora Takeru a sugerir o projeto, para começo de conversa, e que obviamente se aproximara do nortenho durante a realização.

Takeru estava sempre pressionando por mais modernizações — num ano, uma estrada pavimentada; no outro, melhores cabos de energia — e, nas raras ocasiões em que seus projetos eram aprovados, era sempre ele que acabava os gerenciando. O prefeito era, ou fora, mais um chefe-titular, um oficial do governo idiota mas inofensivo, contente de deixar os funcionários fazerem o trabalho melhor do que ele era capaz. O Império em geral não mandava seus melhores homens para supervisionar vilas montanhosas minúsculas.

— E o prefeito? — perguntou Kazu.

— Morto — respondeu Takeru, sem demonstrar qualquer emoção pelo homem que fora seu empregador por muitos anos. — Ele estava em casa, na vila ocidental, quando os ranganeses chegaram.

Tendo terminado de dar instruções ao filho, Kwang Tae-min se aproximou às pressas.

— Tsusano-dono, este é Kwang Tae-min, um representante da Geomijul Comunicações — apresentou Takeru. — Kwang-san, este é Tsusano Kazu, de Ishihama, Senhor de Arashiki e irmão da minha esposa.

Os dois homens trocaram reverências e cumprimentos, então Takeru os conduziu pela vila até o cume da montanha. A neve se tornou mais profunda conforme subiam, mas se abria diante deles ao toque do jiya de Takeru.

Dois dos homens de Kazu os seguiram, até que seu líder se voltou para eles.

— Fiquem aqui. Garantam que ninguém nos siga.

— Sim, senhor.

Quando os homens assumiram seus postos na neve, Misaki teve o pressentimento de que suas suspeitas estavam prestes a ser confirmadas. Aquele ataque e o que acontecera em Ishihama estavam conectados, e o governo estava fazendo muito esforço para esconder o fato.

Takeru os conduziu até uma clareira nevada com vista para a Academia Kumono. O antigo templo, transformado em escola, era a única estrutura aparentemente intocada pelas bombas ou por fonya, e erguia-se com o orgulho e a serenidade de sempre contra as rochas. Talvez ficasse muito no topo da montanha, afastada demais, para que tivessem se dado ao trabalho de atacá-la. A subida até ali decerto foi fatigante para os pulmões de Misaki.

— Muito bem, Lorde Tsusano. — Takeru se voltou para Kazu. — Sobre o que queria conversar?

— Eu... — começou Kazu, hesitante. — Primeiro, quero pedir desculpas por não os ter alertado direito.

— Explique.

— Como imagino que tenha adivinhado, Takayubi não foi a única cidade que os ranganeses atacaram nas últimas semanas. Eles também chegaram a Ishihama. Foi isso que destruiu Arashiki e as cidades ao redor, não uma tempestade, como deu nos noticiários.

Takeru assentiu como se tivesse desconfiado o tempo todo, como se não tivesse dado uma surra no filho, no dojo, por insinuar exatamente aquilo.

— Com base nos outros lugares em que supostas tempestades atingiram a costa, nós, meu pai e eu, deduzimos que os ranganeses estavam se concentrando nas antigas casas guerreiras de Kaigen. Pensamos que Takayubi seria a próxima. Claro, torcemos para que não, mas... — Kazu balançou a cabeça. — O mínimo que posso fazer é alertá-los para o que vai acontecer em seguida.

— Como assim? Devemos esperar mais ataques?

— Não, não, Matsuda-dono — disse Kazu, às pressas. — Não pude explicar a situação na carta que mandei à minha irmã por um motivo. Assim que as tropas kaigenesas chegaram a Ishihama, deixaram claro que não tínhamos permissão para discutir o ataque entre nós nem contar a ninguém o que aconteceu.

Takeru franziu o cenho, pensativo.

— Por quê?

— Não sei. — Kazu balançou a cabeça. — Não nos explicaram, mas ficou claro que iam tentar impedir ao máximo que a notícia desses ataques se espalhasse. Os soldados do imperador chegaram a nos mandar para a cidade vizinha enquanto as tropas yammanka ajudavam a limpar os destroços.

— Os yammanka estão envolvidos? — perguntou Misaki.

Não era incomum que o aliado de Kaigen, sendo mais poderoso, lhes desse apoio militar, ainda mais quando dizia respeito a Ranga, mas isso acrescentava outro nível de complexidade à situação. Yamma jogava por si mesma, tinha as

próprias motivações.

— Sim. Os soldados yammanka chegaram quase ao mesmo tempo que os nossos militares.

— Como eles agiram? — perguntou Misaki. — Eles falaram com você ou...

— Eu lhe disse para ficar calada — interrompeu Takeru, bruscamente.

— Hã... — Mais uma vez, Kazu olhou de Misaki para o marido, desconfortável. Ele podia não ter autoridade para defender a irmã, mas respondeu à pergunta. — Os yammankalu mal interagiram conosco. A maioria se dirigiu apenas aos militares kaigeneses e depois foi ajudar na limpeza ou... em qualquer coisa que estivessem fazendo na área afetada pelo ataque. Não tivemos permissão de voltar para procurar os corpos de membros da família nem recuperar pertences. Não sei se houve alguma mudança, mas era assim que as coisas estavam quando parti.

— E você acha que o mesmo vai acontecer aqui em Takayubi? — perguntou Takeru.

— Talvez. Eu só queria avisá-los antes que as tropas kaigenesas aparecessem. — Então acrescentou, com seriedade: — Sinto muito que eu e meus homens não tenhamos conseguido chegar antes. Sinto muito que não tenhamos podido oferecer um apoio mais significativo.

— Não se desculpem. Como você viu, nossos guerreiros foram mais do que suficientes para fazer as tropas inimigas recuarem até as forças do imperador chegarem.

Ele disse isso com o desinteresse de sempre, como se a morte do irmão, do filho e de tantos civis não significasse nada.

— Não encaramos nada perto disso em Ishihama — comentou Kazu.

— Os ranganeses mandaram menos soldados?

— Não sei. Acho que a maioria dos ranganeses envolvida no ataque não chegou a nos alcançar.

A cidade dos Tsusano, encarapitada no topo de um penhasco, era bem

mais defensável do que Takayubi — ou do que qualquer lugar no mundo, até onde Misaki sabia. Nenhum exército na história jamais a invadira, e ela ficou aliviada de ouvir que nem mesmo aquelas assustadoras forças ranganesas haviam sido exceção.

— Eles atacaram com um tornado? — perguntou Takeru.

— De início, sim. Quando vimos o tornado se formando na água, meu pai soube que eram os ranganeses quase instantaneamente.

— Mesmo? Seu pai já tinha enfrentado fonyakalu?

Takeru devia estar pensando em como ele e Takashi haviam ficado vários siiranu totalmente perdidos diante do tornado, até Misaki e Chul-hee os convencerem de que aquilo era obra dos ranganeses. Ela se perguntou, irritada, se ele tinha a decência de ficar constrangido.

— Não, Matsuda-dono.

Ele só não é idiota, pensou Misaki, irritada.

— Acho que meu pai apenas já tinha visto tantas centenas de tempestades na vida que percebeu de cara que aquela não estava se comportando de forma normal — respondeu Kazu, com mais cuidado. — Sabendo que as casas mais próximas da beirada estavam perdidas, nós evacuamos o máximo de lares que conseguimos e reunimos guerreiros para encarar os ranganeses que chegassem à costa.

— E então?

— O tornado se desfez ao alcançar o penhasco.

Misaki não ficou surpresa que o penhasco de Ishihama tivesse conseguido fazer o que as escarpas rochosas e a encosta íngreme do Monte Takayubi não haviam podido.

— Claro que nossa Arashiki foi destruída, assim como as casas perto da beirada do penhasco. O vento do tornado jogou alguns ranganeses por cima da borda do precipício... uns vinte e cinco, eu acho. Nós os matamos. — Isso explicava a ferida na clavícula de Kazu. — Acredito que o restante dos inimigos

tentou escalar a encosta, mas não chegou antes de os yammankalu aparecerem para derrubá-los a tiros.

Takeru assentiu.

— Então, vocês não tiveram nenhuma baixa?

— Apenas dois guerreiros morreram em combate, mas os destroços arremessados causaram um grande raio de destruição. Infelizmente, não houve tempo de esvaziar toda a área, e o tornado despedaçou as partes mais fracas da beirada do penhasco, fazendo chover pedregulhos do tamanho de casas. Muitas pessoas foram esmagadas... estimamos que umas cem.

— Estimam?

— Foi o número de desaparecidos que contamos depois que chegamos a um lugar seguro, mas, como eu disse, não pudemos voltar para casa, e os soldados não dizem nada. — Ele balançou a cabeça. — Eu me pergunto o que têm a ganhar ao encobrir tudo isso.

Uma impressão de segurança, pensou Misaki. Se notícias sobre os ataques se espalhassem, as pessoas poderiam começar a entrar em pânico e se tornar mais difíceis de controlar. Por outro lado, isso não explicava em que atividade secreta os yammankalu estavam metidos.

— Não importa — disse Takeru. — Obrigado pelo aviso, mas não é nosso papel questionar a vontade do imperador. Se essas são as ordens dele, nosso único trabalho é obedecer.

— Matsuda, *tenho a impressão de que você talvez não goste do que o imperador vai exigir* — interferiu Tae-min, tenso.

– *Do que está falando?* — perguntou Kazu, passando para o kaiguengua ao se virar para Tae-min.

— *Sei que a mídia dá a entender que o coração do Império é forte e cheio de recursos, mas sou nativo de Jungsan e acho que...* – Tae-min parou, olhando de modo apreensivo entre os dois homens de Shirojima. Ele estava se arriscando; não conhecia Kazu, e quão bem era possível conhecer Takeru? — *A realidade do*

exército imperial é bem diferente da imagem que projeta. — Tae-min se virou para Kazu. — *Se os militares fizeram uma visita a Ishihama, você já deve ter uma ideia.*

– Bom... — Kazu franziu o cenho. — *Eu não interagi muito com os soldados.*

A hesitação em sua voz revelava que havia alguma verdade nos comentários de Tae-min.

— *Não digo isso para menosprezar o Império ou aborrecê-lo, Tsusano* — disse o nortenho, com cautela. — *Mas, Matsuda...* – ele olhou para Takeru — *... sua vila está em uma situação difícil no momento. Até agora, contamos 42 sobreviventes, muitos dos quais estão feridos. Você tem apenas o pouco que resta da propriedade Matsuda e menos ainda da casa Mizumaki para acomodar toda essa gente. Meu filho ainda está fazendo o inventário da comida que recuperamos, mas não vai ser o bastante para alimentar...*

– *Sei disso, Kwang* – disse Takeru, brusco. — *O que tem a ver com os militares?*

– *Só quero avisá-lo... Não quero que cometa o erro de pensar que pode confiar que o Império dará apoio à sua comunidade nesse período. Já visitei muitos lugares e sei que vai se decepcionar.*

– *Você não deveria dizer essas coisas do Império* – comentou Kazu, as rugas na testa se aprofundando.

— *Então sua cidade recebeu a ajuda necessária, Tsusano?* – perguntou Tae-min.

— *Não fiquei muito tempo depois do ataque. Tenho certeza de que a esta altura, sim.* — Ele não parecia ter certeza de nada. — *Além disso, Ishihama não precisava do mesmo nível de socorro que Takayubi. Meu povo ainda tem tetos sob os quais dormir, maneiras de se reerguer. Se esta vila não receber ajuda...*

Vai deixar de existir, pensou Misaki, lúgubre.

— Não importa quais sejam as ordens do imperador, nosso único trabalho é obedecer — repetiu Takeru, firme. Suas palavras faziam com que parecesse simples, como se não houvesse vidas em risco. — É um privilégio servir ao Império Kaigenês como pudermos.

— Claro — respondeu Kazu —, mas admito que tudo isso é estranho. Não apenas a questão com as tropas imperiais e os yammankalu; os ataques em si

não parecem ter lógica.

— Como assim? — perguntou Takeru.

— Um guerreiro inteligente ataca os pontos fracos do inimigo.

— Sim...

— Então, por que Ranga está executando esses ataques concentrados nas cidades dos guerreiros mais poderosos de Kaigen? Se o objetivo era invadir o Império, e eles tinham o elemento surpresa, por que se concentrar nas casas das pessoas com mais chances de os rechaçar?

A questão levantada por Kazu era surpreendentemente válida. Era como mirar uma estocada de espada em uma armadura ou uma Agulha de Sangue em osso. No pior dos casos, uma sentença de morte; no melhor, um desperdício. Havia muitos lugares onde uma força ranganesa daquele tamanho poderia ter atracado e matado todo mundo com facilidade, ou até mesmo se esgueirado despercebida noite adentro.

— Talvez o objetivo deles não fosse invadir — sugeriu Misaki, mesmo recebendo um olhar de reprovação de Takeru. — Esses ataques podem ser parte de um plano mais elaborado. Talvez a intenção deles seja enfraquecer as grandes casas.

— A custo de tantos soldados? — perguntou Kazu, incrédulo.

Outra boa questão. Havia maneiras de se livrar de inimigos sem perder centenas de bons guerreiros. Era verdade que nenhuma das maneiras que lhe ocorria era particularmente honrosa — a maioria das primeiras ideias de Misaki envolvia assassinatos e envenenamentos —, mas aniquilar crianças não era honroso; queimar ferreiros em suas casas não era honroso; estuprar as esposas dos inimigos não era honroso. Se os ranganeses estavam dispostos a cometer aquelas atrocidades, por que não se rebaixar a veneno e uma única bomba bem posicionada? Por que sacrificar tantos guerreiros?

Os soldados rasos de amarelo podiam até ser um recurso descartável para a União Ranganesa, mas existia apenas um soldado de preto em 10 mil. Quando

Misaki estava na Alvorecer, as forças especiais ranganesas tinham sido limitadas às linhagens mais fortes de Ranga — Sheng e Tian. Guerreiros daquele calibre eram peças de valor inestimável. Por que enviar dezenas deles para morrer em um confronto direto?

Antes que os homens tivessem chance de continuar discutindo, um dos guerreiros de Kazu chegou correndo e parou ali perto, ofegante, cansado da subida.

— Desc... — Ele se interrompeu, tentando recuperar o fôlego, os pulmões desacostumados ao ar rarefeito de Takayubi. — Desculpe interromper, Matsuda-dono, Tsusano-dono. — Ele se curvou.

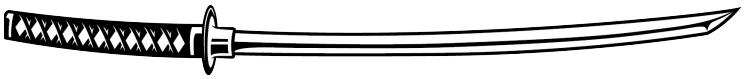
— O que houve, Hakuyu-san? — perguntou Kazu.

— As tropas imperiais chegaram. Estão perguntando quem é o chefe da vila. — Hakuyu olhou para Takeru ao endireitar o corpo. — Eu disse que era o senhor, Matsuda-dono.

— Já estou indo.

22

Os soldados



As tropas imperiais não tinham vindo sozinhas. Como em Ishihama, haviam trazido soldados de Yamma. Fazia muito tempo que Misaki não via yammankalu... aliás, nem qualquer pessoa de fora de Kaigen. Para alguns residentes de Takayubi, a imagem de um estrangeiro era uma completa novidade. Mulheres e crianças se reuniram para ficar encarando e cochichando, embora mantivessem uma distância cautelosa das fileiras yammanka, como se preocupadas que os soldados manejadores de fogo pudessem entrar em combustão espontânea.

— Eu não sabia que eles eram tão altos — comentou uma mulher, admirada.

— Eles são lindos. Uma pele tão escura! Como nos filmes! — disse outra, com um suspiro.

— E o cabelo deles parece tão... macio — acrescentou Mizumaki Fuyuko, franzindo o nariz. — Acha que um deles me deixaria tocá-lo?

— Não seja boba, Fuyu-chan. Você ia queimar os dedos — disse outra adolescente.

Fuyuko inclinou a cabeça.

— Pensei que eles tivessem que estar pegando fogo para isso.

— Não. Tenho quase certeza de que o fogo fica dentro deles, sob a pele, como nós temos sangue.

— E... espere um dinma... aquelas ali são *mulheres*? — Mizumaki Fuyuko ficou boquiaberta, como se isso, de alguma forma, fosse mais estranho do que a ideia de pessoas com fogo em vez de sangue correndo nas veias.

— Não podem ser. Eles têm lanças — comentou a mãe dela, com desdém.

— Também têm peitos, Mizumaki-san. Tenho bastante certeza de que são mulheres — respondeu Setsuko, achando graça.

— Bobagem. Mulheres não podem...

— Olhe! — exclamou Setsuko, parecendo adorar a chance de escandalizar as vizinhas já traumatizadas. — Aquela ali tem peitos *grandes*! — Ela apontou para uma yammanka ali perto.

A soldada em questão olhou para as kaigenesas fofoqueiras e revirou os olhos com um suspiro enfadado. Ser enviada para Kaigen devia ser uma experiência cansativa para uma soldada. Misaki estava prestes a se compadecer da mulher até ver as insígnias no uniforme dela: uma piloto. Aquela mulher e os tajakalu ao redor eram os responsáveis por reduzir Takayubi a escombros.

Na noite anterior, em meio ao breu e à confusão do ataque aéreo, fora impossível distinguir a qual país os aviões pertenciam, mas não surpreendeu Misaki que os yammankalu tivessem respondido mais rápido do que o exército imperial. Yamma tinha bases militares espalhadas por todo o Império Kaigenês, e estas eram famosas por sua velocidade ao reagir a emergências. Ainda assim, era perturbador que o Imperador permitisse que aviões estrangeiros despejassem bombas no território dele.

— Todos eles parecem bem desconfortáveis — comentou uma mulher, olhando para a fileira de soldados yammanka.

— São tajakalu. Está no meio do inverno e eles estão no alto de uma montanha congelada — respondeu Misaki.

Os tajakalu de pele escura tremiam sob os uniformes bogolanos, parecendo determinados, mas profundamente infelizes de estar com pés enfiados na neve até as canelas. Pelo menos não tinham aparecido usando uniformes de

quarenta anos antes, o que era mais do que Misaki podia dizer das tropas kaigenesas, que trajavam os mesmos hanbok em azul e bege da época da Keleba.

A primeira pessoa a se dirigir a Takeru foi um oficial kaigenês atarracado e barrigudo, que se apresentou como coronel Song. Estava acompanhado de um jaseli kaigenês usando a túnica de um tradutor militar, o que deixou Misaki um tanto irritada. Quão ignorantes pensavam que o povo dali era?

— *Ouvi dizer que você é o chefe da vila* — disse o coronel Song, em kaigengua.

— *Sim, senhor* — respondeu Takeru, devagar, o idioma padrão do império soando mais estranho em sua boca do que o dialeto nativo de Shirojima. — *Desde ontem à noite.*

– *É mesmo?* — O coronel arqueou as sobrancelhas. — *Ontem?*

Misaki não gostou do tom condescendente dele.

— *Pode me explicar como isso aconteceu?* — continuou o homem.

– *O prefeito está sendo considerado morto, uma vez que ainda não encontramos muitos sobreviventes na vila ocidental onde ele morava. Eu era funcionário, o assistente administrativo dele, e a pessoa responsável por cuidar da prefeitura sempre que ele precisava comparecer ao quartel-general da província. Então, por enquanto, vou assumir suas responsabilidades até que ele seja encontrado ou substituído. Meu irmão, chefe da casa guerreira que governa esta área, teve o falecimento confirmado algumas waatinu antes da chegada de vocês, então tomei o lugar dele como líder...*

– *Entendi* — interrompeu o coronel, obviamente entediado com o kaigengua lento e deliberado de Takeru. — *Então, essas pessoas responderão a você?*

– *Os moradores aqui de Takayubi, sim, senhor.*

– *Consegue mantê-las sob controle?*

Misaki não gostou de como Song se referiu a eles como se fossem uma manada teimosa de bois. Gostou menos ainda quando Takeru não hesitou em responder:

— *Sim, senhor.*

– Muito bem. A primeira coisa de que vou precisar é que seu povo leve todos os corpos para o que restou do povoado a sudeste desta vila.

— Está falando da vila dos ferreiros?

– Ah, era isso? – disse o coronel Song, com um sorrisinho de canto de boca que fez Misaki desejar quebrar aqueles dentes com um soco. *— Então, sim, para a... hã... vila dos ferreiros. Nossos aliados yammanka começaram a organizar os equipamentos lá.*

– Os... equipamentos? – repetiu Takeru, devagar.

— Os equipamentos — disse o tradutor, no dialeto de Shirojima, e Takeru lançou ao homem um olhar frio.

— Os yammankalu estão conduzindo uma importante investigação forense para o Imperador. Você e todos nesta vila devem cooperar sem ressalvas — explicou Song.

– Claro, general – respondeu Takeru, embora aquela tenha sido a primeira ordem que lhe causou aparente hesitação.

Os yammankalu podiam ser aliados dos kaigeneses desde a Keleba, mas ainda eram forasteiros, e vilas tão antigas e isoladas quanto Takayubi não gostavam de forasteiros se metendo em seus assuntos. Aquele era um lugar em que a mera presença de forasteiros *kaigeneses*, como os Kwang, causava rebuliço.

— Pelo que soube, você mandou que seus homens transportassem os cadáveres para este edifício...

– Apenas os corpos dos nossos — disse Takeru —*, que têm familiares e amigos que precisam enterrá-los. Estávamos esperando a chegada dos finawu da montanha vizinha para cuidar dos devidos rituais.*

– Entendo, mas precisamos que todos os corpos sejam levados para os yammankalu, na vila dos ferreiros... kaigeneses e ranganeses.

Houve uma pausa.

— Vocês... o quê? — perguntou Takeru, inexpressivo.

O tradutor, que queria muito ser condescendente ou só era péssimo de serviço, se intrometeu:

— O coronel disse: “todos os corpos, kaigeneses e ranganeses”.

Takeru ainda encarava Song.

— Eu não entendi.

– Você deve instruir seu povo a levar os corpos de todos que morreram durante o ataque para os yammankalu. Isso inclui os corpos que foram erroneamente trazidos para cá. – Ele inclinou a cabeça na direção do corpo coberto de Mamoru. *— Em casos em que resta apenas parte do corpo, será preciso coletar todo o possível.*

Misaki não culpava Takeru por ficar em choque.

— Algo do que eu disse o confundiu, Matsuda?

– O senhor quer que eu tome os mortos de seus familiares de luto? — A voz de Takeru soou tão neutra como sempre, porém, mais do que isso, soou vazia.

— Essa é a vontade do Imperador.

– Peço desculpas, senhor. Eu só... — Takeru tinha começado a tropeçar no kaigengua que pouco usava. *— Eu não entendi.*

— O coronel disse: “Essa é a vontade do...”

— Você é burro? – disparou Misaki para o tradutor. *— Ele obviamente entende a frase “vontade do Imperador”. Nós temos uma televisão.* — Ter a chance de usar seu kaigengua fluente depois de tantos anos falando o dialeto deveria ter sido uma experiência agradável, mas ela se pegou arreganhando os dentes entre as sílabas. *— Aprenda a interpretar a situação, seu imbecil.*

Todos os homens pararam para encará-la.

Ah, Misaki, sua idiota.

– Chou, pode ir – disse Song, depois de um momento. Quando o tradutor, constrangido, fez uma reverência e se retirou, o coronel se virou para Takeru. *— Você disse que controla esta vila. Será que poderia controlar sua esposa?*

– Sim, senhor. Peço perdão – disse Takeru, colocando-se entre Misaki e o coronel. *— Ela está em choque, e sofreu uma leve concussão.*

– Tenho certeza de que todos vocês sofreram bastante, mas que sirva de consolo saber que é tudo a serviço do Império.

– *Claro.*

– *Agora que nos entendemos, mandarei que meus soldados comecem a recolher os corpos.*

Misaki sentiu o mundo se partir quando o coronel se virou para Mamoru e apoiou a mão nele.

— *Vamos começar com este aqui.*

– *Esse é Mamoru* – disse Takeru quando o coronel Song gesticulou para que seus homens avançassem. — *É meu filho.*

Não havia protesto em sua voz, mas havia alguma coisa. Misaki precisava acreditar que havia alguma coisa. De jeito algum ele permitiria...

— *Muito bem, então. Vamos começar com seu filho.*

– *Sim, senhor.* – Takeru se curvou e pegou a espada embainhada ao lado de Mamoru assim que os soldados ergueram o corpo. — *Glória a Kaigen. Vida longa ao Imperador.*

A raiva pulsou através de Misaki, fazendo com que ela avançasse.

— *Não* – rosnou por entre dentes cerrados. — *Vocês não podem...*

Kazu se moveu com uma rapidez surpreendente, pegando-a pela cintura antes que Takeru ou os soldados parecessem notar seu avanço.

— Nee-san, pare! — sibilou ele, puxando-a de volta.

— Me solte! — Misaki fez força para se libertar, mas Kazu a segurou firme, puxando-a de volta outra vez. Por Nami, quando seu irmão caçula ficara tão *forte?* — Eles não podem fazer isso! Não podem...

O jiya de Takeru abateu-se sobre o dela, uma onda congelante correndo por seu sangue e sua medula. O marido não a tocara — na verdade, mal se *movera* —, mas o impacto a deixou atordoada. Era de conhecimento comum que um teonita forte era capaz de forçar seu poder sobre o de um teonita mais fraco e neutralizá-lo, mas Misaki nunca encarara um jiya tão devastadoramente mais potente que o dela.

— Matsuda-dono! — A voz de Kazu soou muito distante, ao mesmo tempo

sobressaltada e um pouco horrorizada.

Misaki sentiu vagamente a nyama do marido, muito mais fria do que a do irmão, se meter entre ela e Kazu, envolvendo-a como as águas de um lago gelado e a submergindo. A sensação a deixou tão aturdida que mal notou o que estava acontecendo até que as mãos de Takeru a estivessem conduzindo para se ajoelhar em um tatame chamuscado. Estava dentro de casa, no cômodo onde Kotetsu Katashi descansava.

Os filhos do ferreiro e os dela estavam amontoados em um futon ali perto.

— Ele não pode voltar — explicava Atsushi a um choroso Nagasa e aos próprios irmãos mais novos.

— Por que não? — questionou sua irmãzinha, Naoko.

— As pessoas não voltam do Laaxara. Quer dizer... às vezes, voltam, mas... — Atsushi estremeceu, puxando Naoko para mais perto — ... não de um jeito bom. Eles não voltam... iguais. Voltam diferentes, voltam maus.

— Meu irmão não é mau — retrucou Nagasa.

— Não mesmo. Não... *era*. É por isso que não vamos mais vê-lo.

— Que bom que você ao menos conseguiu ficar com a espada dele, Matsuda-dono — disse Katashi a Takeru.

— Teria sido um desperdício não ficar. É uma ótima arma — respondeu Takeru.

— É a arma de um *herói*, Matsuda-dono. Deve ficar na sua família para que futuras gerações possam brandi-la e admirá-la. Seu nome deve ser repetido com orgulho, como o de Kurokouri e Kumokei.

— A espada do meu filho não tem nome.

— Claro que tem, Matsuda-dono — retrucou Kotetsu, em sua voz peculiarmente gentil e rimbombante. — Ela deu a seu criador e a seu portador a chance de conquistá-lo. Essa é Mamoriken, a Protetora. — Ele assentiu para a espada.

Por um momento, algo quase parecido com emoção perpassou o rosto de

Takeru. Quase. Misaki se perguntou por que tentar encontrar emoção no rosto daquele homem parecia tentar agarrar o fio da teia de uma aranha, tentar se lembrar de um sonho...

— Obrigado, Kotetsu-kama. — Takeru se curvou.

Antes de deixar o cômodo, ele parou, se virou para Misaki, ajoelhada, e se agachou para ficar no nível dela e sussurrar:

— Seu comportamento foi vergonhoso. Você vai ficar aqui, descansando em silêncio, até estar em condições de se portar de maneira respeitável. Entendeu?

— *Claro, senhor* — disse Misaki, de modo arrastado, zombando da voz grave e do sotaque de Shirojima de Takeru. — *Glória a Kaigen. Vida longa ao Imperador.*

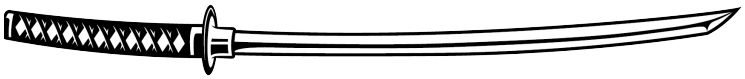
Se ele ia matá-la, que fosse de uma vez. Afinal, parecia que a perda de membros próximos da família não significava nada para ele. Só que Takeru não ergueu a mão contra ela; apenas a apoiou no ombro de Misaki, como se para confirmar que ela ficaria ali.

— Você não está bem. Descanse.

Então, ele se foi, como no dia do primeiro aborto de Misaki, como fazia sempre. Ela o assistiu partir, desejando que tivesse lhe batido.

23

A correnteza



Os yammankalu não deixaram nenhum civil chegar perto de suas tendas pelos dois dias seguintes. Misaki tentou falar com um dos soldados yammanka, torcendo para que fosse mais solícito do que o coronel Song e seu tradutor imbecil. Para seu crédito, o tajaka foi muito mais amigável e mais respeitoso, e mesmo assim ela não conseguiu arrancar muita coisa dele.

— *Sinto muito, Koroyaa* — repetia ele a cada vez que Misaki perguntava o que estavam fazendo com os corpos. – *Não posso informar detalhes no momento.*

Os yammankalu tendiam a ficar mais próximos do que os kaigeneses durante conversas, o que permitia a Misaki sentir os batimentos cardíacos do homem... o calor dele também não era desagradável.

– *Estamos aqui para ajudar* – disse ele, em um tom sincero. — *Juro pelos Falleke. Se nosso trabalho aqui for bem-sucedido, vai prevenir outros ataques nesta vila e em outras.*

A pulsação dele permaneceu estável, o que significava que ou estava sendo honesto ou era um ótimo mentiroso.

O lado bisbilhoteiro e impulsivo de Misaki considerou se esgueirar pelo acampamento. Era irritantemente difícil passar escondido pelos tajakalu de noite, já que a primeira reação deles a qualquer barulho estranho era pegar fogo e iluminar a área. Misaki era bem boa em se mover de modo silencioso, claro, e poderia igualar sua temperatura corporal à da neve, apagando

qualquer assinatura de calor que um tajaka pudesse detectar, mas era quase certo que haveria jijakalu no acampamento capazes de sentir seu jiya.

Depois de repassar mentalmente diversos cenários, Misaki olhou para Izumo dormindo em seus braços e se perguntou onde estava com a cabeça. Era Sirawu, aquela garota egoísta e caçadora de emoções, quem arriscava a vida para saciar a curiosidade. Não explicara a Mamoru como aquela garota fora detestável e ingênua? Não aprendera com os próprios erros? Aquela não era uma história de aventuras em Livingston em que suas ações não tinham consequências. Ali, seus filhos podiam morrer.

— Me desculpe — murmurou na direção do acampamento, então ergueu Izumo para descansar o rosto na cabeça macia dele. — Kaa-chan não faria isso com você. Não de novo.

Ela voltou a subir a montanha sem lançar nem mais um olhar para as tendas yammanka, mas a curiosidade não passou. Naquela noite, viu o corpo de Mamoru ao fechar os olhos e o sono não veio. Ao amanhecer, estava em uma crista da montanha, olhando as ruínas da vila dos ferreiros. A neblina obstruía quase todo o acampamento abaixo, mas a luz bruxuleante de chamas no azul silencioso da encosta sugeria que os tajakalu tinham passado a noite trabalhando. Neve estalou baixinho sob tabi e Misaki sentiu o irmão se aproximar e parar ao seu lado.

— Bom dia, Tsusano-dono — disse ela, sem tirar os olhos da luz do fogo que aumentava conforme a névoa se dissipava.

Takeru insistira que ela chamasse Kazu pelo “devido título”, embora ainda soasse estanho em seus lábios. Um suspiro bem-humorado ao seu lado lhe disse que Kazu pensava o mesmo.

— Bom dia, Matsuda-dono. Vossa Senhoria não conseguiu dormir?

— Vossa Senhoria não pode cuidar da própria vida?

Misaki ainda estava irritada com ele por tê-la segurado quando ela avançara contra o coronel Song. Sabia que não deveria estar, que ele fora a

pessoa sensata naquela situação, mas estava.

Kazu riu.

— Não sei por que achei que você me trataria melhor quando eu me tornasse o líder da casa.

— Também não sei. Que coisa mais idiota de se pensar — rebateu Misaki, o tom casual.

— Você sempre vai ser maldosa assim comigo?

— Até morrer.

— Misaki-nee-san... você está bem?

— Como quer que eu responda a isso, Kazu-kun? Acabei de perder meu filho.

— Desculpe. Claro que você não está... Eu não estava falando disso. Quis dizer... — Kazu hesitou por um momento, obviamente incerto de como prosseguir. Ele engoliu em seco. — Está tudo bem... com seu marido?

— Como assim? — Misaki arqueou as sobrancelhas, sinceramente surpresa com a ousadia do irmão.

— Ele... tem sido bom com você?

— Não seja idiota, Kazu.

— O quê?

— Um koro inteligente precisa considerar a própria posição antes de fazer uma pergunta dessas.

Kazu a encarou, confuso.

— Minha posição?

— *Digamos* que eu reclamasse do meu marido, que eu dissesse que ele é o mal encarnado, possuído por um demônio, e você ficasse inclinado a me defender em combate. Como acha que a situação acabaria?

— Eu...

— Você teria como vencer? Se a resposta for "não", talvez seja melhor manter a boca fechada.

— Eu sou um bom guerreiro — protestou Kazu, enchendo Misaki de ternura ao soar como quando tinha 10 anos.

— Você é um *ótimo* guerreiro, mas um péssimo estrategista.

— Como assim?

— Um bom estrategista sabe quando não é páreo.

Kazu lhe lançou um olhar amargurado.

— Entendi por que Tou-sama ainda sente tanto a sua falta. Vocês são iguaizinhos. Será que é tão difícil assim confiar um *pouco* em mim?

— Está bem. — Misaki cruzou os braços, disposta a morder a isca caso significasse uma chance de mudar de assunto. — Inspire-me, Tsusano-dono. Qual é seu plano incrível? Hipoteticamente, se precisasse encarar uma Lâmina Sibilante, o que faria? Você sequer trouxe uma espada própria.

Ela reparara que Kazu carregava apenas a gigante Anryuu, tendo aberto mão da katana reserva, de tamanho comum, que o líder Tsusano em geral portava.

— Eu tenho Correnteza — respondeu Kazu, na defensiva, levando o braço atrás para dar tapinhas no cabo comprido de Anryuu.

— Ah, sim — disse Misaki, usando um tom fingidamente dramático. — A grandiosa Anryuu, a Sepultadora, Afundadora de Navios.

A espada ancestral era uma arma de tamanho absurdo, tão grande que só podia ser carregada às costas do patriarca Tsusano, presa com uma larga tira de couro para que não ficasse batendo e se arrastando no chão. De acordo com a lenda, havia sido forjada por ferreiros Ishino para o herói de guerra Tsusano Raiden, um contemporâneo do primeiro Matsuda Takeru. Dizia-se que Raiden tinha sete metros de altura, o que lhe permitia adentrar o oceano e partir navios inteiros ao meio com sua Lâmina Tempestuosa. Misaki sempre achara essa lenda particularmente divertida, considerando a estatura modesta dos Tsusano, mas fornecia uma explicação para alguém ter forjado uma espada tão ridiculamente grande.

Invejava o irmão mais novo por muitos motivos, mas aprender a manejar Correnteza nunca fora um deles. Sentia os ombros e braços queimarem só de pensar em tentar brandir uma arma daquele tamanho.

Assim como leigos não compreendiam por que mestres Matsuda treinavam com espadas de aço, muitos não entendiam por que os Tsusano treinavam com Correnteza. Se um homem conseguia cortar e girar com Anryuu na mão, era implacável com uma espada normal; era uma simples questão de se condicionar para velocidade e força máximas, como treinar com pesos nos pulsos e tornozelos. Anryuu era basicamente uma ferramenta de treino chique. Embora os ferreiros de Ishihama mantivessem a lâmina afiada, brandi-la em uma luta de verdade era besteira.

— Não me diga que espera duelar com alguém usando essa monstruosidade...

Kazu deu de ombros.

— Funcionou bem contra os ranganeses.

— O quê? — Misaki arregalou os olhos. — Kazu, não pega bem um lorde ficar inventando histórias.

— Não estou inventando nada — respondeu ele, com uma chateação genuína.

— Mas é impossível. Eu também lutei contra os ranganeses. Mesmo os soldados rasos não eram lentos. Sei que você é forte, mas ninguém conseguiria brandir essa espada rápido o bastante para lutar com aqueles fonyakalu.

—Tou-sama conseguia. Você sabe disso, Nee-san. Já o viu fazendo os katas da Lâmina Tempestuosa.

— Sim...

Claro que vira. Lembrava-se de ficar ajoelhada a uma distância segura enquanto o pai realizava os cortes e giros das antigas posturas de espada criadas pelos ancestrais Tsusano especificamente para serem usadas com Correnteza. Quando criança, considerava o pai um deus, e não questionara o

fato de que ele conseguia brandir uma espada que tinha o peso de um homem adulto como se nada fosse.

— Mas... é Tou-sama. E ele era mais jovem, na época — disse Misaki.

— Certo. Esqueci que faz tempo que você não o vê. Sabia que, mesmo aos 60 anos, ele continua igualmente rápido? Ainda consegue usar Anryuu... quer dizer, não apenas erguê-la, mas brandi-la mais rápido do que qualquer rapaz de 20 anos brande uma espada normal.

— O quê? *Como?* — perguntou Misaki, aturdida.

— É o que eu sempre me perguntei. Há anos que eu o questionava a esse respeito, mas ele nunca me dava uma resposta direta, só uns comentários vagos sobre força de vontade... Ele disse que, para manejar Anryuu, "um homem tem que ser maior do que ele mesmo", o que nunca fez muito sentido para mim. Disse que talvez eu entendesse quando crescesse. Então, quando os ranganeses atacaram, de repente fez sentido. Lutei contra eles, Nee-san. Lutei contra eles usando Anryuu.

— É sério? Seus braços devem ser de aço!

Ela ficara impressionada com a força do irmão quando ele a segurara para impedi-la de avançar em Song e seus soldados, mas brandir Correnteza em combate...

— Não são só os braços — disse Kazu, flexionando os dedos. — Eu estava querendo falar com você sobre isso, na verdade.

— Comigo? — perguntou Misaki, surpresa.

— Bom... tudo ficou tão caótico depois do ataque. Não tive a chance de discutir o assunto com Tou-sama. Então, pensei que você é a única outra pessoa que entenderia.

A intenção de Misaki ao puxar o assunto de Anryuu fora apenas distrair Kazu de Takeru. Funcionara, mas ela ficara genuinamente interessada. Ainda assim, não podia abandonar seu papel, então soltou um muxoxo de reprovação.

— Kazu-kun, você sabe que não faço mais isso. Sou uma esposa e dona de casa.

— Claro. — Kazu abriu um sorriso exasperado. — Então, não vai se importar se eu fizer isso. — Ele cutucou o braço de Misaki, bem em cima de um dos cortes mais profundos.

— Ai! — Ela recuou o braço, segurando-o protetoramente contra o peito e olhando feio para o irmão. — Bom argumento. Que *revelação maravilhosa* é essa da qual você quer se gabar?

— Sei muito bem que não adianta me gabar para você, Nee-san. Não tem uma técnica no meu arsenal que você não tenha aprendido aos 7 anos. Se você lutasse para defender as pessoas que ama, tenho certeza de que também passaria por isso.

Misaki apenas o encarou, sem entender.

— Passaria pelo quê? Aquisição de superforça? Ascensão à divindade? Acho que nunca passei.

— É mesmo? — Kazu pareceu surpreso. — Mas Setsuko-nee-san me disse que você lutou contra uma horda de ranganeses, incluindo soldados de elite, mesmo depois de anos sem praticar com a espada. Como fez isso?

— Muito mal. — Misaki ergueu os braços cortados pelos leques. — Como pode ver. Como *você* fez?

— De início, foi um erro. Só fui impulsivo demais, como sempre. Quando o primeiro ranganês subiu ao penhasco, deixei a adrenalina me dominar e saí na frente do grupo. Não me dei conta de que haveria tantos e acabei rodeado. De cara, um fonyaka... um daqueles monstros de preto... acertou meu braço, quebrou meu pulso e fez minha katana comum sair voando. Eu devia ter morrido...

— Mas? — estimulou Misaki.

— Mas minha família, minha esposa e meus filhos ainda não estavam em um lugar seguro. Meus homens ainda estavam espalhados, desorganizados.

Percebi que, se eu me permitisse cair ali, Ishihama cairia comigo. Senti meu jiya se erguer mais do que nunca. Não ficou maior, mas mais profundo, mais forte dentro de mim. Tirei Anryuu da bainha e, de repente, não estava mais ferido. O peso da espada já não importava. Me tornei mais rápido do que nunca, mais rápido do que os ranganeses. Fiz coisas que um homem simplesmente não consegue fazer... Cortei cinco fonyakalu em um só golpe, dei um soco tão potente em outro que meu punho saiu pelas costas dele. Um dos meus homens ficou com a perna presa debaixo de um pedregulho do tamanho de uma casa e eu o tirei de cima dele como se não pesasse nada. Foi como... aquelas coisas que acontecem em lendas.

Misaki o teria acusado de estar inventando histórias, mas Kazu era um péssimo mentiroso, e seu tom de voz não era fanfarrão. Na verdade, ele soava maravilhado, como se também mal pudesse acreditar nas coisas que estava recontando.

— Como? — perguntou ela.

— *Sangue*, Nee-san. — Ele se virou para ela com um olhar animado. — Nós sabemos manipular sangue. É tão simples! Quando usei Anryuu contra aqueles fonyaka, não eram os meus músculos trabalhando, era o sangue em minhas veias... *todo o sangue*, movendo-se em resposta direta à minha vontade.

— Como assim?

— Acho que há um motivo para Anryuu ser a espada da família, e não é apenas porque nosso ancestral era um semideus gigante. Acho que um Tsusano maduro... e *apenas* um Tsusano maduro... consegue brandi-la. Somos a única grande casa cujo jiya pode manipular o próprio sangue. E, aparentemente, em um nível bastante avançado, a força dessa manipulação de sangue consegue superar limitações físicas comuns.

— Pelos Deuses, Kazu. Isso é incrível! — disse Misaki, sem fôlego.

Então, era assim que Tou-sama sempre conseguira que seu corpo realizasse coisas impossíveis, mesmo agora, na velhice. Ele não era apenas fisicamente

forte; transformava o próprio sangue em uma extensão direta de seus desejos. Com o fluxo de sangue movendo seu corpo por conta própria, os ossos e músculos desgastados não precisavam suportar o esforço.

— Você é tão talentosa, Nee-san — disse Kazu, olhando para Misaki. — Estou surpreso que não tenha descoberto tudo isso anos atrás.

— Não sou, não — respondeu Misaki.

O que Kazu estava descrevendo obviamente era tanto uma questão de força de vontade quanto de talento, e força de vontade jamais fora o ponto forte de Misaki. Pelo jeito, o irmão caçula se tornara um adulto enquanto ela ainda possuía o jiya raso de uma criança. Claro, conseguia usá-lo com mais aptidão do que qualquer criança, mas o jiya deveria se aprofundar conforme a pessoa amadurecia. Em algum lugar de sua alma, Misaki ainda era uma garotinha.

— Mas você sempre foi tão boa com sangue — comentou Kazu, confuso.

— Pequenos truques de sangue, garras e agulhas, que exigem muita precisão e pouco poder. E é sempre o sangue de outra pessoa, não o meu.

Misaki raramente voltava seu jiya para dentro. Não gostava muito de pensar no que jazia em seu âmago. Pelo que sabia, era algo sinistro, malévolo, que não devia ser perturbado.

— De todo modo — disse Kazu —, uma semana atrás eu não teria sonhado em desafiar uma Lâmina Sibilante. Agora... não consigo explicar, mas agora sou algo mais. Sou mais do que Tsusano Kazu.

— E tem certeza de que isso tudo que fez no campo de batalha não foi uma exceção? O resultado da euforia intensa da luta?

— Não foi.

— Como tem tanta certeza?

— Meu braço direito ainda está quebrado. Você reparou?

— Não. Nem mesmo quando...

Quando ele a segurara, lá na propriedade.

— Você está compensando o ferimento com manipulação do próprio sangue? — perguntou ela.

Kazu assentiu.

— Como Tou-sama compensa pelo corpo envelhecido. Esse poder... posso não o compreender por completo, mas sei que vem da minha determinação de proteger as pessoas que amo. Poderia fazer isso por você, Nee-san. Sei que não é meu papel, mas *vou* protegê-la, se você precisar.

Ela riu para disfarçar a súbita onda de emoção.

— Você é tão dramático.

— Eu sei, mas estou falando sério — disse ele, em tom pesaroso.

— Você não deveria se intrometer no casamento de outro lorde.

— Eu sei — repetiu Kazu, resoluto —, mas uma palavra sua e eu vou.

Ele a encarou com uma intensidade que ficava entre a confiança ardente de uma criança e a determinação de um homem. Seu irmão caçula ainda acreditava que ela saberia o melhor caminho... como Robin acreditara, como Mamoru acreditara...

Misaki baixou os olhos.

— Minha palavra não tem muito valor, Kazu-kun. Sou apenas uma mulher idiota.

— Misaki. — O tom de Kazu endureceu. — Ele a machucou?

— Não.

Não fisicamente. Violência física era algo com que Misaki poderia lidar. Algo que compreendia.

Deveria ter dado outra bronca no irmão, dito a ele para não se envolver no que um lorde fazia com a esposa, mas a maternidade talvez a tivesse amolecido. Não conseguiu encontrar forças para ser rude com Kazu quando ele a encarava com uma preocupação tão latente.

— Você se tornou um bom homem, Kazu-kun, mas parte de ser um ótimo líder é entender suas verdadeiras responsabilidades. Sua preocupação é

comovente, mas você tem a própria família e a própria vila para cuidar agora. Deixe que sua irmã cuide de si mesma, está bem?

Kazu a olhou como se quisesse argumentar, mas fechou a boca e assentiu, tenso. Ele realmente crescera.

— E você? Ainda não tive chance de perguntar como estão sua esposa e seus filhos — disse Misaki.

Ela observou com carinho e um pouco de inveja o rosto do irmão se iluminar. A pergunta o fez começar a tagarelar todo contente a respeito das notas da filha na escola, das primeiras palavras do filhinho, e do bebê que nascera no verão.

— Kaida está tão teimosa, agora que está crescendo. Graças aos Deuses pela paciência infinita de Aicha. Não sei como eu daria conta dos três pequenos, como ela faz. Aquela mulher é uma santa.

— Você a ama? — A pergunta escapou da boca de Misaki após vários dinmanu preparando-se para ser verbalizada. Talvez fosse algo estranho de se perguntar, mas ela precisava saber.

Kazu hesitou, perplexo.

— Como assim?

— Sua esposa, Aicha. Você a ama?

Ele ficou atônito.

— Eu... — Pela maneira como franziu o cenho, pensativo, Misaki teve a impressão de que ninguém jamais lhe fizera aquela pergunta. — Amo — respondeu ele, depois de um longo momento.

— E só agora está notando? — retrucou Misaki, em tom de piada, mas com curiosidade genuína. — Vocês já estão casados há sete anos.

— Bom, não aconteceu de imediato. Obviamente. A gente mal se conhecia quando se casou. De início, ela me causava mais preocupação do que qualquer outra coisa. No primeiro ano, sentia muita falta de casa, da família e dos campos em Hakudao. Eu cresci em Arashiki, então acho que não percebi o

quanto o lugar seria desagradável para alguém que tem medo de altura, de tempestades e do oceano.

— Você também tinha medo de tempestades quando era pequeno — comentou Misaki, sem conseguir se conter.

— Mas você sempre soube como me acalmar. Aliás, me lembrar disso... de como você costumava falar comigo... ajudou muito quando precisei confortar minha esposa.

— É mesmo? — disse Misaki, surpresa.

Ela se lembrava de ser meio impaciente com Kazu quando ele chorava.

— Você sempre teve paciência comigo... Então, eu tive com ela, e depois de mais ou menos um ano ficou tudo bem.

— Estou impressionada. Paciência nunca foi o seu forte.

Kazu deu de ombros.

— Bom, eu sabia que nossos pais tinham nos escolhido especificamente um para o outro. E Tou-sama e Kaa-san são tão sábios e generosos; confiei no julgamento deles e, no final, eles tinham razão a respeito dela.

— Tinham? — Misaki inclinou a cabeça.

Kazu já estava casado havia bastante tempo, mas ainda era estranho pensar no irmão caçula como marido e pai. Não que ele fosse se sair mal nesses papéis; só era estranho.

— Depois que parou de ficar com medo de que todos fôssemos cair pelo penhasco, Aicha se mostrou uma pessoa muito tranquila... e esperta também. Ela me equilibra quando eu fico...

— Animado demais? — sugeriu Misaki.

— Eles realmente arrumaram um bom par para mim.

— Hum — disse Misaki, pensativa.

— Eles pensaram que tinham arrumado um bom par para você também — disse Kazu, depois de um momento.

— Pensaram mesmo? — Misaki sabia que tinha soado um pouco

amargurada, mas não se importou.

— Eu me lembro de quando eles estavam planejando o casamento, enquanto você ainda estava na Alvorecer. Tou-sama se esforçou bastante para arranjar o marido mais poderoso possível. A primeira coisa que disse às casamenteiras foi para não se darem ao trabalho de tentar casas mais fracas ou abaixo da nossa. Quando perguntaram o motivo, ele disse: "Misaki é mais forte e mais habilidosa que a maioria dos homens. Não vai respeitar um homem fraco."

— Eu... não sabia disso.

Misaki nunca conversara com o pai sobre o planejamento de seu casamento com um Matsuda. O assunto doía demais. Ela queria conseguir amá-los, conseguir ser grata a eles, dar-lhes orgulho. Isso ficava bem mais difícil quando pensava no fato de que os pais a haviam exibido para homens desconhecidos quando ela ainda era muito nova e estava na escola, apaixonada por outra pessoa.

— Eu não fui envolvido no processo, é claro. Era jovem demais na época, mas admito que fiquei bisbilhotando e entreouvi muita coisa — disse Kazu.

— Aposto que sim. — Misaki sorriu.

— Lembro que, logo no começo, falaram de casar você com Matsuda Takashi.

— *O quê?* — disse Misaki, chocada.

Até que fazia sentido. Um pai buscando as melhores opções para a filha tentaria casá-la com um primogênito. Assim, o marido dela seria o herdeiro e seu futuro estaria assegurado.

— Mas Matsuda Susumu recusou, não foi? — disse Misaki.

O sogro reclamava sem parar sobre seu sangue Tsusano impuro. Com certeza não teria gostado de misturá-lo com o precioso sangue de seu primogênito.

— Não — respondeu Kazu, olhando-a com surpresa. — Matsuda Susumu foi

muito receptivo. Ele ofereceu os dois filhos para Tou-sama escolher.

— É mesmo?

Misaki nunca pensara que Susumu fora a favor do casamento; ele sempre parecera odiá-la. Por outro lado, o homem parecia odiar todo mundo, incluindo os próprios filhos, então talvez não fosse tão estranho assim. Ele sem dúvida teria sido igualmente frio e desdenhoso com qualquer nora.

— Então... foi nosso pai que escolheu Takeru?

Kazu assentiu.

— Claro que, de início, ele e Kaa-san concordaram que seria melhor você se casar com o primogênito Matsuda. Então, viajaram para conhecer toda a família, Matsuda Susumu os apresentou aos dois filhos, e depois disso Tou-sama mudou de ideia. Ele disse... bom...

— Disse o quê? — perguntou Misaki, de repente fervilhando de curiosidade.

— Eu, hã... provavelmente não deveria repetir, por respeito ao espírito de Matsuda Takashi — disse Kazu, em tom defensivo.

— O espírito dele vai aguentar — rebateu Misaki, indiferente. — Me conte.

Kazu suspirou.

— Kaa-san gostou mais de Takashi. Ela e Tou-sama discutiram a questão por todo o caminho de volta. "Takashi é tão bonito", dizia Kaa-san, "e um jijaka tão poderoso!" Tou-sama pareceu achar que Takeru era o melhor guerreiro entre os dois. Não sei como ele descobriu...

— Tou-sama sempre foi perceptivo com essas coisas — comentou Misaki, assentindo. — Ele tinha razão. E foi isso? Ele só decidiu baseado em quem era o guerreiro mais forte?

— Acho que não foi simples assim. Ele também pareceu pensar que Takeru era mais equilibrado e responsável. Disse: "Não podemos casar nossa garota esperta com um bobalhão".

Misaki sentiu uma risada escapar e nem se importou com as pontadas de dor nos pulmões.

— Mas, Nee-san, você não pode dizer a ninguém que contei isso para você — pediu Kazu, parecendo um pouco em pânico. — Prometa...

— Não se preocupe, Tsusano-dono. Não vou dedurar você — disse ela, rindo.

O sorriso sumiu de seu rosto, mas a dor no peito permaneceu enquanto ela observava a luz do sol se espalhando pela neblina. O pai tinha escolhido Takeru para ela... Não sabia se ficava comovida ou terrível e furiosamente magoada. Tou-sama a amara, brincara com ela, a ensinara a usar a espada. Deveria conhecê-la. Deveria ser sábio.

Nas ruínas da vila dos ferreiros, abaixo, a luz da manhã revelou movimentos.

— E isso é a mesma coisa que eles fizeram em Ishihama? — perguntou, quando Kazu seguiu seu olhar para o acampamento.

— Acho que sim. Como disse, não conseguimos ver.

— O que você acha que estão fazendo?

Os yammankalu se moviam entre as tendas bogolanas feito formigas, as atividades indiscerníveis daquela distância.

— Para quê precisam daqueles corpos?

— Não sei. Acho que é melhor não questionar — respondeu o irmão.

— Deve ser para algo bem importante — disse Misaki, um tanto petulante —, para gastarem toda essa energia nisso, em vez de nos ajudarem a reconstruir ou reunir suprimentos.

As tropas yammanka e kaigenesas já estavam em Takayubi havia dois dias, e até o momento não tinham feito jus a toda a propaganda de soldados solícitos distribuindo comida e cobertores. Não haviam providenciado cuidados médicos ou alimentos, nem ajudado a consertar os estragos que suas próprias bombas haviam causado. O único interesse deles era em coletar os corpos para os yammankalu. Alguns soldados tinham catado vigas e ripas quebradas das casas para ajudar a limpar a área, mas só isso.

— Mandei alguns dos meus homens às vilas vizinhas para coletar mais

mantimentos — disse Kazu —, e os Ameno mandaram um dos homens deles às fortalezas mais no interior para pedir ajuda aos Ginkawa. Os pescadores nos disseram que o ramo principal dos Ginkawa mantém grandes depósitos de alimentos para crises como esta, então isso deve ajudar a manter seu povo alimentado por um tempo.

— Se eles estiverem dispostos a ajudar.

— Claro que vão ajudar. Todos nós temos o sangue dos deuses.

Misaki não compartilhava da confiança do irmão, mas no fim ele se provou certo. No dia seguinte, novas flâmulas surgiram na encosta, portando o prateado dragão de rio da família Ginkawa.

Séculos antes, as grandes casas de Shirojima — Matsuda, Tsusano, Ginkawa e Yukino — tinham batalhado entre si amargamente por supremacia. Era estranho que houvessem se tornado todas um só povo, lutando pela sobrevivência contra os ranganeses e um império que parecia determinado a negligenciar o modo de vida que representavam.

Logo após o ataque, Misaki não estivera tão ciente da ausência do cunhado, mas esta foi se tornando mais palpável com o passar dos dias. Takashi poderia não ter sido ideal para gerenciar a vila após um desastre, mas pelo menos teria tomado controle da situação. Tudo que Takeru oferecia aos voluntários que chegavam era um cumprimento formal e frio, e instruções mínimas.

Takeru estava recebendo um novo grupo de voluntários quando Mizumaki Fuyuko chegou correndo ao círculo.

— Mizumaki-san — disse, surpreso, quando a moça caiu de joelhos na neve diante dele. — O que está fazendo? Estamos no meio de...

— Matsuda-dono! — cortou ela, ofegante, estridente, tão sem ar que, por um momento, mal conseguiu falar. — Desculpe interromper. O senhor precisa vir agora mesmo.

— Ir aonde?

— À vila dos ferreiros. — Fuyuko arfava. — Os soldados, e-eles estão... O senhor precisa ver o que estão fazendo!

Takeru e os outros homens seguiram Fuyuko. Após amarrar Izumo às costas às pressas, Misaki os seguiu também. Quando chegaram à vila dos ferreiros, os yammankalu tinham desmontado as tendas e cavado um enorme fosso. O buraco, embora mal chegasse a um marco de profundidade, ocupava quase toda a área do que fora a vila dos ferreiros. Dentro dele, os soldados haviam jogado centenas de corpos coletados nos últimos dias — ranganeses e kaigeneses, guerreiros e civis, todos empilhados juntos.

Era fácil identificar o azul Matsuda entre o amarelo e o preto. Mamoru jazia em um amontoado de cadáveres fonyakalu, a cabeça descansando no ombro de um numuwu em pedaços. O corpo de uma criancinha estava caído em cima dele, tão terrivelmente queimado que não dava para identificar a qual kafo ou família pertencia.

Se a cena não tivesse deixado Misaki paralisada de horror, ela teria admirado a eficiência. Apenas o exército yammanka conseguiria mover tanta terra e tantos corpos em alguns waatinu, e estava claro que queriam completar a tarefa o quanto antes. A onda de habitantes da vila que Mizumaki Fuyuko trouxera montanha abaixo imediatamente começou a soltar exclamações horrorizadas, exigindo saber o que os soldados estavam fazendo.

Os poucos yammankalu restantes juntaram seus equipamentos às pressas e partiram enquanto os moradores se aproximavam. Era evidente que tinham encerrado suas ações em Takayubi, agora que a investigação secreta fora concluída e que tinham feito todo o trabalho braçal que as tropas imperiais do coronel Song eram fracas e desorganizadas demais para realizar.

— *Coronel Song* — chamou Takeru, marchando até o homem arrogante parado sobre o monte de terra em seu distinto hanbok —, *o que está acontecendo aqui?*

– *Queira recuar, Matsuda* – disse o coronel, sem qualquer interesse na

presença de Takeru —, *e diga a seus conterrâneos para voltarem ao trabalho. Eles não precisam ver isso.*

– *Não posso* — retrucou Takeru.

O coronel ergueu a sobrancelha.

– *Como é?*

– *Os corpos dos parentes deles estão aqui. Não posso mandar que se afastem.*

O coronel lançou a Takeru um olhar ácido, como se o patriarca Matsuda fosse uma mosca que encontrara no chá.

— *Está bem* — disse ele, e deu um sinal a seus soldados, que avançaram e agarraram as mulheres em prantos, afastando-as à força do fosso.

Ali perto, um dos Ginkawa Aoki interveio, tentando afastar um soldado de uma mulher que gritava. O soldado o golpeou. Não foi bem um soco, mas um tapa com o dorso da mão — como se faria com uma criança malcriada. O som cortou o caos crescente, fazendo todos pararem e trocarem olhares de incredulidade indignada. O homem Ginkawa parecia mais chocado do que qualquer outra coisa.

Foi uma das mulheres quem se pronunciou primeiro.

— Como se atreve? — rosnou ela para o soldado. — Você sabe quem ele é? Ele lutou para proteger este império! Como se *atreve*?

Jiya se ergueu entre os moradores da vila e seus ajudantes. Mãos dos dois lados correram às espadas.

– *Desarmem qualquer um que resistir* – disse o coronel, com frieza.

A parte irracional e violenta de Misaki queria que o coronel fosse em frente e tentasse. Que visse se aqueles soldados patéticos e idiotizados teriam sorte de sobreviver contra a dúzia de soldados Ameno e Ginkawa. Que os Deuses os ajudassem caso enfrentassem Takeru ou Kazu.

— Recuem! — comandou Takeru, a voz ribombando pelo fosso. — Ginkawa, Ameno, povo de Takeru, recuem!

Houve um momento de imobilidade tensa.

Então, devagar, as mães enlutadas e os voluntários deram passos para trás, mãos abandonando o cabo das espadas, e a onda coletiva de jiya se amenizou como uma maré baixando. O coronel Song ergueu as sobrancelhas, parecendo um tanto impressionado com a obediência imediata.

– *O senhor ainda não se explicou, coronel.* – A voz de Takeru assumira um tom perigoso. — *O que pensa que está fazendo?*

– *Estes corpos serão queimados* – respondeu o coronel, como se fosse perfeitamente normal jogar corpos de guerreiros caídos em um buraco, feito lixo.

— *Todos eles?*

– *É o procedimento-padrão, para prevenir doenças.*

Foi só então que Misaki reparou na camada de tábuas e vigas empilhadas sob os corpos, no fundo do buraco. Os soldados que tinham ido coletar madeira das casas desmoronadas não estavam ajudando a limpar os destroços de Takayubi; estavam catando lenha.

— *Mas os kaigeneses devem ser devolvidos às famílias para os devidos rituais funerários* – argumentou Takeru.

— *É a vontade do imperador. Precisamos manter sua vila limpa.*

– *Entendo isso, mas certamente o senhor pode ao menos deixar que as famílias fiquem com os corpos de seus parentes. Garanto que eles serão devidamente cremados de imediato.*

– *Sinto muito, Matsuda. É o procedimento-padrão* – disse o homem, o tom rude.

– *O corpo do nosso filho está lá embaixo!* — explodiu Misaki, sem conseguir mais segurar a língua. Takeru sequer rezara sobre Mamoru. Que tipo de pessoa queimava o corpo de um garoto sem permitir que seu pai rezasse? — *Yukino Dai está lá embaixo. Você não pode...*

— Cale-se, Misaki — sibilou Takeru. — *General, peço desculpas pelo comportamento da minha esposa.*

– *Não se preocupe. Ela passou por muita coisa* — disse o coronel, com uma simpatia totalmente falsa.

– Mas se todos esses corpos forem queimados aqui, como meu povo vai poder colocar seus mortos para descansar? — Takeru deu voz à pergunta berrando na cabeça de Misaki. — *Precisamos dar túmulos a eles.*

– Não haverá nenhum túmulo marcado — respondeu o coronel Song —*, e esse povo não é* seu*, Matsuda. Todos esses moradores pertencem ao imperador.*

Misaki olhou para o marido, viu-o flexionar a mão. Não sabia por que esperava que ele discutisse com aquele homem insuportável. Takeru havia aguentado coisa pior do próprio pai e do irmão sem protestar. Havia aceitado a ordem de deixar o próprio filho para morrer sem protestar.

— Não tive a intenção de ser desrespeitoso, coronel. – Takeru baixou a cabeça. — *Tenho certeza de que o imperador tem seus motivos.*

A boca do homem se curvou em um sorriso condescendente.

– Você é um homem esperto, Matsuda. Acho que vamos trabalhar bem juntos.

Takeru assentiu. Do outro lado do fosso, os poucos tajakalu restantes estavam acendendo tochas para os soldados kaigeneses.

— Na ausência de um prefeito aprovado pelo governo, você concorda em se responsabilizar por esta vila nos próximos meses?

– Claro, senhor.

– Então, garanta que essas pessoas entendam uma coisa: ninguém deve falar do ataque ranganês. Se alguém de fora perguntar, os mortos foram vítimas de outra tempestade costeira.

– Eles morreram em batalha – disse Takeru.

— Não. – Song assentiu para seus homens, que jogaram as tochas no buraco, acendendo a pira. — *Eles morreram em uma tempestade.*

O fogo pegou em tecido amarelo. Conforme o som de carne humana queimando se ergueu da pilha, Misaki enfim compreendeu. Os corpos não estavam sendo destruídos para prevenir doenças. O império estava queimando todas as evidências do ataque.

– O imperador reconhece o sacrifício que fizeram aqui e é grato pelo seu serviço.

Decerto, para súditos tão leais, isso basta.

– Claro... Isso basta – disse Takeru, impassível.

– Os yammankalu partirão esta noite, e eu partirei com meus homens amanhã.

– Amanhã? – Takeru olhou surpreso para Song. *– Ninguém vai ficar para nos ajudar na reconstrução?*

– Infelizmente, as forças do imperador têm muita coisa com que lidar no momento. Meus superiores da capital voltarão em dois meses para conferir se tudo está seguindo conforme a vontade do imperador.

– Devemos esperar ajuda quando vierem?

A voz de Takeru, claro, não traía qualquer desespero, mas a situação era desesperadora. Estavam no meio do inverno e a maioria das pessoas não tinha casas onde se abrigar. Voluntários das redondezas estavam ajudando com boa vontade por enquanto, mas Takayubi não tinha como contar com a generosidade deles até o inverno passar.

– É possível que, então, venha alguma ajuda. – O coronel Song cruzou os braços. *– Veremos se tudo está seguindo conforme a vontade do imperador.*

O significado era claro: *fiquem calados e quem sabe consigam a ajuda de que precisam para sobreviver. Sejam cães bonzinhos, e quem sabe sobrevivam.*

Takeru ficou imóvel por um momento, encarando as chamas que escalavam a pilha em direção ao corpo de Mamoru.

– Com licença. Tenho assuntos para resolver – disse Takeru, depois de um momento, então deu meia-volta e partiu, deixando Misaki nos limites do fosso com o coronel Song, cercada pelos soluços e lamentos das mulheres de Takayubi.

– Sinto muito pelo seu filho – disse o coronel –*, mas tenho certeza de que um bom rapaz kaigenês feito ele ficou mais do que feliz de morrer pelo imperador. Decerto você está orgulhosa de que sua família tenha podido servir ao Império.*

Misaki respirou fundo, pronta para dizer ao coronel exatamente o que pensava do Império, mas nesse momento Izumo se remexeu contra suas

costas, e ela se deu conta de que não podia. Aquele homem representava o Império em si; caso o insultasse e ele a considerasse uma traidora, teria justificativas para dar fim a toda a sua família. Ela seria a única responsável pelo fim das linhagens Matsuda e Tsusano, e todo aquele sofrimento teria sido por nada.

O coronel Song a encarou com uma expressão tranquilamente expectante, como se a desafiasse a dizer o que estava na ponta de sua língua. Misaki cerrou os dentes para conter as palavras. A dor aflorou em seu peito, consequência de quando a guerreira dos leques tentara sugar a alma de seu corpo.

Foi assim que Ranga começou, percebeu ela. *Com um fôlego preso por tempo demais, com um povo que não suportava mais responder a homens como esse.*

Só que Ranga fora comprada com centenas de milhares de vidas, e Misaki não podia sacrificar mais nenhuma. Fechou a boca e baixou os olhos para o fogo que aumentava.

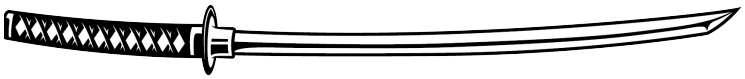
— *Você passou por dias difíceis, Matsuda. Talvez não devesse ficar assistindo a isso* – continuou o coronel.

– *Hum. Talvez não* — disse Misaki, sem tirar os olhos da pira.

Manteve os olhos abertos e viu Mamoru queimar. Era a única rebeldia possível para ela.

24

O império



Tentativas mais empenhadas que a de Takeru foram feitas para dissuadir o coronel do incêndio em massa. Kwang Tae-min, Kazu e os principais representantes dos Ameno imploraram que o homem parasse assim que se deram conta do que estava acontecendo, mas àquela altura as chamas já haviam transformado a maioria dos cadáveres em cascas escurecidas. Em algumas waatinu, não passariam de cinzas.

Quando o coronel reuniu os moradores e voluntários e repassou a eles as ordens do imperador, não se via Takeru em lugar algum. Houve protestos. Mesmo o mais leal e iludido dos cidadãos kaigeneses não estava disposto a sacrificar a dignidade de seus falecidos entes queridos sem se impor.

O coronel, no entanto, não parava de repetir: "*Essa é a vontade do imperador. Decerto vocês não querem desagradar o imperador.*"

Por fim, os protestos se dissolveram em lágrimas silenciosas.

Com Takeru ainda sumido, os principais voluntários das casas Ameno e Ginkawa fizeram o possível para tranquilizar as pessoas e manter a ordem. As pessoas começaram até a se voltar para as mulheres da casa em busca de orientação.

Naquela noite, Misaki e Setsuko se pegaram cercadas de mulheres que não queriam levar suas queixas aos homens por questão de decência, ou que

tinham ficado insatisfeitas com as respostas deles. Todas se reuniam no dormitório improvisado que antes fora o dojo Matsuda.

Durante a noite, os homens — sobreviventes e voluntários que não tinham uma vila próxima aonde ir passar a noite — mal cabiam nos quartos intactos da propriedade. O dojo era um espaço masculino sagrado, mas era o único cômodo fechado grande o bastante para abrigar todas as mulheres e crianças sem teto. Takeru removera o santuário e a prateleira de armas.

Agora, toda noite, o dojo construído para acomodar cinquenta estudantes de esgrima se tornava dormitório de vinte e poucas mulheres e seus filhos — e, naquele dia, um lugar para que fizessem a própria assembleia.

— Como eles puderam fazer isso? — perguntou Mizumaki Fuyuko pelo que pareceu a décima vez. — Queimaram nossos mortos e agora nem permitem que nos lembremos deles?

— Ainda podemos nos lembrar deles, Mizumaki-san — disse Misaki, tentando soar reconfortante, embora fosse difícil manter um ar tranquilizador quando suas palavras eram tão obviamente vazias. — Sempre vamos lembrar... só não podemos mencionar como eles morreram.

— Isso *não é* se lembrar deles — rebateu Fuyushi, a mãe de Fuyuko, com raiva. — Não como eles eram. Meu marido e meu filho, seu filho — ela se voltou para Misaki —, e seu marido — disse ela para Setsuko —, e o seu — para Hyori —, e todos os nossos homens, eles eram guerreiros. Se não nos lembrarmos da maneira como morreram, não vamos nos lembrar de quem eles eram.

As mulheres silenciaram. Ninguém podia contradizer Mizumaki Fuyushi.

— E nem tente me dizer que podemos lembrar sem falar do que aconteceu aqui — acrescentou a mulher mais velha, acabando com a parca tentativa de resposta de Misaki antes mesmo que tomasse forma em seus lábios. — O legado de um guerreiro é essencial para sua alma. Negar essa luta, para nós mesmas ou para qualquer outra pessoa, é o maior desserviço que podemos fazer aos nossos mortos.

— E isso sem falar dos indefesos que foram assassinados — disse Mayumi, uma das poucas sobreviventes Katakouri. — Nossas amigas, os numuwu, os finawu e os bebês. — A viúva do arqueiro estava chorando, mas as lágrimas só pareceram deixar sua voz mais forte. — Devemos negar tudo que eles sofreram?

Por muitos anos, Misaki desdenhara daquelas pessoas por engolirem toda a propaganda do Império. Por muitos anos, aquela ignorância caipira a frustrara. Era uma experiência estranha — estranha e triste — ver uma vila inteira se dar conta do que ela descobrira muito tempo antes: o imperador era muito mais um tirano egoísta do que um pai protetor.

Diante daquela terrível revelação, as mulheres de Takayubi se mostravam mais fortes do que ela esperara. Apesar de toda a delicadeza e o recato, aquelas nobres eram bem-educadas, versadas em poesia, história e filosofia kaigenesas. Podiam ter crescido em uma cultura negacionista, mas, quando confrontadas com a maldita verdade, eram mais do que capazes de compreendê-la. Eram mais do que capazes de se enraivecer. Misaki desejou saber como acalmar aquela fúria. Se soubesse, talvez tivesse se poupado de anos de angústia.

— Parece que o imperador nem se importa! — Mizumaki Fuyushi ergueu a voz, os olhos marejados. — Como eles puderam fazer isso? Como *vocês* puderam deixar que eles fizessem isso? — questionou ela, voltando-se, furiosa, para Misaki. — Sua casa deveria nos proteger! Seu marido some enquanto nossos mortos nos são roubados, e agora você nos diz para apenas esquecer...

— Ei, não precisa falar assim com ela — interrompeu Setsuko, em tom ríspido.

— Ela está nos dizendo para negar o que aconteceu com nossa família. Ela é uma covarde...

— Olha lá como fala! — gritou Setsuko, e Mizumaki Fuyushi não foi a única a se sobressaltar. Ninguém jamais ouvira Matsuda Setsuko, a simpática e sincera peixeira, usar aquele tom com ninguém. — Sei que está com raiva, mas

somos todas damas aqui, e seria bom prestar atenção no que diz — avisou ela, provando que podia ser tão imperiosa e autoritária quanto qualquer koro de berço nobre. — Misaki é a esposa do chefe desta vila. Dirija-se a ela com respeito.

Fez-se um silêncio aturdido.

Então, Fuyushi baixou a cabeça para Setsuko.

— Perdão, Matsuda-dono.

— Não preciso que se desculpe, Mizumaki. Sou apenas a filha viúva de um pescador. Peça perdão a ela. — Setsuko apontou para Misaki.

Mizumaki Fuyushi se curvou.

— Perdão, Matsuda-dono.

— A porra do mundo todo parece querer que a gente morra — disse Setsuko, ignorando as poucas mulheres que se retraíram diante da linguagem chula. — Não podemos nos dar ao luxo de atacar umas às outras feito um bando de cães raivosos. Se você soubesse do que está falando, Misaki-sama seria a última pessoa com quem gritaria. Ela lutou mais do que qualquer uma de nós para proteger esta vila.

— É verdade — interveio Hyori, baixinho. Era a primeira vez que ela se pronunciava. — Durante o ataque, Misaki-san voltou para me buscar, mesmo que as bombas já estivessem caindo. Quando eu estava fraca demais para andar, ela me carregou para o abrigo. Se ela não tivesse voltado, eu teria morrido com meu filho.

— Sinto muito... eu não sabia — disse Fuyushi.

— Ela até tentou nos avisar — acrescentou Hyori —, meses atrás, antes de haver qualquer notícia das tempestades, ela tentou dizer que os ranganeses podiam estar vindo... para mim e para Setsuko-san. Nós não demos ouvidos. — Hyori estava encarando o próprio colo, com um olhar vulnerável e triste. — Deveríamos escutar o que ela tem a dizer agora.

— Então, você sabia que o Império estava mentindo para nós? Sabia que

seríamos atacados? — questionou Mayumi

— Não. Apenas suspeitava — respondeu Misaki.

— Então, por que não disse nada? — perguntou Mizumaki Fuyushi.

Misaki respirou fundo, então respondeu:

— Pelo mesmo motivo por que vocês não vão dizer nada.

— Como assim?

— O Império pode não ser mais tão forte quanto antigamente, mas ainda *é* perigoso. O imperador pode não ter as melhores forças militares, mas *possui* assassinos competentes. Se formos muito explícitos em nossas críticas, tenho medo de que pessoas comecem a desaparecer.

— Mas... o imperador não faria isso conosco! Nossos homens protegeram as fronteiras! — protestou Katakouri Mayumi.

— E então ele mandou queimar todos os corpos sem os rituais — lembrou Setsuko. — Não acho que o imperador se importe com o serviço que prestaram. Não acho que se importe nem um pouco com a gente.

— Ora, isso não está certo! — protestou Mayumi, e as outras exclamaram concordâncias. — Precisamos fazer alguma coisa. Precisamos impedi-los.

Misaki balançou a cabeça.

— Desafiar o Império não vai mudar nada; só vamos acabar mortas.

— Então, o que podemos fazer? — perguntou Mizumaki Fuyuko, e Misaki reconheceu o tremor na voz da moça... aquela falha insuportável de quando a raiva dava lugar à impotência. — O que podemos fazer pelos nossos mortos? Como podemos honrá-los?

— Podemos viver. Podemos manter Takayubi viva por eles — respondeu Misaki.

Parecia uma oferta miserável.

— Mas...

— Escute, Fuyuko — disse Misaki, com cuidado —, alguns meses atrás, meu filho, Mamoru, me procurou em busca de orientação. Acho que as

circunstâncias não importam, mas ele tinha descoberto certas coisas sobre as mentiras que o Império nos conta. Ele me perguntou como podia lutar por um Império em que não confiava.

— E o que a senhora disse, Matsuda-dono?

— Confesso que, de início, não tive uma boa resposta para dar, mas ele era um garoto esperto... mais esperto do que a mãe, eu acho. Na última vez que falei com ele, Mamoru tinha decidido que, se inimigos chegassem a Takayubi, lutaria de qualquer jeito. Independentemente das ordens do Imperador, ou de ser lembrado por isso, lutaria para proteger o povo desta montanha e todos os fazendeiros e pescadores além dela. E foi isso que ele fez. Ele...

Misaki parou, engolindo em seco. Não queria chorar na frente daquelas mulheres, não quando estava tentando lhes transmitir força. Mas elas precisavam saber.

As filhas, esposas e mães não eram as únicas prestando atenção em suas palavras. Hiroshi estava ali perto, ouvindo com uma atenção desesperada. Ninguém falara com ele a respeito da morte de Mamoru, exceto para dizer que seu irmão mais velho não ia voltar. Ele tinha apenas 5 anos, afinal. Mas já havia visto coisas — *feito* coisas — que não eram próprias a nenhum menino daquela idade. Talvez ele precisasse ouvir. Se ia tomar o lugar de Mamoru e encarar o irmão mais velho como modelo, a memória dele precisava ter significado. Se ia seguir em frente sabendo que tinha que matar pessoas, então essas mortes precisavam ter significado. Cada par de olhos focado em Misaki estava angustiado e tenso. Para todos eles, tudo aquilo precisava ter significado.

— Mamoru morreu lutando, com diversos ferimentos, incluindo dentes perdidos e uma ferida tão profunda na barriga que ele deveria ter ficado logo incapacitado. Mas ele permaneceu de pé e lutou.

As lágrimas que não se permitia derramar corriam pelo rosto das outras mulheres.

— Takayubi por si só era motivo suficiente para ele lutar em meio a tanta dor. Só posso imaginar que muitos dos companheiros de luta de Mamoru, os maridos, pais, irmãos e filhos de vocês, pensavam o mesmo. Com ou sem Império, acho que muitos deles teriam morrido para proteger esta montanha.

Misaki viu no rosto das mulheres que tinha se conectado com elas. Elas entendiam.

— Eles entregaram a vida para proteger Takayubi — continuou Misaki, a voz mais forte do que esperava. — Agora, é nossa vez de protegê-la. É isso que podemos fazer por eles.

— O que podemos fazer por eles é... nada? — perguntou Mayumi.

— Sobreviver é mais do que nada, Katakouri-san. Nós vamos sobreviver — disse Setsuko.

— Como? Sem a ajuda do governo, não vamos aguentar o inverno.

Setsuko riu.

— Claro que vamos, sua boboca.

— Como tem tanta certeza? — perguntou Fuyushi.

— Porque já fiz isso antes... — Setsuko tirou um momento para contar nos dedos. — Vinte e quatro vezes. Lembrem, antes de me casar com Takashi-sama, nyama para sua alma, eu morava na vila de pescadores no pé da montanha. Não tínhamos muita comida durante o inverno, mas sempre demos um jeito.

— Mas... nós não somos peixeiras — disse Fuyuko.

— Tem razão — respondeu Setsuko, animada. — Vocês são de linhagens superiores. São descendentes de guerreiros, todas vocês. O mesmo sangue que tornou seus pais, irmãos e filhos guerreiros poderosos corre em suas veias, não é?

— Sim. — As mulheres assentiram, hesitantes.

— Certo. — Setsuko abriu um grande sorriso. — Então, se um bando de peixeiras plebeias conseguia sobreviver a um inverno em Takayubi, não deve ser difícil para vocês, nobres. Sei que não estão acostumadas à escassez e a

desrespeitos, nem a terem que dormir em quartos lotados, mas são um bando forte. Vão ficar bem.

Enquanto Misaki via a esperança retornar ao cômodo, pensou mais uma vez que era uma pena que Takashi não tivesse trocado de lugar com Takeru. Setsuko daria — já estava dando — uma ótima líder para as mulheres da vila. Não havia muitas peixeiras capazes de se impor em uma sala cheia de nobres e adquirir sua lealdade.

— Graças aos Deuses por Setsuko — sussurrou Misaki, sentada na varanda da frente com o irmão, naquela noite.

Estava adiando ir para a cama e, convenientemente, Kazu também parecia inquieto demais para dormir, então lhe fornecia companhia.

— Não foi apenas Setsuko-san. Também ouvi muita gente falando de como você as inspirou e acalmou — respondeu ele.

— Eu? — disse Misaki, surpresa.

— Você é boa com pessoas, Nee-san.

— Eu sou o quê? — Misaki riu.

— Você é boa em se comunicar com as pessoas... animá-las, analisá-las. Sempre foi boa nisso.

Ao parar para pensar no assunto, percebeu que Kazu tinha razão. Em Ishihama, e em todo o período na Alvorecer, sempre partira para interações com outras pessoas com a confiança de que encontraria as palavras certas a dizer. Em algum ponto, entre a indiferença gélida de Takeru e as injúrias de Matsuda Susumu, perdera isso.

— Queria ter esse talento. — Kazu suspirou. — Queria ter feito mais para confortar essa gente.

— Bom, não é seu trabalho — observou Misaki.

Era o trabalho de Takeru, na verdade, mas ele ainda estava desaparecido.

— Eu só... estou abalado também — admitiu Kazu. — Não sabia que o Império faria isso. Você estudou em uma escola estrangeira, Nee-san. Tinha

alguma ideia?

— Não exatamente. Quer dizer, sabia que nosso governo não era transparente... Que governo é? Mas nunca imaginei algo nesse nível... Quem sabe se eu tivesse prestado mais atenção.

— Para mim, não faz sentido. Pensei que o imperador nos valorizasse, que quisesse nos manter fortes. O que está acontecendo?

— Não sei. — Misaki suspirou. — É evidente que há forças políticas em ação que nós não enxergamos.

— Claro, mas... existe alguma estratégia política que justifique isso?

Misaki apenas balançou a cabeça. Não sabia responder.

— Estou enjoado. — Kazu fez uma careta. — Como se meu próprio pai tivesse me apunhalado pelas costas.

— Kazu, se é isso que está acontecendo em Ishihama, você precisa voltar — respondeu ela.

Kazu não respondeu. Ficou com o olhar perdido adiante, a mandíbula cerrada, e Misaki viu pela expressão dele que andara pensando a mesma coisa o dia todo, mas não queria falar nada.

— Você disse que sua esposa tem medo de tempestades. Tenho certeza de que quer você ao lado dela.

— Mas as coisas estão tão piores aqui, Nee-san. Seu povo precisa de ajuda...

— Eu sei. Não vou negar, mas essa responsabilidade não é sua.

— E se isso *estiver* acontecendo em Ishihama, o que eu posso fazer? — Kazu apertou as mãos diante de si e as contorceu, os nós dos dedos empalidecendo. — Quer dizer... é o *exército imperial*, Nee-san. O que posso fazer?

— Pode estar ao lado do seu povo. Pode liderá-lo. As famílias de Ishihama não vão culpá-lo pelas ações do Império. Vão ficar gratas pela sua presença, por você fazer tudo o que pode.

Kazu pressionou os lábios e franziu a testa.

— Você tem razão, Nee-san — sussurrou ele, por fim. — Sempre tem. Se você

ao menos tivesse sido meu irmão mais velho...

— Você não se dá o devido crédito — interrompeu Misaki —, assim como Tou-sama, se ele ainda fica falando essas coisas. O trabalho que você fez aqui, a liderança que demonstrou, foi admirável.

— Não me provoque, Nee-san. Eu estava tentando elogiar você.

— Estou falando sério. Eu não ia querer mais ninguém na liderança da minha antiga casa.

Kazu balançou a cabeça, olhando para a irmã como se tivesse certeza de que aquilo era alguma armadilha.

— O que...

— Você tem uma coisa que muitos teonitas poderosos não têm, incluindo sua irmã mais velha. — Ela o olhou nos olhos. — Você é uma boa pessoa, Tsusano-dono. — Pela primeira vez, ela usou o título sem ironia. — Realmente se tornou o que Tou-sama era, algo maior que si mesmo. Talvez não entenda, mas estou muito orgulhosa de você.

Na manhã seguinte, quando Misaki se despediu do irmão, Takeru ainda não tinha aparecido.

— Vou deixar alguns homens aqui para cuidar do seu povo — disse Kazu.

— Eles não têm famílias que precisam deles?

— Hakuyu-san não é casado, e os dois Umiiro se ofereceram para ficar.

— Está bem. — Misaki sorriu. — Não precisa...

— Precisa, sim. Tenho que garantir que você esteja em segurança — disse Kazu, sério.

A primeira coisa que os homens de Kazu resolveram fazer foi subir a montanha para procurar Takeru, que ainda não voltara ao meio-dia.

Foi Misaki quem acabou por encontrá-lo, na clareira nevada acima da Academia Kumono. Ninguém pensara em procurar tão alto na montanha. Ele

estava empoleirado perto da beirada de uma plataforma, em sua pose de meditação favorita, com um joelho no chão, a cabeça abaixada, e as duas mãos abertas no solo.

— Takeru-sama? — chamou ela, quando conseguiu fôlego suficiente nos pulmões doloridos.

O jiya dele estava tão imóvel, o corpo tão frio, que ele parecia parte da neve. O jiya sensível a sangue de Misaki mal captara os batimentos e o fluxo sanguíneo inumanamente fracos. Se não fosse pelo haori azul dos Matsuda, talvez ele tivesse passado despercebido.

— Takeru-sama — chamou, mais alto.

Um tremor dos ombros, um perturbador vislumbre de movimento naquela imagem de perfeita imobilidade. Então, devagar, ele se endireitou. As palmas deixaram a neve, os olhos se abriram e a nyama voltou ao normal; os batimentos e o fluxo sanguíneo de um humano comum alcançaram os sentidos de Misaki.

— Você sabe que não deve me incomodar quando estou meditando.

— Foi isso que você ficou fazendo esse tempo todo? — Misaki se esforçou para não usar um tom raivoso. — Meditando?

— Sim — respondeu Takeru, sem a menor nota de arrependimento na voz.

— Você está aqui em cima há mais de um dia.

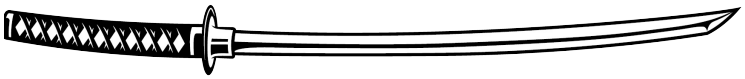
Takeru se pôs de pé e passou por Misaki, descendo a montanha sem outra palavra. Ela fechou as mãos em punhos.

— Nós precisávamos de você, sabia? — gritou ela para a insígnia Matsuda nas costas dele. — Seu povo precisava de você!

Ele apenas continuou andando.

25

Os deuses



Nos dias seguintes, bandos de finawu chegaram, arrastando-se montanha acima em suas longas túnicas vermelhas. Eles se desculparam profusamente pela demora, mas a jornada fora bastante longa. A religião Ryuhon praticada pelas grandes casas de Shirojima era uma antiga forma de Falleya, diferente da Nagino Falleya, praticada na maior parte de Kaigen. O templo de Takayubi fora um dos últimos baluartes da religião.

A pira onde Mamoru, Dai e centenas de outros tinham sido reduzidos a cinzas fora coberta com terra e compactada em um círculo asseado. O coronel Song proibira qualquer coisa que marcasse o local como uma cova, mas os finawu se reuniram ao redor do local em reverência e passaram dias entoando suas orações enquanto os moradores e voluntários se revezavam em se juntar a eles.

No segundo dia, Misaki visitou o túmulo, acompanhada dos filhos, o cabelo preso com um lenço branco. Trajes de luto tradicionais eram totalmente brancos, mas restavam poucos residentes de Takayubi que ainda tinham uma muda de roupa completa, quem dirá um traje de luto, de modo que improvisavam, amarrando retalhos brancos ao redor da cintura ou no cabelo.

Ironicamente, sua visita caiu no Ano-Novo, em geral uma época para decorações alegres, doces coloridos e esperanças para o futuro. Entretanto, o

Ano-Novo também era uma época importante para despachar maus espíritos, então Misaki considerou uma boa data para levar a família para rezar.

Os Matsuda passaram pelos rituais, pelas canções, e recitaram orações para Mamoru, embora Misaki tenha recusado educadamente a oferta dos espíritos mascarados de agir como intermediários em conversas com o filho.

— Falei bastante com o espírito de Mamoru após a morte dele, Fina-sama — explicou ela, com uma profunda reverência para o monge-sênior —, assim como seus irmãozinhos. Não temos mais nada a oferecer.

— E o pai do menino? — perguntou o homem calvo, em uma voz trêmula devido à idade. — Ele também já fez as orações?

— Eu... não sei, Fina-sama. — Isso não a fez parecer uma esposa muito boa, mas não era sábio mentir para um grão-monge Ryuhon. — Ele tem ficado muito recolhido desde a tempestade.

— Hum. Meditando, ouvi dizer?

— Sim, Fina-sama.

— Ele vai se juntar a vocês aqui, então?

— Em outro... — Misaki umedeceu os lábios. — Não acho que esteja nos planos dele, Fina-sama.

Não falava com Takeru desde que o encontrara meditando perto do cume de Takayubi.

— Hum. — As rugas no rosto do homem se reorganizaram para formar o que Misaki pensou ser uma carranca. — Isso não é bom, jovem Matsuda. Um homem e a esposa devem ficar juntos após a perda de um filho. O menino, quando vivo, era de vocês dois. Vocês não querem que o espírito dele seja dividido, mas não vêm aqui juntos.

— Sinto muito, Fina-sama. Vou conversar com meu marido e trazê-lo aqui amanhã.

— Não, criança — disse o fina, acenando lentamente com a mão marcada pela idade. — Se for forçado, não vai ajudar o espírito do seu filho em nada.

Seu marido deve vir por conta própria, porque deseja.

Misaki assentiu, secretamente aliviada de não ter que tentar ter aquela conversa com Takeru.

— Se possível, gostaria de falar com um mascarado pelo meu cunhado, Matsuda Takashi.

Precisava ver se podia perdoá-lo por suas últimas ordens.

Quando as orações terminaram, Misaki recolheu os filhos e se preparou para voltar montanha acima com os Kotetsu, que tinham aparecido para rezar no mesmo momento. Kwang Chul-hee estava com eles, mais para servir de apoio a Kotetsu Katashi, enquanto Atsushi cuidava dos irmãos mais novos. Kotetsu estava projetando uma cadeira em que conseguiria se mover com facilidade usando seu jiya, mas, enquanto não tinha as provisões para fazê-la, ainda precisava de Atsushi ou outras pessoas para ajudá-lo a se locomover. Com o mestre ferreiro relativamente inativo, a família numu demorara para ter a chance de rezar sobre o local de descanso daqueles que haviam perdido.

Durante os rituais, Chul-hee ficou esperando nos limites do círculo. Seu propósito era apenas ajudar Kotetsu, quando preciso, no caminho montanha acima, mas o garoto inquisitivo logo ficou fascinado pelos procedimentos. Pareceu contente quando Kotetsu decidiu descansar um pouco em um banco antes de encarar o caminho íngreme até a vila principal, que se tornara o único lugar habitável da montanha.

— Eu não entendi — murmurou o nortenho, encarando os monges cantantes nas túnicas vermelho-sangue. — Por que esses finawu diferentes?

— Os monges que praticam a religião imperial padrão, Nagino Falleya, não saberiam fazer os devidos rituais — explicou Misaki.

— Tem diferença?

Misaki, Kotetsu e até Atsushi deram risada da pergunta.

— O que foi?

— A Ryuhon Falleya é *bem* diferente da religião que você conhece, garoto —

respondeu Kotetsu.

— Como, Numuba? — perguntou Chul-hee.

— *Numuba.* — Kotetsu riu de novo diante do uso do título. — Repare que não usamos esses termos chiques dos yammankalu de que todo mundo gosta tanto.

— É. — Chul-hee pareceu constrangido. — Pensei que fosse coisa do dialeto.

— E é mesmo "coisa do dialeto", porque os falantes do dialeto de Shirojima não dão tanta importância à versão yammanka da origem do mundo e sua ordem.

— Mas... Yamma é o lugar da Primeira Plantação — disse Chul-hee, confuso.

— Se você acredita nessa história.

— Como é possível *não* acreditar, Numu Kotetsu? Vocês ainda adoram Nagi e Nami, como a gente, não?

— E o que Nagi e Nami significam para você, Nagino Falleka?

— São os filhos das sementes de mangue-vermelho plantadas pelos Falleke... Kiye, Deus da Alma e do Fogo, e Nyaare, Deusa da Carne e da Substância — recitou Chul-hee, mencionando uma história enraizada por meio de muitas repetições na escola. Sua voz até assumiu o tom vagamente melódico dos mitos Falleya importados de Yamma. — A de mangue-vermelho foi a sexta semente dos humanos ancestrais a nascer, depois de Kri e Sura, da primeira semente de baobá, Bemba e Sibi, da segunda semente de baobá, Nege e Joya, da primeira semente de acácia, Nyanga e Chaka, da segunda semente de acácia, e Sayandana, a Emissária da Morte, da semente de sicômoro.

— A sexta, é? — disse Kotetsu, parecendo achar certa graça.

— Isso. Suas vagens só se abriram quando Kiye e Nyaare colocaram fogo na terra para expurgar o mal da Emissária da Morte. Bemba as protegeu do fogo com seu corpo até Kri amansar as chamas e se tornar o primeiro tajaka. Então, quando a canção de Sura invocou as chuvas que inundaram o mundo, Nami e Nagi brotaram das sementes e tomaram a forma de peixes gigantes, para levar seus irmãos para a superfície da água. Depois de salvar os outros humanos

ancestrais do afogamento, eles descansaram e nadaram para leste com o fluxo, talhando na terra os Dois Grandes Rios Gêmeos de Yamma.

Recontar a história pareceu reconfortar Chul-hee, que encarava o grupo de estranhos finawu cantantes.

— Eles seguiram nadando para além do limite de Kelendugu, puxando junto a água que se tornou os oceanos do mundo. Não pararam até chegarem aqui e erguerem Kaigen das águas. Então, criaram os primeiros kaigeneses da espuma do mar... Por que está rindo?

— Nagi e Nami são deuses do oceano — disse Kotetsu.

— Isso — confirmou Chul-hee.

— E devemos acreditar que eles são apenas os filhos de deidades da terra e do fogo?

— Bom... Eu...

— Para nós, esse conceito de que todas as raças humanas vieram de sementes é absurdo — explicou Kotetsu. — É uma verdade irrefutável que toda a vida veio do oceano. Portanto, é lógico que os deuses originais sejam os deuses do oceano. Nagi e Nami não eram filhos de nenhum deus yammanka. Nami e Nagi *são* o Deus e a Deusa supremos, pais de todos nós.

— Espere... vocês negam a existência de Kiye e Nyaare? — Chul-hee pareceu extremamente escandalizado. — É isso que é a Ryuhon Falleya?

— Ah, não — disse Kotetsu, com sinceridade. — Nenhum desses monges chega ao ponto de dizer que Kiye e Nyaare, que vocês adoram, não existem. Aceitamos que a versão dos eventos em Yamma se desenrolou, *sim*, mais ou menos como é contado na Donkili; os yammankalu só interpretaram errado.

— Como assim?

— Nagi e Nami não eram *filhos* de Kiye e Nyaare. Eles eram os próprios criadores, apenas renascidos em outra forma.

— Então, basicamente... vocês acham que a mãe e o pai de tudo eram os deuses do oceano, não os deuses da terra e do fogo? — disse Chul-hee, devagar.

— Acho que não é a coisa mais maluca que já ouvi.

— Arautos celestes cantantes, domadores de fogo selvagem... essas coisas todas soam bem em canções... e talvez tenham existido, em algum momento, mas não foram os primeiros seres no Planeta Duna. Antes de tudo... das plantas, dos humanos e de outras criaturas... havia a água infinita. O oceano é a maior fonte de poder e de vida. Para nós, aqui em Shirojima, isso era óbvio desde antes de registros fósseis começarem a provar que temos razão.

O apelo a evidências científicas pareceu fazer Chul-hee hesitar.

— Mas... os registros fósseis também sugerem que humanos modernos se originaram em Yamma e depois migraram para o resto do mundo, como dizem as canções.

— Acho que isso seria relevante se nosso poder tivesse origem na vida humana — respondeu Kotetsu.

— Eu... o-o quê?

— Outra parte essencial da Ryuhon Falleya é o conhecimento de que somos descendentes dos deuses. Nagi e Nami não apenas criaram os humanos da espuma do mar como criaram vida na água muito antes disso, começando com as criaturas simples da pré-história. Algumas dessas primeiras criaturas eram feitas de pedaços dos próprios criadores... filhos de deuses, que então tiveram incontáveis gerações dos próprios filhos, e todos possuíam um fragmento do poder dos criadores.

"Esse sangue dos deuses ainda corre pelas maiores criaturas marinhas... os tubarões gigantes, a lula e os monstros há muito esquecidos que vivem nas profundezas. Pode ser que os descendentes de Nagi e Nami tenham tomado a forma humana primeiro em Yamma, entre outros humanos inferiores. Isso não importa. Muitos humanos têm muitos tipos de poder agora, mas apenas os descendentes diretos de Nagi e Nami são portadores do verdadeiro poder do oceano.

"É por isso que nós aqui em Shirojima somos praticantes tão devotos da

Ryuhon Falleya e tomamos tanto cuidado com nossas linhagens. Nós cuidamos do sangue dos deuses."

Chul-hee pareceu cético mas um tanto maravilhado. No mínimo, a audácia das palavras do ferreiro o impressionou.

— Então, a Ryuhon Falleya realmente acredita que os Matsuda e as outras famílias jijaka são descendentes diretos dos deuses do oceano? — Ele olhou de Kotetsu para Misaki.

— Mais ou menos — disse Misaki, sorrindo. — Algumas linhagens são mais puras que outras. A linhagem Matsuda é conhecida como a mais pura ao longo da história, seguida de perto pelas linhagens Yukino e Ginkawa. Depois, temos as famílias consideradas inferiores, mas ainda com uma quantidade significativa do sangue dos deuses, incluindo as linhagens Kotetsu, Ishino, Ameno, Katakouri e Tsusano. — Ela levou a mão ao peito. — Dizem que alguns ramos da família Mizumaki, como o que vive aqui em Takayubi, possuem sangue dos deuses, enquanto outros são apenas jijakalu comuns.

— Vocês falam como se desse mesmo para medir, Matsuda-dono — comentou Chul-hee, incrédulo.

— Bom — respondeu Misaki, balançando Izumo nos joelhos —, sua mitologia Nagino Falleya se propõe a contar os ancestrais de toda a humanidade em dez dedos.

— Dezesseis, Matsuda-dono. São *dezesseis* humanos ancestrais — disse ele, indignado.

— Ah, certo, desculpe. Já faz um tempo que não me atualizo nas heresias.

Chul-hee parecia ter levado um tapa na cara.

— Bom, agora sei de onde Mamoru puxou aquela... — Ele se interrompeu, com uma expressão consternada. — Desculpe.

— Ah, não, pode falar. — Misaki sorriu, estranhamente contente com aquela pequena distração providenciada por Chul-hee. — De onde Mamoru puxou o quê?

— Com todo o respeito ao espírito dele, Matsuda-dono... *aquela atitude* — completou Chul-hee. — Enfim, os dezesseis ancestrais são uma *metáfora*. Todo mundo sabe que provavelmente existiram mais de oito casais de pessoas ao mesmo tempo. O mito só explica a origem dos diferentes tipos de teonita. Quer dizer... os tajakalu não saem por aí afirmando serem mais ou menos descendentes de Bemba e Kri.

— Não, mas sua procissão milenar de reis, rainhas e generais, sim.

— É, mas faz sentido — protestou Chul-hee. — É uma oralidade bem-preservada, que tem poucos milênios de história. Eles não pensam que são descendentes de... deuses-peixes pré-históricos.

— Não é bem uma coisa que se *pensa*, mas que se *sente* — explicou Kotetsu, com calma —, de modo tão seguro quanto o retorno das neves e das marés. É um sentimento.

— Que conveniente. — Chul-hee sorriu, já à vontade o bastante com Kotetsu àquela altura para saber que o ferreiro não se incomodaria com suas tiradas irreverentes. — É algo que se sabe porque se sente. Não pode ser provado.

— Se você duvida, nunca deve ter presenciado um Matsuda sorvendo o poder das profundezas.

Chul-hee ficou quieto por um momento e seus olhos se ergueram rumo ao lago Kumono e à escola vazia, acima.

— Acho que presenciei.

— Ah, é?

— Vi Mamoru meditar, uma vez.

— E então?

— Ele... pareceu ver coisas que não tinha como saber. Estava escuro, mas ele mapeou a montanha toda de cabeça só com base na névoa sobre as pedras, no orvalho na grama e no fluxo dos riachos. Foi incrível.

Kotetsu deu de ombros.

— Se você acha que dá para fazer isso sem um fragmento do poder dos

deuses, então, tudo bem, continue com sua Nagino Falleya.

Chul-hee ficou em silêncio, o olhar perdido na direção do lago.

— Esses finawu estão aqui porque são os únicos que sabem como enviar as almas dos nossos mortos para o lugar a que pertencem, para os braços de sua verdadeira mãe, nas profundezas.

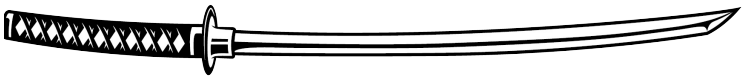
— A versão de vocês do Laaxara? — perguntou Chul-hee, ainda encarando o lago.

Kotetsu assentiu.

— O Oceano das Almas. — Ele ergueu a mão enorme e segurou o ombro de Chul-hee, arrancando-o do devaneio com um sobressalto. — Agora, seja um bom garoto e ajude a arrastar este velho saco de sangue dos deuses montanha acima.

26

O espírito



Os finawu Ryuhon eram benevolentes e cuidadosos, ouvindo sem pressa cada morador enlutado da vila e conduzindo-os pelas devidas orações e rituais. Alguns até concordaram em ficar, e tomaram residência no velho templo que fora a Academia Kumono, mas nem seus nobres esforços puseram todos os espíritos para descansar.

Misaki via Mamoru em seus sonhos. Às vezes, ela era o soldado ranganês que o matara — vibrando feito louca com a euforia do combate e voltando a si apenas quando encontrava o filho sangrando diante dela e a dor a partia ao meio.

Às vezes, ele estava em um dos corredores de casa, ou no dojo, parecendo próximo o bastante para ser tocado, mas de alguma maneira fora de alcance; em outras, ela revivia a luta no corredor escuro. Apunhalava o soldado no peito, só para descobrir Siradenyaa enterrada até o cabo no centro da insígnia Matsuda. Quando ela puxava a lâmina, não era o rapaz ranganês, mas Mamoru quem caía no chão, os olhos arregalados tomados pela traição. Misaki queria abraçá-lo, curar a ferida que sangrava, confortá-lo, mas não podia. Conseguia apenas ficar parada, observando-o partir, enquanto o sangue escorria por entre seus dedos dos pés.

Certa noite, o sonho permitiu que ela se movesse. Misaki tentou estancar o

sangue da ferida, mas acabou sugando-o do corpo do menino e o matando. Daquela vez, acordou ao som de gritos, mas não eram dela. Quando abriu os olhos, encontrou Nagasa se revirando nos cobertores ao lado, as costas arqueadas, os pés batendo contra o chão do dojo com uma força violenta. Hiroshi já estava segurando os ombros dele, tentando acordá-lo.

— É um pesadelo, Naga-kun. Acorda!

— Nii-san! Nii-san! — disse Nagasa, em agonia, mas, quando abriu os olhos, pareceu surpreso de ver Hiroshi acima dele. — Nii-san?

— Estou aqui, Naga-kun.

— Não. Cadê... — Os olhos de Nagasa correram pelos arredores, procurando no escuro, enquanto Misaki pousava a mão em sua cabeça de modo tranquilizador. — Cadê Nii-san? Cadê Mamoru?

— Ele não está aqui, Naga-kun. — Misaki acariciou o cabelo dele, cuja franja estava úmida de suor. — Ele se foi.

— Não, *não*! — Nagasa ergueu a voz, com raiva. — Ele estava *aqui*!

— Não, pequeno. Não. — Ela abraçou o terceiro filho junto ao peito, ainda acariciando seu cabelo. — Foi só um sonho.

Ela teria acordado as outras pessoas, mas Nagasa não era o único chorando. Havia tantos pesadelos naquele dojo que uma única criança em prantos não era nada. Misaki fez o que pôde para acalmar Nagasa, mas seus murmúrios escondiam medo e sofrimento profundos. O fato de não um, mas dois membros da família estarem vendo Mamoru de forma tão vívida decerto era um sinal de que havia um fantasma na propriedade. Parte de Mamoru ainda estava ali, presa ao Duna, sofrendo e representando perigo.

Da família Matsuda, Setsuko era a que estava se saindo melhor. Todo dia, quando o trabalho amainava, ela levava a pequena Ayumi à cova coletiva.

— Está vendo? — dizia ela, balançando a filha no quadril. — Seu pai está aqui. Seu pai era um herói, Ayumi. Nunca se esqueça disso. Seu pai era um herói, então nós vamos ser fortes por ele, certo? Vamos deixar o espírito dele

orgulhoso.

Ela era a única que parecia ter tirado forças da tragédia. Ter decidido que ia se vingar dos ranganeses ao viver ainda mais. Uma mulher mais fraca poderia chorar por não ter mais um homem para cuidar dela, ou se ressentir de Misaki por tomar seu lugar como principal dama da casa Matsuda, mas, longe de ficar se lamentando ou de ter inveja da concunhada, Setsuko pulava de energia, perguntando: “O que posso fazer para ajudar? O que você precisa que eu faça?”. Com Ayumi nas costas, ela trabalhava tanto quanto qualquer homem.

As únicas pessoas que trabalhavam tanto quanto Setsuko eram, surpreendentemente, os Kwang. Misaki esperara que pai e filho fossem embora assim que possível. As torres de info-com podiam ter salvado a vila, mas haviam sido destruídas, e Misaki não conseguia imaginar que alguém fosse querer ficar ali depois de tamanho trauma.

No entanto, o garoto da cidade e o pai se dedicaram à reconstrução da vila como se fizessem parte dela. Tae-min ajudou os numuwu a desmontarem as torres quebradas para que o metal fosse reutilizado na construção de novas casas, enquanto Chul-hee se voluntariara como mão de obra. O garoto nortenho mal tinha passado duas estações no Monte Takayubi, mas esse tempo o transformara. Seus braços tinham se preenchido de músculos dos meses treinando esgrima com Yukino Dai e Mamoru. Ele talvez nunca chegasse a um nível de proeza em combate para ser útil contra os ranganeses, mas sua nova força o tornava inestimável no pós-ataque.

Chul-hee acabou passando a maior parte do tempo ajudando Hyori a construir uma nova casa, com a ajuda de Atsushi. Ela era uma das poucas mulheres que tinham ficado sem nenhum parente homem, morador ou visitante, para ajudá-la. Sua irmã e seus familiares moravam na vila ocidental e tinham morrido nos primeiros momentos do ataque, as casas arrancadas da encosta da montanha antes que qualquer um tivesse tempo de se defender.

Nem seu marido nem o irmão mais novo voltaram da batalha, e seu filhinho fora assassinado diante de seus olhos. Hyori não tinha ninguém para cuidar dela em meio ao luto.

Misaki e Setsuko faziam o possível para visitá-la com frequência. Enquanto isso, Chul-hee e Atsushi performavam um trabalho admirável em mantê-la de bom humor. Os garotos mostraram a ela que a fundação da casa Yukino ainda estava em boas condições, mas respeitaram o desejo da mulher de não voltar a morar no lugar onde seu filho morrera, e começaram a erguer uma cabana para Hyori perto da propriedade Matsuda, onde Misaki e Setsuko poderiam cuidar dela com mais facilidade.

Um dia, ela apareceu enquanto Setsuko e Misaki reviravam as ruínas da propriedade Matsuda com dedos cheios de farpas, decidindo quais pedaços de madeira podiam ser reutilizados e quais eram inúteis.

— Hyori — disse Misaki, surpresa —, algum problema?

— Misaki... — Hyori estava com a mão na barriga.

Sentindo que a amiga queria que ela se aproximasse, Misaki desceu dos destroços e foi até ela.

— O que houve?

— Eu... — A mão de Hyori apertava a frente do quimono, trêmula. — Misaki... Eu estou grávida.

— O quê?

— Não sabia a quem contar. Eu...

— Tem certeza? — perguntou Misaki.

Fazia apenas quatro semanas, mas as mulheres jijaka quase sempre sabiam logo no início.

— Espere. Você está grávida? — exclamou Setsuko, vindo correndo até elas.

— E-estou — murmurou Hyori, retraindo-se.

— Isso é incrível! — Setsuko sorriu. — Significa que Dai ainda tem um filho. Você ainda tem parte dele. Que dia feliz!

Só que não havia felicidade no rosto de Hyori quando Misaki a encarou, apenas terror. Setsuko saiu correndo para contar aos vizinhos e Misaki teve que perguntar, apesar de a expressão de Hyori fazer com que temesse o pior.

— *É* de Dai?

— Não sei — disse Hyori, em um sussurro desesperado. — O tempo... não tenho como saber.

— Ah, Hyori-chan. — Ela tentou segurar as mãos da amiga, mas Hyori se afastou.

Horrorizada, Misaki viu a pouca esperança que Hyori reunira nas últimas semanas se evaporar.

— Eu devia ter morrido.

— Não diga isso! Você disse que não tem como saber. O bebê pode ser de Dai...

— E daí? — questionou Hyori. — E então? Mesmo que seja dele, como vou cuidar de uma criança? Estou desgraçada, não tenho nada, não tenho marido...

— Nós vamos cuidar de você. Setsuko e eu — prometeu Misaki.

— Como?

Hyori tinha razão. Exceto por algumas paredes de pé e um homem muito distante, a casa Matsuda não tinha muito mais recursos do que ela.

— Vou dar um jeito. Vou garantir que você e essa criança sejam bem-cuidadas, eu juro — teimou Misaki.

Hyori balançou a cabeça.

— Eu devia ter morrido.

— *Pare* de dizer isso! Hyori, por favor!

Mas o pensamento parecia ter se enraizado profundamente em Hyori, e nada do que Misaki ou qualquer outra pessoa dissesse o afastava.

— Teria sido melhor se eu tivesse morrido — repetia ela, naquela mesma voz vazia. — Acho que quando aquele soldado entrou na nossa casa, era para ter matado nós dois. Era para eu morrer.

— Não diga essas coisas, Yukino-san! — pediam os vizinhos e voluntários. — Você tem que viver. Está carregando o filho do seu marido.

Essa tentativa de conforto, em particular, em geral causava uma crise de choro e puxões de cabelo tão perturbadores que todo mundo decidia se afastar e dar espaço a Hyori. Não percebiam que só estavam cravando a faca ainda mais fundo.

Quatro semanas após o ataque, havia abrigos improvisados suficientes para as pessoas começarem a deixar a propriedade Matsuda. Misaki deveria ter ficado aliviada de saber que os residentes da vila tinham ao menos o início de novas casas, e sempre gostara de ter o próprio espaço; deveria ter sido agradável ver os numuwu feridos, as mulheres lamurientas e as crianças choronas deixando sua casa.

— Está meio solitário, né? — comentou Setsuko, depois que ela e Misaki ajudaram os Kotetsu a arrumarem as coisas e se despediram.

— Sim — murmurou Misaki. Era essa a palavra. Solitário.

— Por um tempinho, aqui ficou parecendo a minha casa... A cabana dos meus pais. Doze pessoas dormindo atulhadas em dois cômodos. Essa foi a pior parte de me mudar para cá... tanto silêncio e espaço vazio. Acho que eu não entendia por que vocês precisavam de tanto espaço para uma família tão pequena.

— É. — Misaki se lembrava daqueles primeiros dias após a mudança de Setsuko. A mulher grudara nela, insistindo que falasse e sorrisse. Não lhe ocorrera que Setsuko também estava procurando alguma coisa. — Olhando pelo lado positivo, boa parte da casa agora se foi.

Boa parte da família também.

Quando os cômodos estavam cheios de pessoas temporariamente sem teto, recuperando-se de ferimentos, reconfortando umas às outras e dormindo em cobertores no chão, não havia espaço para memórias. O vazio deixava a casa aberta a lembranças demais, no lugar onde Ryota gostava de correr atrás de

Nagasa, onde Takashi passava o tempo depois de seu drinque noturno, onde Mamoru se arrumava para a escola, estudava com Chul-hee e brincava com os irmãos...

Os pesadelos pioraram.

Um dia, quando voltou à propriedade, Misaki ficou consternada ao encontrar vazio o quarto que compartilhava com Takeru antes do ataque. No chão do dojo, entre tantas pessoas em choque e sofrendo, não era estranho que alguém ficasse murmurando no sono ou acordasse gritando. Não queria que Takeru ouvisse aquilo. Não queria dormir ao lado dele.

Ainda estava parada na porta, segurando com força o batente, quando sentiu o toque da nyama de Takeru na nuca.

— Misaki — disse ele, e seu tom indicava que já tinha repetido o chamado várias vezes.

— Desculpe... — Ela se virou para encará-lo. — O que houve?

— Encontrei uma coisa nos destroços.

— Ah.

Takeru deu um passo à frente e Misaki conteve o impulso de dar um passo atrás. Quando Mamoru nascera, ela odiara que a nyama dele lembrasse a do pai. Agora, odiava como a nyama de Takeru a lembrava de Mamoru. Não queria olhar para ele. Não queria que chegasse perto.

— O que é isso? — perguntou ele, erguendo Siradenyaa.

— Isso... — disse Misaki, olhando a arma — ... é meu.

Sequer passou por sua cabeça mentir. Houve um tempo em que temera a desaprovação do marido, vezes em que pensara que ele talvez a machucasse, mas, depois de vê-lo se curvar para um homem que roubara e queimara o corpo de seu filho, não conseguia mais levá-lo tão a sério. O que tinha a temer de um covarde desalmado e frouxo?

— Um amigo fez para mim, na Academia Alvorecer — explicou ela, desobedecendo de modo atrevido à ordem do marido de não falar do passado.

— Eu a escondi sob o assoalho da cozinha depois que nos casamos. É engraçado; pensei que nunca fosse precisar dela. Pensei que com certeza Matsuda Takeru, o maior espadachim de Shirojima, seria poderoso o bastante para proteger a própria família sem que sua esposa precisasse pegar numa arma. Acho que me enganei.

Takeru decidiu ignorar a ofensa óbvia. Em silêncio, ele estendeu a mão e largou Siradenyaa. Misaki se moveu de forma possessiva e agarrou a arma antes que caísse no chão, assumindo no automático sua pegada invertida favorita, perfeita para atacar um oponente tão próximo em um espaço fechado como um corredor.

— Hiroshi reconheceu essa lâmina. Disse que a usou para matar um homem de preto.

— Usou mesmo — respondeu Misaki. Por que se dar ao trabalho de mentir? Por que sequer medir palavras, se o marido obviamente não se importava? — O bom desta lâmina não é apenas a leveza, mas também que o fio é tão aguçado que facilita os golpes para uma mulher baixinha ou, pelo jeito, um garotinho.

— Você não deveria ter permitido que algo assim acontecesse. Ele é novo demais — disse Takeru, rígido.

Misaki ficou tão indignada que não conseguiu fazer nada além de encará-lo.

— Você deveria ter garantido que as crianças ficassem escondidas. Seu trabalho como mulher não é lutar...

— E o seu trabalho? — Misaki se pegou dizendo. — E a sua responsabilidade de manter esta família em segurança?

— Minhas ordens eram de proteger você, Setsuko e as crianças...

— *Eu* protegi Setsuko e as crianças. — Misaki sentiu o rosto se contorcer em um rosnado de raiva. — Havia cinco pessoas comigo em casa quando os ranganeses arrombaram as portas, e todas ainda estão aqui. — O rosnado dela se tornou predatório, e Misaki sentiu sede de sangue. — Só *um* dos seus filhos

estava com você. E onde ele está agora?

— Misaki...

— Onde ele está agora, Matsuda Takeru? Onde? — perguntou ela, feroz.

Um olhar predatório percorreu a expressão dele, enlouquecido e faminto. Não havia apenas o insultado dessa vez, mas cravado as presas no nervo mais sensível que encontrara. Tinha que haver raiva ali. Tinha que haver alguma coisa.

Ele apenas a encarou sem demonstrar nada, completamente neutro.

— Não preciso que fale comigo desse jeito. Recomponha-se.

Misaki fechou as mãos em punhos, um novo exército de insultos chegando à ponta de sua língua, mas então parou ao ouvir pés descalços no chão. Hiroshi entrou no corredor.

— Kaa-chan?

O garoto parou, encarando os pais. Calmo, ele olhou de Takeru para Misaki e depois para a espada na mão da mãe. Se ver a arma que tinha usado para matar outro ser humano o abalou, ele não demonstrou. No entanto, pareceu notar que interrompera alguma conversa séria, porque caiu de joelhos.

— Desculpem, Tou-sama, Kaa-chan. — Ele abaixou a cabeça com a elegância de um espadachim adulto. — O bebê acordou.

— Diga a Setsuko para cuidar disso — respondeu Takeru, desinteressado.

— Não — disse Misaki, antes que Hiroshi pudesse fazer menção de obedecer. — Tudo bem. Eu vou.

— Nós ainda não terminamos. — Takeru deu um passo na direção de Misaki, como se fosse fazê-la recuar para dentro do quarto, encurralá-la.

Misaki ergueu Siradenyaa entre os dois em uma pegada invertida, cabo para a frente. O peito de Takeru bateu na ponta sem fio da espada de vidro zilazeno e ele parou. Misaki o encarou em desafio. No momento, não estava numa postura agressiva — sequer era postura defensiva —, mas isso podia mudar com o menor movimento da lâmina. Outro mínimo passo forçaria

Misaki a ceder espaço ou a girar o pulso e feri-lo. A escolha era dele.

Takeru não se moveu.

Foi o que eu pensei, rosnou uma parte perversa de Misaki.

— Acho que terminamos, sim.

Baixando Siradenyaa, ela passou pelo marido paralisado e por Hiroshi, que parecia confuso, e saiu do corredor.

Izumo estava se remexendo no berço... bom, não era exatamente um berço, mas uma gaveta de escrivaninha acolchoada com peças de roupa sobressalentes. Misaki dera o antigo berço do menino a uma mulher com um bebê muito mais novo cuja casa fora destruída.

— Pronto, pronto, pequeno. — Ela fez carinho na barriga de Izumo, mas não podia pegá-lo no colo com Siradenyaa na mão. — Eu já volto.

Enfiando a mão atrás do berço-gaveta, ela puxou a bainha florida de Siradenyaa do esconderijo mais recente. Uma passada rápida de jiya limpou o sangue fonyaka seco da lâmina. Depois de embainhar Siradenyaa, Misaki escondeu a arma outra vez, se ajoelhou e pegou Izumo no colo.

— Yosh, yosh — sussurrou ela, embalando o bebê.

Izumo movia os bracinhos enquanto chorava, acertando sem querer o próprio rosto. Ela viu quando algumas lágrimas saltaram das bochechas dele, atraídas a seus dedinhos pela força de seu jiya. As gotículas salgadas flutuaram, cintilando por um momento, então caíram no tatame.

Mamoru e Hiroshi também já moviam gotinhas de água quando seus primeiros dentes começaram a nascer; Nagasa, na época em que começou a andar. Diferente dos irmãos, Izumo não estava se tornando mais frio conforme ficava mais forte. Ainda não era escaldante como um jijaka, mas seu modesto calor humano a lembrava do das poucas crianças adynas que Misaki já segurara.

A questão não era apenas a temperatura agradável do corpo de Izumo; Misaki passara a adorar sentir a nyama dele, que não era dura, mas fluida, e

nunca confrontava o frio dela, mas o envolvia até que, aos poucos, os dois derretiam juntos e se tornavam líquidos. Ele revivia nela um sentimento antigo de ser adaptável, fluida e livre.

Misaki deixou que a sensação de ter o quarto filho contra o peito a acalmasse, amainasse a raiva.

Planejara passar o resto do dia ajudando Takeru e Setsuko no trabalho exaustivo de limpar os destroços da propriedade Matsuda, mas, quando contemplou a ideia de ver o marido de novo, percebeu que não aguentaria, de modo que amarrou Izumo ao peito e saiu de casa para visitar Hyori.

Visitas à cabana da mulher não eram experiências muito alegres, mas a amiga precisava de companhia e, naquele momento, Misaki adentraria até mesmo o Inferno se Takeru não estivesse lá.

Hyori a recebeu com a educação de sempre, convidando Misaki a entrar no espaço frio e apertado e desculpando-se por não ter comida a oferecer — como se algum deles tivesse.

— Desculpe pelo frio. Os meninos ainda estão me ajudando com o isolamento.

— Eu moro com os Matsuda. Estou acostumada ao frio.

— Estou preocupada — admitiu Hyori, assim que se ajoelharam juntas no tatame.

— Por quê?

— Este bebê... Não sinto a mesma coisa que sentia com Ryota.

— Bom, não senti a mesma coisa com nenhum dos meus filhos. Hiroshi era muito mais frio que os outros... — disse Misaki.

— Não parece um jijaka.

Misaki hesitou.

— Você sequer teve tempo de assimilar que está grávida, Hyori-chan. Com certeza ainda está cedo demais para você ter certeza disso.

— Talvez... — Hyori pousou a mão na barriga, o polegar esfregando

nervosamente seu obi.

Mesmo em meio ao caos angustiante da própria vida, Misaki ainda tinha um choque de realidade ao pensar na situação de Hyori. Se o bebê fosse do marido, a vida seria difícil. Sem família para apoiá-la, ela teria que trabalhar para sustentar a criança... uma perspectiva assustadora para uma garota nobre que fora criada para ser dona de casa. E não havia lá uma abundância de empregos em Takayubi.

Se o filho não fosse de Dai, tudo seria muito pior. Misaki passara um bom tempo de suas noites insones tentando pensar no que poderia ser feito para ajudar Hyori nesse cenário. O que podia fazer para facilitar a vida da amiga? Tanta reflexão não deu em nada. Todo mundo ficaria sabendo do acontecido. Hyori passaria o resto da vida carregando uma vergonha que não lhe cabia. E a criança... Misaki estremecia ao pensar em como as pessoas reagiriam ao bebê, mas não podia demonstrar sua apreensão. Hyori não precisava que Misaki piorasse seu nervosismo.

— Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. — Misaki fez o que pôde para transmitir uma segurança que não sentia. O que sentia era raiva. Uma raiva enorme, pesada, fervilhante, que floresceu em seu peito, causando uma pontada de dor que a fez se retrair.

— Você está bem, Misaki? — perguntou Hyori, aproximando-se, de joelhos, para apoiar a mão nas costas da amiga.

— Estou ótima — respondeu Misaki, apertando o peito.

— Seus pulmões ainda estão doendo. Sei que não tem muito dinheiro circulando no momento, mas talvez a gente pudesse fazer uma vaquinha para tentar levar você a um hospital na cidade para um raio-x. No mínimo, devíamos arrumar um especialista para examiná-la...

— Pela fúria de Nami, Hyori, você está mesmo preocupada *comigo*?

— Claro que sim.

— Você é uma pessoa tão boa, Hyori. — Misaki não conseguia tirar conforto

do toque da amiga. Em vez disso, via o soldado ranganês em cima dela, prendendo-a, e sentia *ódio*. — Uma pessoa tão boa. Homem nenhum devia ter o direito de diminuir isso. Nenhum.

— Misaki, você não está fazendo sentido...

— Escute, Hyori-chan. — Misaki apertou o braço dela. — Talvez o filho *seja* do seu marido. Talvez não seja. Isso não importa.

— Como pode dizer isso?

— Porque a criança não *pertence* ao pai! — retrucou Misaki, surpresa com a fúria na própria voz. — Quem disse que as crianças pertencem aos pais? Nós as carregamos, nós as nutrimos dentro de nós, nós as trazemos ao mundo, nós temos todo o trabalho de criá-las. Então, esses homens... esses homens acham que podem só pegá-las e matá-las?

— Misaki...

— Que direito aquele desgraçado ranganês tem sobre uma criança no seu útero? Que direito qualquer um deles tem? Ryota era seu tanto quanto de Dai. Mamoru era meu tanto quanto de Takeru. Ele era *meu*!

Uma dor brusca fez Misaki baixar os olhos e perceber que tinha socado o tatame, quebrando os caniços de bambu e o chão de madeira abaixo. Izumo começou a chorar.

— Desculpe. — Misaki levou as mãos aos olhos. — Me perdoe, Hyori-chan. Não estou ajudando em nada. Eu... É melhor eu ir. — Ela se curvou. — Vou substituir o tatame e as tábuas. Peça desculpas a Atsushi e Chul-hee por mim.

— Misaki... — Hyori encarava a amiga com uma mistura de preocupação e medo, mas nenhuma emoção passageira parecia capaz de extinguir a profunda tristeza de seus olhos. Misaki não suportava mais fitá-la.

— Sinto muito. — Ela fez uma última reverência e saiu da cabana.

Depois de deixar Hyori, Misaki vagou. Sob o pretexto de conferir como estavam os vizinhos, percorreu a vila inteira. Visitou Mayumi Katakouri e Hisato, seu pai aleijado, que tinha acabado de completar o telhado da casa

improvisada; as mulheres Mizumaki, que haviam quase terminado a delas; e os voluntários Ginkawa, que estavam começando a construir uma cabana para abrigar as diversas crianças que haviam ficado órfãs.

Os homens Ameno reunidos diante do incipiente orfanato a cumprimentaram e se curvaram, mas Misaki decidiu não os importunar ao ver que já estavam exaustos de tentar racionar os suprimentos para distribuição. Pela dificuldade que estavam tendo com os cálculos, parecia que teriam se beneficiado da ajuda de Takeru, mas ele não vinha se envolvendo muito nos maiores esforços da reconstrução desde que voltara de sua viagenzinha ao topo da montanha. Ele teria corrigido os números, mas não tomava papel ativo nos planejamentos, deixando a coordenação para Kotetsu Katashi, que ainda se recuperava da perda da perna, e Kwang Tae-min, que tinha dificuldades de se comunicar com os nativos de Kusanagi.

Sem querer pensar mais em Takeru, Misaki se obrigou a se engajar na conversa de Kotetsu e Kwang sobre habitações mais permanentes nos meses seguintes, apesar de não entender nada de carpintaria ou de planejamento urbano. Quando o sol começou a se pôr e a luz, a sumir, não havia mais nenhum lugar a visitar e apenas um aonde ir... de volta para casa, para o quarto. Para Takeru.

Quando ela entrou, a propriedade estava escura. Izumo, que já dormira no sling havia algum tempo, foi para a gaveta sem reclamar. No escuro, Misaki encontrou outras quatro pulsações adormecidas — Hiroshi, Nagasa, a pequena Ayumi e Setsuko. Desde que a casa esvaziara, a mulher passara a descansar no mesmo quarto que as crianças. Já não tinha um marido com o qual dividir a cama, e Misaki imaginou que fosse reconfortante para ela dormir no meio da família, como fazia quando criança.

Setsuko se remexeu quando Misaki ergueu o corpo, depois de deixar Izumo na gaveta.

— Ei, moça bonita — murmurou ela; uma coisa engraçada de se dizer no

escuro. — Chegou tarde.

Ela soava exausta, mas satisfeita e contente, depois de um dia de trabalho pesado.

— Eu sei — sussurrou Misaki, desejando mais do que tudo se juntar a Setsuko no chão e compartilhar de seu contentamento. — Desculpe. Por favor, volte a dormir.

Por um momento, considerou a ideia de se aconchegar à concunhada e às crianças e dormir em paz, cercada de amor, mas isso estava fora de questão. Se uma mulher dormia fora do quarto era porque fora rejeitada. E Takeru não rejeitara Misaki. Ainda não.

Afastando-se da gaveta de Izumo, ela deixou o quarto cheio de respirações suaves e pulsações melodiosas. Mesmo no auge do inverno, o quarto onde Takeru dormia estava sempre alguns graus mais frio que os outros. Teonitas muito poderosos, incluindo o irmão de Takeru, tinham pulsações potentes, que Misaki conseguia detectar a marcos de distância. A pulsação de Takeru era leve e ritmada. Sua respiração mal perturbava o ar. Se não fosse pelo frio arrepiante que ele emanava, Misaki nem saberia identificar a presença do marido, dormindo no futon. Ficou grata que os Deuses a tivessem abençoado com a furtividade de uma cobra. Conseguiu enfiar-se sob os cobertores, ao lado de Takeru, sem perturbá-lo.

Sonhou com o dia em que lutou com Mamoru no dojo, só que as espadas em suas mãos não eram bokken. Mamoru brandia sua bela espada com as serpentes. Misaki segurava Filha da Sombra.

— Cuidado — disse Misaki, vagamente ciente de que não era seguro lutar com aquelas armas. — Não quero danificar sua espada.

— Vai ficar tudo bem — respondeu Mamoru, numa voz confiante que, por algum motivo, só deixou Misaki mais temerosa. — Mamoriken é forte.

— Mamoriken? — repetiu Misaki, devagar. — Esse não é... sua espada não tem nome.

Ainda não, gritou uma parte distante dela. *Nami, por favor, ainda não. Deixe este momento durar. Deixe-me ficar aqui com ele.*

— Claro que tem. É a Protetora.

— Não...

— Não foi isso que você me disse para fazer? Proteger as pessoas que eu amava, a qualquer preço? — disse Mamoru.

— Eu não falei isso.

Eu nunca disse "a qualquer preço". Eu nunca...

— Mas foi você que escolheu meu nome, não foi? Quando eu nasci?

— Não!

— Você soube o que eu era quando ainda estava no seu útero. Antes de nascer, eu já era...

— Não! — Nervosa, Misaki reagiu, esquecendo-se de que Siradenyaa ainda estava em sua mão. Vidro encontrou carne. Ela e Mamoru baixaram os olhos para encarar uma ferida enorme no flanco dele. Ela o matara.

— Kaa-chan... — Mamoru não estava bravo ao fitar seu rosto. Pior. Estava perplexo. — Por quê? — perguntou ele, magoado. — Por quê?

Misaki abriu os olhos e se sentou... só para encontrar Mamoru parado junto ao pé do futon. Ah, Nami...

— Você não devia ter me deixado — disse ele, em tom acusatório, e agora estava zangado. — Por que me deixou lá sozinho?

Misaki queria gritar, mas parecia congelada de dentro para fora, rígida, como todas as vezes em que estivera sob o corpo do marido, tentando não se retrair. Será que, depois de tanto tempo paralisada naquele futon, havia se esquecido de vez de como se mexer? Mesmo pelo filho?

— Por que você está fazendo isso? — questionou Mamoru, sua nyama se erguendo, gelada como a do pai. — Por que está me prendendo aqui? Por que está fazendo isso comigo?

Não era minha intenção, Misaki tentou dizer enquanto o jiya frígido de

Mamoru subia pelas paredes, formando espinhos de gelo. *Me desculpe! Meu filho, me desculpe!* Mas nenhum som saía de sua boca aberta.

A pele começou a descascar do braço e do rosto dele, rachando ao queimar. Ele estava morto e imóvel quando seu corpo físico foi incendiado, mas aquele Mamoru não estava. Aquele Mamoru *gritou*.

— POR QUE VOCÊ ME DEIXOU?

Gelo tomou Misaki, crepitando com fogo do Inferno...

Ela acordou com um sobressalto. De verdade, dessa vez; com suor real cobrindo a pele, lágrimas reais no rosto, e um espinho de gelo terrivelmente real pressionando sua barriga, embora não sólido o suficiente para atravessar a pele. Depois de quebrar o espinho com seu jiya, ela se sentou na cama e olhou ao redor, apavorada. Já ouvira falar de formações-sonâmbulas, o fenômeno no qual um jijaka tinha sonhos tão vívidos que ativava seu jiya, mas nunca acontecera com ela. Durante o sono, seu jiya havia feito gelo subir pelas paredes do quarto, formando longas estacas apontadas para o futon.

Uma respiração ofegante ao lado chamou sua atenção para o marido. Takeru estava de joelhos, os olhos arregalados ao luar, e estava... Ah, Nami! Ele estava sangrando! Uma estaca parecia ter perfurado seu braço direito, enquanto outra cortara seu flanco. Uma das mãos dele pressionava a lateral do pescoço e, quando ele a baixou, estava coberta de sangue.

Misaki soube com uma certeza angustiante que fizera aquilo. Durante o sono, seu jiya se erguera contra Takeru, como antes se erguera contra os fetos dentro dela. E o pescoço dele estava sangrando. O veneno dentro dela saíra de controle.

Takeru olhou para o vermelho em sua mão, depois para Misaki. Seus olhos não estavam mais desprovidos de emoção, mas selvagens, quando ele rosnou:

— Saia.

— Takeru-sama, eu...

— *Saia!* — rugiu ele.

Então, Misaki se pôs de pé e saiu aos tropeços do quarto. Não parou de correr até chegar à varanda da frente, o mais longe do quarto que podia estar sem sair de casa. Parte dela queria continuar correndo, por entre as rochas e a neve, descalça, adentrar o oceano, onde poderia se afogar nos braços dos Deuses. Estava tremendo violentamente, porém, e suas pernas cederam.

Sozinha na varanda contra o frio mordaz do inverno, ela se encolheu. Uma mão puxava com força o próprio cabelo, e a outra pressionava a barriga, cravando-se na pele.

Como tudo tinha dado tão errado? Quinze anos antes, ela dera as costas a Carytha em direção ao seu futuro em Takayubi. Era para ter sido a decisão certa... para sua família, para si mesma, para seu país. Então, por que tudo acabara daquele jeito?

Pensava em si mesma como água, capaz de se moldar para preencher qualquer compartimento, de ser tão forte na forma de uma mãe quanto na de uma guerreira, mas no fim talvez Koli tivesse razão a seu respeito. Ela era uma lâmina, um fio aguçado, que matava ou cortava tudo que tocava. Os bebês que não matara no útero tinham nascido para um mundo de lâminas que os ceifava antes que tivessem a chance de crescer. Agora, o mal dentro dela se erguera durante o sono e voltara sua ira contra o marido.

Parte de Misaki esperou que Takeru a seguisse para puni-la, quem sabe para (finalmente) matá-la. Uma parte cada vez maior rezava para sentir a Pináculo da Lua ou a Lâmina Sibilante contra a nuca. Já era a segunda vez que usava seu jiya contra ele. Takeru teria toda razão para se vingar, então por que não? Seria tão fácil para ele. Um golpe. Era tudo que ela merecia.

Em vez disso, o toque em sua nuca foi gentil.

— Misaki? — A voz de Setsuko; um som carinhoso, familiar, oferecendo segurança que Misaki não merecia e nunca merecera. — Irmã, o que houve?

Misaki se retraiu do toque. Nunca merecera.

— Não se aproxime de mim, Setsuko — disse ela, a voz estranhamente

límpida mesmo com as lágrimas, como se viesse da boca de outra pessoa. — Tem algo errado comigo.

— Como assim?

— Você ainda o vê, Setsuko?

— O quê?

— Seu marido. Ele a assombra?

Setsuko balançou a cabeça.

— Eu sei com quem me casei e sei a sorte que tive de ter me casado com ele. Um casamento como o nosso é algo que eu jamais teria ousado esperar, anos atrás, no mercado de peixes, quando vi aquele nobre bonito do alto da montanha. Não passo de uma garota caipira, que jamais esperou fazer um bom casamento ou se casar por amor, então, quando as duas coisas aconteceram, acho que entendi que cada momento era uma bênção. Takashi, esta vida, este lugar, são coisas que nunca pensei que teria. Ele morreu lutando. Era assim que ele era. Vou sentir falta dele, mas acho... que é suficiente que eu o tenha tido ao menos um pouco.

— Mãos cheias de pérolas — murmurou Misaki.

— O que disse?

— Nada... Você é uma mulher incrível.

— Que nada. — Setsuko deu de ombros. — Sou apenas burra demais para complicar tanto as coisas.

Houve uma pausa.

— O fantasma de Mamoru está aqui com a gente? — perguntou Setsuko.

— É por minha causa. É por minha culpa que ele não consegue seguir caminho.

— Por que você acha isso?

— Porque estou com *raiva*, Setsuko. Sei que não é certo, mas eu só... sinto raiva o tempo todo. Está me consumindo — sussurrou Misaki.

— Então, você precisa fazer algo a respeito — disse ela, em um tom resoluto

que fez parecer fácil.

— Eu sei. Só... não sei o quê. Ou como — respondeu Misaki, infeliz.

— Bom... você sabe o que está te deixando com raiva? Está com raiva dos ranganeses?

— Não, não. — Era estranho, mas Misaki nem pensara muito nos ranganeses.

— Está com raiva de Takashi? — perguntou ela, o tom mais gentil. — Por mandar Takeru voltar atrás de nós, em vez de Mamoru? Tudo bem se estiver.

— Não — disse Misaki, com sinceridade. Não fazia sentido, mas não estava com raiva de Takashi.

— Então, de quem?

— Não sei — respondeu Misaki, levando as mãos à cabeça. — Não sei.

Mas isso não era verdade.

— Bom, quando descobrir, talvez devesse confrontar a pessoa... ou o espírito... ou seja lá quem for. Expurgar sua raiva.

— Talvez...

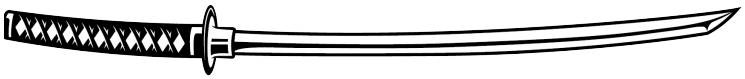
— Aposto que, depois disso, você vai conseguir descansar, e Mamoru também.

Misaki assentiu. O conselho de Setsuko podia ser simples, mas era sensato. Se Misaki não lidasse com aquela raiva, o sentimento a mataria. Mamoru jamais ficaria em paz e sua família seria envenenada para sempre. Qualquer guerreiro sabia que morrer por envenenamento lento era muito pior que pela lâmina.

Depois que Setsuko voltou para a cama, Misaki pegou uma caneta e um maço de kayiri do antigo escritório de Takashi, então acendeu um lampião, ajoelhou-se no chão e começou a escrever.

27

O duelo



Neve caía suavemente sobre a pira enterrada. A terra que os soldados de Song tinham empilhado sobre o fosso ficara visivelmente diferente do terreno mais rochoso ao redor, mas, uma vez que Nagi terminasse de cobrir o chão com sua mortalha de neve fresca, a área ficaria indistinguível de qualquer outra parte da montanha.

Takeru se aproximou do círculo com os passos comedidos de um espadachim, o polegar esquerdo descansando na guarda de Kyougetsu, pronto para sacar a arma ao menor sinal de perigo. Então, seus olhos encontraram sua oponente.

— Você?

Misaki ergueu-se devagar, o polegar esquerdo descansando na guarda de vidro de Siradenyaa. Como imaginara, Takeru não a deixara esperando muito tempo. A neve mal começara a se acumular em seu cabelo e nas dobras de sua roupa. Havia pegado emprestado um hakama cerimonial feminino de uma das freiras fina. Embora o traje largo não fosse pensado para o combate, permitia mais movimento do que os obi e quimonos restritivos que geralmente usava.

— Misaki, o que está fazendo aqui? — Takeru parecia não ter ligado os pontos ainda.

— Tenho um compromisso — disse ela, calma, enquanto os olhos dele

desciam para a espada no quadril da esposa. — Desafiei outro guerreiro para um duelo. — Ela pôs a mão direita no cabo de Siradenyaa. — Está evidente que ele aceitou.

A reação de Takeru foi decepcionante mas previsível.

— Isso é ridículo, Misaki. Você vai voltar para casa imediatamente.

— Não. — Ela estava farta de aturar tanta decepção. Ali, sobre o túmulo coberto de neve do filho, alguém pagaria por isso. — Nós vamos duelar.

— Não vamos fazer nada disso. Um homem não luta com a esposa — rebateu Takeru, firme.

— Você se retira, então? Seria a primeira vez na história dos Matsuda, não? Também acho que isso me dá o direito de pedir sua cabeça, se eu quiser.

— Não posso me retirar de um duelo de mentira. É preciso ser um guerreiro para propor um duelo, e você não é — retrucou Takeru.

— Não? Gostaria de dizer isso aos ranganeses que passaram pelas suas fileiras? — Ela bateu com o calcanhar no chão sob o qual suas vítimas estavam enterradas. — Acredito que matei oito antes de você chegar para me "proteger", e mais um quando você se recusou a proteger Hyori. Ou você achou que eles tinham caído mortos por conta própria?

— Não é certo você pegar em armas. — Takeru subiu o tom, assim como o jiya, assomando sobre ela. — Você é mulher. Seu único trabalho é cuidar das crianças.

— E por que mesmo? — perguntou Misaki, a voz cheia de veneno. — Ah, é. Porque meu marido, o maior espadachim de Shirojima, deveria proteger todos nós.

— Misaki. — A voz dele assumiu uma nota ameaçadora. — Você não vai falar comigo desse jeito. Você é minha esposa...

— Eu nunca quis ser sua esposa! — retrucou Misaki, a voz se partindo em um grito. — Eu nunca quis nada disso!

Deuses, fazia tanto tempo que ela não gritava. O som foi tão visceral que

até Takeru deu um passo atrás.

— Eu não queria nada disso, mas dei à luz aquele menino, cuidei dele e o amei... tudo porque meus pais queriam que eu me casasse com um Matsuda! O único motivo para eu estar aqui é você ser um teonita forte, que deveria manter a mim e aos meus filhos em segurança! Foi por isso que abri mão da minha vida. Segurança.

— Não quero mais ouvir falar...

— Eu abandonei tudo para me casar com você! Tenho sido uma esposa obediente, dei filhos a você, fiz tudo o que foi pedido de mim, então por que isso aconteceu? Por que meu filho morreu? — completou Misaki, sem fôlego, sentindo como se pudesse se partir em mil pedaços, como se pudesse devorar o mundo. Estava pronta para lutar.

— Eu tinha ordens a cumprir.

— Como tinha ordens a cumprir quando o coronel Song queimou os corpos dos nossos mortos e depois nos deu as costas? — rosnou Misaki.

— Um Matsuda obedece a seus superiores. Quando deixei a linha de frente... — A voz dele pareceu falhar. — Nii-sama deixou claro...

— Não me importo com Takashi — cuspiu Misaki. — Ele não está mais aqui. Nem o coronel Song, nem seu pai. Você não tem mais ninguém atrás de quem se esconder. Eu me casei com *você*, tive um filho com *você*, e *você* o deixou para morrer na linha de frente quando teve a chance de salvá-lo. Takashi não vai responder pela morte dele. É você quem vai. — Ela puxou Siradenyaa da bainha e apontou a lâmina para o peito do marido. — Saque sua arma, Matsuda Takeru!

— Não quero mais saber deste assunto, mulher! — gritou Takeru, como se o volume de sua voz pudesse silenciá-la. — Esta é sua última chance de obedecer...

— Você perdeu o direito à minha obediência quando deixou de ser homem! — interrompeu Misaki. — Se quer que eu volte para casa, vai ter que lutar

comigo. Já fiquei em silêncio por tempo demais, vendo você passar vergonha, mas esta... esta é a última vez que você vai demonstrar fraqueza na minha frente. Um de nós vai ficar aqui com nosso filho. Saque sua arma!

Takeru sustentou o olhar dela. Não havia qualquer indicativo de que a tempestade fervilhando dentro dela evocara sequer uma ondulação dentro dele. Por um momento, o único movimento entre os dois foi o tremular da neve caindo.

— Você não deveria gritar tanto. — A voz dele de repente soou mais baixa. — Não é digno de uma dama.

A indignação embargou a garganta de Misaki, que ajustou a postura, preparando-se para atacar. Sua raiva comichava para entrar em ação, e ela já dera muitos avisos a ele...

— Além disso — continuou Takeru, na mesma voz calma —, você se expressou melhor na carta.

— O quê? — Os dedos de Misaki se remexeram no cabo de Siradenyaa.

Seu corpo estava a segundos de sair do controle — como no salto que a lançara nos braços de Kazu, na fúria que a fizera avançar contra o coronel Song —, e foi preciso toda a sua força de vontade para contê-lo. Takeru ainda não desembainhara Kyougetsu nem invocara sua Lâmina Sibilante. Se queria seguir com as formalidades do duelo que exigira, não podia atacá-lo sem uma arma na mão.

— É costumeiro que o desafio seja revisado antes do começo de um duelo — explicou Takeru.

Misaki o fitou com raiva, olhos estreitados.

— Isso significa que você *aceita* meu desafio? Caso aceite, não preciso de revisão nenhuma. Sei o que disse.

Depois de quinze anos imóvel, não sentia que aguentava nem mais um momento. Queria *lutar*.

Takeru a ignorou e enfiou a mão nas dobras do quimono, pegando a carta

anônima que Misaki deixara na porta de casa. Pelo amor de Nami, aquilo era mesmo a cara dele. Não podia nem lutar sem primeiro garantir que a papelada estivesse em ordem. Indiferente, ele leu em voz alta:

– Matsuda Takeru, sou uma das muitas pessoas que perderam a família, o lar e tudo que me era precioso por causa de sua covardia e insensatez. Ao abandonar a frente de batalha durante o confronto, você condenou outros guerreiros à morte, inclusive seus próprios irmão e filho.

— Já disse que não precisa ler — interrompeu Misaki, mas Takeru prosseguiu:

– Desde que nossa vila foi devastada, você não buscou ajuda do governo. Quando os corpos de nossos mortos foram desrespeitados, você não se pronunciou. Quando as autoridades nos recusaram socorro, você não contestou a decisão. Quando mais precisamos, você sumiu montanha acima, deixando que outros assumissem suas responsabilidades.

"Em todos os pontos, você se mostrou incapaz de encarar as autoridades quando as pessoas abaixo de você dependiam disso. Acredito que tamanho covarde esteja inapto a liderar nossa vila neste momento de necessidade."

Misaki estivera tomada de uma raiva virtuosa ao escrever. A voz calma e profunda de Takeru desprovia as palavras de emoção, aguçando-as à sua simples crueldade.

— Por esses motivos, eu o desafio a um duelo, na nona waati, no lugar onde um dia esteve a vila numu. Se for para se provar homem, que seja em combate — terminou Takeru, ainda sem erguer os olhos da carta. — *Incapaz de encarar as autoridades* — repetiu ele, estranhamente pensativo, em vez de irritado. — Isso é em referência ao coronel Song... ou ao meu irmão?

— Os dois — respondeu Misaki, ainda de espada na mão. — Reafirmo tudo que disse e escrevi. Você nega alguma parte?

Takeru não respondeu. Quando ele levou a mão ao quadril, Misaki se retesou, pronta para se defender, mas, em vez de desembainhar Kyougetsu, ele desamarrou lentamente a corda que a mantinha presa e tirou a bainha

perolada do cinto. Então, ainda devagar, ajoelhou-se e colocou a Pináculo da Lua de lado.

Então vai ser assim, pensou Misaki, ajustando a pegada em Siradenyaa. *Ele já vai começar com a Lâmina Sibilante.*

Dizia a lenda que uma Sasayaiba podia cortar qualquer coisa. Ainda era necessário provar se isso também se aplicava a vidro zilazeno. Misaki estava pronta. Repassara cada manobra que já o vira usar. Planejara contra-ataques para todas. Estava pronta...

Mas não tinha se planejado para o que ele fez em seguida.

Depois de deixar a espada de lado, Takeru pousou as mãos no chão nevado... e se curvou.

— O que você está fazendo? — questionou ela.

— Admito culpa por todas as acusações que o desafiante levantou contra mim. Então... — ele puxou o cabelo para o lado, expondo a nuca — eu me entrego. — Takeru se curvou ainda mais, oferecendo o pescoço nu à lâmina. — E ofereço minha vida em reparação.

Misaki teve a impressão de que o mundo parou. Poderia até ter pensado que estava sonhando, mas jamais teria sonhado com aquilo. Nem em seus maiores delírios teria inventado um Takeru que entregasse uma luta, que se ajoelhasse diante de uma mulher, que pedisse para morrer.

— O que você pensa que está fazendo?

— Estou aceitando os termos da sua carta. Estou me entregando e oferecendo a minha vida.

— Eu n-não... eu não acredito em tudo que disse na carta — gaguejou Misaki, dando para trás em meio à confusão. — Só escrevi o que pensei que o traria aqui.

— Para me trazer aqui, bastava lançar o desafio. Você devia saber disso — respondeu Takeru.

A pontada de culpa foi atordoante. Misaki cambaleou, totalmente perdida.

Como aquele embate que havia planejado com tanto cuidado saíra de seu controle em meros segundos?

Pensara que Takeru tentaria obrigá-la a voltar para casa, forçando-a a resistir, ou que iria embora, desdenhoso, forçando-a a persegui-lo. Soubera que as chances de ele aceitar o desafio como o de um igual eram pequenas, mas, caso aceitasse, ela tivera certeza de que ele defenderia a própria masculinidade e colocaria a esposa em seu lugar. Todos os caminhos terminavam em uma luta. Fora isso que planejara, era assim que *tinha* que ser, então o que, em nome de todos os reinos, estava acontecendo ali? Por que ele estava de joelhos?

— Por quê? — A pergunta saiu tensa.

— O quê?

— Antes de eu matar você, preciso saber por que... Se entende todas as minhas acusações, se concorda, então por que tudo isso aconteceu? Por que não enfrentou o coronel Song nem o seu irmão? Seu desgraçado, como pôde deixar tudo isso acontecer?

— Eu... — A voz de Takeru soou tão baixa que mal rompeu o silêncio da neve que caía. — Não tenho uma resposta.

Misaki ficou boquiaberta, incrédula. *Não era isso que você queria?*, perguntou uma voz em sua mente. *Não queria humilhá-lo? Não queria matá-lo?* Apenas quando se viu assomando sobre o marido, fitando seu pescoço exposto, foi que percebeu que a resposta era não. Não queria tomar a vida dele. Mas então o que queria? Por que estava ali?

— Eu os senti morrer — disse Takeru, ainda de joelhos, o rosto escondido.

— Você o quê? — A voz de Misaki estivera alta e tempestuosa momentos antes, mas já não passava de um sussurro.

— Às vezes... não sou um homem. Sou a montanha — disse ele, devagar.

Por um momento, Misaki se perguntou se ele tinha enlouquecido, se os dois tinham enlouquecido, mas Takeru prosseguiu:

— É um estado que consigo alcançar desde criança. Eu me recolho às

profundezas da neve e dos rios, e me afundo no oceano abaixo, e tudo nesta montanha se torna eu, e eu me torno a montanha. Parece que estou meditando, mas é mais que isso. Eu me torno outra criatura...

— Outra criatura? — repetiu Misaki.

— Uma criatura *maior*, tão grande que eu, Matsuda Takeru, deixo de importar. Na primeira vez que isso aconteceu, eu era muito jovem. Naquele dia, nevava bastante, como agora. Meu pai estava me batendo por algum motivo. Ele me derrubou na neve do pátio. E, com as mãos no chão, eu percebi que conseguia me dispersar na neve, me espalhar por toda a montanha, até o mar lá embaixo e além, muito além... até que a dor se diluiu por todo o meu novo ser, como uma gota de sangue em um lago. A dor e a vergonha podiam ser demais para um garoto suportar, mas a montanha... a montanha podia suportar tudo, então eu me tornei a montanha.

Misaki apenas encarou o marido, admirada. Jamais vivenciara nada parecido com o que Takeru descrevia, nem compreendia por que ele estava lhe contando aquilo naquele momento.

— Como montanha, fico muito consciente de algumas coisas. Sinto cada molécula de água, desde os rios e a neve até os movimentos mais sutis da névoa. Em meio a tantos estímulos sensoriais, qualquer sensação no meu corpo humano, seja física ou emocional, se torna insignificante, e, portanto, tolerável.

— Está me dizendo que, quando seus sentimentos são inconvenientes, você só... se livra deles?

— Eu deixo que o tamanho da montanha os reduza à insignificância.

Era bizarro sentir-se legitimada em sua suspeita de que Takeru não era exatamente humano. Em todas as vezes que Misaki o encarara e tivera a impressão de que não havia qualquer emoção ali... estivera certa. Mas por que ele estava contando tudo aquilo agora?

— Já ouvi falar de outros Matsuda capazes de alcançar esse estado por meio de meditação intensa, mas eu consigo acessá-lo com facilidade, quando quero.

Por um instante, Misaki ficou abalada pelo fato de ter sequer considerado lutar contra um homem cujos poderes eram do tamanho da montanha em si. O veneno a consumira, transformando-a em uma completa idiota... feito um bichinho raivoso pensando ser capaz de encarar um animal quarenta vezes maior.

— Ancestrais Matsuda consideravam essa habilidade uma bênção dos Deuses — disse Takeru —, mas eu a tenho usado para me esconder. Desde criança, quando me valia dela para escapar da ira do meu pai, eu a utilizo para me encobrir. Quando é difícil demais ser um homem, eu me torno a montanha. Fiz isso a vida toda... Sempre que havia uma verdade que eu não desejava encarar, uma decisão que não queria tomar, uma dor que não queria sofrer. É mais fácil entrar em um estado em que fico livre de emoções humanas como pesar, vergonha ou amor.

— Você já *sentiu* amor? — perguntou Misaki.

Não sabia se a pergunta fora fruto de rancor ou de curiosidade genuína. Era significativo que as duas coisas lhe parecessem tão similares.

Takeru não respondeu. Ele levou um momento para voltar a falar, quando deu um suspiro profundo... e bastante humano.

— Quando Takashi-nii-sama ordenou que eu voltasse à vila, me tornei a montanha. Foi a única coisa que pude fazer... a única forma de conseguir obedecer.

Misaki ficou em silêncio. A simples admissão de que ele relutara em deixar Mamoru deveria ser um alívio, mas só acrescentou uma nova angústia à antiga. Seu marido sempre fora humano.

— Cometi um erro — continuou Takeru. — Eu me afundei na montanha para me poupar da realidade de abandonar meu irmão e meu filho, sem pensar no fato de que eles também eram filhos da montanha. O jiya deles estava atrelado à mesma neve, gelo e água corrente que o meu. Não me dei conta de que, naquele estado, eu *sentiria* a morte deles.

As mãos de Misaki tremeram ao redor de Siradenyaa.

— Eu estava voltando para a vila quando meu irmão morreu... e... — A sobrancelha dele se moveu, como se seu rosto estivesse tentando encontrar uma expressão para a dor, mas não se lembrasse de como. — Foi agudo, Misaki, só uma pontada na montanha, mas me atingiu como uma Agulha de Sangue. Algo tão pequeno... e eu fiquei paralisado.

Por muitos anos, o silêncio de Takeru a enfurecera. Agora, ele estava falando livremente, e ela teria dado qualquer coisa para que ele parasse.

— Queria poder explicar... Meu irmão sempre foi meu abrigo. A morte dele me deixou abalado, arrasado, cada nervo e músculo em carne viva.

As palavras eram cruas demais, íntimas demais. Depois de anos convivendo com Takashi, um homem de poucas palavras, e com Takeru, um homem de palavra nenhuma, era fácil se esquecer de que os Matsuda tinham uma tradição poética tão antiga quanto a tradição guerreira. Takeru podia se enrolar com o kaigengua imperial, mas falava o dialeto de Shirojima com vividez e precisão, como a clareza simples dos olhos de Hyori. Insuportável.

— Depois disso, eu me senti... como imagino que um homem esfolado se sinta... mas eu era a montanha, e não consegui me mexer, nem voltar para Mamoru nem avançar até você e as crianças. Não consegui seguir as ordens do meu irmão nem meus próprios instintos. E aí...

— Aí, Mamoru morreu — sussurrou Misaki.

Seu aperto em Siradenyaa afrouxara. Com lágrimas nublando os olhos, Misaki se lembrou de uma névoa similar lhe cobrir a vista na escuridão do bunker. As brumas da concussão ou quem sabe as correntezas da própria negação insistente haviam afogado a memória, a submergido nas profundezas de sua mente, mas naquele momento ela voltou à superfície: Takeru com a cabeça apoiada na porta do abrigo, os ombros trêmulos. No breu, o som baixinho se misturara a todo o choro ao redor e passara despercebido. Ela não o tocara nem o chamara, mesmo sabendo que devia. Por que não?

— Tudo... — *Tudo bem*, queria dizer. *Eu o perdoo.* Mas não conseguia. Mesmo naquele momento, parte dela ainda estava cheia de orgulho e crueldade. Respirando fundo, tentou de novo: — Sei que é o trabalho de um Matsuda defender o Império, mesmo às custas dos próprios filhos. — Flocos de neve se grudaram nas lágrimas que escorriam por seu rosto, deixando-as geladas e lentas. — Sei com quem me casei.

— Com *quem* você se casou, Tsusano Misaki? — A neve se acumulava no cabelo de Takeru, que permanecia imóvel. — Com quem você se casou?

— Era para eu ter me casado com um homem forte e sensato o bastante para manter meus filhos em segurança.

— Então, eu falhei por completo com você.

— Você não... — Misaki tropeçou nas palavras, perdida entre a própria raiva enorme por Takeru e aquela nova vontade de defendê-lo. — Você não sabia o que ia acontecer. Não sabia que ficaria paralisado.

— Isso não é desculpa. Não muda o fato de que não consegui cumprir as ordens do meu irmão em um momento crucial, nem as desafiar, quando foi necessário, então me mate. Mesmo sendo mulher, você fez um desafio formal, então suas mãos e sua consciência devem permanecer limpas aos olhos dos Deuses. Pode livrar a família de minha impureza espiritual.

Essa parte surpreendeu Misaki.

— Sua impureza espiritual?

— Sinto rancor do meu irmão e pesar por não ter protegido meu filho. Essa fraqueza impede os dois de seguirem para o mundo além. Talvez os Deuses permitam que eu tome o lugar deles no inferno ao saber que minha amargura deixou o reino dos vivos.

— Você... você acha que o espírito de Mamoru está preso por sua causa?

Misaki não entendia; fora *ela* que passara noites sofrendo com visões terríveis.

— Eu nunca rezei por ele.

— Por que não?

— Como se encara um filho, um guerreiro honesto e corajoso, que foi morto enquanto você ficou parado, sem fazer nada? Não consegui me despedir do espírito dele, então ele está nos assombrando, perturbando seu sono e o de Nagasa. Noite passada, fez meu jiya se erguer durante o sono e quase matou a nós dois.

— Aquilo não... — *Não foi você*, começou a dizer, mas se interrompeu.

Em retrospecto, lembrava-se de acordar coberta de suor e lágrimas. Aquela água em sua pele teria sido a primeira a congelar, caso seu jiya estivesse ativo. As estacas de gelo despontando das paredes eram límpidas e retas, bem mais parecidas com as lâminas puras de Takeru do que com as criações imperfeitas dela.

— Você se *feriu*! — exclamou ela, horrorizada ao se dar conta disso.

Havia relatos de teonitas se ferindo inconscientemente com a própria nyama descontrolada, mas aquilo era para acontecer com crianças, cujos poderes ainda não tinham se desenvolvido a ponto de serem letais. Em um adulto, era encarado como loucura.

— Tive sorte de você ter gritado e me acordado antes que meu jiya a machucasse — disse ele.

Misaki se deu conta de que quando ele gritara para ela sair do quarto, não fora raiva o que vira em seus olhos, e sim pânico. Ele estava preocupado com sua segurança.

— Sabendo disso, você deve ter cuidado com o que vai fazer. — Takeru baixou a cabeça outra vez, a voz tranquila. — Duvido que meu jiya derradeiro vá se manifestar de forma tão dramática quanto o do meu irmão, mas ainda pode ser muito perigoso. Tome a precaução de se afastar assim que romper minha coluna vertebral.

Como ele podia falar tão calmamente da própria morte? Por que seu coração permanecia tão ritmado?

— Você está fazendo agora, não está? Escondendo-se na montanha, para não ter que encarar esta situação feito homem — acusou Misaki.

— Não.

— Então, como de repente ficou tão calmo? Um momento atrás, estava agitado falando de Mamoru. Como pode pedir para sua esposa o matar, como se não significasse nada?

— Porque... isso não me perturba.

— Eu não acredito.

Como alguém tão poderoso quanto Takeru podia simplesmente desistir da vida sem qualquer resistência?

— Estou falando a verdade. Não tentei acessar aquele estado desde...

— Desde que o coronel Song queimou os corpos — disse Misaki, dando voz à própria conclusão. — Você não conseguiu enfrentar aquilo, por isso fugiu para se esconder na montanha.

— Eu tentei. A raiva não passou — respondeu Takeru.

— Ah, Takeru-sama... — sussurrou Misaki, a voz aguda em uma mistura de exasperação e pesar. — A raiva não vai *passar*.

Por um momento, Misaki não conseguiu identificar o sentimento crescendo dentro de si. Quando conseguiu, uma parte louca dela teve vontade de rir... porque era *pena*. Daquele homem ridículo, de joelhos na neve, daquela mulher ignorante e egoísta que fora casada com ele por quinze anos e nunca o enxergara de verdade. Quinze anos, e nenhuma vez vira Takeru como alguém que talvez precisasse de sua ajuda. Ou, se tinha visto, ignorara... *Não é meu papel, não é minha responsabilidade, não é minha família.*

— E então? — perguntou Takeru, a voz plácida como sempre. — Vai fazer?

— Não. — Ela ergueu a cabeça e sentiu algo se incendiar em seu peito, uma determinação revigorada.

Você sempre foi boa com pessoas, dissera Kazu. Se conseguia tirar os outros do desespero, podia fazer o mesmo por Takeru. Como acabara de descobrir, ele

era tão humano quanto qualquer um.

— A raiva não vai passar, mas você vai encará-la e dominá-la, feito um homem — repetiu, em tom mais firme.

— O quê? — Takeru ergueu o rosto, confuso.

— Você é culpado do mesmo que eu... tentar agradar e obedecer aos mais velhos. — Misaki balançou a cabeça. — Talvez tenha sido um erro, talvez não. Já não faz diferença. Nenhum deles está aqui para nos dar as respostas. Não temos mais pais, nem avós, nem irmãos... Somos apenas nós... — Ela parou, sem saber como prosseguir. Talvez deixar de lado o próprio pesar não bastasse. Talvez aquela fosse a última coisa que precisava fazer por Mamoru.

Encontre as palavras, Misaki.

Ela respirou fundo, dolorosamente.

— Quando deixou Mamoru na linha de frente, você era apenas um segundo filho seguindo ordens, mas agora é mais do que isso. Agora, é o chefe da casa Matsuda.

— Mas isso nunca deveria ter acontecido. Eram tempos de paz. Nada disso era para ter acontecido.

— Eu sei.

Misaki sentiu a garganta embargar de emoção, dominada pela súbita vontade de fazer algo que jamais desejara, nem de longe. Queria avançar até Takeru. Queria *abraçá-lo*... e que ele a abraçasse. No mesmo instante percebeu que aquilo não era possível. Eles não eram crianças. Precisavam de mais do que um abraço protetor. Precisavam *ser* mais.

— Mesmo que minhas falhas sejam perdoadas, eu não tenho capacidade de proteger nossa vila — disse Takeru, a frustração palpável e dolorosa. — Poderia liderar uma força de guerreiros, mas não sei como cuidar de um grupo de viúvas e órfãos sem teto, sem recursos e sem apoio do Império.

— Mas vai ter que cuidar. Você entende isso, não entende? — devolveu Misaki. — Se você não assumir o papel de líder da vila, o governo vai mandar

outra pessoa. Estaremos à mercê deles, e será culpa sua.

Isso o fez hesitar.

— Olha, talvez tudo que aconteceu até agora não seja culpa sua. Talvez eu não possa responsabilizá-lo pelas decisões do seu pai e do seu irmão, mas você *é* responsável pelo que acontece daqui em diante.

Assim como ela. Compreendia isso agora, e não falharia. Não de novo.

— Lutar contra os ranganeses é uma coisa, foi o que nasci para fazer, mas desafiar o Império... — Takeru balançou a cabeça. — Isso está além da minha capacidade. É impossível.

— É *impossível* que gelo corte aço. É *impossível* que o jiya de um jijaka dê fim a um tornado. Você é um Matsuda. Para você, o impossível é um dia no dojo.

— Mas... na carta que você escreveu...

— Esqueça o que eu escrevi! — Dando um passo adiante, Misaki tomou o papel da mão de Takeru e o rasgou. — Rescindo meu desafio.

— Você não pode...

— Eis meu novo desafio. — Ela apontou a lâmina para ele enquanto os pedacinhos de kayiri caíam a seus pés. — Você concorda em ser um homem e se redimir comigo. Vai fazer o que for preciso para proteger esta família e esta vila, com ou sem o apoio do governo.

— Misaki... — Takeru fez menção de se levantar, mas ela encostou Siradenyaa em seu pescoço e ele congelou.

— Não — disse ela, gélida. — Não se levante até estar pronto para aceitar meu novo desafio. Você o aceita, Matsuda Takeru?

— Eu já disse que não sei *como* proteger Takayubi, mulher. — Mesmo duvidando de si mesmo, Takeru ainda conseguia soar condescendente. — Não posso...

— Pode, sim — interrompeu Misaki, raivosa.

— Por que tem tanta certeza disso?

— Porque, desta vez, quando subirmos aquela trilha, vamos estar juntos.

Dessa vez, você vai me ter ao seu lado. Aceita meus termos e minha ajuda?

— Aceito — disse ele, mas seu rosto estava neutro. Não havia medo ali, mas também não havia convicção. Aquilo não bastava.

— Então, prove.

Ele franziu o cenho, confuso.

— Como assim?

— Não posso acreditar na sua palavra de que vai aceitar minha ajuda, quando tudo que fez desde que nos casamos foi desconsiderar meus conselhos e meus sentimentos — disse ela, com frieza. — E não posso acreditar na sua palavra de que vai defender Takayubi quando você não defende nem a si mesmo.

— O que você quer de mim?

Misaki encostou a parte chata de Siradenyaa na bochecha dele.

— Você sabe o que é isso?

Ele olhou de relance para a lâmina contra sua pele clara.

— Obsidiana yammanka?

— É vidro zilazeno. Experiência, ciência e a religião ancestral yammanka afirmam que nenhuma outra arma é capaz de causar um arranhão nele. Quando se levantar, você vai se provar à altura do desafio. Prove que está pronto para fazer o impossível. Se não conseguir... — *Nami, tomara que eu saiba o que estou fazendo.* — Então, esta vila não precisa de você, e nem eu.

Misaki executou um corte descendente.

Takeru se moveu tão rápido que talvez tenha sido por puro reflexo. Misaki mal vislumbrou a Lâmina Sibilante antes que a arma de gelo retumbasse contra Siradenyaa, desviando-a do alvo. O impacto do gelo contra o vidro foi tão intenso que Misaki não soube como conseguiu manter a pegada na espada.

Takeru se pôs de pé.

Enquanto a neve se erguia ao redor dele, o jiya de Misaki se elevou também, não ao redor, mas *dentro* dela.

Ainda estava nos corredores sombrios da propriedade Matsuda, lutando por sua família. Na mente dela, nunca tinha saído de lá. Percebeu que não podia sair até que encarasse aquele último oponente, o mais perigoso de todos.

O inimigo que assomava sobre ela não era Matsuda Takeru em si, mas a amargura do silêncio que se solidificara entre os dois ao longo de quinze anos. Ela a combateria, a mataria, e, depois disso, teria um marido. Seus filhos teriam um pai. Takayubi teria um líder. Mamoru poderia descansar.

As lâminas se chocaram, e Misaki vivenciou um momento de satisfação ao notar que Takeru não se contivera, mas atacara com força total e arrasadora. O golpe foi seguido de um momento de enorme surpresa quando ela se deu conta de que *não fora* despedaçada. Misaki e a pequena Siradenyaa haviam aguentado um golpe da Lâmina Sibilante de Takeru. Não apenas isso, mas, quando a guarda de vidro zilazeno encontrou a guarda de gelo da Sasayaiba, Misaki avançou e, com um jorro de poder inumano, empurrou Takeru para trás.

Ele se recuperou rápido, os pés velozes se reequilibrando na camada de neve, mas parecia aturdido. Aquela demonstração de força, vinda de uma teonita tão pequena, não deveria ser possível.

— O que você *é*? — sussurrou Takeru.

Algo maior do que eu mesma, compreendeu Misaki.

— Sou Matsuda Misaki — respondeu ela, com o orgulho e a sinceridade que jamais atribuíra àquelas palavras. — Sou sua esposa.

Então, ela o atacou.

A velocidade da juventude pareceu tomar seus membros... só que ainda maior. Ela era mais do que Tsusano Misaki ou Sirawu, a Sombra. Estava lutando por algo maior do que uma vida, ou cinco, ou dez. A vontade de viver de Takeru, a alma de Mamoru, o futuro de sua família, a sobrevivência de Takayubi, tudo pendia no fio de sua lâmina. Isso era algo que a Sombra, com todo o seu amor cego e a sua impiedade, jamais teria compreendido.

Como Kazu, Tou-sama e o gigante Tsusano Raiden haviam suportado o peso de Anryuu em batalhas passadas, ela suportou os ataques de Takeru e o fez recuar. Ele reagiu com sua postura impecável, sem deixar aberturas, mas mantinha a defensiva enquanto Misaki avançava.

Em todos os anos de treinamento na Alvorecer, Misaki jamais tivera o talento para se igualar a um mestre espadachim em combate. No entanto, livre do quimono apertado e da covardia infantil que a prendera por anos, havia se tornado uma nova criatura, mais fluida e ousada do que uma garota, porém mais sólida do que uma sombra... uma mulher de tendões relampejantes e sangue ribombante.

Pela primeira vez na vida, seu corpo acompanhava sua mente. Assim que visualizava um golpe, a lâmina o executava. Assim que registrava uma abertura, ela a adentrava. Se comandava que sua postura resistisse, ela resistia. Estava ofegante, mas percebeu que, pela primeira vez desde o Puxão da Alma, a respiração pesada não lhe causava dor nos pulmões.

Três vezes a Lâmina Sibilante rachou, mas Takeru a reformou depressa. *Bom.* Se conseguia resistir a Siradenyaa, se podia aguentar aquela luta, então ainda havia esperança para Takayubi. Neve girou mais rápido ao redor deles quando Misaki acertou a Lâmina Sibilante uma quarta vez... e a despedaçou.

O momento foi chocante. Com seu sangue agindo como uma extensão de seus desejos, Misaki não sentiu o impacto nos músculos e nas juntas; sentiu-o na alma... e lhe pareceu anormal. A Lâmina Sibilante era para ser inquebrável. Ela podia até ter estendido a própria força de vontade por todo o corpo, mas isso ainda não era o bastante. Precisava ir além de si mesma. Precisava chegar até *ele*.

Faça melhor, desejou enquanto avançava. *Me mostre o impossível.*

Takeru cedeu terreno de maneira calculada, mas, em vez de usar o recuo para reformar sua Sasayaiba, mudou de tática, executando um gesto largo com as mãos abertas. A neve se ergueu para fluir com o jiya dele e uma serpente se

empinou do chão diante de Misaki. Não era bem um Dragão Matsuda — aquela técnica exigia o poder de dois Matsuda adultos —, mas a criatura era muito maior do que qualquer cobra de gelo que Misaki já vira um jijaka criar.

A serpente envolveu Takeru protetoramente com seu corpo de escamas afiadas, depois se ergueu para encarar Misaki, os olhos de gelo brilhando. Era mais alta que uma casa, a mandíbula cheia de presas aberta para engoli-la. Foi uma boa tentativa de intimidação, mas Matsuda Takeru precisava ser mais do que intimidador por fora; precisava ser invencível no âmago.

Ela torceu para que a criatura de gelo fosse tão poderosa quanto parecia, mas havia apenas um jeito de descobrir. Quando a cobra atacou, Misaki manteve sua posição. Gelo encontrou vidro.

Com dois golpes velozes de Filha da Sombra, Misaki destruiu a cabeça da serpente. Passando Siradenyaa para uma pegada invertida de mão única, ela estendeu a outra mão aberta para o corpo decapitado e tomou controle da água dentro dele. Mesmo estando mais forte do que nunca, não tinha como disputar com Matsuda Takeru pelo controle da coluna e das escamas da serpente. O gelo era, indiscutivelmente, domínio dele, mas era Takashi quem assumia a energia firme e fluida que animava o Dragão Matsuda, e Takashi se fora.

Com um rugido, Misaki moveu o braço bruscamente para trás. Seu jiya arrancou o líquido de dentro da serpente como se puxasse a medula espinhal de uma cobra de verdade. A formação desabou feito um esqueleto sem coluna vertebral.

Faça melhor. Misaki passou a toda pela chuva de escamas. *Me dê mais.*

Takeru

Matsuda Takeru cedeu.

Nunca perdera o controle da armadura do dragão. Mesmo quando a água de Takashi se movia a velocidades atordoantes ou mudava abruptamente de direção, ele sempre conseguia acompanhar. Jamais tivera dificuldade nisso.

Presumira que Misaki, como a maioria dos guerreiros, fosse atacar o exterior invencível do dragão, mas ela visara o interior oscilante... visara a *ausência* de Takashi. O vazio abalou seu âmago, enquanto o impacto fazia a armadura lançar cacos em todas as direções.

Arrasado e desanimado, ele encarou a criatura que havia despertado, a mulher feita de sangue dos deuses e fúria.

Ela estava com o rosto corado e mechas de cabelo se soltando do coque ao passar a espada pelo que restava do dragão. Misaki o atacou, olhos pretos cintilando, tão brilhosos e aguçados quanto a obsidiana. Por muitos anos, evitara tocar aquela boneca de porcelana que recebera, por medo de quebrá-la. Não desejara ver aquela bela e estranha mulher desmoronar como a mãe desmoronara.

De algum modo, ele a destruíra mesmo assim, mas ela não se quebrara silenciosamente feito porcelana. Ela se quebrara feito vidro preto e gelo, tornando-se mais afiada e perigosa do que nunca.

Takeru invocou força de vontade o bastante para atrair parte das escamas do dragão para a mão e formar sua Lâmina Sibilante. O frio e a pressão de seu jiya produziram uma espada que não se partiria contra a arma de vidro de Misaki, mas que jamais cortaria o vidro zilazeno. Soube disso com uma certeza maldita mesmo antes de suas lâminas voltarem a se enfrentar.

Uma verdadeira Lâmina Sibilante exigia foco e determinação puros. As armas que estava formando podiam cortar carne e osso, quem sabe até metal, mas não eram Lâminas Sibilantes perfeitas. Faltavam algumas moléculas.

A espada preta atingiu a guarda de Takeru, que cambaleou para trás. Nunca tivera qualquer problema em concentrar seu jiya. Sua espada fora perfeita desde a adolescência. Fora perfeita contra os ranganeses, perfeita

quando encarara Mamoru no dojo e o chamara de fraco. A ironia era que Mamoru estivera certo... sobre o Império, sobre os Kwang, sobre os ranganeses... e Takeru o chamara de fraco.

Mesmo com a insegurança da juventude, Mamoru estivera mais perto da verdadeira clareza do que o pai jamais chegara. Takeru exigira que Mamoru se erguesse e lutasse por sua verdade. Agora, sua esposa pedia que ele se erguesse, mas tudo que conseguia fazer era ruir, ruir e ruir.

Misaki não desacelerou, não cedeu um koyin de terreno. Algo possuíra o corpo daquela mulher — alguma magia de sangue Tsusano que ele não compreendia —, dando-lhe uma força inumana. Só que força por si só não fazia um guerreiro se mover com tamanha elegância. Conforme a mulher diminuta acompanhava seus passos, Takeru foi obrigado a perceber que passara quinze anos dormindo, sem saber, ao lado de uma combatente quase tão habilidosa quanto ele.

Como nunca tinha notado? Ou será que tinha notado e ignorado, como ignorava tudo que o perturbava? Perdera tanto da vida naquela confusão de neve, neblina e meditação, que nem sabia mais.

A Sasayaiba rachou sob um golpe brutal da espada de Misaki. Em vez de tomar um momento para se recuperar do impacto, ela acelerou com fúria renovada, girando para dar uma estocada. Takeru bloqueou e seu gelo se partiu, mal conseguindo desviar a espada de obsidiana antes que varasse seu peito.

Ela não o mataria de verdade... mataria?

Jamais conhecera de verdade a mulher que vivia dentro daquela boneca, e era difícil lutar contra um inimigo desconhecido. Tentou um corte ofensivo com uma nova Sasayaiba, que se partiu de novo ao atingir o contra-ataque mais firme da esposa.

Matsuda Takeru Primeiro criara sua Lâmina Sibilante ao atingir completa clareza. Estudara cada canto do mundo, dos castelos dos koro às forjas dos

numu, da antiga religião à nova, e compreendera tudo intimamente. Ao contrário de seu ancestral, Takeru só encontrava o foco para produzir uma Lâmina Sibilante ao se recolher ao branco velado da montanha, onde ficava alheio ao seu país, à sua esposa, até mesmo às próprias emoções. Que tipo de homem fechava os olhos para o mundo e chamava isso de clareza?

Tudo que Takeru sabia a respeito daquela mulher era que ela estava com raiva... e toda vez que algo se rachava ou quebrava, ela parecia se enfurecer mais, seus movimentos se tornando mais erráticos, mais ferozes, mais ilegíveis. Havia aflição no modo como lutava, acompanhando a força, emanando e crescendo a cada estocada da espada. Ela estava sofrendo, e era culpa dele. Não tivera a intenção de fazer isso com ela, mas a cada movimento só parecia piorar as coisas... era insuportável. Quando Misaki grunhia, ele ouvia a amargura do pai, sentia as lágrimas da mãe. Mamoru fervilhava nos olhos dela.

Precisava dar um fim àquilo.

Procurou por uma abertura para agarrá-la, mas Misaki era rápida demais, e não dava sinais de estar cansada. Se ele pressionasse com a Sasayaiba imperfeita, a espada de obsidiana deceparia seu braço. Mudando de estratégia, usou seu corpo físico como ponto focal dos ataques dela, enquanto erguia a neve ao redor em uma armadilha.

Ao sentir o toque de sua nyama, a neve agitada correu para atender ao mestre. Apesar da força física que Misaki demonstrara, sua consciência da água ao redor ainda era tosca comparada à de um descendente Matsuda. Na confusão giratória de neve, ela não sentiu as moléculas se acumulando às suas costas.

Takeru permitiu que sua lâmina se partisse contra a dela, abriu as mãos e puxou a água na direção dos dois em uma vasta onda. Misaki soltou um grito de surpresa quando a onda a envolveu dos ombros para baixo, e reagiu com a velocidade de um guerreiro treinado, largando a espada para usar as duas

mãos na tentativa de se livrar da água. Só que Takeru já estava congelando o líquido, e o jiya dela não era páreo para o dele. A onda se tornou sólida e a imobilizou.

— Renda-se — disse Takeru, disfarçando a exaustão com um tom autoritário.

O olhar raivoso dela o atravessou; não como uma lâmina, mas como *garras* que se cravavam com força, tornando impossível se libertar.

— Isso foi golpe baixo, Matsuda Takeru — sibilou ela, quando seus olhares se encontraram, igualmente imobilizados. — Eu ficaria impressionada, se não fosse um sinal tão óbvio de fraqueza. Não imaginei que você fosse trapaceiro.

— Você nunca especificou os termos de combate — respondeu Takeru. Era uma desculpa fraca. Poucos termos de combate permitiam técnicas que restringissem o oponente. Por outro lado, os termos de combate jijaka não tinham sido pensados para duelos entre cônjuges. — Não quero machucar você.

— Me *machucar*? — A respiração de Misaki, mesmo fria, criava vapor na aura congelante de Takeru. Se é que era possível, ela parecia ainda mais angustiada do que durante a fúria do combate. — Isso... — Ela baixou os olhos para o gelo envolvendo seu corpo. — *Isso* é sua tentativa de atenuar minha dor?

— Eu... — Takeru tinha a impressão de que estava deixando passar alguma coisa. — Eu não posso trazer Mamoru de volta.

— Mas pode ser melhor. — Ela o encarou e, *pelo amor de Nami, será que aquelas garras não iam afrouxar?* — Você pode ser melhor do que o homem que não conseguiu salvá-lo.

— Serei. Não vou mais machucar você — prometeu Takeru.

— Se não quer me machucar, lute como um guerreiro de verdade — rosnou Misaki, cerrando os dentes —, com respeito.

Takeru estava acostumado a ver a nyama de outros teonitas falhar quando eles eram envoltos em seu gelo. Incapaz de mover os membros, a maioria dos teonitas tinha dificuldade em usar seus poderes para manipular o mundo ao

redor. Só que o poder de Misaki não estava ao redor, mas dentro dela, emprestando a seu corpo pequeno uma força divina enquanto ela se debatia contra a prisão. A dor dela silvou dentro dele feito garras arranhando pedra, e Takeru teve dificuldade de não se retrair.

— Esta luta acabou, mulher — insistiu ele, como se falar em voz alta pudesse fazer com que a afirmação se tornasse verdade. — Você está desarmada. Renda-se.

— Não vou. Não posso. Você ainda não aceitou meu desafio.

— Eu ac...

— Você não lutou feito um Matsuda.

O corpo dela fez pressão contra o gelo... e o *rachou*.

A quebra causou um choque na alma de Takeru. Ele era um garotinho, encolhido em posição fetal e trêmulo depois da surra do pai, incapaz de compreender para onde a mãe tinha ido, por que fora embora, por que o pai o odiava tanto. Tou-sama pisara nele duas vezes, deixando a marca do calcanhar em sua bochecha e uma pontada de dor em suas costelas.

Sabendo que não conseguiria se levantar, ele rolou de lado e se arrastou. Estava vagamente consciente de que o irmão devia ter se intrometido para protegê-lo, o que significava que Takashi provavelmente estava mais machucado ainda. Não era um pensamento reconfortante. A culpa se entremeou à confusão e aos vasos sanguíneos rompidos, criando uma dor nova e piorada.

Sabia que, se ficasse parado e prestasse atenção, ouviria Takashi chorando, sentiria a dor do irmão respondendo como um eco à própria. Então, em vez de prestar atenção, Takeru se arrastou mais rápido, unhas arranhando o tatame em desespero. Uma mão depois da outra, ele rastejou até a varanda que dava vista para o pátio coberto de neve. Ao chegar à beirada, rolou para fora, caindo no abraço branco abaixo.

Desabou de lado com força, provavelmente piorando os ferimentos, mas

tudo estava bem. Assim que atingiu o chão, a neve avançou para embalá-lo feito os braços da mãe, e ele ficou em segurança. Abrindo os dedos naquela branquidão, Takeru deixou tudo fluir para a montanha. A dor se diluiu em mil flocos de neve, e depois em dez mil, atenuando-se como a neblina de manhã.

Takeru passara a vida toda certo de que livrar-se de sua dor na montanha era correto, de que era a única solução... porque como seria possível suportar tamanho sofrimento em algo tão pequeno quanto um corpo humano?

No entanto, ali estava aquela mulher, que comportava tudo dentro de um diminuto corpo de carne e sangue sem se partir. Era como se toda aquela dor houvesse se comprimido em sua figura miúda feito as moléculas da Lâmina Sibilante ou o aço dobrado mil vezes e forjado em uma lâmina. Ela tomara cada gota de aflição feito um golpe de martelo, transformando-a em força, e se tornara mais forte do que ele. Ela o estava quebrando.

— Pare — comandou ele, mas Misaki continuou a resistir.

O gelo rachando berrava com a voz de Takashi, de Mamoru, tudo que ele tentara com tanto afinco abafar. Takeru manteve a mão aberta diante de si, em vão.

— Pare! — berrou, a voz perdendo o tom de comando. Suplicante. — Pare! Pare!

Misaki libertou uma das mãos. Os cacos de gelo tinham deixado arranhões em seus braços, vermelho sobre as cicatrizes brancas da luta com os fonyakalu. Livrando-se da prisão, ela avançou correndo. Estava desarmada, mas o atacou mesmo assim.

Naquele momento de admiração, Takeru percebeu quanto devia àquela mulher, que lhe dera filhos e que lutara, lutara e lutara por uma família que jamais desejara. Aquela mulher que dera a vida a ele e não pedira nada em troca. Mamoru não puxara a força do pai, mas da mãe.

Talvez Misaki fosse mais forte que ele. Talvez fosse impossível superar aquela mulher que parecia carregar dentro de si a força de um exército. Mas

ela tinha razão. Um Matsuda não hesitava diante do impossível.

Takeru estendeu seu jiya para formar uma lâmina, mas Misaki se adiantou, arrancando a bainha do quadril e golpeando o rosto dele com ela. A bainha devia ser feita do mesmo vidro zilazeno, porque o impacto foi mais potente do que qualquer gelo ou metal que Takeru já tivesse encontrado.

Enquanto estava atordoado, ela lhe deu um chute na barriga. Fazia décadas desde que alguém o derrubara, mas, naquele estado de força monstruosa em que Misaki se encontrava, o chute o fez perder o fôlego e o arremessou na neve.

Quando Takeru conseguiu se erguer em quatro apoios, Misaki parou diante dele, ofegante, o cabelo esvoaçando. Recuperara a espada preta, embora a bainha ainda estivesse na mão esquerda feito uma segunda lâmina. Através das pontadas de dor nas costelas, Takeru reconheceu a postura similar à de Takashi e se perguntou onde ela aprendera a lutar com duas armas... Onde encontrara tanta força? Ninguém lhe batera tão forte desde o pai.

A neve chamava Takeru, oferecendo gentilmente absorver sua dor. Ele abriu os dedos sobre aquele frio convidativo, prestes a ceder... mas Misaki ainda o encarava com expectativa. Aquele olhar o apertou feito garras — feito braços — e o prendeu.

Então, em vez de se entregar à neve, Takeru cravou os dedos nela com força. Quando cerrou os punhos, a neve avançou para ele. Pareceu lhe devolver, em uma onda angustiante, tudo que depositara nela por mais de quarenta anos: os machucados do irmão, as lágrimas e os gritos de raiva impotente da mãe, sua noiva de 19 anos com o rosto escondido nas mãos enquanto tentava conter soluços, seu pai segurando uma vara de bambu para surrá-lo.

O golpe da vara estalou em seus ouvidos e se transformou no estrondo de bombas nas encostas de Takayubi. Atingiu suas costas e se tornou os punhos de Kotetsu Atsushi implorando para Takeru voltar para buscar seu pai... *"Por*

favor! Matsuda-dono! Por favor!”. Atingiu seu braço e se tornou a Agulha de Sangue de Misaki. Atingiu seu punho e ele sentiu o punho contra os dentes de Mamoru, tirando sangue da boca do garoto.

Proteja a linha, dissera enquanto o filho o encarava, assustado.

E Mamoru protegera. Protegera Takayubi com tudo de si.

Agora, era a vez de Takeru.

Com a verdade de sua vida nas mãos, ele se ergueu.

Enquanto Misaki avançava em sua direção, ele enxergou os dois pelo que eram: uma mulher que precisava do marido, e um homem que precisava da esposa.

Essa clareza se aguçou em um fio.

A Lâmina Sibilante encontrou a bainha de obsidiana de Misaki e a atravessou. Ela arregalou os olhos e sorriu — pelos Deuses das Profundezas, ela *sorriu* —, um sorriso cru, aberto, e foi a coisa mais linda em todo o Duna.

A espada dela acertou a parte chata da Lâmina Sibilante de Takeru, desviando-a de curso, mas daquela vez o gelo não se quebrou, nem mesmo rachou.

Misaki jogou fora a metade decepada da bainha e se voltou para Takeru com energia renovada. Pela primeira vez, os dois se encararam — não como uma montanha congelada e uma boneca, mas como seres vivos, um homem e uma mulher. O sorriso de Misaki aumentou. Conseguira o que queria dele.

Só que, com aquela nova clareza, Takeru percebeu que precisava de mais uma coisa dela... como homem. Ela girou, mirando seu pescoço, e ele baixou o braço.

Misaki

Misaki colocou todo o peso do corpo no ataque, sabendo que a Lâmina

Sibilante estaria ali para apará-la, pronta para se estilhaçar o golpe ou se partir na tentativa.

O impacto não veio.

Em meio à euforia da luta, ela sentiu uma pontada de pânico. Mesmo com os reflexos aguçados, mal conseguiu parar com um solavanco antes que a lâmina arrancasse a cabeça de Takeru dos ombros. O vidro preto roçou o pescoço dele, e o mundo inteiro freou, a própria neve parecendo se paralisar de choque.

Misaki ficou parada, sem fôlego, coração retumbando, enquanto duas gotas de sangue escorriam pelo pescoço claro de Takeru. Duas gotas. Ela não o matara. Mas fora por pouco.

Por quê?, pensou ela, furiosa. *Por que ele não bloqueou?*

Takeru tivera tempo de aparar o golpe, então por que não fizera isso? Será que tentara *enganá-la* para que o matasse? Será que a estivera *testando*?

Ao olhar para o rosto do marido, porém, não encontrou uma expressão arrogante ou premeditada, e sim de óbvia surpresa. Então, Misaki viu aquela surpresa se derreter em algo mais suave que triunfo. Alívio.

Eles se olharam, peitos arfando pelo esforço físico, a lâmina de Misaki ainda encostada no pescoço dele. Então, a Lâmina Sibilante se transformou em neve, caindo para descansar a seus pés. Os dedos de Takeru tocaram a mão dela que segurava a espada.

— Eu aceito — disse ele, e, pela primeira vez, sua voz estava repleta... cheia de gratidão, de força e da determinação mordaz do inverno.

De algum modo, Misaki entendeu que ele lhe dera uma última abertura. Se ela quisesse mesmo matá-lo, então ele estava sozinho. Estava disposto a ficar e lutar, mas preferia morrer a fazer isso por conta própria. Ao tocar a mão dela, não estava aceitando apenas o desafio da responsabilidade, mas *Misaki*.

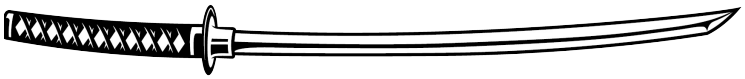
Dedos frios percorreram a mão dela, subindo pela manga até afastar o cabelo de seu rosto. Sob a neve que caía, Takeru encarou a mulher com quem

tinha se casado e a enxergou pela primeira vez.

— Eu aceito.

28

O estranho



Dizia a lenda de Takayubi que um Matsuda jamais saíra de um duelo sem derramar o sangue do oponente. Naquele dia, Takeru e Misaki romperam com aquela tradição.

Ela recolheu as gotas de sangue antes que caíssem e tocou com cuidado o corte no pescoço do marido. Takeru não afastou sua mão, mesmo enquanto o jiya dela remexia a ferida aberta, transformando o líquido em uma casquinha.

— Você é mais forte do que eu pensava — comentou Takeru.

Misaki soltou uma exalação de desdém.

— Foi um caso à parte. Eu já estive em muito melhor forma.

— Não estava falando da espada. Disso eu sempre soube.

Misaki fez uma expressão surpresa, neve caindo de seus cílios.

— Soube? — Então, ela suspirou. — Acho que subestimei sua capacidade de percepção.

— Não. Seu pai falou a respeito quando a descreveu para nós.

— Você nunca comentou. — Misaki hesitou. — Por que nunca comentou?

— Não sei... — Uma ruga pensativa surgiu na testa de Takeru. — Desculpe por nunca ter perguntado.

— Eu também nunca falei nada. — Em vez disso, escondera sua verdadeira personalidade sob uma fachada rígida, torcendo para que assim conseguisse se

transformar em outra coisa. — Desculpe.

Misaki esfregou a mão no pescoço de Takeru uma última vez, então a deslizou para o peito dele. O corte já estava coagulado.

— Obrigado por falar agora — disse Takeru.

Ele ergueu a mão para o corte no próprio pescoço; não o que Misaki acabara de coagular, mas o outro, que o espírito de Mamoru causara durante o último pesadelo.

— Acho que eu deveria ficar um pouco e me despedir do meu irmão e do meu filho.

Misaki assentiu.

— Claro.

No entanto, percebeu que a ideia de o deixar sozinho na encosta a perturbava. Ele tinha passado muito tempo sozinho na neve, não tinha? Meditando para se livrar da própria humanidade, afundando-se cada vez mais em um refúgio que fora maculado pelo sangue da própria família.

— Tudo bem se eu ficar aqui com você, Takeru-sama? — perguntou ela, baixinho.

Takeru ficou um momento em silêncio, depois assentiu.

— Por favor.

O céu estava escurecendo quando os dois se ergueram para tomar o caminho de volta para casa. Misaki havia congelado os pedaços da bainha de Siradenyaa para guardar a espada. Estava frio o bastante para que o gelo permanecesse firme, mas em algum momento ia precisar de outra bainha.

— Pedi para Setsuko cuidar dos meninos na nossa ausência. Disse que talvez a gente demorasse um pouco, mas espero que ela não tenha ficado preocupada — explicou Misaki.

— Acho que ficou. Parece que ela mandou alguém atrás de nós — comentou

Takeru.

— Como assim?

— Tem alguém descendo a montanha em nossa direção. — Takeru inclinou a cabeça, como se prestasse atenção. — Duas pessoas.

— Melhor irmos ao encontro delas e deixar claro que não sumimos — disse Misaki, espanando a neve dos joelhos.

Era estranho que ainda não sentisse qualquer dor física, mesmo após ter lutado e depois ficado sentada de pernas cruzadas por tanto tempo.

Mal tinham começado a percorrer o passo sul quando seus olhos pousaram em uma figura descendo a montanha na direção deles. Kwang Chul-hee estava ficando melhor em manter o equilíbrio nas encostas de Takayubi, mas ainda andava com mais lentidão do que os habitantes nativos.

— Ah! — exclamou o garoto ao avistar Misaki e Takeru. — São vocês.

— Kwang — disse Takeru, cobrindo sem dificuldade, a passos firmes, a distância até o garoto cambaleante. — O que está fazendo aqui?

— Setsuko-sama falou que vocês estavam sumidos por muito tempo e que estava ficando preocupada, aí me pediu para vir procurá-los.

— Estamos bem, e já estamos voltando, como pode ver — respondeu Takeru, embora Misaki tenha notado os olhos de Chul-hee perpassarem, nervosos, os cortes recentes no pescoço do homem.

— Tá bom. Eu... — Chul-hee se interrompeu. Seus olhos tinham pousado na espada no quadril de Misaki. — O que é isso?

— É assunto da minha esposa — rebateu Takeru, um tanto brusco. — Como dama de uma casa nobre, ela pode portar uma espada, se...

— Não é isso, já vi mulheres com espadas. Só que não uma espada *dessas*. Matsuda Misaki-dono-sama... — Empolgado, o garoto se embolou todo com os honoríficos de Shirojima. — Isso é o que eu acho que é?

Misaki baixou os olhos para Siradenyaa.

— Você tem um bom olho.

— Quer dizer... isso é...

— Vidro zilazeno? É.

— *Está brincando!* — exclamou Chul-hee, animado, passando, em sua incredulidade, para o kaigengua que lhe era nativo. — *Kotetsu disse que não* existiam *katanas zilazenas!*

– *Quer ver de perto?* — sugeriu ela, em kaigengua.

Chul-hee pareceu perder o fôlego.

— *Posso?*

Sorrindo, Misaki desatou Siradenyaa e entregou a espada embainhada para Chul-hee, que se curvou, aceitando-a com ambas as mãos.

— *Cuidado* — avisou ela, quando ele agarrou o cabo e deslizou metade da lâmina para fora da bainha. — *É mais afiada que a maioria das espadas, mas não enferruja, então você pode tocar a parte plana sem deixar oleosidade.*

– *Ah* — disse Chul-hee, virando a lâmina. — *E a bainha também é de vidro zilazeno?*

– Hã... — Misaki hesitou, mas se deu conta de que seria difícil mentir para o garoto enquanto ele tinha a bainha em mãos. — Sim, por dentro.

— E o que aconteceu com ela? — perguntou Chul-hee, roçando os dedos no gelo que Misaki usara para remendar a bainha.

Ele podia não ser um guerreiro de Takayubi, mas ainda era um jijaka competente; era quase certeza que conseguia sentir que a bainha fora cortada. Misaki olhou de relance para Takeru.

— *Infelizmente, foi danificada.*

Chul-hee ainda estava com os dedos sobre o gelo da bainha, a testa franzida em confusão.

— *Parece que foi cortada ao meio.*

– *Que interessante.* — Misaki sorriu, pegando a espada dele e a colocando de volta no cinto do hakama.

— *Mas foi cortada!* — disse Chul-hee, perdido. — *Nada consegue cortar vidro zila...*

— Ele se interrompeu, olhando para Takeru.

Os olhos do garoto relancearam outra vez para os cortes no pescoço de Takeru, então para o cabelo e as roupas desarrumados de Misaki, depois de volta a Takeru. Por um momento, ele moveu a boca sem fazer som, mas todas as perguntas na ponta de sua língua sem dúvida eram inapropriadas demais para serem proferidas.

— É melhor voltarmos para a vila. — Takeru gesticulou para que Chul-hee e Misaki seguissem na frente, e todos prosseguiram montanha acima. — Vamos encontrar a outra pessoa e retornar.

— Outra pessoa? — repetiu Chul-hee.

— Duas pessoas vieram nos procurar, não?

Chul-hee balançou a cabeça.

— Eu vim sozinho.

— Não... — Takeru parou de repente, tenso. — Havia alguém atrás de você.

— Tem certeza, Takeru-sama? — perguntou Misaki. Às vezes, o uso exaustivo do jiya, como em uma luta, afetava os sentidos de um teonita. — Quem sabe...

As palavras morreram quando um movimento na trilha adiante chamou sua atenção. Uma figura bloqueava o caminho, o quimono azul Matsuda esvoaçando suavemente, uma espada de acabamento turquesa pendendo no quadril.

Mamoru.

Misaki gritou, as mãos subindo à boca. Apavorada de que algo estivesse lhe causando alucinações, ela olhou para Takeru e Chul-hee, mas os dois também estavam paralisados, olhos incrédulos fixos na assombração.

— C-c-como? Por que ele está aqui? — gaguejou Chul-hee, trêmulo.

Mamoru sacou sua katana... e foi isso que o entregou. Por um instante, um brilho percorreu sua figura, feito respingos de luz no chão de uma floresta. Misaki já vira ondulações luminosas como aquela, e sabia exatamente o que

significavam.

Aquele não era Mamoru nem seu espírito.

Quando a imitação de Mamoru partiu para cima deles, Takeru deu um passo hesitante para trás, o braço estendido para proteger Chul-hee e Misaki, mas ela se adiantou, reunindo seu jiya em uma lança de gelo. Mesmo sabendo que não era realmente seu filho, não conseguiu varar o peito dele com o gelo. Não conseguiu matar sua imagem.

Chul-hee soltou um grito de medo quando Misaki disparou o projétil. O gelo se cravou no ombro daquele embuste, fazendo-o recuar e destruindo a ilusão. Sardas surgiram no rosto de Mamoru, o cabelo preto tornou-se castanho e o quimono azul se transformou em um manto cinza tremulante. A katana caiu da mão do homem e atingiu a neve no formato de uma faca de estilo hadeano.

Mesmo surpreso, Takeru reagiu com prudência, erguendo gelo para prender braços e pernas do estranho.

— O que *é* essa coisa? — questionou ele, mais abalado do que Misaki jamais o vira. Era compreensível, já que nunca conhecera Elleen Elden. — Um tipo de demônio?

— Não é um demônio. É um littigi — respondeu Misaki, avançando até a figura caída.

— Um o quê?

— Um tipo de subteonita — explicou ela, parando junto ao homem. — Parecem adynos sem poderes, mas possuem a habilidade de manipular luz para criar ilusões. Conheci alguns em Carytha.

Mas o que um deles estava fazendo ali?

O homem olhou feio para Misaki, em silêncio, mas os dois sabiam que não havia mais nada que ele pudesse fazer contra ela. O único perigo que littigiwu como ele representavam era pelo que podiam fazer alguém enxergar; ele não teria a força física para escapar do gelo de Takeru. Um brilho intenso poderia

ofuscar Misaki por um momento, mas tudo bem, afinal ela lutava melhor quando não contava com a visão.

Confiante de que estava segura, Misaki analisou o homem. Ele aparentava ter vinte e tantos ou trinta e poucos anos — sempre tivera dificuldade de discernir a idade de pessoas brancas —, com olhos verdes opacos e cabelo castanho cortado curto, no estilo hadeano. As linhas de uma tatuagem formavam um padrão estranho, em redemoinho, em meio às sardas marrons. Ela buscou na memória por alguém como aquele homem, mas não se lembrava de ter conhecido um littigi de olhos verdes, muito menos com tatuagens tão estranhas. Até a tinta lhe era inédita: brilhante e metalizada.

Com um aceno de mão, Misaki afastou a neve que caíra sobre o rosto dele, só para garantir que não estava imaginando aquele brilho prateado. Ele tinha alguma coisa na pele. Parecia metal entremeado às tatuagens, mas, quando Misaki investigou com o jiya, a substância cintilante lhe pareceu quase líquida.

— Você é muito talentoso — comentou ela. A imagem de Mamoru estivera no nível das ilusões de Elleen. Quase perfeita. — Quem é você?

Takeru, que provavelmente jamais tinha visto uma pessoa branca, se aproximou com mais cautela, com Chul-hee logo atrás.

— Está tudo bem, Takeru-sama — disse Misaki. — É apenas um ser humano, como eu e você... só que mais fraco. Veja.

Apoiando um tabi no braço do homem, ela aplicou um pouco de força e o osso se quebrou. O homem branco ficou tenso, o rosto contorcido, mas não gritou. O único som que emitiu foi um grunhido abafado e corajoso. Misaki arqueou as sobrancelhas. Aquele tipo de compostura férrea era sinal de treinamento intenso, embora ela sentisse o coração dele martelando, aflito.

— Muito bem, eu não sei se você fala o dialeto de Shirojima, então vamos tentar o yammaninke. *Quem é você e quem o mandou aqui?* — disse Misaki.

Normalmente, não tiraria nenhum prazer de torturar alguém mais fraco, nem mesmo alguém que tivesse tentado matá-la, mas aquele homem roubara o

rosto de seu filho. Seria um prazer quebrar todos os ossos do corpo dele.

— *Não fala yammaninke, seu xuro desgraçado? Tudo bem.* — Ela trocou de idioma outra vez. — *Também sei falar lindiche. Agora, responda. Quem é você? Veio de Carytha?*

Robin sempre se preocupara de que seus velhos inimigos os perseguissem, mas Misaki jamais fizera muitos inimigos pessoais em Livingston. Claro, machucara um bom número de pessoas, mas fora mais como apoio a Robin e Elleen. A maioria delas pensava em Pássaro de Fogo e sequer se lembrava de sua Sombra.

O manto cinza com capuz a lembrava de Kalleyso e seus capangas, mas, apesar de todas as tramoias bizarras e terríveis dele, Misaki jamais ficara sabendo de um chefe de gangue que tatuasse seus seguidores. Talvez fosse uma prática recente? Ou quem sabe aquelas marcas fossem algum tipo de adorno nativo de Hades e não tivessem nada a ver com as afiliações do homem.

— *Isso é por causa de Livingston?* — Ela pressionou o pé, extraindo outro grunhido de dor do littigi inerte. — *Esbarrou com Sirawu quinze ou dezesseis anos atrás? Não parece que você perdeu nenhum membro... mas vou ficar feliz de resolver essa questão.*

— Você o reconhece? — perguntou Takeru, que não entendia lindiche.

— Não, e você, Takeru-sama?

Takeru balançou a cabeça, então se virou para Chul-hee.

— Kwang?

— N-Não olhe para mim, Matsuda-dono. Nunca tinha visto um littigi — gaguejou Chul-hee.

— Bom, este deve ter passado um bom tempo aqui, espionando. — Misaki estreitou os olhos para o intruso paralisado.

— Como assim?

— Os littigiwu não são mágicos. Possuem memórias fotográficas, mas não conseguem criar rostos do nada, apenas reproduzir o que observaram, o que significa...

— Que esse homem viu Mamoru ainda vivo — concluiu Takeru, a voz baixa e horrorizada. — *Semanas* atrás. Por quê?

— É isso que ele vai nos contar. — Misaki baixou os olhos para o forasteiro e retornou ao yammaninke, o idioma internacional que o espião tinha mais chances de conhecer. — *Não é mesmo, littigi? Você vai nos contar tudo que queremos saber enquanto ainda tem os quatro membros e a língua.*

— Ah — disse Chul-hee, temeroso. — M-Matsuda-dono, tenho quase certeza de que isso é contra o código internacional de...

— Ainda bem que esses códigos só se aplicam aos militares, e eu sou uma civil — retrucou Misaki.

— Mas...

— Cale-se, Kwang — ordenou Takeru, brusco.

— *E então?* — estimulou Misaki, olhando feio para o littigi. — *Quer falar ou quer que eu o corte?*

Luz tremeluziu. O cabelo do homem se tornou preto e, por um momento, o rosto de Mamoru encobriu o dele, com uma expressão suplicante. A angústia atravessou Misaki, que deu um pisão mais forte. Seu calcanhar quebrou o fêmur do homem e a ilusão cruel em um só estalo.

Dessa vez, ele *berrou.*

— *Nada disso* – disse Misaki, em uma voz doce, enquanto Chul-hee se retraía. — *É melhor não desperdiçar sua concentração em ilusões manipuladoras no momento. Não, é melhor se concentrar bastante em me contar o que quero saber antes que a situação se torne desagradável* de verdade.

O homem travou a mandíbula, com arquejos rápidos escapando entre dentes cerrados. Seu coração estava disparado, mas ele não respondeu.

— *Ah, não seja assim.* – Misaki sacou Siradenyaa, e Chul-hee cobriu os olhos. — *Se você não falar comigo, não vai poder dizer que partes do corpo prefere perder primeiro. Vou ter que adivinhar...*

Então, o homem falou... em yammaninke, com o sotaque mais esquisito

que Misaki já tinha ouvido.

— *Ativação por voz.*

O coração de Misaki se apertou.

— Afastem-se! — gritou ela.

— *Detonar.*

A parede de gelo que Misaki formou por instinto entre ela e o littigi jamais teria resistido à explosão, nem suas pernas a teriam afastado o bastante para que escapasse. No entanto, o jiya de Takeru se ergueu junto ao dela, triplicando o tamanho da parede, e o braço ao redor de sua cintura a puxou para trás. Os dois caíram juntos na neve conforme a explosão sacudia a montanha.

Quando o assobio nos ouvidos de Misaki cedeu o bastante para que conseguisse voltar a raciocinar, ela se apoiou nos cotovelos e balançou a cabeça. Suas costas haviam batido em algo mais frio que a neve abaixo, e ela percebeu que estava sob o braço de Takeru, que a cobrira com o corpo, protegendo-a da chuva de estilhaços.

— Você está bem? — perguntou ela, a voz soando distorcida e distante.

Takeru deu uma resposta que pareceu afirmativa. Sob o outro braço dele estava Chul-hee, gemendo, com as mãos sobre a cabeça. Preocupada de que o garoto estivesse ferido, Misaki estendeu seu jiya para ver se captava algum sangramento.

— Ele está bem — disse Takeru, exasperado, enquanto os gemidos de Chul-hee se solidificavam em palavras:

— *Alto demais!*

Deixando o garoto encolhido no chão, Takeru se levantou e ajudou Misaki a se erguer.

— Mas que porra foi essa? — perguntou ela, voltando-se para onde o littigi estivera caído na neve.

— Era o que eu ia perguntar.

Não restava nada do homem exceto uma cratera e alguns pedaços de carne e tecido cinza espalhados pela encosta. Misaki balançou a cabeça.

— Nunca encontrei ninguém como ele. Outros littigiwu, sim. Pessoas com mantos cinza, sim, mas nunca alguém com aquelas tatuagens ou aquele sotaque.

Ela foi recuperar Siradenyaa, que tinha se cravado na neve depois de voar de sua mão.

— Você ia mesmo cortá-lo? — perguntou Takeru, puxando Chul-hee, trêmulo, para ficar de pé.

— Só se ele continuasse se recusando a cooperar — respondeu Misaki, embainhando a espada com cuidado.

Houve uma pausa.

— Você estava gostando. — Não foi uma crítica; Takeru parecia estar apenas fazendo um comentário.

Misaki deu de ombros.

— Era o tipo de coisa que eu costumava fazer com meus amigos, lá em Livingston.

— Na escola? — Takeru soou confuso.

— Bem, *depois* da escola. De noite. A gente não dormia muito.

— Matsuda-dono! — chamou alguém, e Misaki e Takeru ergueram os olhos para encontrar os homens de Kazu e alguns koronu Ameno correndo encosta abaixo. — Ouvimos um barulho que pareceu uma bomba. O que houve?

— Atentaram contra as nossas vidas — respondeu Takeru, quando os homens pararam diante do local da explosão. — Minha e da minha esposa.

— O quê?

Takeru contou calmamente aos homens o que tinha acontecido, o que soou absurdo, claro.

— Então, vocês acham que era um assassino? — perguntou um dos koronu Ameno.

— Ele *com certeza* era um assassino — respondeu Misaki.

Um littigi não confrontava dois teonitas poderosos a menos que tivesse um plano para acabar rápido com a luta. Aquele ali provavelmente esperara que a ilusão de Mamoru paralisasse seus alvos pelo tempo necessário para que os matasse com aquela faca, o que teria lhe permitido escapar com vida. A bomba fora um plano B.

— Quem vocês acham que o enviou? — perguntou um dos homens de Kazu. — Os ranganeses ou... — Ele não teve coragem de dizer em voz alta, mas todos estavam pensando o mesmo: o Império.

— Esse homem não era de Namindugu. Ele era branco — disse Takeru.

— Tem pessoas brancas morando em Namindugu, na União Ranganesa — comentou Chul-hee. Era algo que a maioria dos dunianos nem sabia.

— É mesmo? — perguntou Hakuyu, surpreso.

— Eles vivem bem a oeste — respondeu Misaki —, perto da fronteira com Hades. São originários de uma tribo hadeana chamada Malikovish, mas politicamente são parte da União Ranganesa. Nunca ouvi falar de existirem littigiwu entre eles, mas é possível.

Por outro lado, era igualmente possível que qualquer organização contratasse um assassino estrangeiro para não levantar suspeitas. No entanto, se o homem tivesse *mesmo* sido enviado pelos ranganeses...

— Quem está com a minha família? — perguntou Takeru, vocalizando a pergunta que acabara de brotar na cabeça de Misaki.

— Sua cunhada está cuidando das crianças. E alguns dos meus homens estão ajudando no serviço da casa. Eles devem estar a salvo — disse o líder Ameno.

Misaki já estava disparando encosta acima.

— Fiquem atentos. Voltem à vila assim que terminarem de investigar por aqui — disse Takeru aos homens.

Então, ele se juntou à esposa.

Quando chegaram à vila, tudo parecia normal, e os dois compartilharam um suspiro de alívio ao encontrar Setsuko e as crianças em segurança no pátio Matsuda. Setsuko se levantou e foi depressa até eles.

— Está tudo bem? Ouvimos um som de explosão e... Takeru... Matsuda-sama, você está ferido! — perguntou ela, agitada.

— Estamos bem. Ameno-san — ele se voltou para um dos homens trabalhando na casa, um voluntário chamado Ameno Kentaro —, corra até as outras casas e veja se todo mundo está presente e a salvo. Mande que todos os líderes voluntários façam o mesmo com seus grupos. Se alguém tiver visto alguma figura suspeita, mande a pessoa para cá imediatamente.

— O que...

— Teremos tempo para perguntas depois — interrompeu Takeru. — Vá!

— Sim, Matsuda-dono. — O homem largou a viga que estivera erguendo e correu.

— O que está acontecendo? — perguntou Setsuko, enquanto Misaki pegava Izumo do colo da concunhada e o balançava no quadril.

— Tentaram nos matar — respondeu Takeru. Hiroshi e Nagasa se juntaram aos adultos, curiosos. — Nenhum de nós se feriu gravemente, mas precisamos confirmar que mais ninguém na vila foi alvo também.

— O quê? Quem tentou matar vocês? — perguntou Setsuko.

— Os detalhes não importam, no momento. Por enquanto, estou apenas aliviado de que minha família esteja a salvo — respondeu Takeru.

Misaki esperou que Setsuko fizesse mais perguntas, mas a mulher ficou parada, encarando Takeru. Era óbvio que notara a mudança nele, no modo como sua voz expressava alguma emoção. A expressão confusa se tornou surpresa quando Takeru se abaixou e pegou Nagasa no colo.

Misaki não se lembrava de Takeru jamais ter segurado qualquer dos filhos. O próprio Nagasa pareceu desorientado de se ver, de repente, tão longe do chão.

— Acabei de ver seu irmão, Nagasa-kun — disse Takeru.

— Mamoru? — perguntou Nagasa, baixinho.

— Sim.

Nagasa ainda parecia profundamente atordoado.

— Tou-sama... viu Mamoru?

— Vi.

— Cadê ele? — perguntou o menino, apertando os ombros do pai. — Cadê Mamoru?

— Está no Laaxara agora. Ele prometeu que não vai mais voltar para perturbar você. Quer que o irmãozinho consiga dormir.

— Eu posso dormir?

Não dava para saber se Nagasa compreendia de fato o que o pai queria dizer, mas as palavras pareceram tranquilizá-lo.

— Pode — afirmou Takeru, e pôs Nagasa de volta no chão. — Ele também queria que eu o lembrasse de outra coisa. — Ele segurou o queixinho de Nagasa entre o polegar e o indicador. — Um guerreiro não chora.

Nagasa assentiu.

— Mamoru não quer que você chore. — Takeru apoiou a mão na cabeça de Nagasa e bagunçou seu cabelo, então se voltou para o segundo filho.

— Hiroshi...

— Sim, Tou-sama?

Takeru observou o filho por um momento, o garotinho com os ombros curvos por uma tensão que poderia fazer um adulto se curvar. Ele não pegou Hiroshi no colo — mesmo quando bebê, Hiroshi não gostava muito de ser segurado —, mas se ajoelhou para ficar na altura do filho.

— Eu me recusei a treinar Mamoru quando ele tinha a sua idade. Sabia disso?

— Não, Tou-sama.

— Me arrependo disso agora — disse Takeru, calmo. — Ele era poderoso,

como só um Matsuda pode ser, e precisava que um Matsuda o treinasse. Você é igual, não é?

Hiroshi encarou o pai por um momento, e então, como se desse vazão a uma terrível dor, sussurrou:

— Sim, Tou-sama.

— Posso ensinar você a controlar isso. — Ele encostou a ponta do dedo no peito de Hiroshi. — Esse poder frio que parece grande demais para o seu corpo. Posso treiná-lo para que consiga controlar e usar essa força, se você estiver pronto. Seu irmão, Mamoru, seu tio Takashi e eu... não tivemos o devido treinamento, quando crianças. Você é tão forte quanto nós, mas farei de você mais forte ainda, se estiver pronto para aprender comigo. Vou fazer de você o Matsuda mais forte que já existiu. Está pronto, Matsuda Hiroshi?

— Sim, Tou-sama.

— Então, vejo você no dojo amanhã de manhã, antes do nascer do sol.

Misaki observou, admirada, a tensão deixar os ombros de Hiroshi. Ele ainda mantinha um porte rígido demais para um garoto tão novo, mas não parecia a ponto de se partir.

— Por Nagi, Misaki. O que você fez com esse homem? — sussurrou Setsuko no ouvido da amiga, os olhos arregalados.

— É difícil explicar — respondeu Misaki, sorrindo.

Os olhos de Setsuko percorreram o cabelo desgrenhado de Misaki, o hakama emprestado e a espada preta em seu quadril. Se deduziu o que tinha acontecido, não disse nada, apenas ergueu o dedo e cutucou a bochecha de Misaki... bem na covinha.

— Bem-vinda de volta, moça bonita.

Os homens que tinham ido investigar a explosão voltaram pouco depois. Se tinham achado a história de Takeru fantasiosa, suas dúvidas sumiram ao encontrarem pedaços sangrentos do littigi espalhados pela encosta, e agora estavam ansiosos para ouvir a narrativa em mais detalhes.

No entanto, antes que Takeru respondesse à onda de perguntas, Ameno Kentaro chegou tropeçando no pátio.

— Matsuda-dono! — chamou ele, e Misaki viu em seu rosto que havia algo errado.

— O que houve?

— Tem uma pessoa desaparecida.

— O quê? Quem?

— Uma criança. Uma menina de 5 anos chamada Ginkawa Yukimi — respondeu o homem.

Yukimi era uma das crianças que haviam ficado órfãs após o ataque ranganês. Seu pai, ainda jovem, e os tios mais novos haviam morrido para proteger o passo norte. A mãe, uma prima de Yukino Dai, fora atingida pelas bombas do ataque aéreo.

— Mande todo mundo procurar nas próprias casas — disse Takeru. — Mobilize os homens para se espalharem e vasculharem a montanha... apenas os homens, e apenas guerreiros. Ferreiros, monges e mulheres devem permanecer em casa, ou perto de casa, até confirmarmos que o assassino não tinha aliados espreitando pela área.

— E os pais da menina? Cadê eles? — perguntou um dos voluntários.

— Ela não tem pais — respondeu Takeru —, mas todos nós somos sua família. O pai de Ginkawa Yukimi morreu protegendo esta vila. A mãe dela era prima de Yukino Dai, do mesmo ramo da família Yukino que minha própria mãe. Essa criança tem nosso sangue. Ela pertence a todos nós, e é nossa responsabilidade encontrá-la sã e salva.

— Acha que ela foi levada pela mesma pessoa que detonou a bomba? Ou que ele tinha cúmplices que a levaram? — perguntou um dos Ameno.

— Não sei. — Takeru olhou para Misaki por um momento, talvez pensando que ela podia ter alguma ideia, mas ela estava tão perdida quanto o marido.

E se o homem-bomba *não tivesse* vindo sozinho? E se houvesse mais

littigiwu? De repente, Misaki teve uma visão nauseante de um estranho usando o rosto da mãe ou do pai de Ginkawa Yukimi. Se o homem tatuado observara e memorizara os traços de Mamoru, era quase certeza que tinha feito o mesmo com outros residentes de Takayubi. Takeru e Misaki quase haviam caído na ilusão do inimigo; uma criança traumatizada de 5 anos não tinha a menor chance.

— A pessoa que minha esposa e eu encontramos mais cedo usou ilusões para tomar a forma do nosso filho — disse Takeru. — Minha esposa tem experiência com esse tipo de subteonita e vai explicar como identificar essas ilusões.

Misaki disse aos homens para prestarem atenção em cintilâncias ou ondulações de luz, como as que se viam na superfície da água.

— Desconfiem de qualquer pessoa que fique calada. Os littigiwu não conseguem imitar vozes. Contanto que membros da equipe de busca troquem algumas palavras sempre que se cruzarem, deve ficar tudo bem — acrescentou ela.

Enquanto os homens se afastavam para organizar tudo, Takeru mandou Setsuko reunir as mulheres e crianças para que conduzissem uma segunda contagem e Misaki pudesse instruí-las a identificar as ilusões de um littigi.

Quando todos os homens tinham partido, Takeru se ajoelhou diante da propriedade Matsuda e pôs as mãos na neve.

— O que o senhor vai fazer? — perguntou uma das mulheres.

Takeru fechou os olhos.

— Vou encontrar Ginkawa Yukimi.

Ele permaneceu ali, perfeitamente imóvel, por quase uma waati, deixando que Misaki explicasse suas ações aos moradores e voluntários confusos. Alguns pareceram céticos, mas ninguém estava disposto a questionar as habilidades de Takeru, por mais bizarras que parecessem. Quando ele enfim abriu os olhos, estava com o cenho franzido.

— Chame os homens de volta — disse ele, baixinho.

— O quê? Por quê, Matsuda-dono?

— Os invasores não estão mais na montanha, e Ginkawa Yukimi também não.

— Como assim? Ela está morta?

Takeru balançou a cabeça.

— Não senti nenhum corpo na neve nem no lago, e se ela estivesse a céu aberto... nas pedras... nossos homens a teriam encontrado. Ela não está mais na montanha.

— Então, alguém simplesmente a levou embora? — perguntou uma das mulheres, abraçando a própria filhinha com mais força. — Por que fariam isso?

Durante o resto da tarde, as teorias se espalharam rapidamente pela vila. Na última semana, as pessoas de Takayubi tinham começado a reunir seus suprimentos de comida nas ruínas do que um dia fora a sala de estar dos Matsuda. Quando a primavera chegasse, aquele meio cômodo não teria uma estrutura segura o bastante para ser habitado, mas, por enquanto, os reforços de gelo de Takeru o haviam transformado em um refeitório decente, com a área mais fria servindo como refrigerador, enquanto a área de madeira, aberta para o resto da vila, tornara-se uma cozinha.

Toda noite, Misaki reunia um punhado de mulheres e elas cozinhavam juntas em algumas panelas grandes. Sem eletricidade para uma grelha nem uma única panela de arroz, era mais eficiente cozinhar para a vila toda de uma vez. Naquela noite, um número sem precedentes de mulheres, quase metade das moradoras de Takayubi, apareceu para ajudar com o jantar. Algumas tinham vindo para conversar; e outras, para ter companhia. Todas se ocuparam com alguma tarefa.

— Você acha que foi um método de intimidação do governo? — perguntou Mayumi, passando para Misaki a concha que ela pedira.

— Primeiro, é perigoso falar essas coisas. Melhor ter cuidado com quem

pode ouvir. Segundo, eu duvido muito — respondeu Misaki.

— Mas, Matsuda-dono, foi você quem sugeriu que o imperador podia mandar assassinos...

— Eu sei, mas existem certas táticas que governos tirânicos usam para intimidar seus súditos. Por exemplo, eles gostam de mostrar quem são: soldados de uniforme, não estrangeiros com roupas estranhas. Também acho que, se tivesse sido uma tentativa de intimidação, os sequestradores teriam levado uma criança com pais vivos. Era isso que...

Era isso que os yammankalu costumavam fazer com os baxarianos nativos, para mantê-los na linha, mas Misaki decidiu que já cometera traições demais contra o Império sem precisar jogar seus aliados mais próximos na lama também. Balançou a cabeça.

— Se eles quisessem maximizar o impacto psicológico, não teriam escolhido uma órfã.

— Mas ela não era uma órfã qualquer — protestou Fuyuhi, parecendo magoada. — Era uma filha de Takayubi, do nosso sangue. É como disse seu marido: ela pertencia a todos nós.

— Só que o governo não entenderia isso — respondeu Misaki.

Ela hesitou a meio caminho de mexer a sopa, um punhado de temperos pairando sobre a panela borbulhante. Com o calor emanando sobre sua pele, lembrou-se de algo que Robin lhe dissera muito tempo antes, naquele terraço, quando ela perguntara se valia a pena salvar os habitantes de North End, em Livingston.

Todo mundo nesta parte da cidade já foi oprimido ou abandonado pelos poderes teonitas nos quais o resto do mundo se apoia, mas eles não desistem. Construíram uma vida e uma cultura próprias. Não são perfeitas, mas merecem proteção, mesmo que os governantes teonitas, os políticos e a polícia tenham decidido que não.

Jamais esperara compreender aquela parte de Robin, jamais pensara que aquelas palavras fariam tanto sentido.

— Matsuda-dono? Está tudo bem? — chamou Fuyuhi.

— Tudo. — Misaki abriu a mão e jogou os temperos na sopa. — Só me lembrei de uma coisa... — Ela balançou a cabeça. — Não importa. A questão é que você viu como o coronel Song e os homens dele se comportaram. Eles não entenderiam como nossa vila funciona, como cuidamos uns dos outros. O que aconteceu não nos deu nenhum dos sinais de um governo tentando assustar seus súditos para que obedeçam.

— Então, você acha que foram os ranganeses? — perguntou Fuyuko.

— Não sei. E não sei mesmo por que vocês acham que eu vou ter todas as respostas. Sou uma dona de casa, não uma espiã, não é?

Fuyuko deu de ombros.

— Às vezes, você fala feito uma espiã.

— E muitas vezes tem razão — acrescentou Hyori.

Misaki balançou a cabeça.

— Meu marido e os outros homens vão continuar fazendo de tudo para descobrir. Enquanto isso, tudo que podemos fazer é manter umas às outras em segurança.

O desaparecimento de Yukimi teve o efeito de aproximar ainda mais a vila. Em outro lugar, o sumiço de uma órfã poderia ter passado despercebido, mas ali era Takayubi, e a perda reverberou por cada pai e cada lar. Kotetsu Katashi e seus filhos produziram um conjunto de tochas compridas, que os koronu espalharam pela vila para manter a área iluminada noite adentro para, quem sabe, desencorajar invasores; Mizumaki Fuyuko e duas voluntárias se mudaram para o orfanato, para garantir que houvesse mais gente de olho nas crianças; uma dupla de homens Ameno escalou até o templo Kumono para proteger os monges que estavam residindo lá; e momentos de vigília foram planejados para garantir que ao menos três pessoas estivessem de guarda em diferentes pontos da vila a todo momento. Exceto por alguns homens que Takeru enviara para buscar informações de Yukimi nas vilas pesqueiras

próximas, todo mundo — residentes e voluntários — permaneceu na vila ou nos arredores.

Misaki não conhecera Ginkawa Yukimi nem os pais dela, mesmo assim ficava angustiada ao pensar na menininha enquanto colocava os próprios filhos para dormir. Todos na vila ficavam... uma falha que fora responsabilidade de todos.

Ao abrir a porta do quarto, encontrou Takeru ajoelhado no tatame, de costas para ela.

— Desculpe. Não queria atrapalhar — sussurrou, reconhecendo a imobilidade da meditação.

— Tudo bem. Ela se foi. — Takeru balançou a cabeça e se virou para Misaki, o rosto encovado e exausto sob a luz da lamparina. — Não adianta de nada.

— Você continuou procurando por ela esse tempo todo?

— Eu prometi a você que protegeria todos nós.

— Você fez tudo que podia. Não dava para prever isso — respondeu Misaki, baixinho.

Ajoelhando-se diante da tábua de madeira que agora lhe servia de penteadeira, Misaki tirou os grampos do cabelo e o deixou cair sobre os ombros.

— Então, você não teve nenhuma ideia a respeito do que pode ter acontecido? — perguntou Takeru, enquanto ela corria os dedos pelos fios, aliviando a tensão no couro cabeludo.

Misaki balançou a cabeça.

— Desculpe, Takeru-sama.

— Quem é Kalleyso?

A pergunta fez Misaki hesitar, os dedos ainda no cabelo.

— Como é?

— Você perguntou ao littigi sobre alguém chamado Kalleyso. O nome me soou familiar.

— Você deve ter ouvido sobre ele na televisão, em algum momento. Ele é um chefe do crime, de Livingston. Era bem conhecido em Carytha quando eu era... quando eu era adolescente. Seus seguidores usavam mantos cinza, mas nunca tiveram tatuagens na cara... nem bombas ativadas por voz.

— Mas você perguntou a respeito dele quase instantaneamente — comentou Takeru. — Por que um chefe do crime do outro lado do mundo teria envolvimento com Takayubi?

— Bom, talvez não seja com Takayubi que ele tem envolvimento. — Misaki correu os dedos até a ponta do cabelo para desembaraçar um nó ali. — Talvez seja comigo.

— Por quê? Qual é a sua relação com esse chefe do crime?

Misaki respirou fundo e deu as costas à penteadeira para encarar o marido.

— Passei meu último ano na Academia Alvorecer lutando contra ele.

— O quê?

— Bem... não lutando diretamente — corrigiu ela, os dedos ainda trabalhando no nó do cabelo. — Acho que só travamos um embate físico uma vez. Na maioria dos casos, eu e meus colegas de escola lutávamos contra os seguidores dele e tentávamos impedi-los de assumir o controle de outras gangues de Livingston.

Takeru a encarou, atônito, com a expressão inerte de um homem que passara por experiências demais em um dia só. Fora atacado pelo próprio inconsciente, pela esposa, por um ilusionista e por uma bomba, tudo nas últimas vinte waatinu... isso sem mencionar as conversas que tivera, que deviam ser cansativas para alguém que ficava mais confortável no silêncio de seu escritório ou do dojo. Ele provavelmente já estava no limite de quanta estranheza podia assimilar.

— Deve ser bobeira. — Misaki suspirou. — Kalleyso foi o primeiro suspeito que me ocorreu quando vi o manto cinza, mas o resto não faz sentido. Sekhmet... Kalleyso... nem deveria saber minha verdadeira identidade. Na

única vez em que lutamos, nós dois estávamos usando máscaras.

— Você lutou contra essa pessoa?

— Não muito bem. Ele me jogou de um prédio.

— Você era... uma justiceira? — perguntou Takeru.

— Uma ajudante. Meus amigos faziam a maior parte do trabalho.

— Seus amigos.

— Isso. Hã... você chegou a conhecer um deles. — Misaki baixou os olhos, sem querer encarar Takeru.

— O garoto que veio procurá-la. Robin Thundyil — concluiu Takeru.

Misaki fez uma careta.

— Isso.

Os ombros dela ficaram tensos, mas Takeru não fez mais nenhum comentário sobre Robin.

— Pensei que tivesse aprendido a usar a espada com seu pai. Não sabia que possuía tanta experiência prática.

— Claro que não sabia — respondeu Misaki, cansada demais para esconder o ressentimento, mas também cansada demais para ficar irritada de verdade. — Você me disse para nunca mencionar meu tempo na Academia Alvorecer.

— Ah, sim. Eu acho... dadas as circunstâncias, que podemos rever essa ordem.

— Por que você fez isso? — perguntou ela, sem conseguir se conter. Não sabia se estava forçando a barra. Não conhecia direito aquele novo Takeru e até onde iria sua paciência, mas havia uma mágoa, e ela precisava perguntar. — Por que não me deixou falar do meu passado?

— Não sei — murmurou ele, os olhos severos a observando sob a luz da lamparina. — Talvez eu tivesse medo.

— Medo de quê?

— Não sei. Minha mãe... sempre que falava da vida que tinha antes da gente, ela ficava triste... ou com raiva.

Misaki nunca ouvira Takeru falar da mãe. Ele pareceu perturbado.

— Você está bem, Takeru-sama?

— Só cansado.

— Vamos dormir, então. Lembre-se de que prometeu treinar Hiroshi antes do nascer do sol.

— Ah. — Uma expressão vagamente infeliz cruzou seu rosto. — É verdade. — Ele hesitou um momento, olhando de cenho franzido para a parede à frente. — Ele realmente matou um homem com a sua espada?

— Matou. — Misaki baixou os olhos. — Queria que isso não tivesse acontecido... as coisas saíram de controle. Eu sinto muito...

— Não é você que tem que sentir muito. Eu devia ter estado presente para os proteger. Mesmo sem mim, você não tinha motivo para achar que um garoto de cinco anos deixaria o esconderijo, onde estava seguro, para se juntar à matança. Nenhuma criança dessa idade teria tentado fazer isso, muito menos conseguido. Não é sua culpa que aquele garoto seja tão parecido comigo.

— Com você?

— Ele não é totalmente humano. Acho que é perigoso misturar o sangue de linhagens poderosas, como fazemos nesta família. Uniões muito fortes começam a gerar filhos humanos de menos e divinos demais.

— E o objetivo não é esse? Despertar esse precioso sangue dos deuses, fazer os filhos mais poderosos que pudermos?

— Sim, mas isso não muda o fato de que é perigoso... para as crianças e as mães. Só fico grato que Hiroshi não tenha matado você.

— O quê?

— Não com a espada. Antes disso...

— Takeru-sama, do que está falando?

O olhar dele se perdeu em algo que ela não enxergava, o bruxuleio da lamparina acentuando os círculos escuros sob seus olhos.

— Sabe, mesmo para uma mulher forte não é fácil dar à luz um deus.

— Não estou entendendo, Takeru-sama.

— Minha mãe, Yukino Tatsuki, era uma jijaka particularmente poderosa. Claro, como mulher, não tinha oportunidade de usar seu jiya em larga escala, mas... eu me lembro de que ela conseguia limpar toda a neve do pátio com um simples aceno de mão. As mulheres comentavam de uma vez em que uma criancinha caiu no rio e foi puxada pela correnteza. Antes que a mãe do garoto pulasse atrás dele, minha mãe *ergueu* o rio e botou o menino de volta na margem.

— Por Nami, Takeru-sama. Estou até me sentindo incompetente — disse Misaki, em tom de piada.

— Não. — Takeru balançou a cabeça. — Acho que pode ser um erro casar Matsuda e Yukino. Seres tão poderosos... com o mesmo tipo de poder... podem gerar resultados desastrosos.

— Mas seu pai não era... — Misaki se interrompeu antes que o comentário ofensivo deixasse sua boca.

Aquela nova prática de conversar com honestidade com o marido talvez tivesse confundido seu senso de etiqueta, mas precisava se lembrar de que ainda estava falando com Takeru. Não podia falar mal de Matsuda Susumu.

— Meu pai não dominava a Lâmina Sibilante — admitiu Takeru, obviamente sabendo o que ela estivera prestes a dizer, mas sem parecer irritado. — Também não atingiu altos patamares como jijaka, mas ainda tinha o sangue da linhagem Matsuda. Unido ao poder da minha mãe, isso gerou filhos tão monstruosamente poderosos que até ela teve dificuldade de gestá-los... de *nos* gestar.

Takeru baixou os olhos, uma sombra de culpa perpassando seus traços.

— É quase como se as limitações humanas resistissem à nossa existência, como se talvez... os Deuses sejam o tipo de pais que não quer que seus filhos os superem.

Misaki observou o marido por um momento. Percorrera as linhas de seu

rosto perfeito tantas vezes, perguntando-se se era mesmo feito de carne e osso, quando parecia uma criatura esculpida pelos gelos do mais puro inverno. Jamais se perguntara quão estranho era *ser* aquela criatura, ter consciência da própria bizarrice.

— Contaram que o nascimento de Takashi-nii-sama deixou minha mãe fraca e doente. *Meu* nascimento quase a matou. Ela ficou de cama por um ano. Quando eu ainda era bem pequeno, ela teve um aborto com a terceira gravidez já avançada. Talvez pudesse ter se recuperado, mas meu pai insistiu em tentar de novo. Ela morreu alguns meses depois de engravidar pela quarta vez.

— Sinto muito, Takeru-sama. Eu não sabia de nada disso.

Tudo que haviam dito a Misaki era que sua sogra morrera de uma doença prolongada. Não se dera conta de que abortos e morte eram comuns na casa Matsuda. Perguntou-se se seu pai sabia. Se soubesse, será que a teria casado com alguém daquela família? Afastou esses pensamentos. Não importava. Já estava feito. Estava feito havia muitos anos. E Misaki ainda estava viva com o marido. Era tudo que importava.

— Nós não falávamos a respeito — disse Takeru. — Se eu ou Takashi tocássemos no assunto... se falássemos da nossa mãe... Tou-sama nos batia.

Aquilo também era novidade para Misaki. Por anos, enxergara Matsuda Susumu como seu tirano pessoal; nunca considerara o que Takeru e Takashi podiam ter passado nas mãos dele. E nunca considerara ficar grata pelo fato de que nenhum dos filhos puxara as tendências violentas do pai.

Takeru levantara a mão para Mamoru pouquíssimas vezes. Talvez tivesse sido só uma — naquele dia estranho em que Mamoru questionara o Império e todos os seus princípios de vida. Claro, havia o dojo, onde Takeru acertava o flanco ou o punho de Mamoru durante os treinamentos, quando o garoto deixava uma abertura, quando havia uma lição a aprender. Takashi e Takeru, no entanto, tinham desenvolvido sua habilidosa esgrima com o avô, Matsuda Mizudori. Susumu nunca lhes ensinara nada, apenas gerara ressentimento.

— Eu acho que ele não era um bom pai — disse Takeru, devagar. — *Com certeza* não foi um bom marido.

Misaki olhou para Takeru, surpresa.

— O que foi? — perguntou ele ao vê-la de olhos arregalados.

— Eu só... acho que nunca o ouvi criticar seu pai.

Ela não pretendera causar aquela expressão envergonhada em Takeru.

— Eu sei que não deveria desrespeitá-lo, mas...

— Mas?

— Ele machucava minha mãe.

Isso não surpreendeu Misaki, especialmente se a mãe de Takeru era mesmo tão poderosa quanto ele descrevera. Se havia uma coisa que Susumu odiara mais do que tudo fora ser lembrado das próprias incapacidades.

— Ela também batia nele — prosseguiu Takeru, devagar, como se buscasse no fundo da memória as coisas que provavelmente nunca articulara, coisas de que provavelmente tentara se esquecer.. — Os dois estavam sempre brigando. Com outras pessoas, minha mãe era educada, era gentil, mas ela e meu pai nunca concordavam em nada, e eram muito infelizes juntos. Ele só falava com ela gritando. Ela só falava com ele chorando. Takashi-nii-sama me contou, muito depois, que ela tinha um sorriso incrível. — Ele balançou a cabeça. — Eu não tenho nenhuma lembrança dela sorrindo.

— Sinto muito. Eu não sabia — disse Misaki, baixinho.

E por que ele estava contando tudo aquilo agora? Parecia tão cansado. Com certeza já havia revirado dor suficiente para um dia só.

— Quando nos casamos, ficou óbvio que você não queria estar aqui — comentou Takeru. — Então, tentei manter uma distância respeitosa. Eu tinha certeza de que, se você falasse da vida que levava antes e de tudo que deixou para trás, a gente ia brigar.

Ele tinha razão. Caso Misaki houvesse se permitido ficar pensando em Livingston e em Robin, se permitido falar sobre isso, *teria* brigado com ele.

Mas será que teria sido tão ruim assim? Será que teria sido pior que quinze anos de extrema solidão?

— Eu não queria que as coisas entre nós fossem como eram com meus pais. Não queria que nossos filhos crescessem como eu... sem serem humanos por inteiro.

Enquanto Misaki observava o marido sob a luz da lamparina, tudo começou a fazer sentido. Takeru jamais testemunhara um casamento sem violência. Tentara evitar que acabassem nisso da única maneira que conhecia: com silêncio. Era uma interpretação distorcida da situação, mas fazia sentido.

— No seu primeiro aborto, fiquei preocupado que você fosse seguir o mesmo caminho que a minha mãe. Pensei que eu estivesse matando você.

— Mas não matou — respondeu Misaki, ao mesmo tempo emocionada e confusa pela ideia de que Takeru culpava a si mesmo pela fraqueza do corpo *dela*. — A falha foi minha, não sua.

— Não foi uma falha. Você ainda está viva.

— Eu... — Misaki hesitou. — Eu perdi seus filhos.

— Como expliquei, isso é comum entre as esposas Matsuda. É menos comum que uma mulher tenha sequer um aborto e sobreviva. Você deve ter sido protegida pelos Deuses... ou quem sabe pela magia de sangue que dá tamanha força à sua família. Talvez sua manipulação de sangue inconsciente tenha expurgado os fetos perigosos antes que a gravidez matasse os dois.

— Você acha que eu matei seus filhos. Como seu pai achava — disse Misaki.

— Eu acho que você salvou minha esposa. Seu sangue Tsusano a ajudou a sobreviver a coisas a que minha mãe não conseguiu. Pensando por esse lado, nossos pais fizeram uma boa união.

Misaki suspirou e abriu um sorriso deturpado.

— Isso é meio mórbido, Takeru-sama.

Takeru não retribuiu o sorriso. Ainda estava com aquela expressão sofrida, pesarosa, que Misaki não conhecia e que era muito difícil de encarar, ainda

que sua aparição estivesse muito atrasada.

— Eu sabia que você estava sofrendo depois de perder os bebês, assim como minha mãe sofreu antes de morrer. Mas admito, com vergonha, que não soube o que fazer. Ainda não sei...

— Você está conversando comigo. Na época, eu só queria que você conversasse comigo, não me deixasse sozinha.

Takeru balançou a cabeça.

— Eu pensei que, se tentasse me aproximar, você me afastaria. Pensei que, se falasse com você, viraria uma briga.

— Só que existem coisas piores do que brigas. Eu *gosto* de um pouco de briga. É o silêncio que acho insuportável — respondeu Misaki.

— Então, sou o pior marido de Kaigen.

— Não... Eu também podia ter rompido o silêncio — disse Misaki, baixinho.

Apenas não tivera a coragem. Muito de sua raiva vinha de Takeru tratá-la feito uma boneca, mas ela também não se saíra muito melhor. Tratara-o feito um bloco de gelo em forma de homem, sem parar para pensar que podia haver motivos muito humanos para aquele gelo ter se formado.

— Me desculpe por ter ficado em silêncio todo esse tempo. Ainda não sei se entendo... mas estou feliz que a gente tenha lutado hoje.

Misaki assentiu.

— Eu também.

Homens como Matsuda Takeru Primeiro só existiam em lendas, homens capazes de dar fim aos problemas de um reino com uma estocada da espada. A luta de Misaki e Takeru não os imbuíra magicamente de amor e compreensão, não curara a dor da ausência de Mamoru, mas era alguma coisa, como o começo de uma cicatrização. Um primeiro indício de que as coisas podiam melhorar.

Quando os dois se deitaram juntos no futon, a onda fria emanando deles apagou a chama na lamparina, deixando apenas a mistura de luar cinza-

azulado e sombras. A escuridão não ameaçava trazer pesadelos, porque Misaki não estava mais sozinha. Pareceu natural quando Takeru fez menção de tocar seu ombro... então parou.

— O que foi? — sussurrou ela.

— Você odeia quando eu a toco — disse ele; não foi uma acusação, apenas um simples fato. — Sempre odiou.

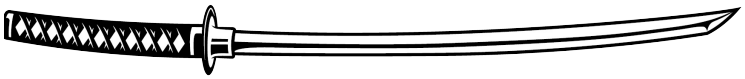
Misaki não tentou negar.

Não sabia se podia se *fazer* gostar do toque dele, mas estendeu a mão e a pousou no braço do marido. Frio. Mas de que importava? Ela também era. Chegou mais perto e descansou a cabeça em seu ombro. Takeru jamais teria a calidez que despertava seu desejo, mas, quando Misaki fechou os olhos, nenhum pesadelo a acometeu.

Nos braços do marido, envolta no som de sua respiração compassada, ela dormiu tranquilamente pela primeira vez em um mês.

29

O aprendiz



Na semana seguinte, o coronel Song voltou, dessa vez acompanhado por seus superiores, o governador da província de Shirojima e representantes do exército yammanka. O tradutor idiota de Song, Chou Kyung-tek, estava presente para apresentar todos em seu atrapalhado dialeto de Shirojima.

— Estes são o general Chun Chang-ho, o tenente Bek Jin-kyu, e o governador de sua província, Lo Dong-soo. Acredito que já conheçam o coronel Song Byung-woo.

Takeru se curvou educadamente para cada um dos homens.

— Também peço que deem as boas-vindas a nossos aliados yammanka, o general Burema Kende, o tenente-general Lansana Wagadu e seu tradutor e conselheiro, Jali Seydu Tirama.

Havia um segundo jaseli com os yammankalu, mais jovem do que o primeiro, usando túnicas mais simples. Misaki imaginava que fosse o aprendiz do verdadeiro jaseli — um aprendiz bastante recente, a julgar pela idade e pelo nervosismo —, mas o rapaz não foi apresentado.

— *É um prazer conhecê-los* — disse Takeru aos yammankalu em kaigengua, e Jali Tirama traduziu suas palavras para o yammaninke com facilidade. — *Obrigado por virem.*

Então, seguindo o estilo yammanka, Takeru estendeu a mão e apertou a do

general Kende.

Misaki repassara o cumprimento tajaka com Takeru e o convencera a praticar com ela até começar a parecer natural. Era em parte uma questão de o fazer parecer mais bem informado diante dos visitantes estrangeiros; mas, principalmente, Misaki queria que os yammankalu *sentissem* com quem estavam lidando. Funcionou. Ela notou a sutil expressão de surpresa na cara dos tajakalu quando tocaram a mão de Takeru e levaram os lábios aos nós dos dedos dele. Takeru era mais frio e mais palpavelmente poderoso do que qualquer representante do Império, e os yammankalu, no mínimo, respeitavam poder.

— *Você vai, é claro, nos hospedar em sua casa, Matsuda* – disse o general Chun.

— *Sim. É claro* – disse Takeru, tenso.

Que ótimo, pensou Misaki. Com cada oficial importante ali ocupando um quarto, não haveria espaço na casa semidestruída para os próprios Matsuda. Eles esperariam que Misaki e Setsuko ficassem à disposição para lhes servir chá e comida que não tinham condições de desperdiçar, mas a família ainda teria que arrumar outro lugar onde dormir.

— *Gostaria de acrescentar alguma coisa, Manga... quer dizer, Koroyaa?* — perguntou o jaseli mais jovem.

Koroyaa. Misaki hesitou, surpresa, ao perceber que a pergunta fora destinada a ela. Aquele era um honorífico de respeito para falar com uma mulher da classe guerreira. A questão inesperada demonstrava a inocência do jaseli; em Yamma, um casal era tratado igualmente e cuidava junto de todos os assuntos importantes. Devia ser a primeira visita dele a Kaigen, se estava tão incomodado com as dinâmicas de gênero.

Não apenas isso, mas ele quase chamara Misaki de *Manga* Koroyaa — um título usado para uma mulher de um clã governante. Em outro país, uma família nobre como a Matsuda *teria* o status de manga koro, mas em Kaigen a única família manga koro oficial era a casa imperial. Kaigen não era como

Yamma, onde muitas famílias poderosas tinham permissão de demonstrar sua força e disputar o trono, se quisessem. O imperador de Kaigen não queria que nenhuma linhagem além da dele reclamasse o direito inerente de governar sobre qualquer parte do Império, por menor que fosse.

— *Ah, não se preocupe comigo, Jalike* — respondeu Misaki, igualmente respeitosa. — *Estou aqui apenas para apoiar meu marido.*

Era humilhante, mas Misaki se pegou sorrindo. Aprendera, na época em que praticara espionagem, que um jaseli inexperiente era como um tesouro mal vigiado. Só que o tesouro dos jaseliwu era mais valioso do que dinheiro; era *informação*.

Depois que os oficiais militares e os tradutores estavam confortavelmente acomodados na propriedade Matsuda, Misaki disse à concunhada:

— Setsuko, preciso pedir um favor.

— Claro.

— Preciso que você assuma a função de anfitriã por um tempinho.

— Aonde você vai?

— Vou sair numa pequena aventura. Ver se sou tão esperta quanto achava que era na juventude — respondeu Misaki, alongando o pescoço.

— Quer que eu vá pegar minha sobrinha? — Era assim que Setsuko começara a chamar Siradenyaa desde que Misaki explicara a origem e o nome da pequena espada: "Filha da Sombra".

— Não. — Misaki riu. — Mas vou levar esse seu sobrinho.

Ela pegou Izumo da gaveta — teriam que ceder aquele quarto para os hóspedes, de todo modo — e o prendeu em um sling.

— Para uma aventura? — disse Setsuko, parecendo curiosa.

— Ele é mais fofo do que eu e me faz parecer simpática e inocente. Não é, amorzinho? — Misaki encostou o dedo no nariz de Izumo.

— O que...

— Eu conto tudo quando voltar... se tiver algo a contar. Com sorte, vou ter

muita coisa.

Misaki esperou nas sombras atrás da cabana de Hyori, fora de vista da trilha que cortava a vila. Aprendizes quase sempre eram enviados para cumprir tarefas para seus mestres. O jovem jaseli com certeza apareceria em algum momento, sozinho, e ela teria uma oportunidade.

Quando ouviu os passos arrastados e os dentes dele batendo no agradável clima de primavera, saiu de trás da cabana e esbarrou no rapaz "sem querer".

— Ah — disse ele, surpreso. Então, de modo hilário, tentou falar em kaigengua: — *Eu... a verdade é que... eu estava seguindo o caminho para... andar na direção do lugar para falar com seu amante...*

— *I nyuman, Jaliden* — respondeu Misaki, tentando muito não dar risada. — *N'ye yammaninke muku.*

— *Ah.* — Os ombros do jaseli relaxaram de alívio. — *Esqueci que a senhora falava minha língua. Como estava dizendo... ou tentando dizer... Eu estava indo entregar esta mensagem ao seu marido.*

Ele pegou um pedaço de kayiri da frente da túnica.

— *Meu marido está ocupado no momento, mas eu ficaria feliz de entregar o recado por você.*

– *Hã...* — O garoto hesitou, então entregou a carta a ela. — *Muito bem. Obrigado.*

– *De nada. E sinto muito, mas não captei seu nome, jaseli.*

– *Ah, desculpe, koroyaa. Sou Moriba Gesseke.*

Gesseke. O garoto vinha de uma família importante. Provavelmente fora assim que, apesar da falta de perspicácia e carisma, garantira a posição de aprendiz com um jaseli tão habilidoso. Se ele também se atrapalhava com as palavras daquele jeito em Yamma, era capaz de seu clã tê-lo enviado para além-mar para evitar constrangimentos. Misaki estimava que o rapaz estivesse no fim da adolescência ou no começo dos vinte anos, a idade adequada para o primeiro estágio sério.

– Na verdade, estou feliz de encontrá-lo — disse Misaki. — *Quero fazer algumas perguntas ao seu mestre, mas, como você é um Gesseke e parece muito competente, me pergunto se pode me ajudar.*

– Posso tentar, koroyaa — respondeu o garoto, obviamente lisonjeado. — *O que deseja?*

– É que recebi algumas informações conflitantes dos soldados kaigeneses com quem conversei. Será que você poderia esclarecer as coisas, já que ocupa uma posição tão bem informada?

– Ah, hã... — Gesseke pareceu apreensivo. — *Não sei se posso fazer isso.*

– É mesmo? — Misaki adotou uma expressão decepcionada. — *Pensei que, como aprendiz do principal jaseli dos yammankalu por aqui, você talvez soubesse o que realmente aconteceu nesta vila.*

– Eu sei, koroyaa. Só não tenho certeza se posso contar, sem permissão dos meus superiores.

– Precisa de permissão dos seus superiores para ajudar uma mulher de luto a dar fim às suas dúvidas?

– Não é que eu não queira que a senhora saiba. Só não tenho certeza de que seu Império ia gostar que eu... Não posso arriscar.

– Não pode arriscar? — disse Misaki, com um tremor calculado de medo incrédulo.

— Perdão...

– Eu tenho família, jaseli. — Misaki permitiu que sua voz falhasse, soando vulnerável. Não fora de controle; apenas um pouco frágil. — *Um bebezinho. Acha que quero que acabem todos mortos?*

– Eu... não foi isso que pretendi insinuar...

– Se está preocupado em desagradar o Império Kaigenês, não sou eu a pessoa que deve temer. Só quero manter minha família em segurança. E, aqui em Kaigen, ficar em segurança significa seguir os planos do Império. Você não parece entender; a única maneira de fazer isso é sabendo a história toda.

– Não sei, koroyaa...

– Se não quiser que eu conte a ninguém, não contarei. Só preciso saber.

– Mas...

– Você pertence a uma grande linhagem de literatos, Moriba Gesseke – comentou Misaki, decidindo tentar por si mesma uma tática jaseli *–, de cantores e confidentes de reis e rainhas.* – Na Alvorecer, os jaseliwu sempre diziam que um homem se tornava mais maleável depois de ter o ego inflado. – *Por gerações, membros de sua família ajudaram a elite yammanka, apaziguando sua raiva, incitando sua força, conduzindo-os por muitas épocas agitadas. Você, em especial, deveria compreender como é importante que um líder receba bons conselhos.*

– Sim – concordou Gesseke, embora parecesse confuso.

– Você entende o perigo representado por um koro poderoso sem um confidente que possa controlá-lo.

– Claro.

– Bom, esta vila não tem nenhum jaseli – insistiu Misaki, partindo logo para a questão antes que o jovem se perdesse. – *Nossos únicos jaseliwu eram os Hibiki, e toda a família deles foi aniquilada no ataque. Meu marido não tem nenhum conselheiro, apenas a mim. Você deve ter sentido a nyama emanando dele. Não podemos subestimar o temperamento do meu marido.*

– Koro Matsuda, a senhora está me ameaçando?

– Não. – Misaki se permitiu soar ultrajada e magoada. – *Nunca, jaseli! Eu estou... implorando. Se meu marido não conseguir apaziguar a própria raiva, se ele explodir, toda a minha família estará em perigo. Por favor. Me ajude a salvar minha família.*

O garoto pareceu dividido.

– Meu marido é um grande homem, mas é muito tradicional. Não consegue lidar com as culturas e ideias kaigenesas, yammankas e ranganesas como eu. Agora, eu consigo mantê-lo na linha, contribuindo para os planos dos seus superiores, mas, para fazer isso, preciso saber que planos são esses. Preciso entender o que de fato está acontecendo.

Gesseke ainda parecia inseguro.

– Não sei se deveria falar dessas coisas com os locais...

Misaki ficou surpresa de que ninguém houvesse ordenado explicitamente que o garoto não revelasse segredos ao povo de Takayubi, então se deu conta de que provavelmente não esperavam que qualquer pessoa ali falasse yammaninke com fluência o bastante para se comunicar com ele.

– Eu entendo – respondeu ela, depressa *—, mas, acredite, não tenho intenção de usar seu conhecimento para o mal. Eu juro.* — Ela adotou um tom solene. *— Jaseli Gesseke, juro pela Falleke que jamais repetirei uma palavra para ninguém.*

A maior parte da população do Duna adorava a Falleke. Não foi surpresa que aquele jaseli yammanka nem tenha parado para pensar que talvez Misaki não adorasse. Ele olhou os arredores e gesticulou para que saíssem do meio do caminho. Escondidos em segurança atrás da cabana de Hyori, ele encarou Misaki nos olhos.

— A senhora não pode contar ao meu fankama que conversamos tão abertamente.

– Claro. Eu jamais me envolveria nas questões dos jaseliwu.

– Como a senhora com certeza notou por este ataque, o exército ranganês avançou muito desde a Keleba em termos de treinamento de tropas.

– Notamos mesmo.

– Apesar disso, Ranga ainda é um poder relativamente recente no palco mundial. Eles ainda têm o objetivo de atrair Kaigen para outra guerra e destruir o Império por completo, mas não confiam por completo nas próprias forças militares. Nossos espiões ranganeses determinaram que esses ataques foram uma espécie de teste.

– Um teste? — perguntou Misaki, nauseada.

— A senhora parece inteligente; tenho certeza de que notou o que todas as áreas que Ranga atacou têm em comum.

Misaki assentiu.

— São os territórios dos antigos guerreiros, os lugares em que Ranga sofreu as maiores baixas durante a Keleba.

Gesseke fez que sim.

– O que aconteceu na sua vila e nas outras áreas selecionadas foi um experimento, para ver se Ranga tinha se tornado poderosa o bastante para declarar guerra a Kaigen abertamente.

– E o que decidiram? — Misaki sentiu o estômago revirar de medo e apertou Izumo contra si. Se Kaigen entrasse em outra guerra, todos morreriam. Compreendia isso com uma certeza gélida que jamais conseguira aceitar. Não haveria como fugir. Tinha se casado com a ponta da lâmina de Kaigen e construído família ali. — *Vai haver guerra, jaseli?*

– Não, mas foi por pouco, Koro Matsuda. Os ranganeses testaram suas forças em oito alvos, no total.

– Oito? — disse Misaki, surpresa. Só ouvira notícias de tempestades em Heibando, Yongseom e Ishihama, antes de Takayubi ser atacada.

– Quatro grandes casas e quatro fortalezas militares — explicou Gesseke.

— *Entendi.* — Era mais fácil encobrir ataques quando havia poucos civis envolvidos. — *E o que aconteceu com as fortalezas militares?*

– Todas foram dominadas. Em três casos, o exército kaigenês conseguiu rechaçar os soldados rasos de Ranga, mas os de elite... não havia ninguém páreo para eles.

Misaki não podia culpar os soldados kaigeneses por isso. Era preciso mais do que alguns anos de treinamento militar para se tornar um guerreiro tão bom quanto aqueles ranganeses de preto.

— *Não sei se vocês têm noção disso, mas o que fizeram aqui foi* extraordinário — comentou o jaseli.

— *Não* — respondeu Misaki de forma inocente, embora obviamente soubesse que fora extraordinário. Por isso que receber ordens das incompetentes forças armadas kaigenesas era tão humilhante. — *Quer dizer, estávamos apenas tentando sobreviver.*

– Bom, talvez no processo tenham garantido a sobrevivência de todo o Império. A União Ranganesa ainda teme os guerreiros das casas antigas como a sua, e tem bons

motivos para isso. Imagino que deva ser assustador pensar que alguns civis conseguiram acabar com centenas dos melhores guerreiros deles. Foi nesse medo que seu imperador e nós, os yammankalu, insistimos com Ranga, para pressioná-los a aceitar uma trégua.

Então, o imperador nos usa para intimidar seus inimigos, mas não nos dá nenhum apoio?, pensou Misaki, amargurada.

– Nós... não mencionamos aos ranganeses quantos de vocês eles conseguiram eliminar.

Misaki ficou olhando as sombras que a chama de uma tocha fazia no chão enquanto repassava aquela informação na mente.

– Isso explica por que os ranganeses não usaram bombas nem assassinos, nem táticas mais sutis — ponderou ela. — *Queriam colocar seus guerreiros mais fortes diretamente contra os nossos...*

– Isso mesmo. Duvido que soubessem que existiam teonitas aqui capazes de acabar com os tornados deles ou encarar guerreiros Sheng e Tian em combate. Pelo que sei, mandaram alguns de seus melhores guerreiros para cá.

– Depois que o tornado foi desfeito, eles mandaram ondas de soldados contra nós – disse Misaki. — *A intenção era calcular quantos seriam necessários para nos destruir?*

– Acho que sim.

– Entendi. Então, os soldados ranganeses também eram apenas peões nesse jogo.

– Não exatamente.

– Como assim?

– De acordo com o Jamuttaana com quem meu fankama vem trabalhando, a maioria dos soldados ranganeses envolvidos nesse ataque não foi obrigada a vir. Eles se voluntariaram.

– O quê? Por quê?

– O Jamuttaana parecia achar que eles queriam se vingar pelo que os pais e avós sofreram sob o domínio do Império Kaigenês. Alguns acreditavam que iam libertar vocês. A maioria queria a glória de derrubar as maiores casas guerreiras de Kaigen.

"Quando reunimos os corpos, os médicos militares do Império fizeram uma contagem por alto de quantos foram mortos por nossas bombas e balas, e quantos morreram de

ferimentos infligidos por jiya. Mandamos bastante evidência fotográfica para os ranganeses, centenas de imagens, provando que os jijakalu haviam matado a maioria de seus homens antes mesmo de o reforço aéreo yammanka chegar."

– E eles acreditaram?

– Toda a situação foi mediada por agentes do Jamu Kurankite, para manter a transparência. Há anos que essa discussão entre Yamma, Kaigen e Ranga vem acontecendo. Queria que houvesse um jeito de seu marido e os outros terem permissão de saber... Seu povo deveria estar extremamente orgulhoso do que fez aqui. Ao lutarem com tamanha garra, realmente protegeram o Império. Qualquer jaseli ficaria orgulhoso de cantar a respeito de seus feitos para a próxima geração.

– Mas teremos que manter silêncio – disse Misaki.

O jovem jaseli assentiu.

— Koro Matsuda... Eu sinto muito pelo seu filho.

Misaki balançou a cabeça. Estava fazendo um bom trabalho na condução da conversa. Caso pensasse em Mamoru, perderia o controle.

– Obrigada, jaseli. Aprecio suas palavras.

– Eu sinceramente desejo que seu povo pudesse saber.

– Está tudo bem. Agradeço por conversar comigo – disse ela, baixinho.

O jaseli pareceu prestes a dizer mais alguma coisa, porém, antes que tivesse a chance, Misaki apertou Izumo contra o peito e desapareceu nas sombras.

Mais tarde naquela noite, Misaki levou Takeru para um canto escuro fora de casa — com duas famílias apertadas na casa Mizumaki, aquele era o único jeito de ter privacidade — e contou a ele o que tinha descoberto com o jaseli. Ele ouviu, a testa levemente enrugada, até ela terminar.

— Então, não há perigo imediato da parte dos ranganeses. Temos tempo de reconstruir — disse ele.

— Sim.

— Bom. Estou contente de termos essa informação. Mesmo assim, você não devia ter feito isso sem me consultar.

Misaki franziu o cenho, irritada. Ele tinha ideia de quão difícil era arrancar informações de um jaseli, que não podia ser ameaçado com força bruta? E era assim que Takeru agradecia?

— Bom, sem querer ofender, Takeru-sama, mas o seu yammaninke não é muito bom. Não sei se você teria conseguido...

— Sou seu marido, Misaki. Não aja sem minha permissão de novo.

Misaki deveria ter ficado com raiva. *Ficou* com raiva. Mesmo depois de tudo que a vira fazer, Takeru ainda não tinha como superar décadas de misoginia e arrogância em apenas uma semana. Ele ainda a tratava com condescendência casual. Ainda esperava obediência. Como se nada houvesse mudado.

Ela respirou fundo, pronta para responder que não precisava de permissão para fazer o que bem entendesse... mas então se deu conta de que algo *havia* mudado. Sua raiva não estava mais presa ao silêncio, sufocando-a. Tinha facilmente tomado fôlego para desafiá-lo, e já abrira a boca para dar uma resposta afiada, sem medo. E isso, o simples fato de que não estava com medo de discutir, era maravilhoso.

Sentiu um sorriso tomar seu rosto ao se dar conta de que *iam* acabar brigando. Se não naquele dia, então no próximo, ou no próximo, iam brigar outra vez. Para a maioria das pessoas, isso não devia parecer sinal de um casamento feliz, mas Misaki nunca se sentia tão visceralmente conectada a ninguém quanto no meio de um confronto. Havia brigado com o pai e os irmãos, com Koli, Elleen e Robin, com todo mundo que já amara de verdade.

Ela sorriu para o marido feito uma maluca.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Takeru, perturbado.

— É complicado.

— É assustador.

Misaki riu, então fez o possível para parecer arrependida. Takeru já tinha preocupações demais por aquele dia sem precisar lidar com um ataque dela. Ficaria para a próxima. Para um futuro que já não parecia tão frio e vazio.

— Desculpe — disse, com sinceridade, mas o sorriso ainda em seus lábios não deve ter ajudado muito em expressar sinceridade. — De verdade, não foi minha intenção desrespeitá-lo.

— Não estou descontente que você tenha falado com o jaseli, só que tenha agido sozinha.

— Já pedi desculpas. Da próxima vez, serei obediente.

— Obediente? Misaki, não foi isso... — Takeru bufou, agitado, e, mesmo sob o frio que fazia, a respiração dele era tão gélida que formou uma bruma e desceu sob a penumbra.

— O que foi? — perguntou Misaki, quando a tensão pesou demais.

— Eu queria que você fosse sincera comigo e confiasse em mim para protegê-la.

Misaki assentiu.

— Eu confio em você. Desculpe — respondeu, sincera.

— O que você fez foi perigoso. E se tivessem sido pegos?

— Não foi tão arriscado assim, Takeru-sama. O garoto não é um jaseli de verdade, só um aprendiz que não sabe no que se meteu. Eu sabia que daria conta dele.

— E como sabia disso?

Misaki deu de ombros.

— Passei um tempo com alguns jaseliwu yammanka, na Alvorecer. Aprendi a identificar os mais fracos.

— Assim como aprendeu a identificar tornados de fonyaka?

Ela assentiu. A ruga de Takeru se aprofundara, mas ele não parecia zangado.

— Você nos considera ignorantes?

— Como assim?

— Nós que nascemos nesta vila, acreditando firmemente em tudo que o governo nos diz. Devemos parecer ignorantes para você — explicou Takeru.

— Takeru-sama... — Misaki quis negar, mas não tinha acabado de pedir desculpas por não ter sido sincera? — Não é culpa de vocês. — Ela suspirou. — Eu tive sorte. Meus pais permitiram que eu transformasse minha educação em uma estranha aventura além-mar, sabendo que eu só precisava arrumar um bom casamento depois de me formar, e isso acabou me rendendo conhecimentos úteis. Quando se teve a chance de conhecer outros lugares do mundo e ver vários tipos de mentira, fica mais fácil identificá-las. Não culpo você pela desinformação.

— Não mesmo?

— Meu pai o escolheu porque achava que eu não aceitaria me casar com um homem burro. E ele tinha razão. — Ela ergueu os olhos para fitar os de Takeru. — Não aceitaria mesmo.

A ruga não havia sumido.

— Eu puni Mamoru por questionar o Império — disse ele, depois de um longo momento.

— Você exigiu que ele defendesse o que tinha dito, que pensasse nas coisas que falava. Não acho que errou ao fazer isso — respondeu Misaki.

— Mas eu *errei* sobre o Império. Entendo por que você não confia em mim...

— Eu *confio* em você. Agora, cumpra sua palavra, Matsuda Takeru, e nos proteja.

Misaki não foi convidada para a reunião de Takeru com os representantes militares da capital. No entanto, como esposa do novo patriarca Matsuda, teve permissão de entrar no cômodo para servir chá aos homens.

Os oficiais kaigeneses falaram a maior parte do tempo, enquanto o

tradutor jaseli murmurava baixinho para os oficiais yammanka, mantendo-os a par da conversa. Esperavam que Takeru apenas ouvisse e concordasse. Quando Misaki entrou para servir a segunda rodada de chá, ele encontrou uma abertura na conversa para fazer a pergunta mais urgente para Takayubi:

— *Quando podemos esperar ajuda?*

– *Quando os homens do imperador estiverem disponíveis* — disse o general Chun. Não foi uma resposta de verdade. — *Sei que não entende, já que é civil e não um militar de verdade, mas o imperador não pode gastar tropas para ficar distribuindo comida e suprimentos quando elas estão ocupadas protegendo suas províncias de invasores estrangeiros.*

– *Com todo o respeito, general, as tropas do imperador não protegeram esta província. Nós protegemos* — disse Takeru.

Provavelmente não fora a melhor coisa a se dizer, mas Misaki se pegou lutando para conter um sorriso. Perguntou-se se Takeru fazia ideia de que jamais fora tão atraente. Misaki nunca chegara a pensar nisso, mas talvez a coisa que mais considerasse atraente num homem não fosse poder, não fosse perigo, mas sim coragem. E seu marido, ao encarar aqueles mentirosos, em um idioma que não lhe era nativo, estava sendo mais corajoso do que qualquer Matsuda enfrentando um exército no campo de batalha.

Olhou de relance para o outro lado da mesa e sentiu uma onda de satisfação ao notar as expressões constrangidas no rosto dos oficiais. O general Chun, que se saíra melhor em manter a compostura, se inclinou para a frente e apoiou as mãos na mesa, os olhos estreitados.

— *Pois fique sabendo que o exército kaigenês está mais forte do que nunca, e é mais do que capaz de proteger o Império. Embora os ataques não tenham sido noticiados, para evitar agitação, diversas bases militares foram atacadas pelos ranganeses.*

– *É mesmo?* — Takeru arqueou as sobrancelhas, provando-se um belo mentiroso ao dizer: — *Eu não sabia.*

— *Sim. E em todas as fortalezas militares, os ranganeses e seus tornados foram*

firmemente rechaçados com baixas mínimas. Sei que deve ser incompreensível para você e seus colegas civis que passaram tantas dificuldades diante dos ranganeses aqui, mas foi por isso que o exército veio para protegê-los.

Enquanto Jali Tirama fazia a tradução para os representantes yammanka, Misaki notou Gesseke lançar um olhar nervoso para ela e para Takeru. Provavelmente estava se perguntando se ela havia quebrado o acordo e contado a verdade ao marido. Para a sorte de todos, Takeru relevou a mentira do general Chun.

— *Entendo. Parece que eu não sabia do que estava falando. Peço desculpas.* — O tom monótono de Takeru soou tão neutro e sincero que o general pareceu não saber se era uma zombaria ou não.

Takeru talvez tivesse identificado a mentira do general mesmo sem a informação que Misaki coletara do seu ingênuo amigo jaseli. Um teonita como ele conseguia sentir o poder e a habilidade dos outros, e ninguém ali estava no nível dele... nem no de Misaki, aliás. Um dragão sabia quando estava diante de minhocas e cobras. Aqueles homens todos passavam uma bela impressão em seus uniformes, mas cederiam diante de um jiya de verdade. Usavam insígnias de poder divino nas roupas, mas não o levavam no sangue. Eram homens vazios.

– Quero deixar algo claro, Matsuda: seu sobrenome e qualquer poder que você pense que tem sobre esta área não significam nada para o Império. Você e sua família são valorosos cidadãos imperiais... nem mais nem menos. Estamos entendidos?

Takeru encarou a mesa diante de si. Seu jiya havia se imobilizado, completamente calmo. *Quando é difícil demais ser um homem, eu me torno a montanha.* Misaki sentiu o estômago revirar de medo. Takeru tinha apenas duas opções: ceder e se curvar diante da autoridade daquele homem, ou matar todos na sala. De todo modo, Takayubi estaria condenada. De todo modo, ele falharia.

— *Matsuda, estamos entendidos?* — repetiu o general Chun.

Takeru ergueu a cabeça. Sua voz estava mais do que calma quando ele voltou a falar. Estava forte.

— Perfeitamente.

O general sorriu.

– Ótimo.

– Só tenho mais um pedido a fazer, se possível — disse Takeru.

O general Chun assentiu para que ele continuasse.

— Por favor, diga ao imperador para não enviar qualquer ajuda a Takayubi... nem agora, nem em qualquer momento futuro.

Os militares trocaram olhares confusos.

— Como é?

– Se as tropas do Império estão envolvidas em uma guerra secreta, eu jamais desejaria que desperdiçassem seus esforços onde não são necessários.

– Mas, Matsuda — interrompeu o governador Lo, parecendo aturdido —*, esta vila foi quase completamente destruída. Sem ajuda do governo...*

– Nós vamos sobreviver, governador – garantiu Takeru —*, como sobrevivemos por centenas de guerras no passado. Como diz o general Chun, somos cidadãos leais do Império. Jamais tomaríamos deliberadamente recursos do exército imperial quando somos capazes de nos virar.*

– Você parece muito confiante – disse o coronel Song, com uma expressão desdenhosa.

– Nós somos guerreiros, não pedintes, e estaremos reerguidos da próxima vez que vocês vierem. Na verdade, insisto que nos visitem de novo assim que puderem. Falando nisso, quero me desculpar mais uma vez pela falta de acomodações. Elas estarão de acordo com seus altos padrões quando retornarem.

– Bom... — O general Chun hesitou, parecendo desconfiado, mas sem encontrar nada de errado nas palavras de Takeru. — *Acho que não tenho o que discutir. Teremos que voltar para empossar o novo prefeito.*

– Isso não será necessário.

– Como assim?

– Não apenas sou o sucessor da linhagem Matsuda, após meu irmão, como passei anos servindo à prefeitura, tocando orçamentos e projetos como a construção das torres de info-com que nos permitiram contatar a capital tão rapidamente durante o ataque. Caso revirassem as ruínas da prefeitura agora mesmo, encontrariam minha caligrafia em todos os documentos importantes dos últimos seis anos.

– Ah...

– Claro que, se o imperador sentir que há necessidade de empossar o próprio prefeito, eu não pensaria em me opor. No entanto, estou confiante de que sou capaz de comandar esta vila de modo satisfatório. Se, quando os senhores retornarem, encontrarem qualquer problema com a minha liderança, ficarei contente em abdicar em favor de um candidato de sua escolha.

– Você acha mesmo que consegue reerguer esta vila? — disse o coronel Song, com escárnio.

Takeru o encarou com tranquilidade.

– Eu prometi que faria isso.

– E você se considera qualificado para cumprir essas promessas?

– Já expliquei minhas qualificações...

– Desculpe interromper, Koro Matsuda, Koro Song — disse o general Kende, em yammaninke.

Era a primeira vez que o imponente tajaka se pronunciava. Seu jaseli foi bem mais veloz do que Chou e traduziu em voz baixa suas palavras para o kaigengua.

— *Estou confuso* — disse o general Kende para o general Chun e o coronel Song. — *Vocês estavam agora mesmo reclamando da falta de recursos e de mão de obra para oferecer ajuda a essas pessoas. Eu gosto desse homem.* — Ele apontou para Takeru. — *Ele parece competente. Se está confiante de que consegue cuidar desta vila, por que não o deixam fazer isso?*

Eles discutiram por algum tempo, mas o general yammanka e seu jaseli

pareciam, estranhamente, deter mais poder naquela situação do que qualquer um dos kaigeneses. Era um sinal perturbador de fraqueza da parte do Império. Estava evidente que o Império Kaigenês havia se deteriorado a ponto de se tornar tão mais fraco que o vizinho hostil que era Yamma que havia passado a tomar as decisões. Isso deixou Misaki duas vezes mais agradecida por ter feito questão de ensinar a Takeru o aperto de mão yammanka. Quase sempre se podia confiar que um yammanka reconheceria e respeitaria o teonita mais poderoso no cômodo.

Antes que ela observasse qualquer outra coisa, o coronel Song despachou-a para buscar mais chá. Quando voltou com o bule cheio, a conversa havia se voltado para a questão da discrição de Takayubi. Aquilo era notícia velha: não era para ninguém falar do ataque, nem dentro nem fora de casa, e a cova coletiva não deveria ter qualquer marcação.

Estava escuro quando os Matsuda foram enfim dispensados da própria casa; embora Misaki, claro, tivesse que voltar de manhã para servir a seus opressores um belo café da manhã.

Takeru não falou nada no caminho de volta para a casa Mizumaki. Precisavam de suprimentos, mas ele fizera todo o possível. Se tivesse insistido mais, o general teria apenas aumentado a pressão e o humilhado. Se tivesse erguido a voz ou o jiya, ou feito qualquer coisa que pudesse ser considerada uma ameaça, poderia ter condenado a si mesmo e ao que restava de sua família. Ele mantivera Takayubi em segurança e salvara a própria dignidade no processo. Era o melhor resultado possível.

Enquanto andava um passo atrás do marido, como mandava a etiqueta, Misaki o observou sob o luar. A noite estava clara, a luz branca iluminando o rosto dele o bastante para notar que Takeru não estava com raiva. Poderia até ter achado que ele estava em seu estado meditativo, evitando emoções, não fosse por uma testa levemente franzida. Ele estava pensando.

— Está tudo bem? — perguntou ela, baixinho.

— Vai ficar, depois que eu tiver a chance de traçar um plano.

— Um plano?

— Posso me planejar, agora que não sou mais tão ignorante — respondeu Takeru.

Alguns momentos depois, ele diminuiu o passo para seguir ao lado de Misaki.

— Esta vila não tem mais uma escola teonita — disse ele. — Mesmo que o governo mude de ideia nos próximos anos e nos ajude a restaurar a Academia Kumono, o que é improvável, não será a mesma coisa sem todos os professores que perdemos.

— Uhum — concordou Misaki, com educação.

— Quando Hiroshi crescer mais um pouco, vai estudar na Academia Alvorecer como você. Caso ele se saia bem lá, acho que talvez os três meninos devessem ir.

Misaki ficou boquiaberta.

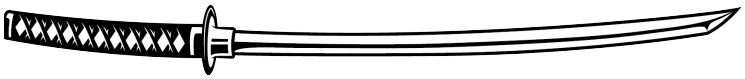
— Está falando sério, Takeru-sama?

— Não vou criar outra geração tão ignorante quanto a minha.

Como estava escuro e não havia ninguém por perto para ver, Misaki buscou a mão do marido, calejada da espada. Estavam casados havia quinze anos. Aquela foi a primeira vez que deram as mãos.

30

O futuro



A comitiva militar partiu no dia seguinte, deixando os habitantes reunidos com algumas ameaças veladas e palavras vazias de encorajamento. Em seguida, Takeru criou uma plataforma de gelo para si a fim de falar com a multidão e pronunciar alguns agradecimentos igualmente vazios ao general Chun.

As palavras pouco significavam, mas ele havia calculado a localização da plataforma com cuidado. Para os oficiais do governo, não dizia nada. Os moradores de Takayubi e das regiões próximas, no entanto, sabiam que aquele era o local onde Matsuda Takeru Primeiro havia enfrentado Yukino Izumo, mil anos antes; onde o fundador daquela sociedade declarara uma nova ordem.

— Agora, alguns anúncios — disse ele ao terminar de se dirigir aos oficiais militares. — A partir de amanhã, esta vila implementará algumas novas práticas que serão essenciais à nossa sobrevivência. Hoje, toda a comida deverá ser levada para a propriedade Matsuda, e todo o material de construção, para a cabana de Kotetsu Katashi. Sem exceções.

— São ordens suas ou do Império? — perguntou alguém, de forma ousada.

— Minhas — respondeu Takeru. — Prometi ao general Chun que, quando ele voltasse aqui, nossa vila estaria totalmente reconstruída. Esse processo

começa hoje. Vocês se reunirão aqui amanhã de manhã para mais instruções. Glória a Kaigen. Vida longa ao imperador.

— Vida longa ao imperador — repetiram os habitantes, sem entusiasmo.

Misaki e Setsuko supervisionaram a coleta da comida, enquanto Takeru repassava os planos com Kotetsu Katashi e Kwang Tae-min. Já era de tarde quando Misaki foi ao escritório do marido.

— Juntamos toda a comida em um lugar só — avisou a ele.

Se fosse qualquer outro grupo, Misaki teria suspeitado de famílias ou indivíduos escondendo suprimentos, mas não ali.

— Ótimo — respondeu Takeru. — Vou precisar que você e Setsuko repassem os suprimentos e façam um inventário completo de tudo que temos.

— Está bem.

— Preciso que o inventário esteja dividido entre itens que precisam ser consumidos ainda esta semana, itens que precisam ser consumidos este mês, e itens que vão durar até que o gelo derreta.

— Sim, senhor.

Essa tarefa consumiu o resto do dia das duas mulheres, que precisaram terminar à luz de lampiões, ninando os bebês enquanto revisavam a última contagem.

— Tem certeza de que a lista está completa e exata? — perguntou Takeru quando Misaki levou o resultado para ele, no escritório.

— Tenho. — Misaki conferira tudo com cuidado.

— Ótimo.

— Também lhe trouxe um pouco de chá.

— Ótimo — disse ele, mas sem parecer ouvi-la. Seus olhos já estavam percorrendo o inventário, embora, pelos círculos que os envolviam, ele precisasse da cafeína.

— Vou deixar o chá... — Misaki teve que procurar na mesa um canto que não estivesse coberto de listas e anotações — bem aqui.

Já estava saindo quando ouviu, num tom tenso:

— Obrigado.

— De nada.

— E se importa de fechar a porta? O vento está fazendo barulho, e estou tentando me concentrar.

— Hã...

Misaki olhou para a porta, que não passava de umas lascas pendentes depois que Takeru a arrebentara... após ser atacado por ela e trancado ali dentro.

— Ah... — Takeru hesitou, com uma expressão atipicamente constrangida. — Deixe para lá.

— Desculpe — disse Misaki, porque achou que era o certo.

Takeru balançou a cabeça.

— Fui eu que derrubei a porta. — Ele desviou os olhos e tomou o chá quente em um só gole, com a mesma ânsia com que o irmão costumava tomar saquê. — Vá. Durma um pouco.

— Sim, senhor — murmurou Misaki, e se retirou para o quarto.

Mamoru já não invadia seus sonhos, mas naquela noite Misaki pegou-se insone. O quarto parecia... quente demais? Não podia ser isso. O tempo estava frio. Ao esticar o braço, encontrou o futon vazio ao lado. Ainda? Ela se ergueu, ajeitou o quimono para garantir que estava decente, então atravessou em silêncio o corredor. Luz de lamparina se espalhava do escritório de Takeru, tocando suavemente o assoalho de madeira do corredor.

— Ainda acordado? — murmurou ela, aparecendo à porta.

— Ainda ocupado — respondeu Takeru, sem erguer os olhos da mesa.

A escrivaninha acumulara mais camadas de kayiri; cada resma cheia de combinações de texto, diagramas e equações.

Os olhos dele corriam de uma página para outra com a velocidade e a ferocidade febris da espada de um guerreiro indo de matança em matança.

Misaki sempre considerara o rosto anguloso do marido imaculado e sem marcas de idade, mas ali, à luz do lampião, ele parecia mesmo um homem de quarenta e tantos anos.

— Me deixe. Estou concentrado — disse ele, brusco.

Misaki ficou tentada a obedecer. Era o que teria feito, na época em que dizia a si mesma que seu marido não era sua responsabilidade.

— Você vai ter que falar na frente do povo amanhã — lembrou ela. — Quer mesmo fazer isso depois de passar a noite em claro?

O rosto de Takeru já parecia bem mal-humorado mesmo sem aquelas terríveis olheiras. Se ele não dormisse, Misaki temia que fosse apenas botar a população restante de Takayubi para correr. Ele ergueu o rosto, cansado, olhos estreitados, e por um momento Misaki teve certeza de que levaria uma resposta atravessada para que não o questionasse.

— Não quero ir dormir sem ter traçado um plano — disse ele, calmo. — Você entende, não é?

Misaki assentiu. Então, estendeu a mão e acariciou o ombro e as costas dele, passando-a sobre os quatro diamantes da insígnia Matsuda e pelos músculos tensos abaixo. Ele se enrijeceu por um momento, os ombros se encolhendo como se para afastar o toque, depois pareceu reconsiderar e ficou quieto. Ele era sempre tenso assim? Frio assim? Feito cabos de aço congelados envoltos em pele humana... Misaki apertou os dedos em um ponto de pressão.

De início, não pareceu causar mais efeito do que tentar pressionar uma pedra. Então, ela sentiu um pulso de jiya na ponta dos dedos e sorriu ao notar um pouco da tensão deixar os ombros do marido.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou.

— Você é boa com números?

— Não.

— Hum. — Ele franziu o cenho. — Nesse caso, vou pedir para Kwang revisar meu trabalho de manhã.

Ele endireitou os ombros, o que afastou a mão de Misaki. Ela tomou o gesto como uma rejeição e estava prestes a se afastar quando Takeru se inclinou sobre a mesa e pegou algumas folhas de kayiri.

— Revise isto para mim.

Misaki tomou os kayiri da mão dele e ficou surpresa ao ver que as páginas não continham números, mas colunas e colunas de palavras. A caligrafia de Takeru era elegante e perfeita como a de um profissional, mas muitas linhas tinham sido rasuradas e reescritas.

— Meu irmão... era bom em inspirar os outros — explicou Takeru. — Eu nunca levei jeito para isso como ele. Se não planejo o que vou dizer, não encontro as palavras.

— E... você quer que eu...

— Revise para mim. Você sabe lidar com pessoas. Por favor...

— Claro.

Misaki se ajoelhou do outro lado da mesa, diante de Takeru, e começou a ler o discurso. Takeru tinha a escrita mais organizada que ela já vira, trocando extensos caracteres fonéticos por ranji compactos sempre que possível. Para seu constrangimento, Misaki teve certa dificuldade de ler. Embora falasse kaigengua muito melhor que o marido, ele obviamente era mais versado nos antigos caracteres.

A aurora já coloria o céu quando ela lhe devolveu os kayiri.

— Acha que é isso que eu deveria dizer? — perguntou ele.

— Acho.

— Então, vou memorizá-lo. — Ele baixou os olhos para o kayiri e hesitou. — Você riscou a página toda. — Confuso, ele folheou o resto das folhas. — Você... riscou tudo.

— Risquei. No começo, fiz anotações e acréscimos, mas aí mudei de ideia — disse Misaki.

— Não entendi.

— Acho que você não precisa dizer nada disso.

— Bom... — Takeru ficou atônito, esfregando um olho com a base da mão. — Então... o que...

— Você tem um plano para eles, Takeru-sama?

— Tenho.

— Um bom plano?

— Acredito que sim.

— Isso é tudo que importa — disse Misaki, com firmeza. — Eles já ouviram demais de "Glória ao Império" e palavras inúteis de conforto... Não que as suas palavras não fossem lindas. Mas você não precisa fingir ser o seu irmão.

— Então, o que vou dizer?

— Seu plano. Nem mais, nem menos. Você é um koro, Takeru-sama; suas ações falam mais do que suas palavras. Todos nesta vila sabem quanto tempo você trabalhou na prefeitura, sabem o quanto se importa com eles, e testemunharam a sua força. Agora, só precisam saber que vai ficar tudo bem.

Ela ergueu a cabeça ao captar o som do choro de Izumo no fim do corredor.

— Preciso ir cuidar disso. — Ela se levantou para sair, então parou, encarando o marido. Sem pensar, inclinou-se e beijou a testa dele, bem na ruguinha entre as sobrancelhas.

— O que... — Ele ergueu o rosto, confuso...

Então ela o beijou na boca. Takeru não se afastou, então Misaki enfiou os dedos no cabelo dele, segurando-o pela nuca e o puxando para mais perto.

Ele continuava frio como sempre, mas, de algum modo, o beijo não foi rígido. Naquele beijo congelante, Misaki encontrou uma sutileza que jamais conhecera no marido. Naquele momento, ele não era um bloco de gelo sólido, era uma montanha, um mar, sempre cambiante.

Quando ela interrompeu o beijo, Takeru ficou quieto, mas já não parecia confuso. Parecia ter entendido o significado do gesto.

— Estou ansiosa para ouvir seu plano — disse ela, e se apressou a ir cuidar de Izumo.

Conforme as pessoas se reuniam diante da plataforma de gelo para ouvir Takeru, Misaki e Setsuko procuraram Hyori e se puseram ao lado dela. A jovem, já visivelmente grávida, parecia ter dormido tanto quanto Takeru.

— Bom dia, Hyori-chan.

— Ah. — Hyori encarou Misaki com olhos vazios e olheiras escuras. — B-Bom dia.

— Como está se sentindo?

— Bem. Estou bem. Obrigada — respondeu Hyori, trêmula.

— Deixe de bobeira, Hyori. Sua cara está da cor dessa neve e seus olhos parecem os de um guaxinim — disse Setsuko, mais direta.

— Não precisa falar assim, Setsuko — repreendeu Misaki.

— Está tudo bem. — Hyori fez uma careta, o lábio tremendo. — Sei que fiquei feia.

— Ei, ei! Não foi isso que eu disse! — protestou Setsuko.

— Você me chamou de guaxinim.

— É. O guaxinim mais bonitinho que já existiu. — Setsuko apertou a bochecha de Hyori; o pouco que havia para apertar. — Obviamente.

— Ah, Setsuko. — Misaki suspirou.

— Você está se alimentando? — perguntou Setsuko a Hyori, cutucando sua bochecha encovada.

— Eu... não ando com muita fome.

Hyori havia enfiado as mãos nas mangas do quimono para esconder que estavam tremendo.

— Hyori-chan, você precisa comer — disse Misaki.

— Vai almoçar com a gente hoje — declarou Setsuko, animada.

— Não precisa, Setsuko-san. Eu não...

— Nós fazemos questão — respondeu Misaki, assim que Takeru subiu na plataforma e pigarreou.

— Bom dia, povo de Takayubi. — Embora a voz dele soasse monótona como sempre, ecoou límpida e forte. — Chamei vocês aqui porque tracei um plano para garantir nossa sobrevivência.

Ele não trouxera nenhuma de suas anotações. Não precisava. O homem guardava números na cabeça feito um computador.

— Por favor, ouçam com atenção, pois todos nós precisaremos aderir ao plano estritamente, se quisermos sobreviver aos próximos meses. Graças aos esforços incansáveis da minha esposa e da minha cunhada, fiz o inventário e separei toda a comida que temos atualmente na vila. Além do que possuímos aqui, nossos vizinhos concordaram em contribuir com uma generosa quantidade de arroz, peixe fresco e legumes todo mês, pelo tempo que precisarmos. De acordo com meus cálculos, essas provisões sustentarão toda a vila e um pequeno número de voluntários visitantes pelos próximos onze meses, até sokolokalo de 5370.

"A distribuição e o preparo da comida serão supervisionados pela minha esposa, Misaki, e por quem ela escolher para a ajudar. Qualquer pedido de comida extra deve passar por ela."

Misaki olhou para a multidão, nervosa, mas ninguém levantou objeções. Confiavam nela, o que lhe causou um calor no peito conforme Takeru prosseguia.

— Quero que todos entendam que, de hoje em diante, considerarei qualquer contribuição de comida e trabalho um empréstimo, não uma doação.

— O quê? — questionaram algumas vozes.

— Como assim, Matsuda-dono?

— Significa — respondeu Takeru, calmo — que recompensaremos a generosidade dessas pessoas no futuro. Compreendo que, neste momento,

todos vocês estão ocupados se recuperando e reconstruindo suas casas, mas não vamos permanecer assim. Minha expectativa é de que todas as famílias encontrem uma fonte de renda estável nos próximos onze meses.

— Como? — questionou alguém.

— Somos todas donas de casa — observou uma das mulheres Ikeno. — Como vamos ganhar dinheiro para sustentar uma família, e ainda por cima pagar aos voluntários pelos serviços que fizeram?

— Obrigado por perguntar, Ikeno-san — disse Takeru. — Essa questão me leva à próxima parte do plano. Sei que parecemos não ter muita coisa, mas há um recurso que ignoramos.

— Que recurso, Matsuda-dono? — perguntou um dos homens Ginkawa.

— A floresta de pinheiros — respondeu Takeru.

A maior parte da antiga floresta que contornava a vila ocidental fora derrubada pelo tornado, e o resto fora severamente danificado. A destruição daquela beleza natural era uma tragédia por si só, embora ninguém tivesse dado muita atenção a isso em meio a tantas perdas humanas. Depois que os moradores e voluntários percorreram as árvores caídas à procura dos cadáveres, ninguém mais voltara lá.

— Todos vocês sabem que aquela floresta existia desde os tempos de Yukino Hayase e Matsuda Takeru Primeiro — acrescentou ele. — Suas raízes são mais profundas do que imaginam, tornando-a parte integral desta montanha. As árvores caídas precisarão ser removidas para permitir o reflorestamento, se quisermos evitar deslizamentos, degradação do solo e outras mudanças ecológicas perigosas na nossa montanha. Embora isso exija uma quantidade enorme de trabalho, também nos apresenta uma oportunidade de trazer uma verba muito necessária para Takayubi, a curto prazo.

"Kotetsu Katashi estimou que poderemos reunir madeira correspondente a milhares de gulis a partir das árvores caídas e destruídas, se as descascarmos e

tratarmos corretamente. O governador Lo nos concedeu uma licença para vender essa madeira para empresas de construção na capital da província. O resto dos suprimentos será separado para nossos projetos contínuos de reconstrução. Pretendo que a casa de todos seja reerguida em algum momento, mas nosso primeiro projeto será uma escola simples para substituir aquelas de ensino primário, fundamental e médio que foram destruídas na tempestade. Numu Kotetsu já esquematizou as plantas e a construção começará de imediato.

— O quê? — questionou uma pessoa confusa.

— Por que construir uma escola? Mal temos casas para abrigar todos nós.

— Não podemos permitir que nossas crianças tenham a educação atrasada. Além disso, as escolas públicas de Takayubi na vila ocidental eram uma fonte de renda vital para muitas famílias. O governo pode não nos oferecer ajuda direta, mas terá que pagar os salários dos funcionários da escola. Qualquer cidadão que saiba ler e ensinar o currículo oficial do Império pode servir como professor e funcionário administrativo... incluindo mulheres.

Era uma boa ideia. A maioria da população de Takayubi era letrada o suficiente para ler em kaigengua.

— Para aqueles que não sabem ler com tanta proficiência, a escola também precisará de funcionários de limpeza e manutenção, cujos salários também serão cobertos pelo governo. Se tudo seguir de acordo com o plano de Numu Kotetsu, a escola estará construída e aberta a alunos em dois meses... até antes, caso os koronu estejam dispostos a ajudar nossos numuwu. O governador Lo concordou em manter as licenças das escolas públicas de Takayubi ativas, se tivermos novos edifícios abertos para as turmas nesse prazo. Quando o edifício escolar estiver pronto, começaremos a construção da nova prefeitura, que deve abrir pelo menos mais quatro cargos governamentais.

Observando Takeru, Misaki percebeu que estava segurando Izumo com força e mordendo o lábio, nervosa. Uma única escola e prédio governamental

não forneceriam emprego a toda a vila, e muitas mulheres de Takayubi haviam se tornado mães solo que não tinham tempo para trabalhar em período integral, mas Takeru ainda não terminara.

— Agora, gostaria de me dirigir aos voluntários que nos ajudaram nas últimas semanas. Além de pagarmos por sua generosidade no futuro, gostaria de estender a vocês todos um convite para ficarem.

Murmúrios confusos percorreram a multidão.

— Não posso oferecer compensações financeiras no momento, mas reabrirei o dojo Matsuda para treinamentos.

Isso fez uma segunda onda de murmúrios e exclamações empolgadas percorrer o público.

— Se qualquer homem estiver disposto a se mudar para Takayubi para dar apoio a suas parentes viúvas daqui... ou mesmo trazer sua família para morar nesta vila... eu o treinarei.

Poucos meses antes, essa não teria sido uma oferta muito tentadora. A esgrima parecia uma dedicação pouco prática e puramente emocional em tempos de paz. No entanto, depois de saberem que Ranga poderia chegar às suas portas a qualquer momento e que o exército imperial não faria nada para protegê-los, treinar com o maior guerreiro da Espada de Kaigen se tornara uma oferta muito atrativa.

— Numu Kotetsu Katashi também está buscando parceiros e aprendizes, se algum artesão tiver interesse em se juntar a nós aqui. — Outra oferta praticamente irresistível. — Duas famílias de pescadores se mudaram para o sopé da montanha para praticar a pesca nas águas ali, mas todos nós sabemos que a costa de Takayubi costumava sustentar vinte famílias de pescadores... nyama para suas almas. — Takeru inclinou a cabeça na direção de Setsuko. — Conversei com minha cunhada, que é a única sobrevivente de uma dessas famílias, e com os Chiba de áreas vizinhas. Eles concordaram que nossa costa deve ficar aberta a qualquer pescador que deseje se assentar ali. Qualquer

pescador que se mude para a base desta montanha terá nossa ajuda na construção de uma nova casa e em tudo que for preciso para começar seu negócio.

— Com todo o respeito, Matsuda-dono, mas e quanto à ajuda do exército imperial?

— Bom... isso é irrelevante. Como acabei de explicar, não vamos precisar dela — respondeu Takeru.

Depois da fala de Takeru, toda a vila pareceu reenergizada e ansiosa para começar a coletar a madeira das encostas mais baixas para a construção da nova escola.

A única óbvia exceção era Hyori. Enquanto outros tinham superado o luto, Hyori não parecera abandonar os horrores do ataque. Havia um vazio nos olhos dela que assombrava Misaki, como se a amiga houvesse morrido em algum momento daquela noite cheia de vento e balas.

Certa noite, Misaki ouviu pezinhos no tatame.

— Kaa-chan? — chamou uma voz, e ela se sentou para encontrar Nagasa à porta.

— Naga-kun? O que houve?

— Tem um fantasma lá fora.

— O quê? — murmurou Misaki, esfregando os olhos.

Ao longo do mês, Nagasa melhorara em articular seus pensamentos, o que não significava que suas palavras sempre faziam sentido. Apesar disso, haviam se passado meses desde que acordara por causa de um pesadelo.

— Tem um fantasma lá fora — repetiu Nagasa, olhos arregalados no escuro. — Eu ouvi.

Ao lado de Misaki, Takeru dormia profundamente. Trabalhara até a exaustão, de modo que era improvável que acordasse, a não ser que a montanha começasse a desabar sob seus pés. Tomando cuidado para não o perturbar, Misaki saiu de debaixo das cobertas e foi até Nagasa.

— Vamos, Naga-kun. Vamos voltar para a sua...

Ela hesitou ao captar o som que despertara o filho.

— Fantasma — insistiu Nagasa, sério.

O lamento estava distorcido pelo vento, mas nenhuma mãe poderia confundi-lo...

— Isso não é um fantasma, Naga-kun. É um bebê — disse Misaki.

— Um bebê?

— É. — O som vinha da casa de Hyori. — Naga-kun, fique aqui. Volte para a cama. Kaa-chan volta logo.

Misaki correu para o genkan, calçou os tabi, amarrando-os depressa, e pegou o casaco a caminho da saída. Quando passou pela porta da frente, encontrou Setsuko já do outro lado.

— Misaki, você ouviu...

— Ouvi — disse ela, terminando de colocar o casaco sobre as roupas de dormir. O choro do bebê escoava da cabana de Hyori.

— Acha que ela já deu à luz? Não está cedo demais? — perguntou Setsuko, contando os meses e semanas nos dedos, falando consigo mesma.

— É, um pouco. — Ela se animou. — Talvez seja um bom sinal. Talvez... Talvez o bebê fosse de Dai. — Ela assentiu. — Vamos.

As mulheres Matsuda encontraram Fuyuko, Fuyuhi e alguns homens das casas vizinhas, que tinham acordado com o som. As mulheres Mizumaki carregavam lampiões, e Misaki notou que dois dos homens (Ginkawa Aoki e o voluntário chamado Ameno Kentaro) portavam espadas. Parecia estranho levar armas para conferir como estavam uma mãe e o bebê, mas aquele choro tinha algo de sinistro. As paredes da cabana rangiam quando o grupo se reuniu ao redor dela.

— Hyori-chan? — Setsuko bateu de leve na porta. — Podemos entrar?

Não houve resposta, apenas o choro frenético da criança, ininterrupto, como se não houvesse mais ninguém ali.

— Yukino-san! — tentou Ginkawa Aoki, um pouco mais alto. — Está aí?

— Hyori! — A voz de Setsuko se tornara mais urgente. — Hyori, por favor, responda! Você está bem?

— Perdão pela intromissão, Yukino-san, mas nós vamos entrar — disse Aoki, por fim, e então arrombou a porta.

Setsuko foi a primeira a entrar, seguida de perto por Misaki e pelas mulheres Mizumaki, com seus lampiões.

Hyori estava deitada de lado sobre um dos quimonos de Yukino Dai que recuperara da antiga casa, uma mão agarrada ao tecido. Takenagi atravessava seu corpo, a lâmina prateada despontando das costas.

Ela estava morta.

— Não! Não! — Setsuko caiu junto ao corpo de Hyori, soluçando, enquanto Fuyuko desabava de joelhos, em choque, e Fuyuhi virava o rosto. — Hyori, por favor! — implorou Setsuko, com lágrimas descendo pelo rosto. — Por favor, querida, abra esses belos olhos. Hyori! Não! Não!

Misaki não se aproximou do corpo. Não havia mais lágrimas dentro dela. Não podia explicar; de alguma maneira, mesmo antes de entrarem, soubera que Hyori partira. Que ela partira havia muito tempo.

— Misaki, faça alguma coisa! — exclamou Setsuko, aos soluços, embalando a cabeça de Hyori no colo. — Contenha o sangramento!

Misaki apenas balançou a cabeça. Mesmo que o coração de Hyori ainda estivesse batendo, não havia como salvar alguém de um ferimento daqueles. Hyori devia ter apoiado Takenagi contra alguma coisa e jogado todo o peso na lâmina: um fim decisivo.

— Sinto muito, Setsuko. Ela se foi — sussurrou Misaki.

Passando por Setsuko com cuidado, Misaki foi até o berço, onde o choro não havia parado. O bebê era uma menina, enrolada nos cobertores, os olhos fechados e a cabeça jogada para trás, aos berros. Era o menor bebê que já vira, mas, conforme as mãozinhas se moviam, o ar na cabana se agitou, soprando as

mangas e o cabelo de Misaki.

Grande Nami. Nenhuma criança, nem mesmo uma Matsuda, manifestava poderes no dia do nascimento. Era inédito. Abalada, Misaki lembrou-se da terrível fonya derradeira do estuprador de Hyori, tão atordoante que a jogara contra a parede e destruíra o cômodo.

— Essa criança não é de Yukino-dono. Não é um de nós — comentou Ameno Kentaro, em um sussurro temeroso.

A bebê sangrava de um corte finíssimo no pescoço, que só podia ter sido causado por uma lâmina Kotetsu. Com um calafrio, Misaki se deu conta de que Hyori devia ter segurado Takenagi contra a garganta da bebê... mas não desferira o golpe. No fim, não tivera coragem de matar a própria filha.

Ameno Kentaro levou a mão à katana.

— Não. — Misaki contornou depressa o berço, colocando-se entre o guerreiro e a criança.

— Saia da frente, Matsuda-dono. — Kentaro fez menção de sacar a espada.

Com o sangue fervendo, Misaki agarrou o braço dele e forçou a lâmina de volta à bainha.

— Pare.

Kentaro arregalou os olhos diante da força dela.

— M-Matsuda-dono... — Ele olhou, sem entender, para a mão delicada que agarrava seu pulso. — O-O que...

— Você não vai ferir essa criança — sibilou Misaki.

— É uma fonyaka — protestou ele, tentando sem sucesso libertar o braço da pegada de Misaki. — Olhe para aquele corte. A própria Yukino estava pronta para matá-la.

— Mas não matou! — rebateu Misaki, firme. — Ela segurou a espada e fez uma escolha. Sua última decisão neste mundo foi deixar esta criança viva. Quem é você para tomar isso dela?

— Mas... uma criança ranganesa...

— É filha de *Hyori* — retrucou Misaki, empurrando-o para trás —, o que significa que pertence a todos nós. Você vai recuar.

— Matsuda-dono — começou Ginkawa Aoki —, não acho que...

— *Recue*, Ginkawa-san.

Misaki se inclinou sobre o berço, tocou o pescoço do bebê e curou o corte o melhor que pôde. Embora fino, era profundo. Mesmo com a melhor coagulação, quase certamente deixaria uma cicatriz. Depois de garantir que a casquinha era resistente, Misaki embalou a menininha em panos com cuidado, fazendo com que parasse de se contorcer e agitar o ar.

— Matsuda-dono — tentou Aoki outra vez —, sabemos que a senhora é uma mulher e está sujeita ao instinto materno, mas precisamos pensar de forma racional. Essa coisa é um fonyaka.

Ignorando os protestos de Ginkawa, Misaki pegou o bebê no colo e o aconchegou, acariciando a cabeça macia. Ela era tão minúscula, e os dois homens ainda tinham as mãos na espada.

— É melhor vocês se retirarem agora, cavalheiros.

— Não vamos embora, Matsuda-dono.

— Acho que vão, sim.

— Mas...

— A criança precisa ser amamentada — disse Misaki, o que os calou.

Ginkawa Aoki, que se arrastara por cima de cadáveres no escuro e fizera um torniquete no braço decepado do amigo com o cinto da espada, baixou os olhos, constrangido. Ameno Kentaro ficou ruborizado.

— Saiam — disse ela, e dessa vez nenhum dos dois contestou.

No fim, o bebê de Hyori recusou o peito de Misaki, mas em algum momento parou de chorar. Quando a manhã chegou, Misaki levou a recém-nascida ao orfanato.

— Vocês vão criá-la com as outras crianças que perderam os pais no ataque — disse aos finawu de lá. — Não posso adotá-la, mas essa criança está sob

minha proteção. Não quero ficar sabendo de nenhum maltrato a ela. Entendido?

— Sim, Matsuda-dono.

No dia seguinte, Hyori foi cremada. A casa, maculada de forma indizível pelo suicídio, teve que ser queimada também. E assim a linhagem dos Yukino de Takayubi chegou ao fim. A bebê, afinal, não era Yukino.

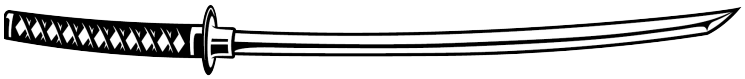
Embora ninguém tivesse permissão de tocar no assunto, todos entenderam implicitamente que a criança havia chegado com o vento que lhes tomara tanta coisa. Conforme crescia, ficou óbvio que não possuía sequer uma gota de jiya, embora o ar ao seu redor estivesse sempre inquieto. Parecia quase que havia nascido carregando o luto da mãe. Seus olhos eram enormes, antigos e assombrados.

Ninguém lhe deu um nome oficial, mas a vila, em seus cochichos, a chamava de Kakezo, Criança do Vento, pela coisa horrível que a levara até o meio deles. Talvez por isto Takayubi tolerou sua presença: ela era uma memória viva. Cadáveres podiam ser queimados e enterrados. O sangue dos mortos podia ser lavado de uma lâmina. Mas aquela criatura, com os olhos de Yukino Hyori e o poder de um fonyaka, era irrefutável. Podiam temê-la e odiá-la, mas ela era um testamento vivo de tudo que o Império tentara apagar.

Enquanto ela caminhasse pelo Duna, ninguém se esqueceria do que havia acontecido na Espada de Kaigen.

31

Robin



Na primavera do ano seguinte, Takayubi já voltara a ser uma vila. Menor e mais pobre, mas reconhecivelmente uma vila, com casas, lojas e pessoas caminhando toda manhã para o trabalho.

No solo rico em que os corpos haviam sido queimados brotara uma grama alta e o início de um bosque, mais exuberante do que qualquer outro lugar na montanha. Misaki sentia paz e satisfação ao observar aquele verde vibrante crescendo. O Império podia ter se recusado a deixar o povo de Takayubi marcar os túmulos dos mortos, mas a montanha não esquecia.

Ela parou ali para rezar, como fazia toda manhã ao subir a montanha na volta da feira. Deixou de lado as cestas de peixes e vegetais, e caminhou entre as ondas de grama, percebendo que uma trilha sutil estava se formando ali — um rastro, onde os pés dela, de Takeru, de Hiroshi e de Nagasa haviam percorrido o mesmo caminho muitas vezes nos últimos meses. Naquele dia, pela primeira vez, Misaki tirou Izumo do sling contra o peito e o colocou no chão para andar ao seu lado.

O filho mais novo ainda não havia completado 2 anos, e encarou a grama com olhos arregalados, claramente incerto do que pensar daquele mundo verde-vivo que de repente assomava ao redor. À época em que começaram a andar, Mamoru, Hiroshi e Nagasa já tinham todos dado indícios da

grandiosidade de seus ancestrais — Mamoru com seu espírito feroz, Hiroshi com sua calma gélida e Nagasa com sua energia e vocabulário. Mas Izumo não demonstrava nada.

De certa forma, ele era mais delicado que os irmãos. Embora fosse filho de uma dupla de assassinos — a mãe, a traiçoeira predadora de emboscadas, e o pai um inquestionável predador alfa —, tinha um jeito nervoso que era mais característico de presas. Ao toque do menino, a água se movia, mas jamais congelava, e havia uma cautela constante em seus olhos, que eram bem mais redondos e arregalados que os de qualquer Matsuda que Misaki já conhecera. Sem desviar o olhar da grama, ele instintivamente chegou mais perto da mãe e estendeu a mãozinha para a dela. Misaki lhe ofereceu o dedo indicador, que ele segurou com força, enquanto caminhavam até o centro do gramado.

Um pinheiro negro crescia ali, jovem como tudo o mais no bosque, mas esguio e forte. Foi ali que Misaki se ajoelhou e pôs as mãos no chão. Outras pessoas tinham as próprias marcações especiais no bosque, onde escolhiam rezar. Obedientes à vontade do imperador, ninguém de Takayubi falava a respeito de onde rezava e por quê, mas havia um entendimento que chegava mais fundo do que palavras.

Todo mundo em Takayubi sabia que, quando Matsuda Takeru Primeiro reformulara a insígnia e o selo de sua família para a nova era, escolhera caracteres que significavam “campo de espera” — “Para dar ao nome um senso de promessa”, explicara ele a seus descendentes. Todo mundo sabia que, antes disso, o nome Matsuda era escrito com caracteres mais antigos, que significavam “campo de pinheiros”.

Assim como o sangue dos deuses, as coisas que Takayubi sabia datavam de milhares de anos, e ecoariam, sem palavras, no dobrar do sino do templo, por mais mil. Permaneceriam, feito raízes, não importava quais ventos ou bombas descessem sobre a montanha. Os yammankalu podiam precisar que os jaseliwu cantassem sua história em voz alta para que ela sobrevivesse aos séculos.

Hadeanos podiam precisar que sua história fosse escrita em livros. A verdade de Takayubi era sentida, nas profundezas do oceano e nas raízes das árvores.

Liquidificando vapor nas mãos, Misaki formou dois blocos retangulares de gelo, nos quais entalhou caracteres — no primeiro, o cântico para purificação, e, no segundo, o cântico para amor materno.

A maioria dos kaigeneses escrevia suas orações em pedaços de tecido e de kayiri, que então amarravam às árvores ou a postes nos templos, nos lugares sagrados. Como essas coisas violariam as ordens do imperador de não identificar a área, o povo de Takayubi recorrera a um meio diferente de honrar seus mortos, uma antiga forma de orações anterior à Falleya moderna.

Misaki pronunciou os cânticos baixinho, de olhos fechados. Então, ergueu seus talismãs de gelo e deixou-os derreter por entre os dedos até o solo, regando o jovem pinheiro e a grama.

Nyama para você, Mamoru.

Quando se levantou para partir, encontrou Izumo de quatro, observando uma formiga subir da raiz de uma árvore para uma folha de grama. Ele não fizera um ruído durante todo o tempo que ela passara rezando. Exceto por Hiroshi, jamais vira uma criança tão quieta.

Diferente de Hiroshi, Izumo passava a impressão de que sua cabeça vivia agitada com pensamentos. Não importava o que estivesse acontecendo, ele sempre parecia encontrar alguma coisinha fascinante... as gotas pingando da ponta de uma estalactite, a costura na manga das próprias roupas, o progresso lento de uma formiga e suas colegas seguindo o rastro por uma folha de grama. Diferente de Nagasa, não vocalizava meia dúzia de perguntas de uma vez quando se deparava com algo que não compreendia. Em vez disso, ele se sentava e observava, observava e observava...

— Izu-kun? — chamou Misaki, com carinho.

Talvez ele não fosse bem como uma presa. Presas ficavam em alerta quando se fazia barulho, mas Izumo parecia distraído demais para ouvi-la. Ele

estendeu um único dedo, com um controle minucioso para uma criança daquela idade, e roçou as antenas agitadas da formiga.

— Izu-kun — chamou Misaki de novo, e ele a encarou, atônito.

— Água? — perguntou ele, apontando para a formiga na ponta da folha de grama. — Água nela?

— Na grama, sim. O inseto tem outra coisa dentro.

— Sangue?

— Não exatamente. Não como o seu e o meu. O corpo dele tem uma substância diferente... — Ela fez um esforço para relembrar a palavra, tentando se recordar das aulas de química de jiya. — *Hemolinfa*, eu acho.

Na prática, aquela informação era inútil para a maioria dos jijakalu, que não tinham a habilidade de manipular nada além de água doce ou salgada. Se Izumo, no entanto, já conseguia sentir a gota minúscula de um fluido desconhecido dentro do corpo de uma formiga, quem sabe fosse um dos poucos, como Misaki, capazes de manipular uma vasta gama de substâncias.

— Chegou o momento de ir. — Ela estendeu a mão, e ele segurou seus dedos num aperto muito mais fraco e gentil que o dos irmãos.

Em geral, Misaki não sentia nada além de desdém por fraqueza — em si mesma e nos outros. Era normal para um koro de Shirojima. Takeru já estava começando a olhar com insatisfação para o filho mais novo, o cenho se franzindo a cada semana que Izumo não demonstrava o mesmo poder dos irmãos. Era estranho que Misaki se pegasse sentindo exatamente o oposto. Nunca vira ninguém observar os arredores com tanta atenção quanto seu quarto filho; ninguém, exceto, talvez, Koli Kuruma, o maior inventor de sua geração. Estava começando a suspeitar que Izumo tivesse algo que nenhum dos irmãos possuía. Suspeitava que ele fosse um gênio.

Izumo se levantou, os galhos do jovem pinheiro roçando seu cabelo, e Misaki sorriu. Não importava o que ele viesse a ser, estava empolgada para ver. Daquela vez, não perderia nem um momento. Segurando a mão de Izumo,

curvou-se uma última vez para o pinheiro negro.

Até amanhã, Mamoru.

Quando saíram do bosque, amarrou Izumo de volta contra o peito, pegou suas cestas e rumou estrada acima até a propriedade Matsuda. Tudo parecia normal quando alcançou a casa. O silêncio que permeara o local havia diminuído ao longo dos meses, dando lugar aos sons que preenchiam o ar naquela manhã: a risada de Nagasa e de Ayumi correndo um atrás do outro pelos corredores, o confronto das espadas de madeira, que os alunos de Takeru brandiam durante o aquecimento no dojo, e as marteladas dos numuwu trabalhando no cômodo que seria adicionado à frente da casa.

Estava tirando os tabi quando notou um par desconhecido de sapatos no genkan — preto, com os fechos magnéticos de estilo yammanka. Não eram calçados de alguém nativo de Shirojima. Seu estômago se contraiu de ansiedade. Será que havia algum representante do governo ali? Talvez o Império tivesse decidido voltar e se intrometer na vida deles, afinal... Ao ouvir passos, ela ergueu os olhos e encontrou Setsuko se aproximando depressa.

— Misaki! — A mulher tinha uma expressão estranha, entre empolgada e nervosa. — Você voltou!

— Voltei. — Misaki observou a concunhada, confusa. — O que está acontecendo? Algum problema?

— Eu... não sei direito — respondeu Setsuko, ainda sem fôlego. Apesar de agitada, não parecia aborrecida.

— O que...

— Apenas entre. — Setsuko gesticulou para que Misaki entrasse, tirando as cestas pesadas de seus ombros. — Veja por si mesma.

— Quem está aí? — disse Misaki, olhando de relance para os sapatos pretos.

— Só... vá lá ver. — Setsuko meneou a cabeça na direção da porta da recém-construída sala de estar.

— Mas...

— Seu marido está tendo certa dificuldade. Você sabe que o yammaninke dele não é grande coisa.

— Yammaninke? O que...

— Vá. — Setsuko bateu o quadril robusto no quadril estreito de Misaki, fazendo com que ela tropeçasse na direção da sala.

Completamente aturdida, porém curiosa, Misaki lançou um último olhar a Setsuko, que lhe devolveu um aceno encorajador. Então, empertigou-se e atravessou a porta da sala de estar. O comportamento esquisito da concunhada a preparara para o pior — o coronel Song ou algum outro representante do Império que tivesse aparecido para estragar tudo que haviam construído. O que encontrou foi muito, muito mais estranho.

Robin Thundyil estava ajoelhado sobre uma almofada à mesa baixa da sala, diante de Takeru.

Os dois estavam tomando chá.

No mesmo instante, o mundo de Misaki se partiu e implodiu. Uma fissura atordoante se abriu entre suas memórias mais nítidas e a realidade viva diante de si. Robin estava ali, no meio de sua sala de estar, o rosto familiar obviamente quinze anos mais velho.

Misaki apoiou uma mão no batente para se equilibrar e, com a outra, apertou Izumo contra o peito para sentir as batidas do coração do menino — para confirmar que estava no mundo real. Izumo seguia bastante vivo e firme. Aquilo estava mesmo acontecendo.

Takeru a notou primeiro.

— Misaki — disse ele em sua voz tipicamente neutra e calma. — Que bom que voltou.

Robin baixou a xícara e se virou para ela, os olhos pretos ardentes tão calorosos quanto tinham sido dezesseis anos antes. Aqueles olhos estavam marcados a fogo em sua memória, tornando desorientador demais encontrá-los pessoalmente. Incapaz de sustentar o olhar, ela se virou para Takeru.

— Perdão pela descortesia, Thundyil-san, mas preciso voltar ao treino dos meus filhos — disse Takeru, erguendo-se da mesa. — Com licença.

Ele ofereceu a Robin uma reverência curta e foi na direção da porta, onde a esposa ainda esperava num estupor.

— O qu... O que... O que é isso? — sussurrou Misaki, erguendo os olhos para Takeru. — O que está acontecendo?

— Seu velho amigo veio de muito longe para vê-la.

— Mas... o que...

— Meus alunos estão me esperando. Não se esqueça de preparar mais chá para nosso visitante. Ele já está no fim do bule preparado por Setsuko.

Isso foi tudo que Takeru disse antes de se afastar pelo corredor, deixando Misaki na situação mais confusa que já enfrentara na vida.

Robin se levantou, sorrindo... Pelo amor de Nami, aquele sorriso. Era tão familiar. No entanto, era também o sorriso de um estranho, aprofundado pelas rugas e ângulos que não pertenciam exatamente ao Robin de suas lembranças.

— *Olhe só para você* — disse ele, e seu lindiche fez despertar um sentimento caloroso no peito de Misaki. — *Virou mesmo uma dama.*

Misaki deixou escapar uma risada fraca. Seu quimono desbotado, um dos três que ainda possuía, fora lavado tantas vezes que estava começando a puir. Em meio à reconstrução e os serviços domésticos habituais, havia praticamente desistido de manter o cabelo arrumado. Jamais parecera menos uma dama em toda a vida.

— *E olhe só para você* — respondeu ela, lançando um olhar para o quimono preto e vermelho e ao fardo de tecido nas costas de Robin, achando graça. — *Está todo elegante.*

– *Cale a boca.*

Ela fez piada, mas Robin sempre conseguira parecer perfeitamente à vontade com qualquer roupa, com qualquer pessoa que conhecesse. Sua disposição em trocar de roupa fazia parte de sua peculiar personalidade

aberta. Se Robin se sentava com alguém, havia sempre a sensação de que o lugar da pessoa era ao lado dele, e o dele, ao lado da pessoa. Como órfão, aprendera a criar famílias onde quer que fosse.

Sabendo que estava sendo rude ao encarar tanto as roupas dele, Misaki se obrigou a erguer os olhos para seu rosto, para aquele sorriso aberto. Era como ver um fantasma — fora praticamente isso que ele havia se tornado depois que Misaki se resignara à ideia de que jamais voltaria a vê-lo.

Parte dela queria se afastar. Outra parte, igualmente potente, queria correr para os braços dele. Perdida entre as duas coisas, ela cambaleou, os dedos dos pés se contraindo na soleira da porta. Não podia encostar em Robin. Os dois sabiam disso. Mesmo um tapinha no ombro seria considerado indecente, e se tocasse aquela pele... talvez desabasse.

Izumo quebrou o silêncio com um murmúrio confuso, e Robin voltou seu sorriso para a criança.

— *Conheci seus dois filhos mais velhos quando cheguei. Quem é esse?*

— *Ah.* — Misaki suspirou, grata pela quebra na tensão. — *Este é Izumo.*

Desamarrando o pano, ela virou o filho mais novo para Robin e o colocou no chão.

— *Ele é...* — Ela parou e revirou os olhos quando Izumo se escondeu atrás dela e se agarrou à sua perna. — *Ele é meio tímido com desconhecidos.*

Ficou quase grata de ter o menininho agarrado à sua coxa, pois isso a impedia de oscilar. Distraiu-se tanto tentando se recompor que não percebeu que o fardo às costas de Robin começara a se mover, até que uma mãozinha marrom surgiu. A mão se apoiou no ombro de Robin, e então uma cabeça com cabelo desgrenhado pelo sono e um par de olhos cor de carvão surgiram em seguida.

Ele também tinha um filho.

O menino era obviamente filho de Robin. Os dois tinham os mesmos olhos, o mesmo cabelo, e a pele da criança, embora fosse um tom mais escura,

emanava o mesmo brilho flamejante. Robin sorriu quando o menininho sonolento esfregou os olhos.

— *Daniel, essa é a tia Misaki.*

– *O que...* — A voz de Misaki tornara-se estranhamente aguda e ofegante. — *Quer dizer... Quando isso aconteceu?*

— *É uma longa história* — respondeu Robin.

Misaki podia até não ter como tocar Robin, mas...

— *Posso?* — Ela estendeu as mãos.

— *Claro.* – Robin tirou o sling das costas com a elegância de qualquer dona de casa kaigenesa. — *Mas preciso avisar que ele está naquela idade em que entra em combustão do nada* — disse ele, acomodando o menininho no ombro enquanto dobrava o grosso tecido azul.

– *Certo.* – Misaki lembrava que crianças tajaka eram assim.

— *Pode soltá-lo, se ele ficar quente demais.*

– *Como assim?*

– *Elleen faz isso, e ele geralmente cai de pé.*

Misaki riu ao estender as mãos e pegar o filho de Robin. Um aroma dolorosamente evocativo de fumaça e especiarias a dominou quando o calor do menino preencheu seus braços.

— *Oi, Daniel* – disse ela, a voz baixa para esconder a emoção que subitamente a dominara.

— *Meu nome é Daniel* — disse o pequeno tajaka, animado.

– *Foi o que ouvi dizer.*

– *Agora, pergunte para ela "Qual o seu nome?"* – sugeriu Robin, com delicadeza, mas Daniel agarrou um dos grampos no cabelo de Misaki e disse:

— *O que é isso?*

– *É meu grampo de cabelo.* – Misaki levou a mão à cabeça e afastou a mãozinha dele do acessório. — *Melhor não encostar nisso. É um pouco afiado.*

– *O que é "afiado"?*

– *Nukeela* — traduziu Robin para um idioma que Misaki não conhecia. — *Pode machucar. Ai.*

– *Ai* – repetiu Daniel, contente, e levou o dedo à boca.

— *Sua nyama é igualzinha à do seu pai* – comentou Misaki, sem conseguir se conter.

– *Aquele é o meu pai.* – Daniel tirou o dedo da boca e apontou para Robin.

— *Eu sei.* — Misaki deu risada.

— *Meu nome é Daniel.*

– *Pois é, você me disse. É um nome interessante.* – Decerto não era disanka. Ela olhou para Robin. — *De onde vem?*

O sorriso de Robin não sumiu, mas perdeu um pouco do brilho.

— *Foi a mãe dele que escolheu.*

– *Ah.* — Misaki hesitou. — *E, hã... cadê a mãe dele?*

– *Ela se foi.*

– *Ah, Robin, eu... sinto muito. Não fazia ideia...*

– *Bom, eu também não fazia ideia do que tinha acontecido aqui até sua antiga colega de quarto, Guang Ya-li, me procurar e sugerir que eu conferisse como você estava. Vamos apenas concordar que precisamos melhorar nisso de manter contato.*

– *É.* — Misaki tentou sorrir, mas foi um tanto difícil demais. — *Eu...* – Tentou pensar em algo para dizer. — *Eu, hã...*

Daniel a poupou de completar a frase ao agarrar sua franja e tentar subir em seus ombros.

— *Você gosta de escalar?* — Ela riu, enquanto Robin brigava com o filho em um idioma que ela não reconheceu.

— *Eu escalo bem* – afirmou Daniel.

— *Meu Mamoru era igualzinho na sua idade.*

– *Também ouvi falar do seu primogênito. Sinto muito. Queria ter chegado a tempo de... Queria tê-lo conhecido* – disse Robin.

– *Ah, não sei se isso teria sido uma boa ideia* – respondeu Misaki, afastando a

onda de emoção com uma risada. — *Vocês dois eram muito parecidos, seria um perigo. Você o teria metido em muita confusão.* — Mais uma vez, ela se pegou incapaz de sustentar o olhar de Robin. — *Então, hã...* — Ela se inclinou para colocar Daniel no chão. — *Alguém já te mostrou o resto da casa?*

– Ainda não.

– Ótimo. Vamos fazer o tour.

Ela se virou para conduzir Robin para fora do cômodo e, distraída como estava, quase tropeçou em Izumo, que trocara de posição para se agarrar ao outro lado do seu quimono.

— Ara...! — exclamou ela, segurando-se no batente da porta. — Izu-kun! O que está fazendo?

Izumo parecia estar se afastando de Daniel, que tentava com determinação cumprimentá-lo.

— *Meu nome é Daniel* — disse o pequeno tajaka em lindiche, que Izumo, claro, não compreendia. — *Quer brincar comigo?*

Izumo apenas enterrou o rosto na coxa de Misaki, soltando um ruído assustado.

— *Acho que Izumo não quer brincar, Daniel* — disse Robin, segurando as costas da camiseta do filho e fazendo-o recuar alguns passos. — *Vamos deixá-lo em paz por enquanto.*

— *Por quê?* — perguntou Daniel, conforme Misaki tentava soltar Izumo de sua perna.

– Porque ele não quer brincar.

– Por quê?

– Não sei. É uma questão dele. De repente a gente pergunta mais tarde.

Izumo não soltou a perna da mãe até Robin pegar Daniel no colo e colocá-lo nos ombros. Depois de ter certeza de que o garotinho assustadoramente simpático não podia alcançá-lo, ele se desgarrou e aceitou segurar apenas o dedo de Misaki.

— *Cuidado com a cabeça* — disse Robin a Daniel ao passar se abaixando pela porta da sala para seguir Misaki para o corredor.

— *Na* sua *cabeça* – comentou Daniel, como se a frase significasse alguma coisa.

— *Não, "cuidado com a cabeça. Kisee bhee cheez par apana sir mat maaro. Não bata a cabeça em nada"* — repetiu Robin.

– *Bate a cabeça! Bate a cabeça!* – cantarolou Daniel, todo contente, batucando na cabeça do pai como se fosse um tambor.

Misaki pegou-se rindo e percebeu o quanto estava grata pela presença de Daniel. A ideia de Robin ter um filho — de ele estar ali com o filho *dela* — ainda era difícil de compreender, mas alguma coisa em um menininho de 2 anos todo feliz simplificava tudo.

— *Ele sempre tem tanta energia assim?* — perguntou ela.

O pequeno tajaka dava início a uma canção embolada que não parecia ser em nenhum idioma discernível. Robin lançou um olhar angustiado a Misaki, enquanto Daniel continuava a usar sua cabeça de tambor.

— *Você não faz ideia.*

Poderia ter ficado constrangida pelo estado degradado da antes grandiosa propriedade Matsuda, mas, se havia uma pessoa que ela sabia que jamais julgaria alguém pelos bens materiais, era Robin.

— *E por aqui fica o dojo* — disse ela, baixinho.

Ficaram parados em silêncio por um tempo, enquanto Takeru gritava instruções e seus alunos respondiam, as bokken de madeira retumbando ao se chocarem. Mesmo Daniel ficou quieto, fascinado, inclinado sobre a cabeça do pai para observar os jijakalu em treinamento executarem os exercícios em perfeita sincronia... bom, não exatamente perfeita. Vez ou outra, Kwang Chul-hee ainda ficava meio dinma para trás, mas estava melhorando.

Os trinta e poucos alunos de Takeru estavam pareados por tamanho, exceto por um, que se exercitava sozinho. Os movimentos de Hiroshi eram tão

afiados e precisos quanto os de qualquer adulto, mas ele era pequeno demais para fazer dupla com um dos homens ou dos adolescentes.

— *É melhor não atrapalharmos a aula* — sussurrou Misaki, gesticulando para Robin segui-la pelo corredor. — *Podemos voltar para olhar melhor depois, quando não estiver cheio de alunos.*

Robin hesitou na porta do dojo por mais um momento antes de a seguir.

— *Aquele era o seu filho, Hiroshi?*

– *Era.*

– *Pensei que ele tivesse 6 anos.*

– *E tem.*

– *E ele treina com adultos?*

– *Bom, ele não é um garoto comum de 6 anos.*

A última parada foi no anexo que os novos aprendizes de Kotetsu tinham começado a construir na lateral da propriedade Matsuda. Os numuwu estavam fazendo um intervalo, mas Misaki ficou feliz de ver que já tinham dado início às paredes externas.

— *E o que é isso?* — perguntou Robin, olhando para a estrutura nua.

— *Vai ser meu restaurante* — respondeu Misaki, tocando uma das vigas.

— *Seu o quê?*

– *Vou abrir um restaurante.*

Takeru tinha se oposto de modo veemente à ideia de a esposa ter um trabalho normal, como uma plebeia, mas, depois de ela apontar que isso poderia gerar empregos para outros moradores da vila, e de terem repassado o plano de negócios, ele cedera. No fim, parecia que nem mesmo o orgulho de Matsuda Takeru vencia sua sensatez financeira.

Com a recomendação elogiosa do governador Lo, Takeru permanecera como prefeito de Takayubi. Entre o humilde salário governamental e a pequena renda que tirava dos alunos de esgrima, ele sustentara a família nos meses anteriores, mas isso não bastava. Se quisessem manter a propriedade e

garantir um bom futuro para os meninos e para Ayumi, precisariam de mais.

Enquanto Robin olhava ao redor, um grande sorriso se espalhou por seu rosto. Os homens de Shirojima simplesmente não sorriam daquele jeito.

— Misaki, isso é incrível!

– Não acha a ideia idiota?

– É uma ótima ideia! Embora o lugar talvez seja meio pequeno.

– Como assim?

– Bom, depois que a província experimentar sua comida, acha que as cinco ou seis mesas que vão caber aí dentro vão dar conta de todos os clientes?

Misaki cruzou os braços, incapaz de conter um sorriso.

— Acho que você não está lembrando direito da qualidade da minha comida.

– Que nada — disse Robin, com confiança. — *Lembro, sim. Mas, enfim, de onde veio essa ideia?*

– Depois da tempestade, Takeru me deixou responsável pelo racionamento do nosso suprimento de comida. Descobri que eu não era apenas boa em cozinhar para muita gente, mas também em distribuir a comida de modo eficiente. Setsuko e eu sentimos falta de ter as garotas conosco na cozinha. Pensamos que empregar algumas delas seria uma boa forma de mantê-las.

– Pita! Pita! – disse Daniel, batendo nas laterais da cabeça do pai.

— Ai. O que foi, Daniel? — perguntou Robin.

— Voa!

– Está bem.

Levando uma mão atrás para agarrar o quimono vermelho de Daniel, Robin o jogou pelo teto aberto bem alto. O pequeno tajaka soltou uma risada estridente mesmo enquanto Misaki deixava escapar um gritinho de susto. Tinha se esquecido de como Robin tinha bons reflexos. Na descida, ele agarrou o menino pelo tornozelo sem dificuldades.

– E agora, moleque? — perguntou ele, enquanto o filho, pendurado, ria. — *Para cima? Para baixo?*

– Para baixo!

– Deixa comigo. – Robin baixou Daniel, de ponta-cabeça, até o chão e o soltou.

Misaki ficou olhando o menininho avançar alguns passos sobre as mãos antes de cair de pé e seguir caminho.

— Não vá muito longe – mandou Robin.

Daniel o encarou, parecendo confuso. Robin se ajoelhou e trocou de idioma.

— Bahut door bhaago mat, está bem?

– Kyoon kar?

– Yah hamaara ghar nahin hai. Main Tunhen khona nahin chaahata, tá bom?

– Tá bom, Pita.

Misaki percebeu que aquele idioma bonito e ondulante que os dois falavam devia ser disaninke, um idioma que Robin não tivera muita oportunidade de usar desde que fora obrigado a deixar a terra natal, Disa, quando pequeno. Apesar de ter passado a maior parte da vida em Carytha, onde se falava lindiche ou yammaninke, Robin criara Daniel para ser fluente em sua língua materna. Podia não ser muito prático, mas era fofo.

— Está ficando bonito de verdade, Misaki – comentou Robin quando Daniel saiu para explorar o local. *— Você sabe que estou disposto a ajudar como puder.*

– Vou perguntar aos numuwu se tem uma vaga para você.

– Quis dizer...

– Eu sei o que você quis dizer. É gentileza sua, mas não precisa. E está fora de questão. A casa Matsuda é orgulhosa.

– Não precisaria ser uma doação. Posso investir...

Misaki balançou a cabeça.

— Vai dar tudo certo.

Misaki não ignorava a ironia da situação: quando ela e Robin se conheceram, ela vinha de uma família rica e ele não tinha nada...

— Robin?

– Hum?

– Preciso falar uma coisa para você.

Aquilo estava comichando em sua mente desde que o vira na sala de estar.

O sorriso dele diminuiu. Robin provavelmente reconheceu a tensão na voz dela e se preparou.

— Me desculpe...

– Pare. – A voz dele também se tornou retesada. *— Misaki, por favor. Não peça desculpas...*

– Não por isso. — Nem mesmo ela era tão cruel a ponto de tocar *nesse* assunto. *— Ou... não só por isso, pelo menos. É mais complicado. Só preciso dizer que sinto muito por... ter passado férias na sua vida.*

– O quê? — Robin pareceu genuinamente surpreso. *— Do que está falando?*

– Quando éramos mais novos, eu cheguei ao seu país sem nenhuma compreensão do que você, ou Elleen... ou qualquer pessoa em Carytha, na verdade... tinha sofrido, e fui muito desrespeitosa.

– Não acho que você foi desrespeitosa.

– Fui, sim — respondeu Misaki, triste. *— Eu era uma garota rica e egoísta, sem nenhuma ideia do que você estava tentando fazer e de por que era importante. Usei você e seu trabalho porque estava sedenta por perigo, e isso foi errado. Eu fui desprezível.*

– Eu jamais a consideraria desprezível — disse ele, com muito mais compaixão do que ela merecia. *— Superprotetora, talvez.*

– Como pode dizer isso? Eu tratei a vida do seu povo como inferior à minha. Via o sofrimento deles e apenas... não me importava. Sou uma pessoa tão fria que não me importei com isso até que... até que aconteceu na minha casa, com meus vizinhos, meu... – Ela pressionou os lábios e apoiou a mão na cabeça de Izumo, apertando o menino grudado contra o quadril.

— Seu filho? – completou Robin, com delicadeza.

— Agora, sempre que penso nele, me lembro de todos aqueles corpos que Kalleyso

deixava em seu rastro... filhos e filhas de alguém. Nunca me toquei disso. — Ela fora tão terrível quanto o coronel Song e seus soldados, que enxergavam os guerreiros abatidos de Takayubi apenas como peças de tabuleiro perdidas. — *Então, preciso me desculpar. Me desculpe por ter tratado sua vida feito um jogo.*

– Eu nunca a culpei por isso, Misaki.

– Como? Como pode ser tão compassivo? — questionou ela, incrédula.

– Não tinha como você entender. Não dá para entender até passar pela mesma coisa. Eu sei disso.

– Isso não torna certo.

– Não, mas humanos são assim. Soube que ninguém entenderia assim que comecei a esboçar a ideia do Pássaro de Fogo. Não importava. Eu precisava fazer aquilo. Você tinha fé suficiente em mim para se arriscar, mesmo sem compreender as motivações. Sempre fui grato por isso.

– Você sabe que não era apenas fé — disse Misaki, baixinho.

— Bom, fico lisonjeado mesmo assim.

Era o mais perto que ousavam chegar de fazer referência ao que acontecera entre os dois, o que tinham sido.

— Misaki, já que estamos trocando desculpas, eu sinto muito por não... — Mas claro que Robin não conseguiu dizer. Não conseguiu dizer que devia tê-la levado embora. Ele suspirou. — *Para alguém que passa todo o tempo tentando ajudar pessoas... eu às vezes sou bem ruim em descobrir a melhor maneira de fazer isso. Me desculpe se falhei com você, de algum modo.*

Misaki não soube o que responder. Não podia repetir as coisas que dissera a Robin no último encontro — que não o queria, que ele era inferior a ela, que tinha interpretado mal a relação. Não podia voltar a ser tão cruel, muito menos quando nada daquilo era verdade. Por outro lado, não seria igualmente cruel ser sincera? Falar que o desejara mais do que ao ar, que teria dado qualquer coisa para que ele a tivesse levado embora, que se prendera àquela angústia por anos. Em vez disso, permaneceu em silêncio.

— *Daniel* – chamou Robin, notando que o filho escalava uma das vigas —*, acho melhor você descer daí.*

– *Sobe* – disse Daniel, com um sorriso travesso, e continuou se esgueirando para cima.

— *Desce* — retrucou Robin, com firmeza, e cruzou o espaço para tirar o filho teimoso da viga.

— *Ele já escala melhor do que você* — comentou Misaki, impressionada.

Nenhum de seus filhos jamais fora capaz de escalar daquele jeito, nem mesmo Mamoru, que amava escaladas.

— *É* – respondeu Robin, colocando Daniel no chão e tentando mantê-lo longe da rede de vigas à mostra. — *Ele puxou isso da mãe.*

Misaki pressionou os lábios, então tentou sorrir.

— *Bom, vai ser útil quando ele estiver correndo atrás de você pelos telhados de Livingston.*

– *Talvez.*

– *Como assim "talvez"?*

– *Bem, não vamos fingir que a habilidade de pular de um telhado para o outro garante sobrevivência.*

Pela primeira vez naquela conversa, Misaki teve a impressão de estar falando com um desconhecido.

— *Ei, o que é isso?* – disse ela, confusa. — *O que aconteceu com aquele otimista destemido que eu conhecia?*

Robin deu de ombros.

— *Ele cresceu.*

Algo no tom dele — em sua voz tão derrotada — a abalou profundamente.

— *Robin... O que aconteceu com você?*

Ele apenas balançou a cabeça.

— *É uma história longa. Longa e triste. E acho que você já teve tristeza suficiente desde que nos vimos pela última vez.*

– *Ei.* — Misaki ficou surpresa com o tom profundamente defensivo da própria voz. — *Não tive só tristezas.*

Robin ergueu as sobrancelhas, e ela empinou o queixo em resposta.

— *Com licença, mas você viu esse menino?* – Misaki segurou o rosto de Izumo entre o polegar e o indicador. — *Viu como ele é bonitinho?*

Robin sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos.

Suspirando, Misaki correu a mão pelo cabelo de Izumo e, mais séria, disse:

— *Aconteceram coisas horríveis, é verdade. Meu sogro me odiava, eu sofri dois abortos, uma das minhas melhores amigas cometeu suicídio e eu perdi meu primogênito.* – Ela sustentou o olhar de Robin, sem vacilar. — *Mas, se aprendi uma coisa com Pássaro de Fogo, foi que as tragédias não definem uma pessoa nem anulam as coisas boas em sua vida. Tive mais alegrias do que jamais esperei viver aqui. Tive quatro filhos maravilhosos, que eu amo. Ainda tenho três deles, e agora, depois de tantos anos, tenho até um bom marido.* — Misaki nunca pensara que diria aquelas palavras, muito menos para Robin Thundyil. — *Eu sei, pelo que você conhece dele, que provavelmente parece inacreditável...*

– *Eu acredito.*

– *Imagino que você tivesse esperanças, se veio até aqui apostando na chance de que ele o deixaria me ver* — comentou Misaki.

– *Não foi isso que aconteceu.*

– *Como assim?*

– *Ele me convidou.*

– *O quê?*

– *Ele disse que poderíamos gostar de retomar contato, agora que nós dois temos filhos, e que ficaria grato se eu pudesse tirar um tempo para vir visitá-la. Contou que houve algum tipo de incidente, depois que os rang...* – Robin se conteve. — *Depois da tempestade.*

– *É. Foi muito estranho. Fomos atacados por um assassino littigi.*

O rosto de Robin empalideceu. Ela nunca tinha visto o brilho abandonar sua tez daquele jeito, deixando-o acinzentado.

— Um littigi?

– Você não disse que conversou com meu marido a respeito?

– Ele só disse que queria me consultar a respeito de um "incidente" depois da "tempestade", e que o yammaninke dele era limitado demais para lhe permitir explicar melhor. Queria que eu conversasse com você diretamente.

– Entendi. – Então, Takeru tinha um motivo prático para pedir a visita de Robin. Claro que tinha. Era Takeru. *— Então, vamos conversar.*

Misaki guiou Robin de volta à sala de estar, onde se ajoelharam à mesa. Ele a fez repassar a descrição visual do assassino três vezes. Na terceira, pegou um caderno de desenho da bolsa e começou a rascunhar.

— Você disse que as tatuagens formavam um desenho que nunca tinha visto? — perguntou Robin, a pena de fogo rabiscando de modo febril o kayiri. *— Descreva-as de novo. Como eram, exatamente?*

– Não sei. — Misaki deu de ombros. *– Em espiral. Não eram angulares, como o estilo yammanka, mas também não eram ondulantes como a arte kaigenesa. Eram... mais enroladas, acho. Não sei. Não sou artista.*

– Assim? – Robin ergueu seu rascunho.

— Isso – disse Misaki, surpresa. *— Acho que eu não teria conseguido desenhar tão bem, mas sim, eram* exatamente *assim.*

– Tem certeza?

– Absoluta.

– E ele usava um manto cinza com capuz?

– Isso. Já falei três vezes.

– Pelos Deuses...

– O que foi, Robin? O que isso significa?

– Bom... Talvez *signifique que todos os meus medos mais loucos não são tão loucos assim. Tudo se conecta. Ele está por trás de tudo isso.*

– Quem?

– Ele usa vários nomes. Ainda estou tentando descobrir o verdadeiro. – Robin se

voltou para Misaki. — *O littigi que atacou vocês... Durante o tempo em que ele esteve por aqui, houve algum outro incidente estranho? Alguma criança desapareceu? Algum órfão?*

– *Sim* — respondeu Misaki, surpresa. — *Uma garotinha. Como sabia?*

– *Esse é o tipo de área de caça de que os mantos cinza dele gostam* — explicou Robin, parecendo nauseado. — *Cheia de teonitas fortes, mas isolada da sociedade moderna. Ele gosta de percorrer zonas de guerra, onde pode encontrar órfãos poderosos vagando desprotegidos.*

– *Espere, então esse homem que envia os mantos cinza... é alguém que conheceu quando você e Rakesh estavam em Disa?*

– *De certa forma.*

– *Tudo bem. É bom ver que você não perdeu a habilidade de ser misterioso e irritante.*

– *Não estou querendo ser misterioso. É só que... não tenho certeza de com quem estamos lidando. Só sei que ele está se preparando cuidadosamente para o longo prazo, construindo um exército.*

– *Um exército?*

– *Sim. Ou o que será um exército, em cerca de treze anos.*

– *Ele não está apenas reunindo soldados; está criando-os.* – Misaki não conseguia pensar em nada mais assustador.

Robin assentiu.

– *É por isso que ele só leva crianças, nenhuma com mais de 6 anos.*

– *Então, ele sequestra jovens jijakalu para formar um exército pessoal?*

– *Não apenas jijakalu* – respondeu Robin. — *Crianças teonitas e subteonitas desapareceram de zonas de guerra, aglomerados e vilarejos em Hades, Disa e nas Ilhas Taiyang, e provavelmente de muitos outros lugares. Como disse, os mantos cinza se concentram em áreas que não estão protegidas pelo governo.*

– *Pelos Deuses!*

Então, o tal exército misterioso, quando crescesse, teria poderes variados? Dependendo de como a ideia fosse executada, aquilo poderia compor uma das forças guerreiras mais poderosas do mundo.

– A única coisa em comum entre todas as crianças que eles levam é o poder acima da média — comentou Robin. — *Imagino que a garota que foi levada fosse poderosa para a idade?*

– Era mesmo — respondeu Misaki.

Agora que ela parava para pensar, Ginkawa Yukimi era uma candidata perfeita para a coisa horrível que Robin estava descrevendo. Se a pessoa ouvira a explosão da bomba do littigi e precisara pegar uma criança às pressas e ir embora despercebida, a menina teria sido o alvo perfeito. Era menor que os outros órfãos, fácil de subjugar fisicamente, mas o sangue de dois clãs poderosos ainda corria por suas veias.

– Pelo que entendi, eles tentam escolher as crianças mais promissoras que conseguem levar sem que ninguém note — explicou Robin. — *Graças aos Deuses não vieram atrás dos seus filhos ou da sua sobrinha. Tenho certeza de que teriam gostado da ideia. Talvez tenha sido por isso que o littigi tentou matar você e seu marido.*

– Sério? — perguntou Misaki, horrorizada.

— Pode ter sido isso, ou uma tentativa mais genérica de desestabilizar a comunidade. Quanto mais caos os mantos conseguem causar, mas fácil é raptar as crianças sem serem pegos. Eles desaparecem assim que alguém chega perto de os descobrir.

– Mas você vai impedi-los – disse Misaki. — *Vai salvar essas crianças?*

Robin desviou o olhar para o chão, parecendo ao mesmo tempo mais velho e menor do que ela jamais o vira.

— Acho que não consigo.

– O quê?

Quem era aquele homem por trás dos mantos cinza? O que ele tinha feito a Robin Thundyil?

— Como assim?

– Você não entende, Misaki. Esse homem tem habilidades que estão além das minhas... além das de qualquer pessoa. Existem forças neste mundo... teonitas... mais poderosos do que você e eu jamais teríamos imaginado quando estávamos na Alvorecer.

– *Eu sei disso, Robin* – respondeu Misaki, exasperada. — *Testemunhei um grupo de fonyakalu criar um tornado grande o suficiente para destruir uma cidade inteira.*

– *Certo. Agora, imagine que, em vez de um grupo, fosse uma pessoa só.*

– *Quê? Robin, isso parece impossível.*

– *Deveria ser.*

– *Então, você não vai nem tentar impedir essa pessoa?*

– *Eu* tentei*, e agora Daniel não tem mãe* — disse Robin, com uma pontada de raiva.

Isso silenciou Misaki.

— *Robin, eu...*

Ela começou a formular um pedido de desculpas, mas Robin emendou:

— *Desculpe. Não pretendia falar assim com você. Eu só... estou meio perdido. Há tantas informações que não se encaixam. Se possível, gostaria de discutir tudo isso com você e seu marido juntos.*

Misaki assentiu.

— *Vou falar com ele e ver quando Takeru tem tempo. Espero que a gente possa fazer alguma coisa para ajudar.*

– *Também espero* – disse Robin, solene. — *Pelo menos, isso aqui é bom.* — Ele gesticulou entre os dois. — *É legal ter alguém com quem trocar ideias.*

– *Você está rodeado de pessoas boas nisso. Por exemplo, aquele profissional jaseli sobre o qual você e Rakesh estavam tão animados ainda trabalha na Empresa Thundyil?*

– *Trabalha.*

– *Bom, tenho certeza de que é bom "trocar ideias" com ele. Por que não conversaram?*

– *Faz quase quatro anos que não o vejo.*

– *Como assim?*

– *Misaki, eu não moro mais em Carytha. Elleen e eu ficamos em Hades por três anos, de 66 a 69.*

– *Ah.*

Misaki sempre soubera que Elleen pretendia voltar a sua terra natal

arrasada pela guerra para ver se conseguia usar seus poderes para ajudar o povo. Robin falara vagamente de ir junto, mas Misaki nunca acreditara que ele fosse mesmo. O lugar do Pássaro de Fogo, pensara, era em Livingston. Ele jamais deixaria a cidade indefesa.

— *Três anos?* — disse ela, incrédula.

— *Não era para ser tanto tempo. As coisas se complicaram muito rápido e...* – Ele suspirou. — *Bom, como eu disse, é uma longa história, mas, depois que perdemos a mãe de Daniel, Elleen e eu tivemos que pegar nossos filhos e deixar o país.*

– *Espera, o quê? Elleen também tem filhos?*

– *Tem. Eu não falei? Ela tem gêmeos, um menino e uma menina.*

– *O que... mas... com quem?*

Tinha dificuldades para imaginar que tipo de pessoa teria coragem suficiente para seduzir alguém tão distante e intimidadora quanto Elleen... e olha que era casada com Matsuda Takeru.

— *O nome dele é Uther* — respondeu Robin. — *O único outro littigi tão habilidoso quanto Elleen que já conheci. Infelizmente, tivemos que deixá-lo para trás quando os Jamu Kurankite nos ajudaram a sair do país escondidos. Ele estava envolvido em muitas atividades rebeldes. Nem um Jamuttaana conseguiria cruzar a fronteira com ele.*

– *Então, você e Elleen passaram um tempão em Hades e fizeram bebês. E Koli? Como ele está?* — perguntou Misaki.

– *Ah, Koli foi para Hades com a gente.*

– *O quê?* – Isso era ainda mais chocante do que a notícia de Elleen ter filhos. — *Nunca esperaria isso dele!*

Hades era conhecido como o país mais perigoso do mundo para forasteiros. Por que um numu se colocaria em tanto risco, ainda mais um numu que valorizava tanto a própria cabeça, os dedos e o tempo em paz em sua oficina altamente tecnológica?

– *Sei que parece estranho, mas ele se tornou inquieto e impulsivo depois de ser deserdado pelos pais* – disse Robin.

– *Espere... Depois do quê?* – questionou Misaki, sem saber se conseguia lidar com mais notícias chocantes sobre seus velhos amigos. Os Kuruma tinham deserdado Koli? Isso não fazia nenhum sentido. Ele sempre fora o filho mimado e favorito dos pais, um prodígio cuja criatividade deixava todos os irmãos no chinelo.

– O que ele fez?

– Ele se casou. Os pais não aprovaram a escolha.

– Por quê? – perguntou Misaki, os olhos arregalados de curiosidade. *— O que tem de errado com a mulher?*

Que tipo de mulher seria tão ruim a ponto de fazer a principal família numu de Yamma desertar o herdeiro mais promissor da geração?

— Era uma jaseli? Uma koro? Uma adyna?

– Não, não. – Robin sorriu. *— Nada disso. Ele se casou com um numu gente boa e de sucesso, que se chama Nyeru Dumbaya.*

– Nyeru? Mas... esse não é um nome de homem?

– Bem, foi dessa parte que os pais dele não gostaram.

Misaki arfou, levando as mãos à boca.

— Não!

– Você não sabia que Koli era gay? — Robin pareceu achar graça.

— Não! Você sabia?

– Claro.

– Desde quando?

– Sei lá. — Robin deu de ombros. *— Desde o segundo ano, acho. Estou surpreso de ele não ter te contado. Vocês conversavam tanto.*

– Sobre armas, não sobre garotos! — respondeu Misaki, a voz estridente. *– Ai, meus Deuses! Então, os pais o deserdaram porque ele se casou com um homem?*

– Infelizmente.

Fazia sentido. Ninguém sensato esperaria que uma respeitável família numu do centro de Yamma fosse reagir de qualquer outro modo.

— *Ele agiu como se não se importasse* — disse Robin, pensativo. – *É o jeito estranho dele, mas imagino que seja difícil não se importar. Quer dizer, eram os pais dele... mas acho que você entende melhor do que eu...* — Robin pigarreou, obviamente arrependido de ter começado aquela frase.

– *É...*

Misaki não ficou surpresa de Koli ter se rebelado, quando ela não tivera coragem... mas *se casar com um homem*? Isso não apenas o isolava dos pais, mas de seu clã, de sua religião e de toda a sua comunidade. A Falleya yammanka era tão profundamente enraizada em linhagens e reprodução quanto a Ryuhon Falleya praticada em Shirojima. Koli jamais seria bem-vindo entre o próprio povo.

– *Ele teria herdado a empresa dos pais* — disse Misaki, com uma dor estranha na garganta. — *Poderia ter mudado o mundo.*

Robin deu risada.

– *Acho que Koli não ia gostar da insinuação de que precisa da empresa ou da aprovação dos pais para mudar o mundo.*

– *Tem razão.* — Misaki sorriu. — *Foi idiota dizer isso. Mesmo assim...*

Quando considerara a ideia de fugir com Robin, arriscara perder a aceitação da família e do povo de Shirojima. Koli desistira de uma herança multibilionária, do controle de uma das maiores empresas de Yamma, da família, dos amigos, de sua rede de artesãos, até de sua religião... Misaki tinha calafrios só de pensar.

– *Eles realmente se amam* — disse Robin.

– *Isso basta?* — perguntou-se Misaki, em voz alta.

– *Bom, essa é a questão, não é?*

Apesar dos arrependimentos que tinha em relação a Robin, sabia que jamais teria conseguido cortar as próprias raízes de forma tão definitiva. Sua força estava naquelas pessoas. Seu sangue vinha do mar de Shirojima. Vivenciou um estranho momento de clareza quando, pela primeira vez na

vida, admirou a liberdade de Koli com distanciamento, sem invejá-la. Ele era Koli. Ela era Misaki, e nos últimos tempos estava contente com isso.

– *Dá para entender por que ele quis se afastar de tudo, depois disso* — comentou Misaki.

— *Acabou que não foi uma boa ideia ele ir para Hades com a gente, já que o perdemos* — disse Robin.

– *Quê?!* – exclamou Misaki, tão alto que Izumo, em seu colo, se sobressaltou, e Setsuko enfiou a cabeça para dentro do cômodo para ver se estava tudo bem.

— *Ah, ele não morreu* — disse Robin, às pressas. – *Recebemos notícias dele desde seu desaparecimento. Ele está bem. Claro, analisamos com atenção para ver se encontrávamos qualquer mensagem criptografada dizendo "Não estou bem, venham me ajudar". Havia uma na última carta que ele enviou... baseada no nosso antigo código dos tempos de justiceiros. Dizia: "Estou bem de verdade, seus idiotas. Me deixem em paz."*

Misaki sorriu.

— *Isso é bem a cara dele. Acho que é melhor deixá-lo em paz.*

– *Foi o que Elleen e eu pensamos* — respondeu Robin. Sumir do nada no meio de um país estrangeiro não era nem a coisa mais estranha que Koli já havia feito. — *Chocante, mas o marido dele não está muito feliz com a gente.*

– *Então,* vocês três *se casaram enquanto eu estava longe?* — comentou Misaki, ninando Izumo.

Não ficou surpresa de Robin ter encontrado alguém, mas nunca imaginara os outros dois membros de seu grupinho em relacionamentos românticos. Koli, em especial, sempre estivera tão envolvido no trabalho que Misaki jamais pensara que ele arrumaria tempo para uma garota... ou um *garoto*, como era o caso.

– *O engraçado é que nenhum de nós se casou de verdade, tecnicamente falando* — respondeu Robin.

— *Como assim?*

– No caso de Koli e Nyeru, o casamento não é legalizado. Eles fizeram todas as cerimônias, mas sua união não é reconhecida em Yamma nem em Carytha. E o tempo que Elleen passou com Uther foi tão caótico que eles nunca conseguiram oficializar o casamento.

– E a mãe de Daniel?

Ele suspirou.

— Dizer que fomos casados é mais fácil, levanta menos perguntas. Foi só uma cerimônia local, na vila onde estávamos escondidos na época. Eu não entendi metade das palavras. Nem sei se tinha valor legal. – Ele balançou a cabeça, como se tentasse afastar as lembranças. *— Mas preciso dizer... que é um alívio estar aqui e ver você se dando bem com seu marido.*

– Eu sinto muito. Sinto muito que você não tenha tido a chance de viver isso — disse Misaki.

Robin soltou uma imitação dolorosa de sua risada normal.

— Eu falo como se tivesse feito planos de construir uma vida com a mãe de Daniel, mas acho que nunca houve muita chance de conseguir isso com ela. Ela era... uma figura, e não fazia muito o tipo que ia sossegar e criar uma família.

– Entendi. — Notando o sofrimento de Robin, ela tentou mudar de assunto. *— Então, se você saiu de Hades ano passado, por onde andou desde então?*

Ele deu de ombros.

— Por aí.

Ele tentou explicar, falando vagamente sobre despistar as pessoas em seu rastro e precisar investigar isso ou aquilo em Yamma, em Disa e nas Ilhas Taiyang. Ficou claro que andara pulando de galho em galho desde que Daniel nascera, feito um pássaro que esbarrara em um predador terrestre perigoso e agora não se arriscava a pousar em lugar nenhum. Estava com medo.

– Me sinto culpado — disse ele. *— Seu marido tentou entrar em contato comigo por um tempo antes de eu de fato receber uma das mensagens. Ele provavelmente não foi o único...*

– Robin, você precisa ir para casa — declarou Misaki.

— Sério? — Ele arqueou as sobrancelhas. *– Eu vim aqui esperando ser posto para fora rapidinho, mas não por você.*

– Não seja bobo — rebateu Misaki, em um tom mais duro do que pretendia. *— Não estou falando para você ir agora mesmo. No que depender de mim, você é sempre bem-vindo aqui e pode ficar o quanto quiser, mas este não é seu lar. Livingston é.*

– Tecnicamente, Disa é minha terra natal.

– Mas você renasceu... você se encontrou... em Livingston, assim como eu renasci aqui.

– E você se encontrou? — Não havia ressentimento na pergunta, apenas preocupação.

— Sim — respondeu Misaki, e era verdade. Pela primeira vez na vida dela, era verdade quando olhou Robin nos olhos e disse: *— Eu me encontrei.*

Aprendera que não era questão de não haver mais sofrimento, mas da capacidade de suportá-lo.

— Livingston fez de você quem você é. Você nunca será mais autêntico do que quando está naquelas ruas. Não sei o que está fazendo correndo o mundo todo como se esperasse encontrar forças em outro lugar.

– Acho que você tem razão. – Ele suspirou. *– Eu não devia ter ido para Hades. Há um limite para o bem que se pode fazer em um lugar que não é o seu.*

– Olha só – disse Misaki *—, vou falar com meu marido e vamos deixar você fazer todas as perguntas que quiser, sob uma condição.*

– Qual?

– Depois que acabar, você vai voltar para Livingston e se recompor.

Robin não disse nada, mas assentiu. Os dois ficaram em silêncio por um tempo. Izumo tinha pegado no sono no colo de Misaki.

— Quer me contar sobre ela? — Foi mais fácil dizer essas palavras do que ela esperava.

— Queria poder.

– Como assim?

– Queria ter uma centena de histórias para contar sobre ela. — A voz de Robin soou baixa e distante. — *Mas eu mal a conhecia. Eu ia conhecer. Pelo menos, ia tentar...*

– Então, o que aconteceu? Ela ficou doente ou algo assim?

– Não, ela morreu feito uma koro.

Misaki se pegou suspirando.

— Caramba, Robin.

– O que foi?

– É só que... durante todos esses anos, havia algumas coisas que me confortavam. Eu olhava lá para fora. – Ela indicou com a cabeça o horizonte através da porta aberta da sala. — *Para o sol. E imaginava que, em algum lugar, você estava feliz. Que tinha dado um jeito. Encontrado uma garota, que tratava seu coração com carinho e que era forte o bastante para aguentar tudo dentro dele. Que você tinha conseguido a família que sempre quis.*

– *Ah.* — Robin pareceu emocionado por um momento, então sorriu, achando graça. — *Bom, não era uma ideia muito provável.*

– Mas me deixava feliz.

Ele soltou uma risada.

— Pelo amor de Falleke, Misaki. O que aconteceu com a minha amiga brutalmente cínica?

Misaki empinou o queixo de modo teimoso.

— Ela cresceu.

– Haha, entendi a referência.

— Misaki! — chamou Setsuko do corredor, então apareceu na porta da sala. — Oi, desculpa interromper, mas você pode me ajudar com o jantar? Eu faria sozinha, mas temos visita, e eu não quero que a comida fique péssima.

— Claro.

Misaki pediu licença, apoiou Izumo no quadril e se levantou.

Ao deixar a sala de estar, Daniel passou saltitando por ela e Misaki o

agarrou pelas costas do quimono vermelho.

— *Daniel* — sussurrou, inclinando-se para ele —, *tenho uma tarefa importante para você.*

– O que é?

– Vá abraçar seu pai.

Daniel pareceu confuso por um momento, mas então foi e passou os braços pelos ombros de Robin.

Naquela noite, Misaki foi para o quarto ansiosa para perguntar a Takeru no que ele estava pensando ao convidar Robin para uma visita. Não se surpreendeu quando não o encontrou lá. Para treinar os alunos no dojo, ele precisava deixar o trabalho burocrático para as madrugadas. Misaki não se lembrava da última vez que ele fora dormir antes dela.

Takeru devia estar no escritório, trabalhando. Sabendo que o marido não gostaria de ser interrompido, ela resolveu esperar para que pudessem conversar. Puxando o lampião para perto, pegou sua caixa de costura e começou a fazer remendos para se manter acordada. Não funcionou. Algumas waatinu depois, pegou-se vagamente consciente de mãos frias tirando a agulha e a linha de seus dedos e os deixando de lado antes de o lampião se apagar. A escuridão caiu e o frio familiar a envolveu feito um cobertor de neve. Quando acordou, com a luz da aurora, Takeru estava dormindo ao seu lado.

Quando ela se pôs de joelhos para observar o marido adormecido, o canto dos pássaros ecoava pela névoa lá fora. Takeru era inteligente, mas não compreendia muito de emoções humanas. Será que não sabia mesmo o que ela sentia por Robin? Ela pousou a mão no coração dele e decidiu que devia saber. Ele vira o modo como Misaki e Robin haviam se olhado naquele dia, dezesseis anos antes, e não era burro.

Sua mente se voltou para aquele momento de susto quando ele baixou a

Lâmina Sibilante, expondo o pescoço. Será que fora isso? Um tipo de teste?

— O que você está fazendo, amor? — murmurou ela para a manhã silenciosa.

O marido, ainda profundamente adormecido, não respondeu.

Takeru continuou ocupado com o dojo e o trabalho administrativo pelos três dias seguintes. Robin passou um bocado desse tempo tentando ajudar os numu com a construção. Como era um koro, não levava muito jeito para usar sua taya para soldagem, e ainda precisava lidar com a barreira do idioma. Quando sentia que estava atrapalhando, ele passava a seguir Misaki e Setsuko, perguntando se podia ajudar com alguma tarefa doméstica, o que Setsuko achava hilário.

– *Sou pai solteiro* — disse ele, quando Misaki lhe deu algumas cebolas verdes para picar e Setsuko caiu na risada. — *E, se Daniel puxar para mim, vai se tornar um poço sem fundo quando crescer. Mais cedo ou mais tarde, vai ter que aprender a cozinhar direito.*

Misaki traduziu a explicação para Setsuko, o que só a fez gargalhar mais.

— Kare ippai kane ga aru jyanai ka?

– *O que ela disse agora?*

– *Você não é super-rico?* — traduziu Misaki.

— *Gente rica não pode cozinhar?*

– *Bom,* homens *ricos, não.*

— Ele não sabe nem segurar uma faca! — comentou Setsuko, gargalhando.

– *Não ligue para Setsuko* — disse Misaki, tranquilizadora. – *É impossível que você cozinhe pior do que ela.*

Depois de terem misturado vegetais, ovos, farinha e carne em uma massa, Setsuko ainda estava balançando a cabeça.— Nunca vi um nobre cozinhando.

— Bom, azar o seu — disse Misaki ao derramar a massa numa panela. —

Olha só isso.

Ela estendeu a panela para Robin, que colocou a mão aberta contra o metal do fundo e começou a cozinhar cuidadosamente o okonomiyaki.

— Ora essa! — exclamou Setsuko, admirada, então deu um tapa no braço de Robin, sem ligar para a panela fervendo nas mãos dele. — Você devia ficar para sempre, Thundyil-san! Vamos economizar uma fortuna em gás!

Ver Setsuko flertar com Robin foi uma das coisas mais esquisitas que Misaki tivera que processar nos últimos tempos. Por outro lado, Setsuko flertava com muita gente, então Misaki decidiu não dar muita atenção a isso.

– *Mantenha a panela a quarenta e seis graus Koumbia* — disse ela a Robin. — *Vou chamar as crianças. Volto logo.*

Nagasa, já com 4 anos, ficara responsável por vigiar Daniel de perto e apagá-lo caso o menininho pegasse fogo, mas até então isso não fora necessário. No momento, o pequeno tajaka estava chutando uma bola com Ayumi.

Apesar do perigo de incêndio, Daniel se provara uma companhia maravilhosa. A maioria das crianças se comportava pelo menos um tempinho de modo cauteloso e incomodado em um lugar estranho cheio de desconhecidos, mas parecia que a vida com Robin o acostumara a lugares e pessoas diferentes. No fim do primeiro dia, o pequeno tajaka já estava brincando com Nagasa e Ayumi como se fossem primos. Izumo, que era terrivelmente tímido, precisou de mais um dia para se acostumar a ele, mas a simpatia de Daniel era tão insistente — ele não parava de tagarelar em uma combinação de lindiche e disaninke que Izumo não entendia — que o menino acabou cedendo e saindo da concha.

Hiroshi foi o único a não ser conquistado pelo filho animado de Robin. Ele não falava com Daniel, apenas o olhava como se fosse um animal exótico perdido que era obrigado a tolerar em casa.

— Você podia tentar ser legal com ele — sugeriu Misaki, certo dia, durante

o café da manhã. — Ele é só um garoto, como você.

— Ele tem um cheiro estranho, feito um numu sujo — disse Hiroshi, direto.

— É o cheiro dos tajakalu. É só fumaça — explicou Misaki.

— Fumaça *estranha.* Não gosto dele.

— Não tem motivo para ser mal-educado, Hiro-kun.

Hiroshi franziu mais a testa.

— Ele parece um fonyaka.

Misaki riu.

— *Nós* parecemos fonyakalu, Hiro-kun. Daniel tem pele escura, feito um tajaka, e cabelo liso e curto, como um carythiano. Ele não se parece nem um pouco com um fonyaka.

– *Do que estamos falando?* – perguntou Robin, tendo ouvido o nome do filho na conversa.

— *Nada de mais* – disse Misaki, com um aceno casual. — *Por algum motivo, Hiroshi acha que seu filho parece um fonyaka.*

– *Ah.* — Robin encarou Hiroshi com as sobrancelhas arqueadas. — *Garoto esperto.*

– *O quê?*

– *Eu não ia tocar no assunto... por motivos óbvios* – disse ele, como quem se desculpa —*, mas...* — Robin baixou a voz — *... Daniel* é *fonyaka. Um quarto fonyaka, pelo menos. A mãe dele era meio fonyaka, e ele puxou o nariz dela mesmo.* — Ele sorriu para Hiroshi, mas o frio garoto de 6 anos não retribuiu o gesto. — *Bom olho, garoto.*

— Eu também não gosto *dele* — disse Hiroshi, sem rodeios, perceptivo o bastante para saber que Robin não o compreendia.

O sorriso de Robin diminuiu quando ele encarou os olhos de Hiroshi, mas sua gentileza não. Misaki não teve chances de se desculpar direito pelo comportamento do filho até aquela tarde, depois que as crianças tinham ido dormir.

— *Ele não é um menino muito amigável, mas em geral é bem-comportado com os adultos* – disse ela, juntando os talheres, panelas e tigelas de arroz em uma pilha. — *Não sei o que deu nele hoje.*

– *Não tem problema* – garantiu Robin, pousando a bacia de água que ela lhe pedira para buscar.

— *Tem, sim.* — Misaki arregaçou as mangas em gestos bruscos, irritada. — *Não vou criar garotos mimados.*

– *Não exagere* — disse Robin, enquanto Misaki abria a janela da cozinha e puxava água da caixa coletora de chuva para a bacia.

Enquanto Takeru, Kwang Tae-min e Kotetsu Katashi trabalhavam duro na restauração do sistema hidráulico de Takayubi, a cozinha Matsuda seguia instável demais para a lavagem de louça.

Quando a bacia encheu, Robin aqueceu a água com uma das mãos e, com a outra, pegou um prato de cada vez da pilha e foi colocando ali. Misaki manteve a água quente girando com a mão direita. Quando sentia que um prato no fundo da bacia estava limpo, ela o pegava com a mão esquerda, sacudia a água e o deixava na pilha de louças limpas.

— *Me diga se ficar quente demais* — disse Robin, em meio ao vapor que subia da bacia. — *Não quero queimá-la.*

– *Fala sério. É muita presunção sua* — retrucou Misaki, exasperada.

Naqueles breves momentos, quando ela enfiava a mão para pegar um prato, os dois chegavam o mais perto de se tocar que haviam estado em quinze anos. Quase perto demais. Misaki teria se preocupado em ficar ruborizada, mas estava escuro, de modo que passaria despercebido. Além disso, era uma reação normal ao calor.

Quando Robin ficou um tempo calado, ela ergueu os olhos para o rosto dele e o pegou encarando seus antebraços. Em geral, o quimono escondia as cicatrizes, mas agora as mangas estavam erguidas.

– *Bem assustador, né?* — Ela sorriu, pegando uma tigela de arroz da bacia. —

Não pareço perigosa?

– *Adagas?* — perguntou ele, inclinando a cabeça para observar as linhas entrecruzadas.

— *Leques afiados.* — Misaki jogou a tigela no ar, fazendo as gotas d'água virarem vapor em meio ao giro. — *Acredite se quiser.*

Pegou a tigela de volta e a colocou com as outras. Por um momento, o único barulho foi o farfalhar da água girando entre eles.

– *Quanto ele viu?* – perguntou Robin, por fim.

— *O quê?*

– *Hiroshi. Durante a "tempestade"... ele viu a luta?*

– *Pior* – respondeu Misaki.

Então, contou a Robin o que Hiroshi havia feito durante o ataque.

— *Eu não entendo aquele garoto* — admitiu, cansada. — *Nunca entendi, desde que ele era bebê. Todos os Matsuda são treinados para serem guerreiros, mas parece que ele já saiu do útero pronto para a matança. Você me conhece; sempre tive um lado violento, um lado obscuro que queria matar. Com Hiroshi... Não sei se tem* mais *alguma coisa dentro dele. Fico preocupada que ele seja todo feito desse instinto violento.*

– *Acha mesmo isso?*

– *De que outra maneira um menino de 5 anos mataria um homem?*

– *Para proteger a mãe?* — sugeriu Robin naquele tom de voz... como se acreditar no melhor lado das pessoas fosse óbvio e simples.

— *Não sei...*

– *Você se lembra do meu irmão Rakesh, certo?*

– *Claro.*

O gêmeo idêntico e ranzinza de Robin nunca fizera parte de seu grupo de amigos, mas Misaki cursara muitas disciplinas com ele.

– *Ele fez coisas inimagináveis para nos manter vivos, em Disa, quando éramos pequenos. Acho que não dá para julgar uma criança muito duramente quando ela passa por tanto estresse mesmo sendo tão pequena...*

– Eu não disse que o culpava — respondeu Misaki. — *Sob todos os aspectos, ele fez o que era certo... uma ação de que qualquer koro adulto ficaria orgulhoso. É só que... me assusta, Robin. Não consigo deixar de sentir que falhei com ele, de algum modo.*

– Do que está falando? Eu a conheço, tenho certeza de que fez de tudo para protegê-lo.

– Não, não é isso... Quer dizer... claro, eu lamento minha fraqueza. Que guerreiro não lamenta? Só que é mais que isso. Meu marido é um guerreiro formidável, mas não acho que ele goste da violência. Não como eu gosto, ou... gostava, quando era mais jovem. Se Hiroshi tiver esse tipo de profunda inclinação à violência, ele a herdou de mim. É meu dever ajudá-lo a controlá-la. Por outro lado, ele também é frio e distante, como o pai, então nunca sei direito como me conectar com ele. Agora, ele matou um homem, e não sei o que fazer a respeito. Olho para ele e me sinto ainda presa debaixo daquele fonyaka... Ainda incapaz de salvá-lo.

– Você disse a ele que o perdoa? Que o ama de qualquer jeito? – perguntou Robin.

– Por que ele precisaria do meu perdão? Ele me protegeu. Do jeito que ele puxou à família Matsuda, meu perdão pode soar como uma ofensa.

– Talvez. Mas ele precisa saber que foi perdoado.

– Acha mesmo?

– Você sabe que ele precisa.

No silêncio que se seguiu, Misaki percebeu que Robin tinha razão. Quando pensara em si mesma como uma assassina, fora a simples crença de Setsuko em sua bondade que a resgatara da escuridão. Com certeza todo mundo tinha aquela necessidade, em algum nível.

– Apenas continue o amando. Foi o que eu fiz com meu irmão, e ele ficou bem... Quer dizer... — Robin inclinou a cabeça. — *Quase bem.*

Misaki soltou uma risada, lembrando-se de como os irmãos Thundyil costumavam discutir ferozmente sobre qualquer coisa — de dinheiro a política e técnicas de luta.

– Não dá para fingir que você aprova a pessoa que ele se tornou.

– Mas eu devo a ele a minha vida — disse Robin, sério —*, em todos os sentidos. Ele*

não é apenas a razão de eu ter tido a chance de crescer... Ele é a razão de eu ter tido a chance de crescer de mãos limpas. Não importava quão insuportável ele fosse, o quanto brigássemos, ele sabia que eu era grato. Preciso acreditar que isso ajudou.

– *Bom, nós somos Matsuda* — respondeu Misaki, pegando outra louça. — *Nenhum de nós saiu dessa com mãos limpas.*

– *Quantos você matou?*

– *Nove, até o fim da noite.* — Ela ergueu os olhos para Robin e a água da bacia diminuiu o movimento. — *Ué? Não vai me dar um sermão?*

– *Você tinha que proteger sua família.*

Misaki assentiu, tensa. Perguntou-se se ele sabia o quanto significava para ela ouvi-lo dizer isso... saber que não a considerava indigna. Nami, ele tinha razão, não tinha? O perdão ajudava.

– *Na verdade, acho que eu preciso agradecer.*

– *Agradecer?* — disse Misaki, pega desprevenida.

— *Você sempre insistiu que teria matado pessoas para me proteger... e agora eu sei que não estava brincando. Aprecio você ter controlado esse impulso durante todo nosso trabalho em Livingston. Deve ter sido difícil, considerando as situações em que eu a colocava.*

– *Você é tão estranho, Robin.* – Misaki sacudiu a água das mãos e deixou as mangas caírem de novo. — *Nunca vou entender como perdoa gente que discorda tão fundamentalmente de você.*

– *É fácil. Se você, meu irmão e Elleen não fossem exatamente como são, eu não estaria vivo para discordar de nenhum de vocês.*

Foi no terceiro dia que Misaki e Takeru enfim conseguiram um tempo para se sentar e conversar com Robin em particular. Todos os alunos de Takeru já tinham ido para casa e Setsuko estava tomando conta das crianças no quintal, pronta para apagar Daniel caso seus poderes ameaçassem incendiar qualquer coisa.

— Thundyil-san precisa fazer algumas perguntas a nós dois — explicou Misaki ao marido —, em relação a uma das investigações dele. Tudo bem por você?

— Ele é nosso convidado. Claro que sim.

– *Vá em frente.* — Misaki assentiu para Robin.

— *Estou interessado em aprender mais sobre os poderes das grandes casas de Shirojima.*

Misaki traduziu e, se havia alguém observador o bastante para ler as minúsculas expressões faciais de Takeru, era Robin. Ele notou a apreensão do homem mais velho antes que Takeru sequer abrisse a boca.

– *Não pretendo me intrometer em seus segredos* — disse ele, às pressas. — *Jamais tentaria roubar informações que pertencem à sua linhagem ou à de Misaki. Na verdade, minha investigação está mais voltada para determinar se alguém já roubou essas informações.*

— Mochiron, Thundyil-san wa watashitachi no kettou-jutsu no himitsu wo nusumu tsumori wa nai desu — traduziu Misaki. — Kare wa hokano dareka ga sudeni sono kettou-jutsu wo nusanda kamo shirenai to omotteimasu.

Takeru concordou em ouvir as perguntas. Quando Misaki terminou de traduzir, Robin tirou da bolsa dois embrulhos e os abriu para revelar duas pequenas placas de metal. Quando ele as pôs na mesa, Misaki percebeu que eram metades de uma rústica cabeça de machado que parecia ter sido partida ao meio.

– *A primeira técnica a respeito da qual quero perguntar é a Lâmina Sibilante* — disse Robin. — *Já houve alguém de fora da sua família capaz de formar gelo assim... gelo capaz de cortar metal?*

Misaki sabia que a resposta era "não", mas traduziu a questão para Takeru de todo modo, por educação.

— Kare, saisho ni kiita no wa Sasayaiba desu. Matsuda igai ni Sasayaiba ga tsukaeru hito imasuka?

— Mochiron, imasen desu. Nanto bakana shitsumon desuka — disse

Takeru.

— *Não* — respondeu Misaki, deixando de fora o "Que pergunta idiota" que Takeru acrescentara ao final. — *Gelo capaz de cortar metal é uma criação exclusiva da linhagem Matsuda.*

– Kore wa sono kinzoku hen to nani ka kankei arimasuka?

– Ele está curioso para saber o que isso tem a ver com esses pedaços de metal.

– Isso pertencia a um homem que conheci – respondeu Robin. — *Eu sei que é feito de metal de baixa qualidade, muito diferente do aço Kuruma ou Kotetsu, mas foi cortado por gelo. Eu vi com meus próprios olhos.*

— Kono ono wa kouri de kirimashita — disse Misaki, enquanto Robin deslizava os dois pedaços de metal pela mesa para que Takeru os examinasse. — Thundyil-san wa jishin no me de mimashita.

— *O homem o segurando também foi cortado ao meio, se isso for relevante* — contou Robin. Takeru correu os dedos pelo aço. — *Um fankatigi forte e robusto. Um bom homem. Bom lutador.*

— Sono ono wo tsukatta-hito mou sono kouri de kiranakatta. Sono hito wa fankatigi deshita. — Ela fez uma pausa. — Fankatigiwu wa hagane yori kirunoga muzukashii — acrescentou, explicando que, na sua experiência, músculos fankatigi eram mais difíceis de cortar do que aço.

Takeru olhava para o metal à sua frente de cenho franzido.

— Kore wa Sasayaiba no shiwaza jyanai desu.

Misaki encarou o marido por um momento, então se voltou para Robin.

— Ele diz que esse corte não foi feito por uma Lâmina Sibilante.

— *Tem certeza?* – perguntou Robin.

— Honki desuka? — traduziu Misaki.

Em resposta, Takeru lançou a Robin um olhar de vaga indignação. Então, jogou um dos pedaços da cabeça de machado no ar e, conforme a peça caía, a Lâmina Sibilante surgiu na mão dele e a dividiu em duas.

— *Nossa!* – exclamou Robin, surpreso.

Enquanto a Lâmina Sibilante desaparecia, um dos pedaços caiu perfeitamente na mão de Takeru. O outro voou na direção de Robin, que conseguiu pegá-lo sem se cortar no gume.

Com um olhar seco, Takeru ergueu o próprio pedaço para mostrar a Robin a superfície perfeitamente lisa que sua Lâmina Sibilante deixara.

— *Ah...* — Robin olhou do pedaço de metal na mão de Takeru para aquele na própria mão. O golpe da Lâmina Sibilante de Takeru criara uma superfície espelhada muito mais límpida do que a quebra original. — *Entendi.*

— Aru jutsu, kono mura de futsuu ni tsukawanai... — disse Takeru.

— *Há uma técnica jijaka não muito praticada nesta vila* – traduziu Misaki conforme o marido prosseguia —*, em que um guerreiro usa água ou gelo para aprimorar lâminas de metal. É possível que seu assassino estivesse usando algo desse tipo?*

– *Talvez...*

– Toui minami ni sono jutsu wo umaku tsukaeru jijaka ga sundeiru. Yongseom ni iru to omoimasu.

— *Você teria que avançar bem mais para o sul para encontrar especialistas nessa técnica. Meu marido recomenda a cidade de Yongseom.*

– *Obrigado. Irei atrás disso. Tem mais uma técnica a respeito da qual preciso perguntar* — respondeu Robin.

– *Claro. O que é?*

– *Me conte a respeito do Titereiro de Sangue.*

Misaki olhou para Robin, chocada.

— *O quê?*

— Kare ima donna kettou-jutsu kikimashita? — perguntou Takeru, notando a expressão da esposa. *Sobre o que ele está perguntando agora?*

— Tsusano Kettou-jutsu... Chiningyo — respondeu Misaki.

— Sou desuka? — Takeru fez uma expressão bem-humorada, então sugeriu que Misaki explicasse ao amigo a diferença entre uma técnica hereditária e uma historinha de terror.

— Hai — disse Misaki, hesitante, então se virou para Robin. — *Titereiros de Sangue são um mito.*

– Eu sei, mas, para os propósitos desta conversa, vamos fazer de conta que existem, está bem? Nesse caso, funcionaria em um tajaka? – Ele começara a massagear distraidamente o próprio braço. — *Ou num fonyaka?*

– Ah, sim. — Misaki não precisava consultar Takeru a respeito dessa técnica; ela era uma manipuladora de sangue. — *Presumo que funcionaria como qualquer outra técnica baseada em sangue, que afeta com mais eficácia pessoas que não são jijakalu e têm controle limitado sobre o líquido nos próprios corpos.*

– Que ótimo.

– Mas, como Takeru disse, é impossível. Meu pai é o manipulador de sangue mais habilidoso em gerações, e mesmo ele diz que é só uma lenda. Nunca houve um caso documentado, apenas rumores.

– Eu sei.

– Tem algum "mas" vindo aí — comentou Misaki. — *Robin, o que você viu?*

– Não foi algo que eu vi ou de que ouvi falar, ou eu nem a incomodaria com essas perguntas. Aconteceu *comigo. Eu* senti.

— Kare nanto iimashita? — perguntou Takeru, e Misaki o atualizou da conversa.

Como esperado, ele compartilhava do ceticismo da esposa, mas Robin não era de inventar histórias. Ela disse isso a Takeru.

— *Isso vai soar estranho...* — Robin olhou de um jijaka para o outro. — *Algum de vocês poderia fazer uma tentativa comigo?*

– Como é?

– Por favor. Preciso que um de vocês tente controlar meu sangue. Preciso sentir de novo, para ter certeza do que aconteceu comigo da outra vez.

– Eu... não... – Perturbada e insegura, Misaki se virou e traduziu para Takeru, para ver o que ele pensava do pedido.

— Sonna koto suru to wa sugoku abundai desu. Shinakute ga iinjyanai

desune — disse Takeru, as rugas na testa se aprofundando. — Aku no jutsu desu.

— *Meu marido diz que não se deve brincar com essas coisas* — traduziu Misaki —, *e... Robin, estou inclinada a concordar. Esse tipo de técnica é maligna.*

– *Por favor. Eu acho...* — Robin respirou fundo. — *Eu acho que foi assim que ele matou minha esposa.*

Misaki ficou em silêncio, encarando Robin, até que Takeru a estimulou a falar. Quando ela traduziu, hesitante, o homem pediu mais explicações.

— *Ela era uma das guerreiras mais velozes que eu já vi* — disse Robin. — *Ele não teria conseguido acertá-la a menos que ela tivesse sido imobilizada de algum jeito. Eu deveria ter me levantado e feito alguma coisa, mas não conseguia me mover. Por favor. Preciso saber por que não consegui me mover.*

— Ah... — Misaki precisou engolir em seco antes de fazer a tradução.

Takeru encarou Robin por um longo momento, então disse bruscamente:

— Ajude-o.

Misaki arregalou os olhos.

— O quê?

— Se estiver dentro das suas possibilidades, se houver uma parte Titereira de Sangue em você, acho que deve fazer o que ele está pedindo.

— Mas...

— Eu mesmo tentaria, mas nós dois sabemos que isso não está dentro das minhas habilidades. Meu jiya é limitado à água pura.

Misaki assentiu.

— Eu jamais a forçaria a fazer isso — acrescentou Takeru —, mas, se ele é seu amigo, acho que deveria tentar. Sua habilidade de manipular sangue se compara à de qualquer Tsusano da história. Se você não o ajudar, talvez ele nunca encontre alguém capaz.

— Tem razão — respondeu ela.

— *E então?* – Robin olhou de Misaki para Takeru.

– Eu ainda acho má ideia, mas meu marido pensa que eu deveria ajudar você.

– Ah... é você *quem vai fazer?* – perguntou ele, surpreso.

— Takeru não consegue manipular sangue. Se formos tentar, terei que ser eu.

Robin pareceu apreensivo.

– Ainda quer tentar? — perguntou Misaki.

Robin pareceu reunir coragem e então respondeu:

— Quero, se for possível.

– Para ser sincera, não sei se é. Você precisa me dar um tempo para me preparar, e vou precisar que fique bem parado.

Ela decidiu tentar em uma parte do corpo que tivesse pouco sangue, onde pudesse tomar facilmente o controle da circulação. Precisava ser uma extremidade, longe do coração pulsante onde a nyama de Robin era mais forte.

— Coloque a mão na mesa.

Robin ergueu a mão direita.

— A esquerda — pediu Misaki. *— Não sei se isso é seguro. Não quero causar nenhum estrago permanente à sua mão dominante.*

O aviso foi uma última tentativa de fazer Robin perder a coragem, mas não funcionou. Ele assentiu e pousou a mão esquerda na mesa, a palma para cima. Misaki não encostou nele; apenas pairou a mão sobre a dele e fez seu jiya avançar. Não soube direito se o som veio dela ou de Robin... mas houve um arquejo quando seu gelo encostou no calor interno dele.

Foi ali, nas profundezas de seus poderes entrelaçados, que ela percebeu o quanto ele de fato havia mudado. Na juventude, a nyama de Robin saltava e crepitava contra a dela, dolorosa e alegre ao mesmo tempo. Em algum momento no meio do caminho, Robin encontrara dores que não conseguira converter em energia, algo que o arrasara. Isso ainda estava assentado profundamente nele, pesado, como metal derretido, mais quente que fogo, mas sem o brilho jubilante das chamas.

O Robin Thundyil que ela conhecera não existia mais.

Claro que Misaki também havia mudado. Seu poder, que costumava dançar pela superfície do mundo, leve e solto, afundou nas veias fundidas de Robin, igualando-se em intensidade. A maioria dos jijakalu não conseguia controlar líquidos tão quentes quanto o sangue de um tajaka, mas Misaki sempre acolhera o calor, e obrigou seu jiya a adentrar a circulação de Robin, dominando as veias dele.

— *Agora...* — Misaki notou a própria voz trêmula. — *Tente fechar a mão.*

Robin tentou, e ela segurou o dedo mínimo dele com todo o seu poder. Por um momento horrível, sentiu os músculos dele fazendo força, e então convulsionando, o dedo mindinho se contorcendo... até que libertou o dedo, arquejando.

Robin recuou a mão, e Misaki se pegou caindo para a frente. O esforço a exaurira, mas viu no rosto de Robin que havia funcionado. Ela se segurou na beirada da mesa com braços trêmulos, e Takeru pousou a mão em seu ombro. O toque a firmou, atenuando os espasmos ardentes de dor em seu corpo, mas ela não tirou os olhos de Robin.

— *Foi isso. Foi isso que ele fez comigo... com o meu corpo todo* — disse ele.

– *Seu corpo todo?* — repetiu Misaki, incrédula.

Ela tomara controle do dedo mínimo de Robin e ficara exausta.

Robin ergueu os olhos para Misaki e Takeru.

— *Pensei que as suas casas fossem o mais próximo que teonitas podiam chegar de deuses.*

– *E somos* – respondeu Misaki.

– *Então, eu acho...* — Robin encarou a própria mão. — *Acho que irritei um deus.*

Ele estava com cara de que ia vomitar.

— *Robin...* – A voz de Misaki soou tímida, quase suplicante, como se pudesse chamar de volta o garoto que conhecera, que nunca parecera tão assustado. Queria se desculpar por ter trazido aquele horror à tona. Ele pedira,

era verdade, mesmo assim ela lamentava. — *Robin, eu...*

– *Com licença.* — Robin se levantou depressa, seus movimentos, em geral elegantes, agora instáveis. — *Obrigado pela ajuda, Koro Matsuda.* — Ele se curvou, ainda segurando a mão que Misaki havia manipulado. — *Eu só preciso... Com licença.* — Ele deixou o cômodo.

— Seu amigo é muito estranho — comentou Takeru, vendo-o se afastar.

— É mesmo.

— Você devia ir atrás dele.

— Takeru-sama...

— Não sabemos os efeitos que essa técnica terá sobre ele. Por favor, garanta que ele não esteja ferido.

Misaki assentiu e se levantou para procurar Robin.

Encontrou-o na sala de estar, ajoelhado diante do santuário da casa, com as fotos de Mamoru e Takashi encarando-o. A foto de Takashi era antiga, do dia em que ele se casara com Setsuko. Ele estava em uma pose majestosa, mas Misaki suspeitava que já estivesse um pouquinho bêbado quando a foto fora tirada, pois havia a sombra de um sorrisinho nada característico dos Matsuda no canto de sua boca.

A foto de Mamoru era recente, tirada durante o que ninguém soubera que seria seu último dia de fotos escolares. Ele estava sentado reto, usando o uniforme, tentando com afinco parecer sério. Para Misaki, a imagem capturava o filho com perfeição; um garoto com talento o bastante para nunca precisar se esforçar em nada, mas que se esforçara mais do que qualquer um em tudo, até o fim.

Robin nunca conhecera nenhum dos dois. Apenas isso já criava um estranho buraco no universo — um fantasma por si só. Ele já visitara o santuário e rezara no primeiro dia em Takayubi. Não havia motivo para estar ajoelhado ali, encarando as fotos, naquele momento. Não os conhecera, mas olhava as imagens com uma intensidade ardente enquanto segurava a mão

esquerda com a direita e esfregava o dedinho que Misaki manipulara.

– E se acontecer tudo de novo? E se eu não conseguir proteger Daniel? — perguntou ele, a voz baixa.

Misaki pressionou os lábios por um momento, e então respondeu:

— Talvez não consiga.

– Como eu vivo com isso? — Robin ergueu os olhos para ela. — *Como você conseguiu? Todos vocês... como conseguiram?*

– Não existe "como", Robin. — Misaki suspirou. — *Não é um duelo ou uma briga de rua. Não existe técnica vencedora para suportar tudo e ficar bem, não existe gelo para se proteger disso, nem fogo para expurgar a coisa. Você sabe. Já perdeu familiares também.*

– Não como você... — Robin balançou a cabeça. — *Fui um amigo ruim. Devia ter perguntado sobre ele mais cedo. Mesmo que você não quisesse tocar no assunto, eu podia ao menos ter perguntado... como você perguntou da minha esposa. Eu devia ter perguntado como ele era.*

Misaki não se incomodara com esse descuido. Ela *conseguia* falar sobre Mamoru, mas ainda doía. Sempre doeria.

– Se você se sente tão culpado por não ter perguntado, por que não perguntou? — indagou ela, pousando as mãos nos quadris.

— Porque tenho medo – respondeu Robin, voltando-se para a foto de Mamoru. *— Medo de ele ter sido incrível. Medo de ele ter sido brilhante como você, poderoso e corajoso, e tudo que poderia ter sido.*

– Ele era – disse Misaki, baixinho.

— E não fez diferença?

– Fez — rebateu Misaki com firmeza. — *No fim, ele garantiu que fizesse diferença. Existem pessoas nesta vila que só estão vivas porque ele era tudo que podia ser, mas...*

Mas ele se foi mesmo assim.

Não precisava falar em voz alta. O pensamento pairou no ar. Misaki aprendera a viver com aquele peso, a dar continuidade à vida, cozinhar, limpar e brincar com os filhos ainda vivos, enquanto o peso permanecia, silencioso

mas sempre presente. Robin parecia estar cedendo sob o fardo.

— *Misaki...* — Ao se virar para ela, os olhos calorosos dele estavam marejados. — *Eu sinto muito.*

– Pare com isso, Robin. — Ela tentou sorrir. — *Você é um homem-feito. Não chore.*

– Isso não devia ter acontecido com você.

Ela balançou a cabeça.

– Não devia acontecer com ninguém.

– O que eu fiz, Misaki? — perguntou Robin, uma única lágrima escorrendo pelo rosto. — *O que foi que eu fiz?*

– Não sei — disse ela, tentando manter a voz leve. — *Você não parece querer explicar. Só ouvi umas bobagens sobre um deus titereiro de sangue. Mas você sempre soube que ia enfrentar perigos na sua linha de trabalho. Até certo ponto, entendia até que afetaria as pessoas ao seu redor. Isso é...*

– Eu não pretendia ter um filho. Tinha decidido que não teria.

– Do que está falando? Você sempre quis ter filhos.

Mesmo aos 16 anos, Robin já tocava no assunto.

— Não faz diferença o que eu quero. Misaki, minha vida... minhas responsabilidades... se tornaram perigosas demais para uma criança.

– Não foi sempre assim? – perguntou ela. Ele apenas não enxergava; nenhum dos dois enxergava.

— Talvez – ele suspirou —*, mas até pouco tempo... ironicamente, até o nascimento de Daniel... eu pensava que podia me tornar forte o bastante para proteger as pessoas que eu amava de qualquer coisa. Agora entendo que não é verdade. Mas é tarde demais.*

Robin levou as mãos à cabeça e enfiou os dedos no cabelo curto, fechando os punhos.

— Foi um erro. Eu não pretendia engravidá-la. Não pretendia que houvesse uma criança. Foi tudo um erro.

– Não diga isso.

– Mas...

– *Estou falando sério!* — exclamou Misaki, genuinamente irritada. — *Nunca mais diga isso. Nem na minha frente e, com certeza, não na frente de Daniel.*

Robin ergueu os olhos para ela, surpreso, enquanto Misaki prosseguia.

— *Tudo o que você está dizendo pode até ser verdade. Talvez você tenha tomado as piores decisões, mas isso não vai mudar o fato de que está aqui agora, e seu filho também. Acha mesmo que tratar a existência dele como um erro vai ajudar os dois em alguma coisa?*

– *Eu...*

– *Levante-se* — sussurrou Misaki.

— *O que...*

– *Venha comigo.* – Ela agarrou a frente do quimono dele.

Nunca tivera força suficiente para arrastar Robin a qualquer lugar, mas nos últimos meses aprendera a espalhar o jiya pelo próprio corpo através do sangue. Colocou-o de pé como se ele fosse do tamanho de Izumo e o puxou para fora da sala. Não o soltou até que estivessem na varanda, olhando para o pátio. Enquanto os numuwu trabalhavam no restaurante, Nagasa, Ayumi e Daniel brincavam na grama de primavera.

— *Olhe.* — Misaki apontou para Daniel, do outro lado do pátio. — *Olhe para ele.*

Robin olhou.

— *Aquele é o seu filho* — disse Misaki, a voz de repente embargada de emoção. — *Agora, não sei quão infelizes foram as circunstâncias do nascimento dele, e não sei que tipo de mal está atrás de você, mas não importa. Mesmo que a vida dele seja difícil, e tudo acabe sendo tão horrível quanto você imagina, você não vai se arrepender dele. Você nunca vai se arrepender dele.*

Robin ficou olhando para o pátio, sem responder. Nagasa estava manipulando uma bola de neve em zigue-zague, enquanto Ayumi e Daniel corriam para pegá-la, tropeçando um no outro e soltando risadas estridentes.

— *Não posso dizer que vai ficar tudo bem* — continuou Misaki. — *Nenhum de nós é mais tão ingênuo, mas posso pedir que aproveite o tempo que tem com aquele menino, em*

vez de passá-lo cheio de preocupações e pesares. Você pode ter vinte anos com ele. Pode ter apenas dois. Se desperdiçar esse tempo, se perdê-lo, então, quando acabar, vai se sentir o maior idiota do mundo.

Levou um momento para Misaki perceber que estava chorando. Fazia muito tempo que não chorava por Mamoru. Ver Robin ali com o filho trouxe toda a emoção de volta à tona. Ele não tentou tocá-la — aquela versão adulta de Robin não era tão ousada —, mas ela sentiu o calor dele contra a pele.

— *E... hã...* — Ela engoliu em seco, passando a manga pelos olhos. — *Seu dedo está bem?*

– *O quê?*

– *Me deixe ver.*

Segurou a mão dele sem pensar direito.

— *Ah...* — disse Robin quando suas peles se tocaram. — *Não precisa...*

– *Meu marido me mandou garantir que você não se machucou* — explicou Misaki, a voz tensa.

Mal estavam se encostando — Misaki segurava o dedo mínimo dele entre o polegar e o dedo médio —, mas ardia.

— *E então? Meus vasos sanguíneos estão intactos?* — perguntou Robin.

– *Parece que sim* — respondeu ela, mas não o soltou.

Seu dedo indicador enlaçou o dedo mínimo dele — escuridão e luz, calor e frio. Soube naquele momento que aquela era outra coisa que jamais desapareceria. Amaria Robin para sempre, assim como sentiria falta de Mamoru para sempre. Mesmo que tudo o mais houvesse mudado, aquilo não mudara. Pelos Deuses nas Profundezas, doía, mas não a devorava. Depois de tanto tempo, tinha aprendido a suportá-lo feito uma mulher adulta.

— *Passei muito tempo me lamentando* – admitiu Misaki. — *Eu tinha um filho brilhante, amigos queridos e uma família crescendo ao meu redor. E estava tão distraída pelo meu próprio pesar que não aproveitei nada disso. Não tomei o controle da minha vida até estar tudo escorregando por entre os meus dedos e ser tarde demais.*

– Eu sinto muito. Queria poder fazer alguma... – começou Robin, mas Misaki o interrompeu, firme:

– Não sinta. Apenas prometa que não vai cometer o mesmo erro. É isso que você pode fazer por mim. É tudo que eu quero de você, Robin Thundyil.

Do outro lado do pátio, Daniel estava soltando gritinhos de alegria, enquanto Nagasa atirava outra bola de neve e ele partia para pegá-la.

— Se aquele menino perdesse a chance de ter você como pai, seria o maior desperdício do universo.

No dia seguinte, Robin foi embora de Takayubi.

Ver Daniel se despedindo das crianças Matsuda forneceu entretenimento o bastante para distrair Misaki das emoções confusas e difíceis dentro dela. Uma das coisas de que se esquecera sobre crianças tajaka era o quanto gostavam de abraçar. Nagasa, Izumo e Ayumi até que aceitaram bem, rígidos de surpresa apenas por um momento antes de sorrirem e darem tapinhas nas costas de Daniel. Hiroshi ficou totalmente congelado, os lábios entreabertos em extrema indignação, enquanto o pequeno tajaka o apertava com força. Por um momento, Misaki ficou preocupada que Daniel estivesse prestes a levar uma estaca de gelo no peito, mas por fim Setsuko salvou Hiroshi ao puxar Daniel para um abraço entusiasmado.

— Tchau, seu esquisitinho! — Ela bagunçou o cabelo curto de Daniel, deixando-o todo espetado em ângulos engraçados. — Volte logo, tá?

Depois de colocar Daniel no chão ao lado do pai, Setsuko despediu-se de Robin de um jeito mais contido, então conduziu Ayumi e os meninos para dar a Misaki e a Robin um momento a sós.

— *Eu* vou *voltar para visitar* — disse Robin, tentando enfiar Daniel, que não parava de se contorcer, no sling de tecido. — *Se você ainda quiser... e se eu ainda estiver no reino dos vivos.*

– Como assim "se"? Você me prometeu, lembra? — rebateu Misaki.

– O quê?

– Anos atrás, em Livingston, no dia em que lutamos contra Yaotl Texca, você prometeu que não ia acabar assassinado. Agora, não sei no que foi que se meteu, mas eu não o liberto da promessa. Estamos entendidos, Thundyil?

– Com certeza. — Robin sorriu, mas não durou muito. — *Queria ter certeza do que fazer agora.*

– Eu digo o que você tem que fazer: vai voltar para casa, usar os milhões da Empresa Thundyil para estabelecer uma vida confortável para o seu filho e começar a trabalhar.

– Trabalhar?

– É. Imagino que tenha muito crime acumulado para você combater.

– E tem certeza de que esse é o caminho?

– Não — admitiu ela —*, mas já vi a ideia do Pássaro de Fogo transformar um menino em um homem. Quando você voltar àquelas ruas e ao motivo para ter tomado este caminho, acho que vai reencontrar suas forças.*

– Obrigado – disse ele, baixinho.

Aquela ânsia familiar surgiu entre eles — a vontade ardente de se atirarem em um abraço, contida pela certeza de que jamais poderiam fazer isso. O fato pesou entre os dois enquanto trocavam um olhar. Não tremeram, não gritaram nem choraram como quando eram adolescentes. Suportaram o peso como o homem e a mulher que haviam se tornado.

— Que estejamos mais maduros quando nos reencontrarmos — disse Misaki, firme.

— Como assim?

– Não apenas de idade. Que estejamos melhores, mais sábios e mais inteligentes da próxima vez.

Robin assentiu e fez outra tentativa de colocar Daniel no sling.

— Não, Pita! – exclamou Daniel, com um gemido, tentando afastar as mãos de Robin. *— Não, não!*

– Yah jaand ka samay hai — respondeu Robin, sério, em disaninke. — *Seu bobão, é longe demais para você ir andando.*

Daniel fez um biquinho e estendeu as mãos para o pai.

— *Em cima* — disse ele.

— *Você vai se segurar?*

– *Vou.* — Daniel assentiu.

— *Está bem, então.* – Robin guardou o tecido na bolsa e colocou Daniel nos ombros. — *Segure firme, moleque* — lembrou-o, e Daniel logo agarrou o cabelo do pai. — *Nyama para você, Matsuda Misaki.*

– *E para você, Pássaro de Fogo.*

– *Diga "tchau", Daniel* — pediu Robin, acenando de maneira teatral.

— *Tchau-tchau!* — disse Daniel, sacudindo as mãos em algo parecido com um aceno. — *Tchau-tchau!* — Ele seguiu repetindo conforme Robin deixava a propriedade Matsuda e seguia a trilha da vila rumo ao céu avermelhado. — *Tchau-tchau!*

Da última vez, ela magoara Robin. A sensação fora de quebrar as asas dele e empurrá-lo de um penhasco para cair nas brumas da memória. Daquela vez, com Daniel nos ombros, Misaki teve a impressão de que o mandava rumo ao futuro. Com asas para voar.

Ela observou Robin e o filho desaparecerem montanha abaixo. Quando o vira partir, dezesseis anos antes, ficara tensa, punhos fechados, rígida de dor. A impressão fora de que, uma vez que ele tivesse partido, ela estaria sozinha. Daquela vez, pés descalços cruzaram a varanda atrás dela, e uma mão suave segurou seu dedo indicador.

— Obrigada, Izumo — murmurou ela.

Seu filho mais novo ergueu os bracinhos e ela o pegou no colo, descansando a bochecha contra a cabeça dele sob o céu avermelhado. Izumo estava cochilando, com o polegar na boca, quando uma aura mais gelada se materializou atrás de Misaki.

— Ele já foi? — perguntou Takeru.

Misaki conseguiu assentir de leve, os olhos ainda no sol poente.

— Peço desculpas. Pretendia estar aqui para me despedir.

— Você geralmente chega em casa mais cedo. Onde estava?

— Fui visitar Kwang Tae-min. Você sabia que Robin Thundyil pagou a Geomijul Comunicações pela substituição de todas as torres de info-com que foram destruídas?

— Ele fez o quê?

— Também perguntou a Kwang Tae-min quais construtoras recomendava para assentar boas estradas e construir um novo orfanato. E aí pagou também.

Misaki suspirou.

— Acho que não é uma grande surpresa.

— Não?

— Órfãos sempre foram o ponto fraco dele. Nós recusamos seu dinheiro, então ele precisou fazer alguma outra coisa.

— Eu sabia que ele era rico, mas acho que o subestimei — comentou Takeru.

— Na verdade, Robin sempre fez essas coisas. Mesmo antes de ter dinheiro, ele já era generoso até demais.

Takeru balançou a cabeça.

— Não apenas generoso, mas esperto. A curto prazo, as construções vão providenciar trabalho para os numuwu e koronu desempregados. A longo prazo, as torres e estradas ajudarão muito a trazer clientes e suprimentos aos novos negócios que estamos tentando montar.

— Que bom. Vamos poder pagá-lo de volta no futuro.

Não a surpreendia que Robin tivesse dado um jeito de ajudá-la escondido, mas ainda eram Matsuda. Eram orgulhosos.

— Claro. Eu... — Takeru pareceu escolher as palavras com cuidado. — Eu pensei que era importante conversarmos com Robin Thundyil pessoalmente sobre o que aconteceu depois da tempestade. Peço desculpas se recebê-lo aqui foi incômodo para você.

— Não — respondeu Misaki, sinceramente. — Não, ele é um velho amigo.

Não foi incômodo. Só fiquei surpresa que você tenha permitido a presença dele, depois de... depois da última vez que o vimos.

— Foi há muito tempo. Ainda assim, peço desculpas se foi doloroso.

Misaki olhou para o marido, surpresa.

— P-por que seria...

— Não sou idiota — disse ele, tranquilo.

Ela pressionou os lábios, sentindo as bochechas ficarem quentes.

— E você permitiu que ele viesse mesmo assim?

— Confio em você.

Com os últimos raios de sol tocando a pele dela de um lado e o frio de Takeru do outro, Misaki pegou-se fascinada pelo mero escopo das próprias emoções. Não ficara surpresa ao concluir que ainda amava Robin. O estranho era que pudesse amar a ele e a Takeru ao mesmo tempo. No último ano, ficara admirada com quanto sofrimento era capaz de comportar, mas até estar ali naquela varanda, com Takeru ao seu lado e Izumo nos braços, jamais tinha comportado tanto *amor*.

Talvez aquele fosse o "como" que Robin estivera buscando, a magia simples por meio da qual se mantinha inteira. Amor pelo que tinha e pelo que perdera. Amor, apesar do sofrimento.

— Vocês dois... gostaram de colocar a conversa em dia? — perguntou Takeru.

— Sim. Sinto muito que ele não tivesse informações mais concretas sobre o nosso assassino.

— Não foi só por isso que o chamei aqui.

— Não?

— Eu... não queria deixar você com seu silêncio. — Takeru pareceu formular as frases com cuidado. — Dezesseis anos. Vocês nunca tiveram a chance de se despedir.

Misaki se virou para o marido, sorrindo. Era diferente do sorriso eufórico

de guerreira que costumava tomar seu rosto ao correr por becos atrás das chamas de Robin — era mais pacífico. Naquela época, ela só queria fervilhar, arder, lutar e sentir. Isso foi antes de conhecer a dor, antes de ver o corpo do filho queimar. Naquele momento, pegou-se apreciando a firmeza fria do poder de Takeru.

— Tenho trabalho para terminar — disse Takeru, fazendo menção de se retirar. — Vou deixar você...

Misaki segurou a manga dele entre os dedos.

— Fique — pediu baixinho, puxando-o até que seus corpos estivessem colados. — Fique e veja o pôr do sol comigo.

O vermelho vazava do céu como sangue se espalhando pelo mar, deixando apenas as ondulações azuis do anoitecer. Sombras descansavam nos contornos da encosta da montanha e, em vez de ficar tensa contra a nyama de Takeru, Misaki relaxou de encontro a ela, deixando que a refrescasse, conforme o dia virava noite.

Ela soltou o ar, e os últimos espíritos se libertaram. Não apenas o de Mamoru. Houvera outros espíritos ali também: o espírito de uma adolescente feroz e do garoto que ela amava. Os dois também haviam partido, passado para o reino da memória, que era o seu lugar, onde podiam descansar. Conforme os espíritos desapareciam, sumiram também as amarras que a prenderam ao horizonte por tantos anos, dissolvendo-se feito fios de sangue na água.

Misaki se virou para dentro, na direção do seu lar e do seu marido. Izumo, em seus braços, despertou e sorriu para ela. Pela primeira vez na vida, o futuro não estava queimando em um horizonte distante. Estava ali, em um coração que batia tranquilo e em olhos pretos brilhando com promessas.

Lista de personagens

Famílias de Shirojima

(apenas personagens citados)

Os nomes estão listados seguindo a ordem kaigenesa: sobrenome seguido de primeiro nome (exemplo: Matsuda Mamoru). Personagens que não são kaigeneses nem ranganeses têm uma vírgula entre o sobrenome e o primeiro nome (exemplo: Thundyil, Robin). Os nomes de Shirojima estão organizados de acordo com as casas e ordenados por hierarquia masculina.

MATSUDA (待つ田)

Principal casa guerreira de Takayubi, mestres da Lâmina Sibilante (também chamada de Sasayaiba), tradicionalmente aliados da família Yukino, mantêm uma relação peculiar de mentoria entre-kafo com os Kotetsu.

TAKERU Primeiro (岳瑠): lendário fundador da linhagem Matsuda, primeiro mestre da Lâmina Sibilante, marido de Mitsuki.

MITSUKI (美月, nascida Yukino): filha mais velha de Yukino Izumi, esposa de Takeru Primeiro, irmã mais velha de Yukino Hayase.

MIZUDORI (水同): pai de Susumu e de várias filhas, avô e mestre espadachim de Takashi e Takeru, mestre da Lâmina Sibilante.

SUSUMU (進): único filho de Mizudori, marido de Tatsuki, pai de Takashi e Takeru.

TATSUKI (龍貴, nascida Yukino): esposa de Susumu, mãe de Takashi e Takeru.

TAKASHI (傑): primogênito de Susumu e Tatsuki, marido de Setsuko, pai de Ayumi, portador das espadas Nagimaru e Namimaru, mestre da Lâmina Sibilante.

SETSUKO (節子, nascida Chiba): esposa de Takashi, mãe de Ayumi.

AYUMI (歩海): filha única de Takashi e Setsuko.

TAKERU (岳瑠): segundo filho de Susumu e Tatsuki, marido de Misaki, pai de Mamoru, Hiroshi, Nagasa e Izumo, portador da espada Kyougetsu Yari (também chamada de Pináculo da Lua), mestre da Lâmina Sibilante.

MISAKI (海咲, nascida Tsusano, codinome: Sirawu, a Sombra): filha mais velha de Tsusano Koya, esposa de Takeru, mãe de Mamoru, Hiroshi, Nagasa e Izumo.

MAMORU (真守): primogênito de Takeru e Misaki, aluno da Academia Kumono, amigo íntimo de Yukino Yuuta e Mizumaki Itsuki.

HIROSHI (洋): segundo filho de Takeru e Misaki.

NAGASA (永佐): terceiro filho de Takeru e Misaki, amigo íntimo de Yukino Ryota.

IZUMO (出雲): quarto filho de Takeru e Misaki.

YUKINO (雪之)

Segunda principal casa guerreira de Takayubi, conhecida por sua habilidade

na esgrima tradicional, antigos aliados da família Matsuda, guardiões da espada ancestral Takenagi (a Cortadora de Bambu).

IZUMI (泉): um dos primeiros convertidos à Falleya, em tempos míticos. Governou Takayubi por duas décadas e duelou com Matsuda Takeru Primeiro.

HAYASE (早瀬): filho de Izumi, irmão mais novo de Mitsuki, leva o crédito por ter salvado a Falleya em Takayubi.

RYOSUKE (涼介): pai de Dai e de outros dois filhos, residente da antiga vila de Takayubi.

DAI (大, apelido: Dai Relâmpago): segundo filho de Ryosuke, marido de Hyori, pai de Ryota, portador da espada Takenagi, mestre espadachim da Academia Kumono.

HYORI (孝利, nascida Ikeno): esposa de Dai, mãe de Ryota.

RYOTA (涼大): filho único de Dai e Hyori.

YUUTA (勇太): aluno da Academia Kumono, amigo íntimo de Matsuda Mamoru e Mizumaki Itsuki, primo mais novo de Dai, morador da vila ocidental de Takayubi.

HITOMU (一夢): pai de Kiyomu e Shiro, primo mais novo de Ryosuke, morador da antiga vila de Takayubi.

KIYOMU (清): primogênito de Hitomu.

SHIRO (白): segundo filho de Hitomu.

TSUSANO (津佐之)

Principal casa guerreira de Ishihama, residentes de Arashiki (também

chamado de Forte Tempestade), guardiões da espada ancestral Anryuu (também chamada de Correnteza ou Sepultadora), conhecidos por sua habilidade em manipulação de sangue.

RAIDEN (雷電, apelido: o Gigante): herói lendário, o primeiro portador de Anryuu.

KOYA (功也): pai de Misaki, Kazu, Kaito e Raiki.

KAZU (和): primogênito de Koya, marido de Aicha, pai de Kaida e de duas outras crianças mais novas.

AICHA (愛子, nascida Mizumaki): esposa de Kazu, mãe de Kaida e de duas outras crianças mais novas.

KAIDA (海田): filha de Kazu e Aicha.

KAITO (海翔): segundo filho de Koya.

RAIKI (雷貴): terceiro filho de Koya.

GINKAWA (銀川)

Casa guerreira ancestral com ramos por toda a Shirojima.

AOKI (青木): espadachim da antiga vila de Takayubi.

YUKIMI (雪美): menina de 5 anos, da antiga vila de Takayubi.

AMENO (雨之)

Casa guerreira ancestral com ramos poderosos por toda a Península Kusanagi. Seu principal reduto fica em Tatsuyama, Shirojima, onde são a família governante. Membros do ramo de Takayubi são vassalos da casa Matsuda.

KENTARO (健太郎): voluntário vindo de Tatsuyama.

SAMUSA (寒さ): instrutor de esgrima na escola de ensino primário de Takayubi, morador da antiga vila de Takayubi.

IKENO (池之)

Casa guerreira ancestral, tradicionalmente vassalos das casas Matsuda e Ameno.

TSUYOSA (強さ): primogênito do atual patriarca Ikeno, morador da antiga vila de Takayubi.

SHUN (俊): morador da antiga vila de Takayubi, primo de Tsuyosa.

KATAKOURI (硬氷)

Casa guerreira de Takayubi de menor importância, conhecida por sua especialização em arqueiria, em vez de esgrima, tradicionalmente vassalos da casa Matsuda.

HAKUZORA (白空): aluno da Academia Kumono, morador da antiga vila de Takayubi.

HISATO (壽人): pai de Mayumi, morador da antiga vila de Takayubi, nascido com uma perna torta.

MAYUMI (雅弓): filha e cuidadora de Hisato.

MIZUMAKI (水巻)

Casa guerreira ancestral de menor importância, tradicionalmente vassalos das

casas Matsuda, Yukino e Ginkawa, com muitos outros ramos espalhados por Shirojima.

ITSUKI (樹): aluno da Academia Kumono e morador da vila ocidental de Takayubi, amigo íntimo de Matsuda Mamoru e Yukino Yuuta.

TOKI (土岐): patriarca da família, irmão mais velho de Hyousuke, morador da antiga vila de Takayubi.

FUYUHI (冬日): esposa de Toki, mãe de Fuyuko.

FUYUKO (冬子): filha de Toki e Fuyuko.

HYOUSUKE (兵介): irmão mais novo de Toki.

CHIBA (千波)

Família de plebeus pescadores, comerciantes e fazendeiros, com ramos espalhados por Shirojima.

MIZUIRO (水色): pescador de uma vila próxima de Takayubi.

KOTETSU (鋼鉄)

Principal casa de ferreiros de Takayubi, tradicionalmente vassalos dos Matsuda e dos Yukino, com uma relação peculiar de mentoria entre-kafo com a casa Matsuda, creditada pela criação de muitas espadas magníficas, incluindo Takenagi, Kurokouri, Kumokei e Kyougetsu.

KENZOU (建造): lendário ferreiro que salvou Matsuda Takeru Primeiro dos invasores Yukino e deu início à relação especial entre suas famílias.

CHIZUE (千壽恵): mãe de Katashi.

KATASHI (堅): filho de Chizue, marido de Tamami, pai de Atsushi, Hotaru, Naoko e Kyoko, o melhor fabricante de espadas de Takayubi.

TAMAMI (珠実): esposa de Katashi, mãe de Atsushi, Hotaru, Naoko e Kyoko.

ATSUSHI (敦): primogênito de Katashi e Tamami, amigo íntimo de Matsuda Mamoru.

HOTARU (螢): segundo filho de Katashi e Tamami.

NAOKO (直子): filha de Katashi e Tamami.

KYOKO (鏡): filha de Katashi e Tamami.

SAORI (沙織): especialista em laca da vila numu de Takayubi, prima de Katashi, mãe de Kasumi e de vários filhos.

KASUMI (霞): filha mais velha de Saori, mãe de um bebê.

OUTRAS FAMÍLIAS DE SHIROJIMA

HAKUYU (白水): casa guerreira de Ishihama, de menor importância, tradicionalmente vassalos da família Tsusano.

UMIIRO (海色): casa de pescadores e guerreiros de Ishihama, de menor importância, tradicionalmente vassalos da família Tsusano.

TETSUKAI (鉄火): casa de ferreiros de Kusanagi, antigos parentes da família Kotetsu.

ISHINO (石之): casa de ferreiros de Ishihama, tradicionalmente ferreiros e vassalos dos Tsusano, creditada por forjar a espada ancestral dos Tsusano, Anryuu.

HIBIKI (響き): casa jaseli de menor importância, com ramos espalhados por Shirojima e Hakudao.

OUTROS PERSONAGENS

BEK JIN-KYU: tenente do Exército Imperial Kaigenês.

CHOU KYUNG-TEK: jaseli tradutor do Exército Imperial Kaigenês.

CHUN CHANG-HO: general do Exército Imperial Kaigenês.

ELDEN, ELLEEN (codinome: Asa Branca): koro hadeana-carythiana, littigi, estudante da Academia Alvorecer, colega de turma e amiga íntima de Robin Thundyil e Tsusano Misaki.

GESSEKE, MORIBA: jaseli yammanka que trabalha como aprendiz de Seydu Tirama.

GUANG YA-LI: koro ranganesa, estudante da Academia Alvorecer, ex-colega de quarto de Misaki.

KALLEYSO (nome verdadeiro: Shumba Sekhmet): chefe do crime de Livingston.

KENDE, BUREMA: general do exército yammanka.

KURUMA, KOLI: prolífico inventor yammanka, ex-colega de turma de Misaki na Academia Alvorecer.

KWANG CHUL-HEE: estudante transferido do norte de Kaigen para a Academia Kumono de Takayubi, filho de Tae-min.

KWANG TAE-MIN: representante da Geomijul Comunicações, do norte de Kaigen, pai de Chul-hee.

LO DONG-SOO: governador da província de Shirojima, Kaigen.

MATHABA, KOLONKA: criminosa de Livingston aliada a Yaotl Texca e Mecatl Silangwe.

SILANGWE, MECATL: criminoso de Livingston aliado a Yaotl Texca e Kolonka Mathaba.

SONG BYUNG-WOO: coronel do Exército Imperial Kaigenês.

TARORE, AZAR: estudante da Academia Alvorecer.

TEXCA, YAOTL: criminoso de Livingston aliado a Kolonka Mathaba e

Mecatl Silangwe.

TIRAMA, SEYDU: tradutor jaseli do exército yammanka.

THUNDYIL, ROBIN (codinome: Pássaro de Fogo): koro disanka-carythiano, colega de turma e amigo íntimo de Tsusano Misaki.

WAGADU, LANSANA: tenente-general do exército yammanka.

WANGARA, KINORO: espadachim yammanka-sizweano e ex-aluno da Academia Alvorecer, filho de Makan e amigo de Tsusano Misaki.

WANGARA, MAKAN: espadachim yammanka e professor na Academia Alvorecer, pai de Kinoro, mestre espadachim de Tsusano Misaki.

Glossário

Abiria: país que ocupa a parte sul do continente de Baxaria do Norte, antiga colônia yammanka povoada pelos descendentes dos abirianos nativos, dos colonizadores yammanka e dos escravizados hadeanos levados por eles.

Academia Alvorecer: academia teonita em Livingston, Carytha.

Academia Kumono: escola particular de ensino médio para meninos koro, que funciona em um antigo templo no Monte Takayubi, em Shirojima, Kaigen, tradicionalmente dirigida pela família Matsuda.

adyno(a): pessoa sem habilidades telecinéticas ou força sobre-humana (para os padrões da Terra, um ser humano comum).

Agulha de Sangue: técnica hereditária jijaka exclusiva da família Tsusano, na qual o praticante controla uma pequena quantidade de sangue dentro do corpo de sua vítima e o congela na forma de uma agulha, que é usada para atingir pontos de pressão ou perfurar órgãos vitais, também chamada de "Chihari".

ano: palavra do dialeto de Shirojima que significa "isso", "hum" ou "então".

appa: substantivo informal no idioma kaigengua e pronome de tratamento que significa "papai" ou "pai".

Arashiki: castelo ancestral da família Tsusano em Ishihama, Shirojima, Kaigen, também chamado de "Forte Tempestade".

awa: palavra yammaninke que significa "então", "bem", "ok", "bom" ou "hum".

ba: sufixo yammaninke respeitoso para uma pessoa importante.

Baba: palavra sizweana para "pai".

Baxaria: os dois continentes que englobam as antigas colônias yammanka de Carytha e Abiria, e as antigas colônias sizweanas de Malusia e Zandile; significa "novo mundo" em yammaninke.

bogolano: tecido tradicional yammanka associado a riqueza e status.

bokken: espada de treino sem fio, com o peso e as dimensões aproximados de uma katana, geralmente feita de madeira.

Carytha: país que ocupa a região norte do continente de Baxaria do Norte, uma antiga colônia yammanka povoada pelos descendentes de vários povos indígenas, de colonizadores yammanka e de escravizados hadeanos.

-chan: sufixo informal do dialeto de Shirojima usado para se dirigir a uma amiga próxima e/ou a uma mulher de status inferior ao do falante.

clique: medida de distância duniana baseada na distância que o som de um estalo da língua pode percorrer (equivale a cerca de 2,8 quilômetros).

Confederação Comuna: coalizão de tribos nativas de Abiria que se uniram em uma tentativa de expulsar os colonizadores yammanka de Abiria e estabelecer uma nação independente em 5135, e novamente em 5290.

dialeto de Shirojima: língua nativa de Shirojima, Kaigen.

dinma (dinmanu, no plural): medida de tempo duniana (equivale a cerca de 0,43 segundo).

Disa: país no continente de Namindugu e antiga colônia yammanka povoada principalmente pelos descendentes tajaka dos disankalu nativos e dos colonizadores yammanka.

disaninke: principal idioma falado no país de Disa.

disanka (disankalu, no plural): pessoa de Disa; adjetivo que descreve uma pessoa ou coisa originária da nação de Disa ou de sua cultura.

dojo: espaço tradicional de treinamento de luta kaigenesa.

Donkili: canção interpretada pelos finawu para ensinar às pessoas sobre a história do mundo e sua relação com a religião Falleya.

-dono: sufixo extremamente formal do dialeto de Shirojima (usado para se dirigir a um membro de uma família koro de linhagem nobre).

Duna: planeta que se assemelha muito à Terra, em uma dimensão paralela à nossa.

Escola de Ensino Médio de Takayubi: escola pública de ensino médio para meninos e meninas no Monte Takayubi, em Shirojima, Kaigen.

falleka: praticante da Falleya.

Falleke: união sagrada do Deus, Kiye, com a Deusa, Nyaare, na religião Falleya yammanka.

Falleya: religião yammanka centrada na Falleke (a união entre o Deus Kiye e a Deusa Nyaare).

fankama (fankamanu, no plural): palavra em yammaninke que significa patrão ou chefe da casa, semelhante a “senhor”.

fankatigi (fankatigiwu ou fankatiwu, no plural): subteonita com força física igual ou superior à de um teonita comum.

fina (finawu, no plural): membro do kafo fina; prefixo para um membro do kafo fina, semelhante a “sr.” ou “sra.”.

fonya: abreviação de **fonyoya**, a habilidade de controlar o ar.

fonyaka: abreviação de **fonyojaka** (**fonyakalu, no plural**), uma pessoa com fonya (a habilidade de controlar o ar).

gbaati: abreviação de **kewaati** ou **kettewaati** (**gbaatinu, no plural**), medida de tempo yammanka (36 minutos no tempo da Terra).

genkan: entrada de uma casa tradicional de Shirojima, geralmente onde se tiram ou colocam os sapatos.

Geomijul: empresa kaigenesa de tecnologia especializada em dispositivos de info-com.

guli: unidade monetária kaigenesa, equivalente a cerca de 50 centavos de dólar.

Hades: país mais a oeste do continente de Namindugu e antiga colônia yammanka, terra natal da maioria dos adynos do Duna.

Haijing: cidade costeira na União Ranganesa moderna; antes da Keleba, era uma importante fortaleza militar do Império Kaigenês, que significa "capital do mar".

hakama: calça larga tradicional usada por espadachins, arqueiros e outros praticantes de artes marciais em Shirojima, Kaigen.

haori: casaco comprido tradicional, usado por homens nobres em Shirojima, Kaigen.

Heibandao: cidade costeira em Holongoku, Kaigen.

Ishihama: cidade em Shirojima, Kaigen, lar ancestral da família Tsusano.

Jali: prefixo usado para um membro do kafo jaseli, semelhante a "sr." ou "sra.".

Jaliden: diminutivo usado para um membro jovem do kafo jaseli.

Jalike: tratamento respeitoso usado com um membro masculino do kafo jaseli, que equivale aproximadamente a "senhor".

Jamu Kurankite: força global de manutenção da paz e ajuda humanitária composta por teonitas altamente treinados, baseada em Yamma, que significa "exército da paz".

Jamuttaana (Jamuttaananu, no plural): agente da Jamu Kurankite.

jaseli (jaseliwu, no plural): membro da classe social endogâmica yammanka que manipula nyama por meio da fala, da música e da dança.

jijaka (jijakalu, no plural): teonita com a habilidade de controlar a água.

jiya: habilidade de controlar a água.

Jungsan: capital do Império Kaigenês.

Kaa-: prefixo do dialeto de Shirojima usado ao se dirigir à mãe (normalmente combinado com -chan ou -san, que é mais formal).

kafo (kafonu, no plural): classe social endogâmica baseada em ocupação.

kafoka (kafokalu, no plural): palavra em yammaninke usada para se referir a pessoas de um kafo diferente do kafo koro e/ou a indivíduos fora do kafo de quem fala.

Kaigen: país que ocupa a parte mais a leste do continente de Namindugu (centro do Império Kaigenês, lar da maioria dos jijakalu do Duna).

kaigengua: idioma principal falado no país de Kaigen e no Império Kaigenês.

kallaana: insulto racial usado para se referir a adynos brancos, que significa "cadáver" em yammaninke.

Kama: pronome de tratamento respeitoso usado para o chefe da família (o fankama de quem fala), o mentor (o jakama de quem fala) ou alguém em posição de autoridade sobre o falante, aproximadamente o mesmo que "senhor"; pode ser usado como sufixo de um nome ou sobrenome.

kamaya: termo que se refere à hierarquia social tradicional yammanka, que inclui, mas não se limita à prática de koronu poderosos proverem para membros de outros kafonu em troca de serviços, e de jovens servirem e serem mentorados por membros mais experientes de seu próprio kafo.

katana: espada tradicional kaigenesa.

kayiri: material sintético semelhante ao papel, mas à prova de fogo e mais resistente.

Keleba: primeira e única guerra travada entre as superpotências teonitas do Duna. Teve início em 5291,

quando o diretor da Academia Alvorecer, Oyeda Biida, e vários alunos foram assassinados. Significa, literalmente, a "grande guerra".

Kiye: Deus na religião Falleya yammanka.

Kolunjara: capital de Yamma.

koro (koronu, no plural): membro da classe guerreira yammanka que manipula nyama através de movimentos.

Koro: prefixo usado com um membro do kafo manga koro ou kele koro, semelhante a "sr." ou "sra.".

koroden: tratamento diminutivo usado para um jovem membro do kafo manga koro ou kele koro.

koronkalo: quinto mês do calendário duniano, que possui doze meses, nomeado em homenagem à rainha Koronkan Wagadu, a terceira de Yamma (coincide aproximadamente com o mês de novembro da Terra).

Koroyaa: pronome de tratamento respeitoso usado com um membro feminino do kafo kele koro ou manga koro, que equivale aproximadamente a "senhora".

koyin: unidade de medida duniana, que equivale aproximadamente à largura do polegar de um homem adulto (mais ou menos três centímetros).

Kri: figura mítica da religião Falleya, a primeira ancestral humana feminina.

Kribakalo: último mês do calendário duniano, que possui doze meses, nomeado em homenagem ao mítico ancestral humano Kri, da Donkili (coincide aproximadamente com o mês de junho da Terra).

Kudazwe: continente duniano dividido entre duas nações: o país independente de Kudazwe e a Kudazwe kaigenesa, que pertence ao Império Kaigenês.

-kun: sufixo informal do dialeto de Shirojima, usado para se dirigir a um amigo íntimo do sexo masculino e/ou a uma pessoa do sexo masculino de status inferior ao do falante.

Kusanagi: península em Shirojima, Kaigen, chamada de Espada de Kaigen.

Kyougetsu Yari: nome da katana de laca branca forjada por Kotetsu Katashi e empunhada por Matsuda Takeru; significa, literalmente, "Lança do Espelho da Lua", também chamada de "Pináculo da Lua".

Laaxara: reino da vida após a morte na religião Falleya yammanka.

Lago Kumono: lago alimentado por nascentes, no Monte Takayubi, em Shirojima, Kaigen.

Lâmina Sibilante: técnica hereditária jijaka, exclusiva da família Matsuda, na qual o jijaka transforma gelo em uma arma cortante suficientemente dura para ser usada em combate contra armas de aço e vidro; chamada de "Sasayaiba" no dialeto de Shirojima.

langa ou lanya (langana, no plural): palavrão em yammaninke que significa "maldição" ou "praga".

Lazou Linghun: técnica hereditária fonyaka na qual o guerreiro suga o ar do corpo da vítima, colapsando seus pulmões; significa, literalmente, "o Puxão da Alma".

lindiche: idioma originário das ilhas ocidentais de Hades e falado em algumas partes de Carytha e de Abiria, quase idêntico ao inglês da Terra.

littigi (littigiwu ou littiwu, no plural): subteonita com a habilidade de controlar a luz.

Livingston: maior cidade do país de Carytha.

manga koro (manga koronu, no plural): membro do kafo yammanka governante.

Manga Koro: prefixo usado para um membro do kafo manga koro, semelhante a “lorde” ou “lady”.

marco: medida de distância duniana (equivale a cerca de 7,74 metros).

mattaku: expressão de exasperação no dialeto de Shirojima.

Na-Nyaare ou Na-Nyaxare: forma de tratamento reverente usada para a Deusa Nyaare na religião Falleya yammanka; significa literalmente “mãe Nyaare” (às vezes usado como uma imprecação leve).

Na: palavra em yammaninke para “mamãe” ou “mãe”.

Nagi: divindade lendária da Donkili, ancestral masculino fundador de Namindugu, sincretizado com Deus, Kiye, na Ryuhon Falleya.

nagidon: primeiro dia da semana duniana, que tem oito dias; nomeado em homenagem ao mítico ancestral humano Nagi, da Donkili; um dia de trabalho.

nagiji: palavra do dialeto de Shirojima usada para se referir a caracteres escritos de origem kaigenesa e/ou ranganesa.

Nagimaru: nome da katana forjada pela família Kotetsu, empunhada pelo ambidestro Matsuda Takashi (geralmente, na mão direita), companheira da wakizashi Namimaru.

Nagino Falleya: denominação predominante da Falleya no Império Kaigenês.

Nami: divindade mítica da Donkili, a ancestral feminina fundadora, em Namindugu, sincretizada com a Deusa, Nyaare, na Ryuhon Falleya.

Namimaru: nome da wakizashi forjada pela família Kotetsu, empunhada pelo ambidestro Matsuda Takashi (geralmente, na mão esquerda), companheira da katana Nagimaru.

nenneko: palavra sem significado do dialeto de Shirojima, usada como um som suave em canções de ninar.

Nii-: tratamento do dialeto de Shirojima usado para o irmão mais velho do falante (normalmente combinado com -san ou -sama).

Numu: prefixo usado para um membro do kafo numu, semelhante a “sr.” ou “sra.”.

numu (numuwu, no plural): membro da classe social endogâmica yammanka que manipula nyama através da criação de ferramentas, armas, cerâmica e máquinas.

numuden: tratamento diminutivo usado com um membro jovem do kafo numu.

Nyaare ou Nyaxare: Deusa na religião Falleya yammanka.

nyama: qualquer energia ativa ou em potencial no universo.

obsidiana yammanka: refere-se aos vidros particularmente resistentes desenvolvidos pelos senkuliwu de Yamma, incluindo o industrial vidro jonjo e o quase impenetrável vidro zilazeno.

passada: medida duniana de distância (cerca de um metro).

Pássaro de Fogo: alter ego que Robin Thundyil usava no combate ao crime.

Pináculo da Lua: nome da katana de laca branca manejada por Matsuda Takeru, chamada de “Kyougetsu Yari” ou “Kyougetsu”, no dialeto de Shirojima.

Ranga: país no continente de Namindugu (o centro da União Ranganesa, lar da maioria dos fonyakalu do Duna).

rangagua: idioma principal falado no país de Ranga e na maior parte da União Ranganesa.

Ryuhon Falleka (Ryuhon Fallekalu, no plural): praticante da Ryuhon Falleya.

Ryuhon Falleya: denominação kaigenesa mais antiga da Falleya, baseada na ideia de que toda a vida se origina do oceano, definida pela crença de que Nagi e Nami são a verdadeira forma dos dois deuses fundadores do mundo.

-sama: sufixo formal do dialeto de Shirojima, usado para se dirigir a alguém de status superior ao do falante.

-san: sufixo bastante formal do dialeto de Shirojima; uma maneira educada de se dirigir a um conhecido, a um amigo ou a alguém de status semelhante ou ligeiramente superior ao do falante.

Sasayaiba: técnica hereditária jijaka, exclusiva da família Matsuda, na qual o praticante transforma gelo em uma arma cortante dura o suficiente para ser usada em combate contra armas de aço e vidro; significa literalmente "Lâmina Sibilante" no dialeto de Shirojima.

senkuli (senkuliwu, no plural): membro da classe de vidreiros endogâmica yammanka que manipula nyama através de seu trabalho com vidro.

senpai: substantivo e pronome de tratamento do dialeto de Shirojima que significa "veterano" ou "sênior".

sensei: substantivo e pronome de tratamento do dialeto de Shirojima que significa "professor".

shimatta: palavrão do dialeto de Shirojima.

Shirojima: província do Império Kaigenês, composta por um conjunto de ilhas grandes e pequenas.

sibikalo: sexto mês do calendário duniano, que possui doze meses, nomeado em homenagem ao lendário ancestral humano Sibi, da Donkili (coincide aproximadamente com o mês de dezembro da Terra).

siira (siiranu, no plural): medida de tempo duniana (equivale a cerca de a 0,72 minuto terrestre).

Sizwe: país mais ao sul do continente de Kelendugu, povoado principalmente por tajakalu; uma antiga potência imperial e antiga rival de Yamma.

sokolokalo: quarto mês do calendário duniano, que possui doze meses, nomeado em homenagem à rainha Sokolo Wagadu, a segunda rainha de Yamma (coincide aproximadamente com o mês de outubro da Terra).

sondatigi (sondatigiwu ou sondatiwu, no plural): subteonita com a capacidade de controlar o som.

subteonita: pessoa com habilidades especiais, mas não se qualifica como um dos tipos originais de teonita (tajaka, jijaka, fonyaka ou os extintos senjaka e kabaka), como os littigiwu, os sondatigiwu e os fankatigiwu.

suradon: sétimo dia da semana duniana, que possui oito dias, nomeado em homenagem ao mítico ancestral humano Sura, da Donkili; um dia de descanso e reflexão.

tabi: sapatos de pano com separação para dois dedos, usados em Shirojima, Kaigen.

tajaka (tajakalu, no plural): teonita com a habilidade de controlar o fogo.

Takayubi: montanha na ponta da Península de Kusanagi, em Shirojima, Kaigen; lar de um pequeno conjunto de vilarejos que compartilham seu nome.

Takenagi: nome da katana forjada pela família Kotetsu, empunhada por Yukino Dai; significa literalmente "Cortadora de Bambu".

tanto: adaga tradicional de Kaigen.

taya: habilidade de controlar o fogo.

técnica hereditária: manobra de luta ou técnica de produção (que geralmente exige poderes específicos) transmitida através de uma única linhagem familiar e mantida em segredo de estranhos.

teonita: pessoa com a habilidade de manipular remotamente os arredores na forma de ar, água, fogo ou substâncias sólidas.

Titereiro de Sangue: jijaka poderoso o suficiente para controlar o corpo de outra pessoa manipulando seu sangue. Acredita-se que exista apenas em lendas e histórias de terror.

tou-: prefixo do dialeto de Shirojima usado para se referir ao pai do falante, em geral combinado com o sufixo "-san" ou "-sama", que é mais carinhoso.

tulanismo: ideologia anti-imperialista originária de Sizwe.

União Ranganesa: coletivo de Estados-nação que ocupa a maior parte do continente de Namindugu, povoado por uma mistura de fonyakalu e jijakalu.

waati (waatinu, no plural): medida de tempo duniana (uma hora e doze minutos em tempo terrestre).

wakizashi: arma tradicional kaigenesa, mais curta que uma katana, mas bem mais comprida que uma adaga; boa para ser usada em combate corpo a corpo, quando uma katana se mostra comprida demais.

walla (wallanu, no plural): unidade monetária yammanka usada na maior parte do mundo; cinquenta mekenu (mais ou menos dois dólares).

xuro: xingamento pesado em yammaninke, semelhante em significado a "merda".

Yamma: país que ocupa o centro e a parte mais a noroeste do continente de Kelendugu, povoado majoritariamente pelos tajakalu.

yammaninke: principal idioma falado em Yamma; o mais falado do planeta Duna.

yammanka (yammankalu, no plural): pessoa de Yamma; adjetivo que descreve uma pessoa ou coisa originária da nação de Yamma ou de sua cultura.